O

Ṛg Veda

LIVRO 8

(Maṇḍala 8)

Traduzido para o inglês por:

H. H. Wilson
(Parte do) Quinto Aṣṭaka[1]. Primeira Edição – 1866.

(Parte do) Sexto Aṣṭaka[2]. Primeira Edição – 1888.
Editado por E. B. Cowell e W. F. Webster.
[Disponível em archive.org]

Ralph T. H. Griffith
Segunda Edição – 1897
[Disponível em sacred-texts.com]

Incluindo

3 Hinos[3] por **Max Müller** (1891);
3 Hinos[4] por **Martin Haug** (1863);

Versões traduzidas para o português por
Eleonora Meier – 2016.

→ Ir para o Índice Rápido

[1] Que começou no Hino 62 do Maṇḍala 6 e vai até o Hino 11 deste Maṇḍala 8.
[2] O Sexto Aṣṭaka começa no Hino 12 deste Maṇḍala 8 e termina no Hino 43 do Maṇḍala 9. Wilson traduziu até o Hino 43 deste livro, e Cowell terminou o restante. Veja o Prefácio do Quinto Volume da Tradução de Wilson no Apêndice 2.
[3] Hinos 3, 20 e 94. – *Vedic Hymns* I, Sacred Books of the East, vol. 32.
[4] Hinos 28, 47 e 84. – *A Contribution towards a Right Understanding of the Rigveda.*

CONTEÚDO

621 - Hino 1. Indra (Wilson)[1]

(Continuação do Quinto Aṣṭaka. Continuação do Adhyāya 7. Anuvāka 1. Sūkta I)

O deus é Indra, exceto no trigésimo verso e nos três seguintes, nos quais a doação do rei Āsaṅga é a devatā [divindade][2], e no último, onde é o rei. Os Ṛṣis são dois, Medhātithi e Medhyātithi, da família de Kaṇva, com algumas exceções; assim, dos dois primeiros versos o Ṛṣi é Ghaura, filho de Ghora, que se tornou filho do seu próprio irmão Kaṇva,[3] e se chamava Pragātha Kāṇva. O Ṛṣi do trigésimo verso e dos três seguintes é Āsaṅga, o filho de Playoga, que, tendo sido transformado em uma mulher pela maldição dos deuses, recuperou sua masculinidade pelo arrependimento e pela graça de Medhātithi para quem ele deu, por causa disso, riqueza abundante, e a quem ele se dirige em louvor à sua doação. Na trigésima quarta estrofe Śaśvatī felicita seu marido, e é, portanto, o Ṛṣi. A métrica das duas últimas estrofes é Triṣṭubh, da segunda e quarta Satobṛhatī, do resto Bṛhatī.

Varga 10. **1**.[4] Não repitam, amigos, nenhum outro louvor, não sejam danosos (para si mesmos); louvem juntos Indra, o derramador (de benefícios) quando o Soma é despejado; repetidamente profiram louvor (a ele).[5]

2. Um touro que avança (sobre seus inimigos), imperecível, como um boi, o subjugador de homens (hostis), o inimigo (de adversários), o venerável, o revelador de ambas (inimizade e benevolência), o generoso, o distribuidor de ambas (as riquezas, celestes e terrenas[6]).

3. Embora essas pessoas te adorem, Indra, de muitas maneiras para (garantir) a tua proteção, (ainda assim) que esta nossa prece seja ao longo de todos os dias a tua glorificação.

4. Os sábios (teus adoradores), Maghavan, os vencedores (de inimigos), os que apavoram os povos (hostis), superam várias (calamidades por meio da tua ajuda); aproxima-te e traze alimentos de muitos tipos, e úteis para a nossa preservação.

5. Manejador do raio, eu não te venderia por um preço alto, nem por mil, nem por dez mil, nem, opulento portador do raio, por cem.[7]

---

[1] [Jamison e Brereton em sua tradução do Ṛgveda (Oxford Univ. Press, 2014) observam que nesse Maṇḍala os hinos estão agrupados por poeta ou poetas, e então por divindade, métrica e tamanho do hino, e esse hino já viola essa organização por ter menos versos que o hino seguinte. Oldenberg sugere que alguns versos dele foram perdidos].

[Como observado em nota em 7.77, as notas são de Wilson e E. B. Cowell. As entre colchetes são inclusões minhas. – E. M.].

[2] [Veja a lista dos louvores às doações ou 'louvores à generosidade' (dānastutis) no Apêndice 1].

[3] [A *Bṛhaddevatā* explica a história assim: 'Kaṇva e Pragātha eram os dois filhos de Ghora. Quando foram dispensados por seu preceptor eles moraram juntos na floresta. Enquanto esses dois viviam lá o (irmão) mais novo de Kaṇva (isto é, Pragātha), tendo colocado a cabeça durante o sono no colo da esposa de Kaṇva, não acordou. Então Kaṇva, enfurecido pela suspeita de um pecado (e) desejando amaldiçoá-lo, acordou-o com o pé, como se prestes a consumi-lo com sua energia ardente. Pragātha, consciente de sua intenção, ficou com as mãos postas e escolheu o casal como sua mãe e pai. O vidente, sendo (assim) o filho de Ghora ou de Kaṇva, *viu*, em companhia de muitos outros membros da sua família, o oitavo Maṇḍala'. – *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, 219-220].

[4] [O hino começa com dois *pragāthas.* "Duas estrofes misturadas em métricas diferentes são muitas vezes combinadas, o Ṛgveda contendo cerca de 250 dessas estrofes. Essa métrica estrófica duplamente mista, denominada Pragātha, é de dois tipos principais: 1. Kākubha Pragātha: é o tipo bem menos comum de estrofe, ocorrendo apenas pouco mais de cinquenta vezes no Ṛgveda. Ela é formada pela combinação de uma estrofe Kakubh com uma Satobṛhatī. 2: Bārhata Pragātha: é uma estrofe comum, ocorrendo quase duzentas vezes no Ṛgveda. Ela é formada pela combinação de uma estrofe Bṛhatī com uma Satobṛhatī". – Macdonell, *A Vedic Grammar for Students* (1916), p. 446].

["Por causa do número de *pragāthas* que este maṇḍala fornece às vezes ele é chamado de 'O Maṇḍala dos Pragāthas'". – E. B. Cowell].

[5] *Sāma-Veda,* I.242 (1.3.1.5.10, 2.6.1.5.1).

[6] *Ubhayāvinam*. O comentador fica bastante confuso sobre como interpretar a dualidade aqui sugerida – se ela significa como no texto, ou 'que tem a faculdade de proteger as coisas fixas e móveis', ou 'que é homenageado tanto por aqueles que recitam os seus louvores quanto por aqueles que oferecem oblações'. Os epítetos estão no acusativo, sendo regidos pelo verbo *stota*, 'louvor', no primeiro verso. Compare com o *Sāma-Veda*, II.711 (2.6.1.5.2).

[7] *Śatāya* aqui significa infinito, de acordo com o comentário. No *Sāma-Veda*, I.291. (1.3.2.5.9), nós temos *na parādīyase* em vez de *na parādeyām.*

Varga 11. **6**.[8] Tu és mais querido, Indra, que o meu pai, ou que o meu irmão, que não é afetuoso; tu, dador de residências, és igual a minha mãe, pois vocês dois me tornam eminente por conta de celebridade e riquezas.
7. Para onde tu foste?[9] Onde, de fato, tu estás agora? Realmente a tua mente (vagueia) entre muitos (adoradores); guerreiro, valoroso Purandara, vem; os cantores estão cantando (o teu louvor).
8. Elevem o canto sagrado para ele que é o destruidor das cidades (dos inimigos) do seu adorador, (induzido) pelo qual que o tonante venha se sentar no sacrifício dos filhos de Kāṇva e destrua as cidades (de seus inimigos).
9. Vem depressa com aqueles teus cavalos que são vigorosos e velozes, e que são os que percorrem dezenas, ou centenas, ou milhares (de léguas).[10]
10. Eu invoco hoje o todo-suficiente Indra, como a vaca leiteira que produz leite abundante, de movimento excelente[11] e fácil de ser ordenhada; ou, como outra (forma), a (chuva) desejável, que se derrama amplamente.[12]
Varga 12. **11**. Quando Sūrya[13] atormentou Etaśa,[14] Śatakratu (para ajudá-lo) transportou Kutsa, o filho de Arjunī, com seus dois cavalos saltitantes (rápidos) como o vento, e se aproximou furtivamente do Gandharva[15] irresistível.
12. Aquele que sem materiais de cura diante do fluxo de sangue dos pescoços[16] foi o efetuador da reunião, o opulento Maghavan, torna inteiras novamente as (partes) separadas.
13. Que nós nunca sejamos como os abjetos, Indra, pela tua graça, nem soframos de aflição; que nunca sejamos como árvores sem ramos; pois, trovejante, indestrutível (por inimigos), nós te glorificamos.
14. Nem impulsivos nem irados, nós realmente te glorificamos, matador de Vṛtra; que possamos te propiciar, herói, por uma vez (pelo menos) pelo nosso louvor com grande riqueza (sacrifical).

---

[8] [*Sāma-Veda*, 1.3.2.5.10].
[9] *Sāma-Veda*, I.271 (1.3.2.3.9).
[10] Ou melhor, 'que são os que percorrem dez léguas, e são contados às centenas e aos milhares'.
[11] *Gāyatra-vepasam* é explicado como 'de velocidade excelente', ou pode ser considerado uma metáfora, que tem a forma ou beleza da Gāyatrī, sendo a Gāyatrī personificada.
[12] *Anyām iṣam urudhārām* é bastante obscuro; isso é seguido por *alaṅkṛtam*, que, sendo masculino, pode se referir a *indraṃ*, o fazedor do suficiente, todo-suficiente. Compare com *Sāma-Veda*, I.295 (1.4.1.1.3). (*Anyām* pode significar 'incomparável', *adṛṣṭapūrvām*, como no Hino 27 deste maṇḍala).
[13] [Sūra].
[14] Veja a nota em 1.61.15.
[15] Um nome do sol.
[16] Ao que isso alude não é explicado, mas, possivelmente, pretende-se descrever a restauração de Etaśa, ferido em seu conflito com o sol. O verso ocorre no *Sāma-Veda*, I.244 (1.3.2.1.2). As traduções de Langlois, Benfey e Stevenson são muito interessantes. [Stevenson traduz: "'Nós louvamos Indra, o rico, o possuidor de riquezas imensas, que removeu a fissura no Vajra*, sempre presente em sacrifícios, quando ele tinha sido ferido por golpes com clavículas; e o uniu novamente perfeitamente depois que ele tinha sido quebrado'. *A palavra Vajra geralmente é traduzida como 'raio'. Ele é um tipo de cassetete com uma cabeça redonda cheia de pontas. Esse cassetete o Rākṣas, em um sacrifício, segura para afastar os visitantes indesejados. Eu não fui capaz de averiguar nada mais sobre a lenda aludida no texto". A tradução de Benfey é no mesmo sentido. Veja abaixo a versão de Griffith].

["Encontrado no *Atharvaveda* em um hino de casamento (14.2.47), usado como expiação quando algo se quebra durante o sacrifício, ou algo no carro nupcial precisa de conserto, ou quando o bastão de um aluno é quebrado (veja Whitney, *Atharva-Veda*). O verso é extensamente e esclarecedoramente discutido por Oldenberg, que resume os dois primeiros pādas como indicando que (a) Indra cura sem o uso de nenhum material adesivo para reunir as peças danificadas, e (b) ele faz isso antes de a arma (não mencionada, mas presumida por Oldenberg como a causa do dano) atravessar as clavículas, ou melhor, a cartilagem da costela. ... O ponto seria que Indra pode curar de longe, sem sequer tocar o afligido, e pode intervir antes que o estrago seja feito. Muito semelhante à nossa passagem é *Atharva-Veda,* 3.9.2 *aśreṣmāṇo adhārayan:* 'Sem ganchos eles seguraram firmemente'". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].

15. Se ele ouvir o nosso louvor, então que as nossas libações, que fluem através do filtro,[17] pingando rapidamente, e diluídas com água consagrada,[18] alegrem Indra.
Varga 13. **16**. Vem rapidamente hoje para o louvor reunido[19] do teu amigo devotado; que o louvor secundário[20] dos ricos (adoradores) chegue a ti, mas agora eu desejo (oferecer) o teu panegírico completo.
17. Extraiam o suco Soma com as pedras de espremer, o lavem com as águas consagradas; (por fazerem isso) os líderes (da chuva, os Maruts) vestindo (o céu de nuvens), como com um manto de couro de vaca, ordenham (a água) para os rios.
18. Tu venhas da terra ou do firmamento, ou do vasto (céu) luminoso, sê glorificado por este meu louvor extenso; satisfaze, Śatakratu,[21] o (meu) povo.
19. Despejem para Indra o Soma mais entusiasmante, o mais excelente, pois Śakra estima aquele que deseja alimento, propiciando-o por cada ato piedoso.
20. Que eu,[22] quando te importunando em sacrifícios com a efusão de Soma e com louvor, nunca te provoque,[23] como um leão feroz, à ira; quem (há no mundo) que não peça ao seu senhor?
Varga 14. **21**. (Que Indra beba) com força revigorada o forte (Soma) estimulante oferecido com (louvor) animador; pois em seu deleite ele nos dá (um filho), o vencedor de todos os (inimigos), o que humilha o orgulho deles.
22. O divino (Indra), o realizador de todos os objetivos, o glorificado por seus inimigos,[24] dá vastos tesouros ao mortal que faz oferendas no sacrifício, para aquele que derrama a libação, que canta o seu louvor.
23. Vem aqui, Indra, sê alegrado pela maravilhosa afluência (libatória), e com os teus companheiros bebedores (os Maruts) enche com os sucos Soma o teu vasto estômago, espaçoso como um lago.
24.[25] Que os teus mil, os teus cem cavalos, Indra, unidos à tua carruagem dourada, atrelados pela prece, com crinas ondeantes, te tragam para beber a libação de Soma.
25. Que os teus dois cavalos de cauda de pavão, de costas brancas, atrelados à tua carruagem de ouro, te tragam para beber da libação doce louvável.
Varga 15. **26**. Bebe, tu que és digno de ser glorificado, desta libação consagrada e suculenta, como o primeiro bebedor[26] (Vāyu); esta efusão excelente brota para te alegrar.
27. Que ele que sozinho derrota (inimigos) através (do poder das) práticas religiosas, que por atos piedosos se torna poderoso e feroz, que tem queixo belo, se aproxime; que ele nunca fique distante; que ele venha à nossa invocação; que ele nunca nos abandone.
28. Tu quebraste em pedaços a cidade móvel de Śuṣṇa com as tuas armas; tu que és ligeiro o seguiste; pelo que, Indra, tu deves ser adorado de duas maneiras.[27]

---

[17] O texto acrescenta um epíteto do tecido de filtragem *tiras*, isto é, colocado obliquamente. *Āśavaḥ* pode significar 'que intoxica rapidamente'.
[18] *Tugryavṛdhaḥ* é explicado como 'que aumentam com as águas chamadas *vasatīvarī* e *ekadhanā*, águas coletadas e mantidas separadas para as cerimônias. (Compare com o *Aitareya Brāhmaṇa,* II.20), [que trata da cerimônia de misturar as águas Vasatīvarī e Ekadhanā. Veja a tradução por Martin Haug, (1863), vo. II, p. 114 e seguintes].
[19] Isto é, o louvor feito por ele junto com muitos outros sacerdotes.
[20] Sāyaṇa não reconhece esse contraste entre os dois louvores, porque ele explica *upastutiḥ* como *stotram*.
[21] O texto tem Sukratu [hábil ou muito sábio] como um nome semelhante de Indra. [*Sāma-Veda*, 1.1.1.5.8].
[22] *Sāma-Veda*, I.307 (1.4.1.2.5). Mas a leitura da primeira metade em Benfey varia, e é aparentemente falha. Não é fácil dar sentido a essa passagem, especialmente em conexão com o que vem depois.
[23] *Bhūrṇim* é explicado como *bhartāram*, 'meu senhor'.
[24] *Ari* provavelmente significa *prerayatṛ*, aquele que profere um hino.
[25] *Sāma-Veda,* com os dois versos seguintes, II.741-43 (2.6.2.5.1-3).
[26] De acordo com o escoliasta, *pūrvapāḥ* significa Vāyu, que, tendo chegado em primeiro lugar na corrida, bebeu o Soma antes dos outros deuses. A alusão é à principal libação *graha*, chamada *Aindravāyava*, que Indra e Vāyu compartilham juntos. (Para a lenda, veja o *Aitareya Brāhmaṇa,* II. 25), [p. 127 da tradução de Haug (1863)].
[27] Por louvadores e por sacrificadores.

29. Que as minhas preces quando o sol nasce, aquelas também ao meio-dia, aquelas também quando a noite chega,[28] te tragam de volta, dador de riqueza, (ao meu sacrifício).

30. Louva (a mim), louva (a mim), Medhyātithi, porque entre os ricos nós somos os doadores mais generosos de riquezas para ti; (louva-me como alguém) que supera um cavalo em velocidade, segue o caminho certo, e possui as melhores armas.
Varga 16. **31**. Quando com fé eu arreio os cavalos dóceis no carro, (louva a mim[29]), pois o descendente de Yadu, possuidor de gado,[30] sabe como distribuir riquezas desejáveis.
32. (Louva-me, dizendo:) "Aquele que ofereceu riquezas para mim com uma bolsa de ouro – que essa carruagem ruidosa de Āsaṅga leve todos os tesouros (do inimigo)".
33. (Então louva-me, dizendo:) "Āsaṅga, o filho de Playoga, tem dado mais do que outros, Agni, às dezenas de milhares; dez vezes o (número de) bois vigorosos e brilhantes (dados por ele) a mim, vêm como os juncos de um lago".
34. Śaśvatī, percebendo que os sinais de masculinidade estavam restaurados, exclama: "Alegra-te, marido, tu podes ter prazer".

Índice◄►Hino 2 (Wilson)

---

621 - Hino 1. Indra (Griffith)

1. Não glorifiquem nada além, ó amigos; assim nenhuma tristeza os perturbará. Louvem só o poderoso Indra quando o suco é derramado, e recitem seus louvores repetidamente;
2. A ele mesmo, eterno, como um touro que avança, Vencedor de homens, generoso como uma vaca;[31] a ele, que é causa de ambos, de inimizade e de paz, generosíssimo para com ambos os lados.[32]

3. Embora esses homens te invoquem de maneiras diversas para obter a tua ajuda, que seja esta nossa prece, dirigida, Indra, a ti, a tua exaltação todos os dias.
4. Aqueles hábeis em música, ó Maghavan, entre estes homens, derrotam com poder as canções do inimigo. Vem aqui, traze para nós força de muitas formas variadas mais perto para que ela possa nos socorrer.

5. Ó Lançador da Pedra, eu não te venderia por um preço enorme, nem por mil, Trovejante! nem dez mil, nem cem,[33] senhor de fortuna incontável!
6. Ó Indra, tu és mais para mim do que pai ou irmão avaro é. Tu e minha mãe, ó Bom Senhor, parecem iguais, por me darem riqueza abundantemente.
7. Onde estás? Para onde foste? Pois muitos lugares atraem a tua mente. Apressa-te, Guerreiro, Destruidor de Fortalezas, Senhor do rumor da batalha, apressa-te, canções sagradas têm ressoado.

---

[28] O texto, de acordo com Sāyaṇa, acrescenta uma quarta vez, também à noite.
[29] O comentador adiciona: então realmente me louva.
[30] O texto tem *yādvaḥ paśuḥ*, literalmente, o animal Yādava, mas *paśu*, diz o comentador, deve ser entendido como *pasumān*, o que tem animais; ou pode ser considerado como um derivado de *paś* como *dṛś*, ver, um observador de objetos sutis, *sūkṣmasya draṣṭā*.
[31] O adjetivo não se encontra no texto, mas deve ser suprido para tornar a comparação inteligível.
[32] Para os cantores e os instituidores de sacrifícios.
[33] Significando 'infinito', segundo o comentador.

8. Cantem o salmo para aquele que derruba castelos por seu amigo fiel;[34] versos para trazer o Trovejante para destruir as fortalezas e sentar-se na grama sagrada de Kāṇva.[35]
9. Os cavalos que são teus às dezenas, às centenas, de fato, teus aos milhares, aqueles mesmos corcéis vigorosos, velozes no percurso, com eles vem rapidamente ao nosso encontro.
10. Neste dia eu chamo Sabardughā[36] que anima a canção sagrada, Indra a Vaca Leiteira ricamente produtora que fornece alimentos inesgotáveis em amplo fluxo.
11. Quando Sūra[37] feriu[38] Etaśa,[39] com o carro alado rodante de Vāta,[40] Indra levou Kutsa Ārjuneya embora, e zombou do Gandharva[41] o Invicto.
12. Ele, sem atadura, antes de fazer incisão no pescoço, fechou o ferimento[42] novamente, riquíssimo Maghavan, que torna inteira a parte ferida.
13. Que nós nunca sejamos postos de lado, e estranhos, por assim dizer, para ti. Nós, Indra manejador do trovão, nos consideramos como árvores[43] rejeitadas e impróprias para queimar.
14. Ó matador de Vṛtra, nós éramos considerados lentos e despreparados para a batalha. No entanto, uma vez na tua grande generosidade que possamos nos deleitar, ó Herói, depois de te louvar.
15. Se ele ouvir o meu louvor, então que as nossas gotas de Soma que fluem rapidamente através do coador alegrem Indra, gotas devidas ao Fortalecedor dos Tugryas.[44]
16. Vem agora ao louvor comum de ti e do teu amigo fiel.[45] Assim que os louvores dos nossos nobres ricos deem alegria a ti. De bom grado eu canto o teu louvor.
17. Espremam o Soma com as pedras, e o lavem nas águas. Os homens cobrindo-o com traje feito de leite o ordenharão dos caules.[46]
18. Tu venhas da terra ou do brilho do céu elevado, torna-te mais forte em teu corpo através do meu canto de louvor; satisfaze todas as criaturas, ó Sapientíssimo.
19. Para Indra espremam o Soma, o mais alegrador e o mais excelente. Que Śakra o faça aumentar enviado com toda prece e pedindo, por assim dizer, por força.
20. Não me deixes, ainda te implorando com canção fervorosa em ritos Soma, te enfurecer como alguma fera selvagem. Quem não pediria àquele que tem o poder de conceder a sua súplica?[47]

---

[34] Ludwig toma Vāvātar como o nome de um rei que foi abandonado por Indra e consequentemente derrotado em batalha.
[35] Cortada e preparada por Medhātithi e Medhyātithi, cada um dos quais é um filho de Kaṇva.
[36] O nome em geral das vacas que fornecem o leite necessário para propósitos sacrificais. Veja 6.48.11, nota. Aqui o próprio Indra é aludido, como é mostrado na linha seguinte.
[37] Sūrya, o Deus do Sol.
[38] 'Atormentou'. – Wilson.
[39] Um protegido de Indra.
[40] O Deus do Vento.
[41] O Sol. O sentido da estrofe é um tanto obscuro.
[42] Curou Etaśa que tinha sido ferido por Sūrya. [Veja a nota 16].
[43] Ou 'não nos consideramos como árvores', o significado de *nā,* 'não' e 'como', sendo ambíguo.
[44] Que pertencem a Indra o protetor dos chefes da linhagem de Tugra, que parecem ter sido os patronos dos Ṛṣis da família de Kaṇva.
[45] Veja a estrofe 8.
[46] Veja *Vedische Studien*, I.133,178. Sāyaṇa explica a segunda linha de modo diferente: '(por fazerem isso) os líderes (da chuva, os Maruts) vestindo (o céu de nuvens), como com um manto de couro de vaca, ordenham (a água) para os rios'. – Wilson.
[47] ["A noção de que os inferiores peçam aos superiores é uma exigência social e também uma potencial fonte de aborrecimento para o superior é encontrada em outros lugares vêdicos". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].

21. A dose tornada veloz com alegria arrebatadora, eficaz com sua grande força, conquistadora de todos, destilando êxtase, que ele beba;[48] porque ele em êxtase nos concede dádivas.
22. Onde não há bem-aventurança,[49] que ele, louvado por todos, o Deus a quem os piedosos glorificam, conceda grande riqueza ao adorador mortal que derrama o suco e o louva.
23. Vem, Indra, e alegra-te, ó Deus, em múltipla afluência. Tu enches como um lago o teu vasto volume espaçoso com Soma e com doses também.[50]
24. Mil e cem Corcéis estão atrelados ao teu carro dourado. Então que os Baios de crina longa, atrelados pela devoção, tragam Indra para beber o suco Soma.
25. Atrelados à tua carruagem feita de ouro que os teus dois Baios de caudas de pavão te transportem para cá, Corcéis de costas brancas, para beber o suco doce que nos torna eloquentes.
26. Então bebe, ó Amante de Música, como o primeiro bebedor,[51] deste suco. Este, o derramamento da seiva saborosa preparada, é bom e adequado para te alegrar.
27. Aquele que sozinho por feito extraordinário é Poderoso, Forte por obras sagradas, que ele venha, de bela face; que ele não fique longe, mas venha e não se desvie do nosso chamado.
28. O castelo[52] de movimento rápido de Śuṣṇa tu quebraste em pedaços com teus raios. Tu, Indra, desde os tempos antigos, seguiste atrás da luz,[53] já que nós tivemos que te invocar.
29. Os meus louvores quando o Sol nasceu, os meus louvores na hora do meio-dia, os meus louvores na chegada da escuridão da noite, ó Vasu, têm ido para ti.

30. Louvem-no,[54] sim, louvem-no. Dos príncipes estes são os mais generosos em relação às suas doações, estes, Paramajyā, Ninditāśva, Prapathī, os mais liberais, ó Medhyātithi.
31. Quando ao carro, pela fé, eu uni os cavalos[55] que ansiavam pelo caminho – pois hábil é o filho de Yadu[56] em distribuir riqueza preciosa, ele que é rico em rebanhos de gado,[57]
32. Que ele que me deu dois cavalos marrons junto com seus tecidos de ouro, que ele, o filho de Āsaṅga, Svanadratha, obtenha toda alegria e grandes felicidades.
33. O filho de Playoga, Āsaṅga, por dez mil, ó Agni, superou o restante em doar. Para mim dez bois de cor clara[58] avançaram como caules de lótus de pé a partir de um lago.

---

[48] *Pibatu*, suprido pelo escoliasta, não havendo verbo no texto.
[49] Isto é, na derrota e dificuldade. Mas o significado de *śevāre* é incerto. 'No sacrifício', é a explicação de Sāyaṇa. Von Roth sugere 'na sala do tesouro'. Eu adoto a interpretação de Ludwig.
[50] 'Com os teus companheiros bebedores (os Maruts)'. – Wilson.
[51] [Veja a nota 26].
[52] De nuvens.
[53] Para encontrá-la e trazê-la de volta.
[54] Indra. Paramajyā, Ninditāśva e Prapathī parecem ser os nomes dos comandantes que são elogiados por sua generosidade. Sāyaṇa faz de Āsaṅga o orador: 'Louva-me, pois nós somos os doadores mais liberais; (louva a mim como alguém que) tem as melhores armas *(paramajyā)*, segue o caminho certo *(prapathī)* e supera um cavalo em velocidade *(ninditāśva)*'.
[55] Presenteados pelo príncipe. A frase está incompleta. O escoliasta adiciona ao fim da linha: 'então me louva desta maneira'.
[56] Āsaṅga, descendente do antigo herói Yadu.
[57] *Paśuḥ*, que parece estar em aposição com *yādvaḥ*, mal é inteligível aqui. Sāyaṇa o explica como *pasumān*, que possui animais ou gado, ou como um derivado de *paś*, ver, e significando alguém que vê o que é sutil, s*ūkṣmasya draṣṭā*. Nenhuma dessas explicações tem algo exceto o nome de Sāyaṇa para recomendá-la, mas eu adoto a primeira como uma temporária.
[58] Significando dez mil, de acordo com Sāyaṇa.

34. Quando a perfeita restauração de seu marido à sua força e masculinidade perdidas era visível, a sua consorte Śaśvatī com alegria se dirigiu a ele: 'Agora tu estás bem, meu senhor, e serás feliz'.[59]

Índice◄►Hino 2 (Griffith)

---

622 - Hino 2. Indra (Wilson)

(Sūkta II)

O deus é Indra (exceto nos dois últimos versos, onde a divindade é a doação [de Vibhindu][1] personificada; os Ṛṣis são Medhātithi da família de Kaṇva e Priyamedha da família de Aṅgiras; a métrica do verso 28 é Anuṣṭubh, do resto, Gāyatrī.

Varga 17. **1**. Concessor de habitações (Indra), bebe esta libação derramada até que o teu estômago esteja cheio, nós a oferecemos, impávido (Indra), a ti.[2]
2. Lavada pelos sacerdotes, vertida pelas pedras, purificada pelo filtro de lã, como um cavalo limpo em um rio.
3. Nós a fizemos doce para ti como o bolo de cevada, misturando-a com leite, e, portanto, Indra, (eu) te (invoco) para este rito social.[3]

4. Indra realmente é o principal bebedor[4] de Soma entre deuses e homens, o bebedor da libação derramada, o aceitante de todos os tipos de oferendas.
5. (Nós louvamos a ele,) um (amigo) universal de bom coração, a quem o puro Soma, a mistura (dele) feita com dificuldade, ou outras (oferendas) satisfatórias não desagradam.
Varga 18. **6**. A quem outros procuram com oferendas de leite e coalhada como caçadores perseguem um cervo (com redes e armadilhas), e incomodam com louvores (inadequados).

7. Que as três libações sejam derramadas para o divino Indra na própria residência dele, (pois ele é) o bebedor do suco despejado.
8. Três vasos purificadores derramam (o Soma); três conchas são bem enchidas (para a libação), o todo é equipado para o sacrifício comum.[5]
9. Tu (Soma) és puro, distribuído em muitos vasos, misturado com leite no sacrifício do meio-dia, e (no terceiro sacrifício) com coalhada, a (bebida) mais estimulante do herói (Indra).

10. Estas libações fortes e puras de Soma despejadas por nós para ti te pedem pela mistura.

---

[59] Āsaṅga, o rei cuja generosidade, com a do seu filho (32), e talvez a dos seus netos (30), foi elogiada nas estrofes anteriores, tinha, diz a lenda, sido transformado em uma mulher pela maldição dos Deuses e posteriormente devolvido à sua masculinidade em consequência de seu arrependimento e da intercessão de Medhātithi e Medhyātithi a quem ele recompensou ricamente. Nessa estrofe Śaśvatī o felicita após a sua recuperação. O professor Grassmann e Ludwig traduziram a estrofe mais literalmente.

---

[1] [Dānastuti, veja a lista no Apêndice 1].
[2] [*Sāma-Veda*, 1.2.1.3.10 e 2.1.2.8.1].
[3] [Esse e o anterior ocorrem no *Sāma-Veda*, 2.1.2.8.2-3].
[4] Ele é o único que deve ser presenteado, diz-se, com a libação inteira; os outros deuses são apenas compartilhadores de uma parte.
[5] O verso alude aos três sacrifícios diários. (Os três vasos são as três tinas utilizadas na preparação das libações de Soma, o *droṇakalaśa*, o *pūtabhṛt*, e o *ādhavanīya*. As três conchas são os três conjuntos de taças, *camasāḥ*, usadas nas três libações).

Varga 19. **11**. Mistura, Indra, o leite e o Soma, (adiciona) os bolos a esta libação; eu ouço dizer que és possuidor de riquezas.[6]
12. As libações (de Soma) competem em teu interior (para a tua alegria) como a embriaguez causada pelo vinho;[7] os teus adoradores te louvam (totalmente cheio de Soma) como o úbere (de uma vaca com leite).[8]

13. Que o encomiasta de ti, que és opulento, seja opulento; que ele até, senhor dos corcéis, supere alguém que é rico e famoso como tu.[9]
14. (Indra), o inimigo do incrédulo, percebe qualquer prece que esteja sendo repetida, qualquer canto que esteja sendo cantado.[10]
15. Não nos entregues, Indra, ao matador, nem a um inimigo avassalador; fazedor de grandes feitos, nos permite (vencer) pelos teus atos.[11]

Varga 20. **16**. Amigos devotados, Indra, a ti, nós, descendentes de Kaṇva, tendo o teu louvor como nosso objetivo, te glorificamos com preces.[12]
17. (Engajado), trovejante, em teu (culto) mais recente, eu não profiro nenhum outro louvor além daquele de ti, o fazedor de grandes proezas; eu repito só a tua glorificação.[13]
18. Os deuses amam o homem que oferece libações, eles não desejam (deixá-lo) dormir, daí eles, não indolentes, obtêm o Soma inebriante.

19. Vem a nós rapidamente com iguarias excelentes, não sejas acanhado, como o marido ardente de uma noiva nova.[14]
20. Que Indra, o insuperável, não atrase (em vir a nós) hoje até a noite, como um genro desventurado.[15]
Varga 21. **21**. Nós conhecemos a generosidade magnânima do herói (Indra); dos propósitos dele que se manifesta nos três mundos (nós estamos cientes).

22. Despejem a libação para ele que está associado com o (povo) Kaṇva; nós não conhecemos ninguém mais célebre que o poderosíssimo concessor de proteções numerosas.
23. Oferece, adorador, a libação em primeiro lugar[16] ao herói, o poderoso Indra, o benfeitor do homem; que ele beba (dela),
24. Ele que, bem ciente (do mérito) daqueles que não lhe dão nenhum aborrecimento, concede aos seus adoradores e louvadores alimentos com cavalos e gado.

25. Apressem-se, ofertantes de libação, (a oferecer) o glorioso Soma ao valente, ao herói (Indra), para a alegria (dele).[17]

---

[6] [Veja a nota 39].
[7] *Durmadāso na surāyām,* como intoxicações ruins, vinho sendo bebido. A preparação de bebidas fermentadas era, portanto, conhecida pelos hindus, e provavelmente entre elas estava o vinho, no noroeste do Punjāb, sem dúvida o seu local mais antigo, sendo a região da uva; mas, de acordo com o comentário sobre *Manu*, um tipo inferior de bebida alcoólica.
[8] *Ūdhar na nagnā jarante*. 'Os louvadores louvam como um úbere', é a tradução literal segundo o escoliasta, mas *nagna* geralmente significa nu; aqui é dito significar *stotṛ*, um louvador, aquele que não negligencia ou abandona os versos do Veda. [Veja a nota 41].
[9] *Sāma-Veda*, II.1154 (2.9.1.15.1). Sāyaṇa traduz essa última parte 'o louvador de alguém rico e famoso como tu certamente prosperará, (muito mais, então, de ti)'.
[10] *Sāma-Veda,* II.1155 (2.9.1.15.2) [e 1.3.1.4.3], mas a leitura do texto impresso de Benfey varia.
[11] *Sāma-Veda,* II.1156 (2.9.1.15.3).
[12] *Sāma-Veda,* I.157 (1.2.2.2.3); II.69 (2.1.2.3.1).
[13] Esse e o seguinte ocorrem no *Sāma-Veda,* II.70,71 (2.1.2.3.2,3).
[14] [*Sāma-Veda,* 1.3.1.4.5].
[15] Que, sendo convocado repetidamente, atrasa o seu aparecimento até a noite, é a explicação do comentador. [Veja a nota 46].
[16] Aludindo à *Aindravāyava graha*, veja acima [a nota 26 do hino anterior].
[17] [*Sāma-Veda,* 1.2.1.3.9 e 2.8.2.1.1].

Varga 22. **26**. Que o bebedor da libação de Soma, o matador de Vṛtra, se aproxime, que ele não fique longe de nós; que o concessor de muitas proteções mantenha (os nossos inimigos) sob controle.[18]
27. Que os corcéis encantadores que são atrelados pela prece tragam para cá o (nosso) amigo (Indra), glorificado por louvores, digno de louvor.[19]

28. (Indra) de queixo belo, o homenageado dos sábios, o fazedor de atos grandiosos, vem, pois bem saborosos são os sucos Soma; vem, pois as libações estão prontas misturadas; este (teu adorador) agora (te convida) para estar presente neste rito social alegrador.[20]
29. Aqueles que te louvando te glorificam, Indra, instituidor de ritos, e aqueles (hinos que glorificam) a ti têm (como seu objetivo) grandes riquezas e força.
30. Sustentado por hinos, aqueles teus louvores e aquelas preces que são dirigidas a ti, todas juntas, sustentam as tuas energias.

Varga 23. **31**. Realmente esse realizador de muitos atos, o chefe (entre os deuses), o manejador do raio, ele que sempre esteve invicto, dá alimento (aos seus devotos).
32. Indra, o matador de Vṛtra com sua mão direita, o invocado por muitos em muitos (lugares), o poderoso por grandes feitos,
33. Ele de quem todos os homens dependem, (em quem) energias avassaladoras (residem), ele realmente é o alegrador do (adorador) opulento.

34. Este Indra fez todos esses (seres),[21] que é por isso extremamente famoso; ele é o que dá alimentos para adoradores opulentos.
35. Aquele a quem, adorador, e desejoso de gado,[22] o protetor (Indra) defende contra um (inimigo) ignorante, torna-se um príncipe, o possuidor de riqueza.
Varga 24. **36**. Generoso, sábio, (levado por seus próprios) corcéis,[23] um herói, o matador de Vṛtra, (ajudado) pelos Maruts, verdadeiro, ele é o protetor do realizador de ritos sagrados.

37. Adora, Priyamedha, com a mente concentrada nele, aquele Indra, que é sincero quando alegrado pelas libações de Soma.[24]
38. Louvem com cantos, Kaṇvas, o poderoso (Indra), de fama amplamente cantada, o protetor dos bons, o desejoso de alimento (sacrifical), presente em muitos lugares.
39. Ele que, um amigo (para seus adoradores), o fazedor de grandes atos, localizando o gado por suas pegadas, estando sem (outros meios de detecção[25]), os devolveu para os líderes (de ritos) que voluntariamente colocaram sua confiança nele.

40. Tu, trovejante, aproximando-te na forma de um carneiro,[26] chegaste a[27] Medhātithi, da família de Kaṇva, propiciando-te assim.
41. Generoso Vibhindu, tu me deste quatro vezes dez mil, e depois oito mil.

---

[18] [*Sāma-Veda,* 2.8.2.1.3].
[19] Compare com *Sāma-Veda,* 2.8.2.1.2.
[20] *Na ayam accha sadhamādam*, 'agora este (adorador) presente te (convida) para alegrar-te (conosco)', é a explicação do comentador.
[21] *Etāni viśvāni cakāra,* ele fez todos esses, segundo o comentário, ou todos os seres, ou ele realizou todas essas façanhas – a morte de Vṛtra, e semelhantes.
[22] *Ratham gavyantam, ratham* é explicado como *raṃhaṇam*, de *rahi*, ir. Ele não pode ter seu sentido usual, um carro, uma vez que é o epíteto daquele que se torna o senhor, o portador de riquezas.
[23] Ou melhor, 'sábio, atingindo seu objetivo por meio de seus corcéis'.
[24] *Somaiḥ satyamadvā;* 'in vino veritas' [no vinho está a verdade] transmite uma noção semelhante, mas 'verdade', ou 'verdadeiro', quando aplicado a um deus no Veda, significa aquele que mantém a fé de seus adoradores, que realiza suas preces; assim Indra, com suas taças, é especialmente generoso com aqueles que o louvam.
[25] Ou melhor, 'rastreando-os, embora sem as suas pegadas (para guiá-lo)'.
[26] Compare com 1.51.1, e com o *Ṣaḍviṃśa Brāhmaṇa,* 1.1. (A lenda também é encontrada na *Bāṣkala Upaniṣad*, como consta na tradução de Anquetil du Perron. O Dr. Weber compara com a lenda grega de Ganimedes).
[27] Ou melhor, 'levaste'. [Veja a nota 54].

42. Eu glorifico as duas[28] (céu e terra), as aumentadoras de água, as criadoras (dos seres), as benfeitoras do adorador, por causa de sua geração (da riqueza assim dada a mim).[29]

Índice◄►Hino 3 (Wilson)

---

622 - Hino 2. Indra (Griffith)

1. Aqui está o suco Soma espremido; ó Vasu,[30] bebe até que estejas saciado;
Deus Destemido, nós o damos a ti.
2. Purificado pelos homens, espremido com pedras, coado através do filtro feito de lã,[31]
Ele é como um corcel banhado em rios.
3. Este suco nós fizemos doce para ti como a cevada,[32] misturando-o com leite.
Indra, eu te chamo para o nosso banquete.

4. Amado de todos, só Indra bebe[33] o fluido suco Soma
Entre os deuses e os homens mortais.[34]
5. O Amigo, a quem a dose de cor brilhante,[35] a mal misturada ou amarga
Não repele, o Deus que se estende amplamente;
6. Enquanto outros homens que não nós com leite o perseguem como caçadores perseguem um cervo, e com suas vacas o atraem.

7. Para ele, para Indra, para o Deus, sejam espremidas três doses de suco Soma[36]
Na própria residência do Bebedor de suco.
8. Três reservatórios[37] exsudam suas gotas, as três taças estão cheias até a borda,
Todas para uma oferenda para o Deus.
9. Puro és tu, colocado em muitos lugares, e misturado no meio[38] com leite
E coalhada, para animar o Herói no mais alto grau.

10. Aqui, Indra, estão as tuas doses de Soma espremidas por nós, as fortes, as puras,
Elas anseiam pela mistura do leite.

---

[28] [Metades do mundo, céu e terra. Veja a nota abaixo].
[29] O texto tem *tye payovṛdhā mākī raṇasya naptyā janitvanāya mamahe*. Não há substantivo; o comentador acrescenta *dyāvāpṛthivyau*, porque, diz ele, elas estando satisfeitas esse presente é obtido. Os atributivos também estão no feminino dual; dois deles são incomuns; *mākī* é explicado como 'fazedoras, criadoras', e *naptyā* como 'inclinadas a serem favoráveis'; *raṇasya*, de ou para o *stotṛ*.
[30] Ou, Bom Senhor. 'Dador de residências', segundo Sāyaṇa.
[31] Mais literalmente, 'purificado pela lã da cauda da ovelha', de cujo material era feita a peneira, coador ou filtro usado para limpar e purificar o suco Soma.
[32] Ou, como o bolo sacrifical feito de farinha de cevada.
[33] Só ele deve receber a libação inteira, que os outros Deuses apenas repartem entre eles.
[34] ['Indra é o único bebedor de soma, um bebedor de libações, de plena vitalidade, entre deuses e homens'. – Muir, *O. S. Texts,* V. 89].
[35] Sem mistura suficiente com leite para engrossá-la e mudar sua cor. O significado desta e da estrofe seguinte é: Indra prefere as nossas libações, embora elas possam estar preparadas imperfeitamente, às oferendas de leite com as quais os outros homens se esforçam para atraí-lo.
[36] ["As três doses de soma podem se referir aos tipos insatisfatórios no v. 5 ou ao soma nas três espremeduras, mas mais provavelmente aos três tipos mencionados no v. 9. (O verso final do tṛca do qual esse é o primeiro). Podemos pensar nisso como uma espécie de 'reparação ritual', as versões pobres de soma no v. 5 são levemente adaptadas para produzir as devidamente preparadas neste tṛca". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[37] [Veja a nota 5].
[38] 'No meio (do dia?)'. – Hillebrandt.

11. Ó Indra, despeja o leite, prepara o bolo, e mistura a dose de Soma.[39]
Eu ouvi eles dizerem que tu és rico.
12. Os sucos bebidos lutam dentro do peito. Os bêbados não louvam por seu vinho,[40]
Os nus não louvam quando chove.[41]

13. Rico seja o louvador do Rico,[42] generoso e famoso como tu;
Alta posição seja dele, ó Senhor dos Baios.
14. Inimigo do homem que não adiciona leite, ele não presta atenção a nenhum hino entoado ou salmo sagrado que possa ser cantado.[43]
15. Não nos entregues, Indra, como vítimas para o zombador ou o arrogante;
Auxilia, Poderoso, com poder e força.

16. Isto, isto mesmo, Indra, nós imploramos: como teus amigos devotados, [que]
Os Kaṇvas te louvem com seus hinos.
17. Nada mais, ó Tonante, eu tenho louvado no encômio do cantor habilidoso;
Só no teu louvor eu tenho pensado.
18. Os Deuses procuram aquele que espreme o Soma; eles não desejam dormir;[44]
Eles punem a preguiça incansavelmente.

19. Vem veloz com presentes de riqueza – não fiques zangado conosco – como
Um grande homem[45] com uma noiva jovem.
20. Que ele, enfurecido conosco, não passe a noite longe de nós hoje,
Como um genro desagradável.[46]
21. Porque nós bem conhecemos o amor deste Herói, o mais generoso das bênçãos que ele dá, os planos dele que os três mundos revelam.

22. Derramem o presente que os Kaṇvas trazem, pois nós não conhecemos ninguém mais glorioso que o Senhor Forte com inúmeros auxílios.

---

[39] ["É um pouco estranho mandar Indra realizar os preparativos sacrificais que são realmente o nosso trabalho. Presumivelmente, mais uma vez (veja 8.1.19) Indra é concebido como o agente indireto: ao vir ao nosso sacrifício ele coloca as nossas preparações em movimento, e o nosso ímpeto para essa preparação é o conhecimento de que ele tem riquezas para distribuir". – Jamison].

[40] ['Quando bebidas elas (as doses de soma) lutam em teu estômago, como homens enlouquecidos com vinho'. – Muir, *O. S. Texts,* V. 464].

['Um final peculiar para uma celebração de soma, presumivelmente, descrevendo alguns dos potenciais efeitos colaterais do excesso de indulgência no soma'. – Jamison].

[41] Essa estrofe rompe a conexão entre as estrofes 11 e 13, e é em si mesma quase ininteligível. Wilson parafraseia, seguindo Sāyaṇa, [veja a versão acima]. A explicação de Sāyaṇa de *nagnāḥ*, homens nus, como adoradores, *stotāraḥ*, 'que não abandonam os versos do Veda', é obviamente impossível. *Ūdhaḥ*, úbere, frequentemente significa o céu chuvoso, e pode ter esse significado aqui; de modo que o sentido da passagem talvez possa ser, como Ludwig sugere, que nem grande riqueza nem pobreza abjeta tende a tornar um homem devoto. O homem rico quando ele bebe seu vinho em casa e o miserável malvestido exposto à chuva torrencial são igualmente indiferentes aos Deuses.

[42] Essa parece ser a continuação de 'tu és rico' da estrofe 11.

[43] Indra não aceitará culto sem oblação.

[44] ['Os deuses desejam um homem que derrama libações, eles não amam o sono'. – Muir, *O. S. Texts,* V. 20].

[45] O sentido exato de *mahān*, grande, não é seguro. Sāyaṇa o explica como 'eminente por conta das suas boas qualidades'. 'Não sejas tímido, como o marido ardente de uma noiva nova'. 'Como um homem rico, recém-casado'. – Grassmann.

[46] Que vê que a sua companhia não é bem-vinda e consequentemente fica em casa.

["Essa pode ser uma referência à instituição da Terceira Espremedura, que acontece à noite. O ponto pode ser que os sacrificadores que deixam de ter uma Terceira Espremedura se arriscam a perder a presença de um Indra descontente para aqueles que têm. Eu não entendo totalmente as relações sociais representadas no [pāda] c. Normalmente, no casamento patrilocal o genro estaria longe de qualquer maneira; isto é, a esposa estaria vivendo com a família do marido. Isso é uma referência a um intruso, um marido, que vive com a família de sua esposa porque ele é muito pobre e que então torna isso pior ao se distanciar – ou ao retorno de uma noiva porque o marido era muito irresponsável? Ou isso é similar à situação em 'O Lamento do Jogador' (10.34), onde o marido perde sua esposa por causa do jogo ou outras atividades economicamente prejudiciais?". – Jamison].

23. Ó espremedor, oferece Soma primeiro para Indra,[47] Herói, Śakra,[48] a ele
O Amigo do homem, para que ele possa beber;
24. Que, de maneiras tranquilas, é o melhor fornecedor, para os seus adoradores,
De força em cavalos e em vacas.

25. Espremedores, para ele misturem suco Soma, cada dose a mais excelente, para ele
O Bravo, o Herói, para a sua alegria.
26. O matador de Vṛtra bebe o suco. Que ele que dá cem auxílios
Se aproxime, não fique longe de nós.
27. Que os fortes Cavalos Baios, atrelados pela prece, tragam aqui para nós o nosso Amigo, Amante de Música, famoso por canções.

28. Doces são os sucos Soma, vem! Misturados estão os sucos Soma, vem!
Como Ṛṣi, poderoso, de bela face, vem aqui rapidamente para o banquete,
29. E os louvores que te fortalecem em busca de grande recompensa e coragem, e exaltam Indra que fez atos gloriosos,
30. E músicas para ti que amas música, e todos aqueles hinos dirigidos a ti –
Esses sempre confirmam o teu poder.

31. Assim ele, o único fazedor de grandes feitos cuja mão segura o trovão, nos dá força,
Ele que nunca foi subjugado.
32. Vṛtra ele mata com a mão direita, o próprio Indra, grandioso, com poder imenso,
E invocado por muitos em muitos lugares.
33. Ele de quem todos os homens dependem, todas as regiões, todas as conquistas, ele
Tem alegria com os nossos chefes ricos.

34. Tudo isso ele realizou,[49] de fato, Indra, o mais gloriosamente renomado,
Que dá força aos nossos príncipes ricos.
35. Que conduz a sua carruagem procurando despojos, mesmo de longe, para aquele que ele ama, pois ele é rápido em trazer riqueza aos homens.
36. O Sábio[50] que, ganhando despojos com corcéis, mata Vṛtra, Herói com os homens,[51]
Amparo fiel do seu servo.

37. Ó Priyamedhas,[52] adorem com mente serena este Indra a quem
O Soma tem inspirado muito bem.
38. Ó Kaṇvas, louvem com cantos o Poderoso, Senhor dos Bravos, que ama a fama,
Todo-presente, glorificado pela canção.
39. Amigo forte que, sem nenhum rastro de pés,[53] devolve o gado aos homens,
Que baseiam seu desejo e esperança nele.

40. Em forma de Carneiro,[54] Lançador da Pedra! Uma vez tu vieste aqui com o filho
De Kaṇva, o sábio Medhyātithi.
41. Vibhindu,[55] tu ajudaste este homem, dando-lhe quatro vezes dez milhares,
E depois mais oito mil.
42. E estas duas que derramam rios de leite, criativas, filhas do prazer,

---

[47] Veja 8.1.26.
[48] Indra, o Poderoso.
[49] A morte de Vṛtra e outras grandes façanhas; ou, ele fez todas essas criaturas.
[50] Indra.
[51] Acompanhado pelos Maruts.
[52] Membros da família de um dos Ṛṣis.
[53] Sem rastrear o gado perdido (os raios de luz) por suas pegadas.
[54] [Veja a nota 26. "Este mito, segundo o qual supõe-se que Indra assumiu a forma de um carneiro e levou Medhātithi, o Kāṇva (ou, segundo outros, lhe roubou o Soma), parece ser aludida no *Ṛg-Veda*, 8.2.40". – *Śatapatha Brāhmaṇa*, 3.3.4.18, tradução de Eggeling, 1885, p. 81, nota].
[55] O príncipe, o instituidor do sacrifício.

Por matrimônio eu glorifico.[56]

Índice◄►Hino 3 (Griffith)

---

623 - Hino 3. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

O deus é Indra, exceto nos últimos quatro versos, nos quais a doação do rei Pākasthāman, filho de Kurayāṇa, sendo celebrada, é considerada a Devatā.[1] O Ṛṣi é Medhyātithi; a métrica dos versos ímpares é Bṛhatī, dos pares Satobṛhatī, [Bārhata Pragāthas], exceto no vigésimo primeiro, no qual é Anuṣṭubh, e no vigésimo segundo e vigésimo terceiro, nos quais é Gāyatrī. O vigésimo quarto é Bṛhatī.

Varga 25. **1**.[2] Bebe, Indra, da nossa libação sápida misturada com leite, e fica satisfeito; considera-te como nosso parente, para te alegrares junto conosco para o nosso bem-estar;[3] que as tuas (boas) intenções nos protejam.[4]

2.[5] Que sejamos ofertantes de oblações (para desfrutarmos) da tua predileção; não nos prejudiques por causa do inimigo; nos protege com as tuas magníficas (proteções) solicitadas, nos mantém sempre em felicidade.

3. (Indra), abundante em riquezas, que esses meus louvores te engrandeçam; os sábios puros brilhantes te glorificam com hinos.[6]

4.[7] Revigorado pelos (louvores de) mil Ṛṣis, este (Indra) é tão vasto quanto o oceano; o verdadeiro poderio e força dele são glorificados em sacrifícios, e no reino do devoto,

5. Nós invocamos Indra para a adoração dos deuses, e quando o sacrifício está ocorrendo; adorando-o, nós chamamos Indra no encerramento do rito;[8] nós o invocamos para a obtenção de riqueza.

Varga 26. **6**. Indra, pela força de seu poder, expandiu o céu e a terra; Indra acendeu o sol;[9] em Indra todos os seres estão reunidos; as gotas escorrentes do Soma fluem para Indra.

7. Os homens te glorificam, Indra, com hinos para que possas beber [como] o primeiro[10] (dos deuses), os Ṛbhus associados se unem em teu louvor, os Rudras glorificam o antigo (Indra).

---

56 A estrofe é obscura, o significado de *mākī*, um dual feminino que Sāyaṇa explica como *nirmātryau*, fazedoras ou criadoras, isto é, o céu e a terra, sendo incerto. Sāyaṇa parafraseia a estrofe, [veja a versão de Wilson].

---

1 [Dānastuti, veja a lista no Apêndice 1].

2 *Sāma-Veda,* I.239 e II.771. (1.3.1.5.7 e 2.6.2.16.1).

3 Ou melhor, 'Como nosso parente, para te alegrares junto conosco, pensa no nosso bem-estar'.

4 Esse verso é usado como um *pragātha*, como também são 2-20 deste hino. Por causa do número de *pragāthas* que este maṇḍala fornece às vezes ele é chamado de 'O Maṇḍala dos Pragāthas'.

5 *Sāma-Veda,* II.772 (2.6.2.16.2).

6 *Ibid*. I.250 e II.957 (1.3.2.1.8 e 2.7.3.18.1); *Yajur-Veda Branco,* 33.81. Mahīdhara considera que o Sūkta é dirigido ao Āditya; o epíteto *pāvakavarṇa* ele interpreta, com Sāyaṇa, *agnisamānatejaska*, radiante como Agni.

7 *Sāma-Veda*, II.958 (2.7.3.18.2). *Yajur-Veda Branco,* 33.83.

8 *Samīke sampūrṇe yāge,* ou pode significar *saṅgrāme*, na guerra. *Sāma-Veda,* I.249 e II.937 (1.3.2.1.7 e 2.7.3.8.1).

9 De acordo com o escoliasta, Indra resgata o sol do domínio de Svarbhānu, o liberta do eclipse. *Sāma-Veda,* II.938 (2.7.3.8.2).

10 [Para que possas beber primeiro]. [*Sāma-Veda,* 1.3.2.2.4 e 2.7.3.1.1].

8.[11] Indra aumenta a energia e a força deste (seu adorador), quando a alegria do suco Soma é difundida através de seu corpo; os homens celebram na devida ordem o poder dele hoje como eles faziam antigamente.

9. Eu peço a ti, Indra, por tal vigor e tal alimento que possa ser esperado em prioridade (a outros), com o qual tu concedeste a Bhṛgu a riqueza tirada daqueles que tinham desistido dos sacrifícios,[12] com o qual tu protegeste Praskaṇva;
10. Com o qual tu enviaste as grandes águas para o oceano; como é a tua força realizadora de desejos,[13] aquele poder de Indra que a terra obedece não é fácil de ser resistido.

Varga 27. **11**. Concede-nos, Indra, a riqueza acompanhada de vigor, que eu peço de ti; dá (riqueza) primeiramente àquele desejoso de te gratificar, oferecendo alimento (sacrifical); dá (riqueza), tu que és antigo, para aquele que te glorifica.
12. Dá a este nosso (adorador) empenhado em celebrar os teus ritos sagrados, Indra, (a riqueza) com a qual tu protegeste o filho de Puru; concede ao homem (aspirante) ao céu (a opulência com a qual) tu preservaste, Indra, Ruśama, Śyāvaka e Kṛpa.

13. Qual mortal vivo, o incitador de (louvores) sempre ascendentes, pode agora glorificar Indra? Nenhum daqueles que o louvaram até então alcançaram a grandeza das propriedades de Indra.
14. Quem, louvando-te como o deus, (sempre) esperou sacrificar para ti? Qual santo, qual sábio leva (seus louvores a ti?), quando, opulento Indra, tu virás à invocação de alguém que derrama libações, de alguém que repete (o teu) louvor?

15. Essas canções dulcíssimas, esses hinos de louvor ascendem (para ti), como carros triunfantes carregados de riquezas, cheios de proteções infalíveis, projetados para adquirir alimentos.[14]
Varga 28. **16**. Os Bhṛgus, como os Kaṇvas, realmente alcançaram o onipenetrante (Indra), sobre quem eles meditaram, como o sol (permeia o universo por seus raios); os homens da linhagem de Priyamedha, adorando Indra com louvores, o glorificam.[15]

17. Destruidor absoluto de Vṛtra, atrela os teus cavalos; desce até nós, feroz Maghavan, com teus atendentes[16] de longe para beber o Soma.[17]
18. Estes sábios celebrantes (de ritos sagrados) repetidamente te propiciam com louvor piedoso para a aceitação do sacrifício; que tu, opulento Indra, que tens direito ao louvor, ouças a nossa invocação como alguém que ouve o que ele quer.[18]

19. Tu extirpaste Vṛtra com tuas armas poderosas; tu foste o destruidor dos enganosos Arbuda e Mṛgaya; tu libertaste o gado da montanha.
20. Quando tu expulsaste o poderoso Ahi do firmamento, então os fogos resplandeceram, o sol brilhou, o Soma ambrosíaco destinado a Indra fluiu, e tu, Indra, manifestaste a tua coragem.

---

[11] *Sāma-Veda,* 2.924 (2.7.3.1.2). *Yajur-Veda Branco,* 33.97. Mahīdhara concorda com Sāyaṇa ao atribuir o aumento da força ao *yajamāna*. Ele é mais explícito na aplicação do incitamento a Indra. O termo *viṣṇavi* ele concorda em considerar um epíteto de *made*, difundido através do corpo, ou, diz ele, pode ser um equivalente de *yajña*, em sacrifício.
[12] *Yena yatibhyo dhane hite, yatibhyaḥ* é aqui explicado como: tendo tirado a riqueza dos homens que não ofereciam sacrifícios, ou que deixaram de executar atos sagrados (compare com 5.34.5-8). Ou *yati* pode ter o seu sentido usual, e a passagem pode implicar riqueza dada a Bhṛgu, para o benefício dos sábios, os Aṅgirases.
[13] Ou, 'Aquela tua força com a qual, etc., é realizadora de desejos'.
[14] Os epítetos são pouco aplicáveis a um carro, mas eles são todos plurais masculinos e só podem concordar com *rathāḥ*. *Sāma-Veda,* I.251 e II.712 (1.3.2.1.9 e 2.6.1.6.1).
[15] *Sāma-Veda,* II.713 (2.6.1.6.2).
[16] Literalmente, 'belos', ou seja, os Maruts.
[17] *Sāma-Veda,* I.301 (1.4.1.1.9).
[18] Como um homem cheio de desejo ouve com atenção o que é agradável.

Varga 29. **21**. Uma riqueza como a que Indra e os Maruts me deram Pākasthāman, o filho de Kurayāṇa, concedeu, por si só a mais magnífica de todas, como o (sol) de movimento rápido no céu.
22. Pākasthāman me deu um animal de carga fulvo robusto, o meio de adquirir riquezas.
23. Cuja carga dez outros carregadores (de cargas) (seriam necessários para) transportar, tal como eram os cavalos que levaram Bhujyu para casa.[19]
24. O próprio filho de seu pai, o doador de moradias, o sustentador da força como unguentos (revigorantes), eu celebro Pākasthāman, o destruidor (de inimigos), o despojador (de inimigos), o doador do (cavalo) fulvo.

Índice◄►Hino 4 (Wilson)

623 - Hino 3. Indra (Griffith)

1. Bebe, Indra, do suco saboroso, e te alegra com a nossa dose leitosa. Sê, para o nosso bem-estar, nosso Amigo e compartilhador do banquete, e que a tua sabedoria nos guarde bem.
2. Em tua graça bondosa e benevolência que sejamos fortes continuamente; não nos exponhas ao ataque do inimigo. Com diversos auxílios nos protege e nos socorre e nos conduze à felicidade.

3. Que estas minhas canções de louvor te exaltem, Senhor, que tens riqueza abundante. Homens habilidosos em hinos sagrados, puros, com as cores do fogo,[20] as têm cantado com seus louvores a ti.
4. Ele, com sua força aumentada mil vezes pelos Ṛṣis, tem se espalhado como um oceano. Sua majestade é louvada como verdadeira em ritos solenes, seu poder onde os cantores sagrados governam.

5. Indra para a adoração dos Deuses, Indra, enquanto o sacrifício prossegue, Indra, como adoradores no choque de tropas na batalha, nós chamamos, Indra para que possamos ganhar os despojos.
6. Com poder Indra expandiu o céu e a terra, com poder Indra acendeu o Sol. Em Indra todas as criaturas são mantidas firmemente; nele se reúnem as gotas escorrentes de Soma.

7. Os homens com seus louvores estão te incitando, Indra, a beber o Soma primeiro. Os Ṛbhus[21] ergueram sua voz em harmonia, e os Rudras te proclamaram como o primeiro.
8. Indra aumentou sua força viril no sacrifício, no arrebatamento selvagem desse suco.[22] E os homens vivos hoje, assim como antigamente, cantam seus louvores à sua majestade.

9. Eu almejo de ti aquela força de herói, para que tu possas dar atenção primeiro a esta prece, com a qual tu ajudaste Bhṛgu e os Yatis[23] e Praskaṇva[24] quando o prêmio foi apostado.

[19] Veja 1.116.4.
[20] Ou, radiantes como Agni.
[21] Como Deuses ligados às estações que são reguladas pelo Sol o qual Indra fez brilhar.
[22] ["'Indra aumentou sua força fecundante, na alegria desse *soma*, no sacrifício'. *Viṣṇavi*, a palavra aqui traduzida como 'sacrifício', é o caso locativo de *viṣṇu*. Böhtlingk e Roth acham que a palavra aqui tem esse sentido, porque os *Brāhmaṇas* frequentemente empregam a frase 'Viṣṇu é o sacrifício'. O comentador da *Vājasaneyi Saṃhitā* a explica como 'aquilo que permeia todo o corpo'". – Muir, *O. S. Texts,* IV. 104, nota 87].
[23] Uma antiga tribo de ascetas ligados aos Bhṛgus, e, segundo uma lenda, ditos terem participado da criação do mundo.
[24] Um Ṛṣi, filho de Kaṇva, o vidente de alguns hinos do Livro 1.

10. Com a qual enviaste as grandes águas para o mar, essa, Indra, é a tua força valorosa. Eternamente inatingível é esse poder dele para quem os mundos[25] têm gritado alto.

11. Ajuda-nos, ó Indra, quando oramos a ti por riqueza e força heroica. Primeiro dá força ao homem que se esforça para ganhar, e apoia o nosso louvor, ó Antigo.
12. Auxilia para nós, Indra, como tu ajudaste Paura[26] uma vez, as devoções deste homem concentrado no lucro. Ajuda, como tu deste auxílio a Ruśama e Śyāvaka e Svarṇara e a Kṛpa.[27]

13. Quais as mais novas das preces suplicantes o mortal zeloso deve cantar então? Pois aqueles que louvam a sua força e poder de Indra não ganharam para si mesmos a luz do céu?
14. Quando eles devem guardar a Lei e te louvar entre os Deuses? Quem conta como Ṛṣi e como sábio? Quando alguma vez tu, Indra Maghavan, virás ao chamado do espremedor ou do louvador?

15. Essas nossas canções extremamente doces, esses hinos de louvor ascendem a ti, como carros sempre vencedores que mostram sua força, ganham riqueza e dão auxílio infalível.
16. Os Bhṛgus são como Sóis, como Kaṇvas, e obtiveram tudo aquilo no qual os seus pensamentos estiveram concentrados. Os homens vivos da linhagem de Priyamedha têm cantado exaltando Indra com seus louvores.

17. Melhor matador de Vṛtras, une os teus Corcéis Baios, Indra, de longe. Vem com os Altos[28] para cá, Maghavan, a nós, ó Poderoso, para beber o suco Soma.
18. Pois estes, os bardos e os cantores, têm clamado a ti com prece, para ganhar o sacrifício.[29] Como tal, ó Maghavan, Indra, que amas a canção, assim como um amante, atende ao meu chamado.

19. Tu das planícies elevadas acima, Indra, derrubaste Vṛtra. Tu guiaste as vacas dos traiçoeiros Mṛgaya[30] e Arbuda para fora da prisão da montanha.
20. Brilhantes eram os fogos flamejantes, o Sol emitiu seu brilho, e o Soma, o suco de Indra, brilhou claro. Indra, tu expulsaste o grande Dragão[31] do ar: os homens devem considerar esse ato valoroso.

21. O mais belo corcel de todos, que corre por assim dizer para o céu,
Que Indra e os Maruts deram, e Pākasthāman Kaurayāṇ.[32]
22. Para mim Pākasthāman deu um cavalo vermelho, bom na lança,
Que enche a sua cilha e incita prosperidade;
23. Comparado com o qual nem outros dez corcéis fortes, atrelados à lança,
Levam Tugrya[33] para a sua residência.
24. Traje é corpo, alimento é vida, e pomada cicatrizante dá força,
Como o doador liberal do cavalo vermelho, eu nomeei Pākasthāman o quarto.

Índice◄►Hino 4 (Griffith)

[25] Todos os homens, todas as criaturas vivas.
[26] O filho do rei Puru.
[27] Esses parecem ser príncipes especialmente favorecidos por Indra. Compare com a estrofe 2 do hino seguinte.
[28] Os Maruts.
[29] Para garantir a sua realização apropriada e as bênçãos que resultam dela.
[30] Veja 4.16.13.
[31] Ou Serpente, Ahi.
[32] Kaurayāṇa, o filho de Kurayāṇa. Pākasthāman, cuja generosidade é louvada nas estrofes 21-24, não é mencionado em outra parte.
[33] Bhujyu, filho de Tugra, ['um cliente dos Aśvins, a quem eles resgatam com aves ou cavalos alados – um conto aludido especialmente nos hinos Kakṣīvant (por exemplo, 1.116.3-5, 117.14)'. – Jamison].

---

624 - Hino 4. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

Indra é o deus dos primeiros catorze versos, Pūṣan do décimo quinto e dos três seguintes,[1] e a doação do rei Kuruṅga dos três últimos[2]; o Ṛṣi é Devātithi, da família Kaṇva; a métrica do verso vinte e um é Purauṣṇih, do resto Bṛhatī nas estrofes ímpares e Satobṛhatī nas estrofes pares [bārhata pragāthas].

Varga 30. **1**.[3] Visto que,[4] Indra, tu és invocado pelos povos no leste, no oeste, no norte, no sul, então, excelente Indra, tu tens sido incitado pelos homens em nome do filho de Ānu; assim, vencedor de inimigos, (tu tens sido chamado) em nome de Turvaśa.
2.[5] Visto que, Indra, tu te alegras em companhia de Ruma, Ruśama, Śyāvaka, e Kṛpa, assim os Kaṇvas, portadores de oblações, te atraem com seus louvores, (portanto) vem para cá.

3.[6] Como o gauro sedento corre para a lagoa cheia de água no deserto, assim, (Indra), a nossa afinidade sendo reconhecida, vem rapidamente, e bebe livremente com os Kaṇvas.
4.[7] Opulento Indra, que as gotas de Soma te alegrem, para que possas dar riquezas ao doador da libação; pois tomando-o por roubo[8] (quando não dado), tu bebeste o Soma derramado na concha, e desde aquele tempo tens mantido força preeminente.

5. Por sua força ele tem superado a força (de seus inimigos), ele tem suprimido a ira deles por meio da sua bravura; todos os exércitos hostis[9] têm sido parados como árvores[10] (imóveis por medo), poderoso Indra, por ti.
Varga 31. **6**. Aquele que fez o seu louvor chegar a ti se associa com mil combatentes valentes; aquele que oferece oblações com reverência gera um filho corajoso, o dispersador (de inimigos).

7. (Seguros) na amizade de ti que és terrível, nós não vamos temer, não vamos ser atormentados; grandiosos e gloriosos, derramador (de benefícios), são os teus feitos, como podemos vê-los no caso de Turvaśa, de Yadu.
8. O derramador (de benefícios) com o seu quadril esquerdo cobre (o mundo),[11] nenhum cortador (dele) o enfurece; os deliciosos[12] (sucos Soma) são misturados com o doce mel de abelha; vem rapidamente para cá, te apressa, bebe.

---

[1] ['Os dois pares de versos pragātha (4.15-18) Śākaṭāyana acha que são dirigidos a Pūṣan; Gālava, no entanto, (acha) que os primeiros (15, 16) são dirigidos apenas a Indra, os últimos (17, 18) a Pūṣan'. – *Bṛhaddevatā]*.
[2] [Isto é, dānastuti de Kuruṅga. Veja a lista no Apêndice 1].
[3] *Sāma-Veda,* I.279 (1.3.2.4.7).
[4] Sāyaṇa, em vez de 'visto que' e 'então', tem 'embora' e 'todavia', [veja a versão de Griffith].
[5] Esse e o anterior ocorrem no *Sāma-Veda,* II.282 (2.5.1.13.1-2).
[6] *Ibid*. I.252 (1.3.2.1.10) [e 2.8.3.4.1].
[7] [*Sāma-Veda,* 2.8.3.4.2].
[8] ["O pāda c se refere ao roubo de Indra do soma do seu pai Tvaṣṭar logo após o nascimento – o consumo do qual o tornou imediatamente forte. Veja 3.48.4, etc.". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[9] Ou melhor, 'aqueles que desejam lutar'.
[10] ["A imagem de guerreiros se segurando 'como árvores' pertence mais ao reino retórico dos Maruts, onde todo fenômeno natural se curva diante da tempestade deles (veja 8.7.34). O verso 10c abaixo contém uma outra imagem totalmente inteligível apenas em um contexto de Maruts". – Jamison].
[11] Compare com 3.32.11, onde em vez de 'chamas' deveríamos ler 'quadris', visto que o escoliasta explica *sphigī* em ambos os lugares como *kaṭī*. ['Indra é tão grande que toda a terra cabe sob um de seus quadris'. – Jamison].
[12] *Dhenavaḥ*, literalmente, vacas leiteiras. Soma igualmente agradável é a explicação do comentador. Esse e o anterior ocorrem no *Sāma-Veda,* II.955-6, (2.7.3.17.1,2). (Sāyaṇa diz: misturados com leite doce como mel).

9.[13] Aquele que é teu amigo, Indra, é realmente dono de cavalos, de carros, de gado, e tem forma agradável; ele sempre é suprido com riquezas que abrangem alimentos,[14] e, encantando a todos, ele entra em uma assembleia.
10. Vem como um cervo sedento para o bebedouro, bebe à vontade do Soma, daí, impelindo as nuvens diariamente, tu sustentas, Maghavan, a força mais vigorosa.

Varga 32. **11**.[15] Rapidamente, sacerdote, derrama o Soma, pois Indra está com sede; realmente ele atrelou seus corcéis vigorosos, o matador de Vṛtra chegou.
12. O homem que é o doador (da oblação), ele com (o presente de cuja) libação tu ficas satisfeito, possui compreensão de si mesmo; este teu alimento adequado está pronto; vem, apressa-te, bebe dele.

13. Derramem, sacerdotes, a libação de Soma para Indra em sua carruagem; as pedras, colocadas em suas bases,[16] são vistas derramando o Soma para o sacrifício do oferecedor.
14. Que os seus cavalos vigorosos, atravessando repetidamente o firmamento, tragam Indra para os nossos ritos; que os teus corcéis, gloriosos através do sacrifício,[17] te tragam para cá de fato para os cerimoniais (diários).

15. Nós recorremos ao opulento Pūṣan[18] por sua aliança; que tu, Śakra, o adorado por muitos, o que liberta (da iniquidade), nos permitas adquirir pela nossa inteligência riqueza e vitória.
Varga 33. **16**. Afia-nos como uma navalha nas mãos (de um barbeiro); nos concede riquezas, o que liberta (da iniquidade), a fartura de gado facilmente obtida por nós de ti, riqueza tal como a que tu concedes ao mortal (piedoso).

17. Eu desejo, Pūṣan, te propiciar; eu desejo, deus ilustre, te glorificar; eu não desejo (oferecer) louvor displicente a nenhum outro; (concede riquezas), dador de riquezas, àquele que te louva, te elogia e te glorifica.[19]
18. Ilustre (Pūṣan), o meu gado sai de vez em quando para o pasto,[20] que aquela fartura (de rebanhos), deus imortal, seja permanente; sendo meu protetor, Pūṣan, sê o concessor de felicidade, sê o mais generoso em conceder alimentos.

19. Nós reconhecemos a riqueza substancial (da doação) de cem cavalos, a doação feita a nós entre os homens nas solenidades sagradas do ilustre e auspicioso rei Kuruṅga.
20. Eu, o Ṛṣi, (Devātithi,) recebi posteriormente a doação completa: os sessenta mil rebanhos de gado puro merecidos pelas devoções do piedoso filho de Kaṇva, e pelos ilustres Priyamedhas.

---

[13] *Sāma-Veda,* I.277 (1.3.2.4.5).
[14] Ou melhor, 'alimentos associados à riqueza'.
[15] *Sāma-Veda,* I.308 (1.4.1.2.6).
[16] *Adhi bradhnasya adrayaḥ mūlasya upari,* sobre a raiz ou base; é dito que essa é uma placa de pedra larga colocada sobre uma pele, e chamada de *upara*.
[17] De acordo com Sāyaṇa, *adhvaraśriyaḥ* significa 'que frequentam sacrifícios'.
[18] Pūṣan pode ser aqui um nome de Indra.
[19] *Stuṣe pajrāya sāmne*, o segundo é explicado como 'ao libertador (colecionador?) de louvores', ou pode ser um nome próprio, o de Kakṣīvat, veja 1.116.7 e 117.6. *Sāman** é interpretado como *stotram*, o possessivo *vat* estando subentendido, *stotravate*, para um louvador; *dhanam dehi* é necessário para preencher a elipse.
[Veja a versão de Griffith].
[*'Roth vê um Pajra chamado Sāman. Isso é incerto, mas em qualquer caso um Pajra parece claramente aludido. Em outros lugares, é muito duvidoso se a palavra é um nome próprio em absoluto. No *Śātyāyana* os Pajras são declarados serem Aṅgirases' – *Vedic Index of Names and Subjects*].
[*'Pajra Sāman produz a sua própria *dānastuti* em 8.6.47, e o nosso poeta parece estar negando qualquer interesse nos ganhos de Pajra e declarando ser o dever de Pajra compor os seus próprios agradecimentos por isso'. – Jamison].
[20] [Veja a versão de Griffith e a nota 34].

21. Após a aceitação dessa doação para mim, as próprias árvores exclamaram: (Vejam, estes Ṛṣis) adquiriram excelentes vacas, excelentes cavalos.[21]

Índice◄►Hino 5 (Wilson)

---

624 - Hino 4. Indra (Griffith)

1. Embora, Indra, tu sejas chamado por homens no leste e no oeste, norte e sul, tu estás principalmente com Ānava[22] e Turvaśa, bravo Campeão! incitado pelos homens a vir.
2. Ou, Indra, quando com Ruma, Ruśama, Śyāvaka e Kṛpa[23] tu te regozijas, ainda assim os Kaṇvas, trazendo louvores, com suas preces, ó Indra, te atraem para cá: vem.

3. Assim como o touro selvagem,[24] quando ele tem sede, vai à lagoa cheia de água do deserto, vem aqui rapidamente de manhã e à noite, e com os Kaṇvas bebe até te saciares.
4. Que as gotas te alegrem, rico Indra, e obtenham recompensa para aquele que derrama o suco. Soma espremido no pilão tu pegaste e bebeste, e daí ganhaste poder insuperável.

5. Com Força mais poderosa ele venceu a força, com energia ele suprimiu a ira deles.[25] Ó Indra, Forte em juventude, todos aqueles que procuraram a luta se curvaram e se prostraram a ti como árvores.[26]
6. Aquele que ganha a promessa do teu auxílio segue cercado como com mil homens de guerra poderosos. Ele torna seu filho o mais proeminente em poder de herói; ele serve com prece reverente.

7. Contigo, o Poderoso, como nosso Amigo, nós não temeremos ou sentiremos fadiga. Que possamos ver Turvaśa e Yadu:[27] a tua grande obra, ó Herói, deve ser glorificada.
8. Sobre o seu quadril esquerdo o Herói se reclinou; o banquete oferecido não o ofende. O leite é misturado com o mel de abelha; vem rapidamente, apressa-te e bebe.

9. Indra, teu amigo[28] é de forma bela e rico em cavalos, carros e vacas. Ele sempre tem alimento acompanhado de riqueza, e junta-se radiante à companhia.[29]
10. Vem como um antílope sedento para o bebedouro, bebe Soma como quiseres. Derramando-o,[30] ó Maghavan, dia após dia, tu ganhas tua força insuperável.

11. Sacerdote, deixe o suco Soma fluir, pois Indra anseia beber dele. Ele agora mesmo atrelou os seus vigorosos Cavalos Baios: o matador de Vṛtra se aproxima.
12. O homem com quem tu te sacias com Soma se considera um adorador devotado. Esse teu alimento adequado é aqui derramado para ti; vem, corre, bebe dele.

---

[21] *Gām bhajanta mehanā aśvam bhajanta mehanā,* o atributivo é explicado como 'louvável ou excelente'; ou outro sentido é dado, derivado de uma etimologia fantasiosa, 'de mim aqui não', isto é, diz o comentador, todas as pessoas, com as árvores em sua dianteira, dizem: um presente como este que agora foi dado nunca foi dado a mim.
[22] Descendente do epônimo Anu.
[23] Os últimos três foram mencionados na estrofe 12 do hino anterior. Ruma era outro dos favoritos de Indra.
[24] Ou Gauro (Bos Gaurus) [bisão-indiano], um tipo de búfalo.
[25] [Isto é, 'dos seus inimigos'. – Wilson].
[26] [Veja a nota 10].
[27] 'Desfrutando de felicidade pela tua graça'. – Sāyaṇa.
["Em minha opinião o pāda c expressa o desejo de que Indra em pouco tempo execute uma grande ação que possamos testemunhar, ao invés da noção branda habitual de que desejamos celebrar os seus grandes feitos anteriores. Já que Indra ajuda regularmente Turvaśa e Yadu (por exemplo, 1.54.6), nós podemos desejar vê-los porque sob aquelas circunstâncias provavelmente encontraremos Indra fazendo tais atos". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[28] O homem a quem tu favoreces.
[29] À assembleia dos seus iguais.
[30] Despejando o Soma transformado na forma de chuva.

13. Espremam o suco Soma, ó sacerdotes, para Indra trazido em seu carro. As pedras de espremer falam alto sobre Indra, enquanto elas derramam o suco que, oferecido, honra a ele.
14. Para o suco marrom que os seus preciosos Corcéis Baios vigorosos tragam Indra, para a nossa tarefa sagrada. Para cá que os teus Corcéis de Carro que procuram o sacrifício te tragam para as nossas libações.

15. Pūṣan,[31] o Senhor de vasta riqueza, para aliança firme nós escolhemos. Que ele com sabedoria, Śakra! Soltador![32] Invocado por muitos! nos ajude por riquezas e semente.
16. Afia-nos como uma navalha nas mãos do barbeiro; envia riquezas, tu que libertas. Fáceis de encontrar contigo são os tesouros da Aurora para o homem mortal a quem tu ajudas.

17. Pūṣan, eu almejo ganhar o teu amor, eu almejo te louvar, Deus Radiante. Senhor excelente, isso é estranho para mim, eu não tenho nenhum desejo de cantar o salmo que Pajra[33] canta.
18. As minhas vacas, ó Deus Radiante, procuram o pasto para onde elas vão, a minha riqueza duradoura, Imortal. Sê nosso protetor, Pūṣan! sê, Senhor generosíssimo, propício à nossa reunião de força.[34]

19. Rico foi o presente que Kuruṅga[35] deu, cem cavalos em ritos matinais. Entre os presentes de Turvaśas nós pensamos nele, o opulento, o Rei esplêndido.
20. O que por suas canções matinais Kaṇva, o poderoso, com os Priyamedhas, ganhou – os rebanhos de sessenta mil vacas puras e imaculadas,[36] eu, o Ṛṣi, conduzi para longe.

21. As próprias árvores ficaram alegres na minha chegada; vacas elas obtiveram em abundância, cavalos em abundância.

Índice◄►Hino 5 (Griffith)

---

625 - Hino 5. Aśvins (Wilson)

(Adhyāya 8. Continuação do Anuvāka 1. Sūkta V)

Os deuses são os Aśvins, exceto na segunda metade do trigésimo sétimo e nos dois últimos versos, que celebram a doação de Kaśu, filho de Cedi, e cuja doação é a divindade [dānastuti]. O Ṛṣi é Brahmātithi da linhagem de Kaṇva; a métrica dos primeiros trinta e seis versos é Gāyatrī, dos dois seguintes, Bṛhatī, e do último, Anuṣṭubh.[1]

Varga 1. **1**.[2] Quando a aurora brilhante, avançando para cá de longe, clareia (todas as coisas), ela espalha luz por todos os lados.

---

31 Pode aqui ser um nome de Indra.
32 Dos cavalos de carruagem quando tu chegas aos sacrifícios; ou, segundo Sāyaṇa, libertador (do pecado).
33 Um dos Prajas, uma célebre família sacerdotal, com quem os Kaṇvas parecem ter estado em termos hostis. [Veja a nota 19 *].
34 ["Aqui o cantor parece estar separando implicitamente as suas próprias vacas (recém-adquiridas) das estranhas de Pajra mencionadas em 17 (*nityam rekṇaḥ* 'o nosso próprio legado' 18b, *áraṇaṃ hi tad* 'pois isso é estranho' 17c) e conduzindo-as a uma pastagem diferente. Para a condução veja o verso 20". – Jamison].
35 O nome desse príncipe não ocorre novamente.
36 Eu sigo a interpretação de Sāyaṇa de *nirmajām*, mas a sua correção é no mínimo duvidosa. Von Roth sugere 'para o bebedouro' como o significado da palavra, e Ludwig 'para que nenhuma ficasse para trás'.

1 [Há uma lista das dānastutis ou 'louvores à generosidade' no Apêndice 1. O hino está organizado em tṛcas].
2 [*Sāma-Veda,* 1.3.1.3.6].

2. E vocês, Aśvins, de aspecto agradável, acompanham a aurora como líderes com sua carruagem poderosa atrelada a um pensamento.
3. Por vocês, afluentes em sacrifícios, que os nossos louvores sejam respectivamente aceitos; eu levo as palavras (do adorador) como um mensageiro (para vocês).

4. Nós, Kaṇvas, louvamos para nossa proteção os Aśvins amados por muitos, os que encantam a muitos, copiosos em riquezas,
5. Adorabilíssimos concessores de força, distribuidores de alimento, senhores da opulência, viajantes para a residência do doador (da oblação).
Varga 2. **6**. Borrifem bem com água a pastagem pura infalível (do seu gado) para o devoto doador (da oblação).

7. Venham, Aśvins, à nossa adoração, acelerando rapidamente com seus cavalos rápidos como falcões,
8. Com os quais em três dias e três noites vocês atravessam de longe todas as (constelações) brilhantes.
9. Portadores do dia, (deem) a nós alimentos com gado, ou doações de riquezas; e fechem o caminho (contra a agressão) para os nossos ganhos.[3]

10. Tragam para nós, Aśvins, riquezas abrangendo gado, prole masculina, carros, cavalos, alimentos.
Varga 3. **11**. Senhores magníficos de boa fortuna,[4] belos Aśvins, que andam em uma carruagem dourada, bebam a doce bebida Soma.
12. Ricos em sacrifícios, concedam a nós que somos opulentos (em oblações) uma habitação espaçosa inatacável.

13. Que vocês, que sempre protegem cuidadosamente o Brahman entre os homens,[5] venham depressa; não se demorem com outros (adoradores).
14. Aśvins adoráveis, bebam desta (bebida Soma) estimulante, deliciosa e doce oferecida por nós.
15. Tragam para nós riquezas às centenas e aos milhares, desejadas por muitos,[6] que sustentem a todos.

Varga 4. **16**. Líderes (de ritos), homens sábios os adoram em muitos lugares, venham a nós com seus corcéis.
17. Homens que carregam a grama sagrada cortada, oferecem oblações, e cumprem totalmente (as suas funções), os adoram, Aśvins.
18. Que este nosso louvor hoje seja transmitido com sucesso a vocês, Aśvins, e seja o mais próximo a vocês.

19. Bebam, Aśvins, do odre (cheio) com o doce (suco Soma), que está suspenso à visão do seu carro.
20. Afluentes em oblações, tragam para nós alimento abundante com aquela (carruagem), de modo que possa haver prosperidade em cavalos, descendência e gado.
Varga 5. **21**. Portadores do dia, vocês derramam sobre nós pela porta (aberta das nuvens) as águas do céu, ou (com elas enchem) os rios.

---

[3] *Vi pathaḥ sātaye sitam* é explicado [como no texto], ou *vi* pode inverter o sentido de *sitam* e significar aberto: abre ou nos mostra os caminhos do lucro.
[4] Ou 'senhores de ornamentos brilhantes', ou 'da água'.
[5] *Brahma janānām yā aviṣṭam;* uma explicação do primeiro é *Brāhmaṇa-jātim*, a casta brâmane; outra é dada: 'o grande louvor ou alimento sacrifical'.
[6] Literalmente, 'para serem elogiadas por muitos'; ou pode significar 'que deem um lar para muitos'. Benfey o explica como 'muitos pratos de comida'.

22. Quando o filho de Tugra, lançado no oceano, os glorificou, líderes (de ritos), quando então o seu carro e cavalos desceram?
23. Para Kaṇva, quando cegado (pelos Asuras) na residência dele[7] vocês prestaram, Nāsatyas,[8] auxílio eficaz.
24. Ricos em chuvas, venham com as suas proteções mais novas e mais excelentes quando eu os invoco.[9]

25. Do mesmo modo que vocês protegeram Kaṇva, Priyamedha, Upastuta, e Atri o repetidor de louvor,[10]
Varga 6. **26**. E da mesma forma que (vocês protegeram) Aṃśu quando a riqueza era para ser concedida, e Agastya quando o gado dele (devia ser recuperado), e Sobhari quando alimento (era para ser fornecido a ele),
27. Assim, louvando-os, Aśvins, ricos em chuvas, nós pedimos de vocês felicidade tão grande ou maior do que aquela (que eles obtiveram).

28. Subam, Aśvins, em sua carruagem que toca o céu com um assento dourado e rédeas douradas.
29. Dourado é o seu mastro de suporte, dourado o eixo, douradas ambas as rodas.
30. Venham a nós, ricos em sacrifícios, de longe, venham a esta minha adoração.

Varga 7. **31**. Imortais Aśvins, destruidores das cidades dos Dāsas,[11] tragam para nós alimento de longe.
32. Venham a nós, Aśvins, com alimentos, com fama, com riquezas, Nāsatyas, alegradores de muitos.
33. Que os seus (cavalos) lustrosos, alados, velozes os tragam à presença do homem que oferece sacrifício sagrado.

34. Nenhuma força hostil detém aquele seu carro que é louvado com hinos[12] (pelos devotos), e que é carregado de alimentos.
35. Rápidos como o pensamento, Nāsatyas, (venham) com sua carruagem dourada puxada por cavalos rápidos.
Varga 8. **36**. Ricos em chuvas, provem o vigilante Soma desejável, combinem para nós riquezas com alimentos.

37. Fiquem informados, Aśvins, dos meus presentes recentes: como Kaśu, filho de Cedi, me presenteou com cem camelos e dez mil vacas,
38. O filho de Cedi, que me deu como servos dez reis[13] brilhantes como ouro - pois todos os homens estão sob os pés dele - todos aqueles ao redor dele usam couraças de couro.[14]
39. Ninguém procede por aquele caminho que os Cedis seguem, nenhum outro homem piedoso como um benfeitor mais generoso (favorece aqueles que o elogiam).

---

[7] Veja 1.118.7.
[8] O comentador cita Yāska para uma etimologia incomum desse título dos Aśvins, que geralmente é explicado como 'aqueles nos quais não há inverdade'; aqui um significado é dito ser 'nascidos do nariz'.
[9] [Veja a tradução desse verso por Muir na nota 26].
[10] [Veja a nota 27].
[11] *Pūrvīr aśnantau dāsīḥ,* a primeira palavra é traduzida como *purīḥ*, ou *bahvīḥ*, muitos. (No último sentido, o trecho é explicado como 'tirando muito alimento do inimigo, o tragam para nós').
[12] [Veja a nota 32].
[13] Tendo capturado esses reis em batalha, ele os dá a mim submetidos à servidão.
[14] *Carmamnāḥ* é explicado como 'experientes em usar armadura de couro', ou 'hábeis em manejar veículos, cavalos e semelhantes na guerra'.
[Sob os pés dele estão todos os homens 'curtidores de couro', segundo Jamison. Que observa: "'Curtidores de couro' *(carmamnāḥ)* deve ser um modo de indicar que, em comparação com Kaśu, todos os homens em volta não são melhores do que curtidores. Mas talvez haja apenas um sopro de sugestão de que Kaśu tem vacas suficientes para fornecer trabalho para muitos curtidores – e, portanto, ele deve ser mais generoso com essas vacas para com o seu poeta". – *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].

625 - Hino 5. Aśvins (Griffith)

1. Quando, assim como se estivesse presente aqui, a Aurora vermelha brilha ao longe, ela difunde luz por todos os lados.
2. Como Heróis em seu carro muito brilhante atrelado pela vontade, Taumaturgos! vocês acompanham, ó Aśvins, a Aurora.
3. Por vocês, ó Senhores de ampla riqueza,[15] os nossos cânticos de louvor têm sido observados; como enviado[16] eu trouxe a prece.

4. Os Kaṇvas devem louvar[17] os Aśvins estimados por muitos, que alegram a muitos,
Os mais ricos, para que eles possam nos socorrer.
5. Generosíssimos, os melhores em ganhar força, instigadores, Senhores do esplendor que visitam a residência do adorador.
6. Assim, para o devoto Sudeva orvalhem com gordura[18] a sua campina inesgotável,
E a tornem rica para o sacrifício.

7. Correndo para cá rapidamente com cavalos, como com falcões velozes,
Venham, Aśvins, para o nosso canto de louvor,
8. Com os quais as três grandes distâncias, e todas as luzes que estão no céu,
Vocês atravessam, e três vezes à noite.[19]
9. Ó descobridores do dia, para que possamos obter alimento das vacas e riquezas,
Abram os caminhos para nós trilharmos.

10. Ó Aśvins, nos tragam fartura de vacas, de heróis nobres, e de carros;
Tragam-nos a força que os cavalos dão.
11. Ó senhores do esplendor, glorificados, ó Fazedores de Milagres conduzidos em caminhos de ouro, bebam doces[20] com suco Soma.
12. Para nós, ó Senhores de riqueza abundante, e para os nossos chefes ricos estendam Amplo abrigo, inatacável.

13. Desçam rapidamente para a prece das pessoas a quem vocês mais favorecem;
Não se aproximem de outro povo.
14. Ó Aśvins a quem as nossas mentes percebem, bebam dessa dose adorável e que alegra, o hidromel que lhes oferecemos.
15. Tragam riquezas aqui para nós às centenas e aos milhares, fontes
De alimento abundante, que sustentem a todos.

16. Realmente os sábios os invocam, ó Heróis, em muitos lugares.
Incitados pelos sacerdotes,[21] ó Aśvins, venham.
17. Os homens que têm cortado a grama sagrada, trazendo oblações e preparados,
Ó Aśvins, estão invocando vocês.

---

15 'Afluentes nos sacrifícios'. – Wilson. Veja 5.74.6.
16 Como o mensageiro do patrocinador do sacrifício.
17 ["'O poeta, que é ele próprio um Kāṇva, comunica aos seus companheiros Kāṇvas que ele está invocando os Aśvins 'para *nos* ajudar'". – Jamison].
18 [*Ghṛta*, ghee, fertilidade, abundância].
19 *Yāmas*, quartos de noite de três horas cada.
['Uma tradução melhor pode ser: 'vocês voam em torno das três grandes distâncias (e? de) todos os reinos luminosos do céu *por* ou *durante* três noites'. – Jamison].
20 Ou hidromel, *madhu;* aqui, talvez, o leite. – Ludwig.
21 *Vāghadbhiḥ;* segundo Sāyaṇa, com cavalos.

18. Que esse nosso hino de louvor hoje, o mais poderoso para trazê-los, seja,
Ó Aśvins, o mais próximo dos seus corações.[22]

19. O odre repleto de hidromel saboroso, colocado no caminho do seu carro,
Ó Aśvins, bebam vocês dois dele.[23]
20. Por isso, ó senhores de vasta riqueza, tragam bênçãos para o nosso rebanho, nossas vacas, nossa progênie, e alimento abundante.
21. Vocês também abrem para nós como portas as águas fortalecedoras do céu,
E os rios, vocês que encontram o dia.

22. Quando o filho de Tugra[24] os serviu, Homens? Abandonado no mar,
Para que com cavalos alados o seu carro pudesse voar.
23. Vocês, ó Nāsatyas, atenderam Kaṇva[25] com auxílio repetido,
Quando lançado na cova aquecida.
24. Aproximem-se com aquelas ajudas mais recentes de vocês que merecem louvor,
Quando eu os invoco, Deuses Ricos.[26]

25. Como vocês protegeram Kaṇva antigamente, Priyamedha e Upastuta,
Atri, Śiñjāra,[27] Dois Aśvins!
26. E Aṃśu[28] na luta decisiva, Agastya[29] na luta por vacas,
E, em suas batalhas, Sobhari,[30]
27. Por tanta felicidade, ou até mais, ó Aśvins, Deuses Ricos, do que isso,
Nós oramos enquanto cantamos hinos a vocês.

28. Subam em seu carro de assento dourado, ó Aśvins, e com rédeas de ouro,
Que chega até o céu.
29. Dourado é o seu mastro de apoio, o eixo é igualmente de ouro,
E ambas as rodas são feitas de ouro.
30. Nele, ó Senhores de ampla riqueza, venham a nós, mesmo de longe,
Venham para este meu louvor.

31. De longe venham a nós, Aśvins, desfrutando de alimento abundante
Dos Dāsas,[31] ó Imortais.
32. Com esplendor, riqueza e fama, ó Aśvins, venham aqui até nós,
Nāsatyas, brilhando intensamente.
33. Que cavalos malhados, corcéis que voam com asas, os tragam para cá,
Para as pessoas peritas em sacrifício.

---

[22] ['Que este nosso hino se aproxime bem de vocês, ó Aśvins, e seja eficaz em trazê-los para cá'. – Muir, *O. S. Texts,* III. 243].
[23] Os Aśvins parecem ser convidados a pararem e beberem as libações preparadas para eles por seus adoradores, e não, como Sāyaṇa explica, beber do odre pendurado em seu próprio carro. – Ludwig.
[24] Bhujyu, cujo salvamento pelos Aśvins tem sido relatado e mencionado frequentemente. O significado é: eu não os honro só quando estou em desgraça, como fizeram os outros a quem vocês ajudaram.
[25] Veja 1.112.5 e 118.7.
[26] O significado de *vṛṣaṇvasū* é incerto; 'ricos em chuvas' é a explicação de Sāyaṇa, e 'excelentes como bois' a do professor Ludwig. Eu sigo von Roth, mas a sua interpretação é conjetural.
[Muir traduz: 'Venham com aqueles mesmos auxílios, visto que eu os invoco, (deuses) generosos, com novos louvores'. – *O. S. Texts,* III. 228].
[27] Sāyaṇa toma *śiñjāra* como um epíteto de Atri, 'o que repete louvores'. Kaṇva, Priyamedha, Upastuta e Atri foram mencionados no Livro 1.
[28] Um adorador assim chamado. – Sāyaṇa.
[29] Aparece em 1.117.11, onde é dito que ele era o sacerdote da família de Khela. O grande Ṛṣi Agastya é o vidente dos Hinos 166-191 do Livro 1. Veja também 7.33.10.
[30] Um Ṛṣi, o vidente dos Hinos 19-22 deste Livro.
[31] O significado parece ser que mesmo muito longe no leste os Dāsas ou habitantes não-arianos sacrificam para os Aśvins. Sāyaṇa explica a estrofe de modo diferente [veja a versão de Wilson].

34. A roda não atrasa aquele seu carro, acompanhado por música,[32]
Que vem com grande quantidade de alimento.
35. Conduzidos naquela carruagem feita de ouro, com corcéis de pés muito velozes,
Venham, ó Nāsatyas, rápidos como o pensamento.
36. Ó Deuses Ricos, vocês provam e encontram o bom animal selvagem rápido e vigilante.[33] Associem riqueza com alimentos para nós.

37. Como tais, ó Aśvins, encontrem para mim a minha parte dos presentes recém-oferecidos, como Kaśu, o filho de Cedi, me deu cem cabeças de búfalos,[34] e dez mil vacas.
38.[35] Aquele que me deu como meus Dez Reis, como ouro para a visão. Aos pés de Caidya estão todos os povos ao redor, todos aqueles que pensam no escudo.[36]
39. Nenhum homem, nem ninguém, segue o caminho no qual os Cedis andam. Nenhum outro príncipe, nenhum povo é considerado mais generoso do que eles em doações.

Índice◄►Hino 6 (Griffith)

---

626 - Hino 6. Indra (Wilson)[1]

(Anuvāka 2. Continuação do Adhyāya 8. Sūkta I)

A divindade é Indra, exceto no último terceto,[2] no qual é a doação de Tirindira, filho de Paraśu [Parśu, isto é, mais uma dānastuti]; o Ṛṣi é Vatsa, filho de Kaṇva; a métrica é Gāyatrī.[3]

Varga 9. **1**.[4] Indra, que é formidável em poder como Parjanya o distribuidor de chuva, é glorificado pelos louvores de Vatsa.
2.[5] Quando os seus corcéis[6] enchendo (os céus) levam adiante a progênie do sacrifício,[7] então os piedosos (o magnificam) com os hinos do rito.
3.[8] Quando os Kaṇvas por seus louvores fazem de Indra o realizador do sacrifício, eles declaram que todas as armas são desnecessárias.[9]

---

[32] [‛Eu penso que o carro está seguindo a canção, em outras palavras, ele está fazendo o seu caminho até a área do ritual, atraído pela música que está sendo cantada lá. ... O ponto do *pāda* c parece ser que a roda não bate contra o carro não importa o quão rápido ele se mova. Tal batida presumivelmente seria um problema com as rodas que não estariam presas firmemente ao seu eixo e bem equilibradas, então a carruagem dos Aśvins é, não surpreendentemente, bem construída. – Jamison].
[33] Segundo Sāyaṇa o ‛animal selvagem vigilante’ é o Soma que deve ser caçado ou procurado pelos Deuses. Ludwig leria *svapatho*, com um significado transitivo e causal, em vez de *svadatho*, isto é, vocês quando aparecem de manhã *mandam dormir* os animais selvagens que ficaram acordados a noite inteira; a estrofe é obscura.
[34] Ou camelos.
[35] Esta estrofe parece ser falada por Kaśu que é chamado de Caidya ou filho de Cedi.
[36] Que são experientes em usar armadura de couro, de acordo com Sāyaṇa.

[1] [Aqui começa o segundo grupo de hinos (6-11) nesse Maṇḍala, nos quais o vidente Vatsa é mencionado].
[2] [“(Na estrofe) que contém (a palavra) ‛antigo’* (*pratna*, 8.6.30), Śākapūṇi, assim como Mudgala, filho de Bhṛmyaśva, pensa que Agni Vaiśvānara é louvado. *Os versos 11 e 30 contêm a palavra, mas isso só pode ser referir ao último”. – *Bṛhaddevatā].*
[3] [O hino está organizado em tṛcas].
[4] *Sāma-Veda*, II.657 (2.5.2.10.1). *Yajur-Veda Branco,* 7.40.
[5] *Sāma-Veda,* II.659 (2.5.2.10.3).
[6] O texto tem *vahnayaḥ*, interpretado como *vāhakāḥ aśvāḥ*.
[7] Ou seja, Indra (compare com o v. 28).
[8] *Sāma-Veda,* II.658 (2.5.2.10.2).
[9] *Jāmi bruvate āyudham*. *Āyudham* pode implicar Indra, quando *jāmi*, significando *jāmim,* terá o seu sentido usual, ‛parente’: eles chamam Indra que porta armas, irmão. [“Em 3c os louvores dos Kaṇvas são chamados de sua ‛arma familiar’”. – Jamison].

4.[10] Todas as pessoas, (todos) os homens se curvam diante da sua ira, como rios (se inclinam) para o mar.
5.[11] O seu poder é evidente, pois Indra dobra e desdobra o céu e a terra, como (alguém estende ou enrola) uma pele.
Varga 10. **6**.[12] Ele partiu com o raio poderoso de cem gumes a cabeça do turbulento Vṛtra.

7. Na frente dos adoradores nós proferimos os nossos louvores repetidamente, radiantes como a chama do fogo.
8. Os louvores que são oferecidos em segredo resplandecem brilhantemente quando se aproximam (de Indra) por sua própria vontade; os Kaṇvas (os combinam) com o fluxo do Soma.
9. Que possamos obter, Indra, aquela riqueza que abrange gado, cavalos e alimentos, antes de ela ser conhecida por outros.[13]

10.[14] Eu realmente obtive a graça do verdadeiro protetor (Indra); eu me tornei (brilhante) como o sol.
Varga 11. **11**.[15] Eu enfeito as minhas palavras com louvor antigo, como Kaṇva; pelas quais Indra certamente dispõe de vigor.
12.[16] Entre aqueles que não te louvam, Indra, em meio aos Ṛṣis que te louvam, por meu louvor sendo glorificado, que tu cresças.

13. Quando a sua ira trovejou, dividindo Vṛtra junta por junta, então ele impeliu as águas para o oceano.
14. Tu lançaste o teu raio empunhado sobre o ímpio Śuṣṇa; tu és famoso, feroz Indra, como o derramador (de benefícios).
15. Nem os céus, nem os reinos do firmamento, nem as regiões da terra,[17] se igualam ao trovejante Indra em força.

Varga 12. **16**. Tu, Indra, lançaste nos rios correntes aquele que estava obstruindo as tuas águas copiosas.
17. Tu envolveste com escuridão, Indra, aquele que tinha se apoderado desses vastos e reunidos (reinos do) céu e terra.
18. Entre aqueles sábios piedosos,[18] em meio a esses Bhṛgus, que têm te glorificado, ouve também, feroz Indra, a minha invocação.

19.[19] Estas, as tuas vacas malhadas, as nutridoras do sacrifício, produzem, Indra, a sua manteiga, e esta mistura (de leite e coalhada).[20]
20. Este gado prolífico ficou fecundo, tendo tomado em suas bocas, Indra, (os produtos do teu vigor)[21] como o sol que a todos sustenta.

---

[10] *Sāma-Veda,* I.137 (1.2.1.5.3).
[11] *Ibid*. I.182 (1.2.2.4.8).
[12] *Ibid*. II.1002 (2.8.1.13.2).
[13] Ou melhor, 'de modo que a conheçamos'..., isto é, que a ganhemos antes dos outros. Compare com 8.1.3.
[14] *Ibid*. I.152; II.850 (1.2.2.1.8; 2.7.1.5.1).
[15] *Ibid*. II.850 (2.7.1.5.2), lendo *janmanā* em vez de *manmanā*.
[16] *Sāma-Veda*, II.852 (2.7.1.5.3).
[17] O texto tem apenas os nomes reais, mas no plural – os céus, os firmamentos, as terras, *na dyāvo, na antarikṣāṇi, na bhūmayaḥ;* veja 2.27.8.
[18] Sāyaṇa acrescenta, 'os Aṅgirasas'.
[19] *Sāma-Veda,* I.187 (1 2.2.5.3).
[20] Ou melhor, 'leite para misturar (com o Soma)'.
[21] O texto tem *tvā āsā garbham acakriran*, 'a ti com a boca o embrião eles fizeram'. [Veja a nota 41]. De acordo com o escoliasta, as plantas que surgiram após a destruição de Vṛtra e a consequente queda de chuva, eram o vigor *(vīrya)* de Indra, e, por se alimentarem delas o gado se multiplica. (Sāyaṇa cita uma lenda da *Kāṭhaka Saṃhitā*, cap. 36, no sentido de que, depois que Indra matou Vṛtra, a sua virilidade *(vīrya)* passou para as águas, plantas e árvores). A aplicação do símile não é muito evidente, *pari dharmeva sūryam*, como os raios do sol geram a água sustentadora acima do orbe

Varga 13. **21**. Senhor da força, os Kaṇvas realmente te revigoram por louvor; os sucos Soma derramados te (revigoram).

22. Indra, manejador do raio, louvor excelente (é dirigido a ti) por conta da tua boa orientação, como é o sacrifício mais prolongado.
23. Fica disposto a nos conceder alimento abundante com gado; (dá-nos) proteção, progênie e vigor.
24. Que aquela tropa de cavalos velozes, que antigamente brilhava entre o povo de Nahuṣa, (seja concedida), Indra, a nós.

25. Sábio Indra, tu distribuis (o gado) sobre os pastos adjacentes quando estás favoravelmente inclinado em relação a nós.
Varga 14. **26**. Quando empregas a tua força, tu reinas, Indra, sobre a humanidade; tu és insuperável, e ilimitado em força.
27. As pessoas que oferecem oblações invocam a ti, o que permeia o espaço, com libações em busca de proteção.

28. O sábio[22] (Indra) foi gerado pelos ritos sagrados sobre as beiras das montanhas, na confluência dos rios.
29. Da região alta na qual ele habita permeando, Indra o inteligente olha para baixo para a libação oferecida.[23]
30.[24] Então, (os homens) contemplam a luz diária do antigo derramador de água,[25] quando ele brilha acima do céu.

Varga 15. **31**. Todos os Kaṇvas, Indra, glorificam a tua sabedoria, a tua coragem e, poderosíssimo, a tua força.
32. Sê propiciado, Indra, por este meu louvor; me protege cuidadosamente, e dá aumento à minha compreensão.
33. Manejador do raio, exaltado (pelos nossos louvores), nós teus servos te oferecemos estas preces pela nossa existência.

34. Os Kaṇvas glorificam Indra; como águas descendo um declive, o louvor procura Indra espontaneamente.
35. Louvores sagrados magnificam Indra, o imperecível, o implacável,[26] como rios (aumentam) o oceano.
Varga 16. **36**. Vem a nós de longe com teus amados cavalos; bebe, Indra, esta libação.

37. Destruidor de Vṛtra, os homens, espalhando a grama sagrada cortada, te invocam para a obtenção de alimentos.
38. O céu e a terra te seguem como as rodas (de uma carruagem seguem) o cavalo; os rios de Soma derramados (pelos sacerdotes te) seguem.

---

solar, como se fosse o germe ou embrião de todas as coisas; ou a comparação pode ser, como o sol sustenta o mundo inteiro, desse modo a energia de Indra é a sustentadora do universo.

[22] O texto tem apenas *vipra*, o sábio. Sāyaṇa adiciona Indra. Mahīdhara, *(Yajur-Veda Branco,* 26.15) compreende *medhāvī somah.* Ele também interpreta *dhiyā* inferindo: o Soma é produzido pelo pensamento de que homens sábios irão realizar sacrifício para mim. A conclusão de Sāyaṇa do significado do verso de Sāyaṇa é que os homens devem sacrificar nos lugares onde é dito que Indra está manifestado. Veja também *Sāma-Veda,* I.143 (1.2.1.5.9).

[23] *Samudram*, o oceano: o comentário o explica aqui como *samundana-śīlam*, o exsudante ou afluente, o Soma. (Outra explicação é que Indra, identificado com o sol, olha do firmamento para o oceano (ou mundo), iluminando-o com seus raios).

[24] (*Sāma-Veda*, 1.1.1.2.10).

[25] Indra é identificado com o sol. *Vāsaram*, como um epíteto de *jyotis*, é explicado diferentemente como 'cobrindo', 'envolvendo'; ou a causa da permanência; ou (como um acusativo adverbial de tempo, 'durante o dia'), a luz que dura o dia inteiro, do nascer ao pôr-do-sol; *retasaḥ* também é explicado de modo diferente como 'o andarilho', ou 'o que tem água'.

[26] Literalmente, 'cuja ira não é subjugada por outros'.

39. Regozija-te, Indra, no sacrifício conducente ao céu[27] em Śaryaṇāvati;[28] sê alegrado pelo louvor do adorador.

40. O vasto manejador do raio, o matador de Vṛtra, o profundo bebedor de Soma, o derramador, ruge bem perto no céu.
41. Tu és um Ṛṣi, o primogênito (dos deuses), o chefe, o governante (de todos) pela tua força; tu dás repetidamente, Indra, riquezas.
42. Que os teus cem cavalos de costas lisas te tragam para as nossas libações, para o nosso alimento (sacrifical).

43. Os Kaṇvas aumentam por louvor este rito antigo planejado (para obter) uma abundância de água doce.
44. O (adorador) mortal escolhe no sacrifício Indra dentre os (deuses) poderosos; quem deseja riqueza (adora) Indra em busca de proteção.
45. Que os teus cavalos, louvados pelos sacerdotes piedosos, tragam a ti que és louvado por muitos, para beber o Soma.

Varga 17. **46**. Eu aceitei de Tirindira, o filho de Parśu, centenas e milhares de tesouros dos homens.[29]
47. (Esses príncipes) deram ao cantor Pajra[30] trezentos cavalos, dez mil bovinos.
48. O nobre (príncipe) foi promovido por fama ao céu, pois ele deu camelos carregados com quatro (fardos de ouro), e povos Yādvas (como escravos).

Índice◄►Hino 7 (Wilson)

---

626 - Hino 6. Indra (Griffith)

1. Indra, grandioso em seu poder e força, e rico em chuva como Parjanya,[31]
É glorificado pelos louvores de Vatsa,
2. Quando os sacerdotes, fortalecendo o Filho da Lei Sagrada, oferecem seus presentes,
Cantores com o hino de louvor da Ordem.
3. Já que os Kaṇvas com seus louvores fizeram Indra completar o sacrifício,
As palavras são as suas próprias armas adequadas.[32]

4. Diante do seu descontentamento ardente todos os povos, todos os homens, se curvam,
Como os rios se curvam ao mar.
5. Esse poder dele brilhou intensamente, quando Indra reuniu, como
Uma pele, os mundos do céu e da terra.
6. A cabeça de Vṛtra que se movia ferozmente ele cortou com seu raio,
Seu poderoso raio de cem nós [ou juntas].

7. Aqui estão – nós os cantamos alto – os nossos pensamentos entre as melhores canções, como relâmpagos como a chama do fogo.[33]

---

[27] Ou, a ser oferecido por todos os sacerdotes.
[28] De acordo com o comentador, Śaryaṇā é a região de Kurukṣetra, e Śaryaṇāvati um lago nas proximidades.
[29] *Yādvānām*, de *yadu*, sinônimo de *manuṣya*, ou pode ser interpretado como 'daqueles nascidos da linhagem de Yadu, que foram despojados por Tirindira'. (Ou pode significar, 'Eu entre os homens aceitei' etc.).
[30] *Pajrāya sāmne*, para Sāman, o recitador de louvores; ou para alguém da linhagem de Pajra, como o Ṛṣi Kakṣīvat, o repetidor de hinos. (Veja acima 8.4.17).
[31] ['Indra é comparado a, e, portanto, distinguido de, Parjanya, o deus da chuva'. – Muir].
[32] 'Eles declaram que todas as armas são desnecessárias'. – Wilson.
[33] ['No pāda c Geldner vê dois símiles, 'como a chama de fogo, (como) mísseis', mas eu acho que o último não é utilizado como uma comparação, mas uma identificação, tal como em 3c os louvores dos Kaṇvas são chamados de sua 'arma familiar'. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].

8. Quando pensamentos ocultos, avançando espontaneamente, resplandecem, e com o rio do sacrifício os Kaṇvas brilham,
9. Indra, que nós obtenhamos aquela abundância de cavalos e de rebanhos de vacas,
E que a nossa prece possa ser notada primeiro.

10. Eu recebi do meu Pai[34] conhecimento profundo da Lei Sagrada;
Eu nasci como o Sol.
11. Conforme o conhecimento dos tempos antigos eu faço, como Kaṇva, canções belas,
E o próprio Indra ganha força por isso.[35]
12. Se os Ṛṣis não te louvaram,[36] Indra, ou te louvaram,
Glorificado por mim que tu te tornes forte.

13. Quando a ira dele trovejou, quando ele partiu Vṛtra em pedaços, membro por membro,
Ele enviou as águas para o mar.
14. Contra o Dasyu Śuṣṇa tu, Indra, lançaste o teu raio duradouro;
Tu, Temível, tens fama de herói.
15. Nem os céus, nem os firmamentos nem as regiões da terra contêm
Indra, o Trovejante, com sua força.[37]

16. Ó Indra, aquele que jazia esticado parando as tuas águas copiosas tu,
Nas próprias pegadas dele,[38] derrubaste.
17. Tu escondeste profundamente nas trevas, ó Indra, aquele que havia agarrado os vastos céu e terra unidos.[39]
18. Indra, por mais que os Yatis[40] e os Bhṛgus tenham oferecido louvor a ti,
Ouve, ó Poderoso, o meu chamado.

19. Indra, essas vacas malhadas te deram sua manteiga e a dose láctea;
Auxiliares, assim, do sacrifício,
20. Que, prolíficas, receberam a ti como um germe de vida, Indra, com sua boca,[41]
Como Sūrya que sustenta a todos.[42]
21. Ó Senhor do Poder, com hinos de louvor os Kaṇvas têm aumentado o teu poder,
As gotas derramadas têm te fortalecido.

22. Sob a tua orientação, Indra, em meio aos teus louvores, Senhor do Trovão,
O sacrifício logo será realizado.
23. Indra, revela muito alimento para nós, como uma fortaleza com abundância de vacas;
Dá progênie e força heroica.

---

[34] 'De Indra, o verdadeiro protetor', segundo Sāyaṇa.
[35] ['Eu decoro os meus louvores com um hino antigo, segundo a maneira de Kaṇva, pelo qual Indra empregou força'. – Muir, *O. S. Texts,* III. 229].
[36] Não te louvaram ainda, ou seja, te louvarão futuramente. – Ludwig.
[37] ['Nem céus, nem atmosferas, nem terras conseguiram se igualar em força a Indra o Trovejante'. – Muir, *O. S. Texts*, V. 101].
[38] Ou, nas (águas) aos pés dele. 'Nos rios correntes'. – Wilson.
["Geldner toma as pegadas ou pés no pāda c como as dos cavalos de Indra, mas com base em 1.32.8: 'A serpente veio a estar jazendo aos pés daquelas (águas)', melhor seria os pés ou passos das águas. O que esses são conceitualmente não está claro - talvez piscinas mais profundas nos leitos dos rios? -, mas o paralelo é claro e, além disso, os cavalos de Indra não tomam parte no mito de Vṛtra". – Jamison].
[39] Como duas tigelas voltadas em direção uma à outra.
[40] 'Sábios piedosos'. – Wilson. Aṅgirases, de acordo com Sāyaṇa.
[41] [Ou 'com sua boca elas fizeram de você filho delas', 'boca' sendo equivalente aos produtos da boca, ou seja, o som. – Trecho da observação de Jamison em *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[42] A estrofe é ininteligível para mim. Sāyaṇa diz que 'a ti' significa Indra na forma da grama que a energia fertilizante dele faz crescer, e por se alimentarem da qual as vacas se multiplicam. Essa energia de Indra é todo-sustentadora como o sol. Veja a nota de Wilson [nota 21]. Ludwig propõe uma alteração no texto.

24. E, Indra, concede a todos nós aquela fartura de corcéis velozes, que brilhavam antigamente entre as tribos de Nāhuṣas.[43]

25. Para cá tu pareces atrair o curral do céu que brilha diante de nossos olhos,
Quando, Indra, tu és bom para nós.
26. De fato, quando tu aplicas a tua força, Indra, tu governas o povo.
Poderoso, de força ilimitada.
27. As tribos que trazem oferendas chamam a ti, a ti para prestar-lhes auxílio,
Com gotas a ti que te espalhas ao longe.

28.[44] Lá onde as montanhas se inclinam para baixo, lá perto do encontro dos rios
O Sábio[45] se manifestou com música.
29. De lá, observando, de seu lugar elevado ele olha para baixo para o mar,[46]
E de lá com atividade rápida ele se move.
30. Então, realmente, eles veem a luz[47] refulgente da semente primeva,
Acesa no lado de lá do céu.

31. Indra, os Kaṇvas todos exaltam a tua sabedoria e o teu poder varonil,
E, O Mais Poderoso! a tua força heroica.
32. Aceita este meu louvor, Indra, e me protege cuidadosamente;
Fortalece o meu pensamento e o torna próspero.
33. Para ti, ó Poderoso, Armado de Trovão, nós cantores por devoção
Moldamos o hino para que possamos viver.[48]

34. Para Indra os Kaṇvas têm cantado, como águas descendo um declive,
A canção está ávida para ir até ele.
35. Como os rios aumentam o oceano, assim os nossos hinos de louvor fortalecem Indra,
Eterno, de ira irresistível.
36. Vem com teus adoráveis Cavalos Baios, vem a nós de regiões distantes,
Ó Indra, bebe este suco Soma.

37. Melhor matador de Vṛtras, os homens cuja grama sagrada está pronta cortada
Te invocam pelo ganho de despojos.
38. Os céus e a terra vêm depois de ti como a roda segue Etaśa;[49]
Para ti fluem as gotas de Soma derramadas.
39. Regozija-te, ó Indra, na luz, regozija-te em Śaryaṇāvan,[50]
Alegra-te com o hino do sacrificador.

40. Fortalecido no céu, o Armado de Trovão berrou, matador de Vṛtra, Touro,
O principal bebedor de suco Soma.
41. Tu és um Ṛṣi nascido antigamente, único Soberano sobre todos por poder;
Tu, Indra, guardas bem a nossa riqueza.
42. Que os teus Corcéis Baios de costas belas, cem, te tragam ao banquete,

---

[43] Ou, talvez, as tribos vizinhas.
[44] ['A tradução deste tṛca é superficialmente fácil, mas a sua interpretação é difícil. Geldner considera 28 como se referindo ao soma, 29 a Indra (ou 29ab a Indra e 29c a soma), enquanto Oldenberg considera Indra como o referente de ambos os versos. Nenhum deles é totalmente claro sobre a identidade dos sujeitos no plural do 30, embora ambos achem que o verso é uma referência à aurora e / ou ao sacrifício do amanhecer'. – Jamison].
[45] Indra. 'A conclusão de Sāyaṇa do significado do verso de Sāyaṇa é que os homens devem sacrificar nos lugares onde é dito que Indra está manifestado'. – Wilson.
[46] O reservatório de suco Soma.
[47] O Sol que está aceso além do alcance da visão dos homens.
[48] ['Ó poderoso Trovejador, nós, que somos sábios, temos fabricado louvores para ti, para que possamos viver'. – Muir, *O. S. Texts,* III. 236].
[49] Como a carruagem do Sol segue o cavalo que a puxa.
[50] Dito ser um lago e distrito em Kuruṣetra. Veja 1.84.14, nota.

Te tragam para estas nossas doses de Soma.

43. Os Kaṇvas com seus hinos de louvor têm ampliado este pensamento antigo
Que aumenta com correntes de hidromel e óleo.[51]
44. Em meio aos Deuses mais poderosos que o homem mortal escolha Indra no sacrifício,
Indra, quem quer que deseje ganhar, em busca de auxílio.
45. Os teus corcéis, louvados pelos Priyamedhas, te trarão, Deus, a quem todos invocam,
Aqui para beber o suco Soma.

46. Cem mil eu ganhei de Parśu, de Tirindira,[52]
E presentes dos Yādavas.[53]
47. Dez mil cabeças de gado e trezentos cavalos eles deram
A Pajra[54] pela canção-Sāma.
48. Kakuha[55] chegou ao céu, dando búfalos[56] atrelados em grupos de quatro,
E se igualou em fama aos Yādavas.[57]

Índice◄►Hino 7 (Griffith)

---

627 - Hino 7. Maruts (Wilson)

(Sūkta II)

Os deuses são os Maruts; o Ṛṣi é Punarvatsa, da família de Kaṇva; a métrica é Gāyatrī, como antes.

Varga 18. **1**. Quando o adorador devoto oferece a vocês, Maruts, alimento nos três ritos diários,[1] então vocês têm soberania (sobre as montanhas).
2. Quando, gloriosos e poderosos (Maruts), vocês equipam a sua carruagem, as montanhas saem[2] (de seus lugares).
3. Os filhos de som alto de Pṛśni impulsionam (as nuvens) com suas brisas[3], eles ordenham sustento nutritivo.
4. Os Maruts espalham a chuva, eles agitam as montanhas, quando eles sobem em seu carro, com os ventos.
5. As montanhas são refreadas, os rios são contidos quando vocês chegam, para suportar[4] a sua grande força.[5]

---

51 ['Os Kaṇvas com seu louvor têm aumentado esse hino antigo, reabastecido com manteiga doce'. Muir, *O. S. Texts,* III. 229].
52 'De Tirindira o filho de Parśu'. – Wilson. Ambos os nomes são iranianos (compare com Tirídates, Persa). Veja Weber, *Episches in Vedischen Ritual*, 36-38, (Sitzungsberichte der K.P. Akademie der Wissenschaften, 1891, XXXVIII).
53 Ou Yadus, descendentes do herói Yadu.
54 Veja 8.4.17.
55 Ou, o nobre, significando Tirindira.
56 Ou camelos.
57 [Ou 'sua fama chegou aos Yādavas'].

---

1 *Triṣṭubham iṣam;* o epíteto é explicado de formas diferentes: principal nas três libações diárias; louvada por três divindades; ou acompanhada por hinos na métrica Triṣṭubh, isto é, a oferenda de Soma na libação do meio-dia.
[Veja a nota 21].
2 *Nyahāsata*, de *hā gatau*, elas se movem para fora do seu caminho por medo.
3 *Vāyubhiḥ*, com os ventos ou os cervos pintalgados, os cavalos dos Maruts.
4 As montanhas e os rios são contidos por sua própria vontade para suportar a sua grande força, eles ficam juntos em um só lugar por medo da sua chegada e força.
5 Ou melhor, 'quando as montanhas são contidas na sua vinda, (e) os rios são parados para suportar a sua grande força', - o sentido prosseguindo do v. 4.

Varga 19. **6**. Nós invocamos vocês por proteção à noite, (nós invocamos) vocês de dia, (nós invocamos) vocês quando o sacrifício está em andamento.
7. Realmente esses Maruts de cor púrpura, magníficos, clamorosos prosseguem com seus carros nas alturas acima do céu.
8. Eles que por seu poder abrem um caminho radiante para o sol percorrer, eles permeiam (o mundo) com brilho.
9. Aceitem, Maruts, este meu louvor, (aceitem), poderosos, esta minha adoração, (aceitem) esta minha invocação.
10. As vacas leiteiras[6] encheram para o trovejante três lagos[7] da (bebida) doce a partir da nuvem gotejante portadora de água.
Varga 20. **11**. Quando, Maruts, desejosos de felicidade, nós os invocamos do céu, venham a nós rapidamente.
12. Generosos, Rudras poderosos,[8] vocês no salão sacrifical são sábios (mesmo) na euforia (do Soma).
13. Enviem-nos, Maruts, do céu, riquezas alegradoras, elogiadas por muitos, sustentadoras de todos.
14. Quando, brilhantes (Maruts), vocês atrelam sua carruagem sobre as montanhas, então vocês (se) alegram com os sucos Soma despejados.
15. Um homem deve pedir felicidade a eles com louvores de tal (companhia) inconquistável.[9]
Varga 21. **16**. Aqueles que, como chuvas caindo, inflam o céu e a terra com chuva, ordenhando a nuvem inesgotável,
17. Os filhos de Pṛśni se erguem com gritos, com carros, com ventos, com louvores.
18. Nós meditamos sobre aquela (generosidade), pela qual para (conceder-lhes) riquezas vocês protegeram Turvaśa e Yadu e Kaṇva que desejava prosperidade.
19. Magnânimos (Maruts), que estas iguarias (sacrificais), nutritivas como manteiga, junto com os louvores do descendente de Kaṇva, lhes proporcionem aumento.
20. Magnânimos (Maruts), para quem a grama sagrada foi cortada, onde vocês estão sendo alegrados agora? Qual adorador piedoso (os detém visto que ele) os adora?
Varga 22. **21**. (Maruts), para quem a grama sagrada é cortada,[10] não pode ser (que vocês se submetam a ser detidos), pois vocês derivaram força do sacrifício, antigamente (acompanhado) por nossos louvores.[11]
22. Eles concentraram as águas abundantes, eles uniram o céu e a terra, eles sustentaram o sol, eles dividiram (Vṛtra) junta por junta com o raio.[12]
23. Independentes de um governante, eles dividiram Vṛtra junta por junta; eles despedaçaram as montanhas, manifestando vigor valoroso.
24. Eles vieram ajudar o guerreiro Trita, revigorando sua força, e (vitalizando os) seus atos; eles vieram em auxílio de Indra, para a destruição de Vṛtra.
25. Os brilhantes (Maruts), tendo o relâmpago em suas mãos, radiantes acima de todos, exibem gloriosamente os seus elmos de ouro em suas cabeças.

[6] *Pṛśnayaḥ*, as vacas, as mães dos Maruts; ou pode significar os filhos de Pṛśni, os Maruts. [Veja a nota 25]. (Outra explicação é: os hinos na libação do meio-dia sendo recitados em um tom médio).
[7] As libações de leite, etc., misturadas com o Soma nos três ritos diários; ou as libações de Soma que enchem os três recipientes, o Droṇakalaśa, o Ādhavanīya, e o Pūtabhṛt. [Veja a nota 53].
[8] Explicados nos comentários como os filhos de Rudra.
[9] O melhor, 'um homem deve solicitar por seus louvores a felicidade que pertence a eles, de tal (companhia) inconquistável'.
[10] *Vṛkta-varhiṣaḥ* também pode significar 'aqueles por quem a grama foi cortada' – os sacerdotes, quando o sentido será: 'Isso não pode ser, pois, sacerdotes, pelos seus louvores anteriores (aos de outros) vocês têm propiciado as energias dos Maruts, os objetos de sacrifício'. [Veja a nota 32].
[11] Ou, 'Pois pelos antigos louvores (de outros) vocês têm nutrido força conectada com o sacrifício'.
[12] Sāyaṇa traduz: 'Eles plantaram o raio em cada membro (de Vṛtra)'.

Varga 23. **26**. Glorificados, (Maruts), por Uśanas,[13] quando vocês se aproximam de longe da abertura do (firmamento) chuvoso,[14] então (os habitantes da terra), como aqueles do céu, ficam clamorosos por medo.[15]
27. Venham, deuses, para (mostrar sua) generosidade em nosso sacrifício, com seus corcéis de patas douradas.
28. Quando o antílope malhado ou o cervo fulvo veloz os transporta em sua carruagem, então os brilhantes (Maruts) partem, e as chuvas começam.[16]
29. Os líderes de ritos foram com rodas de carruagem descendentes para a região de Ṛjīka, onde se encontra o Śaryaṇāvat,[a] cheio de residências, e onde o Soma é abundante.
30. Quando, Maruts, vocês irão com riquezas concessoras de alegria ao sábio que assim os adora, e que pede (a vocês por prosperidade?)
Varga 24. **31**. Quando foi, Maruts, que são satisfeitos por louvor, que vocês realmente abandonaram Indra?[17] Quem é que desfruta da sua amizade?
32. Que vocês da nossa linhagem de Kaṇva louvem Agni junto com os Maruts, portando o raio em suas mãos, e armados com lanças douradas.
33. Eu trago à minha presença, por causa da prosperidade mais excelente, os derramadores (de desejos), os adoráveis (Maruts), os possuidores de força extraordinária.
34. As colinas, oprimidas e agitadas por eles, se movem (dos seus lugares); as montanhas são reprimidas.[18]
35. (Os seus cavalos), percorrendo rapidamente (o espaço), os levam viajando através do firmamento, dando alimento ao adorador.
36. Agni nasceu o primeiro entre os deuses, como o sol brilhante[19] em esplendor; então eles (os Maruts) ficaram em volta com seu resplendor.[20]

Índice◄►Hino 8 (Wilson)

---

[13] *Uśanā*, ou pode significar *uśanasaḥ*, isto é, adoradores desejantes. [Veja a nota 57].
[‘Como todo verso envolvendo Uśanā, esse é bastante obscuro. Eu considero esse verso como um tratamento disfarçado do mito de Vala, com o qual Uśanā Kāvya é associado em outro lugar. O *pāda* a também é encontrado em 1.130.9’. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[14] [‘‘Os lombos do boi’, uma referência à caverna de Vala’, segundo Jamison. Veja as notas 36 e 58].
[15] O texto tem apenas *dyaur na cakradad bhiyā,* como o céu, grita de medo. [‘O rugido em c é o barulho das vacas confinadas dentro da caverna’. – Jamison].
[16] Sāyaṇa explica *riṇan* como ‘elas fluem em todas as direções’.
[a] [Veja a nota 60].
[17] Ou seja, eles nunca o abandonaram, mas dos deuses só eles ficaram ao lado dele em seu conflito com Vṛtra – uma alegoria óbvia. Indra dissipou as nuvens com seus aliados, os ventos. No *Aitareya Brāhmaṇa* 3.20, ou Adhyāya 12, Khaṇḍa 8, Indra desejou que os deuses o seguissem, o que eles fizeram; mas quando Vṛtra soprou sobre eles, todos eles fugiram, exceto os Maruts. Eles permaneceram, encorajando Indra, dizendo: ‘Golpeia, senhor, mata, mostra-te um herói’; conforme consta no Sūkta 96 do Maṇḍala 8. [Mas veja a nota 42 § 2].
[18] *Girayo nijihate parvatāścin niyemire; nijihate* é explicado como: pela violência dos ventos elas caem do seu lugar; para *niyemire*, temos apenas *niyamyante*. *Parvatāḥ* pode ser interpretado como *meghāḥ*, nuvens, ou grandes colinas, em contraste com *girayaḥ*, que são pequenos montes de rocha.
[19] *Chandas* é explicado como ‘o adorável’. [Veja a nota 45].
[20] O escoliasta sugere que este verso se refere à cerimônia chamada Āgnimāruta, quando Agni é adorado primeiro, e então os Maruts.

627 - Hino 7. Maruts (Griffith)

1. Ó Maruts, quando o sábio derramou a Triṣṭup[21] como alimento para vocês,
Vocês brilham em meio às montanhas de nuvens.
2. Quando, Brilhantes, desejosos de mostrar seu poder vocês definiram a sua rota,
As montanhas de nuvens se curvaram.
3. Rugindo alto com os ventos os Filhos de Pṛśni se ergueram;
Eles têm derramado o alimento que flui.
4. Os Maruts espalham a névoa amplamente e fazem as montanhas tremerem e oscilarem,
Quando com os ventos eles seguem seu caminho;
5. Quando os rios e as montanhas diante de sua chegada se curvaram,
De modo a suportar a sua força imensa.[22]
6. Nós invocamos vocês por auxílio à noite, vocês por auxílio de dia,
Vocês enquanto o sacrifício prossegue.
7. Esses, realmente, extraordinários, de cor vermelha, correm em seus percursos com um rugido sobre os cumes do céu.
8. Com poder eles largam a rédea solta para que o Sol possa fazer seu trajeto,[23]
E se espalham com feixes de luz.
9. Aceitem, ó Maruts, esta minha canção, aceitem este meu hino de louvor,
Aceitem, Ṛbhukṣans,[24] este meu chamado.
10. As vacas malhadas[25] despejaram três lagos,[26] hidromel para o Deus Armado de Trovão, a partir do grande barril, a nuvem de chuva.
11. Ó Maruts, venham a nós rapidamente quando, desejando felicidade,
Nós os chamamos para cá do céu.
12. Pois, Rudras e Ṛbhukṣans, vocês, Generosíssimos, estão na casa,[27]
Sábios quando a dose que alegra é bebida.

---

[21] De acordo com uma das três interpretações de Sāyaṇa, a oferenda de Soma na libação do meio-dia acompanhada por hinos na métrica Triṣṭubh.
["'*Triṣṭúbham íṣam*' 'refresco Triṣṭubh' causa algumas dificuldades de interpretação. Embora no discurso rigvêdico não haja nenhum problema com uma imagem que envolva refresco concebido como poesia métrica, este hino que contém a frase em sua frase de abertura é na métrica Gāyatrī, não Triṣṭubh. A mesma frase se repete em 8.69.1 (Indra), um hino que também não é em Triṣṭubh. Alguns aqui removem totalmente a palavra da esfera poética, como na 'dose tripla de Soma' de Macdonell. Geldner acredita que isso não pode se referir à métrica Triṣṭubh aqui, mas que deve ser um termo técnico diferente em recitação. Eu não acho que o fato de esses dois hinos não serem em Triṣṭubh necessariamente signifique que a métrica não pode ser aludida nessa expressão; existem, afinal, muitos hinos aos Maruts e a Indra em Triṣṭubh, e o verbo que rege a frase está no imperfeito e, portanto, deve se referir à outra ocasião. Mas, seguindo o exemplo de Geldner, eu acho que é possível que '(tendo?) ritmo triplo' se refira à métrica Gāyatrī na qual este hino é composto, já que Gāyatrī consiste em três *pādas*. Infelizmente, isso não funciona para 8.69, que é composto numa variedade de métricas (inclusive Gāyatrī, mas apenas nos versos 4-6); o verso no qual a frase é encontrada (8.69.1) é em Anuṣṭubh. Eu poderia emendar à tradução publicada 'refresco em ritmo triplo'". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[22] [Macdonell, que traduziu esse hino em seu *Hymns from the Rigveda,* p. 58-61, lê a última frase: 'diante do seu sopro ribombante, poderoso'].
[23] ["Qual exatamente é o fenômeno atmosférico que está sendo descrito aqui não é claro. [Veja a nota 50]. Eu sugiro que é uma imagem de pós-tempestade: as nuvens carregadas / Maruts partem, libertando o raio do sol e permitindo que o sol trilhe o seu caminho habitual através do céu. A partida das nuvens é expressa em c, a expansão ou espalhamento das nuvens, que é acompanhada pelos raios do sol. Thieme (*Fremd*. 112) em vez disso vê os Maruts lançando um raio como o caminho para o sol percorrer: o primeiro raio da manhã, que o sol segue. Mas os Maruts não são deuses do amanhecer. O *pāda* c é repetido como o *pāda* final do hino (36c)". – Jamison].
[24] Os Poderosos, segundo Sāyaṇa.
[25] Os Maruts ['cuja mãe é Pṛśni. Embora os Maruts sejam regularmente chamados de 'Rudras' conforme o seu pai Rudra (por exemplo, 12b), este é o único lugar no Ṛgveda onde eles são chamados de 'Pṛśnis' conforme a sua mãe'. – Jamison].
[26] Três grandes receptáculos de Soma, o Droṇakalaśa, o Ādhavanīya, e o Pūtabhṛt. O significado é, os Maruts têm derramado água abundante da nuvem de chuva.
[27] ['Estão em *nossa* casa'. – Macdonell].

13. Ó Maruts, nos enviem do céu riquezas que destilem alegria arrebatadora,
Com alimento abundante, que sustentem a todos.
14. Quando, Brilhantes, para cá a partir das colinas vocês resolvem tomar seu caminho,
Vocês se deleitam com as gotas derramadas.
15. O homem deve pedir com seus louvores a felicidade que pertence a eles,
Um grupo invencível tão grandioso.
16. Eles que como faíscas de fogo com aguaceiros sopram[28] através do céu e da terra,
Ordenhando a fonte que nunca se extingue.
17. Com carruagens e com rugido tumultuoso, com tempestades e com hinos de louvor
Os Filhos de Pṛśni correm adiante.
18. Em busca de prosperidade, nós pensamos naquela pela qual vocês auxiliaram Yadu, Turvaśa[29] e Kaṇva que obteve os despojos.
19. Que estas nossas iguarias, Generosos! que fluem em rios como o óleo sagrado,
Com os hinos de Kāṇva,[30] aumentem o seu poder.
20. Onde, Senhores Generosos para quem a grama é cortada, vocês estão se regozijando agora? Qual Brahman está adorando vocês?
21. Não é lá onde vocês antigamente, supridos com grama sagrada, por louvores
Inspiraram os fortes[31] em sacrifício?[32]
22. Eles uniram ambos os mundos, as águas poderosas, e o Sol,
E, junta por junta, o raio.
23. Eles dividiram Vṛtra membro por membro e partiram as sombrias montanhas de nuvens,[33] realizando um ato heroico.
24. Eles reforçaram o poder e a força de Trita[34] quando ele lutou, e ajudaram
Indra na batalha com o inimigo.[35]
25. Eles se enfeitam para a glória, brilhantes, celestes, com raios nas mãos,
E elmos de ouro em suas cabeças.
26. Quando avidamente vocês de longe chegaram à caverna do Touro[36]
Ele berrou[37] em seu medo como o Céu.
27. Levados pelos seus corcéis de patas douradas, ó Deuses, venham aqui para receber
O sacrifício que lhes oferecemos.

---

[28] ["Por mais estranha que a expressão *'drapsāḥ... dhámanti'* 'as gotículas sopram sua rajada' possa parecer, ela é encontrada duas vezes em outro lugar: no extremamente enigmático 8.96.13 e no um tanto mais claro 9.73.1. Este último está em um contexto de fazer barulho, como esse pode estar". – Jamison. Veja também a nota 54].

[29] ['Embora o auxiliador de Turvaśa e Yadu normalmente seja Indra, nessa série de hinos o ato é atribuído a vários deuses diferentes: os Maruts (aqui), Indra (8.4.7), os Aśvins (8.9.14; 10,5)'. – Jamison].

[30] Hinos do Ṛṣi Punarvatsa, um descendente de Kaṇva.

[31] Os Maghavans, adoradores ricos.

[32] ['Geldner crê que esse verso é dirigido aos outros cantores [veja a nota 10], mas isso parece improvável. Eu considero os Maruts como os destinatários, como no v. 20, e sigo Macdonell (*Hymns from the Rigveda*, p. 60), bem como Lüders (*Var*. 426-27) em tomar o verso como contrastando o antigo comportamento amigável dos Maruts para com o poeta e seus companheiros ritualistas com a sua negligência agora – negligência para a qual as perguntas no v. 20 chamam a atenção'. – Jamison].

[Macdonell lê: 'Pois vocês, para quem a palha está estendida, não se regozijam, como outrora vocês faziam por louvor, nas fileiras dos nossos sacrificadores'].

[33] [Ou 'eles atravessaram Vṛtra, junta por junta, (perfuraram) através das montanhas...'. – Jamison].

[34] Um deus vêdico, talvez Agni em sua terceira forma, geralmente associado a Indra, Vāyu, e aos Maruts.

[35] Ou, 'a derrotar Vṛtra'.

[36] Talvez, o oco da nuvem de chuva. 'A abertura do (firmamento) chuvoso'. – Wilson.

["Em minha análise a expressão curiosa *ukṣṇó rándhram,* 'lombos do boi' é uma referência à caverna de Vala: o lombo é um ponto fraco ou vulnerável, em animais. [...] Em vez disso Geldner toma a frase como um nome pessoal; como ele salienta, Ukṣṇo Randhra é [mencionado como um vidente] no *Pañcaviṃśa Brāhmaṇa*, 13.9.19 / *Jaiminīya Brāhmaṇa*, 3.150, e tem o epíteto *kāvya*, relativamente ao chamado Aukṣṇorandhra Sāman, mas essa é certamente uma reinterpretação secundária desse verso obscuro". – Jamison. Veja também a nota 58].

[37] [Veja a nota 15].

28. Quando o líder[38] vermelho puxa para frente os seus cervos pintalgados atrelados ao carro os Brilhantes vêm e derramam a chuva.
29. Suṣoma, Śaryaṇāvān[39] e Ārjīka[40] cheio de casas, eles,
Esses heróis, têm procurado com o carro que desce.
30. Quando, Maruts, vocês virão até ele, o cantor que os invoca dessa maneira,
Com benefícios para o seu suplicante?
31. E agora?[41] Onde vocês ainda têm um amigo já que vocês deixaram Indra completamente sozinho?[42] Quem conta com a sua amizade agora?
32. Os Kaṇvas cantam o louvor de Agni junto com os nossos dos Maruts que
Empunham trovões e usam espadas douradas.
33. Para cá por nova felicidade que eu possa atrair as Impetuosos,
Os heróis com sua força extraordinária.[43]
34. Diante deles caem as próprias colinas considerando-se abismos; de fato,
Até as montanhas se curvam.
35. Os corcéis voando em seu caminho tortuoso pelo meio do ar os carregam, e dão
Força e vida ao homem que os louva.
36. Agni nasceu o primeiro de todos,[44] como Sūrya adorável com sua luz;[45]
Com brilho esses se espalharam amplamente.[46]

Índice◄►Hino 8 (Griffith)

---

[38] Ou 'cavalo lateral', ['*praṣṭi* não necessariamente significa um cavalo que corre ao lado dos cavalos emparelhados, mas também pode significar um terceiro cavalo atrelado na frente como um líder'. – *Vedic Index of Names and Subjects*].
[O *pāda* b também é encontrado em 1.39.6b].
[39] Ocorreu antes (veja 1.84.14 e 8.6.39) como o nome de um lago. [Veja a nota 60].
[40] Ārjīka é dito por Sāyaṇa ser o nome de um distrito, e ele toma *suṣoma* (que tem Soma excelente) como um adjetivo que o qualifica. Veja Zimmer, *Altindisches Leben*, p. 19. [Veja a nota 60].
[41] ['Como é isso agora?' – Macdonell].
[42] Essa é apenas uma pergunta retórica que significa: vocês nunca o abandonaram. Só os Maruts ficaram ao lado dele quando ele lutou com Vṛtra.
["O verso parece aludir aos Maruts supostamente deixando Indra em apuros na batalha com Vṛtra, mas isso parece ser uma calúnia: muitas vezes é dito que eles foram os únicos deuses que ficaram com ele (embora Geldner cite o *Śatapatha Brāhmaṇa*, 4.3.3.6 (e seguintes), onde eles se retiram temporariamente até Indra lhes oferecer uma quota conjunta do sacrifício. Com certeza 24c expressa sua ajuda a Indra naquele momento". – Jamison].
[43] ['Com seu espólio esplêndido'. – Macdonell].
[44] ['O antigo Agni nasceu'. – Macdonell].
[45] ["O *pāda* b contém duas formas ambíguas, cujas interpretações variantes têm produzido traduções muito diferentes: *chándaḥ* pode ser nominativo sing. masc. de *chánda,* 'agradável', ou nom./acusativo sing. neutro de *chándas,* 'métrica'; *sū́raḥ* pode ser nom. sing. masc. de *sū́ra,* 'sol', ou genitivo sing. de *svàr*, idem. A tradução padrão opta pela primeira escolha em ambos os casos, eu escolhi a última em ambos casos. O verso é uma referência ao ritual aqui-e-agora, o acendimento do fogo ao amanhecer: a frase *sū́ro arcíṣā* 'com o raio do sol' é um indicador desse momento. Eu tomo *chándaḥ* como um verso métrico porque o hino começou com uma expressão métrica semelhante: *triṣṭubham íṣam* (veja [a nota 21 acima, § 2]). Os maruts são caracterizados como *chandastúbh,* 'que cantam em ritmo' em 5.52.12, um composto que une o *chandas* do nosso v. 36 com a segunda parte de *triṣṭúbh* no v. 1. Nascer 'como um verso métrico' faz sentido em um contexto rigvêdico: o fogo é aceso (nasce) quando a parte verbal do ritual começa a ser falada (nasce)". – Jamison].
[46] 'Então eles (os Maruts) ficaram em volta com seu resplendor'. – Wilson. [Veja a nota 20].

627 - Hino 7. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṆḌALA 8, HINO 7.[47]
AṢṬAKA 5, ADHYĀYA 8, VARGA 18-24.

1. Quando o sábio derramou a dose tripla[48] para vocês, ó Maruts, então vocês resplandecem nas montanhas (nuvens).
2. Sim, quando, ó brilhantes Maruts, crescendo em força, vocês viram seu caminho, então as montanhas (nuvens) desceram.[49]
3. Os filhos de Pṛśni, os touros, surgiram junto com os ventos, eles ordenharam a dose que aumenta.
4. Os Maruts semearam a névoa, eles agitam as montanhas (nuvens) quando eles seguem seu caminho com os ventos,
5. Quando a montanha se curvou diante da sua marcha, os rios diante do seu domínio, diante do seu grande poder (rajada).
6. Nós invocamos vocês à noite para nossa proteção, vocês de dia, vocês enquanto o sacrifício prossegue.
7. E eles se erguem em seus cursos, os belos, de cor avermelhada, os touros, acima do cume do céu.
8. Com poder eles enviam um raio de luz, para que o sol possa ter um caminho para trilhar;[50] eles têm se espalhado com suas luzes.
9. Aceitem, ó Maruts, este meu discurso, este hino de louvor, ó Ṛbhukṣans,[51] este meu chamado.
10. As Pṛśnis[52] (as nuvens) produziram três lagos (de seus úberes) como hidromel para o manejador do raio (Indra), o poço, o odre, o regador.[53]
11. Ó Maruts, sempre que nós os chamamos do céu, desejando a sua proteção, venham aqui em nossa direção.
12. Pois vocês são generosos, em nossa casa, ó Rudras, Ṛbhukṣans, vocês estão atentos, quando vocês desfrutam (das libações).
13. Ó Maruts, tragam para nós do céu riqueza extasiante, que nutra muitos, que satisfaça a todos.

---

[47] O verso 8 ocorre na *Maitrāyaṇī-Saṃhitā* (MS), 4.12.5; o verso 11 na *Taittirīya Saṃhitā*, 1.5.11.4.p e MS. 4.10.4; e o verso 28 no *Atharva-Veda*, 13.1.21.

[48] Eu considero *triṣṭubh* em nossa passagem simplesmente como triplo, referindo-se, provavelmente, ao sacrifício da manhã, da tarde e da noite. [Veja as notas 1 e 21].

[49] Muitas vezes é impossível dizer se o aoristo vêdico deve ser traduzido em inglês como perfeito ou imperfeito. Se tomarmos o verso como descrevendo um fato histórico, seria: 'Quando vocês viram seu caminho, ou, logo que vocês tinham visto o seu caminho, as nuvens caíram'. Se for tomado como um evento repetido, seria, 'quando, isto é, sempre que vocês têm visto o seu caminho, as nuvens têm caído'. A dificuldade está no inglês, e embora os gramáticos estabeleçam regras a aplicação não está em conformidade com elas.

[50] A relação entre a luz emitida pelos Maruts e o caminho do sol não é muito clara, só que em outros lugares também os Maruts estão conectados com a manhã. A escuridão que precede uma tempestade pode ser identificada com a escuridão da noite, que precede o nascer do sol.

[51] O significado de *ṛbhukṣan* é incerto. Ele é aplicado a Indra e aos Maruts.

[52] As Pṛśnis no fem. plural são as nuvens, veja 8.6.19. Mitologicamente há apenas uma Pṛśni, a mãe dos Maruts. [Veja as notas 6 e 25].

[53] Eu tenho dúvidas sobre os três lagos de *madhu*, aqui de chuva, derramados de seus úberes pelas nuvens. O número três é bastante comum, e Ludwig assinalou uma passagem paralela do *Atharva-Veda,* 10.10.10-12, onde lemos sobre três *pātras* [recipientes] cheios de leite e Soma. A questão é se as três palavras *utsa, kavandha* e *udrin* são indicativas dos nomes dos três *pātras*, em nossa passagem, dos três lagos, ou se devem ser tomadas como uma aposição, os três lagos, ou seja, o poço (do céu), o odre cheio de água, e *udrin*, o regador. *Udrin* em outro lugar é só um adjetivo, mas acho que aqui devemos traduzir, 'o poço, o odre, o regador'. [Veja a nota 7].

14. Quando vocês veem o seu caminho, brilhantes Maruts, de cima das montanhas por assim dizer, vocês se alegram com as gotas (de Soma) que foram espremidas.
15. Que o mortal com suas preces peça a graça daquela (tropa) imensa, inconquistável, deles,
16. Que como torrentes[54] espumam ao longo céu e da terra com suas correntes de chuva, drenando o poço inesgotável.
17. Esses filhos de Pṛśni se erguem junto com estrondos, com carros, com os ventos, e com cânticos de louvor.
18. Nós rezamos muito por aquele (auxílio) com o qual vocês ajudaram Turvaśa, Yadu e Kaṇva quando ele ganhou riquezas, pela nossa prosperidade.
19. Ó generosos Maruts, que estas doses, que aumentam como manteiga, os fortaleçam, junto com as preces de Kaṇva.
20. Onde vocês se regozijam agora, ó copiosos Maruts, quando um altar foi preparado para vocês? Qual sacerdote lhes serve?
21. Pois vocês, para quem nós preparamos um altar, não alegram, como era com vocês antigamente, em troca desses louvores, as companhias do nosso sacrifício.
22. Esses Maruts uniram peça por peça as grandes águas,[55] o céu e a terra, o sol, e o raio;
23. E, durante a execução do seu trabalho valoroso, eles trituraram Vṛtra em pedaços, e as montanhas escuras (nuvens).
24. Eles protegeram a força e a inteligência do combatente Trita, eles protegeram Indra em sua luta com Vṛtra.
25. Segurando relâmpagos em suas mãos, eles se apressam para o céu, elmos[56] dourados estão em suas cabeças; os brilhantes Maruts se enfeitaram pela beleza.
26. Quando com Uśanā[57] vocês vieram de longe para Ukṣṇarandhra (o oco do boi),[58] ele rugiu de medo, como Dyu (o céu).
27. Ó deuses, venham a nós com seus cavalos de cascos dourados, para o oferecimento de sacrifício.[59]
28. Quando o líder vermelho guia os seus cervos pintalgados em sua carruagem, os Maruts brilhantes se aproximam e deixam as águas correrem.
29. Os heróis desceram até Śaryaṇāvat, até Suṣoma, até Ārjīka, até Pastyāvat.[60]

---

[54] Eu me arrisquei a traduzir *drapsāḥ* como torrentes. Nem gotas nem faíscas nem bandeiras parecem produzir um símile adequado, mas eu tenho muitas dúvidas. Veja 8.96.13; 9.73.1.
[55] Eu pensei a princípio que *saṃ parvaśaḥ dadhuḥ* indicasse a mistura ou confusão do céu e da terra juntos; sendo impossível, durante uma tempestade, distinguir os dois. Mas há claramente, como Ludwig aponta, uma oposição entre *dadhuḥ saṃ* e *vi yayuh.* Eu, portanto, tomo *parvaśaḥ* no verso 22 no sentido de peça por peça, como no *Atharva* 4.12.7, enquanto que no verso 23 ele significa em pedaços.
[56] Sobre *śiprāḥ* veja a nota em 2.34.3.
[57] Se *uśanā* significa *uśanayā* isso pode significar 'com desejo', mas parece mais provável que ele se refere ao Ṛṣi, que é chamado de Uśanā no Ṛg-Veda, e Uśanas em escritos posteriores.
[58] *Ukṣṇaḥ randhram*, 'o oco do touro', o que quer que seja, não é mencionado novamente. Se isso quer dizer a nuvem escura que esconde a chuva, então o rugido do touro seria o trovão da nuvem, agitada pelos Maruts. Aukṣṇorandhra, no entanto, é o nome técnico de certos Sāmans, de modo que Aukṣṇorandhra pode ter sido, como Uśanā (mais tarde Uśanas), um nome próprio. Veja o *Tāṇḍya Brāhmaṇa* [também conhecido como *Pañcaviṃśa Brāhmaṇa*], 13.9.18,19. [Veja também a nota 36, § 2].
[59] Isto é, 'para que possamos ser capazes de lhes oferecer sacrifício'.
[60] A principal dificuldade reside nisto: que temos que decidir, de uma vez por todas, se palavras como s*uṣoma, śaryaṇāvat, ārjīka, pastyāvat,* etc. devem ser interpretadas em seu sentido normal, como expressando localidades, bem conhecidas do poeta, ou em seu sentido técnico, como nomes de recipientes sacrificais. Que essa decisão não é nem um pouco fácil pode ser inferido a partir do fato de que dois estudiosos, Roth e Ludwig, diferem completamente, o primeiro preferindo o sentido técnico, o último o significado geográfico. Devemos recordar que nos hinos aos Maruts os poetas ocasionalmente falam dos países, distantes e próximos, visitados pelos ventos de tempestade. Devemos ter em mente que em nossa própria passagem o poeta pede para os Maruts irem até ele, e não se demorarem com outros povos.

30. Quando vocês virão para cá, ó Maruts, para o sábio que os chama assim, com seus consolos para o suplicante?
31. O que, então, agora?[61] Onde estão seus amigos, agora que vocês abandonaram Indra? Quem é contado em sua amizade?
32. Ó Kaṇvas, eu louvo Agni, junto com os nossos Maruts, que carregam o raio em suas mãos, e estão armados com adagas douradas.
33. Que eu tenha sucesso em trazer para cá os caçadores fortes, para cá com seu prêmio esplêndido para as mais novas bênçãos.
34. Até as colinas afundam, como se elas se considerassem vales; até as montanhas se curvam.
35. Os (cavalos) que atravessam os trazem para cá, voando pelo ar; eles conferem força ao homem que os louva.
36. O velho fogo nasceu, como o brilho[62] pelo esplendor do sol, e os Maruts se espalharam amplamente com suas luzes.

Índice◄►Hino 20 (Müller)

Quando, portanto, ele diz que eles foram para Śaryaṇāvat, etc., é provável que isso signifique um tanque de Soma no seu próprio sacrifício ou em algum outro?

Śaryaṇāvat é derivado de *śarya*, este de *śara*. *Śara* significa junco, seta; *śarya*, feito de juncos, *śaryā*, uma seta, mas também juncos amarrados juntos e usados no sacrifício para carregar oblações de Soma. Dele, *śaryaṇa*, que, segundo Sāyaṇa, significa terras em Kurukṣetra (8.6.39), e do qual Śaryaṇāvat é derivado como o nome de um lago naquelas proximidades. Quando esse *śaryaṇāvat* ocorre no Ṛg-Veda a questão é: ele significa aquele lago, evidentemente um lago famoso e um local sagrado nos primeiros assentamentos dos arianos vêdicos, ou significa, como outros supõem, um recipiente sacrifical feito de juncos? Ele ocorre sete vezes no Ṛg-Veda.

Em 1.84.14 é dito que Indra encontrou a cabeça do cavalo, que tinha sido removida entre as montanhas (nuvens), em Śaryaṇāvat. Esse me parece o lago no qual o sol se põe. No oitavo Maṇḍala *śaryaṇāvat* ocorre três vezes. Em 8.6.39 Indra é invocado para se regozijar em Śaryaṇāvat, ou, segundo outros, em um vaso cheio de Soma. Em nossa passagem os Maruts foram para Śaryaṇāvat, para Suṣoma, Ārjīka e Pastyāvat, regiões, parece, não recipientes. Em 8.64, depois de ser dito que o Soma tinha sido preparado entre os Pūrus, é adicionado que o Soma é mais doce em Śaryaṇāvat, em Suṣomā e em Ārjīkīya. Em 9.65.22 lemos sobre Somas preparados longe e perto, e em Śaryaṇāvat, e no verso seguinte lemos sobre Somas a serem encontrados entre os Ārjīkas, entre os Pastyās, ou entre os Cinco Tribos. Em 9.113.1,2 Indra é convidado a beber Soma em Śaryaṇāvat, e o Soma é convidado a vir de Ārjīka. Em 10.35.2 o auxílio é implorado do céu e da terra, dos rios e das montanhas, e essas montanhas são chamadas de *śaryaṇāvataḥ*.

Ārjīkīya, além das três passagens já mencionadas, ocorre em 10.75.5, onde é claramente um rio, bem como Suṣoma, enquanto que, em 9.65.23, Ārjīkas, no plural, só poderia ser o nome de um povo.

Levando tudo isso em conta, me parece que devemos aceitar a tradição que Śaryaṇāvat era um lago e o distrito adjacente em Kurukṣetra, que Ārjīkā era o nome de um rio, Ārjīka o nome do país adjacente, Ārjīkāḥ, dos habitantes, Ārjīkīyā outro nome de Ārjīkā, o rio, e Ārjīkīyam outro nome do país Ārjīka. Suṣoma em nossa passagem é provavelmente o nome da região perto de Suṣomā, e Pastyāvat, embora possa ser um adjetivo significando cheio de aldeias, é provavelmente outro nome geográfico; veja, contudo, 9.65.23. Ludwig considera Śaryaṇāvat como um nome do Sarasvatī Oriental; veja Zimmer, *Altindisches Leben,* p. 19; mas devemos esperar Śaryaṇāvatī como o nome de um rio. Veja também Bergaigne, I.206, que, segundo o seu sistema, considera todos esses nomes como 'preparadores celestes de Soma'.

[61] Veja 1.38.1.

[62] *Chandas* é incerto, veja, no entanto, 1.92.6.

628 - Hino 8. Aśvins (Wilson)

(Sūkta III)

Os deuses são os Aśvins; o Ṛṣi é Sadhvaṃsa,[1] da família de Kaṇva; a métrica é Anuṣṭubh.

Varga 25. **1**. Venham a nós, Aśvins, com todas as suas proteções, Dasras, viajantes em uma carruagem dourada, beber a doce bebida Soma.
2. Aśvins, compartilhadores de alimento sacrifical, enfeitados com ornamentos dourados, sábios e dotados de intelectos profundos, venham realmente em sua carruagem, envoltos em brilho solar.
3. Venham (do mundo) do homem,[2] venham do firmamento, (atraídos) pelos nossos louvores piedosos; bebam, Aśvins, o Soma doce oferecido no sacrifício dos Kaṇvas.
4. Venham a nós de cima do céu, vocês que amam o (mundo) abaixo,[3] (venham) do firmamento; o filho de Kaṇva despejou aqui para vocês a doce libação de Soma.
5. Venham, Aśvins, beber o Soma em nosso sacrifício, vocês que são louvados (por ele) (e honrados) pelos seus atos piedosos, benfeitores do adorador, sábios e líderes de ritos.[4]
Varga 26. **6**. Líderes de ritos, quando os Ṛṣis outrora os invocavam em busca de proteção, vocês vinham; então agora, Aśvins, venham aos meus louvores devotados.
7. Familiarizados com o céu,[5] venham a nós do céu, ou de cima do (firmamento) brilhante; favoráveis ao adorador,[6] (venham), induzidos por seus atos piedosos;[7] ouvintes de invocações, (venham, induzidos) pelos nossos louvores.
8. Quais outros além de nós adoram os Aśvins com louvores? O Ṛṣi Vatsa, o filho de Kaṇva, os tem glorificado com hinos.
9. O adorador sábio os chama para cá com louvores, Aśvins, por proteção; impecáveis, destruidores absolutos de inimigos, sejam para nós as fontes de felicidade.
10. Afluentes em sacrifícios, quando a donzela (Sūryā) subiu em sua carruagem, então, Aśvins, vocês realizaram todos os seus desejos.
Varga 27. **11**. De onde quer (que vocês possam estar) vindo, Aśvins, com a sua carruagem mil vezes diversificada,[8] o sábio Vatsa, o filho de Kavi,[9] tem se dirigido a vocês com palavras doces.
12. Alegradores de muitos, cheios de riquezas, concessores de riquezas, Aśvins, sustentadores de todos, aprovem esta minha adoração.
13. Concedam-nos, Aśvins, todas as riquezas que não possam nos trazer vergonha, nos tornem geradores de progênie no devido tempo e não nos sujeitem à reprovação.
14. Se, Nāsatyas, vocês estão longe, ou se vocês estão perto, venham de lá com a sua carruagem mil vezes diversificada.

---

[1] Pelos versos [7 (notas 6 e 15)], 8, 11, [15 e 19], ele parece ser chamado também de Vatsa, filho de Kaṇva. (Veja o v. 1 do próximo hino).
[2] [Veja a nota 14].
[3] *Adha-priyā* é explicado como 'satisfeitos com o Soma no mundo abaixo ou satisfeitos por louvor'.
[4] A segunda parte da estrofe é tornada inteligível pelo escoliasta apenas por tomar grande liberdade com alguns dos termos e, afinal, o significado é questionável. *Svāhā* ele interpreta como o vocativo dual, adorado com a forma *svāhā;* ou *svāhā* pode significar *vāc* ou *stuti*. *Stomasya* ele interpreta como *stotuh*. Ou o todo pode estar no vocativo, e ligado à primeira parte.
[5] *Svar-vidā*, explicado como 'que fazem obter o céu'.
[6] ['Cuidadores de Vatsa'. – Griffith].
[7] Sāyaṇa conecta *dhībhiḥ* com os Aśvins, 'venham com suas mentes (favoráveis a nós)'.
["No entanto, em 19cd *dhītíbhiḥ* definitivamente pertence ao poeta, e esse também parece ser o caso com *suvṛktíbhiḥ* em 3b (com base em 22ab), bem como *dhībhíḥ* e *stómebhiḥ* em 7cd". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[8] [Veja a nota 18].
[9] *Vatsaḥ kāvyaḥ kaviḥ; kāvyaḥ* é explicado como *kaveḥ putraḥ*, o que pode significar o filho do sábio, isto é, de Kaṇva. Veja o v. 8.

15. Deem, Nāsatyas, alimento de muitos tipos gotejando manteiga para ele, o Ṛṣi Vatsa, que tem glorificado vocês dois com hinos.

Varga 28. **16**. Deem, Aśvins, alimento fortificante, gotejante com manteiga, para aquele que os louva, os senhores da generosidade, para obter felicidade, que deseja riquezas.

17. Os que confundem os malignos, compartilhadores de muitas (oblações), venham a esta nossa adoração; nos tornem líderes prósperos (de ritos); deem essas (coisas boas da terra) aos nossos desejos.

18. Os Priyamedhas nos sacrifícios aos deuses invocam vocês, Aśvins, que governam os ritos religiosos,[10] junto com suas proteções.

19. Venham a nós, Aśvins, fontes de felicidade, fontes de saúde; (venham), adoráveis (Aśvins), a este Vatsa, que os tem exaltado com sacrifícios e com louvores.

20. Líderes (de ritos), nos protejam com aquelas proteções com as quais vocês protegeram Kaṇva e Medhātithi, Vaśa e Daśavraja; com as quais vocês protegeram Gośarya;[11]

Varga 29. **21**. (E) com as quais, os líderes (de ritos), vocês protegeram Trasadasyu quando a riqueza era para ser adquirida; que vocês com as mesmas nos protejam benevolentemente, Aśvins, para a aquisição de alimentos.

22. Que hinos (perfeitos) e louvores sagrados os magnifiquem, Aśvins; protetores de muitos, exterminadores de inimigos, vocês são desejados por nós.

23. As três rodas[12] (da carruagem) dos Aśvins, que eram invisíveis, ficaram visíveis; que vocês dois, que estão cientes do passado, (venham) pelos caminhos da verdade[13] à presença dos seres vivos.

Índice◄►Hino 9 (Wilson)

---

628 - Hino 8. Aśvins (Griffith)

1. Com todos os auxílios que são seus, ó Aśvins, venham aqui até nós;
Esplêndidos, transportados em caminhos de ouro, bebam o hidromel com suco Soma.
2. Venham agora, ó Aśvins, em seu carro enfeitado com um dossel de sol brilhante,
Generosos, com suas formas douradas, Sábios com profundidade de intelecto.
3. Venham dos Nahuṣas,[14] venham, atraídos por hinos puros, do meio do ar.
Ó Aśvins, bebam o suco saboroso derramado no sacrifício dos Kaṇvas.
4. Venham a nós aqui do céu, venham do firmamento, bem-amados por nós;
Aqui o filho de Kaṇva espremeu para vocês o hidromel agradável de suco Soma.
5. Venham, Aśvins, nos dar atenção, beber o Soma, Aśvins, venham.
Salve! Fortalecedores da canção de louvor, acelerem, ó Heróis, com seus pensamentos.
6. Como, Heróis, nos tempos antigos os Ṛṣis os chamavam para ajudá-los,
Assim agora, ó Aśvins, venham a nós, aproximem-se deste meu louvor.
7. Mesmo da esfera luminosa do céu venham a nós, vocês que encontram a luz, Cuidadores de Vatsa,[15] através das nossas preces e louvores, ó vocês que ouvem o nosso chamado.

---

[10] Um *Brāhmaṇa* [o *Śatapatha Brāhmaṇa,* 12.8.2.22], é citado para os Aśvins serem os sacerdotes ministrantes, os Adhvaryus, dos deuses.
[11] Ou Śayu, cuja vaca estéril os Aśvins habilitaram para dar leite. Veja 1.116.22.
[12] [Veja a nota 24 § 2].
[13] *Patmabhir* é explicado como *padair*, que significou rodas na linha anterior; *ṛtasya* é explicado diversamente como verdade, água, ou o sacrifício, que os caminhos ou rodas são ditos causarem.
[14] Ou, segundo outros, dos povos vizinhos.
[15] Vocês que favorecem e abastecem Vatsa, o Ṛṣi do Hino 6 deste livro.

8. Será que outros adoram mais do que nós os Aśvins com seus hinos de louvor?[16]
O Ṛṣi Vatsa, filho de Kaṇva, os tem exaltado com suas canções.
9. O cantor sagrado com seus hinos os chamou, Aśvins, para cá;
Melhores matadores de Vṛtra, livres de mácula, como tais nos tragam felicidade.
10. Quando, ó Senhores de grande riqueza, a Dama[17] subiu em seu carro,
Então, ó Aśvins, vocês realizaram todos os desejos que os seus corações anelavam.
11. Venham de lá, ó Aśvins, em seu carro que tem mil ornamentos;[18]
Vatsa o sábio, o filho do sábio, cantou uma canção de doces[19] para vocês.
12. Alegradores de muitos, ricos em bens, descobridores de opulência,
Os Aśvins, viajantes pelo céu, acolheram esta minha canção de louvor.
13. Ó Aśvins, concedam a nós todos ricos presentes com os quais nenhum homem possa interferir. Façam-nos cumprir os tempos determinados; não nos entreguem ao opróbrio.
14. Se, Nāsatyas, vocês estão perto, ou se estão longe,
Venham de lá, ó Aśvins, em seu carro que tem mil ornamentos.
15. Vatsa o Ṛṣi com suas canções,[20] Nāsatyas, os exaltou;
Concedam-lhe rico alimento destilando óleo,[21] enfeitado com mil ornamentos.
16. Deem a ele, ó Aśvins, o alimento que fortalece e que goteja com óleo,
A ele que os louva em busca de felicidade, e, Senhores da generosidade, ora por riquezas.
17. Venham a nós, vocês que matam o inimigo, Senhores de rico tesouro, a este hino.
Ó Heróis, deem-nos grande renome e essas coisas boas da terra para ajudar.
18. Os Priyamedhas os invocaram com todos os auxílios que são seus,
Vocês, Aśvins, senhores de ritos solenes, com chamados rogando-lhes para virem.
19. Venham a nós, Aśvins, vocês que trazem felicidade, Auspiciosos,
Para Vatsa que com prece e hino, Amantes de Música, os tem honrado.
20. Ajudem-nos, ó Heróis, por aqueles hinos pelos quais vocês ajudaram Gośarya[22] antigamente, prestaram auxilia a Vaśa, Daśavraja[23] e Kaṇva e Medhātithi;
21. E favoreceram Trasadasyu, ó Heróis, na luta que decidiu os despojos;
Por esses, ó Aśvins, bondosamente nos ajudem na aquisição de força.
22. Ó Aśvins, que os nossos hinos puros, e canções e louvores, os honrem; melhores matadores de inimigos em todos os lugares, como tais nós ansiamos afetuosamente por vocês.
23. Os três lugares[24] dos Aśvins, antigamente escondidos, são tornados visíveis agora.
Ambos Sábios, com o voo da Lei vêm aqui àqueles que vivem.

---

[16] [‘Aśvins, será que outros além de nós se sentam em volta de vocês com canções?’. – Muir, *O. S. Texts,* III. 243].
[17] Sūryā, Filha do Sol. Veja 1.116.17.
[18] [“O adjetivo composto *sahasranirṇij*, ‘que tem traje multiplicado por mil’, é encontrado apenas neste hino e não parece um qualificador particularmente natural, seja de uma carruagem (v. 11, 14) ou do revigoramento (15)”. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[19] [‘Com palavras doces’. – Wilson].
[20] [‘O primeiro hemistíquio repete 8cd, mas neste verso o poeta pede algo em resposta aos seus hinos fortalecedores’. – Jamison].
[21] [“Outro exemplo de vocabulário encadeado: *ghṛtaścút,* 'pingando ghee', que é razoavelmente adequado tanto para 'revigoramento' (*íṣ*, 14) quanto para 'nutrição' (*ūrj*, 16)’. – Id.].
[22] [Veja nota 11].
[23] Vaśa e Daśavraja são conhecidos como protegidos dos Aśvins.
[24] Segundo Sāyaṇa, as três rodas da carruagem dos Aśvins são aludidas. Os três lugares só podem ser céu, firmamento e terra, escondidos durante a escuridão da noite e feitos visíveis pela chegada dos Aśvins e da Aurora.

[‘Os três passos’, segundo Jamison, que observa: “os três passos *(tríṇi padā́ni)* atribuídos aos Aśvins devem se destinar a evocar os três célebres *padā́ni* de Viṣṇu (1.154.4). Pode-se notar que no próximo hino (8.9), também por Vatsa, o v. 2 pede aos Aśvins para conferirem a nós o poder no meio do espaço, no céu, e ‘através dos cinco povos de Manu’ (isto é, na terra). Visto que os três passos de Viṣṇu cobrem as mesmas três divisões cósmicas, o alcance geográfico dos Aśvins pode ser aludido aqui. Ainda mais impressionante no próximo hino (8.9.12d) [são] os Aśvins ‘situados nos passos de Viṣṇu’ *(víṣṇor vikrámaṇeṣu tíṣṭhathaḥ)”.*

629 - Hino 9. Aśvins (Wilson)

(Sūkta IV)[1]

Os deuses como antes; o Ṛṣi é Śaśakarṇa; a métrica do segundo, terceiro, e dos últimos dois versos é Gāyatrī; do primeiro, quarto, sexto, décimo quarto e décimo quinto, Bṛhatī; do quinto, Kakubh; do décimo, Triṣṭubh; do décimo primeiro, Virāj; do décimo segundo, Jagatī; e do resto, Anuṣṭubh.[2]

Varga 30. **1**. Venham, Aśvins, sem falta, para proteger o adorador;[3] concedam-lhe uma residência segura e espaçosa; afastem aqueles que não fazem oferendas.
2. Qualquer riqueza que possa haver no firmamento, no céu, ou entre as cinco (classes) de homens, deem, Aśvins, (a nós).
3. Reconheçam, Aśvins, (as devoções) do filho de Kaṇva, como (vocês reconheceram) aqueles sábios antigos que repetidamente dedicaram obras piedosas a vocês.

4. Esta oblação[4] é despejada, Aśvins, para vocês com louvor; este Soma de sabor doce é oferecido a vocês, que são opulentos com alimentos, (animados) pelo qual vocês projetam (a destruição d)o inimigo.
5. Fazedores de muitos atos, Aśvins, conservem-me com aquela (virtude curadora) depositada[5] (por vocês) nas águas, nas árvores, nas ervas.
Varga 31. **6**. Embora, Nāsatyas, vocês nutram (todos os seres), embora, deuses, vocês curem (todas as doenças), este adorador não obtém vocês por louvores (somente), vocês se dirigem àquele que lhes oferece oblações.[6]

7. Quando realmente vocês chegam, Aśvins, o Ṛṣi entende com (compreensão) excelente o louvor (a ser dirigido a vocês); ele aspergirá o Soma de sabor doce e (a oblação de) gharma sobre o fogo Atharvan.[7]
8. Subam ao mesmo tempo, Aśvins, em sua carruagem de movimento ligeiro; que estes meus louvores os tragam radiantes como o sol.
9. Reconheçam, Nāsatyas, para que possamos trazê-los aqui hoje pelas preces e louvores do filho de Kaṇva.[8]

10. Considerem (os meus louvores) do mesmo modo que (vocês consideraram) quando Kakṣīvat os louvou, quando o Ṛṣi Vyaśva, quando Dīrghatamas, ou Pṛthin, o filho de Vena, os glorificaram nas câmaras de sacrifício.

---

[1] [O hino inteiro se encontra no *Atharva-Veda,* Livro 20, cap. 139-142].
[2] [Organizados em tṛcas].
[3] *Vatsasya avase*, como se fosse o nome do Ṛṣi. Veja a nota 1 do Hino anterior. (Ou talvez Sāyaṇa pode querer dizer que *vatsa* é aqui utilizado em lugar de *stotṛ).*
[4] *Gharma* tem como uma explicação *Pravargya*, uma cerimônia assim chamada. É também o nome de um recipiente sacrifical, bem como da oblação que ele contém. Veja 5.30.15, nota.
[5] O texto só tem *kṛtam*, criado ou feito, o comentador adiciona *bheṣajam*, um medicamento.
[6] O escoliasta explica que isso significa que o louvor, para ser eficaz, deve ser acompanhado por oferendas.
[7] *Gharmaṃ siñcād atharvaṇi*, no fogo inócuo; ou no fogo aceso pelo Ṛṣi Atharvan, conforme um texto anterior, 6.16.13. [Veja a nota 19].
[8] Sāyaṇa explica, 'Considerem (as preces) de mim, o filho de Kaṇva, para que possamos trazê-los aqui por essas preces e louvores'.

Varga 32. **11**. Venham (a nós como) guardiões da nossa residência, tornem-se nossos defensores, sejam protetores dos nossos dependentes,[9] nutridores de nossos corpos; venham para a habitação para (o bem d)os nossos filhos e netos.[10]
12. Embora, Aśvins, vocês devam estar andando na mesma carruagem com Indra, embora vocês devam residir com Vāyu, embora vocês devam estar desfrutando de gratificação junto com os Ādityas e Ṛbhus, embora vocês estejam prosseguindo nas pegadas de Viṣṇu,[11] (venham aqui).

13. Visto que eu os invoco, Aśvins, hoje pelo sucesso na guerra (portanto, o concedam), pois a proteção triunfante dos Aśvins é a mais excelente para a destruição (de inimigos) em batalha.
14. Venham, Aśvins, essas libações são preparadas para vocês; aquelas libações que Turvaśa e Yadu lhes ofereceram, elas são agora oferecidas a vocês pelos Kaṇvas.
15. O remédio que cura, Nāsatyas, que está longe ou perto, com o qual (vocês foram) à residência (dele) por causa de Vimada, que vocês que têm sabedoria insuperável agora concedam a Vatsa.[12]

Varga 33. **16**. Eu acordo com o louvor piedoso dos Aśvins; dispersa, deusa,[13] (a escuridão) ao meu louvor; concede prosperidade a (nós) mortais.
17. Uṣas, deusa poderosa que fala a verdade, desperta os Aśvins; invocadora dos (deuses) adoráveis (os acorda) sucessivamente; o copioso alimento sacrifical (é preparado) para a sua alegria.
18. Quando, Uṣas, tu te moves com teu esplendor, tu brilhas igualmente com o sol; e esse carro dos Aśvins prossegue para o salão de sacrifício frequentado pelos líderes (do rito).

19. Quando as plantas Soma amarelas ordenham (seu suco) como vacas de seus úberes, quando os (sacerdotes) devotados repetem as palavras de louvor, então, ó Aśvins, nos protejam.
20. Dotados de grande sabedoria, nos preservem por fama, por força, por vitória, por felicidade, por prosperidade.
21. Embora, Aśvins, vocês estejam sentados na região do (céu) paterno[14] (envolvidos em) ritos sagrados, ou, glorificados por nós, (permanecem lá) com prazeres, (ainda assim venham para cá).

Índice◄►Hino 10 (Wilson)

---

[9] Protetores dos nossos seres vivos móveis, ou nossos dependentes, ou, como o Sr. Langlois traduz, nossos animais.
[10] Ou, 'Venham para as casas dos nossos filhos e netos'.
[11] [Muir lê: 'ou quando vocês permanecem nos passos de Viṣṇu'. – *O. S. Texts,* IV. 88. 'Situados nos passos de Viṣṇu'. – Jamison].
[12] Sāyaṇa explica, 'junto com os (medicamentos) que vocês - que têm sabedoria insuperável - agora deem uma casa para Vatsa, como (vocês deram) para Vimada'.
[13] [Aurora. Veja a nota 30].
[14] No original, *pituḥ*, que é explicado como *dyulokasya*, ou *yajamānasya*. No último sentido devemos traduzir a frase: 'Se vocês permanecem com seus louvores no salão sacrifical do adorador, ou com as (oblações) concessoras de louvor, então venham para cá'.

629 - Hino 9. Aśvins (Griffith)

1. Para ajudar e favorecer Vatsa[15] agora, ó Aśvins, venham aqui.
Deem-lhe uma casa espaçosa e segura, e mantenham longe as malignidades.
2. Toda virilidade que há no céu, com as Cinco Tribos, ou no meio do ar,
Concedam, ó Aśvins, a nós.
3. Lembrem-se de Kaṇva antes de todos entre os cantores, Aśvins, que
Têm pensado[16] sobre os seus atos extraordinários.

4. Aśvins, para vocês com canção de louvor esta oblação quente é derramada, este seu suco Soma doce, ó Senhores de grande riqueza, pelo qual vocês pensam no inimigo.[17]
5. Com tudo o que vocês têm feito[18] nas águas, na árvore, Fazedores de Milagres, e nas plantas, com isso, ó Aśvins, me socorram.
6. Aquela força, Nāsatyas, que vocês exercem, seja qual for, Deuses, que vocês cuidam e curam, essa o seu próprio Vatsa não ganha por seus hinos apenas: vocês visitam aquele que oferece presentes.

7. Agora o Ṛṣi pensou esplendidamente no hino de louvor dos Aśvins.
Que o Atharvan[19] despeje a oblação morna, e Soma muito rico em doces.
8. Ó Aśvins, agora subam no seu carro que roda ligeiramente em seu caminho.
Que esses meus louvores os façam correr para cá como uma nuvem do céu.
9. Quando, ó Nāsatyas, nós hoje os fazemos acelerar para cá com nossos hinos,
Ou, Aśvins, com os nossos cânticos de louvor, lembrem-se de Kāṇva especialmente.[20]

10. Como antigamente Kakṣīvān[21] e o Ṛṣi Vyaśva,[22] como antigamente Dīrghatamas invocava a sua presença, ou, nas câmaras de sacrifício, Vainya[23] Pṛthī[24], assim fiquem atentos a nós aqui, ó Aśvins.

---

[15] Aparentemente outro nome de Śaśakarṇa, também chamado de Kāṇva ou descendente de Kaṇva, o Ṛṣi do hino.
[16] Ou mencionado, manuseado.
[17] Planejam a destruição do demônio da escuridão.
["Eu tomo *cíketathaḥ* 'prestam atenção em' [ou 'pensam sobre'] em um sentido um tanto sinistro aqui: com a ajuda (fortalecimento) do soma os Aśvins voltarão sua atenção para Vṛtra - o obstáculo - e cuidarão da ameaça que ele representa. No entanto, eu não estou totalmente certa sobre porque os Aśvins estão sendo implicados na batalha com Vṛtra e assimilados, por assim dizer, a Indra. O gharma do primeiro meio-verso é mais naturalmente a sua bebida. Mas veja 7cd abaixo. Note ainda que, em 12a eles andam na mesma carruagem com Indra. Com base naquele hemistíquio, que também os associa com Vāyu (12b), podemos assumir que é a sua aparição conjunta no sacrifício do amanhecer que os faz entrarem em associação". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[18] O professor Wilson parafraseia, seguindo Sāyaṇa, [veja acima a versão dele].
[19] O sacerdote encarregado especialmente do fogo e do Soma. Eu sigo Ludwig ao tomar *atharvaṇi* como um nominativo e não como um locativo como Sāyaṇa faz: 'ele aspergirá o Soma de sabor doce e (a oblação de) gharma sobre o fogo Atharvan'. – Wilson.
[Muir lê: "'Que ele (o ṛṣi) despeje o doce soma, a poção aquecida, no sacerdote'. O 'sacerdote' quer dizer Agni, segundo o professor Roth. Sāyaṇa explica a palavra *atharvaṇi* como 'no fogo inócuo'; ou, Atharvan era um ṛṣi: o fogo gerado [por fricção] por ele é simbolicamente chamado de 'Atharvan'. A *Vājasaneyi Saṃhitā*, 8.56 [lê]: 'Ele (soma) torna-se 'Atharvan' ao ser trazido'. Aqui o professor Roth diz que Soma é o seu próprio sacerdote". – *O. S. Texts,* II. 461. Veja também 6.47.24 e 10.48.2].
[20] ["O último pāda do verso (d) é idêntico ao último pāda do verso 3 (c), mas o ponto é muito diferente. No v. 3 o poeta pede para os Aśvins prestarem atenção apenas a ele, apesar das atividades dos outros poetas; aqui somos 'nós' que estamos movendo os Aśvins, mas o poeta ainda assim pede a sua atenção exclusiva". – Jamison].
[21] Veja 1.18.1.
[22] Veja 1.112.15.
[23] Filho de Vena.
[24] O primeiro rei ungido ['dito ter governado também os animais inferiores, e ter introduzido as artes da agricultura no mundo, ele é enumerado entre os ṛṣis e dito ser o autor de 10.148 [Pṛthu Vainya]'. – *Monier-Williams]*.
["O pāda final aqui é uma variante de 3c e 9d, mas as circunstâncias diferem de ambos. Aqui o poeta não se compara com outros poetas rivais (como em 3) ou com o maior grupo de 'nós' (como em 9), mas pede que os Aśvins prestem atenção como eles prestaram aos videntes anteriores - embora, na verdade, não *tão* anteriores: Kakṣīvant e Dīrghatamas são, naturalmente, poetas famosos representados nas coleções do Maṇḍala 1 (1.116-26 e 1.140-64 respectivamente);

11. Venham como guardiões do lar, nos salvando dos inimigos, protegendo as nossas criaturas vivas[25] e os nossos corpos; venham à casa para nos dar semente e prole,
12. Estejam viajando com Indra, Aśvins, ou descansando em uma habitação com Vāyu, em harmonia com os Ṛbhus ou Ādityas, ou ficando parados nos lugares dos passos de Viṣṇu.[26]

13. Quando eu, ó Aśvins, os invoco hoje para que eu possa ganhar força,
Ou poder que conquista tudo na guerra, seja essa[27] a graça mais nobre dos Aśvins.
14. Agora venham, ó Aśvins, para cá; aqui as oblações estão colocadas para vocês; estas doses de Soma para ajudar Yadu e Turvaśa, estas oferecidas a vocês em meio aos filhos de Kaṇva.
15. Com qualquer bálsamo curativo que seja seu, Nāsatyas, de perto ou de longe,
Com esse, grandes sábios, concedam uma casa para Vatsa e para Vimada.[28]

16. Junto com a Deusa,[29] com o Discurso dos Aśvins[30] eu acordei.
Tu, Deusa, revelaste o hino, e o presente sagrado dos homens mortais.
17. Desperta os Aśvins, Deusa Aurora! De pé Dama Poderosa de acordes doces!
Levanta-te imediatamente, sacerdote do sacrifício! Grande glória à dose que alegra!
18. Tu, Aurora, aproximando-te com tua luz brilhas junto com Sol,
E para este lar que protege o homem a carruagem dos Aśvins vem.

19. Quando os caules amarelos[31] produzem o suco, como as vacas dos úberes despejam seu leite, e vozes soam a canção de louvor, os adoradores dos Aśvins aparecem primeiro,[32]
20. Adiante por glória[33] e por força, proteção que conquistará homens,
E poder e habilidade, Sapientíssimos!
21. Quando, Aśvins, dignos dos nossos louvores, vocês se sentam na casa do pai,[34]
Com a sabedoria ou a bem-aventurança que vocês trazem.[35]

Índice◄►Hino 10 (Griffith)

Kakṣīvant também é identificado na *Anukramaṇī* como o filho (ou descendente) de Dīrghatamas. Um filho / descendente de Vyaśva, Viśvāmitra, é o poeta de 8.23-26, e 10.148 é atribuído a Pṛthu (não Pṛthī) Vainya. Assim, o nosso poeta parece estar pedindo a mesma atenção que esses videntes famosos recebiam, mas eles são não videntes do passado distante, mas na maior parte de poucas gerações atrás, possivelmente até mais ou menos contemporâneos (embora o perfeito *juhā́va* coloque a invocação no passado). Ambos são modelos e, em certa medida, rivais". – Jamison].
[25] Nossos dependentes e nosso gado.
[26] A partir dos quais ele deu seus grandes três passos através da terra, do firmamento, e do céu.
[27] A concessão do meu pedido.
[28] 'Como vocês deram para Vimada'. – Sāyaṇa.
[29] Aurora.
[30] Vāk ou a Fala que glorifica os Aśvins, isto é, o hino que os louva.
["O poeta tem despertado com o advento da deusa Aurora (o mundo natural), ao mesmo tempo que o discurso ritual dirigido para aos Aśvins começa". – Jamison].
[31] Da planta Soma.
[32] [Continua no v. 21, veja a nota 35].
[33] Avancem e venham nos dar glória, etc.
[34] No salão sacrifical do pai da família, o chefe de família rico que institui o sacrifício.
[35] Essa estrofe é uma continuação da 19, embora a conexão seja interrompida pela estrofe que fica entremeio.

630 - Hino 10. Aśvins (Wilson)

(Sūkta V)

Os deuses são como antes; o Ṛṣi é Pragātha, filho de Kaṇva; a métrica varia: a do primeiro verso é Bṛhatī; do segundo, Madhyejyotis Triṣṭubh; do terceiro, Anuṣṭubh; do quarto, Āstārapaṅkti; do quinto, Bṛhatī; e do sexto, Satobṛhatī.[1]

Varga 34. **1**. Se, Aśvins, vocês estão no momento onde os espaçosos salões de sacrifício (abundam), se vocês estão lá na esfera brilhante do céu, ou se vocês estão em uma residência construída acima do firmamento,[2] venham para cá.
2. Da mesma forma que vocês prepararam, Aśvins, o sacrifício para Manu, consintam (em prepará-lo) para o filho de Kaṇva; pois eu invoco Bṛhaspati, os deuses universais, Indra e Viṣṇu, e os Aśvins com os corcéis velozes.

3. Eu invoco esses Aśvins, que são famosos por grandes feitos, induzidos (a virem para cá) para a aceitação (das nossas oblações), de quem entre os deuses a amizade deve ser obtida especialmente.
4. De quem (todos) os sacrifícios são dependentes,[3] de quem há adoradores em um lugar onde não há culto,[4] aqueles dois familiarizados com sacrifícios imperecíveis (eu invoco) com louvores, para que vocês possam beber o suco doce de Soma.

5. Se, Aśvins, vocês residem hoje no oeste; se, opulentos em alimento, vocês residem no leste; se vocês permanecem com Druhyu, Anu, Turvaśa ou Yadu, eu os invoco; portanto, venham a mim.
6. Protetores de muitos, se vocês atravessam o firmamento, ou passam pela terra e pelo céu; se vocês sobem em sua carruagem com (todos) os seus esplendores; venham de lá, Aśvins, para cá.

Índice◄►Hino 11 (Wilson)

---

630 - Hino 10. Aśvins (Griffith)

1. Se vocês viajam para longe ou residem lá na luz do céu,
Ou em uma mansão que é construída acima do mar,[5] venham de lá, ó Aśvins, para cá.
2. Ou se para Manu vocês prepararam o sacrifício, lembrem-se também do filho de Kaṇva.
Eu chamo Bṛhaspati, Indra, Viṣṇu, todos os deuses, os Aśvins trazidos por corcéis velozes.[6]

3. Esses Aśvins eu invoco, que operam maravilhas, trazidos para cá para receber,[7]
Com quem a nossa amizade é a mais famosa, e parentesco que supera o dos Deuses.

---

[1] [Organizados em *pragāthas* (sobre *pragāthas* veja a nota 4 do Hino 1); os dois primeiros irregulares e o último um *Bārhata Pragātha* (Bṛhatī com Satobṛhatī)].
[2] [Veja a nota 5].
[3] *Yayoḥ adhi pra yajñāḥ, aśvinor upari sarve yāgāḥ prabhavanti*, aludindo, diz o comentador, a uma lenda na qual é dito que os Aśvins repuseram a cabeça do *yajña* decapitado. *Taittirīya Saṃhitā [Yajur-Veda Preto],* 6.4.9.1.
[4] [Veja a versão de Griffith e a nota 8 § 2].
[5] Acima do oceano de ar. [Jamison observa: "Eu fico tentada a traduzir: 'Sobre o mar em uma casa direcionada para cá', ou seja, um barco, embora isso possa ser extravagante demais". – *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[6] [Jamison traduz 'com mísseis velozes', e Muir 'com cavalos rapidamente relinchantes'].
[7] As nossas oblações.

4. De quem os ritos solenes dependem, cujos adoradores se levantam sem o Sol;[8] esses que preveem o trabalho sagrado do sacrifício e por sua Divindade bebem as docuras do suco Soma.

5. Se vocês, senhores de ampla riqueza, agora permanecem no leste ou oeste,
Com Druhyu ou com Anu, Yadu, Turvaśa,[9] eu os chamo aqui; venham a mim.
6. Senhores de grandes riquezas, se vocês voam através do firmamento ou correm através do céu e da terra, ou com suas naturezas Divinas permanecem em seus carros, venham de lá, ó Aśvins, para cá.

Índice◄►Hino 11 (Griffith)

---

631 - Hino 11. Agni (Wilson)

(Sūkta VI)[1]

O deus é Agni; o Ṛṣi Vatsa, da linhagem de Kaṇva; a métrica do primeiro verso é a Gāyatrī chamada Pratiṣṭhā; do segundo, a chamada Vardhamānā; dos sete seguintes, a Gāyatrī comum;[2] e do décimo, Triṣṭubh.

Varga 35. **1**.[3] Agni, que és um deus entre os mortais,[4] (e entre os deuses), tu és o guardião das obrigações religiosas; tu deves ser louvado com hinos em sacrifícios.
2. Vitorioso (sobre os inimigos), tu deves ser louvado em ritos solenes; tu, Agni, és o auriga dos sacrifícios.
3. Que tu, Jātavedas, afastes de nós aqueles que nos odeiam; (afasta), Agni, as tropas ímpias hostis.

4. Tu não desejas, Jātavedas, o sacrifício do homem que é nosso adversário, embora colocado diante de ti.
5. Mortais prudentes, nós oferecemos homenagem abundante a ti, que és imortal e onisciente.
Varga 36. **6.** Mortais prudentes, nós invocamos o deus sábio Agni com hinos para propiciá-lo, pela nossa proteção.

7. Vatsa,[5] pelo louvor que visa propiciar-te, Agni, deseja atrair o teu pensamento[6] da assembleia suprema (dos deuses).
8. Tu contemplas muitos lugares, tu és o Senhor de todos os povos, nós te chamamos nas batalhas.[7]

---

[8] Sāyaṇa explica *asūre* de modo diferente, conectando-o com *sūrī* em vez de *sūra*, [veja a versão de Wilson].
["Dado que os Aśvins são os deuses 'que chegam cedo' e recebem oferendas antes do amanhecer, a 'hora sem sol' faz sentido ritualmente". – Jamison].
[9] Druhyu e outros nomes significam as tribos nomeadas segundo esses antigos comandantes.
[1] ["O homem duas-vezes-nascido, de quem uma prática é, por ignorância (erro), perturbada, ou que entra em contato com *vrātyas* (estranhos religiosos) [ou que profere algo que é estranho ao seu voto], deve depois de jejuar, oferecer manteiga clarificada com (o sūkta) 'Agni o defensor dos ritos religiosos'". – *Ṛgvidhāna*, 2.30.5, tradução de Gonda, 1951. Veja também o *Śatapatha Brāhmaṇa*, 3.2.2.24].
[2] [Esses nove versos sendo organizados em tṛcas].
[3] [*Yajur-Veda Branco,* 4.16].
[4] O texto tem só mortais, e o comentador afirma que entre os deuses está, assim, implícito. (Sāyaṇa diz: 'Agni, tu, o divino, és entre os mortais (e entre os deuses) o guardião dos ritos religiosos').
[5] Mahīdhara interpreta Vatsa por *yajamāna*, o sacrificador querido para Agni, como um bezerro, ou criança, *Yajur-Veda Branco,* 12.115.
[6] O texto de Bentley, *Sāma Veda*, I.8 e II.516 (1.1.1.1.8 e 2.4.2.12.1), lê 'Eu te desejo com meu hino'.
[7] Essa e a próxima linha são encontradas no *Sāma Veda,* II.517,518 (2.4.2.12.2-3). A primeira estrofe do *Sāman* impresso lê *diśaḥ* em lugar de *viśaḥ* - 'regiões' em lugar de 'povos'.

9. Desejando força, nós invocamos Agni por proteção nas batalhas, a ele que é o concessor de riquezas maravilhosas (ganhas) em conflitos.[8]

10. Tu, o antigo, deves ser louvado com hinos em sacrifícios; desde a eternidade o invocador dos deuses, tu te sentas (na solenidade) tendo direito a louvor; nutre, Agni, o teu próprio corpo, e nos concede prosperidade.

Índice◄►Hino 12 (Wilson)

---

631 - Hino 11. Agni (Griffith)[9]

1. Tu Agni, Deus em meio aos homens mortais,[10] és o guardião dos ritos sagrados, tu deves ser adorado em sacrifícios.
2. Ó Poderoso Agni, tu deves ser glorificado em nossos festivais,
[Tu] que levas as nossas oferendas para os Deuses.[11]
3. Ó Agni Jātavedas, luta e afasta de nós os nossos inimigos,
A eles e suas inimizades ímpias.

4. Tu, Jātavedas, não procuras o culto de um homem hostil,
Mesmo que esteja próximo a ti.
5. Nós sábios, mortais como somos, adoramos o teu nome poderoso,
O nome do imortal Jātavedas.
6. Sábios, nós chamamos o Sábio para ajudar, mortais, nós chamamos o Deus para ajudar; nós invocamos Agni com nossas músicas.

7. Que Vatsa atraia a tua mente[12] de longe mesmo da tua morada mais elevada,
Agni, com canção que anseia por ti.
8. Tu és o mesmo em muitos lugares, em meio a todos os povos tu és o Senhor.
No combate e na luta nós te chamamos.
9. Quando estamos buscando força chamamos Agni para nos ajudar na contenda,
O dador de presentes ricos em guerra.

10. Antigo, adorável em sacrifícios, Sacerdote desde os tempos antigos, digno do nosso louvor, tu te sentas.[13] Repleta e satisfaze o teu corpo, Agni, e obtém felicidade para nós pelo oferecimento de culto.

Índice◄►Hino 12 (Griffith)

FIM DO QUINTO AṢṬAKA

---

[8] Benfey lê ‘Do rico tesouro na luta’.
[9] O hino foi traduzido por Max Müller em *History of Ancient Sanskrit Literature,* [p. 548-549].
[10] [“Poderia ser ‘entre deuses e entre homens’?” – Müller. O *Yajur-Veda Branco* 4.16 lê: “Tu, Agni, és o Deus guardião dos votos sagrados entre a humanidade, tu digno de louvor em ritos sagrados”. Esse verso ocorre no *Atharva-Veda,* 19.59.1. Veja também o *Śatapatha Brāhmaṇa* 3.2.2.24].
[11] Literalmente, ‘o auriga dos ritos solenes’.
[12] [‘Que o *poeta* atraia a tua atenção’... – Müller].
[13] [Ou, ‘tu tens tomado o teu lugar desde antigamente’].

SEXTO AṢṬAKA[1]

632 - Hino 12. Indra (Wilson)

(Adhyāya 1. Continuação do Anuvāka 2. Sūkta VII)

O deus é Indra; o Ṛṣi Parvata, da linhagem de Kaṇva; a métrica é Uṣṇih [e os versos estão organizados em tṛcas].

Varga 1. **1**. Nós pedimos,[2] poderosíssimo Indra, que és o intenso bebedor de Soma,[3] aquela alegria[4] que contempla (feitos heroicos), pela qual tu mataste o devorador (de homens).
2. Nós pedimos aquela (alegria) pela qual tu defendeste Adhrigu,[5] o realizador do (rito de) dez (meses), e o tremente líder do céu,[6] (o sol), e o oceano.
3. Nós pedimos aquela (alegria) pela qual tu incitas as águas poderosas para o mar, do mesmo modo que (os aurigas conduzem) seus veículos (para a meta), e para percorrerem os caminhos do sacrifício.[7]

4. Aceita, trovejante, este louvor (oferecido) pela realização dos nossos desejos, como manteiga consagrada, (induzido) pelo qual tu prontamente nos levas (até os nossos objetivos) pelo teu poder.
5. Fica satisfeito, tu que és satisfeito por louvor, com este nosso louvor crescente como o oceano, (induzido pelo qual), Indra, tu nos levas com todas as tuas proteções (para os nossos objetivos).
Varga 2. **6**. (Eu glorifico Indra) o deus que, vindo de longe, nos deu, por amizade, (riquezas), amontoando (-as sobre nós) como a chuva do céu, tu nos levas (aos nossos objetivos).

7. Os estandartes de Indra, o raio (que ele leva) em suas mãos, (nos) trouxeram (benefícios), quando, como o sol, ele expandiu o céu e a terra.[8]
8. Grande Indra, protetor dos bons, quando tu mataste milhares de (inimigos) poderosos, então a tua energia vasta e especial foi aumentada.
9. Indra, com os raios do sol, consome totalmente o seu adversário[9]; como o fogo (queimando) as florestas, ele se espalha vitorioso.

10. Este novo louvor, adequado para a época,[10] se aproxima, (Indra), de ti, oferecendo adoração e (te) alegrando muito, ele realmente proclama a extensão[11] (dos teus méritos).
Varga 3. **11**. O devoto louvador do adorável (Indra) purifica em devida sucessão a oferenda (de Soma), com hinos sagrados ele glorifica (o poder) de Indra, ele realmente proclama a extensão (dos seus méritos).

---

[1] [Este Aṣṭaka vai até o Hino 43 do Maṇḍala 9].
[2] *Tam īmahe:* o verbo é o refrão deste e dos dois próximos versos, e assim em todo o Sūkta cada *tṛca* termina com a mesma palavra. (Ou pode significar, 'Nós te pedimos, como possuidor daquela alegria').
[3] [Veja a nota 23].
[4] *Somapātamaḥ madaḥ:* o primeiro, por sua colocação, deve ser um epíteto, embora bastante incompatível, do segundo, mas o comentador atribui a *tvam*, tu, subentendido. *Sāma-Veda,* I.394 (1.5.1.1.4).
[5] Veja 1.112.20 e 1.62.4, nota.
[6] Sāyaṇa o explica como 'o que dissipa a escuridão, líder de todos'.
[7] [Ou 'os caminhos da verdade', ou 'o caminho ordenado pela Lei'. Esse verso e os anteriores também se encontram no *Atharva-Veda*, 20.63.7-9].
[8] Quando ele os refrescou com chuva, de acordo com o comentário.
[9] [*Arśasāna*, 'o que se esforça para ferir, malicioso', Jamison toma como nome próprio. Veja a nota 29. A mesma palavra ocorre também em 2.20.6 e 10.99.7].
[10] Ou, 'conectado com sacrifício', *ṛtviyāvatī*.
[11] *Mimīta it* é o refrão deste e dos dois versos seguintes. Ele é, literalmente, 'Em verdade mede', não é dito o quê. Sāyaṇa explica: ele, o louvor, discrimina as boas propriedades ligadas a Indra, ele dá a conhecer a sua grandeza.

12. Indra, o benfeitor de seu amigo (o adorador), expandiu-se para beber o Soma, do mesmo modo que o louvor piedoso expande e proclama a extensão (dos seus méritos).[12]

13. Eu derramo a oblação do sacrifício, como manteiga clarificada, na boca (daquele Indra), a quem os sábios, dirigindo-se com preces, alegram.
14. O louvor excelente que Aditi trouxe para o imperial Indra, para a nossa proteção, é aquele que foi (o produto) do sacrifício.[13]
15. Os portadores da oblação glorificam (Indra) pela sua proteção excelente;[14] agora, deus, que os teus cavalos muito acionados (te tragam para a oferenda) do sacrifício.

Varga 4. **16**. Visto que tu és alegrado pelo Soma compartilhado com Viṣṇu, ou quando (oferecido) por Trita, o filho das águas, ou junto com os Maruts, então agora (sê satisfeito) pelas (nossas) libações.[15]
17. Visto que, Śakra, tu és alegrado (pelo Soma) no oceano[16] longínquo, então fica satisfeito agora, quando o Soma é derramado pelas nossas libações.
18. Visto que, protetor dos virtuosos, tu és o benfeitor do devoto que te oferece libações, ou por cujas preces és propiciado, então agora (sê satisfeito) pelas nossas libações.

19. Eu glorifico o divino Indra onde quer que seja adorado[17] por sua proteção; (os meus louvores) chegaram a ele em busca da pronta (realização) dos (objetivos do) sacrifício.
20. (Seus adoradores) têm glorificado com muitos sacrifícios a ele a quem é oferecido o sacrifício, e com muitas libações o ávido bebedor de Soma; (eles têm glorificado) Indra com hinos, (os seus louvores) têm chegado a ele.
Varga 5. **21**. Infinitas são suas bênçãos, são muitas as suas glórias; amplos tesouros têm chegado ao doador (de oblações).

22. Os deuses colocaram Indra (à frente) para a destruição de Vṛtra; o louvor deles tem sido dirigido a ele para aumentar o seu vigor.
23. Nós repetidamente glorificamos com louvores e adorações a ele que é grande com grandeza, que ouve as nossas invocações, (para aumentar) o seu vigor.
24. O trovejante, de quem nem o céu nem a terra nem o firmamento são separados, a partir de cuja força, o poderoso, (o mundo) deriva brilho.

25. Quando, Indra, os deuses te colocaram à frente em batalha, então os teus cavalos amados te conduziram.
Varga 6. **26**. Quando, trovejante, pela tua força tu mataste Vṛtra, o obstrutor das águas, então os teus cavalos amados te conduziram.
27. Quando o teu (irmão mais novo) Viṣṇu por (sua) força[18] deu seus três passos, então, realmente, os teus cavalos amados te conduziram.[19]

28. Quando os teus cavalos amados tinham se avolumado dia a dia, então todos os seres existentes ficaram sujeitos a ti.
29. Quando, Indra, o teu povo - os Maruts - foi controlado por ti,[20] então todos os seres existentes ficaram sujeitos a ti.

---

[12] Literalmente, como o louvor crescente do adorador, ele proclama, etc. [Mas veja a nota 32].
[13] Ou melhor, 'pertence ao sacrifício'. O louvor de Aditi pode ser aquele em 4.18.4.
[14] Ou, 'por causa de sua proteção e louvor'.
[15] *Sāma-Veda,* I.384 (1.4.2.5.4). [O *tṛca* se encontra no *Atharva*, 20.111.1-3].
[16] Sāyaṇa toma *samudra* como significando o Soma, ou seja, 'Se tu és alegrado por alguma distante (oferenda de) Soma'.
[17] Isso, diz-se, implica Indra como estando presente ao mesmo tempo em diferentes cerimônias, ou em várias formas, como em uma passagem anterior, 6.47.18. (O verso é dirigido aos sacerdotes e ao *yajamāna*).
[18] *Yadi te viṣṇur ojasā* pode ser traduzido: 'quando Viṣṇu por *tua* força'.
[19] A única razão, aparentemente, para esta frase: *ād it te haryatā harī vavakṣatuḥ*, é ela ter servido como o refrão das duas estrofes anteriores.
[20] Ou, de acordo com Sāyaṇa, subjugou o mundo para ti.

30. Quando tu colocaste lá a luz pura, o sol, no céu, então todos os seres existentes ficaram sujeitos a ti.

31. O sábio (adorador), Indra, te oferece hoje este louvor sincero gratificante junto com ritos piedosos no sacrifício, como (um homem coloca) um parente em (uma) posição (proeminente).
32. Quando os (adoradores) reunidos o louvam em voz alta em um lugar que (o) agrada no umbigo (da terra), no local onde a libação é derramada no sacrifício, (então)[21]
33. Concede-nos, Indra, (riqueza), abrangendo prole masculina digna, cavalos excelentes, e bom gado; como o sacerdote ministrante (eu te adoro) em sacrifício, (para garantir) a tua prévia consideração.

Índice◄►Hino 13 (Wilson)

632 - Hino 12. Indra (Griffith)

1. Pela alegria,[22] poderosíssimo Indra, conhecida e notória[23], surgida principalmente das doses de Soma, com a qual tu derrubaste o demônio ganancioso, por ela nós ansiamos.[24]
2. Com a qual tu ajudaste Adhrigu,[25] o grande Daśagva,[26] e o Deus
Que move a luz do sol, e o oceano,[27] por ela nós ansiamos.
3. Com a qual tu impeliste como carros Sindhu e todas as águas poderosas
A seguirem o caminho ordenado pela Lei, por ela nós ansiamos.

4. Aceita este louvor por auxílio, tornado puro como óleo, ó Lançador da Pedra,
Pelo qual em um momento tu te tornaste grande.
5. Fica satisfeito, Amante de Música, com esta canção que flui abundante como o mar.
Indra, com todos os teus auxílios tu te tornaste grande.
6. O Deus que de longe enviou dádivas para manter o laço da nossa amizade,
Tu, espalhando-as como chuva do céu, te tornaste grande.

7. Os raios que o distinguem se tornaram fortes, o trovão repousa entre seus braços,
Quando, como o Sol, ele ampliou o Céu e a Terra.
8. Quando, Poderoso Senhor dos Heróis, tu comeste mil búfalos,[28]
Então cresceu e cresceu muito o teu poder de Indra.
9. Indra consome com os raios de Sūrya o homem malicioso;[29]
Como Agni conquistando a floresta ele se fortaleceu.

10. Este nosso mais novo pensamento adequado para o momento se aproxima de ti;

---

[21] *Tadānīm dhanam pradehi*, ligando o verso com o que segue – *uttaratra sambandhah*. A segunda metade da estrofe é muito elíptica, *nābhā yajñasya dohanā prādhvare;* o umbigo é, como de costume, o altar, *yajña* é dito significar aqui o Soma. Este é provavelmente um hino antigo, por suas repetições e combinação de simplicidade e obscuridade.
[22] *Mádaḥ*, a exaltação arrebatadora produzida em Indra por beber o suco Soma.
[23] ["Embora seja Indra quem esperamos que seja o melhor bebedor de Soma, aqui o epíteto é transposto para o seu *máda*, 'alegria'". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[24] O refrão curto que geralmente conclui cada estrofe de cada terceto desse hino está às vezes ligado bem vagamente e não pode ser sempre introduzido claramente no lugar adequado na tradução.
[25] Segundo Sāyaṇa um Ṛṣi assim chamado. Veja 1.112.20.
[26] Alguém da família sacerdotal ligada ou idêntica aos Aṅgirases. 'O realizador do (rito de) dez (meses)'. – Wilson. Ludwig pensa que Daśagva aqui pode significar o Sol.
[27] De ar.
[28] Os búfalos provavelmente representam as nuvens que o Sol dissipa ou consome. – Ludwig. 'Quando tu mataste milhares de (inimigos) poderosos'. – Wilson.
[29] ["Arśasāna é um inimigo de Indra no Ṛg-Veda sobre o qual pouco se sabe". – Jamison].

Servindo, amado em muitos lugares, ele mede e distingue.[30]
11. O germe piedoso do sacrifício purifica a alma diretamente.[31]
Pelos louvores de Indra esse se torna grande, mede e distingue.
12. Indra que ganha o amigo se expandiu para beber a dose de Soma;
Como o louvor crescente do adorador,[32] ele mede e distingue.

13. Ele a quem os sábios, homens vivos, têm alegrado, oferecendo seus hinos,
Cresceu como o óleo de sacrifício na boca de Agni.
14. Aditi também produziu um hino para Indra, Senhor Soberano;
O trabalho de sacrifício para obter ajuda é glorificado.
15. Os sacerdotes ministrantes cantaram suas canções por auxílio e louvor;
Deus, os teus Baios não se desviam do rito que a Lei ordena.

16. Se, Indra, tu bebes Soma ao lado de Viṣṇu ou de Trita Āptya,[33]
Ou com os Maruts te deleitas com as gotas correntes,
17. Ou, Śakra, se tu te alegras longe ou no oceano de ar,
Regozija-te com este nosso suco, com as gotas correntes.
18. Ou, Senhor dos Heróis, se tu ajudas o adorador que derrama o suco,
Ou aquele cujo louvor te deleita, e suas gotas correntes.

19. Para glorificar o Deus, o Deus, Indra, de fato, Indra por sua ajuda,
E prontamente terminar o sacrifício - isso eles ganharam.
20. Com culto, ele a quem os homens adoram, com Soma, a ele que o bebe mais,
Indra com louvores eles têm reforçado, isso eles ganharam.
21. Suas orientações são com poder e força, e suas instruções múltiplas;
Ele dá toda riqueza ao adorador; isso eles ganharam.

22. Para matar Vṛtra os Deuses colocaram Indra em primeiro lugar.
Indra os grupos de corais cantaram, por força vigorosa.
23. Nós, para o Poderoso, com nosso poder, com louvores para ele que ouve o nosso apelo, com hinos sagrados temos cantado alto, por força vigorosa.
24. Nem terra, nem céu, nem firmamentos contêm o Deus que maneja o trovão,
Eles tremem diante de seu avanço violento e força vigorosa.

25. Quando os Deuses, Indra, te colocaram à frente na luta furiosa,
Então os teus dois belos Corcéis Baios te levaram adiante.
26. Quando Vṛtra, o que detém as águas, tu mataste, Trovejante, com poder,
Então os teus dois belos Corcéis Baios te levaram adiante.
27. Quando Viṣṇu, através da tua energia, deu aqueles três grandes passos dele,
Então os teus dois belos Corcéis Baios te levaram adiante.

28. Quando os teus dois belos Corcéis Baios se tornaram cada vez maiores dia a dia,
Então todas as criaturas que tinham vida se curvaram a ti.
29. Quando, Indra, todo o povo Marut humildemente se submeteu a ti,
Então todas as criaturas que tinham vida se curvaram a ti.

---

[30] Define e discrimina as boas qualidades de Indra. – Sāyaṇa.
[31] O germe do sacrifício provavelmente é o desejo que motiva a oferenda. Sāyaṇa explica de modo diferente, [veja a versão de Wilson].
[32] Eu sigo Sāyaṇa. Mas a estrofe é ininteligível para mim. [Veja a versão de Wilson]. O significado de *vāśī* (louvor, segundo Sāyaṇa) é incerto. Von Roth pensa que as duas pedras de espremer são aludidas, e outros a explicam como a espada, faca ou machado usados em sacrifício.

["O sentido do símile 'como um machado' (*vāśīva*) é pouco claro, embora a explicação de Geldner pareça razoável: assim como o pensamento é medido metricamente, assim um machado é manuseado em um ritmo regular (ele compara com 8.19.23)". – Jamison].
[33] Veja 8.7.24, nota. Aqui ele aparece como o preparador do Soma celeste para Indra.

30. Quando lá o Sol, aquela luz brilhante, tu colocaste no céu acima,
Então todas as criaturas que tinham vida se curvaram a ti.

31. A ti, ó Indra, com esse pensamento o sábio ergue este louvor
Familiar e que leva como se a pé para o sacrifício.[34]
32. Quando em tua amada residência todos reunidos ergueram a voz,
Rios de leite[35] no ponto central da adoração, para sacrifício,
33. Como Sacerdote, ó Indra, dá-nos fartura de homens corajosos e bons corcéis e vacas,
Para que possamos nos lembrar primeiro de ti para sacrifício.

Índice◄►Hino 13 (Griffith)

---

633 - Hino 13. Indra (Wilson)

(Anuvāka 3. Continuação do Adhyāya 1. Sūkta I)

O deus é Indra; o Ṛṣi é Nārada, da família de Kaṇva; a métrica é Uṣṇih [e os versos estão organizados em tṛcas ou tercetos].

Varga 7. **1**. Indra, quando os sucos Soma são derramados, santifica o ofertante e o louvador[1] para a obtenção de força que dá crescimento, porque ele é poderoso.
2. Permanecendo no mais alto dos céus, na residência dos deuses, ele é o dador de crescimento, o realizador (de obras), o possuidor de grande renome, o conquistador (do obstrutor) das chuvas.
3. Eu invoco o poderoso Indra por (auxílio) no combate que concede alimento; fica perto de nós para a nossa felicidade,[2] sê um amigo para o nosso crescimento.[3]

4. Este presente do ofertante da libação flui para ti, Indra, que és satisfeito por louvor, alegrado pelo qual tu reinas sobre o sacrifício.[4]
5. Concede-nos, Indra, aquilo que, quando derramando a libação, nós te pedimos; concede-nos a riqueza maravilhosa que é o meio de obter o céu.[5]
Varga 8. **6**. Quando o teu encomiasta discriminador te dirige louvores avassaladores,[6] então, se eles são aceitáveis para ti, eles se expandem como os ramos (de uma árvore).

7. Gera os teus louvores como antigamente;[7] ouve a invocação do adorador; tu trazes em tua reiterada exultação (bênçãos) para o doador generoso (da oblação).
8. As palavras amáveis e verdadeiras daquele que neste hino é chamado de senhor do céu se divertem como águas fluindo por um (canal) descendente.

---

[34] A segunda linha é difícil. Wilson, seguindo Sāyaṇa, parafraseia a estrofe [veja a versão acima].
[Jamison lê: 'Que guia o seu semelhante em segurança, como pegadas, enquanto a cerimônia prossegue'].
["No sacrifício, o sábio, com louvores, envia a ti este hino, que é relacionado a ti, e, por assim dizer, supre os lugares (dos outros?)". – Muir, *O. S. Texts,* III. p. 240].
[35] Os hinos que fluem docemente. Wilson observa: "Este é provavelmente um hino antigo, por suas repetições e combinação de simplicidade e obscuridade".

---

[1] *Kratum punīta ukthyam*, que Sāyaṇa explica [como no texto], mas ele admite, como alternativa, o sacrifício chamado *ukthya*. O *Sāma-Veda*, I.381 (1.4.2.5.1 e 2.1.2.12.1), coloca Indra no vocativo.
[2] Sāyaṇa diz: 'Quando a riqueza ou a felicidade é procurada'.
[3] Este e o anterior ocorrem no *Sāma-Veda,* 2.97-98 (2.1.2.12.2-3). Sāyaṇa observa que *bhara* aqui pode significar 'sacrifício', a maioria das palavras que significam 'combate' tendo esse segundo significado também.
[4] O texto tem *barhiṣaḥ*, 'sobre a grama sagrada', significando o rito no qual ela é espalhada.
[5] Ou pode significar alguém que possui ou comunica o conhecimento do céu, ou seja, um filho.
[6] Isto é, capazes de subjugar inimigos.
[7] Isto é, por conceder o resultado esperado.

9. Ou aquele, que é chamado de único senhor absoluto de homens[8] – louvem-no, quando a libação é derramada, com canções glorificantes, implorando a sua proteção.

10. Louvem o renomado, o sapiente (Indra), cujos cavalos vitoriosos vão para a residência do devotado doador (da libação).

Varga 9. **11**. Generosamente disposto, que tu, que tens movimento rápido, venhas com corcéis brilhantes e velozes para o sacrifício, pois realmente há satisfação para ti desse modo.

12. Poderosíssimo Indra, protetor dos virtuosos, firma a nós que te louvamos na posse de riquezas, (concede) aos piedosos sustento imperecível onipenetrante.

13. Eu te invoco quando o sol nasce, eu (te) invoco ao meio-dia; sendo propiciado, vem a nós, Indra, com teus cavalos deslizantes.

14. Vem depressa, acelera; te alegra com a libação misturada com leite, estende o sacrifício antigo,[9] para que eu possa obter (a sua recompensa).

15. Tu estejas, Śakra, longe, ou, matador de Vṛtra, bem perto, ou estejas no firmamento, tu és o guardião do alimento (sacrifical).[10]

Varga 10. **16**. Que os nossos louvores glorifiquem Indra! Que as nossas libações despejadas satisfaçam Indra! Que as pessoas que trazem oblações excitem o prazer de Indra![11]

17. Os piedosos, desejando a sua proteção, o glorificam por (libações) amplas e concessoras de prazer; a terra, (e outros mundos, expandidos) como os ramos de uma árvore, glorificam Indra.

18. Os deuses propiciam o adorável superintendente[12] (Indra) nos ritos Trikadruka. Que os nossos louvores engrandeçam a ele que é sempre o engrandecedor (de seus adoradores).

19. O teu adorador é cumpridor de seu dever, visto que ele oferece preces no devido tempo, pois tu és aquele que é chamado de puro, purificador, magnífico.

20. A progênie de Rudra (os Maruts) é conhecida em lugares antigos, e a eles os adoradores inteligentes oferecem adoração.

Varga 11. **21**. Se, (Indra), tu escolhes a minha amizade, compartilha deste alimento (sacrifical), pelo qual possamos ir além (do alcance) de todos os adversários.

22. Quando, Indra, que te alegras com louvor, o teu devoto poderá ser totalmente feliz? Quando tu nos estabelecerás em (abundância de) gado, de cavalos, de residências?

23. Ou, quando os teus cavalos renomados e vigorosos trarão o carro de ti, que és livre de decadência, aquela (riqueza) alegradora que nós pedimos?[13]

---

[8] "Que é chamado de único senhor absoluto de homens por aqueles que o glorificam (com canções) e imploram a sua proteção". – Sāyaṇa.

[9] Compare com o *Aitareya Brāhmaṇa* de Haug (1863), vol. I, Introdução, p. 74: ["O *yajña* (sacrifício) existe como uma coisa sempre invisível, ele é como a energia latente de eletricidade em uma máquina eletrificante, que requer apenas a operação de um aparato adequado para ser extraída. Supõe-se que ele se estende, quando desenrolado, do *Āhavanīya* ou fogo sacrifical, no qual as oblações são lançadas, até o céu, formando assim uma ponte ou escada, por meio da qual o sacrificador pode se comunicar com o mundo dos deuses e espíritos, e até ascender quando vivo para as residências deles. O termo para o início das operações sacrificais é 'expandir [ou estender] o sacrifício', isso significa que a coisa invisível, que representa o sacrifício ideal que jaz adormecido, por assim dizer, é colocada em movimento, em consequência do que as suas respectivas partes ou membros estão se desdobrando, e assim o todo se torna estendido"].

[10] Ou, 'tu és o guardião (por beberes) do Soma'.

[11] Ou, 'se regozijem em Indra'.

[12] *Cetana*, explicado como *cetayitṛ*, 'o que faz ser sábio'. Para os Trikadrukas, veja 2.11.17; para o *abhiplava*, veja o *Aitareya Brāhmaṇa* de Haug, vol. II. p. 285 [4.3.15 (285)].

[13] Nós temos apenas *madintamam yam īmahe*, não é muito claro a que se aplica o epíteto; o único substantivo é *ratham*, mas o comentador tem: 'A ti alegre, riqueza', como se Indra estivesse subentendido, e a riqueza fosse o que era solicitado. (Sāyaṇa parece considerar o verso: 'Além disso os teus cavalos renomados e vigorosos (ou derramadores de desejos) trazem a carruagem de ti que és livre de decadência, a ti, o muito alegre, a quem pedimos (riquezas)'.

24. Nós pedimos com (oferendas) antigas e gratificantes a ele que é poderoso e invocado por muitos que ele se sente na agradável grama sagrada, e aceite a dupla (oferenda de bolos e suco Soma).

25. Louvado por muitos, (nos) torna prósperos com as proteções louvadas com hinos pelos Ṛṣis, envia-nos alimento nutritivo.

Varga 12. **26**. Indra portador do trovão, tu és o protetor daquele que assim te elogia; eu através de sacrifício busco a tua graça, que deve ser obtida por louvor.

27. Atrelando os teus cavalos, Indra, carregados com tesouros e que compartilham da tua alegria, vem aqui beber o Soma.

28. Que os filhos de Rudra, que são teus seguidores, se aproximem e compartilhem da glória (do sacrifício) e que (outros) povos (celestes) associados aos Maruts (compartilhem do) alimento (sacrifical).

29. Que aqueles que (são seus atendentes), vitoriosos (sobre inimigos), fiquem satisfeitos com a posição (que ocupam) no céu, e que eles se reúnam no umbigo do sacrifício, e para que daí eu possa adquirir (riqueza).

30. Quando a cerimônia está sendo preparada no salão de sacrifício, este (Indra), depois de ter inspecionado o rito, regula (a realização) na devida sucessão para um objetivo distante.[14]

Varga 13. **31**. A tua carruagem, Indra, é uma derramadora (de benefícios),[15] derramadores (de benefícios) são teus cavalos; tu também, Śatakratu, és o derramador (de benefícios), a invocação (dirigida a ti) é a derramadora (de benefícios).

32. A pedra (que espreme o Soma) é a derramadora (de benefícios), assim é a tua alegria e este suco Soma que é derramado; o sacrifício que tu aceitas é o derramador (de benefícios), e assim também é a tua invocação.

33. Eu, o derramador (da oblação), invoco com (louvores) múltiplos e gratificantes a ti, ó trovejante, o derramador (de benefícios); já que tu reconheces o louvor dirigido a ti, a tua invocação é a derramadora (de benefícios).

Índice◄►Hino 14 (Wilson)

---

633 - Hino 13. Indra (Griffith)

1. Indra, quando os sucos Soma fluem, torna a sua mente pura e própria para louvores.
Ele ganha o poder que traz o sucesso, porque ele é grandioso.
2. Na primeira região do céu, no lugar dos Deuses, é ele que traz o sucesso,
Gloriosíssimo, pronto para salvar, que ganha as torrentes de água.
3. A ele, para ganhar força, eu tenho invocado, o poderoso Indra para a luta.
Sê o mais próximo de nós para a felicidade, um Amigo para ajudar.

4. Indra, Amante de Música, aqui para ti a libação do adorador flui.
Regozijando-te nesta grama sagrada tu resplandeces.
5. Agora mesmo, ó Indra, dá-nos aquilo que, espremendo o suco, nós almejamos de ti.
Traze-nos riqueza múltipla que encontra a luz do céu.
6. Quando o adorador zeloso corajosamente canta as suas canções para ti,
Como os ramos de uma árvore cresce o que eles desejam.

---

[14] Para uma recompensa futura, mas a fraseologia é um pouco obscura, literalmente: 'Este (Indra) por uma longa perspectiva, no sacrifício que prossegue no leste, mede, tendo considerado em sucessão o sacrifício'.
[15] Nessa e nas duas estrofes seguintes nós temos a habitual repetição de *vṛṣā* [veja a nota 30].

7. Gera canções[16] assim como antigamente, dá ouvidos ao apelo do cantor.
Tu para o piedoso te tornas grande em cada festa.
8. Doces melodias que glorificam a ele tocam como águas descendo uma encosta,
De fato, a ele que nesta canção é chamado de Senhor do Céu;
9. Realmente, o único que é chamado de Senhor, o único Governante do povo,
Por adoradores que buscam auxílio: que ele se alegre com a dose.

10. Louvem-no, o Glorioso, hábil em canção, Senhor dos dois Baios vitoriosos;
Eles procuram a residência do devoto que se curva em oração.
11. Aplica a tua força; com Corcéis malhados vem, tu de intelecto poderoso,
Com Corcéis velozes para o sacrifício, pois ele é a tua alegria.
12. Dá riqueza àqueles que te louvam, Senhor dos Heróis, Poderosíssimo Indra; dá
Aos nossos príncipes fama e opulência eternas.

13. Eu te chamo quando o Sol nasce, eu te chamo ao meio-dia;
Com os teus cavalos de carro, Indra, vem a nós bem satisfeito.
14. Acelera para cá, vem a nós, regozija-te com a dose leitosa;
Prolonga o fio dos tempos antigos,[17] assim como é conhecido.
15. Se, Śakra, matador de Vṛtra, tu estás longe ou perto de nós,
Ou no mar,[18] tu és o guardião do suco Soma.

16.[19] Que as canções que cantamos e as gotas de Soma espremidas por nós fortaleçam Indra; as tribos que trazem oferendas encontram alegria nele.
17. A ele os sábios que anseiam por seu auxílio, com oferendas trazidas com pressa ansiosa, a ele, assim como ramos, toda a humanidade[20] tem feito crescer.
18. Nos Trikadrukas[21] os Deuses esticaram o sacrifício[22] que agitou a mente;[23]
Que as nossas canções fortaleçam a ele que tem nos fortalecido constantemente.

19. Quando, fiel ao dever, nas horas adequadas o adorador oferece louvores a ti,
Eles o[24] chamam de Purificador, Puro e Magnífico.
20. Aquela mente de Rudra, vigorosa e forte, se move consciente nos caminhos antigos,
Em relação à qual os sábios ordenaram esta.[25]

---

[16] Por realizar os pedidos dos cantores.
[17] 'Estende o sacrifício antigo'. – Wilson [veja a nota 9]. A devida realização de sacrifício é considerada como um fio não rompido que atravessa uma sucessão de Ṛṣis dos tempos antigos até os tempos modernos.
["Embora Geldner interprete o alongamento do fio como uma expressão metafórica para a continuação de relacionamentos antigos, parece muito mais provável que ele reflita a expressão idiomática normal 'esticar o fio' para a criação e execução do sacrifício. Veja 18b. 'O modo que é conhecido' significa o procedimento padrão. Que Indra esteja sendo incitado a fazer isso, em vez de os sacrificadores, pode ser um pouco estranho, mas veja, de fato, 18b, que acabamos de citar, bem como 30c". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[18] No firmamento, no oceano de ar.
[19] ["Este tṛca começa e termina da mesma maneira". – Jamison].
[20] *Kṣoṇīḥ*. Mas veja Max Müller, *Vedic Hymns*, I.310.
[21] Segundo Sāyaṇa esses eram os três primeiros dias da cerimônia Abhiplava. Segundo alguns estudiosos modernos eles são provavelmente três recipientes peculiares de Soma, ou uma oblação composta de três oferendas de Soma.
["Este mesmo verso é encontrado em 8.92.21, o que, no entanto, não fornece nenhuma ajuda contextual. Mas, como Geldner salienta, em 1.32.3 Indra bebe Soma *tríkadrukeṣu* antes da batalha com Vṛtra, e 2.11.17 e 2.22.1 sugerem o mesmo cenário". – Jamison].
[22] Veja a nota 17 acima.
[23] Que incitou outros a seguirem o exemplo.
[24] Uma mudança de pessoa, Indra sendo aludido. [Mas Jamison observa: "É digno de nota que a louvador que recita adequadamente adquire epítetos especialmente característicos de Agni e Soma (*śúci* [puro], *pāvaká* [brilhante]), os deuses rituais por excelência"].
[25] Canção de louvor, ou cerimônia sagrada. – Ludwig.
[Muir traduz: "'Aquela grande (manifestação) de Rudra (ou o terrível (Indra)*) é percebida nas antigas moradas, e nela os sábios têm, portanto, fixado suas mentes'. *Böhtlingk e Roth, sob *Rudra*, afirmam que a palavra é aqui um epíteto de Indra". – *O. S. Texts*, IV. 316].

21. Se tu escolhes ser meu Amigo bebe deste suco sacrifical,
Por cuja ajuda nós possamos subjugar todos os inimigos.

22. Ó Indra, Amante de Música, quando o teu louvador será muitíssimo abençoado?
Quando tu nos concederás fartura em rebanhos de vacas e cavalos?
23. E os teus dois Baios muito louvados, garanhões fortes, puxam o teu carro, que és Intocado pela idade, o carro mais alegrador pelo qual oramos.
24. Com oferendas antigas nós imploramos ao Jovem e Forte a quem muitos louvam.
Ele desde antigamente se senta sobre a preciosa grama sagrada.

25. Torna-te poderoso, tu a quem muitos louvam pelos auxílios que os Ṛṣis enaltecem.
Derrama para nós alimento abundante e nos guarda bem.
26. Ó Indra, Lançador da Pedra, tu ajudas aquele que te louva;
Do sacrifício eu envio a ti um hino atrelado pela mente.[26]
27. Aqui, atrelando por causa da dose de Soma esses cavalos, compartilhadores do teu banquete, os teus Corcéis Baios, Indra, repleto de riqueza, concorda em vir.

28. Acompanhantes da tua glória, que o rugido dos Rudras[27] concorde contigo,
E todas as companhias Marut venham para o banquete.
29. Esses seus seguidores vitoriosos mantêm nos céus o lugar que amam,
Aliados no coração[28] do sacrifício, como bem sabemos.
30. Para que possamos contemplar a luz por muito tempo, quando o rito ordenado prossegue, ele mede devidamente,[29] como ele vê, o sacrifício.

31. Ó Indra, forte[30] é esse teu carro, e fortes são esses teus Corcéis Baios;
Ó Śatakratu, tu és forte, forte é o nosso chamado.
32. Forte é a pedra de espremer, forte a tua alegria, forte é o suco Soma que flui;
Forte é o rito que tu promoves, forte é o nosso chamado.
33. Como forte eu chamo a ti o Forte, ó Trovejante, com os teus mil auxílios;
Pois tu ganhaste o hino de louvor. Forte é o nosso chamado.

Índice◄►Hino 14 (Griffith)

---

[26] Preparado pela mente do poeta, como uma carruagem – à qual o hino é frequentemente comparado – é equipada para uma viagem. [Muir lê: 'A partir da cerimônia sagrada eu envio uma prece que atrairá o teu coração'. – *O. S. Texts,* III. 240].
[27] Os filhos de Rudra, os Maruts.
[28] O coração, literalmente o *umbigo*, isto é, o ponto central, do *sacrifício*, é o receptáculo no qual oblações são colocadas, ou a *uttaravedī* ou altar do norte.
[29] ["Que o próprio Indra 'mede o sacrifício' é consistente com ele ser incitado a 'esticar o fio' em 14c acima". – Jamison].
[30] *Vṛṣā;* como observado antes (veja 1.177.2,3, nota), alguns dos poetas vêdicos se deleitam na repetição dessa palavra e derivados da mesma raiz. Sāyaṇa explica *vṛṣā* como 'derramador de benefícios', e Ludwig a traduz por 'forte como um touro'. O significado original da palavra é *macho*, *masculino*, e, por isso, forte.

634 - Hino 14. Indra (Wilson)

(Sūkta II)

O deus é Indra; os Ṛṣis são Goṣūktin e Aśvasūktin, da família de Kaṇva; a métrica é Gāyatrī [com versos organizados em tṛcas].

Varga 14. **1**. Se, Indra, eu fosse, como tu és, o único senhor da riqueza, então o meu louvador seria possuidor de gado.[1]
2. Senhor do Poder, eu daria àquele adorador inteligente aquilo que eu quisesse dar,[2] se eu fosse possuidor de gado.
3. O teu louvor, Indra, é uma vaca leiteira para o adorador que oferece as libações; ele ordenha para ele gado e cavalos em abundância.[3]

4. Nem deus nem homem, Indra, é obstrutor da tua afluência, (d)a riqueza que tu, quando louvado, planejas doar.
5. O sacrifício tem glorificado Indra, de modo que ele tem sustentado a terra (com chuva), tornando (a nuvem) imóvel no firmamento.[4]
Varga 15. **6**. Nós pedimos, Indra, a proteção de ti, que sempre estás sendo glorificado, o conquistador de todas as riquezas (do inimigo).

7. Na alegria do Soma, Indra percorreu o firmamento radiante para que ele pudesse perfurar (o Asura) Vala.[5]
8. Ele libertou as vacas para os Aṅgirasas, revelando aquelas que tinham sido escondidas na caverna, derrubando Vala de cabeça para baixo.
9. Por Indra as constelações foram feitas estáveis e firmes e fixas, de modo que não podiam ser movidas por ninguém.

10. O teu louvor, Indra, sobe ao alto como a exultante onda de águas, as tuas alegrias se manifestaram.
Varga 16. **11**. Tu, Indra, deves ser glorificado por louvor, tu deves ser glorificado por prece; tu és o benfeitor daqueles que te louvam.
12. Que os cavalos de crinas longas tragam Indra o concessor de riquezas ao sacrifício para beber o suco Soma.

13. Tu cortaste, Indra, a cabeça de Namuci com a espuma das águas,[6] quando tu subjugaste todos os teus inimigos.
14. Tu derrubaste, Indra, os Dasyus, que planavam para o alto por meio de seus artifícios e ascendiam ao céu.
15. Tu, Indra, o mais excelente bebedor de Soma,[7] destróis a assembleia adversa que não oferece libações.

Índice◄►Hino 15 (Wilson)

---

[1] *Sāma-Veda,* I.122 (1.2.1.3.8, e 2.9.2.9.1).
[2] Ou melhor, 'Eu desejaria dar, eu ofereceria àquele adorador inteligente'.
[3] [O *tṛca* se encontra no *Sāma-Veda,* 2.9.2.9.1-3].
[4] *Sāma-Veda,* I.121 (1.2.1.3.7, e 2.8.1.9.1).
[5] *Sāma-Veda,* II.990 (2.8.1.9.2). (Sāyaṇa explica o último trecho: 'por causa de qual (alegria) ele perfurou Vala').
[6] Essa lenda, mencionada anteriormente (5.30.9, nota), é narrada na seção *Gadā* (edição impressa, vol. III p. 264, linha 3) [no *Sārasvataparva* ou *Tīrthayātrāparva* na tradução de Ganguli] do *Śalya Parva* do *Mahābhārata* [Mbh. 9, cap. 43, § 3. Veja também o *Udyoga Parva* (Mbh. 5), cap. 10, p. 23 da tradução em português, onde a lenda é contada, mas o asura em questão é Vṛtra]. A versão de Sāyaṇa varia um pouco no começo, afirmando que Indra, depois de derrotar os Asuras, foi incapaz de capturar Namuci, pelo contrário, foi levado por ele. Namuci, no entanto, o libertou sob as condições enumeradas no *Bhārata* – de que ele não o mataria com nenhuma arma, seca ou molhada, nem de dia nem à noite. Em evasão de seu juramento, Indra no crepúsculo, ou em uma névoa, decapitou Namuci com a espuma das águas. (Ela também é citada na *Taittirīya Saṃhitā*, 1.8.14.e). *Sāma-Veda,* I.211 (1.3.1.2.8). *Yajur-Veda Branco*, 19.71. [Veja também a nota 259 em *O. S. Texts,* IV. p. 261].
[7] Ou pode significar 'tu que ao beberes o Soma te tornas preeminente'. *Viṣūcīm* pode significar 'discordantes'.

634 - Hino 14. Indra (Griffith)

1. Se eu, ó Indra, fosse, como tu, o único Soberano de toda riqueza,
O meu adorador seria rico em vacas.
2. Eu desejaria, Senhor do Poder, fortalecer e enriquecer o sábio,
Se eu fosse o Senhor dos rebanhos de vacas.
3. Para os adoradores que espremem o suco a tua bondade, Indra, é uma vaca
Que produz em abundância gado e cavalos.

4. Não há ninguém, Indra, Deus ou homem, para obstruir a tua generosidade,
A riqueza que, louvado, tu desejas dar.
5. O sacrifício fortaleceu Indra quando ele estendeu a terra, e fez
Para si um diadema no céu.
6. A tua ajuda nós reivindicamos, Indra, de ti que depois que te tornaste grande
Ganhaste todos os tesouros para ti.

7. No êxtase do Soma Indra expandiu o firmamento e os reinos de luz,
Quando ele partiu Vala membro por membro.
8. Mostrando as ocultas ele conduziu as vacas para os Aṅgirases,
E Vala ele derrubou de cabeça para baixo.
9. Por Indra os reinos luminosos do céu foram estabelecidos e protegidos,
Firmes e inamovíveis de seu lugar.[8]

10. Indra, o teu louvor se move rapidamente como uma onda alegre de torrentes de água,
Brilham luminosas as gotas que alegram.
11. Pois tu, ó Indra, és o Deus a quem hinos e louvores magnificam;
Tu abençoas aqueles que te adoram.
12. Que os dois Corcéis Baios de crinas longas tragam Indra para beber o suco Soma,
O Generoso para o nosso sacrifício.

13. Com a espuma das águas[9] tu arrancaste, Indra, a cabeça de Namuci,
Subjugando todas as hostes em luta.
14. Os Dasyus, quando eles queriam se elevar por artes mágicas e subir ao céu,
Tu, Indra, derrubaste ao chão.[10]
15. Como bebedor de Soma conquistando a todos, tu dispersaste para todos os lados
O assentamento deles que não derramavam presentes.

Índice◄►Hino 15 (Griffith)

[8] [Muir traduz: "Por Indra as luzes do céu foram fixadas e estabelecidas. Aquelas que estão estabelecidas ele não removeu". – *O. S. Texts,* V. p. 101].
[9] Com um raio em forma de espuma, segundo uma lenda posterior. Veja Lanman, *Sanskrit Reader,* p. 375, que considera Namuci como uma tromba d'água em um lago, e 'com espuma' como significando 'acompanhada por espuma': ["Essa coisa que inspira temor (tromba d'água) bem pode ser personificada como um demônio. O verbo *úd avartaya* significa 'fez sair ou voar separada com um movimento giratório ou centrífugo'. Isso concorda bem com os fatos do fenômeno não infrequente como visto por olhos não científicos"].
[10] [Muir traduz: "Tu, Indra, derrubaste os Dasyus, que, pelos seus poderes sobre-humanos, estavam subindo para o alto, e procurando escalar o céu". – *O. S. Texts,* II. 388].

635 - Hino 15. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

Indra é o deus; os Ṛṣis são os mesmos que antes [Goṣūktin Kāṇvāyana e Aśvasūktin Kāṇvāyana]; a métrica é Uṣṇih [com os versos organizados em tṛcas mais um verso final].

Varga 17. **1**. Glorifiquem a ele o invocado por muitos, o louvado por muitos; adorem o poderoso Indra com hinos;[1]
2. Cuja vasta força, poderoso em ambas (as regiões), sustentou o céu e a terra, e por seu vigor (susteve) as nuvens velozes[2] e as águas correntes.
3. Tu, o louvado por muitos, reinas; tu, sozinho, mataste muitos inimigos, a fim de adquirir os despojos da vitória e alimento abundante.

4. Nós celebramos, trovejante, a tua alegria, a derramadora (de benefícios), a subjugadora (de inimigos) em batalha, a criadora do mundo, a gloriosa com teus corcéis;[3]
5. Pela qual tu manifestaste os planetas para Āyu e para Manu, e governas regozijante este rito sagrado.[4]
Varga 18. **6**. Os recitadores de preces celebram essa tua (alegria) agora como antigamente; que tu mantenhas diariamente em sujeição as águas, as esposas do derramador.

7. O louvor afia a tua grande energia, a tua força, os teus atos, e o teu raio majestoso.[5]
8. O céu revigora a tua virilidade, Indra, a terra (espalha) a tua fama; as águas e as montanhas te propiciam.
9. Viṣṇu, o poderoso doador de habitações,[6] louva a ti, e Mitra e Varuṇa; a companhia de Maruts imita a ti em alegria.

10. Tu, Indra, que és o derramador, nasceste como o mais generoso dos seres; tu associas contigo toda boa progênie.[7]
Varga 19. **11**. (Indra), o louvado por muitos, tu sozinho destróis muitos inimigos poderosos; ninguém além de Indra realiza essas grandes façanhas.
12. Quando (no combate), Indra, eles te invocarem de muitas maneiras com louvores em busca de proteção, então que tu (assim invocado) pelos nossos líderes derrotes todos (os nossos inimigos).

13. Todas as formas (de Indra)[8] entraram suficientemente em nossa própria residência espaçosa; satisfaze[9] Indra o senhor de Śacī,[10] (para que ele possa nos dar) os despojos da vitória.

Índice◄►Hino 16 (Wilson)

---

[1] *Sāma-Veda,* I.382 (1.4.2.5.2).
[2] *Girīn ajrān* também pode significar montanhas velozes, isto é, antes de as suas asas serem cortadas.
[3] *Sāma-Veda,* I.383 (1.4.2.5.3; 2.2.2.18.1). *Lokakṛtnu* parece significar, segundo Sāyaṇa, 'o provedor de um lugar (para o seu adorador)'; e *hariśriyam* 'aquele que deve ser servido por seus corcéis'.
[4] *Sāma-Veda,* II.231 (2.2.2.18.2).
[5] O *tṛca* inteiro se encontra no *Sāma-Veda,* II.995-97 (2.8.1.11.1-3).
[6] [Veja a nota 17 § 2].
[7] Isto é, tu dás progênie, e todas as coisas boas.
[8] Isto é, os vários atributos celebrados em nossos louvores.
[9] ["O Ṛṣi se dirige a si próprio". - Griffith].
[10] [Veja a nota 21].

635 - Hino 15. Indra (Griffith)

1. Cantem para ele a quem muitos homens invocam, para ele a quem muitos louvam.
Convidem o poderoso Indra com seus cânticos de louvor.
2. Cujo poder grandioso – pois ele é duplamente forte – sustenta os céus e a terra,
E as colinas e as planícies e as águas e a luz com poder viril.
3. Assim, louvado por muitos! tu és Rei: sozinho tu mataste os Vṛtras,
Para ganhar, Indra, despojos de guerra e grande renome.

4. Nós cantamos essa tua alegria forte e selvagem[11] que vence na luta,
Que, Lançador da Pedra! dá espaço e brilha como o ouro.
5. Com a qual tu também encontraste luzes para Āyu e por causa de Manu;[12]
Agora alegrando-te nesta grama sagrada tu irradias.[13]
6. Neste dia também os cantores do hino louvam, como antigamente, este teu poder;
Ganha as águas dia a dia, as escravas do forte.[14]

7. Esse teu sublime poder de Indra, tua força e tua inteligência,
O teu raio pelo qual nós ansiamos, o desejo[15] potencializa.
8. Ó Indra, o Céu e a Terra aumentam o teu poder viril e a tua fama;
As águas e as montanhas te agitam e te incitam.[16]
9. Viṣṇu o sublime Poder dominante, Varuṇa, Mitra cantam o teu louvor:
Contigo a companhia de Maruts tem grande alegria.[17]

10. Ó Indra, tu nasceste como o Senhor dos homens, o mais generoso por tuas dádivas;
Obras excelentes são todas tuas eternamente.[18]
11. Sempre, sozinho, ó altamente louvado, tu mandas os Vṛtras para o seu repouso;
Ninguém mais além de Indra executa o ato poderoso.
12. Ainda que aqui e ali, com hinos variados, Indra, os homens te invoquem por auxílio,
Ainda assim luta com nossos heróis e ganha a luz do céu.

13. Todas as formas dele[19] já entraram em nossa residência espaçosa;
Pela vitória incita[20] Indra, para cá, o Senhor do Poder.[21]

Índice◄►Hino 16 (Griffith)

---

[11] O suco Soma, a causa do teu êxtase.
[12] Isto é, para o homem. Āyu era o filho de Purūravas e Urvaśī.
[13] [Muir traduz: "Exultante nessa (alegria), com a qual tu deste a conhecer os luminares para Āyu, e para Manu, tu és o senhor da grama sacrifical". – *O. S. Texts*, I. 171].
[14] Controladas e aprisionadas por Vṛtra.
[15] Os nossos desejos expressos em prece e louvor.
[16] ["Indra, o céu aumenta a tua virilidade, e a terra a tua fama. As águas e as montanhas te estimulam". – Muir, *O. S. Texts* IV. 89].
[17] ["Viṣṇu, que vive no alto, Mitra, e Varuṇa te celebram; a tropa de Maruts te segue com júbilo". – *Id.*].
[Jamison observa: "Visto que *kṣáya* de outra forma significa apenas 'morada', o texto como o temos quer dizer 'Viṣṇu, a morada sublime'. Devido à flexibilidade da dicção rigvêdica, não é difícil identificar um deus com o seu produto mais característico – neste caso, os três passos de Viṣṇu, particularmente o seu mais alto, que se torna um local importante no céu (veja, por exemplo, 1.22.19-21) – e é dito em outros lugares que ele cria locais de moradia: 7.100.4, 'O veloz Viṣṇu atravessou esta terra em busca de uma morada para Manu ... / Ele fez ampla residência'. – *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[18] ["De todos os seres, tu, Indra, nasceste o herói mais generoso; tu tornaste todas as coisas completamente prolíficas". – *Id.*].
[19] As várias qualidades de Indra foram celebradas.
[20] O Ṛṣi se dirige a si próprio.
[21] *Śacīpatim:* na literatura mais recente, o senhor ou marido de Śacī ou seu poder personificado e considerado como sua consorte.

636 - Hino 16. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus é Indra; o Ṛṣi é Irimbiṭhi, da família de Kaṇva; a métrica é Gāyatrī.

Varga 20. **1**. Glorifiquem com hinos o adorável Indra, o supremo rei dos homens, o líder (de ritos), o vencedor de inimigos, o mais generoso.[1]
2. Em quem todos os louvores, todos os tipos de sustento se concentram,[2] como a reunião das águas no oceano.
3. Eu adoro Indra com louvor piedoso, glorioso entre os melhores (dos seres), o realizador de grandes feitos em guerra, poderoso para a aquisição (de riqueza),

4. Cujas alegrias ilimitadas e profundas são muitas, protetoras e animadoras[3] em guerra.
5. (Seus adoradores) o invocam para participar (do saque) dos tesouros depositados (com o inimigo); conquistam, aqueles de quem Indra é (o partidário).
6. Eles o honram com (hinos) animadores, os homens (o honram) com ritos sagrados, pois Indra é o que dá riqueza.

Varga 21. **7**. Indra é Brahma,[4] Indra é o Ṛṣi; Indra é o que é muito chamado por muitos, poderoso com atos poderosos.
8. Ele deve ser louvado, ele deve ser invocado, ele é verdadeiro, poderoso, o fazedor de muitos atos; ele, sendo único, é o vencedor (de seus inimigos).
9. Os homens que conhecem (os textos sagrados) magnificam Indra com preceitos piedosos, com canções sagradas, e com preces.[5]

10. (Eles glorificam) a ele que traz diante deles os despojos, que dá brilho nos combates, que vence os inimigos em batalha.[6]
11. Que Indra, o realizador (de desejos), o invocado por muitos, nos leve para além (do alcance de) todos os nossos inimigos, para a prosperidade,[7] como se por um navio (para o outro lado do mar).
12. Que tu, Indra, nos (dotes) de vigor, nos concedas (riqueza, nos permitas) andar (pelo caminho correto), nos leves à felicidade.

Índice◄►Hino 17 (Wilson)

---

636 - Hino 16. Indra (Griffith)

1. Louvem[8] Indra a quem as nossas canções devem louvar, o único Soberano da humanidade, o Comandante Mais Generoso que controla os homens.
2. Em quem os hinos de louvor se deleitam, e todas as canções que dão glória.

---

[1] *Sāma-Veda,* I.141 (1.2.1.5.10).
[2] Literalmente, 'em quem (como seu objeto) todos os louvores, e todos os tipos de oferenda se reúnem exultantemente'.
[3] Sāyaṇa explica *harṣumantaḥ* como 'exultante em', ou seja, ansioso por, guerra.
[4] 'O aumentado ou vasto, mais ou maior do que todos', é a explicação do comentador. (Ele explica *ṛṣi* como aquele que observa todos os Āryas).
[5] *Tam arkebhiḥ tam sāmabhis tam gāyatrais carṣaṇayaḥ kṣitayaḥ.* Os dois últimos igualmente implicam homens, mas o comentador compreende o primeiro como sendo um epíteto do segundo – os videntes ou entendedores de Mantras, ou textos, como aqueles do *Yajur (arka),* do *Sāman (sāman),* e preces métricas não cantadas *(Gāyatra).*
[6] Ou, 'por sua arma'.
[7] Sāyaṇa explica *svasti* como 'alegremente'.
[8] [Ou: 'Iniciem o louvor ao soberano'; veja *Ṛgvidhāna,* 2.31.1, tradução por Gonda, 1951].

Como o anseio das águas pelo mar.[9]
3. A ele eu convido com louvor, o melhor Rei, eficaz em luta,
Forte para o ganho do despojo poderoso.

4. Cujos êxtases perfeitos são vastos, profundos, vitoriosos e dão
Alegria no campo onde os heróis vencem.
5. A ele, quando os despojos da guerra são apostados, os homens chamam para ser seu defensor; aqueles que têm Indra para ganhar o dia.
6. Os homens o honram[10] com canções animadoras e enaltecem com ritos solenes:
Indra é o que dá tranquilidade.

7. Indra é Sacerdote[11] e Ṛṣi,[12] ele é muito invocado por muitos homens,
E poderoso por seus poderes imensos.
8. Digno de ser louvado e invocado, herói verdadeiro com seus atos de poder,
Vitorioso mesmo quando sozinho.
9. Os homens, as pessoas magnificam esse Indra com suas canções Sāma,
Com hinos e louvores sagrados;

10. A ele que os promove à riqueza, envia luz para guiá-los na guerra,
E subjuga seus inimigos na luta.
11. Que ele, o salvador muito invocado, que Indra nos leve em um navio
Com segurança para além de todos os inimigos.
12. Como tal, ó Indra, nos honra com presentes de saque, nos favorece
E nos leva à felicidade.

Índice◄►Hino 17 (Griffith)

---

637 - Hino 17. Indra (Wilson)

(Sūkta V)

O deus[1] e o Ṛṣi [Irimbiṭhi Kāṇva] como antes; a métrica do décimo quarto verso é Bṛhatī, do décimo quinto Satobṛhatī, do resto Gāyatrī.[2]

Varga 22. **1**. Vem; nós esprememos, Indra, para ti, a bebida Soma; bebe, senta-te sobre esta minha grama sagrada.[3]
2. Que os teus corcéis de crinas longas, Indra, que são atrelados por preces, te tragam aqui, e que tu ouças as nossas preces.[4]
3. Nós Brahmans,[5] ofertantes de Soma, portando os sucos derramados, invocamos com (preces) adequadas a ti o bebedor de Soma.[6]

---

[9] [" ... como as recitações que encontram sua alegria em contribuir para o poder de Indra, as águas têm prazer em mergulhar no mar, 'ajudando' o mar por tornarem-no maior". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[10] ['O reconhecem', segundo Jamison, que observa que isso "... 'significa reconhecer como um Ārya, tratar como um Ārya'. ... Kulikov (522-23), traduz: 'A ele somente as tribos tratam como Ārya pelas atividades dele ...'". – *Id.*].
[11] *Brahmā*, significando, segundo Sāyaṇa, maior do que todos. Veja 6.45.7: 'O Brahman que aceita a prece', isto é, Indra, considerado como um sacerdote.
[12] Segundo Sāyaṇa, o observador de toda a tribo ariana.

---

[1] [Vāstoṣpati é adorado em 14ab, segundo a *Bṛhaddevatā,* tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, p. 222].
[2] [Dividido em *tṛcas*, com o verso 10 sendo independente, mais um *pragātha* final. Veja a última frase da nota 30].
[3] *Sāma-Veda* I.191 (1.2.2.5.7; 2.1.1.6.1).
[4] *Ibid.* II.17 (2.1.1.6.2).
[5] Isto é, *brahmāṇaḥ,* explicado no comentário como *brāhmaṇāḥ*.
[6] *Sāma-Veda* II.18 (2.1.1.6.3).

4. Vem a nós que oferecemos a libação, aceita os nossos louvores sinceros; bebe, tu de queixo belo, da bebida sacrifical.
5. Eu encho o teu estômago[7] (com a libação); que ela se espalhe por todos os membros; toma o Soma doce com tua língua.
Varga 23. **6**. Que o Soma de sabor doce seja agradável para ti, que és generoso; (que ele seja agradável) para o teu corpo; que ele seja estimulante para o teu coração.

7. Que este Soma, coberto (com leite), se aproxime de ti, observador Indra, como uma noiva[8] (vestida em traje branco).
8. Indra de pescoço longo, de barriga grande, de braços fortes, na alegria do alimento (sacrifical), destrói seus inimigos.
9. Indra, que pela tua força és o senhor de todos, vem a nós; matador de Vṛtra, subjuga os nossos inimigos.

10. Longo seja o teu aguilhão,[9] com o qual tu concedes riqueza ao sacrificador que oferece libações.

Varga 24. **11**. Este suco Soma, purificado (pela filtragem), através da erva sagrada,[10] é para ti, Indra; vem até ele; te apressa; bebe.[11]
12. Famoso por esplendor,[12] famoso por adoração, esta libação é para a tua satisfação; destruidor[13] de inimigos, tu és invocado fervorosamente.
13. (Indra), que eras o filho de Śṛṅgavṛṣ,[14] de quem o rito *kuṇḍapāyya* era o protetor, (os sábios) fixaram (antigamente) suas mentes nessa cerimônia.

14. Senhor das residências, que o pilar (do telhado) seja forte; que haja força corpórea para os ofertantes da libação; que Indra, o bebedor (de Soma), o destruidor das numerosas cidades (dos Asuras), seja sempre o amigo dos Munis.[15]
15. De cabeça erguida como uma serpente,[16] adorável, o recuperador do gado, Indra sozinho é superior a multidões; (o adorador) traz Indra para beber o Soma por uma captura[17] rápida, como um cavalo conduzido (por um cabresto).

---

[7] *Kukṣyoḥ*, no dual, pois é dito que Indra tem dois estômagos, *Indrasya hi dve udare*, de acordo com outro texto: eu encho ambos os estômagos do matador de Vṛtra; ou isso pode apenas se referir aos lados direito e esquerdo, ou às partes superiores e inferiores do mesmo estômago. (Compare com 2.11.11; 3.51.12).
[8] *Janīr iva, jāyā iva,* literalmente, 'como noivas'. O texto tem apenas *saṃvṛtaḥ*, coberto, ou investido, como um epíteto de Soma, com leite e outros ingredientes.
[9] Ou melhor, 'gancho'; *aṅkuśa* é explicado por Sāyaṇa como um instrumento para puxar para nós as coisas que estão fora de alcance.
[10] Ou melhor, 'purificado (por ser filtrado através do tecido chamado *daśāpavitra*) sobre a grama sagrada (espalhada sobre a *vedi* [o altar].
[11] *Sāma-Veda* I.159 (1.2.2.2.5; 2.1.2.5.1).
[12] *Śācigo* não é explicado muito satisfatoriamente como 'aquele cujo gado é forte'. *Śācayaḥ* também pode significar, segundo Sāyaṇa, 'manifesto', ou 'famoso', e *gāvaḥ* pode significar 'raios', isto é, 'de brilho renomado ou manifesto'. Então o epíteto seguinte, *śācipūjana*, é explicado como 'de adoração renomada', ou 'cujos hinos são famosos'. *Sāma-Veda* II. 76 (2.1.2.5.2).
[13] [Ākhaṇḍala, veja a nota 25].
[14] *Yas te śṛṅgavṛṣo napāt praṇapāt kuṇḍapāyyaḥ* seria traduzido mais naturalmente: aquele que era, Śṛṅgavṛṣa, o teu neto, o teu bisneto, Kuṇḍapāyya; mas Sāyaṇa cita uma lenda que descreve Indra como tomando sobre si o caráter do filho de um Ṛṣi chamado Śṛṅgavṛṣ (ou Śṛṅgavṛṣan), que está, portanto, aqui, no caso genitivo; *napāt*, ele diz, significa *apatya*, descendentes em geral, e não é, portanto, incompatível com *putra*, 'filho'. *Śṛṅgavṛṣ* também pode significar o sol, ou seja, *śṛṅgair varṣati*, 'o que derrama raios', e *na-pāt* pode ter seu sentido etimológico, 'o que não faz cair', isto é, aquele que foi o estabelecedor do sol no céu, Indra. Além disso, *Kuṇḍapāyya*, sob a autoridade de Pāṇini, 3.1.130, significa uma cerimônia específica, em que o Soma é bebido de um recipiente chamado *Kuṇḍa*, e esse é dito ser 'o protetor de ti, Indra'. A construção é incerta, e a explicação não é muito satisfatória. *Sāma-Veda* 2.77 (2.1.2.5.3).
[15] *Sāma-Veda* I.275 (1.3.2.4.3).
[16] *Pṛdākusānu* é explicado como uma serpente, tendo a cabeça levantada de maneira semelhante. (Sāyaṇa dá um segundo significado de *sānu*, como *sambhajanīya*, para ser servido ou propiciado como uma cobra é, com muitas pedras preciosas, mantras, medicamentos, etc.).
[17] Sāyaṇa explica *gṛbhā* como 'meio de capturar', isto é, um louvor.

637 - Hino 17. Indra (Griffith)

1. Vem, nós esprememos o suco para ti; ó Indra, bebe este Soma aqui,
Senta-te sobre esta minha grama sagrada.
2. Ó Indra, que os teus Baios de crina longa, atrelados pela prece, te tragam para cá;
Dá atenção e ouve as nossas preces.[18]
3. Nós, Brahmans portadores de Soma chamamos a ti o bebedor de Soma com teu amigo,[19] nós, Indra, trazendo suco Soma.[20]

4. Vem a nós que trazemos o suco, vem a este nosso louvor,
De bela viseira! bebe do suco.
5. Eu o derramo dentro de ti, então que ele se espalhe por todos os teus membros;
Toma com tua língua a bebida agradável.
6. Que ele seja doce para o teu corpo, que seja delicioso o suco saboroso;
Que o Soma seja doce para o teu coração.

7. Como mulheres,[21] que esta dose de Soma, coberta com seu manto,[22] chegue,
Ó ativo Indra, perto de ti.
8. Indra, extasiado com o suco, vasto em seu tamanho, forte em seu pescoço
E braços fortes, derruba os Vṛtras.
9. Ó Indra, avança, tu que governas a todos por poder;
Ó matador de Vṛtra, mata os demônios.

10. Que seja longo o teu gancho com o qual tu dás[23] vasta riqueza para aquele
Que derrama o suco e te adora.

11. Aqui, Indra, está a tua dose de Soma, purificada sobre a grama sagrada,
Corre aqui, vem e bebe dela.
12. Famoso por teu brilho, bem adorado![24] este suco é derramado para o teu deleite;
Tu és invocado, Ākhaṇḍala![25]
13. Para Kuṇḍapāyya, o filho do neto, neto de Śṛṅgavṛṣ![26] para ti,
Para ele eu dirigi o meu pensamento.

---

[18] ["Os teus corcéis fulvos com crinas ondeantes, atrelados pela prece (*brahmayujā*),* te trazem aqui, Indra; ouve as nossas preces (*brahmāṇi*). *Compare com 8.45.39; *brahma-yuj* ocorre também em 1.177.2; 3.35.4; 8.1.24; 8.2.27. – Muir, *O. S. Texts,* I. 249].
[19] O companheiro de Indra, o raio. 'Com louvor adequado'. – Wilson.
[20] ["Nós, brâmanes, ofertantes de soma, trazendo oblações, continuamente invocamos o bebedor de soma". – Muir].
[21] Vestidas em trajes brancos e se movendo lentamente.
[22] O leite que a colore.
[23] *[Alcanças*. – Muir, *O. S. T.* V. 87].
[24] As palavras assim interpretadas, *śācigo* e *śācipūjana*, não foram explicadas satisfatoriamente pelo comentador, e seu significado ainda é incerto. Segundo Sāyaṇa, a primeira pode significar 'tu cujo gado é forte', ou 'tu cujo brilho é renomado', e a última 'tu de adoração renomada'. Veja a nota de Wilson [nota 12].
[25] Ou, 'Tu, ó Destruidor, és invocado', [*Nirukta* 3.10]. Esse nome de Indra não ocorre novamente no *Ṛgveda*. Veja Muir, *O. S. Texts,* IV. 190, [que diz que a palavra é traduzida como 'quebrador', 'destruidor' no Léxico de Böhtlingk e Roth*, sub voce]*.
[26] Kuṇḍapāyya e Śṛṅgavṛṣ parecem aqui ser nomes de homens. Segundo Sāyaṇa, *kuṇḍapāyya* é o nome de uma cerimônia Soma específica, e o descendente de Śṛṅgavṛṣ é o próprio Indra. Veja [acima a versão do verso e] a nota [14] de Wilson que observa que 'a construção é incerta, e a explicação não é muito satisfatória'.

14. Pilar forte, tu, Senhor do lar![27] armadura dos ofertantes de Soma;
A gota de Soma derruba todas as fortalezas,[28] e Indra é o Amigo dos Ṛṣis.[29]
15. Santo Pṛdākusānu,[30] ganhador dos despojos, eminente acima de muitos homens,
Guia adiante o cavalo selvagem Indra com seu punho vigoroso para beber o suco Soma.

Índice◄►Hino 18 (Griffith)

---

638 - Hino 18. Ādityas (Wilson)

(Sūkta VI)

Os deuses da oitava estrofe são os Aśvins, da nona Agni, Sūrya e Vāyu [Anila], [da quarta, sexta e sétima, Aditi],[1] do resto os Ādityas; o Ṛṣi é [Irimbiṭhi Kāṇva] como antes; a métrica é Uṣṇih. [Com os versos organizados em tṛcas mais um verso final].[2]

Varga 25. **1**. Que um mortal agora peça fervorosamente riquezas sem precedentes no culto desses Ādityas.
2. Os caminhos desses Ādityas são desobstruídos e incontestes; que eles nos deem segurança e aumentem a nossa felicidade.
3. Que Savitṛ, Bhaga, Varuṇa, Mitra e Aryaman nos concedam aquela felicidade plena que pedimos.

4. Divina Aditi, que traz segurança,[3] amada por muitos, vem auspiciosamente com os deuses sábios e alegres.
5. Esses filhos de Aditi sabem como afastar os (nossos) inimigos, e, fazedores de grandes façanhas e concessores de segurança, (eles sabem como nos livrar) do pecado.
Varga 26. **6**. Que Aditi proteja o nosso gado de dia, e, livre de duplicidade, (os proteja) à noite; Que Aditi, por seu favor constante, nos preserve do pecado.

7. Que a monitora Aditi venha a nós para a nossa proteção de dia; que ela nos conceda felicidade tranquila, e afaste os (nossos) inimigos.[4]
8. Que os dois médicos divinos, os Aśvins, nos concedam saúde; que eles afastem daqui a iniquidade; (que eles afastem) para longe os nossos inimigos.
9. Que Agni com seus fogos nos conceda felicidade; que o sol irradie felicidade sobre nós; que o vento inofensivo nos sopre felicidade; (que todos eles afastem) para longe os nossos inimigos.[5]

---

[27] Aparentemente o chefe de família que institui o sacrifício é abordado. [Vāstoṣpati é adorado nessa primeira linha, segundo a *Bṛhaddevatā]*.
[28] ["A gota (de Soma) é a fendedora de muitos (ou dos perpétuos) castelos". – Muir, *O. S. Texts*, II. 380].
[29] O amigo dos Munis, sábios, homens santos ou ascetas; de nós Ṛṣis, de acordo com Sāyaṇa.
[30] Pṛdākusānu: eu sigo Ludwig em considerar esse como o nome do instituidor do sacrifício. Segundo Sāyaṇa, que o explica como 'que ergue a cabeça ou as costas como uma serpente' ou 'para ser propiciado, como uma serpente é, com pedras preciosas, encantamentos, medicamentos, etc.', esse é um epíteto de Indra, e aquele que guia Indra adiante na segunda linha é o adorador, subentendido. Grassmann bane as últimas três estrofes para o seu Apêndice como não formando originalmente parte do hino.

---

[1] [Segundo a *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, p. 223].
[2] ['Neste *sūkta* vários tipos de males são mencionados, dos quais o *ṛṣi* orador deseja ser libertado: inimigos, doenças, fraqueza física, angústia, malignidade, pobreza, etc.' – *Ṛgvidhāna*, tradução de Gonda, 1951].
[3] Ou melhor, 'cujo cuidado alentador é desimpedido'.
[4] *Sāma-Veda* I.102 (1.2.1.1.6).
[5] ["Enquanto profere (a estrofe) 'felicidade Agni com os fogos' deve-se procurar refúgio com Vāyu (Vento) e Bhāskara (Sol), depois de ter, em primeiro lugar, louvado Agni, (então) fica-se livre de um grande transtorno". – *Ṛgvidhāna* 2.31.3, tradução de Gonda, 1951].

10. Ādityas, afastem (de nós) as doenças, os inimigos, a malignidade; nos mantenham longe do pecado.[6]

Varga 27. **11**. Mantenham longe de nós, Ādityas, a malignidade, a má vontade; que vocês que são oniscientes mantenham longe aqueles que nos odeiam.

12. Concedam livremente para nós, generosos Ādityas, aquela felicidade que liberta até o (adorador) ofensor do pecado.

13. Que o homem que, por sua natureza diabólica, procura nos fazer mal – que ele, prejudicando-se por seus próprios artifícios, incorra naquele mal.

14. Que a iniquidade permeie aquele mortal caluniador e hostil que deseja nos fazer mal, e é traiçoeiro em relação a nós.[7]

15. Deuses, vocês são (favoráveis) aos (adoradores) sinceros, vocês conhecem, Vasus, os corações dos homens, e distinguem entre os honestos e os hipócritas.

Varga 28. **16**. Nós pedimos a felicidade das montanhas e das águas; Céu e Terra, afastem de nós o pecado.

17. Levem-nos, Vasus, em seu navio, com felicidade auspiciosa, para além de todas as calamidades.

18. Radiantes Ādityas, permitam que os nossos filhos e netos desfrutem de uma vida longa.[8]

19. O sacrifício devidamente oferecido está pronto para vocês, Ādityas; concedam-nos, portanto, felicidade; que nós sempre permaneçamos em relação estreita com vocês.

20. Nós pedimos do divino protetor dos Maruts, dos Aśvins, de Mitra, e de Varuṇa, uma habitação espaçosa para o nosso bem-estar.

21. Mitra, Aryaman, Varuṇa, e Maruts, nos deem uma residência segura, excelente, e bem povoada, um abrigo triplo.[9]

22. Visto que, Ādityas, nós mortais somos parentes da morte,[10] que vocês (se esforcem) benevolentemente para prolongar as nossas vidas.

Índice◄►Hino 19 (Wilson)

638 - Hino 18. Ādityas (Griffith)

1. Agora que o mortal ofereça prece para ganhar a graça sem precedentes
Desses Ādityas[11] e sua ajuda para nutrir a vida.

2. Pois nenhum inimigo perturba os caminhos que esses Ādityas trilham;
Guardas infalíveis, eles nos fortalecem na felicidade.

3. Agora, em breve, que Bhaga, Savitar, Varuṇa, Mitra, Aryaman
Deem-nos a extensa proteção que pedimos.

4. Vem com os Deuses, tu cujos cuidados protetores ninguém impede, ó Deusa Aditi;
Vem, querida por muitos, com os Senhores[12] que nos guardam bem.

---

[6] *Ibid.* I.397 (1.5.1.1.7).
[7] *Dvayu*, duplo – aquele que professa bondade diante de nós e nos calunia pelas nossas costas.
[8] *Sāma-Veda* I.395 (1.5.1.1.5).
[9] *Trivarūtham*, uma proteção contra o calor, o frio e a umidade; ou pode significar, segundo o comentador, *tribhumikam*, 'de três andares'; Sāyaṇa, portanto, não acreditava que os hindus do período vêdico viviam em cabanas.
[10] [Veja as notas 24 e 25].
[11] Veja 1.14.3.
[12] *Sūribhiḥ*, isto é, os Deuses.

5. Pois esses Filhos de Aditi sabem bem como manter afastadas as inimizades,
Incomparáveis, que dão amplo espaço, eles salvam da aflição.
6. Aditi protege o nosso rebanho de dia, Aditi, livre de engano, de noite,
Aditi, sempre fortalecedora, nos livra da tristeza!

7. E de dia o nosso hino é este: Que Aditi se aproxime para ajudar,
Com benevolência nos traga bem-estar e afugente os nossos inimigos.
8. E que os Aśvins - o divino Par de Médicos - nos enviem saúde;
Que eles removam a iniquidade e afugentem os nossos inimigos.
9. Que Agni nos abençoe com seus fogos, e Sūrya nos aqueça de modo agradável;
Que o Vento puro sopre doce sobre nós, e afugente os nossos inimigos.

10. Afastem a doença e a discórdia, afastem a malignidade;
Ādityas, nos mantenham sempre longe do sofrimento severo.
11. Removam de nós a seta, mantenham bem longe a fome, Ādityas!
Mantenham as inimizades longe de nós, Senhores de toda riqueza!
12. Agora, ó Ādityas, nos concedam a proteção que liberta o homem,
De fato, até o pecador de seu pecado, ó Deuses Generosos!

13. O mortal que com o poder dos demônios[13] deseja nos ferir,
Que ele, impetuoso, sofra danos pelos seus próprios atos.
14. Que o pecado atinja o nosso inimigo humano, o homem que fala coisas más,
Aquele que causaria a nossa miséria, cujo coração é falso.[14]
15. Deuses, vocês estão com os simples, vocês conhecem cada mortal em seus corações;
Vocês, Vasus, discriminam bem o falso e o verdadeiro.[15]

16. De bom grado nós teríamos a ajuda protetora das montanhas e das torrentes de água;
Mantenham longe de nós a iniquidade, ó Céu e Terra.[16]
17. Assim com auxílio protetor auspicioso que vocês, ó Vasus, nos levem para
Além de toda angústia e infortúnio em seu navio.[17]
18. Ādityas, ó Poderosíssimos, concedam aos nossos filhos e sua descendência
Prazo extenso de vida para que eles possam viver por longos dias.[18]

19. O sacrifício, ó Ādityas, é o seu monitor interno;[19] sejam bondosos,[20]
Pois por vínculo de parentesco nós estamos ligados a vocês.
20. O grande auxílio protetor dos Maruts, dos Aśvins e do Deus que salva,[21]
A Mitra e Varuṇa nós suplicamos por felicidade.
21. Deem-nos um lar com proteção tripla,[22] Aryaman, Mitra, Varuṇa!

---

[13] 'Por sua natureza diabólica'. – Wilson. [Muir traduz: 'Que o homem que busca, com atrocidade como a dos Rākṣasas, nos ferir, pereça pela sua própria má conduta'. – *O. S. Texts*, II, 393].
[14] ['Que o mal sobrevenha a ele, ao mortal blasfemador, ao inimigo que, falso, quer nos desferir um golpe criminoso'. – Max Müller, *A History of Ancient Sanskrit Literature,* 1859, p. 542].
[15] ['Vocês deuses estão com os justos; vocês conhecem os homens em seus corações. Venham para o homem verdadeiro, e para o falso, ó Vasus!'. – *Id.*].
[16] ['Nós imploramos a proteção das montanhas, e a proteção das águas (8.31.10). Céu e Terra, afastem de nós todo o mal'. – *Id.*].
[17] ['Levem-nos, Vasus, por sua proteção abençoada, como se fosse em seu navio, através de todos os perigos'. – *Id.*].
[18] ['Para os nossos filhos, para a nossa linhagem, e, portanto, para nós mesmos, tornem a vida mais longa para viver, ó valentes Ādityas'. – *Id.*].
[19] Ou próximo relembrador, que não lhes permite descansar até que vocês tenham recompensado os homens por suas devoções. Ludwig diz que o *hīḻaḥ* do texto é realmente *hī-ḻaḥ:* Pois o sacrifício, Ādityas, é a sua morada mais próxima.
[20] ['Há um sacrifício mais próximo de vocês do que a sua raiva, Ādityas. Tenham piedade!' – Jamison].
[21] Indra, que é especialmente o Deus Tutelar dos arianos.
[22] Ou, triplamente defensor ou defendido. Segundo Sāyaṇa, que proteja do calor, do frio e da umidade; ou de três andares.

Sem ameaças, Maruts! Digno de louvor, e cheio de homens.[23]

22. E, como nós, seres humanos, ó Ādityas, somos parentes da morte,[24]
Benevolentemente prolonguem as nossas vidas para que possamos viver.[25]

Índice ◄ ► Hino 19 (Griffith)

---

639 - Hino 19. Agni (Wilson)[1]

(Sūkta VII)

O deus é Agni, exceto no trigésimo quarto e trigésimo quinto versos, nos quais [os deuses] são os Ādityas, e no trigésimo sexto e trigésimo sétimo, nos quais [a divindade] é a generosidade do rei Trasadasyu; o Ṛṣi é Sobhari. A métrica varia: a do vigésimo sétimo verso é Virāj de duas linhas [Dvipadā], do trigésimo quarto Uṣṇih, do trigésimo quinto Satobṛhatī, do trigésimo sexto Kakubh, do trigésimo sétimo Paṅkti, do resto a métrica dos versos ímpares é Kakubh, dos pares Satobṛhatī [isto é, o hino em sua maior parte é composto de Kākubha Pragāthas].

Varga 29. **1**. Glorifica (Agni), o líder de todos (os ritos sagrados); os sacerdotes se aproximam do Senhor Divino, (e através dele) levam a oblação aos deuses.[2]
2. Louva, piedoso Sobhari, no sacrifício este antigo Agni, que é o dador de opulência, o extraordinariamente luminoso, o regulador deste rito, no qual o Soma é oferecido.[3]

3. Nós adoramos a ti, o deus mais adorável, o invocador dos deuses, o imortal, o aperfeiçoador deste sacrifício.[4]
4. Agni, o grande neto do alimento (sacrifical), o possuidor de opulência, o iluminador, o derramador de luz excelente; que ele obtenha para nós pelo sacrifício a felicidade no céu (que é a dádiva) de Mitra, de Varuṇa, das águas.[5]

5. O homem que oferece (culto) a Agni com combustível, com oferendas queimadas, com o Veda,[6] com alimento (sacrifical), e é diligente em ritos piedosos,
Varga 30. **6**. Dele seguramente os cavalos velozes avançam (no inimigo), dele é a glória mais brilhante, a ele nenhum mal, seja obra dos deuses ou dos homens, jamais ataca.

7. Filho da força, senhor do alimento (sacrifical), que nós sejamos favorecidos pelos teus vários fogos; que tu, (Agni), dotado de energia,[7] sejas bem-disposto em relação a nós!

---

[23] ['Mitra, Aryaman, Varuṇa, e vocês, Ventos, concedam-nos uma moradia livre do pecado, cheia de homens, gloriosa, com três barras'. – Müller].
[24] Nascidos sujeitos à morte.
[25] ['De nós, que somos apenas homens, os escravos da morte, prolonguem bem o nosso tempo, Ādityas, para que possamos viver'. – Müller].

---

[1] [Este é o segundo maior hino do *Ṛgveda* dedicado a Agni].
[2] *Sāma-Veda* I.109 (1.2.1.2.3; 2.8.2.11.1).
[3] *Sāma-Veda* 2.8.2.11.2.
[4] *Ibid*. I.312; II.763 (1.2.1.2.6; 2.6.2.13.1). Sāyaṇa explica: 'nós adoramos a ti, o mais adorável, o deus entre os deuses, o invocador, etc.'.
[5] *Sāma-Veda* II.764 (2.6.2.13.2), mas ele lê *apām napātaṃ*, em vez de *ūrjo napātaṃ*, como em nosso texto: das oferendas queimadas as chuvas são geradas; delas, a madeira; da madeira, o fogo.
[6] Sāyaṇa explica *vedena* como *vedadhyayanena*, 'por estudar o Veda'. O professor Müller, no entanto, diz que significa 'um feixe de grama' [conectado com *vediḥ*, um altar feito de grama]. Veja *Ancient Sanskrit Literature*, p. 28, nota, e p. 205.
[7] Sāyaṇa explica *suvīra* como 'tu que és adorado por heróis nobres'.

8. Agni, quando honrado como um convidado, é bondoso para com seus adoradores; ele deve ser reconhecido como uma carruagem (que traz o fruto da adoração); em ti realmente os virtuosos são confiantes;[8] tu és o rei das riquezas.

9. Agni, que aquele que é o ofertante de sacrifício obtenha sua recompensa;[9] ele, auspicioso Agni, é digno de elogio; que ele por seus ritos piedosos se torne o doador de riquezas.[10]

10. Aquele sobre cujo sacrifício tu presides prospera, tendo sua casa cheia de descendência masculina; ele é o realizador de seus propósitos através de seus cavalos, através de seus (conselheiros) sábios, seus partidários valentes.

Varga 31. **11**. (Assim é aquele) em cuja residência o todo-desejável e corporificado Agni recebe louvor e alimento, e transporta oblações para as divindades onipenetrantes.

12. Filho da força, o que dá residências, coloca a prece do adorador devotado inteligente, que é o mais ativo em oferendas, abaixo dos deuses e acima dos mortais.[11]

13. Aquele que propicia o poderoso e rapidamente brilhante Agni com oferecimentos de oblações, com adorações reverentes, e com louvor, (é próspero).

14. O mortal que propicia Aditi[12] com as muitas formas dele (de Agni) por meio de combustível ardente, prosperando através de seus ritos piedosos, superará a todos os homens em renome como (se ele tivesse atravessado) as águas.

15. Concede-nos, Agni, o poder que possa superar qualquer canibal (que entre) em nossa residência, a ira de qualquer (ser) maligno.

Varga 32. **16**. Protegidos por Indra, conhecendo bem o caminho que, pelo teu poder, (Agni,) nós devemos seguir, nós adoramos esse teu (esplendor), pelo qual Varuṇa, Mitra, Aryaman, os Nāsatyas e Bhaga brilham.

17. Em verdade, Agni, têm devoção aprovada aqueles que, como teus adoradores, deus sagaz, te estabeleceram como o contemplador dos homens, o realizador de boas obras.

18. Auspicioso (Agni), aqueles que ergueram o altar, ofereceram oblações, espremeram a libação em um dia (venturoso), aqueles que colocaram a sua afeição em ti ganharam por seus esforços riqueza infinita.

19. Que Agni, a quem oferendas queimadas têm sido feitas, seja favorável a nós; auspicioso (Agni), que os teus presentes sejam bênçãos, que o sacrifício (que oferecemos) seja benéfico, que os nossos louvores nos deem felicidade.[13]

20. Dá-nos aquela mente resoluta em conflito pela qual tu conquistas em combates; humilha as muitas (resoluções) firmes dos nossos inimigos; que nós te propiciemos pelos nossos sacrifícios.[14]

Varga 33. **21**. Eu adoro Agni, que foi estabelecido por Manu com louvor, a quem os deuses designaram como seu mensageiro real, que é o mais adorável, o portador de oblações.

---

[8] Ou, talvez, 'em ti também há proteções excelentes'.

[9] Essa é a explicação de Sāyaṇa da palavra indeclinável *addhā: so addhā, satyaphalah as bhavatu.* (Sāyaṇa considera a segunda oração também como optativa, 'que ele de fato seja digno de louvor'.

[10] Esta é no original a mesma palavra *(sanitā)* que no próximo verso é traduzida como 'realizador de seus propósitos'.

[11] 'A espalha por todo o céu' é a explicação do comentador de *avo-devam upari-martyaṃ, sarvam pradeṣam vyāpaya.*

[12] Sāyaṇa toma *aditiṃ* como um epíteto de Agni, isto é, o insuperável. Suas muitas formas são *gārhapatya*, etc. [Jamison traduz a palavra como Infinitude].

[13] *Sāma-Veda* I.111; II.909 (1.2.1.2.5; 2.7.2.10.1). *Yajur-Veda Branco* 15.38.

[14] *Vṛtratūrye*, 'em conflito'; Sāyaṇa diz, *sangrāme*. Mahīdhara, *Yajur-Veda Branco* 15.39, o explica como 'para a expiação do pecado'. Quanto a *ava sthirā tanuhi*, Mahīdhara toma uma maior liberdade, e traduz a frase: 'faze os arcos fortes sem cordas'.

22. Ofereçam alimento (sacrifical) àquele resplandecente, sempre jovem, régio Agni, que, (quando gratificado) por louvores sinceros, e adorado com oblações, confere prole masculina excelente.

23. Quando Agni, adorado com oblações, envia sua voz cima e para baixo, como o sol difunde seus raios, (nós o louvamos).

24. O divino (Agni), estabelecido por Manu, o ofertante de sacrifício, o invocador (dos deuses), o divino, o imortal, que transporta as oblações em sua boca fragrante, concede (aos seus adoradores riquezas) desejáveis.

25. Agni, filho da força, brilhante com esplendor amigável, e adorado com oblações, que eu, que, embora mortal, sou como tu és, me torne imortal.[15]

Varga 34. **26**. Que eu não seja acusado, Vasu, de te caluniar, nem, benevolente (Agni), de pecaminosidade (contra ti);[16] que (o sacerdote), o recitador dos meus louvores, não seja de intelecto fraco ou malévolo; (que ele não peque), Agni, por maldade.

27. Tratado por nós como um filho por um pai, que ele, (Agni), em nossa morada leve prontamente a nossa oblação para os deuses.

28. Agni, concessor de habitações, que eu, que sou mortal, sempre desfrute de prazer pelas tuas proteções próximas.

29. Que eu te propicie, Agni, por te adorar pelos presentes feitos a ti, pelos teus louvores; verdadeiramente, Vasu, eles te chamaram de benevolente;[17] deleita-te, Agni, em me dar riquezas.

30. Aquele, Agni, cuja amizade tu aceitas, prospera pelas tuas graças, concedendo progênie masculina e alimento abundante.[18]

Varga 35. **31**. Aspergidos, (Agni, com a libação), os (sucos) gotejantes, conduzidos em carros, agradáveis, oferecidos no devido tempo, resplandecentes, foram oferecidos a ti;[19] tu és o amado das auroras poderosas; tu reinas sobre as coisas da noite.[20]

32. Nós, os Sobharis, viemos ao soberano universal, de mil raios, o sinceramente adorado, o aliado de Trasadasyu, em busca de sua proteção.

33. Agni, de quem os teus outros fogos são dependentes, como ramos (do tronco da árvore), que eu, entre os homens, exaltando os teus poderes, me torne possuidor, como (outros) devotos, de alimento (abundante).

34. Benevolentes e generosos Ādityas, em meio a todos os ofertantes de oblações, o homem a quem vocês conduzem ao limite (de seus empreendimentos obtém sua recompensa).[21]

35. Régios (Ādityas), vencedores de homens (hostis), (vocês subjugam) qualquer um que atormente aqueles (que estão empenhados em ritos sagrados), e que nós, Varuṇa, Mitra e Aryaman, sejamos os portadores do sacrifício (dirigido) a vocês.

36. O senhor magnífico, o protetor dos virtuosos, Trasadasyu, filho de Purukutsa, me deu quinhentas noivas.[22]

---

[15] Segundo o texto: 'Conforme os homens adoram, assim eles se tornam'. (Ou, talvez, a última parte deva ser: 'Que eu, embora um mortal, me torne, como tu, imortal'). [Veja abaixo a versão de Griffith].

[16] Ou melhor, 'Não me deixes te insultar por calúnia ou pecaminosidade'.

[17] Sāyaṇa explica: 'eles (os sábios piedosos) te chamam de meu protetor'.

[18] *Sāma-Veda* I.108. II.1172 (1.2.1.2.2; 2.9.2.2.1).

[19] ["Ó recebedor do serviço divino, o deus aquoso, transportado em carretas, produzido na primavera, brilhante, é oferecido a ti". – Stevenson, citado por Griffith em sua tradução do *Sāma-Veda*].

[20] *Sāma-Veda* II.1173 (2.9.2.2.2). Sāyaṇa explica *rājasi* como 'tu brilhas em meio' ou 'tu iluminas'.

[21] O texto tem apenas 'a quem vocês levam para a margem oposta'. O comentador acrescenta o resto.

[22] ["Ele deu cinquenta donzelas e três rebanhos de setenta vacas, cavalos e camelos, e ele também (deu) várias vestimentas, joias, um touro marrom, o senhor que liderava aqueles (rebanhos)". – *Bṛhaddevatā].*

37. O afluente Śyāva, o senhor do gado, me deu de presente setenta e três (vacas) nas margens do Suvāstu.[23]

Índice◄►Hino 20 (Wilson)

---

639 - Hino 19. Agni (Griffith)

1. Canta louvor a ele, o Senhor da Luz. Os deuses[24] fizeram o Deus ser seu mensageiro, e enviaram oblação aos Deuses.
2. Ó cantor Sobhari, louva Agni, o Doador Generoso, brilhante com chamas variadas, a ele que controla este alimento sagrado com Soma misturado, que tem direito primeiro ao sacrifício.

3. A ti nós escolhemos, o mais hábil em sacrifício, Sacerdote Imortal entre os Deuses, sábio finalizador deste rito sagrado;
4. O Filho da Força, o Bem-aventurado, o Resplandecente, Agni cuja luz é excelente. Que ele por sacrifício ganhe para nós no céu a graça de Mitra, de Varuṇa, e das Águas.

5. O mortal que tem ministrado para Agni com oblação, combustível, conhecimento ritual,[25] e reverência, hábil em sacrifício,
6. Realmente rápidos para correr são seus corcéis velozes, e fama muito resplandecente é dele. Nenhum problema causado por Deuses ou provocado pelo homem mortal o surpreende de nenhum lado.

7. Que nós pelos teus próprios fogos sejamos bem supridos com fogo, ó Filho da Força, ó Senhor do Poder; tu como nosso Amigo tens homens dignos.[26]
8. Agni, que louva como um convidado de espírito amigável, é como um carro que nos traz bens. Também em ti é encontrada segurança perfeita; tu és o Senhor Soberano da Riqueza.

9. Além disso, merece louvor o homem que traz, auspicioso Agni, presentes sacrificiais. Que ele possa ganhar riquezas por seus pensamentos.
10. Aquele para cujo sacrifício tu permaneces ereto é próspero e governa os homens. Ele vence com corcéis e com cantores[27] habilidosos em música; com heróis ele obtém o prêmio.[28]

11. Aquele em cuja habitação Agni é o principal ornamento e, totalmente desejado, ama profundamente o seu louvor, e cuida zelosamente das suas oferendas –

---

[23] A edição impressa não tem comentário sobre essa estrofe. Os manuscritos são imperfeitos, especialmente em relação à última meia linha *uta me prayiyor vayiyoḥ*.
Durga, em seu comentário sobre o *Nirukta*, explica o verso como segue: "Além disso, nas margens do Suvāstu (ele deu) para mim (abundância) de animais de carga e trajes; ele, o rico líder e senhor de três vezes setenta (vacas) nobres de cor escura (as deu para mim)".
[24] Os *Deuses* na primeira linha são, segundo Sāyaṇa, os sacerdotes, isto é, aqueles que louvam, mas a palavra pode ser tomada em seu significado comum.
[25] *Védena* aqui não pode significar, como Sāyaṇa explica, 'por estudar o Veda'. Talvez possa significar 'pelo conhecimento do uso apropriado das fórmulas sagradas', ou, como diz M. Müller, 'por um feixe de grama'. Veja *Anc. S. Literature,* p. 28, nota, e p. 205.
[26] Em nós teus adoradores.
[27] É bem-sucedido em corridas de carruagens e é recompensado pelos Deuses por seus sacrifícios.
[28] ['O homem sobre cujo sacrifício tu pairas prospera como um comandante de heróis; ele, com cavalos, com homens triunfantes, com heróis, obterá despojos'. – Muir, *O. S. Texts* IV. 302].

12. Dele, ou a palavra de louvor do sábio, dele, Filho da Força! que é o mais ativo com presentes sagrados, coloca abaixo dos Deuses, Vasu, acima da humanidade,[29] a fala do inteligente.

13. Aquele que com presentes ou homenagem sacrifical aproxima o muito habilidoso Agni, Ou aquele que reluz fortemente com música,
14. O mortal que com o combustível ardente, como as suas leis ordenam, adora o Deus Perfeito,[30] abençoado com seus pensamentos em esplendor sobrepujará a todos os homens, como se ele tivesse atravessado as águas.

15. Dá-nos o esplendor, Agni, que possa vencer cada demônio ganancioso em nossa morada, a ira das pessoas más.
16. Aquele[31] com o qual Mitra, Varuṇa, e Aryaman, os Aśvins, Bhaga nos dão luz, aquele, que nós, pelo teu poder encontrando o melhor amparo, adoremos, ó Indra, ajudados por ti.

17. Ó Agni, os mais devotos são eles, os sábios que estabeleceram a ti o Sábio extremamente inteligente, Ó Deus, para os homens olharem;[32]
18. Que prepararam o teu altar, Deus Bendito, de manhã, trouxeram a tua oblação, espremeram o suco. Eles que colocaram toda a sua esperança em ti por seus atos de força ganharam riqueza imensa.

19. Que Agni adorado nos traga felicidade, que o presente, Bendito, e o sacrifício nos tragam felicidade; realmente, que os nossos louvores nos tragam felicidade.
20. Revela a mente que traz sucesso na guerra com os demônios, com a qual tu conquistas em luta. Derruba as muitas esperanças firmes[33] dos nossos inimigos, e deixa-nos vencer com a tua ajuda.

21. Eu louvo com música o Amigo do Homem,[34] a quem os Deuses enviaram para ser arauto e mensageiro, o melhor adorador, portador dos nossos presentes.[35]
22. Tu para Agni de dentes afiados, o Deus Jovem e Radiante, proclamas com a tua canção o banquete – Agni, que pelas nossas doces melodias molda força heroica quando o óleo sagrado é oferecido ele,

23. Enquanto, servido com óleo sacrifical, ora para cima ora para baixo Agni move a sua espada,[36] como o Asura[37] faz com seu manto.[38]
24. O Deus, o Amigo do Homem, que leva os nossos presentes para o céu, o Deus com sua boca de cheiro doce, distribui, hábil em sacrifício, as suas coisas preciosas, Sacerdote Invocador, Deus Imortal.

25. Filho da Força, Agni, se tu fosses o mortal, brilhante como Mitra! adorado com nossos presentes! e eu fosse o Deus Imortal,

---

[29] [Veja a nota 11]. O significado dessa e da estrofe anterior é expresso um tanto obscuramente.
[30] *Áditim*, explicado por Sāyaṇa como *akhaṇḍanīyam*, indivisível, completo. [Jamison traduz a palavra como Infinitude].
[31] Brilho ou esplendor.
[32] [‘Que dá a visão aos homens’. – Jamison].
[33] Não há substantivo no texto, e esperanças, resoluções, pensamentos ou algo similar deve ser adicionado.
[34] Ou *manurhitaṃ* pode significar ‘aquele que foi estabelecido por Manus’.
[35] [Muir traduz: “‘Com um hino eu louvo aquele portador adorável de oblações colocado por Manush*, que os deuses enviaram como mensageiro ministrante’. *Embora a palavra *manur-hita* seja aqui interpretada por Sāyaṇa como significando ‘colocado por Manu Prajāpati que sacrificou’, ela também pode significar ‘amigável para os homens’, visto que é dito que Agni foi enviado pelos deuses”. – *O. S. Texts,* I. 167].
[36] A chama flamejante.
[37] O Sol, segundo Sāyaṇa.
[38] Forma externa. [Agni usa as suas chamas como o Asura usa o seu manto].

26. Eu não te abandonaria, Vasu, à calúnia ou à miséria, ó Generoso. O meu adorador não sentiria fome nem angústia, nem, Agni, ele viveria em pecado.[39]
27. Como um filho tratado na casa de seu pai, que a nossa oblação se eleve até os Deuses.

28. Com a tua ajuda imediata que eu, excelente Agni, sempre obtenha o meu desejo,
Um mortal com um Deus para ajudar.
29. Ó Agni, pela tua sabedoria, pelas tuas bênçãos, pela tua orientação que eu possa reunir riqueza. Excelente Agni, tu és chamado de minha Providência; deleita-te em ser generoso.

30. Agni, aquele cujo vínculo de amizade é tua escolha[40] conquista pela tua ajuda o que lhe traz abundância de heróis nobres e grande força.
31. A tua centelha é preta e crepitante, acesa na hora adequada, ó Generoso, ela é pega. Tu és o querido Amigo das Manhãs poderosas; tu brilhas em bruxuleios noturnos.

32. Nós Sobharis viemos em busca de socorro a ele que é bom para ajudar com milhares de poderes, o Soberano, Amigo de Trasadasyu.
33. Ó Agni, tu de quem todos os outros fogos dependem, como ramos do talo principal, eu faço os tesouros do povo, como músicas, meus, enquanto eu exalto o teu poder soberano.[41]

34. O mortal que, Ādityas, vocês, sinceros, levam para a outra margem
De todos os príncipes, Generosos! –
35. Quem quer que ele seja, Reis que governam o homem! o regente da raça dos homens – que nós, ó Mitra, Varuṇa, e Aryaman, como ele sejamos promotores da sua lei.

36. Um presente de cinquenta escravas[42] Trasadasyu me deu, o filho de Purukutsa,
O mais generoso, bondoso, senhor dos bravos.
37. E Śyāva também para mim guiou adiante um forte cavalo no vau do Suvāstu;[43]
Um rebanho de três vezes setenta vacas,[44] bom senhor dos presentes, ele me deu.[45]

Índice◄►Hino 20 (Griffith)

---

[39] Tal como a negligência aos Deuses por causa da pobreza. [Muir traduz os versos 25 e 26 em *O. S. Texts* V. 219: "Se, Agni, tu fosses um mortal, e eu, ó tu que és rico em amigos, fosse um imortal (26), eu não te abandonaria ao mal ou à penúria. O meu adorador não seria pobre, nem angustiado, nem miserável"].
[40] ["'(O homem) a quem você concede companhia'. O sentido geral é que um homem que é companheiro de Agni prospera". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[41] O sentido da segunda linha parece ser: 'Eu louvo Agni melhor do que os outros homens. Eu subjugo os seus hinos e asseguro para mim mesmo as recompensas que eles pretendiam obter'.
[42] *Vadhūnām, vadhū* geralmente significa uma noiva, uma esposa, uma mulher em geral, e aqui criadas ou escravas, as esposas ou filhas dos Dāsas derrotados, parecem ser mencionadas. Segundo von Roth, éguas ou outras fêmeas de carga são aludidas.
[43] O Suvāstu muito provavelmente é o Soastos de Arriano (Suwad ou Swad) perto do rio Kôphên ou Kâbul.
['Outro rio, o Suvāstu, que pode ser um afluente do Indo, é mencionado em R.V. 8.19.37'. – Muir, *O. S. Texts,* II. 344].
[44] Não há substantivo no texto. A estrofe, que não tem comentário na edição publicada, é muito obscura e só pode ser traduzida conjeturalmente. Veja a Tradução e Comentário de Ludwig, I. 427, e IV. 380.
[45] ['E, na fonte do (Rio) Suvāstu, o (cavalo) escuro de Prayiyu, de Vayiyu, tornou-se o líder das três vezes setenta (vacas) para mim. Bom é o senhor dos presentes'. – Jamison-Brereton, *The Rigveda*, *The Earliest Religious Poetry of India.* Veja também as notas 22 e 23].

640 - Hino 20. Maruts (Wilson)

(Sūkta VIII)[1]

Os deuses são os Maruts; o Ṛṣi é Sobhari; os versos ímpares estão na métrica Kakubh, os pares na Satobṛhatī [Kākubha Pragāthas].

Varga 36. **1**. (Ventos) que viajam longe, igualmente coléricos, venham aqui, não nos prejudiquem; dobradores das sólidas (montanhas), não se afastem de nós.
2. Poderosos filhos de Rudra, Maruts, venham com (carruagens) brilhantes, de rodas fortes; desejados por muitos, bem-dispostos para com Sobhari, venham hoje ao nosso sacrifício com alimento (abundante).

3. Nós conhecemos a grande força dos filhos ativos de Rudra, os Maruts, os derramadores da chuva difusa.
4. Eles caem sobre as ilhas; as (árvores) firmemente fixas se mantêm com dificuldade; eles agitam o céu e a terra; eles incitam as águas; de armas brilhantes, resplandecentes, do que quer (que vocês se aproximem) vocês fazem tremer.[2]

5. Quando vocês chegam as montanhas não escarpadas e as árvores ressoam; a terra treme à sua passagem.
Varga 37. **6**. (Alarmado) pela sua violência, Maruts, o céu procura subir mais alto, abandonando o firmamento, onde (vocês) os líderes (de ritos) de braços fortes exibem os ornamentos de (seus) corpos.

7. Os radiantes, fortes, derramadores de chuva, indisfarçados líderes de ritos mostram a sua grande glória ao aceitarem o alimento (sacrifical).
8. A voz[3] (dos Maruts) se mistura com as canções dos Sobharis[4] no receptáculo da sua carruagem de ouro; que os poderosos Maruts bem-nascidos, os filhos da vaca (malhada), (sejam benevolentes) para conosco em relação a alimento, prazer e bondade.

9. Aspersores de libações, apresentem as oferendas para a companhia de Maruts que concede chuva e corre velozmente.
10. Maruts, líderes (de ritos), venham como aves de voo rápido em sua carruagem derramadora de chuva, de cavalos fortes, cujas rodas conferem chuvas, para compartilhar das nossas oblações.

Varga 38. **11**. A sua decoração é a mesma; (colares) de outro brilham (em seus peitos), lanças reluzem sobre seus ombros.
12. Ferozes, vigorosos, de braços fortes, eles não precisam empregar (a energia de seus) corpos;[5] arcos e flechas estão ao alcance em seus carros; a glória (da conquista) sobre os exércitos (hostis) é sua.

13. Um nome ilustre é dado a todos eles, tão amplamente difundido quanto água para a gratificação (de seus adoradores), como alimento paterno revigorante.[6]
14. Louvem a eles, louvem os Maruts, pois nós somos (dependentes) desses agitadores (de todas as coisas) como um criado é de seus senhores; portanto, as suas doações são (caracterizadas) pela munificência; assim são as suas (dádivas).

---

[1] Os *sūktas* deste *adhyāya* são, em sua maior parte, simples. Este último tem exceções.
[2] Sāyaṇa parece explicar esse verso: 'As ilhas caem em pedaços, as (árvores) mais firmes sentem angústia, eles (os ventos) afligem o céu e a terra; as águas correm adiante, ó de armas brilhantes, autobrilhantes, quando vocês as agitam'. [Veja a nota 19 § 2].
[3] Sāyaṇa explica *vāṇa* como 'o alaúde', *vīṇā*. [Veja o § 3 da nota 46].
[4] [Veja a nota 46].
[5] Ou melhor, 'eles não precisam se esforçar para defender seus corpos'.
[6] O significado exato não é um óbvio; aparentemente se pretende dizer que o adorador pode confiar nele.

15. Afortunado era aquele, Maruts, que, nos tempos antigos estava seguro sob as suas proteções, como é aquele que agora desfruta delas.
Varga 39. **16**. O sacrificador, para compartilhar de cujas oblações vocês se aproximam, líderes de ritos, desfruta, agitadores de todas as coisas, da felicidade que vocês dão, junto com abundantes iguarias e o dom da força.

17. Que este (nosso louvor) surta efeito, de modo que os filhos sempre jovens de Rudra, criadores da nuvem, (vindo) do céu, possam ficar satisfeitos conosco.[7]
18. Jovens (Maruts), se aproximando de nós com corações benevolentes, concedam prosperidade àqueles homens generosos que os adoram, que os propiciam zelosamente, os derramadores de chuva, com oblações.

19. Louva, Sobhari, (e atrai para cá) por meio de uma nova canção os jovens derramadores purificadores, como (o lavrador) arrasta repetidamente os seus bois.[8]
20. Propicia com louvor os Maruts, os que enviam chuva, os que dão prazer, os generosos concessores de alimento,[9] que são sempre vitoriosos em combates, e como um lutador que foi desafiado sobre seus desafiantes.[10]

Varga 40. **21**. Maruts, que têm ira semelhante, filhos da vaca materna (Pṛśni), relacionados por uma origem comum, eles se espalham separadamente pelos quadrantes do horizonte.[11]
22. Maruts, que dançam (pelo ar), enfeitados com peitorais de ouro, o mortal (que os adora) alcança a sua fraternidade;[12] falem favoravelmente a nós, pois a sua afinidade é sempre (dada a conhecer) no (sacrifício) regulado.

23. Amigos generosos, Maruts, que deslizam velozmente (através do ar), tragam-nos (a bênção) dos medicamentos que pertencem à sua companhia.
24. Com aquelas proteções auspiciosas com as quais vocês têm guardado o oceano, com os quais vocês têm destruído (seus inimigos), com as quais vocês forneceram o poço (para Gotama), que vocês, que são as fontes da felicidade, os inconquistáveis por seus adversários,[13] concedam felicidade a nós.

25. Qualquer medicamento que possa haver no Sindhu, na Asiknī, nos oceanos, nas montanhas, Maruts, que são satisfeitos por sacrifício –
26. Que vocês, que veem todas as espécies, os recolham para (o bem dos) nossos corpos, e nos instruam em seus (usos); que a cura da doença (seja a porção), Maruts, daquele entre nós que por sua maldade está doente; restabeleçam o seu (corpo) debilitado.

Índice◄►Hino 21 (Wilson)

---

[7] [‘Como os filhos jovens de Rudra, o deus sábio do céu, desejam, assim será’. – Muir, *O. S. Texts,* IV, 316].
[8] Sāyaṇa diz, ‘como um lavrador repetidamente puxa os sulcos (louvores ou discursos) de seus bois’. [‘Como o lavrador chama as vacas’. – Müller].
[9] Ou, ‘os mais ilustres’. Sāyaṇa explica a última parte: ‘que são sempre vitoriosos em combates e muito desafiadores, como um lutador digno de desafio.
[10] [Veja a nota 48].
[11] *Sāma-Veda* I.404 (1.5.1.2.6). (Ou melhor: ‘Ó Maruts, iguais em energia, suas parentes, as vacas, lambem separadamente os quadrantes do horizonte’. Bentley entende por *gāvaḥ* os raios do sol). [Veja as notas 36 e 49].
[12] [‘Possivelmente, ‘se torna seu irmão’. – Müller].
[13] Sāyaṇa explica *asacadviṣaḥ* como ‘desprovidos de inimigos’. Para Gotama, veja 1.85.11, nota.

640 - Hino 20. Maruts (Griffith)

1. Que ninguém, Viajantes Velozes! os detenha; venham aqui, de ânimo semelhante, não fiquem muito longe, ó dobradores até do que é firme.
2. Maruts, Ṛbhukṣans, Rudras, venham com seus carros de pinas fortes e extremamente brilhantes. Venham, vocês por quem ansiamos, com alimentos, ao sacrifício, venham com amor até Sobhari.

3. Pois nós conhecemos bem o poder vigoroso dos Filhos de Rudra, os Maruts, que são extraordinariamente fortes, o grupo do veloz Viṣṇu, que enviam a chuva.[14]
4. Ilhas[15] estão se rompendo e a miséria[16] acabou; o céu e a terra estão unidos em um.[17] Enfeitados com aros brilhantes,[18] vocês espalham amplas extensões, quando vocês, Autoluminosos, se agitam.[19]

5. Até as coisas imóveis tremem e balançam, as montanhas e as árvores da floresta à sua aproximação, e a terra treme quando vocês chegam.
6. Para dar curso livre, ó Maruts, ao seu avanço furioso, o céu cada vez mais alto abre caminho continuamente, onde eles, os Heróis poderosos com seus braços exibem seus ornamentos brilhantes em suas formas.

7. Conforme a sua natureza divina eles, os Heróis como touros,[20] deslumbrantes e impetuosos, exibem grande esplendor enquanto se mostram eretos.[21]
8. O pivô da carruagem dos Sobharis dentro da caixa[22] dourada é ungido com leite.[23] Que eles, os Bem-nascidos, poderosos, parentes da Vaca,[24] nos ajudem com alimentação e com deleite.

9. Tragam, vocês que aspergem gotas balsâmicas,[25] oblações para a sua vigorosa companhia de Maruts, para aqueles cujo líder é o Touro.[26]
10. Venham aqui, ó Maruts, em seu carro de cavalos fortes, de aparência sólida,[27] com cubos [de roda] sólidos. Velozmente como falcões alados, ó Heróis, venham, venham desfrutar das nossas oferendas.

11. A sua decoração é a mesma: seus ornamentos de ouro são brilhantes em seus braços; Suas lanças resplandecem esplendidamente.
12. Eles não se esforçam para defender os seus corpos dos ataques, Heróis fortes de braços poderosos. Fortes são os seus arcos e fortes as armas em seus carros, e a glória se encontra em cada rosto.

---

[14] [*Todos eles prolíficos*. – Muir, *O. S. Texts*, IV, 85, nota].
[15] As áreas mais altas não submersas. [Veja nota 19].
[16] Causada pelo calor e o tempo seco precedentes.
[17] Quando a chuva pesada obscurece o horizonte.
[18] Usados nos braços ou nos tornozelos ou levados pelos Maruts em seus ombros. Veja 1.166.9.
[19] A estrofe é difícil. Eu segui, em geral, a tradução de Ludwig.
['O verso descreve os efeitos da monção. ... Visto que a monção traz a chuva desejada, que faz com que as plantas cresçam e produzam alimentos e consequente bem-estar, ela detém a miséria em seus caminhos, por assim dizer. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[20] O sentido exato de *vṛṣapsavaḥ* é incerto.
[21] *Ahrutapsavaḥ* é traduzido conjeturalmente.
[22] O interior da carruagem.
[23] Com chuva fertilizante enviada pelos Maruts. [Veja a nota 46].
[24] Pṛśni.
[25] Isto é, os sacerdotes que oferecem libações.
[26] A quem Indra lidera. Ou poder ser: cuja carruagem é puxada por touros, como na estrofe seguinte.
[27] Ou com aparência de touro, ou forte.

13. Cujo nome se expande como um oceano, sem igual, resplandecente, de modo que todos tenham alegria nele,[28] e poder vital como força ancestral.
14. Prestem honra a esses Maruts e cantem louvores a eles, pois dos raios da roda do carro desses sonoros rugidores nenhum é o último;[29] esse é seu poder, esse os move a dar grandes dádivas.[30]

15. Abençoado por seu auxílio favorecedor foi aquele,[31] ó Maruts, nos primeiros esplendores da manhã, e agora mesmo ele será abençoado.
16. O homem forte de cujo sacrifício, ó Heróis, vocês se aproximam para que possam provar do mesmo, com glórias e com guerra que ganha despojos obterá grande bem-aventurança, ó Abaladores do mundo.

17. Assim como os Filhos de Rudra, a prole do Criador Dyaus, o Asura, desejam, ó Jovens, assim será;
18. E estes, os generosos,[32] dignos dos Maruts que se movem adiante derramando a chuva – por causa deles mesmos, ó Jovens, com o coração mais bondoso nos levem a vocês para sermos seus.

19. Ó Sobhari, com a mais recente canção canta para os jovens Touros Purificadores,[33] Assim como um lavrador para os seus bois.
20. Que, como um pugilista famoso, derrotam os adversários em cada luta; aqueles que, como touros brilhantes, são os mais ilustres – honra aqueles Maruts com a tua canção.

21. Aliadas por ancestralidade comum,[34] ó Maruts, até as Vacas,[35] iguais em energia, lambem, todas alternadamente, a cabeça umas das outras.[36]
22. Até o homem mortal, ó Dançarinos[37] de peito enfeitado com ouro, obtém irmandade com vocês. Observem-nos e percebam-nos, ó Maruts; eternamente a sua amizade está garantida para nós.

23. Ó Maruts, ricos em presentes nobres, tragam-nos uma porção do remédio dos Maruts, Ó Corcéis que são Amigos para nós.
24. Inimigos daqueles que não lhes servem, portadores de bem-aventurança, nos tragam felicidade com aqueles auxílios auspiciosos com os quais vocês são vitoriosos e guardam bem Sindhu, e socorrem Krivi[38] em sua necessidade.

25. Maruts, que repousam na bela grama aparada, qualquer bálsamo que Sindhu ou Asiknī[39] tenha, ou as montanhas ou os mares contenham,

---

[28] ["O *pāda* b expressa outro ponto comum sobre os Maruts: eles não têm nomes individuais (porém, veja 5.52.10-11), mas 'Marut' serve para cada um deles'. – Jamison].
[29] Nenhuma parte da roda da sua carruagem está atrás do resto em velocidade. ['Desses rugidores, como dos raios [de uma roda] em movimento, nenhum é o último'. – Müller].
[30] Ou, essa (característica pertence a eles) pela grandeza das suas dádivas.
[31] Seu adorador.
[32] Os generosos instituidores do sacrifício.
[33] Os fortes Maruts que enviam a chuva doce.
[34] Como prole de Pṛśni.
[35] Os Maruts.
[36] Quando elas se aglomeram em seu percurso. Segundo Sāyaṇa, 'lambem separadamente os quadrantes do céu'. [Veja a nota 49. Jamison supõe: "'Lambem as corcovas uns dos outros' pode ser o equivalente ao inglês 'vigiam as costas uns dos outros': os indivíduos agem reciprocamente e protetoramente para o bem comum do grupo"].
[37] Vocês que dançam pelo ar.
[38] O epônimo de uma tribo guerreira no Panjāb, em épocas recentes combinada com, ou idêntica aos, Pañcālas. [Veja a nota 51]. Sāyaṇa considera que *krívim* aqui significa um poço: 'com as quais vocês forneceram o poço (para Gotama)'.
[39] O [rio] Acenises de Quinto Cúrcio, o nome védico do Candrabhāgā, o atual Chenâb.

26. Vocês carregam em seus corpos, vocês que veem tudo; então nos abençoem benevolentemente com ele. Lancem, Maruts, ao chão a enfermidade do nosso homem doente; reponham o membro deslocado.[40]

Índice◄►Hino 21 (Griffith)

---

640 - Hino 20. Aos Maruts (os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṆḌALA 8, HINO 20.
AṢṬAKA 6, ADHYĀYA 1, VARGA 36-40.

1. Venham aqui, não faltem, quando vocês marcham adiante! Não fiquem longe, ó amigos unidos, vocês que podem dobrar até mesmo o que é firme.
2. Ó Maruts, Ṛbhukṣans, venham para cá em suas pinas[41] fortes flamejantes, ó Rudras, venham a nós hoje com alimentos, ó muito desejados, venham para o sacrifício, ó amigos dos Sobharis.[42]

3. Pois nós conhecemos de fato a força terrível dos filhos de Rudra, dos vigorosos Maruts, os dadores generosos[43] de Soma (chuva).[44]
4. As ilhas (nuvens) se espalharam, mas o monstro permaneceu,[45] o céu e a terra se uniram. Ó vocês que estão armados com aros brilhantes, as áreas (do céu) se expandem sempre que vocês se agitam, radiantes com seu próprio esplendor.

5. Mesmo as coisas que não podem ser derrubadas ressoam na sua corrida, as montanhas, o senhor da floresta – a terra treme em suas marchas.
6. O céu superior abre amplo espaço para deixar a sua violência passar, ó Maruts, quando esses heróis de braços fortes exibem suas energias em seus próprios corpos.

7. De acordo com seu costume esses homens, extremamente terríveis, impetuosos, com formas fortes e inflexíveis, trazem consigo bela luz.
8. A seta dos Sobharis é disparada das cordas de arco na caixa dourada da carruagem dos Maruts.[46] Eles, os parentes da vaca (Pṛśni), os bem-nascidos, devem desfrutar de seu alimento, os grandiosos devem nos ajudar.

---

[40] 'Restabeleçam o seu (corpo) debilitado'. – Wilson.
[41] Seria melhor suprir 'carruagens', mas o poeta pode ter usado a parte pelo todo.
[42] Os Sobharis, que são mencionados apenas no 8º Maṇḍala, são claramente um clã desse nome, e seus hinos formam uma pequena coleção por si só. Veja Oldenberg, *Prolegomena*, p. 209 e seg.
[43] *Mīḷhvas* às vezes é usado por si só no sentido de patrono ou benfeitor.
[44] Aqui, novamente, como em 2.34.11, *Viṣṇu eṣa* parece significar Soma, possivelmente o alimento, ou até mesmo a semente *(retas)* de Viṣṇu. Sāyaṇa também toma Viṣṇu como um nome da chuva. Em 1.154.5 lemos que a fonte de *madhu* está no lugar mais alto de Viṣṇu. Isso poderia significar os filhos generosos de Viṣṇu?
[45] A minha tradução é puramente conjetural.
[46] Em apoio à tradução que propus em 1.85.10, nota, tudo o que posso dizer é que *aj* é um verbo usado para disparar uma seta, veja 1.112.16, e que *vāṇa* pode ser utilizado no sentido de *bāṇa*, junco e flecha, e que *go* é usado para corda de arco, consulte [o léxico de] Böhtlingk e Roth, *sub voce*. A questão, no entanto, surge, como é que esse verso entra aqui? Como o fato de que os Sobharis, que estão louvando os deuses da tempestade, disparam sua flecha na caixa dourada em sua carruagem, concorda com o que precede e segue?

Vejamos em primeiro lugar se uma tradução mais natural pode ser encontrada. Böhtlingk e Roth traduzem: 'A música sacrifical dos Sobharis é provida e, portanto, tornada mais atraente por doses de leite (ou alimento animal)'. Para apoiar essa tradução, deve ser provado, em primeiro lugar, que *vāṇa* significa música sacrifical, e que tal música sacrifical pode ser citada como *ajyate* (é provida), *gobhiḥ* (por doses de leite). Grassmann traduz: 'Por porção de leite a música dos Sobharis é recompensada'. Aqui, novamente, deve ser provado que *vāṇa* pode significar música sacrifical, e *ajyate*, é recompensada. [A tradução de] Ludwig [pode ser] explicada no sentido de que 'o pino na carruagem dos Maruts deve ser untado com leite, para que o leite possa escorrer sobre os Sobharis'. Eu duvido que *vāṇa* possa significar pino, e eu não vejo para que a intenção do poeta, ou seja, pedir chuva, seria transmitida por essas palavras.

9. Tragam, ó (sacerdotes) fortemente ungidos, as suas libações para o forte exército dos Maruts, os que avançam vigorosamente.
10. Ó Maruts, ó heróis, venham depressa para cá, como falcões alados, em sua carruagem com cavalos fortes, de forma forte, com cubos fortes, para desfrutar das nossas libações.

11. A sua unção é a mesma, as correntes de ouro brilham em seus braços, as suas lanças reluzem.
12. Esses Maruts fortes, valorosos, de braços poderosos, não lutam entre si; firmes são os arcos, as armas em seu carro, e em seus rostos há esplendores.

13. Eles cujo nome[47] terrível, vasto como o oceano, é o único de todos que é útil, cuja força é como o vigor de seu pai,
14. Adorem esses Maruts, e os louvem! Desses rugidores, como dos raios [de uma roda] em movimento, nenhum é o último; isso é deles por doação, pela grandeza isso é deles.

15. Feliz é aquele que estava sob a sua proteção, ó Maruts, nas manhãs passadas, ou que possam estar sob ela agora mesmo.
16. Ou aquele, ó homens, cujas libações vocês foram desfrutar; aquele poderoso, ó abaladores, obterá as suas graças com riquezas brilhantes e saque.

17. Como os filhos de Rudra, os servos do divino Dyu, vencem, ó jovens, assim será.
18. Quaisquer que sejam os doadores generosos que adorem os Maruts, e se movam juntos como benfeitores generosos, mesmo deles se voltem para nós com um coração gentil, ó jovens.

19. Ó Sobhari, chama alto com a sua mais recente canção os jovens, fortes e puros Maruts, como o lavrador chama as vacas.
20. Adora os Maruts com uma canção, a eles que são fortes como um lutador chamado para ajudar aqueles que chamam[48] por ele em todas as lutas; (adora a eles) os mais gloriosos, como touros resplandecentes.

21. Sim, ó unidos amigos, parentes, ó Maruts, por um nascimento comum, os bois lambem as corcovas uns dos outros.[49]
22. Ó dançarinos, com ornamentos de ouro em seus peitos, mesmo um mortal vem (pedir) por sua irmandade;[50] cuidem de nós, ó Maruts, pois sua amizade dura para sempre.

23. Ó Maruts generosos, nos tragam um pouco do seu remédio-Marut, vocês, amigos, e (velozes, como) corcéis.

Sāyaṇa interpreta: 'Através das vacas, isto é, os hinos, dos Sobharis a lira dos Maruts se torna evidente'; ou 'Pelas vacas, isto é, os Maruts, a lira se manifesta em prol dos Sobharis'.

Em apoio à minha própria tradução eu só posso apelar a um costume atribuído por Heródoto (IV.94) a outra tribo ariana antiga, ou seja, os trácios, que, quando há trovões e relâmpagos, atiram flechas contra o céu. Heródoto na tentativa de encontrar um motivo para isso diz que eles fazem isso para ameaçar o deus, porque eles não acreditam em nenhum outro deus exceto o seu próprio. Pode ser isso, a única questão é se ao dispararem suas flechas contra o céu eles esperavam afastar as nuvens para longe ou desejavam que elas soltassem seu tesouro, ou seja, a chuva. Eu me sentiria inclinado a aceitar o último ponto de vista, mas em ambos os casos vemos que o que os trácios faziam era exatamente o que é dito que os Sobharis fazem aqui, ou seja, atirar uma flecha na caixa dourada ou tesouro da carruagem dos Maruts. Essa, é claro, não é mais do que uma conjectura, e eu a abandonarei de bom grado se um significado mais apropriado puder ser extraído dessa linha. O que é contra ela é a ocorrência frequente de *añj* com *gobhiḥ* no sentido de cobrir com leite, veja 9.45.3; 5.3.2, etc.

[47] *Nāman* é, naturalmente, mais do que o mero nome, mas nome pode ser usado quase no mesmo sentido.

[48] [Wilson], assim como Ludwig, toma *hotṛ* como um desafiante. Eu prefiro tomá-lo como pedindo ajuda. Eu não estou satisfeito, no entanto, com nenhuma das traduções, nem Grassmann nem Ludwig oferecem algo útil.

[49] Eu não posso ver nenhum significado nesse verso, exceto um muito naturalista, ou seja, que os Maruts, que são descritos como amigos e irmãos que nunca brigam e sempre concordantes, são aqui comparados a bois que pastam no mesmo campo, e assim, longe de brigar, na verdade, lambem as corcovas das costas uns dos outros. [Veja a opinião de Jamison na nota 36].

[50] Possivelmente, 'se torna seu irmão'.

24. Com as graças com as quais vocês favorecem o Sindhu, com as quais vocês salvam, com as quais vocês ajudam Krivi,[51] com aqueles favores propícios sejam a nossa alegria, ó encantadores, vocês que nunca odeiam seus seguidores.[52]

25. Ó Maruts, para quem nós preparamos bons altares, qualquer medicamento[53] que haja no Sindhu, na Asiknī, nos mares, nas montanhas,
26. Vendo-o, vocês o carregam todo em seus corpos. Abençoem-nos com ele! Derrubem por terra, ó Maruts, o que fere o nosso doente, endireitem o que está torto!

Índice◄►Hino 94 (Müller)

641 - Hino 21. Indra (Wilson)[1]

(Continuação Aṣṭaka 6. Adhyāya 2. Anuvāka 4. Sūkta I)

O deus é Indra, exceto nos dois últimos versos, nos quais a generosidade de Citra[2] é louvada; o Ṛṣi é Sobhari, da família de Kaṇva; a métrica dos versos ímpares é Kakubh, dos pares Satobṛhatī [Kākubha Pragāthas].

Varga 1. **1**. Inaudito[3] Indra, nutrindo-te (com alimento sacrifical), desejosos de tua proteção, nós invocamos a ti que és múltiplo em batalha, como (os homens invocam) uma (pessoa) forte (em busca de ajuda).[4]
2. Nós recorremos, Indra, a ti por proteção em ritos sagrados; que ele que é sempre jovem, feroz, resoluto, venha a nós! Nós, teus amigos, Indra, confiamos ti como nosso protetor e benfeitor.[5]

3. Senhor dos cavalos, do gado, da área de grãos, estas libações (são para ti); vem, Senhor do Soma, bebe o suco Soma derramado.

---

[51] Sindhu pode significar aqui não tanto o rio quanto as pessoas que vivem em suas margens. Krivi é dito ser um nome antigo dos Pañcālas (*Śatapatha Brāhmaṇa*, 13.5.4.7). Mas, porque os Pañcālas eram chamados de Krivis, e porque nos últimos tempos muitas vezes ouvimos sobre Kuru-Pañcālas, de modo algum se segue que os Krivis eram idênticos aos Kurus. Isso prova precisamente o contrário. *Kuru* pode ser derivado de *kar*, e pode ter significado ativo, mas pode também ter tido um significado original muito diferente. Uma derivação de *krivi* de *kar* é ainda mais objetável.
[52] *Asacadviṣaḥ*, que eu traduzo como 'que não odeiam seus seguidores', também pode ser traduzido 'que odeiam aqueles que não os seguem'.
[53] Os medicamentos são geralmente trazidos por Rudra, e por seus filhos, os Maruts.

---

[1] [Aqui começa o Quinto Volume da tradução por Wilson, editada por E. B. Cowell e W. F. Webster, em 1888. Veja o Prefácio desse volume no Apêndice 2].
[2] [Embora outras tradições vejam Citra como um rei humano, segundo a *Bṛhaddevatā* ele é o rei dos ratos: "Quando Sobhari, o filho de Kaṇva, estava sacrificando com membros de sua família em Kurukṣetra, os ratos devoraram os (seus) grãos e várias oblações. (Então) ele (Sobhari) louvou Indra, Citra, (e) Sarasvatī, com a estrofe 'Ou Indra' (*indro vā:* 8.21.17), proclamando o poder de doar (de Citra). E o rei dos ratos, profundamente alegre, por autossatisfação, ele mesmo, Citra, sendo louvado como um deus, deu ao vidente mil miríades de vacas. Louvando(-o), o vidente aceitou (o presente). E com alegria de coração (Citra) abordou o vidente, 'Eu não mereço o louvor de um vidente, por ter sido gerado em um útero animal. (Em vez disso) louva os deuses'. E (contudo) com a última (estrofe, 8.21.18), ele (o vidente) o louvou novamente". – Tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, p. 225-226. Veja a lista das outras *dānastutis* ou 'louvores à generosidade' no Apêndice 1].
[3] *Vāje citraṃ, sangrāme vividharūpam;* o *Sāman* publicado, I.408 (1.5.1.2.10; 2.1.1.22.1), (Benfey), lê *vajrin*, 'trovejante', em lugar de *vāje*. 'Como as pessoas que enchem uma casa com arroz e semelhantes recorrem a algum homem generoso e vigoroso em busca de alimento', é a amplificação do comentador da última frase.
[4] *Apūrvya* é explicado como 'novo', ou seja, sempre novo nas três oblações.
[5] *Sāma-Veda*, II.59 (2.1.1.22.2).

4. Inteligentes, mas desprovidos de parentes,[6] vamos nos conectar, Indra, contigo, que és rico em parentes;[7] vem, derramador (de benefícios), com todas as tuas glórias, para beber o Soma.

5. Reunindo-nos como (um bando de) aves em volta da tua bebida Soma misturada com coalhada estimulante e concessora de céu nós repetidamente te glorificamos, Indra.[8]

Varga 2. **6**. Nós te saudamos com esta adoração; por que tu meditas tão frequentemente (sobre os nossos pedidos)? Mestre de corcéis baios, que os nossos desejos sejam concedidos. Tu és seu concessor, nós somos teus (suplicantes), e os nossos ritos sagrados são (dirigidos a ti).

7. Nós realmente somos os (objetos) mais recentes da tua proteção, Indra, manejador do raio; nós não conhecemos anteriormente alguém maior do que tu.[9]

8. Nós reconhecemos, herói, a tua amizade, (a riqueza) a ser desfrutada através de ti, e pedimos ambos, trovejante, a ti; dador de residências, Indra de bela mandíbula, nos sustenta em toda abundância e em (fartura de) gado.

9. Eu glorifico, amigos, por sua proteção, aquele Indra que nos trouxe antigamente esta ou aquela (riqueza) excelente.[10]

10. Se regozija (na realização de seus desejos) aquele homem que glorifica Indra, o senhor dos corcéis baios, o protetor dos bons, o vencedor de inimigos; que Maghavan dê a nós, seus adoradores, centenas de cabeças de gado e cavalos.

Varga 3. **11**. Contigo, derramador (de benefícios), como nosso aliado, nós desafiamos alguém que nos ataca em uma disputa (em nome) de um homem que possui rebanhos de gado.[11]

12. Indra, invocado por muitos, que nós vençamos em combate aqueles que lutam contra nós; que possamos resistir aos malignos; que nós, auxiliados pelos líderes (de ritos,[12] os Maruts), matemos Vṛtra; que sejamos prósperos, e que tu protejas as nossas obras piedosas.

13. Tu, Indra, por teu nascimento és sem irmãos; desde sempre tu és sem parentes; o parentesco que desejas é (o daquele) que se envolve em guerra.[13]

14. Tu não reconheces amizade com o homem rico (que não faz oferendas), aqueles que estão inchados com o vinho[14] te ofendem; quando tu instituis (o sacrifício), tu expulsas a mesquinhez, e tu és invocado como protetor.[15]

---

[6] Ou melhor, 'nós teus adoradores *(viprāsaḥ),* desprovidos de parentes'.

[7] [Veja o verso 13 e a nota 19].

[8] *Sāma-Veda,* I.407 (1.5.1.2.9). *Vivakṣaṇe* é explicada por Sāyaṇa como 'que faz obter *svarga'*.

[9] Sāyaṇa parece interpretar esta última oração 'nós não te conhecíamos anteriormente como o poderoso (mas agora te conhecemos)'.

[10] *Sāma-Veda*, I.400 (1.5.1.2.2).

[11] *Sāma-Veda*, 1.5.1.2.5.

[12] Sāyaṇa explica *nṛbhiḥ* como 'manejadores de armas', e *vṛtra* como 'o inimigo'.

[13] *Sāma-Veda,* I.399 (1.5.1.2.1; 2.6.2.4.1). (Sāyaṇa traduz esse verso assim: 'Tu, Indra, por teu nascimento és desde a eternidade sem um inimigo, sem um controlador, sem um parente; tu desejas mostrar o teu parentesco somente pela guerra', isto é, é apenas pelo combate que tu és o amigo dos teus servos).

[14] *Surāśvaḥ*, intoxicado; ou *nāstikāḥ*, ateus. Para a segunda linha, que começa com *yadā kṛṇoṣi nadanum samūhasi*, a edição publicada não dá nenhum comentário. Um manuscrito lê (mas sem dúvida da mão de algum interpolador): 'quando tu expeles a negligência de doações de um homem, tu fazes o sacrifício', mas a construção é questionável. (O verso ocorre no *Sāma-Veda*, 2.6.2.4.2, e Sāyaṇa lá explica a frase *yadā kṛṇoṣi nadanum samūhasi:* quando tu proferes o som inarticulado de aprovação (para o adorador, significando: 'Ele é meu'), que trazes (riqueza) para ele'. Veja a tradução de Benfey, [na nota 27 abaixo]. O professor Müller traduz o verso inteiro, em *Ancient Sanskrit Lit.* p. 542, 'Tu nunca encontras um homem rico para ser teu amigo; bebedores de vinho te desprezam; mas quando tu trovejas, quando tu reúnes (as nuvens), então tu és chamado como um pai). [Veja também a nota 25].

[15] Ou, 'como um pai'.

15. Que nós, como tolos, Indra, não sejamos negligentes com a amizade de alguém como tu;[16] que nós nos reunamos quando a libação é vertida.
Varga 4. **16**. Que nós nunca, Indra, doador de gado, deixemos (de nos beneficiar) da tua riqueza; que nós não a aceitemos (de outro além de) ti;[17] que tu, que és o Senhor, nos forneças (riquezas) permanentes, as concede a nós; os teus benefícios não podem ser detidos.

17. É Indra que tem dado tanta riqueza ao doador (da oblação)? É a auspiciosa Sarasvatī (que deu) o tesouro? Ou, Citra,[18] és tu?
18. Realmente o rei Citra, dando os seus milhares e dezenas de milhares, tem coberto (com sua generosidade) aqueles outros príncipes pequenos que governam ao longo do [rio] Sarasvatī, como Parjanya (cobre a terra) com a chuva.

Índice◄►Hino 22 (Wilson)

---

641 - Hino 21. Indra (Griffith)

1. Nós te invocamos, ó Incomparável! Nós que procuramos ajuda, nós mesmos que não possuímos nada firme, invocamos a ti o extraordinário em luta,
2. A ti por auxílio em sacrifício. Esta nossa juventude,[19] a ousadia, o poder, foram embora. Por isso, nós, teus amigos, Indra, escolhemos a ti, o doador liberal, como o nosso Deus Guardião.

3. Vem, pois as gotas estão aqui, ó Senhor dos campos [de cultivo] de grãos, Senhor dos cavalos, Senhor das vacas; bebe o Soma, Senhor do Soma!
4. Pois nós os cantores sem parentes temos atraído a ti para cá, a ti, ó Indra, que tens numerosos parentes.[20] Com todas as formas que tens, vem, tu de força como o touro, te aproxima para beber o suco Soma.

5. Sentados como aves ao lado do teu hidromel, misturado com leite, que te alegra e te exalta, Indra, para ti nós cantamos em voz alta.
6. Nós falamos a ti com esta nossa prece reverente. Por que tu ainda estás ponderando por algum tempo? Aqui estão os nossos desejos; tu és generoso, Senhor dos Baios; nós e nossos hinos estamos presentes aqui.

7. Pois não só nos últimos tempos, ó Indra, Armado de Trovão, nós temos obtido a tua ajuda. Desde antigamente nós conhecíamos a tua riqueza abundante.
8. Herói, nós conhecíamos a tua amizade e as tuas ricas recompensas; essas, Trovejador, agora nós ansiamos de ti. Ó Vasu, pois toda a riqueza que vem das vacas aguça os nossos poderes, Deus de bela viseira.

---

[16] Sāyaṇa interpreta: 'Que nós que somos teus, Indra, não sejamos desolados como aqueles que ignoram a amizade de alguém como tu'.
[17] Sāyaṇa explica *te*, como no verso anterior: 'nós que somos teus'.
[18] [Veja a nota 2].
[19] Do nobre que instituiu o sacrifício. ["Oldenberg sugere que o 'jovem' é o rei Citra, cuja *dānastuti* termina o hino. Isso parece perfeitamente plausível, mas, no entanto, improvável". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[20] ["A questão é quem são os parentes que Indra tem e nós não. Eu sugiro que os 'parentes' de Indra são os cavalos, vacas etc. citados no verso 3. Em 8.68.19 os patronos são chamados de *vā́ja-bandhu*, 'que têm prêmios como parentes', como uma sugestão de que eles devem dá-los a nós. Eu acho a mesma imagem é usada aqui: faltam-nos parentes, e você tem esses parentes desejáveis (cavalos, etc.) que poderiam se tornar nossos parentes também". – Jamison].

9. A ele que desde os tempos antigos tem trazido para nós essa e aquela bênção, a ele eu glorifico por vocês o próprio Indra, ó meus amigos, por auxílio;
10. Conduzido pelos Corcéis Baios, o Senhor dos Heróis, que governa os homens, pois é ele que se deleita. Que Maghavan conceda a nós seus adoradores centenas de cabeças de gado e cavalos.

11. Herói, que nós, contigo como Amigo, resistamos ao homem que arqueja[21] contra nós em sua ira, em luta com pessoas ricas em vacas.
12. Que sejamos vitoriosos na canção de guerra do cantor, e enfrentemos os perversos, Invocado por muitos! com heróis derrotemos o inimigo e manifestemos a nossa força. Ó Indra, favorece os nossos pensamentos.

13. Ó Indra, desde todos os tempos antigos tu és sempre sem rivais e sem companheiros;[22] tu procuras companhia[23] na guerra.[24]
14. Tu não encontras o homem rico para ser teu amigo; te desprezam aqueles que estão cheios de vinho.[25] Quando tu trovejas e reúnes,[26] então tu, assim como um Pai, és invocado.[27]

15. Ó Indra, não nos deixes, como tolos que desperdiçam suas vidas em casa, com amizade como a tua, nos sentarmos em vão perto do suco derramado.
16. Dador de vacas, que nós não sintamos falta das tuas dádivas agradáveis; que não roubemos o que é teu. Despoja até os lugares fortes do inimigo, e traze: os teus presentes nunca podem ser tornados vãos.

17. Só Indra ou a abençoada Sarasvatī concedem tal riqueza, um tesouro tão grande, ou tu, ó Citra,[28] ao adorador.
18. Citra é Rei,[29] e apenas reis inferiores[30] são os outros que moram ao lado [do rio] Sarasvatī. Ele, como Parjanya[31] com sua chuva, tem se espalhado com milhares, de fato, com uma miríade de presentes.

Índice◄►Hino 22 (Griffith)

---

[21] [Ou 'resfolega'].
[22] ["O hemistíquio pode significar tanto 'você não tem sobrinhos *e* nem amigos' quanto 'você não tem rivais, *mas* nenhum amigo'. – Jamison].
[23] [*Aliança*. – Muir].
[24] Favoreces os teus adoradores quando eles precisam da tua ajuda em batalha.
[25] ["A motivação para algumas dessas declarações precisa de uma explicação. O primeiro hemistíquio diz respeito a duas figuras negativas; o segundo, no *pāda* b, ao homem que se enche de *surā*, a bebida mundana e desonrosa – em outras palavras, um bêbado, um beberrão - é implicitamente contrastado com um homem que lida com a muito honrada bebida soma em um contexto ritual. Mas por que um homem rico (*pāda* a) seria desfavorecido? Talvez porque ele tem o que necessita e não precisa entrar em parceria com a Indra, ao passo que nós, mais necessitados, estamos dispostos a nos empenhar nas atividades recíprocas envolvidas em honrar Indra". – Jamison].
[26] *As nuvens*. – M. Müller.
[27] ["Benfey traduz o verso de maneira um pouco diferente, assim: 'Tu não tomas como um amigo homem que é apenas rico; aquele que é inflado com vinho é um fardo para ti: com um mero som tu o derrotas, e então tu és suplicado como um pai'". – Muir, *O. S. Texts,* V. 112, nota].
[28] O nome desse rei não ocorre em outro lugar no *Ṛgveda*. [Veja a nota 2].
[29] *Rājā*.
[30] *Rājakāḥ*.
[31] O deus das nuvens de chuva, considerado como o símbolo da beneficência generosa.

642 - Hino 22. Aśvins (Wilson)

(Sūkta II)

Os deuses são os Aśvins; o Ṛṣi é Sobhari Kāṇva como antes; a métrica do primeiro, terceiro, quinto e sétimo versos é Bṛhatī; do segundo, quarto e sexto, Satobṛhatī [isto é, são três Bārhata Pragāthas]; do oitavo, Anuṣṭubh; do nono e décimo, Jyotis; em seguida, vêm quatro Kākubha Pragāthas.[1]

Varga 5. **1**. Eu invoco hoje para nos proteger aquela carruagem esplêndida, na qual, adoráveis Aśvins, avançando no caminho para a batalha,[2] vocês subiram (para irem ao casamento) de Sūryā.
2. Celebra, Sobhari, com louvores (aquela carruagem), a benfeitora dos antigos (encomiastas), a dignamente invocada, a desejada por muitos, a preservadora, a principal em batalhas, na qual todos confiam, a dispersadora de inimigos, a livre de males.

3. Nós incitamos pelas nossas adorações nesta ocasião os dois divinos Aśvins, os vencedores de inimigos, para que eles possam descer para nos proteger e ir para a residência do doador (da oferenda).
4. Uma das rodas do seu carro se move em todas as direções; a outra, impulsores de ações,[3] permanece com vocês; que a sua graça, senhores da chuva, corra em direção a nós como uma vaca (para seu bezerro)!

5. A sua carruagem célebre, Aśvins, que tem três bancos,[4] e com rédeas de ouro, enfeita o céu e a terra; venham com ela, Nāsatyas.
Varga 6. **6**. Concedendo a Manu a antiga (chuva) do firmamento, vocês lhe permitiram cultivar (o solo) com o arado (e colher) a cevada;[5] agora, portanto, Aśvins, senhores da chuva, nós glorificamos vocês dois com louvores.

7. Ricos em alimentos, Aśvins, venham a nós pelos caminhos do sacrifício, aqueles pelos quais, derramadores (de benefícios), vocês foram gratificar Tṛkṣi, o filho de Trasadasyu, com vasta riqueza.
8. Líderes (de ritos), afluentes em chuva, este Soma foi espremido pelas pedras de espremer para vocês; venham beber o Soma, bebê-lo na casa do doador.

9. Aśvins, que são ricos em chuva, subam em sua carruagem dourada, um depósito (de armas); tragam-nos alimento engordativo.[6]
10. Com aquelas proteções com as quais vocês defendiam Paktha, Adhrigu e Babhru quando os propiciavam, venham a nós, Aśvins, rapidamente; administrem medicamentos para os doentes.

Varga 7. **11**. No momento em que, nos apressando, devotados, nós invocamos vocês dois indo rapidamente para a batalha, no início do dia, com nossos hinos,[7]
12. Então, derramadores, venham à minha múltipla invocação todo-propiciadora com aquelas (proteções) com as quais, líderes (de ritos), vocês, que são satisfeitos (por

---

[1] [Ou: 9-10,13-18: Kakubh alternando com Satobṛhatī; 11: Kakubh; 12: Madhyejyotis].

[2] *Rudravartanī*, explicado como 'que têm um caminho que causa lamento em batalha', ou 'cujos caminhos são louvados'. [Veja outros sentidos na nota 11. A palavra também aparece em 10.39.11].

[3] *Īrmā* é explicada como 'incitadores, ou impulsores, pela propriedade de influência interna ou consciência', ou pode significar 'os que enviam água ou chuva'. (Para as duas rodas, veja 1.30.19).

[4] Sāyaṇa explica *trivandhura* como 'que têm três assentos', ou 'que tem duas lanças, e uma barra entre as mesmas para a fixação do arnês'.

[5] O texto tem *yavam vṛkeṇa karṣathaḥ*, 'vocês aram com o arado de cevada'. [Porém, veja a nota 16, especialmente o segundo e o terceiro parágrafo].

[6] *Pīvarīḥ*, de acordo com Sāyaṇa, 'purificador' ou 'robusto'.

[7] Os termos são incomuns: *yad adhrigāvo adhrigū havāmahe.* O primeiro é explicado: 'se apressando para atos de culto'; o segundo, *adhrigu* sendo explicado etimologicamente como *adhṛtagamana*, 'cuja continuidade não é impedida'.

oblações), generosos (em presentes), e vencedores de numerosos (inimigos), deram aumento ao poço;[8] com tais (proteções) venham aqui.

13. Eu me dirijo aos Aśvins, glorificando-os ao romper do dia; nós os solicitamos com oferendas.
14. Nós adoramos aqueles senhores da água, líderes na estrada da batalha,[9] ao anoitecer, ao amanhecer, e ao meio-dia; portanto, Rudras que são ricos em alimentos, não nos entreguem futuramente a um adversário mortal.

15. Adoráveis Aśvins, tragam em sua carruagem de manhã cedo felicidade para mim, que peço felicidade; eu, Sobhari, os invoco como (o meu) pai (fazia).
Varga 8. **16**. (Aśvins), que são rápidos como o pensamento, os derramadores (de benefícios), que prostram os arrogantes, que dão diversão para muitos, estejam sempre perto de nós, para a nossa segurança, com proteções numerosas e prontas.

17. Aśvins, de aspecto agradável, líderes (de ritos), intensos bebedores de suco Soma, venham à nossa residência cheia de cavalos,[10] de gado, de ouro.
18. Que nós obtenhamos de vocês (riqueza) dada espontaneamente, abrangendo força excelente, como a que é desejada por todos, e inatacável por um (inimigo) poderoso; que obtenhamos de vocês, que são ricos em alimentos, após a sua chegada aqui, todas as coisas boas.

Índice◄►Hino 23 (Wilson)

---

642 - Hino 22. Aśvins (Griffith)

1. Para cá eu chamei hoje, por auxílio, aquele carro extraordinário no qual vocês subiram, Aśvins, vocês cujos caminhos são vermelhos,[11] rápidos em dar atenção,[12] por causa de Sūryā.[13]
2. O carro sempre jovem, muito almejado, facilmente invocado, guiado rapidamente, o primeiro em atos de força; que aguarda e serve, ó Sobhari, com benevolência, sem um rival ou um inimigo.

3. Esses Aśvins com nossa homenagem, esses Dois Deuses Onipresentes, para cá nós traremos em busca de ajuda bondosa, esses que procuram a residência do adorador.
4. Uma das rodas da sua carruagem está se movendo rapidamente em volta, uma percorre para vocês o seu curso para frente.[14] Como uma vaca leiteira,[15] ó Senhores do Esplendor, e com pressa que a sua benevolência venha até nós.

5. Aquela sua carruagem que tem um assento triplo e rédeas de ouro, o carro famoso que percorre o céu e a terra, nele, Nāsatyas, Aśvins, venham.

---

[8] Veja 1.112.5, nota. (Os Aśvins milagrosamente encheram o poço com água, e assim salvaram Vandana).
[9] *Rudravartanī;* veja acima [a nota 2].
[10] [Veja a nota 21].
[11] *Rudravartanī;* este epíteto dos Aśvins é explicado de várias maneiras: 'que têm um caminho que causa lamento em batalha', ou 'cujos caminhos são louvados'. – Sāyaṇa. 'Que avançam no caminho para a batalha'. – Wilson. 'Que percorrem estradas terríveis'. – Muir. 'Que seguem no caminho de Rudra'. – Ludwig. 'Em seu caminho de luz'. – Grassmann. ['Que seguem a rota dos Rudras (Maruts)'. – Jamison]. 'Que seguem em um caminho avermelhado'. – Pischel. Veja *Vedische Studien*, I. p. 15 e p. 55-60.
[12] [Ou 'fáceis de chamar'].
[13] Que escolheu os Aśvins como seus maridos. Veja 1.116.17.
[14] Os movimentos das duas rodas não são descritos muito inteligentemente. Veja 1.30.19 e 5.73.3.
[15] Um símbolo comum de generosidade.

6. Vocês com seu arado, quando favorecendo Manu com sua ajuda, lavraram a primeira colheita[16] no céu. Assim nós os exaltaremos, Senhores do Esplendor, agora, ó Aśvins, com nossa prece e louvor.

7. Venham a nós, Senhores de vasta riqueza, pelos caminhos da Lei Eterna, pelos quais ao grande domínio com força poderosa vocês elevaram Tṛkṣi,[17] o filho de Trasadasyu.
8. Este Soma espremido com pedras é seu, ó Heróis, Senhores de riqueza abundante. Aproximem-se para beber o Soma, venham, bebam na casa do adorador.

9. Ó Aśvins, subam no carro, subam no assento dourado, vocês que são Senhores de riqueza abundante, e tragam para nós alimento farto.
10. Os auxílios com os quais vocês ajudaram Paktha e Adhrigu, e Babhru[18] separado de seus amigos, com aqueles, ó Aśvins, venham aqui com velocidade e logo, e curem o que quer que esteja doente.

11. Quando nós continuamente invocamos os Aśvins, os irresistíveis, nessa hora do dia, Nós amantes de música, com canções,
12. Através dessas, ó Poderosos, venham aqui ao meu chamado que traz todas as bênçãos, usa todas as formas – através das quais, Heróis presentes de tudo, generosos em alimentos vocês fortaleceram Krivi,[19] venham através dessas.

13. Eu falo a ambos como tais, esses Aśvins a quem eu reverencio nessa hora do dia; Com homenagem nós rogamos a ambos.
14. Vocês que são Senhores do Esplendor, vocês cujos caminhos são vermelhos, à noite, de manhã, no sacrifício, não nos abandonem totalmente como vítimas ao inimigo mortal, ó Rudras,[20] Senhores de ampla riqueza.

15. Em busca de bem-aventurança eu chamo o carro bem-aventurado, de manhã os Aśvins inseparáveis com seu carro eu chamo, como Sobhari nosso pai.
16. Rápidos como o pensamento, e fortes, e correndo para a alegria, trazendo o seu auxílio que vem rapidamente, sejam para nós uma proteção mesmo de longe, Senhores de grande riqueza, com muitas ajudas.

17. Venham, Milagreiros, para a nossa casa, a nossa casa, ó Aśvins, rica em gado,[21] cavalos, e ouro, principais bebedores de suco Soma!
18. Força digna de escolha, heroica, firme e excelente, imprejudicável pelo inimigo Rakṣas, nessa sua vinda, ó Senhores de riqueza ampla e todas as coisas boas, que nós obtenhamos.

Índice◄►Hino 23 (Griffith)

---

[16] Araram o solo pela primeira vez e semearam e colheram, isto é, ensinaram, pelo exemplo, os homens a fazer isso. Compare com 1.117.21: "Arando e semeando cevada, ó Aśvins, ordenhando alimento para os homens, ó Fazedores de Milagres, destruindo o Dasyu com sua trombeta, vocês deram ampla luz para o Ārya".
[Muir lê: "Desejando ser generosos com o homem, vocês antigamente no céu araram cevada com o lobo". – *O. S. Texts,* II, 360, nota].
["Os Aśvins 'aram cevada com um lobo', uma expressão que não pode ser separada da similar em 1.117.21, igualmente um hino Aśvin, onde eles 'espalham cevada com um lobo'. A partir de Yāska (6.26), o 'lobo' tem sido regularmente identificado como um tipo de arado, embora esse recurso à tecnologia agrícola possa ser considerado como uma tentativa redutiva de explicar a natureza extraordinária das façanhas dos Aśvins – aqui talvez a sua capacidade de controlar o poder de um animal perigoso e semisselvagem para uma tarefa civilizadora". – Jamison-Brereton].
[17] Veja 6.46.8.
[18] É dito que Paktha, Adhrigu e Babhru eram reis.
[19] Veja 8.20.24.
[20] Vocês de cor vermelha ou Deuses brilhantes [ou terríveis].
[21] Proléptico; que a sua chegada tornará rica.

643 - Hino 23. Agni (Wilson)[1]

(Sūkta III)

O deus é Agni; o Ṛṣi é Viśvamanas, o filho de Vyaśva; a métrica é Uṣṇih [em tṛcas].

Varga 9. **1**. Adora aquele que resiste[2] (aos nossos inimigos), adora Jātavedas o difusor de fumaça, de brilho desobstruído.
2. Elogia[3] com louvor, onividente[4] Viśvamanas, aquele Agni, que é o que dá carruagens ao (adorador) não invejoso.
3. O rechaçador (de inimigos), o glorificado por hinos, detém alimento e bebida, e portador de oblações tira a riqueza (daqueles) de quem ele conhece de antemão[5] (a negligência aos sacrifícios).

4. O brilho imperecível se ergue daquele Agni, que é radiante, brilhante com dentes ardentes, resplandecente, e glorioso em meio às tropas (de adoradores).[6]
5. Ergue-te com esplendor celeste, tu que és radiante com esplendor grandioso e presente, que és dignamente adorado e glorificado.
Varga 10. **6**. Prossegue, Agni, com louvores piedosos, oferecendo na devida ordem as oblações (aos deuses), pois tu és seu mensageiro, o portador de oferendas.

7. Eu invoco para vocês, (adoradores), Agni, o antigo sacerdote ministrante dos homens; eu o louvo com este hino, eu o glorifico para vocês.
8. (Adorem a ele que é) de obras maravilhosas, que, alegrado (por oferendas), está presente como um amigo, a quem (os sacerdotes) por seus sacrifícios, conforme o que podem, tornam propício ao adorador.
9. Adoradores piedosos, no lugar de oferendas adoram[7] com louvores a ele que é satisfeito por adoração, o aperfeiçoador de sacrifícios.

10. Que os nossos sacrificadores,[8] preparados (com seus instrumentos), se apresentem perante o chefe dos Aṅgirasas, que é o mais renomado oferecedor de oblações entre os homens.
Varga 11. **11**. Estas tuas vastas chamas ardentes, imperecível Agni, são poderosíssimas, vigorosas como cavalos.
12. Que tu, que és o senhor do alimento, nos dês riquezas, com prole masculina; defende-nos, com nossos filhos e netos, em batalhas.[9]

---

[1] ["A próxima pequena coleção de hinos (8.23-26) é atribuída a Viśvamanas Vaiyaśva. Os nomes Vyaśva e seu patronímico Vaiyaśva ocorrem várias vezes nesses hinos, tal como o nome do patrono (Varo) Suṣāman, e os hinos são também caracterizados pelo uso quase exclusivo da métrica Uṣṇih". – Jamison-Brereton].
[2] Agni, que tem a propriedade de ir contra os inimigos. *Sāma-Veda,* I.102 (1.2.1.1.7).
[3] [Aqui, como em 22.2, o poeta se dirige a si próprio].
[4] ['O primeiro voc. *viśvacarṣaṇe* (2a) é um pouco de falácia, uma vez que esta raiz é de outra forma usada a respeito dos deuses. Mas ele se dirige e, assim, se identifica ao falar o nome Viśvamanas em b, deixando claro que ele estava simplesmente se apropriando do epíteto divino para si mesmo'. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[5] *Upavidā vindate vasu* é tudo o que o texto tem. O escoliasta explica o primeiro como *upavedanena*, por conhecimento próximo, isto é, 'Estes não dão oferendas aos deuses', por esse conhecimento ele tira a sua riqueza. (Sāyaṇa parece entender a última parte, 'os não sacrificadores, cujo alimento e seus sucos ele prende (isto é, como não os digerindo?), sua riqueza, também, ele tira por seu conhecimento divino (da culpa deles').
[6] *Gaṇaśriyaḥ* é explicado por Sāyaṇa: 'que visita as tropas de adoradores para pegar as oblações deles'.
[7] O texto tem *jujuṣuḥ*, 'eles têm adorado', mas o comentador o toma por *upāsevadhvan*, afirmando expressamente que a primeira (a terceira) pessoa está aqui colocada em lugar da segunda.
[8] Ou 'sacrifícios', *yajñāḥ*.
[9] Ou, como Sāyaṇa parece dizer, 'defende a nossa riqueza, consistindo em filhos e netos, e que tem de ser protegida nas batalhas'.

13. Quando Agni, o senhor dos homens, é avivado (pelo sacrifício), e, bem satisfeito, está presente na residência de um homem, ele realmente a defende contra todos os maus espíritos.[10]
14. Herói, Agni, senhor dos homens, ao ouvir este meu louvor atual, consome os Rākṣasas traiçoeiros com tuas chamas.[11]
15. Nenhum mortal hostil terá poder por meio de fraude sobre aquele que pelos ofertantes (sagrados) de oblação faz (oferendas) para Agni.[12]

Varga 12. **16**. O Ṛṣi Vyaśva, desejoso (de propiciar) o derramador (de chuva), tem gratificado a ti, o concessor de riqueza; assim nós também te acendemos para (a aquisição de) grandes riquezas.
17. Uśanas, o filho de Kavi, te estabeleceu, Jātavedas, como o sacerdote ministrante, a ti como o ofertante de sacrifício, por Manu.
18. Todos os deuses consencientes fizeram de ti seu mensageiro; que tu, divino Agni, que és o primeiro (dos deuses), rapidamente te tornes o objeto de sua adoração.[13]

19. O mortal piedoso nomeou este imortal, purificador, de movimento escuro,[14] poderoso (Agni), seu mensageiro.
20. Vamos com conchas erguidas invocá-lo, o brilhante, resplandecente, imperecível, antigo Agni, que deve ser adorado pelos homens.
Varga 13. **21**. O homem que, pelos (santos) oferecedores de oblações, faz oferendas a ele, recebe (de Agni) ampla nutrição, com progênie masculina e fama.

22. A concha carregada com a oblação vai com reverência[15] em sacrifícios ao antigo Agni, o primeiro (dos deuses), o conhecedor de tudo o que existe.
23. Vamos, como Vyaśva, glorificar o brilhante Agni com esses louvores excelentes e pientíssimos.
24. Ṛṣi, filho de Vyaśva, adora o extenso Agni doméstico, com louvores, como Sthūrayūpa.[16]

25. Homens piedosos glorificam o antigo Agni, o hóspede dos homens, o filho das árvores, em busca de proteção.
Varga 14. **26**. Senta-te, Agni, na grama sagrada, na presença de todos os fiéis diligentes (em obras piedosas, induzido) por sua veneração (a aceitar) as oblações dos homens.
27. Dá-nos (Agni) muitas (coisas) desejáveis, dá-nos riquezas invejadas por muitos, (abrangendo) vigor, prole, fama.

28. Agni, (que és) o desejado por todos, o que humilha (os inimigos), o mais jovem (dos deuses), sempre concede riquezas ao homem tranquilo e constante.[17]
29. Tu realmente és um benfeitor generoso; dá-nos, Agni, alimento, com gado, e a dádiva de riquezas abundantes.
30. Tu, Agni, és renomado; traze aqui os deuses resplandecentes Mitra e Varuṇa, os puramente vigorosos.[18]

---

[10] *Sāma-Veda,* I.114 (1.2.1.2.8).
[11] *Ibid.* I.106 (1.2.1.1.10).
[12] *Ibid.* I. 104 (1.2.1.1.8).
[13] Sāyaṇa parece considerá-lo: 'que tu rapidamente te tornes digno do sacrifício, (por levar as nossas oblações para eles)'.
[14] ['Cujo caminho é preto'. – Griffith].
[15] Ou, 'com o hino'.
[16] Dito ser o nome de um Ṛṣi.
[17] 'Que desfruta de tranquilidade pela tua (de Agni) graça'. (Sāyaṇa pode pretender explicar as palavras como significando 'aos vários recitadores de hinos excelentes'. No v. 28 do próximo hino *suṣāman* é o nome de um rei).
[18] Isso, de acordo com Sāyaṇa, sugere a associação comum desses dois deuses com Agni em sacrifícios. [Veja a nota 33].

643 - Hino 23. Agni (Griffith)

1. Adora Jātavedas, ora àquele que aceita de bom grado,[19]
Cuja fumaça vagueia à vontade, e cuja chama ninguém pode agarrar.
2. Tu, amigo de todos os homens, Viśvamanas, exaltas Agni com a tua canção,
O Doador, e suas chamas com as quais nenhum carro disputa.[20]
3. Cujo assalto resoluto,[21] para ganhar vigor e alimento, merece o nosso louvor –
Através de cujo poder descobridor o sacerdote obtém riqueza.

4. Para cima brota a chama imperecível, a chama do Refulgente
Muitíssimo brilhante, com mandíbulas ardentes e glória em sua esteira.
5. Hábil em bom sacrifício, exaltado, ergue-te em beleza Divina,
Brilhando com esplendor majestoso, com luz refulgente.
6. Chamado diretamente para as nossas oblações, vem, ó Agni, através dos nossos louvores, porque tu tens sido o nosso enviado, transportando os nossos presentes.

7. Eu chamo o seu Agni, desde os tempos antigos o Sacerdote Invocador dos homens viventes; a ele com esta canção eu louvo e magnifico por vocês.
8. A quem, extraordinariamente sábio, eles animam com ritos solenes e sua bela forma,
Bondoso como um amigo para os homens que guardam a Lei Sagrada.
9. A ele, fiel à Lei, que aperfeiçoa o sacrifício, amantes da Lei![22]
Vocês com sua música têm gratificado[23] no lugar de oração.

10. Que todos os nossos sacrifícios vão até ele o mais verdadeiro Aṅgiras,
Quem é entre a humanidade o Sacerdote mais ilustre.
11. Imperecível Agni, tuas são todas essas grandes luzes acesas,
Como cavalos e como garanhões manifestando a sua força.
12. Então dá-nos, Senhor da Força e Poder, riquezas combinadas com força heroica,
E guarda-nos com nossos filhos e netos em nossas lutas.

13. Logo que o ardente Senhor dos homens é amigável para com a raça de Manu,
Agni afasta de nós todo o exército de demônios.[24]
14. Ó Herói Agni, Senhor dos homens, ao ouvir este meu novo louvor,
Queima os Rākṣasas, feiticeiros, com a tua chama.
15. Nenhum inimigo mortal jamais pode prevalecer por artes mágicas sobre aquele
Que serve bem a Agni com presentes sacrificais.

16. Vyaśva o sábio, que procurou o Touro,[25] te ganhou, descobridor de coisas boas;

[19] *Pratīvyaṃ*, segundo Sāyaṇa 'disposto a enfrentar inimigos'.
[20] A segunda linha é difícil, e o adjetivo *viṣpardhasaḥ* está sem substantivo e pode ser ou o acusativo plural ou o genitivo singular; 'que é o que dá carruagens ao (adorador) não invejoso'. – Wilson.
[21] Sobre as oblações que o fogo consome.
[22] 'Adoradores piedosos'. – Wilson.
[23] Ou devem gratificar.
[24] ["'Sempre que Agni, o senhor do povo,* aceso, permanece satisfeito entre o povo de Manush, ele repele todos os Rākṣasas'. **Viśpati*. Compare com 6.48.8, onde é dito: 'Agni, tu és o dono da casa de todas as pessoas humanas (ou das pessoas surgidas de Manush". – Muir, *O. S. Texts,* I. 165].
[25] O forte Agni. De acordo com Sāyaṇa, 'o derramador (de chuva)'.

Como tal que possamos te acender por ampla riqueza.[26]
17. Uśanā Kāvya te estabeleceu, ó Agni, como Sacerdote Invocador;
A ti, Jātavedas, Sacerdote Sacrificante para o homem.
18. Todos os Deuses de comum acordo te nomearam seu mensageiro;
Tu, Deus, através da audição,[27] tens direito primeiro ao sacrifício.

19. A ele que o herói mortal torne o seu próprio mensageiro imortal.[28]
Vasto, Purificador, aquele cujo caminho é preto.
20. Com conchas erguidas vamos chamar a ele esplêndido com sua chama brilhante,
O antigo Agni dos homens, imperecível, adorável.
21. O homem que presta o devido culto a ele com presentes sacrificais
Obtém nutrição abundante e fama de herói.

22. Para Agni Jātavedas, o principal em sacrifícios, o primeiro de todos
Com homenagem vai a concha rica com presentes sagrados.
23. Assim como Vyaśva fez, que nós com esses hinos muito elevados e generosos
Prestemos culto a Agni de chama esplêndida.
24. Agora canta, como Sthūrayūpa[29] cantou, com louvores para ele que se expande amplamente, para Agni da casa, ó Ṛṣi, filho de Vyaśva.

25. Como hóspede bem-vindo da espécie humana, como a prole dos reis da floresta,[30]
Os sábios adoram o antigo Agni por seu auxílio.
26. Pois as oblações dos homens trouxeram a ele que é o poderoso Senhor de todos,[31]
Senta-te, Agni, em meio à nossa homenagem, na grama sagrada.
27. Dá-nos tesouros abundantes, concede a opulência que muitos almejam,
Com fartura de heróis, progênie, e grande renome.

28. Agni, O Mais Jovem dos Deuses, envia sempre o dom da riqueza
Para Varosuṣāman[32] e todo o seu povo.
29. Um poderoso Conquistador és tu, ó Agni, então revela para nós
Alimento em nossos rebanhos de vacas e ganho de grandes riquezas.

---

[26] ['O ponto desse verso parece ser que Vyaśva (o pai do poeta) obteve os bens diretamente de Agni ou através do patrono Ukṣan, e esperamos que isso forneça um padrão para nós'. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[27] E, por fazer os Deuses ouvirem as preces dos homens.
[28] ['Assim como verso 16 fornece um padrão ancestral para o poeta ganhar bens de Agni e / ou seu patrono, esses versos (18-19) tomam o estabelecimento de Agni como seu mensageiro pelos deuses como o protótipo para os mortais fazerem o mesmo'. – Jamison].
[29] Dito por Sāyaṇa ser o nome de um Ṛṣi.
["*Sthūrayūpa* também tem significado lexical, '(que tem?) estacas robustas'. O *yūpa* é tanto o poste em que o animal a ser sacrificado é amarrado quanto um pilar ou viga fundamental na construção de casas. Nesse sentido lexical a comparação poderia ser entre canções de louvor e postes resistentes ou alguém que os possui, ou entre Agni e o poste ou o possuidor do poste. Note que é Agni *dámya* ('da casa') que recebe o canto. Se a comparação for com as canções de louvor, elas seriam conceitualizadas como os pilares que ajudam a tornar a casa sólida. O paralelo apresentado por Geldner, 1.51.14 ... *stómo dúryo ná yūpaḥ* 'uma canção de louvor como um batente', é particularmente oportuno. O parentesco afirmado entre Agni e as árvores no verso seguinte pode dar algum apoio a essa última interpretação". – Jamison].
[30] Árvores altas, ou árvores em geral.
[31] [Jamison traduz: 'Porque ele, o grandioso, é superior a todos, (que) as oblações dos descendentes de Manu (também sejam) superiores', e comenta: 'A sintaxe desse verso é muito difícil. O ponto da frase é que já que Agni, que é superior a todos, é nosso Hotar e o conduto das nossas oferendas aos deuses, as nossas oblações não podem deixar de ser superiores também'].
[32] Eu sigo o *Léxico de São Petersburgo* em unir *varo* a *suṣāmṇe* e considerar o todo como uma palavra e o nome de um comandante. Ludwig traduz algo como o seguinte: 'Agni, envia rapidamente para o povo que conhece bem o *Sāman* agradável o dom da riqueza, para sempre, Deus Mais Jovem! para todos'. Mas em um volume posterior de sua obra (III. p. 162) ele chega à conclusão de que *Suṣāman* é um nome próprio, e que *varo* (que pode, ele pensa, ser uma interjeição) não deve ser unido a ele.

30. Tu, Agni, és um Deus glorioso; traze aqui Mitra, Varuṇa,[33]
Soberanos imperiais, de mente santa, fiéis à Lei.

Índice◄►Hino 24 (Griffith)

---

644 - Hino 24. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus é Indra, exceto no último terceto, que celebra a munificência do Rājā Varu, filho de Suṣāman[1]; o Ṛṣi é Vaiyaśva, ou o filho de Vyaśva;[2] a métrica é Uṣṇih, exceto no último verso, que é Anuṣṭubh.

Varga 15. **1**. Vamos sinceramente, amigos, dirigir a nossa prece para Indra, o manejador do raio; por vocês eu louvo o principal líder (em batalhas), o resoluto (opositor de inimigos).[3]
2. Tu és renomado pela força; por teres matado Vṛtra tu és (famoso como) Vṛtrahan;[4] tu superas, herói, os opulentos na doação de tuas riquezas.
3. Louvado por nós, dá-nos riquezas de variedade extraordinária; tu, o senhor dos cavalos, que, no disparo (das tuas armas) pões teus inimigos em fuga, és o doador (de tesouros).

4. Escancara para os teus adoradores, Indra, a riqueza altamente valorizada; glorificado por nós, que tu, que és dotado de resolução, tragas (para nós riqueza) com uma (mente) resoluta.
5. Senhor dos corcéis, na recuperação do gado os oponentes não resistem à tua esquerda nem à direita, os teus inimigos não (resistem a ti).
Varga 16. **6**. Eu me aproximo de ti, trovejante, com louvores, como (um vaqueiro vai) com o gado para o pasto; realiza o desejo, satisfaze a mente do teu adorador.

7. Feroz destruidor de Vṛtra, portador (de riquezas para os teus adoradores), subjugador de inimigos, preside sobre todas (as oferendas) de nós, Viśvamanas, com uma mente (favorável).
8. Que nós, herói, matador de Vṛtra, invocado por muitos, nos tornemos possuidores dessa tua nova riqueza desejável e que causa felicidade.
9. Como, Indra, inspirador[5] (de homens), a tua força é irresistível, (então,) invocado por muitos, a tua generosidade para com o doador (de oblações) não pode ser impedida.

10. O mais adorável, principal líder (de homens), revigora (-te com o Soma) para (a conquista de) grande riqueza; consome, Maghavan, as fortes (cidades dos Asuras) pelos ricos despojos.
Varga 17. **11**. Manejador do raio, as nossas solicitações eram antigamente dirigidas a outros deuses além de ti; dá-nos, Maghavan, do teu (espólio, e o guarda) para nós com (tuas) proteções.

---

[33] ['A introdução abrupta de Mitra e Varuṇa pode antecipar o próximo hino menos um, 8.25, devotado, pelo menos em sua primeira parte, a esses dois deuses. O último *pāda* do primeiro verso de 8.25 *(ṛtāvānā yajase putádakṣasā)* é quase idêntico ao último *pāda* aqui *(ṛtāvānā samrājā putádakṣasā)'*. – Jamison].

---

[1] [Uṣas é a divindade desse *tṛca*, segundo a *Bṛhaddevatā.* Para outros 'louvores à generosidade' veja a Lista das Dānastutis no Ṛgveda no Apêndice 1].
[2] Isto é, Viśvamanas, como no hino anterior.
[3] *Sāma-Veda,* I.390 (1.4.2.5.10).
[4] [Matador de inimigos ou matador de Vṛtra].
[5] O atributivo é *nṛto*, vocativo de *nṛtu*, dançarino, ou que faz dançar, ou seja, agitador, excitador, pela faculdade de Indra de impulso interno em todos os seres; veja acima, 8.22.4, nota 3.

12. Realmente, impulsor (de homens), que deves ser adorado por louvor, eu não recorro a nenhum outro além de ti em busca de sustento, riquezas, reputação e força.

13. Vertam[6] o suco Soma para Indra, que ele beba a bebida Soma; ele por seu poder recompensa (o doador) com riqueza.[7]
14. Deixem-me abordar o senhor dos cavalos, que associa sua força (com os Maruts); agora ouve as palavras do filho de Vyaśva louvando-te.[8]
15. Nunca nasceu ninguém mais poderoso do que tu, Indra; ninguém (que te supere) em riquezas; ninguém (mais potente) em proteção; ninguém (que tenha mais direito) a louvor.[9]

Varga 18. **16**. Derrama,[10] sacerdote, a (dose) mais estimulante da doce bebida (sacrifical), pois só ele, o herói sempre poderoso, é louvado.[11]
17. Indra, soberano dos cavalos, ninguém supera o teu antigo louvor, seja por força ou por fama.[12]
18. Desejosos de alimentos, nós invocamos o seu senhor das provisões, que deve ser magnificado por sacrifícios (oferecidos) por (adoradores) atentos.[13]

19. Venham, amigos, vamos glorificar Indra, o líder, que tem o direito a louvor, que, sozinho, derrota todos os exércitos hostis.[14]
20. Recitem palavras agradáveis, mais doces do que manteiga clarificada, ou do que Soma, para o ilustre (Indra), que é satisfeito por louvor, que não rejeita glorificação;
Varga 19. **21**. Cujas energias são ilimitadas; cuja riqueza não pode ser tirada; cuja generosidade se estende como o firmamento sobre todos.

22. Glorifica Indra, o inatacável, o poderoso, o regulador (dos homens), como foi feito por Vyaśva; ele, o Senhor, dá uma habitação espaçosa para o doador (da oblação).[15]
23. Louva realmente agora, filho de Vyaśva, louva (Indra), que é o décimo dos (princípios vitais) permeantes,[16] o adorável, o todo-sábio, para ser honrado repetidamente (por ritos sagrados).
24. Tu és conhecedor, manejador do raio, da partida dos seres malignos, como o sol purificador dia a dia (é daquela) das (aves) que voam em todas as direções (do seu abrigo).[17]

25. Indra, de aspecto agradável, traze para o ofertante (da oblação) aquela (proteção) com a qual, para defendê-lo, tu mataste duas vezes (o inimigo) para Kutsa; mostra o mesmo (cuidado conosco).[18]
Varga 20. **26**. (Indra) de aspecto agradável, nós imploramos a ti, que és digno de louvor, pela (nossa) preservação; pois tu és o vencedor de todos os nossos adversários.

---

[6] *Sāma-Veda,* I.386 (1.4.2.5.6; 2.7.1.8.1).
[7] Sāyaṇa explica a construção: 'ele por seu poder envia abundantemente para seus adoradores riqueza com alimento'.
[8] *Sāma-Veda,* II.860 (2.7.1.8.2, lendo *rādhaḥ* em vez de *dakṣam).* Aśvya é explicado como o filho de Aśva, ou Vyaśva.
[9] *Ibid*. II.861 (2.7.1 8.3).
[10] *Ibid*., 1.4.2.5.5; 2.8.2.10.1.
[11] *Evā hi vīra stavate sadāvṛdhaḥ.* O comentador interpreta como na tradução, mas ele não nota *sadāvṛdha*.
[12] *Sāma-Veda,* 2.8.2.10.2. Isto é, 'Ninguém é mais poderoso ou mais louvável (ou mais rico) do que tu'.
[13] *Ibid*. 2.8.2.10.3.
[14] *Ibid*. 1.4.2.5.7.
[15] Sāyaṇa explica *yamam* como 'que é conciliado (?) por seus louvadores'; e *maṃhamānaṃ gayam*, como 'riqueza honrosa', ou 'uma casa para o culto dos deuses'. Ele dá um significado passivo para *yama*, mas compare com 8.103.10.
[16] O texto tem simplesmente *daśamaṃ*, o décimo, em cuja explicação o escoliasta cita um texto que afirma que há nove ares vitais no corpo humano, e que Indra é o décimo. (Compare com o *Taittirīya Brāhmaṇa,* 1.3.7.4 e com a *Taittirīya Saṃhitā [Yajur-Veda Preto],* 1.7.9).
[17] *Sāma-Veda,* I.396 (1.5.1.1.6), [que Stevenson traduz: 'Ó tu, em cuja mão está o raio, nos assegura da dispersão do bando de demônios que trazem a morte, do mesmo modo que o sol nascente nos garante que todas as tribos animadas se dispersarão amplamente'].
[18] Sāyaṇa o considera: 'Traze para nós aquela proteção com a qual (tu proteges o teu) ofertante; envia para nós (aquela proteção com a qual) tu mataste duas vezes (o inimigo) por Kutsa'.

27. (É ele) que resgata os homens da maldade dos seres do mal, que enriquece (os que residem) nos sete rios;[19] agora arremessa, tu que és rico em prosperidade, a tua arma no Dāsa.[20]

28. Como tu, Varu, distribuíste vasta fortuna para aqueles que solicitaram (riquezas) em nome de Suṣāman,[21] (assim que tu agora distribuas) para os descendentes de Vyaśva, (e assim também tu), auspiciosa (Uṣas) concessora de alimento.[22]
29. Que os presentes de um (príncipe) humano, ao oferecer a libação de Soma, se estendam aos Vyaśvas, sim, e riqueza substancial às centenas e aos milhares.
30. Se alguém te perguntar, (Uṣas), quando presente em qualquer lugar,[23] onde o sacrificador (Varu mora), (responde:) o (príncipe) poderoso, o amparo de todos, reside (nas margens do) rio Gomatī.

Índice◄►Hino 25 (Wilson)

644 - Hino 24. Indra (Griffith)

1. Companheiros, vamos aprender uma prece para Indra a quem o trovão protege,
Para glorificar o seu Amigo corajoso e muito heroico.
2. Pois tu por matares Vṛtra és o matador de Vṛtras, famoso por poder.
Tu, Herói, em ricos presentes superas chefes abastados.
3. Como tal, quando glorificado, nos traze riqueza de fama muito extraordinária,[24]
Situado no posto mais alto, Dador de Riqueza, Senhor dos Baios!

4. De fato, Indra, tu revelas aquela amada riqueza preeminente dos homens;
Ousadamente, ó Ousado, glorificado, trá-la para nós.
5. Os causadores de destruição não ficam nem à tua direita nem à esquerda;
Nem as hostes que pressionam à tua volta, Senhor dos Baios, em luta.
6. Ó armado de trovão, eu venho com canções para ti como para um estábulo com vacas;
Realiza o desejo e o intento de quem canta o teu louvor.

7. Principal matador de Vṛtra, através do hino de [ou dos] Viśvamanas pensa em tudo,
Tudo o que nos concerne, Guia Excelente, Poderoso.
8. Que nós, ó matador de Vṛtra, ó Herói, encontremos essa tua mais nova bênção,
Almejada e excelente, tu que és muito invocado!
9. Ó Indra, Dançarino,[25] muito invocado! como o teu grande poder é insuperável,
Assim seja a tua recompensa ao adorador, não contida.

10. O Mais Poderoso, O Mais Heroico, por poderosa doação te enche plenamente.

---

[19] *Sapta sindhuṣu,* isto é, os moradores das margens dos sete rios, Ganges, etc., ou das margens dos sete mares (Sāyaṇa).
[20] [Muir traduz: 'Que (nos) libertou do destruidor, da calamidade; que, ó (deus) poderoso, desviaste a seta do Dāsa do Ārya na (terra dos) sete rios'. – *O. S. Texts,* II, 362].
[21] É dito que Varu distribuiu essas esmolas para que seu pai, Suṣāman, pudesse ir para o céu.
[22] O texto tem só *subhage vājinīvati*. O comentário adiciona Uṣas, sob a autoridade de Śaunaka. (Sāyaṇa dá uma interpretação alternativa, que é comparada com o v. 2 do sexto *Sūkta* deste *Anuvāka* [8.26.2], fazendo o próprio Varu dirigir a estrofe a Uṣas e pedir-lhe para lhe dar riqueza para os filhos de Vyaśva, como ela tinha dado a seu pai para os suplicantes dele).
[23] Sāyaṇa explica *kuhayākṛte* como significando 'Oh tu que és honrada por aqueles que perguntam onde Varu reside'. *Valaḥ* ele toma como *varaḥ*, isto é, 'que subjuga inimigos'.
[24] ['Riqueza que oferece a fama mais brilhante'. – Jamison].
[25] Da dança da guerra. Segundo Sāyaṇa 'dançarino, ou que faz dançar, ou seja, agitador, excitador, pela faculdade de Indra de impulso interno em todos os seres'. – Wilson.

Embora forte, fortalece-te para ganhar riquezas, Maghavan!
11. Ó Trovejante, nunca as nossas preces foram para nenhum Deus além de ti;
Então nos ajuda, Maghavan, com teu auxílio agora.
12. Pois, Dançarino, realmente eu não encontro ninguém mais por generosidade além de ti, por riqueza esplêndida e poder, tu Amante de Música.

13. Para Indra derramem as gotas; hidromel misturado com Soma que ele beba;
Com generosidade e com majestade ele nos favorecerá.
14. Eu falei ao Senhor dos Corcéis Baios, a ele que dá habilidade;
Agora ouve o filho de Aśva[26] enquanto ele te louva.
15. Nunca houve nenhum herói nascido antes de ti mais poderoso do que tu;
Nenhum certamente como tu em bondade e em riqueza.

16. Ó sacerdote ministrante, despeja do suco doce que mais alegra;
Assim é louvado o Herói que sempre nos torna prósperos.
17. Indra, a quem Corcéis Fulvos transportam, louvor assim como o teu, preeminente,
Ninguém alcançou por seu poder ou por sua bondade.
18. Nós, buscando glória, invocamos esse Mestre de toda a força e poder,
Que deve ser glorificado por sacrifício constante.

19. Venham, cantemos louvores a Indra, amigos, ao Herói que merece o louvor,
A ele que sem ninguém para ajudar derrota todas as tribos de homens.
20. Para ele que ganha as vacas, que não mantém nenhum gado atrás,[27] Deus Celeste,
Falem palavras maravilhosas mais doces que a manteiga e o hidromel.
21. Cujos poderes de herói são imensuráveis, cuja generosidade nunca pode ser superada, cuja liberalidade, como a luz, está sobre todos.

22. Como Vyaśva fez, louva Indra, louva o Forte Guia firme,
Que dá as posses do inimigo para o adorador.
23. Agora, filho de Vyaśva, louva a ele que pela décima vez ainda é novo,[28]
O Sapientíssimo, a quem os homens vivos devem glorificar.
24. Tu sabes, Indra, Armado de Trovão, como evitar os poderes destrutivos,[29]
Como alguém seguro contra armadilhas a cada dia sucessivo.

25. Ó Indra, traze aquele auxílio com o qual antigamente, Muito Extraordinário! tu mataste Seus inimigos[30] para o ativo Kutsa; o envia para nós.
26. Então agora nós te procuramos, vigoroso em poder, o Muito Extraordinário em ato! em busca de prosperidade, pois tu és aquele que conquista todos os nossos inimigos para nós.
27. Quem livrará da aflição danosa ou do Ārya dos Sete Rios;[31]
Ó herói valente, dobra para baixo a arma do Dāsa.

28. Como para Varosuṣāman[32] tu trouxeste grandes riquezas para o ganho deles,
Para os filhos de Vyaśva, Dama Abençoada,[33] rica em vasta opulência!

---

[26] Isto é, de Vyaśva, o Ṛṣi Viśvamanas.
[27] ['Que não retém o gado'. – Jamison]. Ou literalmente que ajuda seus adoradores a ganhar gado em suas incursões e lhes dá todos os despojos; ou, que via todas as vacas ou raios de luz que ele recuperou dos poderes da escuridão. Segundo Sāyaṇa, 'que não rejeita louvor'.
[28] Renova continuamente a sua generosidade para conosco. Esse parece ser o significado do *daśamaṃ navam* (décimo-novo) do texto. Sāyaṇa explica de modo diferente: 'que é o décimo dos (princípios vitais permeantes), o adorável)'.
[29] O plural de Nirṛti, Morte ou Destruição. Eu adoto a interpretação de Ludwig da segunda linha. [Veja a nota 17].
[30] [Jamison aqui adiciona Śuṣṇa, 'já que ele é o demônio que Indra normalmente mata para Kutsa'].
[31] De qualquer inimigo ariano da terra dos Sete Rios, provavelmente o Indo, os cinco rios do Punjāb, e o Kubhā.
[32] Veja 8.23.28.
[33] Uṣas ou Aurora é abordada.

29. Que a recompensa sacrifical de Nārya[34] chegue aos filhos de Vyaśva portadores de Soma; em centenas e em milhares seja a grande recompensa.
30. Se alguém te perguntar: Onde está aquele que sacrificou? Para onde tu olhas? Como Vala ele faleceu e reside agora no Gomatī.[35]

Índice◄►Hino 25 (Griffith)

---

645 - Hino 25. Mitra e Varuṇa (Wilson)

(Sūkta V)

Os deuses são Mitra e Varuṇa, exceto na décima, décima primeira, e décima segunda estrofes, nas quais eles são os Viśvadevas;[1] o Ṛṣi é o filho de Vyaśva; a métrica é Uṣṇih, exceto na penúltima estrofe, onde é Uṣṇiggarbhā.

Varga 21. **1**. Vocês dois são os protetores do universo, divinos, e devem ser adorados entre os deuses; portanto, (Viśvamanas), tu sacrificas aos dois que são praticantes da verdade e dotados de poder real.
2. Mitra e Varuṇa, praticantes de boas ações, (difusores de) riquezas, que são os aurigas (dos homens),[2] bem-nascidos outrora, os filhos (de Aditi), cumpridores de votos, (vocês são adorados por mim).[3]
3. A grandiosa e veraz Aditi, a mãe (dos deuses), deu à luz os dois que possuem toda afluência e brilham com grande esplendor, para a (destruição dos) Asuras.

4. Os grandiosos Mitra e Varuṇa, os dois deuses soberanos[4] e poderosos,[5] os praticantes da verdade, iluminam o nosso rito solene.
5. Netos da grande força, filhos da energia, fazedores de boas ações, benfeitores generosos, eles presidem sobre a habitação do alimento.[6]
Varga 22. **6**. Concedam (a nós) boas dádivas, iguarias, do céu ou da terra; que as chuvas derramadoras de água os acompanhem.

7. (Estes são os) que olham para as grandes divindades como (um touro contempla) o rebanho, soberanos observadores da verdade e propícios à adoração.

---

[34] Nārya parece ser o nome do instituidor do sacrifício.
[35] Ludwig observa: 'Essa estrofe claramente se refere à grandeza da recompensa dada por Nārya, e seu significado é: aqui há tantas vacas (oferecidas por Nārya), que se pode pensar que, em consequência do sacrifício, Vala abandonou suas vacas (que ele tinha roubado dos Deuses e escondido em uma caverna) e partiu [morreu]'. Uṣas diz também: 'as minhas vacas são bastante supérfluas aqui, e eu as conduzirei para algum outro lugar'. A estrofe é dirigida a Uṣas, e a segunda linha é a resposta que ela deve dar à pergunta contida na primeira. Gomatī é algum afluente do Indo, que nos tempos modernos deu seu nome ao Gomatī ou Gumti, que flui através de Oudh e cai no Ganges.

---

[1] ["... nove (estrofes) dirigidas a Mitra-Varuṇa, mas as próximas doze são dirigidas aos Todo-Deuses*; e a riqueza que o rei Varu deu ao vidente é proclamada no terceto 'Um baio de Ukṣaṇyāyana' *(ṛjram ukṣaṇyāyane:* 8.25.22-24).**
* De acordo com a *Sarvānukramaṇī* apenas 10-12 (não 10-21) são dirigidas aos Todo-Deuses.
** A *Sarvānukramaṇī* não faz qualquer menção de uma *dānastuti* aqui". – *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, p. 226-227].
[2] Ou, talvez, os que trazem riquezas.
[3] O texto tem apenas os substantivos, sem nenhum verbo, que são supridos pelo comentador. (Ele adiciona 'tu sacrificas para eles', conforme o verso anterior).
[4] Sāyaṇa, como sempre, explica *samrājā* como 'perfeitamente resplandecentes', e assim, também, no verso 7.
[5] *Asurā* também é explicado como 'impulsor por ser o princípio interno'.
[6] [Veja a nota 18].

8. Observadores da verdade, fazedores de bons atos, eles se sentam para o ofício da soberania;[7] cumpridores de obrigações, dotados de força, eles adquirem vigor.
9. Profundos conhecedores do caminho, mesmo antes que o olho (possa ver), fazendo com que (todos os seres) abram as pálpebras, existentes desde outrora, e brilhantes com um esplendor suave, realmente eles têm sido adorados.[8]

10. Que a divina Aditi, que os Nāsatyas também nos protejam, que os velozes Maruts nos defendam.
Varga 23. **11**. Generosos e irresistíveis (Maruts), guardem o nosso vaso[9] dia e noite, para que possamos ficar seguros através da sua proteção.
12. Nós, incólumes (pela proteção dele, oferecemos louvor) ao generoso Viṣṇu, que não prejudica (seus adoradores); que tu, que vais por ti mesmo sozinho (para o combate), e fazes a riqueza fluir (para o adorador), ouças (a nossa prece), em nome daquele que iniciou o sacrifício.

13. Nós pedimos aquela vasta (prosperidade) desejada por todos, protetora de todos, que Mitra, Varuṇa e Aryaman mantêm sob a sua proteção.
14. De fato, que aquele que faz com que as águas fluam (Parjanya), os Maruts, os Aśvins, Indra, Viṣṇu, que todos (esses deuses) juntos, os derramadores (de benefícios, protejam) aquela riqueza para nós.
15. Esses desejáveis líderes (de homens), de movimento rápido, derrubam a arrogância de qualquer (inimigo) seja qual for, como uma correnteza impetuosa (varre todos os obstáculos).

Varga 24. **16**. Este, o senhor dos homens (Mitra), contempla muitas coisas vastas; nós seguimos os ritos dele por vocês.
17. Nós celebramos os ritos antigos do imperial Varuṇa e do renomado Mitra, (ritos) que são bons para a (nossa) residência.[10]
18. (Mitra é aquele) que mediu com seus raios os limites do céu e da terra, que encheu o céu e a terra com sua grandeza.

19. Ele, Sūrya,[11] ergueu seu esplendor na região do céu, aceso e invocado com oferendas queimadas, ele é brilhante, como Agni.
20. Ergam sua voz no espaçoso salão de sacrifício (para ele) que é o senhor do alimento derivado do gado, que é capaz de conceder sustento nutritivo.
Varga 25. **21**. Eu glorifico de noite e de dia aquele sol[12] (Mitra e Varuṇa), e o céu e a terra; que tu (Varuṇa) sempre nos tragas à presença do beneficente.

22. Nós recebemos do filho de Suṣāman, o descendente de Ukṣan, o vencedor (de inimigos), uma carruagem de prata que anda bem, unida (a um par de cavalos).
23. Entre os cavalos baios esses dois são preeminentemente os destruidores (de inimigos), e daqueles ávidos em combate, os dois fortes carregadores de homens.
24. Através deste novo louvor (de Mitra e Varuṇa) eu obtive no mesmo momento, do príncipe poderoso, dois corcéis velozes sagazes,[13] com chicote e rédeas.

Índice◄►Hino 26 (Wilson)

[7] Compare com 1.25.10.
[8] Um verso bastante ininteligível, mesmo com a ajuda do escoliasta. (Sāyaṇa parece entendê-lo como uma referência a Mitra e Varuṇa como, respectivamente, presidindo o dia e a noite).
[9] [Ou 'navio']. *No nāvam uruṣyata; nāvam yajñiyāṃ* ocorre em 10.44.6, e parece lá significar o sacrifício.
[10] O texto tem apenas *okyā*.
[11] Isto é, de acordo com o comentário, Mitra e Varuṇa. Compare com o verso 21.
[12] *Tat sūryaṃ* significa, segundo o comentador, o brilho de Mitra e Varuṇa.
[13] Sāyaṇa explica *viprā* como 'dignos dos louvadores de uma divindade'.

---

645 - Hino 25. Mitra-Varuṇa (Griffith)

1. Eu adoro vocês que guardam esse Todo, os Deuses mais santos entre os Deuses,
Vocês, fiéis à Lei, cujo poder é santificado.
2. Assim, também, como aurigas[14] são eles, Mitra e o sapiente Varuṇa,
Filhos bem-nascidos desde os tempos antigos, cujas leis sagradas continuam firmes.
3. Esses Dois, possuidores de toda riqueza, os mais gloriosos, para o domínio mais supremo,[15] Aditi, Mãe Poderosa, fiel à Lei, deu à luz.

4. Grandes Varuṇa e Mitra, Deuses, Asuras e Senhores Imperiais,
Fiéis à Lei Eterna proclamam o alto decreto.
5. A Prole de um Poder elevado,[16] os dois filhos de Dakṣa[17] extremamente fortes,
Que, Senhores da chuva que flui, residem no local do alimento.[18]
6. Vocês que têm reunido suas dádivas, alimento celeste e terrestre,
Que a sua chuva venha a nós repleta da névoa do céu.

7. Os Dois, que do céu elevado parecem olhar para os rebanhos abaixo,
Santos, Senhores Imperiais, estão instalados para serem reverenciados.
8. Eles, fiéis à Lei, extraordinariamente fortes, se sentaram para governo soberano;
Príncipes cujas leis permanecem firmes, eles obtiveram seu domínio.
9. Desbravadores ainda melhores do que o olho, com visão desobstruída,
Mesmo quando eles fecham as pálpebras, observadores, eles percebem.

10. Assim que a Deusa Aditi, que os Nāsatyas nos guardem bem,
Os Maruts nos guardem bem, dotados de força imensa.
11. Que vocês, ó Deuses Generosos, protejam a nossa residência dia e noite;
Com vocês como nossos defensores que possamos seguir ilesos.[19]
12. Que nós, ilesos, sirvamos ao generoso Viṣṇu, ao Deus que não mata ninguém;
Automovente Sindhu,[20] ouve e sê o primeiro a notar.[21]

13. Esta proteção segura nós escolhemos, desejável e de longo alcance,
Que Mitra, Varuṇa e Aryaman fornecem.[22]
14. E que o Sindhu das torrentes, os Maruts, e o par Aśvin,
O bondoso Indra e o bondoso Viṣṇu sejam unânimes a nosso respeito.[23]
15. Porque esses heróis combatentes põem fim à inimizade de todos os inimigos,
Como a violenta torrente de água repele os furiosos.

16. Aqui este único Deus, o Senhor dos homens, vê extremamente longe;

---

[14] Promotores da Lei Eterna. Veja 7.66.12.
[15] ['Para que eles possam exercer poder divino'. – Muir].
[16] ['A frase 'neto da força' *(śávaso nápāt)* é usada várias vezes a respeito dos Ṛbhus (1.161.14; 4.34.6; 4.35.1,8; 4.37.4) e só aqui sobre outras divindades'. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[17] Ou filhos do poder ou energia, segundo Sāyaṇa, [filhos da habilidade, segundo Jamison]. Dakṣa como um poder criativo é frequentemente associado com Aditi.
[18] O céu do qual vem a chuva produtora de alimento.
[19] ['Que vocês, (deuses) generosos, preservem o nosso bardo noite e dia. Que nós, livres de danos, recebamos a sua proteção'. – Muir, *O. S. Texts,* IV, 90].
[20] O Indo. De acordo com Sāyaṇa, Viṣṇu que faz a riqueza fluir para seus adoradores.
[21] ['Livres de danos, nós (oferecemos louvores) ao inofensivo e generoso Viṣṇu. Ouça, ó Oceano automovente, (a nós) como o seu primeiro pensamento'. – *Id.*].
[22] ['Nós desejamos aquele tesouro excelente, digno de ser guardado, que Mitra, Varuṇa e Aryaman possuem'. – *Id.*].
[23] ['E que o Oceano de águas, que os Maruts, que os Aśvins, Indra e Viṣṇu, todos eles prolíficos, associados juntos, (concedam) aquele [tesouro] a nós'. – *Id.*].

E nós, para o seu benefício, guardamos as leis sagradas dele.
17. Nós seguimos as antigas leis habituais, os estatutos da supremacia,
As leis longamente conhecidas de Mitra e de Varuṇa.
18. Aquele que mediu com seu raio os limites do céu e da terra,
E com sua majestade encheu totalmente os dois mundos,

19. Sūrya espalhou sua luz no alto até a região do céu,
Como Agni todo chamejante quando presentes são oferecidos a ele.
20. Pois aquele que envia longe a palavra é o senhor do alimento que vem das vacas,
Controlador da dádiva do alimento não envenenado.[24]
21. Então para Sūrya e o Céu e a Terra de manhã e à noite eu falo.
Trazendo alegrias sempre te ergue[25] para nós.

22. De Ukṣaṇyāyana um baio, de Harayāṇa um corcel branco,
E de Suṣāman[26] obtivemos um carro atrelado.
23. Esses dois[27] me trarão mais ganho de tropas de corcéis de cor fulva,
Eles serão os carregadores de ativos homens de guerra.
24. E eu ganhei os dois sábios[28] que seguram as rédeas e portam o chicote,
E os dois grandes corcéis fortes, com a minha nova canção.

Índice◄►Hino 26 (Griffith)

---

646 - Hino 26. Aśvins (Wilson)

(Sūkta VI)[1]

Os deuses são os Aśvins, mas das últimas seis estrofes Vāyu; o Ṛṣi como antes, Viśvamanas, filho de Vyaśva, (ou Vyaśva, o descendente de Aṅgiras); a métrica das primeiras quinze estrofes e da vigésima segunda, vigésima terceira e vigésima quarta é Uṣṇih; a da décima sexta e três seguintes é Gāyatrī, como também da vigésima primeira e vigésima quinta, a da vigésima, Anuṣṭubh.

Varga 26. **1**. (Aśvins) de força irresistível, afluentes derramadores (de benefícios), eu invoco a sua carruagem no meio dos piedosos, que estão reunidos para celebrar a sua presença.
2. (Fala), Varu[2] (assim:) Nāsatyas, os que enviam chuva, ricos derramadores (de benefícios), como vocês vieram até Suṣāman com suas proteções para (dar-lhe) grandes riquezas, (assim venham a mim).
3. Nós invocamos vocês, opulentos em nutrição, que estão desejosos de alimento (sacrifical), nesta ocasião ao amanhecer[3] com oblações.

---

[24] Varuṇa só tem que ordenar e os homens têm leite e alimento saudável. Sāyaṇa explica de modo diferente [veja a versão de Wilson].
[25] Sūrya, isto é, segundo Sāyaṇa, Mitra e Varuṇa na forma de Sūrya.
[26] Aqui sem *Varo*, o prefixo ou interjeição ou o que quer que possa ser. Mas veja 8.23.28.
[27] Cavalos.
[28] *Viprā:* o significado é incerto. Segundo Sāyaṇa a palavra é um epíteto de 'corcéis': 'sagazes'. – Wilson. Ludwig acha que os cavalariços (provavelmente inimigos escravizados) são ironicamente chamados de sábios, ou, como ele traduz, brâmanes. O Dr. Muir traduz a estrofe diferentemente: 'Eu tenho celebrado na mesma hora com um novo hino esses dois (príncipes) sábios e poderosos, fortes, velozes, e que carregam chicotes'. Mas essa tradução tem pouco para recomendá-la.

---

[1] ['Organizado em tṛcas, com um verso extra, o 19, no final da sequência Aśvin'. – Jamison].
[2] O texto tem apenas *Varu*, no vocativo, que o comentador amplia.
[3] 'Na passagem de noite'.

4. Líderes (de ritos), que a sua renomada carruagem que transporta a todos[4] venha a nós, e (que vocês) reconheçam os louvores do zeloso (adorador) para a prosperidade dele.
5. Aśvins, afluentes derramadores (de benefícios), detectem os pérfidos; realmente, Rudras, vexem os seus adversários.
Varga 27. **6**. Dasras, que são satisfeitos por ritos sagrados, de aspecto fascinante,[5] senhores da chuva, passem com seus (cavalos) velozes completamente em volta do nosso (sacrifício) inteiro.

7. Venham a nós, Aśvins, com riquezas que sustentam a todos, pois vocês são opulentos, heroicos, não derrotados por ninguém.
8. Indra e Nāsatyas, que são os mais acessíveis, venham a este meu sacrifício; venham, deuses, hoje, com (outras) divindades.
9. Desejosos de vocês que são concessores de prosperidade, nós os invocamos, como fez (nosso pai) Vyaśva; venham, sagazes Aśvins, aqui com intenções favoráveis.

10. Louva os Aśvins devotamente, Ṛṣi, para que eles possam ouvir repetidamente a tua invocação, e destruir os (inimigos) mais próximos (que se aproximam) e os Paṇis.
Varga 28. **11**. Ouçam, líderes (de ritos), (a invocação) de mim o filho de Vyaśva, e compreendam o seu (significado);[6] e que Varuṇa, Mitra e Aryaman simultaneamente (me concedam prosperidade).
12. Adoráveis derramadores (de benefícios), deem-me diariamente (um pouco) daquela (riqueza) que é dada por vocês, que é trazida por vocês para os adoradores.

13. O homem que está envolto em sacrifícios (oferecidos) a vocês, como uma mulher com traje adicional,[7] recompensando-o, Aśvins, vocês o colocam em prosperidade.
14. Favoravelmente dispostos para comigo, venham, Aśvins, para a residência daquele que sabe (como preparar para vocês) a (libação) derramada muito copiosamente para ser bebida pelos líderes (de ritos).
15. Afluentes derramadores (de benefícios), venham à nossa casa para (a libação) a ser bebida pelos líderes (de ritos), pois vocês levam o sacrifício à conclusão por louvor, como a seta fatal (mata o cervo).[8]

Varga 29. **16**. Aśvins, líderes (de ritos), entre (todas) as invocações que o meu louvor mais fervoroso os invoque como um mensageiro, que ele seja (aceitável) para vocês.
17. Se, imortais (Aśvins), vocês se regozijam nas águas do firmamento, ou na casa do adorador, ouçam esta minha (invocação).
18. Realmente este Śvetayāvarī, o rio de caminho dourado, é de todos os rios o portador especial dos seus (louvores).
19. Aśvins, seguindo um curso brilhante, vocês adquirem celebridade pelo rio branco louvando-os dignamente, o enriquecedor (das pessoas em suas margens).[9]

20. Atrela os teus cavalos que puxam carruagens, Vāyu; traze-os, Vasu, incentivados (para o sacrifício); então bebe o nosso Soma; vem para as nossas libações diárias.

---

[4] [‘A melhor transportadora’. – Jamison. ‘A melhor para viajar’. – Griffith].
[5] *Madhuvarṇā* é explicada como ‘aqueles que olham para a sua beleza ficam encantados’.
[6] Sāyaṇa parece explicar: ‘vocês reconhecem esta minha (invocação como dedicada a vocês)’.
[7] *Adhivastrā*, ‘que tem outro traje sobre as suas roupas comuns’.
[‘Eu considero que *ab* se refere a Agni. Compare com 3.3.5 *táviṣībhir āvṛtam* ‘envolto com (= em) seus poderes’; dado o papel ritual de Agni faz sentido para ele estar envolto em sacrifícios. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[8] O texto tem apenas *viṣudruheva*. Sāyaṇa explica a alusão como segue: ‘como um caçador por uma flecha leva o cervo ao local desejado (para o seu destino?), assim vocês pelo louvor fazem o sacrifício chegar à conclusão’.
[9] É dito que o rio louvou os Aśvins, visto que o Ṛṣi vivia em suas margens. Essas margens são de ouro, e, consequentemente, enriquecem aqueles que vivem perto.

Varga 30. **21**. Nós pedimos a tua proteção, Vāyu, senhor do sacrifício, maravilhoso genro de Tvaṣṭṛ.[10]
22. Nós, os ofertantes de Soma, solicitamos riquezas do soberano, o genro de Tvaṣṭṛ; (que nós nos tornemos) ricos.

23. Estabelece, Vāyu, felicidade no céu;[11] conduz rapidamente a tua (carruagem) de bons cavalos; que tu, que és poderoso, atreles os (cavalos) de flancos largos ao carro.
24. Nós invocamos a ti que tens forma graciosa, estendendo pela tua magnitude os teus membros em todas as direções,[12] para os nossos ritos religiosos, como a pedra (de espremer o Soma).
25. Divino Vāyu, o principal (dos deuses), exultante em tua própria mente, faze com que os nossos ritos sejam produtivos de alimentos e água.[13]

Índice◄►Hino 27 (Wilson)

---

646 - Hino 26. Aśvins (Griffith)

1. Eu chamo a sua carruagem para receber louvor unido em meio a homens principescos,[14] Deuses fortes que despejam riqueza, de poder nunca derrotado!
2. Vocês vêm até Varosuṣāman,[15] Nāsatyas, para este rito glorioso,
Com seu auxílio protetor, Deuses fortes, que derramam riquezas.[16]
3. Assim com oblações nós os invocamos, ricos em vasta fortuna, hoje,
Quando a noite passou, ó vocês que nos enviam alimento abundante.

4. Ó Aśvins, Heróis, que o seu carro, famoso, o melhor para viajar, venha até nós,
E, para a glória dele, notem os louvores do seu servo zeloso.
5. Aśvins, que nos enviam dons preciosos, mesmo quando ofendidos, pensem nele;
Porque vocês, ó Rudras,[17] nos levam seguros para além dos nossos inimigos.
6. Pois, Fazedores de Milagres, com corcéis velozes vocês voam completamente em volta desse Todo, agitando os nossos pensamentos, ó senhores do esplendor, de cor de mel.[18]

7. Com opulência que a todos sustenta, Aśvins, venham aqui até nós,
Ó Heróis ricos e nobres, invencíveis.
8. Para receber esta minha oferenda, ó Nāsatyas como Indra, venham
Como Deuses da melhor harmonia neste dia com outros Deuses.
9. Porque nós, como Vyaśva, erguendo a nossa voz como bois, os chamamos;
Com toda a sua bondade, Sábios, venham a nós.

10. Ó Ṛṣi, louva bem os Aśvins. Eles não ouvirão o teu chamado?
Eles não queimarão os Paṇis que estão mais perto deles?

---

[10] Sāyaṇa explica Tvaṣṭṛ aqui por Brahmā, e recorre à conexão com os *Itihāsas* e outras autoridades. Mahīdhara *(Yajur-Veda Branco,* 27.34) diz: Vāyu, ou o vento, tendo tomado água de Āditya, a fertiliza, como chuva, e é, portanto, como se fosse seu genro, identificando Tvaṣṭṛ com Āditya. [Veja também a nota 21].
[11] Vāyu sendo considerado o esteio de todos os luminares celestes.
[12] *Āśvapṛṣṭham* é, literalmente, 'transportado nas costas de um cavalo'; mas Sāyaṇa aqui interpreta *aśva* como *vyāpta* e *pṛṣṭha* como *sarvāṅga*.
[13] Sāyaṇa parece explicar a última frase: 'Dá-nos comida e água, e assim faze com que os nossos ritos sejam devidamente realizados'.
[14] Os *Sūris* ou instituidores do sacrifício.
[15] Veja 8.23.28.
[16] *Vṛṣaṇvasū;* veja 4.50.10, nota.
[17] Deuses brilhantes.
[18] *Madhuvarṇā*, 'de aparência fascinante'. – Wilson.

11. Ó Heróis, ouçam o filho de Vyaśva, e me deem atenção aqui,
Varuṇa, Mitra, Aryaman, de comum acordo.
12. Deuses por quem ansiamos, das suas dádivas, do que vocês trazem para nós, deem
Pelas mãos dos príncipes a mim, ó Poderosos, dia após dia.

13. Aquele a quem os seus sacrifícios vestem, assim como uma mulher com seu manto,
Os Aśvins promovem à glória honrando-o bem.
14. Todo aquele que considera os seus cuidados dos homens como o auxílio mais amplo em seu alcance, aproximem-se da residência dele, ó Aśvins, amando-nos.
15. Venham a nós, vocês que derramam riquezas, venham ao lar que os homens devem proteger; como setas,[19] vocês são feitos adequados para o sacrifício pela música.

16. O mais atraente de todos os chamados, o louvor, como enviado, Heróis, chamou por vocês; que ele seja seu, ó Par Aśvin.
17. Vocês estejam lá no mar do céu, ou se alegrando no lar do alimento,
Ouçam-me, Imortais.
18. Este rio com seu fluxo lúcido[20] atrai vocês, mais do que todas as correntes, –
Mesmo Sindhu com seu caminho de ouro.
19. Ó Aśvins, com aquela fama gloriosa venham aqui, através da nossa brilhante canção,
Venham, vocês cujos caminhos são marcados com luz.

20. Atrela os cavalos que puxam o carro, ó Vasu, traze o par bem alimentado.
Ó Vāyu, bebe do nosso hidromel; vem às nossas libações.
21. Esplêndido Vāyu, Senhor da Justiça, tu que és o genro de Tvaṣṭar,[21]
O teu auxílio salvador nós escolhemos.
22. Para o genro de Tvaṣṭar nós oramos pela riqueza da qual ele tem controle;
Por glória nós procuramos Vāyu, homens com suco derramado.

23. Do céu, auspicioso Vāyu, vem; dirige para cá com os teus corcéis nobres;
Vem em teu carro poderoso com assento de grande extensão.
24. Nós te chamamos para as casas dos homens, a ti o mais rico em alimentos nobres,
E generoso como uma pedra de espremer com as costas de um cavalo.[22]
25. Então, contente e alegre em teu coração, que tu, Deus, Vāyu, o primeiro de todos,
Concedas a nós água, força e pensamento.

Índice◄►Hino 27 (Griffith)

---

[19] Como as setas são afiadas para o seu trabalho, assim os Aśvins são preparados para o sacrifício pelo hino do Ṛṣi. A palavra *viṣudruhā*, explicada por Sāyaṇa como duas setas, é difícil, e outras leituras e explicações têm sido sugeridas.
[20] *Śvetayāvarī:* considerado por Sāyaṇa como o nome de um rio.
[21] Os comentadores não dão uma explicação satisfatória. Saraṇyū (que é talvez Uṣas, Aurora), a filha de Tvaṣṭar, era a esposa de Vivasvān, que não pode ser identificado com Vāyu. Veja Hillebrandt, *Vedische Mythologie,* I, p. 512.
['Vāyu é duas vezes (nos versos 21 e 22) designado como o genro de Tvaṣṭar, o deus artífice – uma identificação um tanto surpreendente, dada a situação conjugal confusa da filha de Tvaṣṭar como provocadoramente esboçada em 10.17.1-2 – onde Vāyu não está no quadro'. – Jamison].
[22] A segunda linha é difícil. A pedra de espremer que produz o suco Soma que torna os Deuses generosos é considerada como um símbolo de generosidade, ela pode ser chamada de *āśvapṛṣṭham*, literalmente, 'de costas de cavalo', porque ela leva a sua carga de caules de Soma como um cavalo. 'De costas afiadas', ' de bordas afiadas', como sugerido por Pischel, dá um sentido melhor.
['A pedra pode ser chamada 'de costas de cavalo' por duas razões: primeiro, já que as pedras também são chamadas de *soma-pṛṣtha* (8.63.2), e Soma é comumente identificado como um cavalo, a identificação foi transferida. Também pode ser que signifique 'que tem o dorso de um cavalo', isto é, curva ou feita para carregar. – Jamison].

647 - Hino 27. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta VII)[1]

Os Viśvadevas são os deuses; Manu, o filho de Vivasvat, é o Ṛṣi; a métrica dos versos ímpares é Bṛhatī, dos pares, Satobṛhatī, [Bārhata Pragāthas].

Varga 31. **1**. Agni é o Purohita no sacrifício; as pedras, a grama sagrada (estão preparadas) para a cerimônia. Eu invoco com o verso sagrado os Maruts, Brahmaṇaspati, e todos os deuses, em busca de sua proteção desejável.[2]

2. Tu vens, (Agni), à vítima, à residência[3] (do adorador), à isca de madeira, ao Soma, ao amanhecer e à noite; deuses universais, concessores de riquezas, conhecedores de todas as coisas, sejam os defensores dos nossos atos piedosos.

3. Que o antigo sacrifício vá primeiro para Agni, em seguida, para os deuses, – para os Ādityas, para Varuṇa, observador de obrigações, aos Maruts todo-resplendentes.

4. Que os deuses universais, possuidores de toda opulência, destruidores de inimigos, fiquem (perto) de Manu para a prosperidade dele; que vocês, que conhecem todas as coisas, assegurem para nós uma residência a salvo de ladrões[4] através de suas proteções inatacáveis.

5. Deuses universais, unidos e unânimes, venham neste dia a nós, (atraídos) pelo louvor sagrado dirigido a vocês; e que vocês, Maruts, e a deusa poderosa Aditi, (venham) para a residência, (nossa) casa.

Varga 32. **6**. Dirijam, Maruts, os seus cavalos amados (para o nosso rito); Mitra, (vem para as nossas) oblações, e que Indra e Varuṇa, e os líderes velozes, os Ādityas, se sentem na nossa grama sagrada.

7. Trazendo a grama sagrada cortada, oferecendo na devida ordem o alimento (sacrifical), apresentando o Soma despejado, e tendo acendido os fogos, nós invocamos vocês, Varuṇa[5] (e o resto), como fez Manus.

8. Maruts, Viṣṇu, Aśvins, Pūṣan, venham aqui (induzidos) pelo meu louvor; que Indra, o principal (dos deuses), também venha, o derramador (de benefícios), ele que é louvado por (seus) adoradores como o matador de Vṛtra.

9. Deuses não-opressores, concedam-nos uma mansão sem defeitos, para que, subjugadores (de inimigos), ninguém possa prejudicar as nossas defesas, seja de longe ou de perto.

10. Há identidade de raça entre vocês, deuses, destruidores de inimigos; há parentesco[6] (comigo, seu adorador); portanto, profiram imediatamente o comando para a nossa prosperidade anterior e para nova felicidade.

Varga 33. **11**. Deuses, possuidores de todas as riquezas, eu, desejoso de oferecer culto, dirijo a vocês de fato louvor sem precedente, para obter afluência desejada.

---

[1] ['Manu, como era chamado, a quem Savarṇā obteve como um filho de Vivasvat, pronunciou os cinco hinos (27-31) dirigidos aos Todo-Deuses'. – *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, p. 227-228].

[2] *Sāma-Veda,* I.48 (1.1.1.5.4). Sāyaṇa explica *purohita* em seu sentido literal, como 'colocado na frente, (ou ao leste), sobre a *uttaravedi* [que é o altar do norte feito para o fogo sagrado].

[3] *Pṛthivīṃ*, que é explicado como *idam devasadanam*, 'esta câmara dos deuses'. *Oṣadhīḥ* também pode aqui significar as plantas anuais, de acordo com Sāyaṇa. (Sāyaṇa traduz *uṣāsā naktam oṣadhīḥ:* ('tu vens) ao amanhecer e à noite (essas sendo as horas para a oferenda), e as pedras que moem Soma'. Ele explica *vasavaḥ*, como de costume, por *vāsayitāraḥ*, 'causadores de habitações').

[4] Ou, 'livres de quaisquer incômodos'.

[5] Quando Mitra e Varuṇa são citados individualmente ambos são aludidos, e às vezes até mais dos Viśvadevas, de acordo com o escoliasta. (Para o sacrifício de Manu, veja 1.26.4, e o *Śatapatha Brāhmaṇa,* 1.8.1).

[6] O texto tem apenas *asty āpyam*, o comentador diz, com o Ṛṣi do hino.

12. Devotadamente louvados (Maruts), quando o adorável Savitṛ se ergueu acima de vocês, então bípedes e quadrúpedes, e as aves que voam, buscando (os seus objetivos), iniciam (as suas funções).

13. Nós vamos invocar cada divindade entre vocês (deuses) por proteção, cada divindade para a obtenção de nossos desejos, cada divindade para a aquisição de alimento, glorificando-os com louvor divino.[7]
14. Que os deuses universais em consenso sejam juntos os que dão (riqueza) para Manu; que eles, tanto hoje quanto no futuro, sejam os concessores de prosperidade a nós e à nossa posteridade.[8]

15. Eu os glorifico, deuses inofensivos, no lugar de louvores; nenhum mal recai sobre o homem que, Mitra e Varuṇa, oferece (oblações) às suas glórias.
16. Aquele que lhes oferece (oblações) para obter uma bênção amplia a sua habitação, e tem alimento abundante, através de seus atos piedosos ele nasce por toda parte em seus filhos;[9] todos prosperam (pela sua graça) não prejudicados (por inimigos).

Varga 34. **17**. Ele ganha (riqueza) sem guerra, ele viaja pelas estradas com (cavalos) velozes, aquele a quem Aryaman, Mitra e Varuṇa, igualmente magnânimos, e agindo juntos, protegem.
18. Vocês permitem que ele (Manu) siga por uma estrada desobstruída, vocês lhe concedem fácil acesso a passagens difíceis; que a arma (do inimigo) fique longe dele, e, não causando nenhum dano, pereça.

19. Divindades de vigor benevolente, já que vocês presidem o rito[10] hoje, ao nascer do sol, já que, possuidores de toda riqueza, (vocês estão presentes) em seu ocaso, ou em sua vigília, ou no meridiano do dia;
20. Ou já que, deuses oniscientes, vocês aceitam o sacrifício, concedendo ao zeloso doador (da oblação) uma residência (na qual podemos adorar),[11] então, possuidores de toda fortuna, distribuidores de riquezas, que nós os adoremos no meio (daquela habitação).

21. (Deuses), que possuem toda abundância, deem[12] a (opulência) desejada ao inteligente Manu, que lhes oferece oblações ao nascer do sol, ao meio-dia e ao pôr do sol.
22. Nós pedimos a vocês, deuses resplandecentes, como um filho (a um pai), aquilo que deve ser desfrutado por muitos; oferecendo oblações, que obtenhamos aquela (riqueza), Ādityas, pela qual possamos possuir abundância.

Índice◄►Hino 28 (Wilson)

---

[7] *Yajur-Veda Branco,* 33.91.
[8] *Ibid*. 33.94.
[9] [Veja a nota 25].
[10] Sāyaṇa diz, 'já que vocês mantêm a casa (próspera)'.
[11] A construção é tão indefinida que é impossível fazer mais do que conjecturar o significado. *Yadvābhipitve asurā ṛtaṃ yate chardir yema vi dāśuṣe* é explicado: 'visto que vocês dão uma habitação para o doador da oblação indo ao rito, que é para trazê-los para o nosso sacrifício', ou, 'na sua aproximação do nosso sacrifício'.
[12] Sāyaṇa liga este verso com o próximo, 'já que vocês dão a (opulência) desejada para Manu', etc., 'portanto nós pedimos a vocês', etc.

647 - Hino 27. Viśvedevas (Griffith)

1. Sumo Sacerdote[13] é Agni no louvor,[14] como pedras e grama em sacrifício; com canção eu procuro os Maruts, Brahmaṇaspati, Deuses, em busca do auxílio muito desejável.
2. Eu canto para[15] o gado e para a Terra, para as árvores, para as Auroras, para a Noite, para as plantas. Ó todos vocês Vasus, ó possuidores de toda prosperidade, sejam os promotores dos nossos pensamentos.

3. O nosso sacrifício de ritual antigo vai, com Agni, para os Deuses, para os Ādityas, Varuṇa cuja Lei permanece firme, e a tropa de Maruts que a tudo ilumina.
4. Senhores de todas as riquezas,[16] que eles sejam fortalecedores do homem, destruidores de seus inimigos. Senhores de toda opulência, que vocês, com guardas que ninguém possa prejudicar, mantenham a nossa casa livre de inimigos.

5. Venham a nós com uma só mente hoje, venham a nós todos de comum acordo,
Maruts com canção sagrada, e a Deusa Aditi, Poderosa, para a nossa casa e lar.
6. Enviem-nos coisas aprazíveis, ó Maruts, em seus corcéis; venham, ó Mitra,[17] para os nossos presentes. Que Indra, Varuṇa, e os Ādityas se sentem, Heróis velozes, sobre a nossa grama sagrada.

7. Nós que cortamos a grama para vocês, e organizamos o banquete, e esprememos o Soma, os chamamos, Varuṇa,[18] como homens,[19] com fogos sacrificais radiantes.[20]
8. Ó Maruts, Viṣṇu, Aśvins, Pūṣan, apressem-se com as mentes voltadas para cá para mim. Que o Forte Indra, famoso como o matador de Vṛtra, venha primeiro com os ganhadores de despojos.[21]

9. Ó Deuses sinceros, concedam-nos um refúgio forte por todos os lados,
Uma proteção segura, Vasus, inatacável de perto ou de longe.
10. Parentesco eu tenho com vocês, e estreita aliança, ó Deuses, destruidores de nossos inimigos. Designem-nos para a nossa prosperidade de outrora, e logo para nova felicidade.

11. Pois agora eu lhes enviei, para que eu possa ganhar uma bela recompensa, Senhores de toda riqueza, com homenagem, esta minha canção de louvor como uma vaca leiteira que não falha.[22]
12. O excelente Savitar subiu no alto por vocês, vocês Guias seguros e cuidadosos. Bípedes e quadrúpedes, com várias esperanças e aspirações, e as aves se fixaram em suas tarefas.

13. Cantando o seu louvor com pensamento[23] Divino invoquemos cada Deus pela graça, cada Deus para lhes trazer auxílio, cada Deus para fortalecê-los.

---

13 Segundo Sāyaṇa, *purohitaḥ* é aqui tomado em seu sentido original de 'colocado na frente', isto é, instalado pelos sacerdotes na *uttaravedi* ou altar do norte ou receptáculo de fogo.
14 *Uktha:* um tipo de serviço religioso que consiste na recitação de certos versos laudatórios.
15 Ou eu glorifico, para que eu possa ganhá-los ou propiciá-los.
16 [Jamison lê: 'os que fornecem todas as posses'].
17 Varuṇa e Aryaman estando subentendidos.
18 [Veja a nota 5 e a nota acima].
19 *Manuṣvat:* ou segundo o costume de Manus.
20 [O último trecho Muir traduz: 'Nós te invocamos, Varuṇa, tendo derramado *soma*, e tendo acendido o fogo, como Manush'. – *O. S. Texts,* I, 168].
21 ['Venham aqui, ó Maruts, Viṣṇu, Aśvins, Pūṣan, para o meu hino. Que Indra venha primeiro, ele que é celebrado por aqueles que desejam (a sua bênção) como o vigoroso, o matador de Vṛtra'. – *O. S. Texts,* IV, 90].
22 O significado de *anyām* aqui é um tanto incerto. Sāyaṇa o explica como 'sem precedente', e Grassmann como 'um rio que nunca seca'. Eu adotei a interpretação de Ludwig.
[Muir traduz: 'Pois agora, possuidores de todas as riquezas, agora, a fim de obter riqueza, eu, cheio de reverência, enviei-lhes um hino'. – *O. S. Texts,* III, 244].
23 [*Hino.* – Muir].

14. Pois de um só espírito são os Deuses com o homem mortal, todos compartilhadores de dádivas agradáveis. Que eles aumentem a nossa força no futuro e hoje, proporcionando bem-estar e amplo espaço.

15. Eu os louvo, ó Deuses cândidos, aqui onde nos encontramos para prestar louvor. Ninguém, Varuṇa e Mitra,[24] fere o homem mortal que honra e obedece às suas leis.
16. Aquele que presta obediência à sua vontade faz a sua casa durar, ele reúne alimento abundante. Nascido em seus filhos novamente ele se propaga[25] como manda a Lei, e prospera ileso de todas as maneiras.

17. Mesmo sem guerra ele acumula riqueza, e segue seu caminho em rotas agradáveis, a quem Mitra, Varuṇa e Aryaman protegem, compartilhando o presente, de comum acordo,
18. Mesmo na planície para ele vocês fazem um caminho inclinado, uma via fácil onde não há estrada, e longe dele a seta ineficaz deve desaparecer, atirada nele em vão.

19. Se vocês estabelecerem o rito hoje, bondosos Soberanos, quando o Sol nascer, Senhores de toda riqueza, ao pôr do sol ou na hora de vigília, ou no meio do dia,
20. Ou, Asuras, já que vocês têm protegido o adorador que vai para o sacrifício, à noite, Que nós, ó Vasus, ó possuidores de toda fortuna, entremos no meio de vocês.

21. Se vocês hoje ao amanhecer ou ao meio-dia, ou na escuridão da noite, Senhores de todas as riquezas, derem um bom tesouro ao homem, ao homem sábio que tem sacrificado,
22. Então nós, Soberanos imperiais, reivindicamos de vocês esta benção: a sua ampla proteção, como um filho. Que nós, Ādityas, oferecendo presentes sagrados, obtenhamos aquilo que nos trará maior felicidade.

Índice◄►Hino 28 (Griffith)

---

648 - Hino 28. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta VIII)

Deuses e Ṛṣi [Manu Vaivasvata] como antes; a métrica é Gāyatrī, exceto no quarto verso, onde é Purauṣṇih.

Varga 35. **1**. Que os trinta e três deuses se sentem sobre a grama sagrada; que eles aceitem (as nossas oferendas), e nos deem ambos (os tipos de riqueza).[1]
2. Que Varuṇa, Mitra, Aryaman, e os Agnis, com suas esposas, honrando os doadores (da oblação), e abordados com exclamação sacrifical,
3. Sejam os nossos protetores, seja vindo com todos os seus assistentes do oeste, ou do norte, do sul, do leste.[2]
4. O que quer que os deuses desejem seguramente vem a ocorrer; ninguém pode resistir à (vontade) deles, nenhum mortal nega (as suas) oferendas.[3]
5. Sete são as lanças das sete (tropas de Maruts), sete são os seus ornamentos, eles têm sete glórias insuperáveis.

---

[24] [‘Eu suponho que Aryaman [aqui] está tacitamente incluído com Mitra e Varuṇa’. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[25] [‘O homem piedoso afortunado se propaga através de sua progênie ‘a partir da sua fundação’, ou seja, a partir de si mesmo e se espalhando por filhos e netos (etc.)’. – Jamison].

[1] Ou seja, gado e dinheiro, ou que eles deem repetidamente. (Sāyaṇa explica *vidan:* ‘que eles nos reconheçam como ofertantes’).
[2] Sāyaṇa artificialmente compreende seis direções por tomar *nyak* como o nadir, e entender por *itthā* o sul e o zênite.
[3] Ou, talvez, como Sāyaṇa entende: ‘até o mortal que não oferece (deve dar oferendas se eles quiserem)’.

Índice◄►Hino 29 (Wilson)

648 - Hino 28. Viśvedevas (Griffith)

1. Os Trinta Deuses e Três[4] também, cujo lugar tem sido a grama sagrada,
Desde os tempos de outrora encontraram e ganharam.[5]
2. Varuṇa, Mitra, Aryaman, Agnis,[6] com Consortes,[7] enviando bênçãos,
Para quem a nossa vaṣaṭ![8] é dirigida,
3. Esses são os nossos guardiões no oeste, e para o norte aqui, e no sul,
E no leste, com toda a tribo.
4. Exatamente como os Deuses desejam assim realmente será. Ninguém diminui esse poder deles, nenhum demônio, e nenhum homem mortal.[9]
5. Os Sete[10] carregam sete lanças; sete são os esplendores que eles possuem,
E sete as glórias que eles assumem.

Índice◄►Hino 29 (Griffith)

648 - Hino 28. Viśvedevas (Haug)

1. Que (todos os) trinta e três deuses tomem os seus lugares sobre a grama sagrada. Que eles aceitem os (nossos) presentes e (nos) recompensem com o dobro da quantidade (do que nós oferecemos a eles)!
2-3. Que (os deuses) Varuṇa, Mitra, Aryaman e os (diferentes) Fogos providos de toda riqueza, que estão cercados por esposas e recebem oferendas (dos homens), que todas essas (divindades) nos protejam com todas as suas hostes por trás e pela frente (de nós), por cima (de nós) e por baixo.
4. Tudo acontecerá assim como os deuses quiserem que seja. Nenhum mortal que os despreza pode jamais causar-lhes algum dano.
5. Os sete (deuses) têm sete armas; eles têm sete raios; sete deusas da fortuna estão colocadas sobre eles (para protegê-los).

Índice◄►Hino 47 (Haug)

[4] Veja 1.139.11.
[5] ["'Que os três mais trinta deuses que têm visitado a nossa grama sacrifical nos reconheçam e nos deem o dobro*'.
* Roth diz que *dvitā* não significa o dobro, mas *seguramente*, *especialmente*". – Muir, *O. S. Texts,* V. 10].
[6] Agni em suas várias formas e sob diferentes nomes.
[7] Com as *Gnās*, Damas Celestes, esposas dos Deuses.
[8] A exclamação feita quando a oblação é oferecida.
[9] Ou nenhum mortal que não faz oferendas aos Deuses.
[10] Os Maruts, sete, ou sete vezes nove, ou sete vezes sete em número [1.133.6]. Sāyaṇa menciona [veja o § seguinte] a lenda de seu nascimento, que é encontrada no *Rāmāyaṇa*, Livro I, Cantos 46, 47 [p. 81-82 da tradução em português]. O significado é apenas que os Maruts carregam lanças, isto é, seus relâmpagos, e estão esplendidamente adornados. Veja 1.37. A ligação dessa estrofe com a anterior não é clara.
["No *Ṛgveda* 8.28.5 Sāyaṇa tem a seguinte nota: 'Em relação a isso há uma história antiga. O feto de Aditi, que desejava ter um filho igual a Indra, tendo sido por alguma razão dividido por Indra em sete partes, tornou-se formado em sete tropas. Daí os Maruts foram produzidos. Pois um texto védico diz, 'Os maruts estão divididos em sete tropas'". – Muir, *O. S. Texts*, IV, 306].

649 - Hino 29. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta IX)

Os deuses como antes; o Ṛṣi é Kaśyapa, filho de Marīci, ou Manu, filho de Vivasvat; a métrica é Dvipadā Virāj.[1]

Varga 36. **1**. Um (Soma) de cor marrom,[2] onipenetrante, líder das noites, sempre jovem,[3] enfeita (a si mesmo) com ornamentos dourados.
2. Um (Agni) inteligente, resplandecente entre os deuses, está sentado em seu lugar[4] (o altar).
3. Um (Tvaṣṭṛ) inamovivelmente posicionado[5] entre os deuses, segura seu machado[6] de ferro na mão.
4. Um (Indra) segura seu raio empunhado em sua mão, pelo qual ele mata os Vṛtras.
5. Um (Rudra) brilhante e feroz, (contudo) o distribuidor de medicamentos de cura, segura nas mãos sua arma afiada.
6. Um (Pūṣan) vigia as estradas[7] como um ladrão, e conhece os tesouros escondidos.[8]
7. Um (Viṣṇu) de passos largos percorreu os três mundos onde os deuses se regozijam.
8. Dois (os Aśvins) viajam com (cavalos) velozes junto com uma (noiva Sūryā),[9] como viajantes para países estrangeiros.
9. Dois de beleza igual e de posição real (Mitra e Varuṇa), adorados com oblações de manteiga clarificada, tomaram seu lugar no céu.
10. Alguns (os Atris), quando adoram, se recordam do grande sāman, com o qual eles acendem o sol.[10]

Índice ◄► Hino 30 (Wilson)

---

[1] ['Conforme a *Anukramaṇī*, mas realmente Dvipadā Satobṛhatī'. – Jamison. 'Dísticos de Jagatī + Gāyatrī'. – Macdonell, que traduziu esse hino em seu *Vedic Reader for Students,* de 1917. Muir também traduziu o hino em seu *Original Sanskrit Texts,* vol. IV, p. 90-91, citado nas notas da versão de Griffith].

['Estas são dez *dvipadās* com marcas características (*liṅgataḥ*), pois nelas os deuses são louvados, cada um separadamente, por suas atividades. Agora, dessas *(dvipadās)* a primeira 'Marrom' *(babhruḥ:* 8.29.1) é dirigida a Soma, mas a próxima estrofe (2) é dirigida a Agni, (em seguida, vem) uma dirigida a Tvaṣṭṛ (3), e Indra (4) e Rudra (5), Pūṣan (6), Viṣṇu (7), uma estrofe dirigida aos Aśvins (8), a nona é dirigida a Mitra-Varuṇa (9), a décima estrofe é (em) louvor dos Atris'. – *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, p. 228].

[2] *Babhru* se aplica propriamente à planta Soma, mas os outros epítetos indicam Soma, a Lua.

['*Babhrús:* esse epíteto é distintivo de Soma, ao qual é aplicado oito vezes, enquanto por outro lado ele se refere a Agni apenas uma vez, e a Rudra em um único hino (2.33). Ele faz alusão à cor do suco, de outro modo descrito como avermelhado, *aruṇá*, mas na maioria das vezes como *hári,* fulvo'. – Macdonell].

[3] ['De forma variada, generoso, jovem'. – Macdonell].

[4] ['Receptáculo'. – Id.].

[5] ['Estrênuo' segundo Macdonell, que observa: '*nidhruvis, estrênuo* como o artífice dos deuses'].

[6] ['*Vāśīm:* esta arma está conectada em outro lugar apenas com Agni, os Ṛbhus, e os Maruts. Mas Agni não pode ser aludido porque ele já foi descrito em 2; enquanto os Ṛbhus e os Maruts só poderiam ser referidos no plural (compare com o v. 10). Mas 10.53.9 indica suficientemente qual deus é aqui aludido: 'Tvaṣṭṛ, o mais ativo dos trabalhadores, agora amola o seu machado feito de bom ferro'. – Id.].

[7] Compare com 1.42. Sāyaṇa entende 'os caminhos para o céu ou para o inferno'.

[8] ['Um torna os caminhos prósperos, como um ladrão ele sabe sobre tesouros'. – Macdonell].

[9] ['"Com aves* dois viajam, junto com uma mulher'. *Compare com 1.118.5: 'Que os corcéis voadores, as aves vermelhas, os conduzam ao redor'". – Id.].

[10] Compare com 5.40.6-9. Sāyaṇa explica o *sāman* como o *trivṛt, pañcadaśa*, etc.

[Macdonell lê: 'Cantando, alguns conceberam um grande canto, por ele eles fizeram o sol brilhar'. Veja também a nota 21].

649 - Hino 29. Viśvedevas (Griffith)

1. Um[11] é um jovem moreno, ativo, múltiplo[12] ele enfeita o dourado com ornamento.[13]
2. Outro, luminoso, ocupa o lugar de sacrifício, Sábio, entre os Deuses.
3. Um brande[14] na mão uma faca de ferro, firme em seu assento no meio das Divindades.
4. Outro segura o raio, com o qual ele mata os Vṛtras, repousando em sua mão.[15]
5. Outro carrega uma arma pontiaguda: ele é brilhante, e forte, com medicamentos de cura.[16]
6. Outro, como um ladrão, vigia bem os caminhos,[17] e conhece os locais onde os tesouros se encontram.
7. Outro com seu andar poderoso deu seus três passos para lá[18] onde os Deuses se regozijam.
8. Dois com uma Dama[19] passeiam com cavalos alados, e seguem como viajantes em seu caminho.[20]
9. Dois, os maiores, nos céus fixaram seu lugar, adorados com óleo sagrado, Reis Imperiais.
10. Alguns,[21] cantando louvores, conceberam o Hino-Sāma, o grande hino pelo qual eles fizeram o Sol brilhar.

Índice◄►Hino 30 (Griffith)

---

[11] Soma. 'O suco Soma amarelo é em si mesmo um ornamento para o ouro no dedo (*Atharvaveda*, 18.3.18, *hiraṇyapāvāḥ)* do sacerdote'. – Ludwig. ['Os galhos de soma começam marrons, mas quando eles são espremidos o suco dourado sai e, por assim dizer, os unge'. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)]. Segundo outros, Soma como a Lua é aludido, que 'enfeita (a si mesmo) com ornamentos dourados'. – Wilson.
['Soma, como a lua, de acordo com o comentador. O Sr. Langlois acha que o sol é aludido. O Dr. Aufrecht acha que a tropa de Maruts, *Marud-gaṇa*, pode ser aludida, a quem, ele observa, o epíteto *babhru*, 'marrom-escuro, fulvo', é tão aplicável a ela quando ao seu mestre, Rudra, a quem ele é dado frequentemente'. – Muir, *O. S. T.* IV. 90].
[12] ['Variável'. – Muir, que observa que nisso 'Böhtlingk e Roth entendem as várias fases da Lua'].
[13] ['Um brilho dourado o envolve'. – Muir].
[14] Tvaṣṭar, como o Artífice dos Deuses.
[15] ['Outro segura o raio *equilibrado* em sua mão, com o qual ele mata seus inimigos'. – Muir].
[16] Rudra. Veja 1.43.4 [e 7.35.6, onde ele é chamado de 'curador'. – Muir].
[17] [Veja a nota 8].
[18] Para o seu lugar nas alturas do céu.
[19] Os Aśvins com Sūryā. Veja 1.116.17.
[20] ['Eles moram longe, como se no exterior'. – Muir].
[21] Os Aṅgirases, ou, de acordo com Sāyaṇa, os Atris. ["Os próprios poetas (ou seus antepassados) são a solução para este enigma final. 'Fazer o sol brilhar' pode atribuir um ato cosmogônico à realização original do ritual, ou (mais provável em nossa opinião) simplesmente sugere que os hinos proferidos no ritual diário do amanhecer realmente garantem o nascimento e o brilho do sol, em vez de simplesmente celebrá-lo". – Jamison-Brereton, *The Rigveda, The Earliest Religious Poetry of India]*.

650 - Hino 30. Viśvadevas (Wilson)

(Sūkta X)[1]

Os deuses como antes; o Ṛṣi é Manu, o filho de Vivasvat; cada uma das quatro estrofes está em uma métrica diferente: Gāyatrī, Purauṣṇih, Bṛhatī, Anuṣṭubh.

Varga 37. **1**. Não há nenhum entre vocês, deuses, que seja uma criança ou um jovem; vocês realmente são todos de existência madura.[2]
2. Destruidores de inimigos, deuses, adorados por Manu, que são trinta e três, e são assim louvados com hinos;[3]
3. Que vocês nos preservem, nos protejam, nos guiem (para o nosso bem); não nos levem muito longe dos caminhos paternos de Manu,[4] nem daqueles ainda mais distantes.
4. Deuses, que estão aqui presentes, todos a quem este sacrifício completo é oferecido, deem a nós, ao nosso gado e cavalos, felicidade muito renomada.

Índice◄►Hino 31 (Wilson)

---

650 - Hino 30. Viśvedevas (Griffith)

1. Nenhum de vocês, ó Deuses, é pequeno, nenhum de vocês é uma criança frágil;
Todos vocês, em verdade, são grandes.
2. Assim sejam louvados, ó destruidores de inimigos,[5] ó Trinta e Três Deuses,[6]
Os Deuses do homem,[7] os Santos.
3. Como tais nos defendam e nos socorram, com bênçãos falem a nós;
Não nos levem para longe do caminho de nossos pais e de Manu.[8]
4. Ó Deuses que ficam conosco,[9] e todos vocês Deuses de toda a humanidade,[10]
Deem-nos a sua ampla proteção, deem abrigo para o gado e para o cavalo.

Índice◄►Hino 31 (Griffith)

---

[1] [Este hino foi traduzido por Müller, *A History of Ancient Sanskrit Literature*, p. 531, e Peterson, *Hymns from the Rigveda*, p. 287. O *Ṛgvidhāna* diz: "Todo aquele que, se levantando de manhã cedo e tendo se banhado, adora durante dois meses com o sūkta 'certamente não'*, que consiste em quatro estrofes, se salva do perigo". * '*Ṛgveda* 8.30, dirigido aos Viśvedevas; na terceira estrofe eles são invocados para resgatar e ajudar as pessoas que rezam'. – Tradução de Gonda, 1951].
[2] *Sato-mahāntaḥ,* literalmente, 'maiores do que tudo o que há'.
[3] ['Vocês que são os trinta e três deuses adorados por Manu (ou homem), quando assim louvados, que vocês se tornem os destruidores de nossos inimigos'. – Muir, *O. S. Texts,* V. 10].
[4] É dito que Manu é o pai universal, e os caminhos que ele prescreve são os de austeridade e cerimonial. (Sāyaṇa explica a última linha: 'Não nos levem para longe do extenso caminho paterno de Manu, mas para longe de qualquer um que seja distante do mesmo').
[5] ['Devoradores de nossos inimigos'. – Peterson].
[6] Veja 1.139.11.
[7] Ou, Deuses a quem Manu adorou, uma interpretação que é apoiada pela estrofe 3. ['Vocês os deuses sagrados de Manu'. – Müller].
[8] ['Não nos desviem do caminho do nosso pai Manu'. – Peterson].
[9] Ou estão presentes neste sacrifício.
[10] ['Que todos os deuses que estão aqui e são amigos do homem'... – Peterson].

651 - Hino 31. Vários Deuses (Wilson)

(Anuvāka 5. Continuação do Adhyāya 2. Sūkta I)

Os deuses das quatro primeiras estrofes são o sacrifício e o louvor do Yajamāna; das cinco seguintes, o louvor do mesmo e sua esposa [Yajamāna e Patnī]; a bênção pronunciada sobre o casal é a divindade do resto;[1] o Ṛṣi é Manu, o filho de Vivasvat; a métrica do nono e décimo quarto versos é Anuṣṭubh; dos quatro últimos, Paṅkti; do décimo, Pādanicṛt; do resto, Gāyatrī.

Varga 38. **1**. Aquele que oferece oblações (aos deuses, novamente) as oferece; ele derrama libações e apresenta (o bolo sagrado),[2] ele se deleita em reiterar realmente o louvor de Indra.
2. Indra protege do pecado o homem que lhe oferece bolos e presenteia Soma misturado com leite.
3. Uma carruagem brilhante vem a ele, enviada pelos deuses, com a qual, frustrando todas as hostilidades, ele prospera.
4. Em sua casa abundância perpétua, acompanhada por progênie, (está presente), e vacas leiteiras são ordenhadas dia a dia.[3]
5. Deuses, que o marido e a esposa, que com uma só mente oferecem libações e se purificam e (os propiciam) com o Soma sempre misturado com leite, –
Varga 49. **6**. Constantemente associados, que eles adquiram iguarias (sacrificais) adequadas, que eles sejam capazes de oferecer sacrifício, que eles nunca fiquem desprovidos de alimentos (dados pelos deuses).[4]
7. Eles não retiram (suas promessas) aos deuses, eles não negam o seu louvor, mas oferecem farto alimento (sacrifical).
8. Abençoados com prole jovem e adolescente, e ambos tendo seus corpos ricamente ornamentados, eles passam (felizmente) toda a sua vida.
9. Oferecendo sacrifícios aceitáveis, obtendo a riqueza que pedem,[5] apresentando (oblações) gratificantes (aos deuses), por causa de imortalidade[6] desfrutando de união corpórea, eles (marido e mulher) adoram os deuses.

10. Nós pedimos a felicidade (oferecida) pelas montanhas, os rios, e Viṣṇu, associado[7] (aos deuses).
Varga 40. **11**. Que o adorável Pūṣan, o possuidor de opulência, o patrono mais benevolente para com todos, venha auspiciosamente; que um caminho largo (seja aberto) para a nossa prosperidade.
12. Todos os homens com mentes (devotadas) são os (louvadores) incansáveis do deus irresistível (Pūṣan), realmente o mais impecável dos Ādityas.[8]
13. Já que Mitra, Aryaman e Varuṇa são nossos protetores, que os caminhos do sacrifício sejam percorridos facilmente (por eles).

---

[1] [A *Bṛhaddevatā* detalha: 1-2: Indra; 3-4 e 15-18: o sacrificador; 5-9: marido e esposa como sacrificadores; o verso 10 é uma prece; 11-12: Pūṣan; 13: os Ādityas Mitra, Aryaman e Varuṇa; 14: Agni].
[2] O *paśu-puroḍāśa* é explicado no *Nyāya-mālā-vistara* como o bolo, que é uma parte essencial do sacrifício animal no *jyotiṣṭoma*.
[3] Sāyaṇa explica: 'em sua casa abundância perpétua, acompanhada por progênie e gado, é ordenhada dia a dia', ou Iḷā pode ser tomada como a deusa das vacas, caso em que *duhe* é explicado 'ordenha, concede'.
[4] A fraseologia não é muito perspícua.
[5] Sāyaṇa explica *vītihotrā* como 'aqueles cujos sacrifícios lhes obtêm felicidade', e *kṛtadvasū* como 'que concedem sua riqueza ao suplicante'.
[6] *Amṛtāya;* o comentário o explica: para o aumento de descendentes. [Veja as notas 11 e 12].
[7] [Veja a nota 13].
[8] Sāyaṇa explica este último trecho, 'realmente (as dádivas) dos Ādityas são desprovidas de males, (portanto, nós louvamos Pūṣan para a obtenção de alimento, etc.).

14. Eu adoro o divino Agni, o que os precede, (deuses), com louvor, (por causa) de riquezas; os adoradores (o estimam), o generoso aperfeiçoador do sacrifício, como um amigo.

15. A carruagem do adorador fiel (prevalece) rapidamente, como o herói (prevalece) em todos os combates; o celebrante de sacrifício, que deseja propiciar a mente dos deuses, vence aqueles que não são sacrificadores.

Varga 41. **16**. Devotado aos deuses, derramando libações para eles, tu, adorador, não perecerás; o celebrante de sacrifício, que deseja propiciar a mente dos deuses, vence aqueles que não são sacrificadores.

17. Ninguém o obstrui por seus atos, ele nunca é afastado (de sua posição), ele nunca é separado (de sua família); o celebrante de sacrifício, que deseja propiciar a mente dos deuses, vence aqueles que não são sacrificadores.

18. Para ele nesta vida há progênie valente, para ele há tropas de cavalos velozes; o celebrante de sacrifício, que deseja propiciar a mente dos deuses, vence aqueles que não são sacrificadores.

Índice◄►Hino 32 (Wilson)

---

651 - Hino 31. Várias Divindades (Griffith)

1. Agrada bem a Indra aquele brâmane[9] que adora, sacrifica, derrama libação, e prepara a refeição.[10]
2. Śakra protege do infortúnio o homem que lhe dá bolo sacrifical
E oferece Soma misturado com leite.
3. A sua carruagem será gloriosa, acelerada pelos Deuses, e ele será poderoso,
Subjugando todas as hostilidades.
4. A cada dia que passa em sua casa flui sua libação, rica em leite,
Inesgotável, que traz progênie.
5. Ó Deuses, com dose constante de leite, marido e mulher de comum acordo
Espremem e lavam o suco Soma.
6. Eles ganham alimento suficiente, eles vêm unidos à grama sagrada,
E eles nunca falham em força.
7. Eles nunca negam ou procuram esconder o favor dos Deuses;
Eles ganham grande glória para si mesmos.
8. Com filhos e filhas ao seu lado eles chegam à sua plena extensão de vida,
Ambos enfeitados com ornamentos de ouro.
9. Servindo ao Imortal[11] com presentes de refeição sacrifical e riquezas,
Eles satisfazem[12] as exigências do amor e prestam a devida homenagem aos Deuses.

10. Nós reivindicamos a proteção das Colinas, nós reclamamos proteção das Águas,

---

[9] Aqui qualquer adorador piedoso, não um dos sacerdotes profissionais regulares, mas o instituidor do sacrifício que durante a cerimônia pode ser considerado como seu chefe.
[10] [Veja a nota 2].
[11] *Amṛtāya;* Agni, ou a (hoste) Imortal, isto é, os Deuses em geral. Segundo Sāyaṇa, 'para que eles possam obter imortalidade (em seus filhos e descendentes)'.
[12] Esse *pāda* é considerado por alguns, em bases métricas e outras, como uma interpolação. De acordo com Pischel *(Vedische Studien,* I. p. 178), a meia-linha se refere ao batimento e à preparação dos talos crus da planta Soma.

Daquele que está ao lado de Viṣṇu.[13]
11. Que Pūṣan venha, e Bhaga, o Senhor da Riqueza, Todo-Generoso, para o nosso bem;
Largo seja o caminho que leva à felicidade,
12. Aramati[14] e, livre de inimigos, Viśva,[15] com o espírito de um Deus,
E o poder inigualável dos Ādityas.
13. Vendo que Mitra, Aryaman, e Varuṇa estão nos guardando,
Os caminhos da Lei são bons de trilhar.
14. Eu glorifico com canção, por riqueza, Agni o Deus, o primeiro de vocês. Nós honramos como um Amigo bem-amado o Deus que torna prósperos os nossos campos.[16]

15. Como o herói em todas as lutas, igualmente rápido se move o carro daquele a quem os Deuses acompanham.[17] O homem que, sacrificando, se esforça para conquistar o coração das Divindades vencerá aqueles que não adoram.
16. Vocês nunca são feridos, adorador, espremedor de suco, ou homem piedoso.[18] O homem que, sacrificando, se esforça para conquistar o coração das Divindades vencerá aqueles que não adoram.
17. Ninguém em sua ação é igual a ele, ninguém o mantém longe ou afastado. O homem que, sacrificando, se esforça para conquistar o coração das Divindades vencerá aqueles que não adoram.
18. Tal força de heróis será dele, como o domínio de corcéis velozes. O homem que, sacrificando, se esforça para conquistar o coração das Divindades vencerá aqueles que não adoram.

Índice◄►Hino 32 (Griffith)

652 - Hino 32. Indra (Wilson)

(Adhyāya 3. Continuação do Anuvāka 5. Sūkta II)

Indra é o deus; o Ṛṣi é Medhātithi, da família de Kaṇva; a métrica é Gāyatrī.[1]

Varga 1. **1**. Celebrem com canções os grandes feitos de Indra, o bebedor de Soma passado,[2] quando em sua alegria.
2. O (deus) feroz que, libertando as águas, matou Sṛbinda, Anarśani, Pipru, e o escravo[3] Ahīśuva.
3. Perfura o domínio retentor de chuva do vasto Arbuda; realiza, Indra, essa façanha varonil.

[13] De Viṣṇu e seu associado, Indra. – Ludwig. [Muir traduz: 'Nós buscamos por proteção das montanhas, dos rios, e de Viṣṇu que está associado a eles'. – *O. S. Texts,* IV, 91].
[14] O Gênio da Devoção.
[15] Dyaus? – Ludwig. 'Todos os adoradores', segundo Sāyaṇa.
[16] *Kṣetrasādhasam;* Sāyaṇa explica *kṣetra* (o atual hindi *khet*, um campo), como sacrifício: 'o generoso aperfeiçoador do sacrifício'. – Wilson.
[17] ['Impetuosa é a carruagem do homem devoto, e ele é um herói em cada batalha'. – Muir, *O. S. Texts,* V. 20].
[18] ['Tu não perecerás, ó sacrificador, nem tu que ofereces libações, nem tu, ó homem pio'. – *Id.*].

[1] ['Nós seguimos a análise de Oldenberg, pela qual o hino é constituído por tṛcas mais um verso final (30), exceto pelos versos 19-20, que formam um tṛca incompleto, talvez com um verso faltando'. – Jamison-Brereton].
[2] [Ou 'não fresco'. 'Bebida prateada', segundo Jamison; 'impetuoso', qualificando Indra, segundo Griffith. A palavra no texto é *ṛjīṣiṇaḥ*. Em 1.64.12, nota, Müller fala que '*ṛjīṣa* é o que resta da planta-Soma depois que ela foi uma vez espremida, e que é usado novamente para a terceira libação'. Alguns dos significados de *ṛjīṣa* são: 'o que expulsa inimigos', 'o sedimento ou resíduo da planta soma depois que o suco foi espremido', 'o suco produzido pela terceira espremedura da planta', 'uma frigideira'. – Monier-Williams].
[3] Sāyaṇa faz de Dāsa outro nome próprio.

4. Eu invoco o vitorioso Indra de belo queixo por sua proteção, e para ouvir (os seus louvores), como (um viajante invoca) a água da nuvem.[4]
5. Alegrado pelas doses de Soma,[5] tu, herói, escancaras os pastos de gado e cavalos como uma cidade (hostil).
Varga 2. **6**. Se tu és propiciado por minha libação e louvor, e concedes alimentos (a mim), vem de longe com iguarias.

7. Indra, que és satisfeito por louvor, nós somos os teus adoradores; que tu, portanto, que és o bebedor de Soma, sejas generoso conosco.[6]
8. Satisfeito conosco, nos traze alimento não diminuído, Maghavan, pois grande é a tua riqueza.
9. Nos torna, (Indra), possuidores de gado, de ouro, e de cavalos; que nós prosperemos com iguarias abundantes.

10. Nós invocamos Indra, que é digno de ser louvado, cujo braço está estendido para a proteção (do mundo), que age com nobreza para nos defender.[7]
Varga 3. **11**. O matador de Vṛtra, o realizador de cem façanhas em guerra, as realiza para que ele possa ser o dador de muita riqueza para os seus adoradores.
12. Que Śakra nos dê força, que o generoso Indra com todas as proteções seja aquele que supre as nossas carências.[8]

13. Glorifiquem aquele Indra que é o preservador de riquezas, o poderoso, o que leva para além (da calamidade),[9] o amigo do ofertante da libação;
14. A ele que se aproxima, o poderoso, o firme em batalhas, o adquirente de fama,[10] o senhor de vastas riquezas através de sua bravura.
15. Ninguém põe um limite em seus feitos gloriosos, ninguém afirma que ele não é generoso.

Varga 4. **16**. Em verdade não têm nenhuma dívida (com os deuses) aqueles Brahmans que oferecem libações;[11] o Soma não é bebido sem o gasto de (riqueza) ilimitada.[12]
17. Cantem louvores ao adorável (Indra), repitam preces para o adorável (Indra), dirijam hinos ao adorável (Indra).
18. O poderoso Indra, o vencedor de centenas e milhares, não contido (por inimigos), é adorável; ele que é o benfeitor do sacrificador.

19. Indra, que deves ser invocado pelos homens, vem para as suas iguarias oferecidas, bebe das libações (deles).
20. Bebe do (Soma) obtido pela vaca leiteira, aquele (Soma), que é misturado com água, aquele que, Indra, é especialmente teu.

Varga 5. **21**. Indra, passa pelo homem que oferece a libação com raiva, por aquele que a derrama sobre um local desaprovado; bebe este Soma oferecido.[13]

---

[4] *Tūrṇāśaṃ na girer adhi.* Sāyaṇa cita Yāska 5.16 para *tūrṇāśa* significando *udaka*. Ele explica o sentido: como um homem no tempo quente chama pela água da nuvem.
[5] Sāyaṇa explica *somyebhyaḥ* por *somarhebhyaḥ*, isto é, alegrado tu escancaras para aqueles dignos do Soma ou para os dignos ofertantes de Soma.
[6] *Sāma-Veda,* I.230 (1.3.1.4.8).
[7] *Ibid*. I.217 (1.3.1.3.4).
[8] *Antarābharaḥ* é explicado como aquele que preenche ou cobre falhas.
[9] *Supāra* é mais frequentemente explicado como 'propenso a ser trazido pelo louvor'.
[10] *Śravojitam* também pode significar 'o ganhador de riqueza ou de alimento'.
[11] Um texto é citado no sentido de que 'aquele que tem um filho, ou é casto, é livre de dívidas', isto é, com os deuses e os manes.
[12] *Apratā* é explicado como *avistīrṇadhanena*, que significaria 'por alguém que não tem riqueza abundante'.
[13] *Sāma-Veda*, I.223 (1.3.1.4.1, mas com algumas variações).

22. Indra, que notas os nossos louvores, avança em três direções de uma distância,[14] passa para além das cinco ordens de seres.
23. Como o sol espalha os seus raios, que tu espalhes (riquezas sobre mim); que os meus louvores te atraiam rapidamente, como as águas (alcançam) o terreno baixo.

24. Adhvaryu, despeja rapidamente o Soma para o herói Indra de belas mandíbulas; traze o Soma para que ele beba;
25. Que partiu a nuvem para (a emissão de) chuva, que enviou as águas, que colocou o (leite) maduro no gado.
Varga 6. **26**. O brilhante[15] Indra matou Vṛtra, Aurṇavābha, Ahīśuva; ele golpeou Arbuda com geada.[16]

27. Cantem alto (sacerdotes) para o feroz, vitorioso (Indra), o dominador, o subjugador (de inimigos), o louvor inspirado pelos deuses;
28. Indra, que, na euforia do Soma bebido, dá a conhecer entre os deuses todos os ritos piedosos.
29. Que aqueles dois corcéis de crina dourada, juntos exultantes, o tragam aqui para o saudável alimento (sacrifical).

30. Indra, o glorificado por muitos, que os teus cavalos, louvados por Priyamedha, te tragam para beber o Soma.

Índice◄►Hino 33 (Wilson)

---

652 - Hino 32. Indra (Griffith)

1. Kaṇvas, narrem com música as obras de Indra, o Impetuoso,[17]
Feitas na alegria selvagem do Soma.
2. Deus Forte, ele matou Anarśani, Sṛbinda, Pipru, e o demônio,[18]
Ahīśuva, e soltou as águas.
3. Tu derrubaste a morada, o cume do imponente Arbuda.[19]
Essa façanha, Indra, deve ser famosa.

4. Audaz, para o seu famoso Soma eu chamo o Deus de bela viseira em busca de auxílio,
Para baixo como uma torrente da colina.[20]
5. Regozijando-te com as doses de Soma, Herói, escancara, como um forte,
A baia dos cavalos e o estábulo das vacas.
6. Se a minha libação alegra, se tu sentes prazer com o meu louvor,
Vem de longe com tua Divindade.

7. Ó Indra, Amante de Música, os cantores do teu louvor somos nós;
Ó bebedor de Soma, nos vivifica.
8. E, alegrando-te conosco, nos traze alimento inesgotável;
Grande é a tua riqueza, ó Maghavan.

---

[14] Isto é, vem a nós de frente, de trás, e dos lados.
[15] Para *ṛcīṣama*, veja 6.46.4, nota.
[16] [Veja a nota 29].
[17] *Ṛjīṣiṇaḥ;* 'o bebedor de Soma passado'. – Wilson. [Veja a nota 2].
[18] O Dāsa, ou o selvagem. Todos os nomes são nomes de demônios da seca, dos quais Pipru foi mencionado frequentemente nos Livros anteriores.
[19] Veja 1.51.6; 2.11.20; 2.14.4.
[20] 'Como (um viajante invoca) a água da nuvem'. – Wilson.

9. Faze-nos ricos em rebanhos de vacas, em corcéis, em ouro; que exerçamos
A nossa força em presentes sacrificais.

10. Vamos chamar para ajudar aquele cujas mãos se estendem longe, a quem grande louvor é devido. Que trabalha bem para nos socorrer.
11. Ele, Śatakratu,[21] mesmo em luta age como matador de Vṛtra continuamente;
Ele dá muita riqueza aos seus adoradores.
12. Que ele, este Śakra,[22] nos fortaleça, o Deus das Bênçãos que satisfaz as nossas necessidades, Indra, com todos os seus auxílios salvadores.

13. Para ele, o poderoso rio de riqueza, o Amigo salvador daquele que espreme Soma,
Para Indra cantem a sua canção de louvor;
14. Que traz o que é grandioso e firme, que ganha glória em suas guerras,
Senhor de vasta prosperidade através de força e poder.
15. Não vive ninguém para deter ou parar suas energias e atos benevolentes;
Ninguém que possa dizer, Ele não dá.

16. Nenhum débito é devido pelos Brahmans agora, pelos homens ativos que espremem o suco; cada dose de Soma foi bem paga.[23]
17. Cantem para ele que deve ser louvado, profiram louvores para ele que deve ser louvado, tragam prece a ele que deve ser louvado.
18. Que ele, irreprimível, forte, digno de louvor, traga centenas, milhares[24] à luz,
Indra que ajuda o adorador.

19. Vai com a tua natureza Divina, vai para onde o povo está te chamando;
Bebe, Indra, das gotas que nós derramamos.
20. Bebe as doses leitosas que são tuas, esta também que estava com Tugrya[25] uma vez,
É esta, Indra, que é tua.

21. Passa por aquele que derrama libações de modo irritado ou depois do pecado;
Aqui bebe o suco que te oferecemos.
22. Sobre as três grandes distâncias,[26] para além dos Cinco Povos segue o teu caminho,
Ó Indra, notando a nossa voz.[27]
23. Envia o teu raio como Sūrya; que as minhas canções te atraiam para cá,
Como as águas se reunindo em direção ao vale.

24. Agora para o Herói de belo rosto, Adhvaryu, despeja o Soma;
Traze o suco para que ele possa beber,
25. Que partiu a nuvem de água em duas, soltou os rios para o seu fluxo descendente,
E colocou o leite maduro nas vacas.
26. Ele, digno de louvor, matou Vṛtra, matou Ahīśuva, o filho de Ūrṇavābha,[28]
E perfurou Arbuda com geada.[29]

---

[21] O Senhor dos Cem Poderes.
[22] O Poderoso.
[23] Os Brahmans ou adoradores, por oferecerem libações, cumpriram as suas obrigações para com os Deuses, e os Deuses lhes retribuíram, ou logo lhes retribuirão por suas oferendas. [Muir lê: 'O Soma não foi bebido sem um equivalente'].
[24] Incontáveis tesouros para nós desfrutarmos.
[25] Semelhante àquela que o teu favorito Bhujyu [o filho de Tugra] antigamente te oferecia.
[26] O espaço à tua frente, atrás de ti, e ao teu lado. ['Indra não deve passar *sobre* os três reinos, mas *através* deles em seu caminho até nós. É somente sobre os (outros) povos que ele deve passar'. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[27] Ouvindo e atendendo às nossas invocações. Vem a nós que somos os teus verdadeiros adoradores, e passa pelos outros que te adoram na esperança de se vingar de seus inimigos ou de obter perdão por algum pecado.
[28] Um demônio da seca. Veja 2.11.18.
[29] Fazendo do frio penetrante do inverno sua arma. ['Arbuda é um inimigo conhecido de Indra, mas esse episódio com a neve como a arma é desconhecido'. – Jamison].

27. Para ele o seu Poderoso incomparável, Conquistador insuperável,
Cantem a prece que os Deuses deram;
28. Indra, que na alegria selvagem do suco Soma suco considera aqui
Todas as Leis Sagradas entre os Deuses.
29. Para cá que esses teus Baios que compartilham do teu banquete, Corcéis de crinas douradas, te tragam para o banquete preparado.

30. Para cá, ó tu a quem muitos louvam, os Baios que Priyamedha louvou,
Trá-lo-ão para a dose de Soma.

Índice◄►Hino 33 (Griffith)

---

653 - Hino 33. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

O deus como antes; o Ṛṣi é Medhyātithi; a métrica do décimo sexto e dois versos seguintes é Gāyatrī, do último, Anuṣṭubh, do resto, Bṛhatī.

Varga 7. **1**. Nós estamos derramando para ti o suco Soma como água; os louvadores, espalhando a grama sagrada cortada, te adoram, matador de Vṛtra, nos jorros (que caem) do filtro.[1]
2. Os líderes (de ritos), repetindo louvores, gritam para ti, Vasu, quando a libação sai; quando, Indra, berrando como um touro, tu virás para a residência, sedento por Soma?[2]
3. Resoluto (Indra), concede abundantemente aos descendentes de Kaṇva milhares de iguarias; sábio Maghavan, nós fervorosamente te pedimos por (riqueza) de ouro[3] e gado.

4. Bebe, Medhyātithi, e na alegria da dose canta para Indra, para ele que atrelou seus cavalos, que, quando o Soma é despejado, está presente, o manejador do raio, cuja carruagem é de ouro.[4]
5. Ele que tem mãos boas, esquerda e direita, que é o Senhor, que é sábio, o realizador de inúmeros atos grandiosos, o que dá vasta riqueza, Indra, que é o demolidor de cidades, que é satisfeito por louvor, é glorificado (por nós).
Varga 8. **6**. Ele que é o subjugador (de inimigos), o irresistível, hábil em combates, possuidor de vasta riqueza, o demandante de libação,[5], o louvado por muitos, que por seus atos (de generosidade) é como uma vaca leiteira para o (adorador) competente.

7. Quem conhece a ele que bebe com (os sacerdotes) quando o Soma é vertido? De qual alimento ele tem compartilhado? Ele, o de queixo belo, que, alegrado pela bebida (sacrifical), destrói cidades com seu poder.[6]
8. Como um elefante selvagem emitindo os orvalhos da paixão, ele manifesta a sua alegria em muitos lugares; ninguém te detém (Indra), vem para a libação; tu és poderoso, e vais (a todos os lugares) pela tua força.[7]

---

[1] *Sāma-Veda,* II.215 (1.3.2.2.9; 2.2.2.12.1).
[2] *Ibid*. II.216 (2.2.2.12.2, mas com *gamat* em lugar de *gamaḥ).*
[3] *Piśaṅga-rūpam,* 'de cor fulva', é deixado sem explicação pelo Comentário. *Sāma-Veda*, II.217 (2.2.2.12.3).
[4] *Sāma-Veda*, I.289 (1.3.2.5.), mas a leitura difere em alguns aspectos.
[5] *Cyavana* é, literalmente, aquele que faz cair ou fluir, isto é, o Soma.
[6] *Sāma-Veda*, I.297 (1.4.1.1.5; 2.8.2.15.1).
[7] *Ibid*. II.1047 (2.8.2.15.2).

9. Ele que é feroz, inamovível (por inimigos) e firme, prontamente equipado para a batalha, – se Maghavan ouvir a invocação de seu adorador, ele não irá para longe (de nós), mas virá para cá.[8]

10. Realmente (Indra), dessa forma tu és o derramador (de benefícios), trazido até nós por (cavalos) vigorosos, não detido (por inimigos); feroz (Indra), tu és celebrado como um derramador (de benefícios), quando longe; tu és celebrado como um derramador (de benefícios), quando perto.[9]

Varga 9. **11**. Derramadoras (de benefícios) são as tuas rédeas, assim também é o teu chicote dourado; o teu carro, Maghavan, é um derramador (de benefícios), assim são os teus dois cavalos; e tu, também, Śatakratu, és o derramador (de benefícios).

12. Derramador (de benefícios), que o oferecedor da libação para ti despeje o Soma como um derramador; (Indra) que segue reto, traze (riqueza para nós); o que detém os teus cavalos, o derramador (da oblação) preparou o abundante Soma para ser misturado com as águas para ti.

13. Vem, poderosíssimo Indra, para beber da ambrosia de Soma, (pois, sem vir,) este Maghavan, o realizador de muitas façanhas, não ouve os nossos louvores, nossos cânticos, nossos hinos.

14. Śatakratu, matador de Vṛtra, que os teus cavalos, unidos ao teu carro, te tragam, o Senhor, andando em tua carruagem, (para os nossos sacrifícios), evitando aqueles sacrifícios (oferecidos) por outros.

15. O maior dos maiores, brilhante bebedor de Soma, aceita hoje este nosso presente louvor; que os nossos sacrifícios sejam os mais bem-sucedidos em excitar a tua alegria.

Varga 10. **16**. O herói (Indra) que (sempre) nos guiou não se deleita em teu castigo, nem no meu, nem no de nenhum outro.[10]

17. Realmente Indra disse que a mente de uma mulher não deve ser controlada, ele também declarou que o intelecto dela era pequeno.[11]

18. Os dois cavalos de Indra, acelerando para a alegria (do Soma), puxam a carruagem dele; a lança do derramador repousa sobre eles.

19. Lança os teus olhos (filho de Playoga) para baixo, não para cima; mantém os teus pés bem juntos; não deixes (que os homens) vejam os teus tornozelos, por teres sido um brâmane que te tornaste uma mulher.[12]

Índice◄►Hino 34 (Wilson)

[8] *Ibid*. II.1048 (2.8.2.15.3).

[9] *Ibid*. I.263 (1.3.2.3.1, mas com *avitā* em lugar de *avṛtaḥ)*. O usual abuso de *vṛṣan* ocorre nesse e nos dois versos seguintes.

[10] *Śāstra* é explicado como *śāsana*, governar ou punir. O escoliasta evidentemente o toma no último sentido, porque acrescenta: ele, Indra, se alegra apenas proteger ou preservar.

[11] De acordo com o comentário, isso diz respeito a uma lenda que Āsaṅga, filho de Playoga, o patrono do Ṛṣi, foi transformado em uma mulher: ["O Ṛṣi do trigésimo verso e dos três seguintes [do primeiro hino desse Maṇḍala] é Āsaṅga, o filho de Playoga, que, tendo sido transformado em uma mulher pela maldição dos deuses, recuperou sua masculinidade pelo arrependimento e pela graça de Medhātithi para quem ele deu, por causa disso, riqueza abundante, e a quem ele se dirige em louvor à sua doação". – Wilson, Introdução ao Hino 1 deste Livro].

[12] Supõe-se que Indra disse isso a Āsaṅga como uma mulher. [A *Bṛhaddevatā* fala sobre esse verso: "Em 'para baixo' *(adhaḥ:* 8.33.19) uma moça se dirigiu a Indra (que apareceu) com as características de uma mulher*; pois o castigador de Pāka (Indra) fez amor com aquela moça Dānava**, a irmã mais velha de Vyaṃsa, em razão do desejo juvenil dele (de Indra)***.

* Ou seja, essa estrofe é dirigida por uma Dānavī a Indra que assumiu a forma de uma mulher. De acordo com Sāyaṇa em 8.33.19 essa estrofe é dirigida a Āsaṅga Plāyogi quando ele era uma mulher.

** E havia assumido o disfarce de uma mulher porque Vyaṃsa era seu inimigo.

***[Ou] por causa do seu desejo (de Vyaṃsa) de matar (Indra), ou, possivelmente, por causa de seu desejo (de Indra) de matar (Vyaṃsa); ele fazer amor com a irmã dele sendo, nesse caso, um ardil". – *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, p. 230].

---

653 - Hino 33. Indra (Griffith)

1. Nós te cercamos como águas, nós cuja grama está cortada e o Soma espremido. Aqui, onde o filtro[13] derrama seu fluxo, os teus adoradores em volta de ti, ó matador de Vṛtra, se sentam.
2. Os homens, Vasu! pelo Soma, com louvores te chamam para o lugar mais importante; Quando tu virás sedento até o suco como lar,[14] ó Indra, como um touro berrando?
3. Corajosamente, Herói corajoso, traze-nos despojos aos milhares por causa dos Kaṇvas. Ó ativo Maghavan, com prece ansiosa nós almejamos o de cor amarela[15] com fartura de vacas.

4. Medhyātithi, canta para Indra, bebe[16] do suco para te alegrar. Muito unido aos teus Corcéis Baios, armado de raio, ao lado do suco ele está: o seu carro é dourado.
5. Ele que é louvado como o de mãos fortes, direita e esquerda, o mais sábio e ousado; Indra que, rico em centenas, reúne milhares, honrado como o quebrador de fortalezas.
6. O de coração valente a quem ninguém provoca, que permanece em confiança barbada;[17] o louvado por muitos, muito glorioso, derrubador de inimigos, forte Auxiliador, como um touro com força.

7. Quem sabe qual poder vital ele ganha, bebendo também o suco que flui? Este é o Deus de bela face que, se alegrando com a dose, derruba os castelos em sua força.
8. Como um elefante selvagem avança, neste e naquele caminho, louco de ardor,[18] ninguém pode te compelir, porém vem aqui para a dose; tu te moves vigoroso em teu poder.
9. Quando ele, o Poderoso, nunca derrotado, firme, preparado para a luta, quando Indra Maghavan ouvir o chamado de seu louvador ele não ficará afastado, mas virá.

10. Sim, de fato, tu és um Touro,[19] com o ímpeto de um touro, que ninguém pode deter; Tu Poderoso, és celebrado como um Touro, famoso como um Touro, longe e perto.
11. As tuas rédeas são verdadeiros touros em força, a força dos touros está no teu chicote dourado.[20] O teu carro, ó Maghavan, os teus Baios são fortes como touros; tu, Śatakratu, és um touro.

---

[13] Ou o coador de lã através do qual o suco Soma é passado para purificá-lo.
[14] Tão familiar para ti quanto o teu próprio lar.
[15] Não há substantivo, mas o ouro deve ser aludido.
[16] ["'Bebe!' é um imperativo que o poeta Medhyātithi não deve estar dirigindo a si mesmo, ao contrário de 'canta'". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[17] Uma paráfrase conjetural. *Śmaśruṣu* (em (sua) barba) é dito por Sāyaṇa significar aqui 'em combates', isto é, talvez, como Ludwig sugere, entre fileiras de homens de pé com lanças. Mas esse não pode ser o significado da palavra que 'é provavelmente uma expressão idiomática para o olhar feroz de um guerreiro que desafia o inimigo'. – Ludwig. Também, no *Edda*, Thor, quando prestes a enfrentar um inimigo, é dito ter 'erguido sua voz de barba'. Veja Grimm, *Teutonic Mythology*, I. 177 (tradução em inglês).
["A expressão *śmáśruṣu śritáḥ* 'encaixado em sua barba' é notável. Ela parece ser uma expressão levemente jocosa, significando, talvez, que Indra tem uma barba espessa tão grande que é como se ele estivesse encaixado nela – alguém a vê antes dele". – Jamison].
[18] Isto é, em *must* [ou *musth,* que é 'Um estado periódico de atividade sexual intensificada e agressão em elefantes machos adultos, caracterizada pela liberação de secreções das glândulas perto dos olhos e do contínuo gotejamento de urina'. – *thefreedictionary.com]*.
[19] *Vṛṣā:* ou forte e poderoso. Como foi observado antes (8.13.31, nota) alguns dos poetas vêdicos se deleitam na repetição dessa palavra e seus derivados.
[20] O relâmpago, com o qual Indra açoita as nuvens, seus cavalos.

12. Que o forte espremedor esprema para ti. Traze aqui,[21] ó Touro de avanço direto. O poderoso faz o poderoso correr[22] em rios correntes para ti a quem os teus Cavalos Baios transportam.

13. Vem, potentíssimo Indra, vem beber o suco Soma saboroso. Maghavan, o muito sábio, rapidamente virá ouvir as canções, a prece, os hinos de louvor.
14. Quando tu subires em teu carro que os teus Cavalos Baios atrelados te tragam, passando pelas libações de outros homens, Senhor dos Cem Poderes, a ti, matador de Vṛtra, a ti nosso Amigo.
15. Ó tu o mais sublime, aceita o nosso louvor como o mais próximo ao teu coração. Que as nossas libações sejam as mais doces para te alegrar, ó bebedor de Soma, Senhor Celestial.

16. Nem no teu decreto, nem no meu, mas no de outro ele se deleita, –
O homem que nos trouxe a isso.[23]
17. O próprio Indra disse: A mente da mulher não tolera disciplina,
Seu intelecto tem pouco peso.
18. O seu par de cavalos, correndo em seu êxtase selvagem, puxa o seu carro;
Erguido no alto é o jugo do garanhão.
19. Baixa os teus olhos e não olhes para cima. Coloca os teus pés mais próximos. Que ninguém veja o que o teu traje vela, porque tu, um brâmame, te tornaste uma dama.

Índice ◄ ► Hino 34 (Griffith)

---

654 - Hino 34. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus como antes; o Ṛṣi é Nīpātithi, o descendente de Kaṇva, exceto nas últimas três estrofes, onde os Ṛṣis são os mil Vasurociṣas, da linhagem de Aṅgiras; a métrica é Anuṣṭubh nos primeiros quinze versos, Gāyatrī nos três últimos.

Varga 11. **1**. Vem, Indra, com teus cavalos para receber o louvor de Kaṇva; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.[1]

---

[21] ['Riqueza para nós'. – Wilson].
[22] O sacerdote faz o suco Soma fluir.
[23] As últimas quatro estrofes do hino não são muito inteligíveis, nem a sua ligação com os versos anteriores é evidente. As estrofes 16-18 parecem ser faladas por uma mulher e a 17 por um homem. É dito que estrofe 19 é dirigida a Indra por Āsaṅga o filho de Playoga que tinha sido transformado em uma mulher pela maldição dos Deuses, e que foi posteriormente restaurado à masculinidade.

[1] Essa linha, que constitui o refrão do hino, é singularmente indistinta, *divo amuṣya śāsato divaṃ yaya divāvaso,* literalmente, do céu daquele governante vão para o céu, ricos em céu. O escoliasta evidentemente fica confuso, em uma interpretação ele altera os casos para *divam amuṣmin (Indre) śāsati,* e acrescenta, *tatra vayam sukham āsmahe,* (quando Indra governa o céu nós vivemos lá alegremente). *Divāvaso* ele interpreta *dīpta-haviṣka.* O plural *yaya* é colocado em lugar do singular *pūjārtham.* Ele dá outra explicação (a que é seguida no texto). Em seu comentário sobre a passagem do *Sāma-Veda*, I.348 (1.4.2.1.7; 2.9.1.16.1), ele considera que *amuṣya* significa *amuṣmāt pṛthivī-lokāt* – deste mundo. Nenhuma delas é muito satisfatória, possivelmente, pretende-se dizer somente que a presença de Indra é necessária no céu, ele deve ser permitido voltar logo após ter compartilhado do Soma no sacrifício na terra. (Benfey toma *divam* pelo recipiente de Soma, *dyulokākhyadroṇakalaśa*, e considera a linha como dirigida a Indra e seus cavalos).

2. Que a pedra de moer, que produz o suco Soma enquanto profere um som, te traga para cá com o barulho; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.[2]
3. A circunferência destas (pedras) agita (a [planta] Soma) neste (rito), como um lobo (apavora) uma ovelha; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.[3]

4. Os Kaṇvas te invocam aqui por proteção e por alimento; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.
5. Eu faço oferenda a ti das libações quando a primeira bebida é apresentada ao derramador;[4] que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.
Varga 12. **6**. (Indra) mestre da família do céu, vem a nós; que tu, que és o sustentador do universo, (venhas) para nos proteger; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.

7. Sagaz (Indra) concessor de inúmeras proteções, dador de riqueza infinita, vem a nós; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.
8. Que (Agni) o invocador, adorável entre os deuses, o benfeitor do homem,[5] te traga para cá; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.
9. Que os teus dois corcéis, que humilham o orgulho (dos inimigos), te tragam como as duas asas (dele trazem juntas) o falcão; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.

10. Vem, Senhor, de qualquer direção, para beber o Soma oferecido com Svāhā; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.
Varga 13. **11**. Vem ouvir os nossos louvores quando eles estão sendo recitados, dá-nos deleite; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.
12. Indra, que és possuidor de cavalos bem cuidados, vem a nós com (teus) corcéis bem alimentados e de aspecto semelhante; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.

13. Vem das montanhas, de cima da região do firmamento; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.
14. Concede a nós, herói, milhares de rebanhos de gado e cavalos; que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.
15. Traze para nós, aos milhares, dezenas de milhares e centenas (de coisas boas); que vocês, que regem o céu além, radiantes com oblações, retornem para lá.

16. Nós, os mil Vasurociṣas, e Indra (nosso líder), quando recebemos tropas vigorosas de cavalos, –
17. Tais como os que andam corretamente, velozes como o vento, de cor radiante, de pés ligeiros e que brilham como o sol,
18. Então, (tendo recebido) os cavalos, ligados à carruagem de rodas giratórias, dados de longe,[6] nós partimos para o meio da floresta.

Índice◄►Hino 35 (Wilson)

---

[2] *Sāma-Veda,* II.1159 (2.9.1.16.3).
[3] *Sāma-Veda,* II.1158 (2.9.1.16.2).
[4] *Vṛṣṇe*, que o comentador explica como Vāyu. (Compare com o *Aitareya Brāhmaṇa,* 2.25 [cap. 4, p. 127 da tradução por Martin Haug, de 1863]).
[5] Sāyaṇa aqui explica *manur-hitaḥ* como 'colocado pelos homens em suas casas', mas ele admite o significado do texto em seu comentário sobre 1.106.5.
[6] *Pārāvatasya rātiṣu.* Pārāvata provavelmente é o nome de um rei: 'os presentes de Pārāvata'.

654 - Hino 34. Indra (Griffith)

1. Vem, Indra, com os teus Baios, vem para o louvor de Kaṇva.
Vocês pelo comando daquele Dyaus, Deus brilhante de dia! foram para o céu.[7]
2. Que a pedra te atraia conforme ela fala, a pedra de Soma com voz ecoante.
Vocês pelo comando daquele Dyaus, etc.
3. A borda das pedras agita a Soma aqui como um lobo sacudindo uma ovelha.[8]
Vocês, etc.

4. Os Kaṇvas te chamam aqui por auxílio e para ganhar o despojo.
Vocês, etc.
5. Eu coloco para ti, como para o Forte, a primeira dose dos sucos derramados.
6. Vem com bênçãos abundantes, vem com cuidado perfeito para nos socorrer.

7. Vem, Senhor do pensamento elevado, que tens riqueza infinita e inúmeras ajudas.
8. Adorável em meio aos Deuses, o Sacerdote bom para a humanidade[9] te trará para perto.
9. Como as asas o falcão, assim os teus Baios correndo em alegria te transportarão.

10. Vem do inimigo para nós, para Svāhā[10] e a dose de Soma.
11. Vem aqui com teu ouvido disposto a ouvir, alegra-te com os nossos louvores.
12. Senhor dos Cavalos bem nutridos, vem com Corcéis bem alimentados iguais em cor.

13. Vem das montanhas, vem das regiões do oceano de ar.
14. Revela para nós, ó Herói, riqueza em milhares de vacas e cavalos.
15. Traze riquezas aqui para nós às centenas, milhares, miríades.
Vocês pelo comando daquele Dyaus, Deus brilhante de dia! foram para o céu.

16.[11] Os mil corcéis, a tropa mais poderosa, que nós e Indra recebemos
De Vasurocis[12] como um presente,
17. Os marrons que competem com o vento em velocidade e brilhantes corcéis baios de pés ligeiros, como sóis, resplandecentes são todos eles.
18. Em meio aos ricos presentes de Pārāvata,[13] cavalos velozes cujas rodas correm rapidamente, eu parecia estar em meio a um bosque.

Índice◄►Hino 35 (Griffith)

---

[7] O sentido exato da segunda linha, que é o refrão das primeiras quinze estrofes, é obscuro. 'Vocês' provavelmente significa os cavalos de Indra, 'o Deus brilhante de dia!' *(divāvaso)* o próprio Indra; isto é, vocês, cavalos, e tu, Indra, foram para o céu. O comentador oferece duas explicações diferentes, em um caso alterando ousadamente duas palavras do texto. Veja a tradução de Wilson, nota 1.
[8] ['(A pedra rasga a planta Soma) como o lobo dilacera a ovelha'. – Müller, *Chips,* II. 173].
[9] Ou o Sacerdote Invocador, Invocador ou Arauto estabelecido por Manu, isto é, Agni.
[10] Uma exclamação usada em sacrifícios, Ave! ou Salve!'
[11] [Sobre esse último tṛca o *Ṛgvidhāna* fala: 'Tendo proferido o texto composto de três estrofes (e que começa com) 'quando', tendo se banhado e reverenciado o destruidor de castelos, alguém realizará os desejos surgidos da própria mente (contanto que ele) tenha (também) honrado os Vasurocis'. – 2.31.5, tradução de Gonda, 1951].
[12] *Vasurociṣaḥ* é provavelmente o ablativo singular, e não o nominativo plural, do nome do instituidor do sacrifício. Wilson, seguindo Sāyaṇa, traduz: 'Nós, os mil Vasurociṣas, e Indra (nosso líder), quando recebemos tropas vigorosas de cavalos – '.
[13] O Pārāvata é Vasurocis. Os Pārāvatas provavelmente são os Paroyetai de Ptolomeu, que estavam estabelecidos ao norte de Aracósia. – Ludwig.

655 - Hino 35. Aśvins (Wilson)

(Sūkta V)[1]

Os deuses são os Aśvins; o Ṛṣi é Śyāvāśva, da família de Atri; a métrica dos primeiros vinte e um versos é Upariṣṭājjyotis, do vigésimo segundo e vigésimo quarto Paṅkti, e do vigésimo terceiro Mahābṛhatī.

Varga 14. **1**. Associados com Agni, com Indra, com Varuṇa, com Viṣṇu, com os Ādityas, os Rudras e os Vasus, e unidos com a Aurora e com Sūrya, bebam, Aśvins, o Soma.
2. Poderosos (Aśvins), associados com todas as inteligências, com todos os seres, com o céu, com a terra, com as montanhas, unidos com a Aurora e com Sūrya, bebam, Aśvins, o Soma.
3. Associados com todos os três vezes onze deuses nesta cerimônia, com as águas, com os Maruts, com os Bhṛgus, unidos com a Aurora e com Sūrya, bebam, Aśvins, o Soma.

4. Sejam satisfeitos pelo sacrifício; ouçam a minha invocação; reconheçam, deuses, todas as oferendas nesta cerimônia; unidos com a Aurora e com Sūrya, nos tragam, Aśvins, alimento.
5. Sejam satisfeitos pelo nosso louvor como jovens são encantados (pelas vozes) de donzelas; reconheçam, deuses, todas as oferendas nesta cerimônia; unidos com a Aurora e com Sūrya, nos tragam, Aśvins, alimento.
6. Sejam satisfeitos, deuses, pelos nossos louvores, sejam satisfeitos pelo sacrifício, reconheçam, deuses, todas as oferendas nesta cerimônia; unidos com a Aurora e com Sūrya, nos tragam, Aśvins, alimento.

Varga 15. **7**. Vocês descem sobre o Soma derramado como o Hāridrava[2] mergulha na água; vocês caem sobre ele como dois búfalos (mergulhando em uma lagoa); unidos com a Aurora e com Sūrya, venham, Aśvins, pelo caminho triplo.[3]
8. Como dois gansos, como dois viajantes, como dois búfalos (correm para a água), vocês descem, Aśvins, sobre o Soma derramado; unidos com a Aurora e com Sūrya, venham, Aśvins, pelo caminho triplo.
9. Vocês se precipitam como dois falcões em direção ao ofertante da libação, vocês descem sobre o Soma derramado como dois búfalos (correm para a água); unidos com a Aurora e com Sūrya, venham, Aśvins, pelo caminho triplo.

10. Bebam, Aśvins, o Soma, e saciem-se; venham aqui; deem-nos progênie; deem-nos riqueza; unidos com a Aurora e com Sūrya, deem-nos, Aśvins, força.
11. Conquistem (Aśvins) seus inimigos; protejam e louvem (o adorador), concedam progênie, deem riqueza, e, unidos com a Aurora e com Sūrya, deem-nos, Aśvins, força.
12. Destruam seus inimigos, se dirijam aos seus amigos, concedam progênie, deem riqueza, e, unidos com a Aurora e com Sūrya, deem-nos, Aśvins, força.

---

[1] ['Os próximos quatro hinos (8.35-38) são atribuídos a Śyāvāśva Ātreya, cujo ciclo-Marut no Maṇḍala 5 (52-61) é uma das glórias daquele livro fascinante, e que é também o compositor de um único hino do Soma Maṇḍala (9.32)'. – Jamison-Brereton, *The Rigveda, The Earliest Religious Poetry of India]*.
[Sobre esse Hino o *Ṛgvidhāna*, 2.32.2, diz: "Todos os dias de manhã cedo se deve, estando puro, murmurar o Sūkta dedicado aos Aśvins, que (começa com) 'Com Agni', e composto de vinte e quatro estrofes, (e ao fazer isso se deve), rigoroso em cumprir os próprios votos religiosos, reverenciar os Nāsatyas". – Tradução de Gonda].
[O *pāda* c de cada verso 'unidos com a Aurora e com Sūrya' é repetido até o verso 21. E cada *tṛca* tem seu próprio refrão. Veja a nota 9].
[2] O comentador em uma passagem anterior (veja 1.50.12) faz de Hāridrava uma árvore; aqui é uma ave de cor amarela, provavelmente.
[3] *Trir vartir yātam,* 'as três cerimônias diárias'. (Ou, 'venham três vezes à nossa casa').

Varga 16. **13**. Associados com Mitra e Varuṇa, com Dharma, com os Maruts, se dirijam à invocação do adorador; dirijam-se (até ele), Aśvins, unidos com a Aurora, com Sūrya e com os Ādityas.
14. Associados com os Aṅgirases, com Viṣṇu, com os Maruts, vão à invocação do adorador; dirijam-se (até ele), Aśvins, unidos com a Aurora, com Sūrya e com os Ādityas.
15. Associados aos Ṛbhus, e aos Maruts, vão, derramadores (de benefícios), distribuidores de alimentos, à invocação do adorador; vão (até ele), Aśvins, unidos com a Aurora, com Sūrya e com os Ādityas.

16. Sejam propícios à prece,[4] sejam propícios aos ritos sagrados, matem os Rākṣasas, remedeiem as doenças; unidos com a Aurora e com Sūrya, (bebam), Aśvins, o Soma do ofertante.
17. Sejam propícios ao forte,[5] sejam propícios aos homens, matem os Rākṣasas, remedeiem as doenças; unidos com a Aurora e com Sūrya, (bebam), Aśvins, o Soma do ofertante.
18. Sejam propícios às vacas, sejam propícios ao povo,[6] matem os Rākṣasas, remedeiem as doenças; unidos com a Aurora e com Sūrya, (bebam), Aśvins, o Soma do ofertante.

Varga 17. **19**. Humilhadores do orgulho (de seus inimigos), aceitem o louvor sincero de Śyāvāśva que oferece libações como (vocês aceitaram) aquele de Atri, e, unidos com a Aurora e com Sūrya, (bebam), Aśvins, (o Soma) preparado no dia anterior.[7]
20. Humilhadores do orgulho (de seus inimigos), aceitem os louvores sinceros de Śyāvāśva que lhes oferece libações como se vocês estivessem aceitando oblações; e, unidos com a Aurora e com Sūrya, (bebam), Aśvins, (o Soma) preparado no dia anterior.
21. Humilhadores do orgulho (de seus inimigos), peguem os sacrifícios de Śyāvāśva que oferece libações como vocês agarram suas rédeas, e unidos com a Aurora e com Sūrya, (bebam), Aśvins, (o Soma) preparado no dia anterior.

22. Dirijam sua carruagem para baixo, bebam o néctar de Soma; venham, Aśvins, venham (aqui); desejoso de sua proteção, eu os invoco; deem riquezas preciosas ao doador da oferenda.
23. Venham, líderes de ritos, quando o sacrifício, no qual a sua adoração é recitada, é iniciado, para beber o Soma oferecido por mim;[8] venham, Aśvins, venham (aqui); desejoso de proteção, eu os invoco; deem riquezas preciosas ao doador da oferenda.
24. Divinos (Aśvins), compartilhem até a saciedade da bebida sacrifical, consagrada com a exclamação Svāhā; venham, Aśvins, venham (aqui); desejoso de proteção, eu os invoco; deem riquezas preciosas ao doador da oferenda.

Índice◄►Hino 36 (Wilson)

---

[4] *Brahma jinvatam.* O comentador interpreta o substantivo por *brâmane*.
[5] *Kṣatraṃ jinvatam uta jinvataṃ nṝn.* O primeiro é explicado como *kṣatriyam*, o segundo *yoddhṝn*, 'guerreiros'.
[6] *Viśaḥ*, pelo qual Sāyaṇa compreende os *vaiśyas*.
[7] *Tiro ahnyam,* de acordo com o comentador, é o Soma preparado no dia anterior, e bebido de manhã cedo, na adoração dos Aśvins; compare com 1.45.10, nota.
[8] Sāyaṇa aqui considera *vivakṣaṇasya* como um epíteto do orador, ou seja, 'na adoração iniciada por mim o ofertante de libações'; em outros lugares, como em 8.21.5, ele toma a palavra como um epíteto de Soma, 'o concessor de céu'.

655 - Hino 35. Aśvins (Griffith)

1. Com Agni e com Indra, Viṣṇu, Varuṇa, com os Ādityas, Rudras, Vasus, estreitamente ligados; concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, ó Aśvins, bebam o suco Soma.[9]
2. Com todos os Pensamentos Santos, todos estando, Poderosos! em estreita aliança com as Montanhas, o Céu e a Terra; concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, ó Aśvins, bebam o suco Soma.
3. Com todas as Divindades, três vezes onze, aqui, em estreita aliança com os Maruts, Bhṛgus, Águas; concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, ó Aśvins, bebam o suco Soma.

4. Aceitem o sacrifício, atendam este meu chamado; se aproximem, ó Dois Deuses, de todas as libações aqui. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, ó Aśvins, nos tragam alimento fortalecedor.
5. Aceitem a nossa canção de louvor como um jovem[10] aceita uma donzela. Aproximem-se, ó Dois Deuses, de todas as libações aqui. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, ó Aśvins, nos tragam alimento fortalecedor.
6. Aceitem as canções que cantamos, aceitem o rito solene. Aproximem-se, ó Dois Deuses, de todas as libações aqui. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, ó Aśvins, nos tragam alimento fortalecedor.

7. Vocês voam como os estorninhos voam para as árvores da floresta; como búfalos vocês procuram o Soma que nós derramamos. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, venham três vezes, ó Aśvins, à nossa casa.
8. Vocês voam como cisnes, como aqueles que viajam em seu caminho; como búfalos vocês procuram o Soma que derramamos.[11] Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, venham três vezes, ó Aśvins, à nossa casa.
9. Vocês voam para a nossa oblação como um par de falcões; como búfalos vocês procuram o Soma que derramamos. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, venham três vezes, ó Aśvins, à nossa casa.

10. Venham para cá e bebam e se satisfaçam, concedam-nos progênie e prosperidade. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, ó Aśvins, deem-nos força vigorosa.
11. Conquistem seus inimigos, nos protejam, louvem seus adoradores, concedam-nos progênie e prosperidade. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, ó Aśvins, deem-nos força vigorosa.
12. Matem os inimigos, animem os homens a quem vocês favorecem; concedam-nos progênie e prosperidade. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, ó Aśvins, deem-nos força vigorosa.

13. Com Mitra, Varuṇa, Dharma,[12] e os Maruts em sua companhia se aproximem ao chamado de seu louvador. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, e com os Ādityas, Aśvins! venham.

---

[9] [Há um 'padrão de repetições neste hino muito repetitivo. O *pāda* c de cada verso [...] exceto os últimos três (22-24) obviamente se refere à participação dos Aśvins no sacrifício do amanhecer'. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[10] Literalmente 'dois jovens'. [Veja a versão de Wilson].
[11] Vocês vêm avidamente para o Soma como *haṃsas* (cisnes, gansos ou flamingos) sedentos, viajantes e búfalos correm para a água.
[12] Direito, Justiça, Lei, Virtude ou Dever personificado.

14. Com Viṣṇu e os Aṅgirases os acompanhando, e com os Maruts venham ao chamado de seu louvador. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, e com os Ādityas, Aśvins! venham.
15. Com Ṛbhus e com Vājas, ó Poderosos, aliados aos Maruts venham ao chamado de seu louvador. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, e com os Ādityas, Aśvins! venham.

16. Deem espírito à nossa prece e animem os nossos pensamentos; matem os Rākṣasas e afastem as doenças. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, o Soma daquele que espreme, Aśvins! bebam.
17. Fortaleçam o Poder Governante,[13] fortaleçam os homens de guerra; matem os Rākṣasas e afastem as doenças. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, o Soma daquele que espreme, Aśvins! bebam.
18. Deem força às vacas leiteiras, deem força às pessoas;[14] matem os Rākṣasas e afastem as doenças. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, o Soma daquele que espreme, Aśvins! bebam.

19. Como vocês ouviram o louvor mais antigo de Atri,[15] assim ouçam Śyāvāśva, espremedor de Soma, vocês que oscilam em alegria. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, bebam o suco, ó Aśvins, de três dias.[16]
20. Promovam como rios correntes os louvores de Śyāvāśva que espreme o Soma, vocês que oscilam em alegria. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, bebam o suco, ó Aśvins, de três dias.
21. Peguem, como vocês agarram as rédeas, os ritos solenes[17] de Śyāvāśva que espreme o Soma, vocês que oscilam em alegria. Concordantes, de uma só mente com Sūrya e com a Aurora, bebam o suco, ó Aśvins, de três dias.

22. Dirijam sua carruagem para cá; bebam o suco saboroso de Soma. Aproximem-se, ó Aśvins, venham a nós; eu os chamo, ansioso pela sua ajuda. Concedam tesouros ao adorador.
23. Quando o sacrifício que conta a nossa reverência começa, Heróis! aproximem-se para beber o suco que jorra, ó Aśvins, venham a nós; eu os chamo, ansioso pela sua ajuda. Concedam tesouros ao adorador.
24. Saciem-se com a bebida consagrada,[18] com o suco vertido, ó Deuses. Aproximem-se, ó Aśvins, venham a nós; eu os chamo, ansioso pela sua ajuda. Concedam tesouros ao adorador.

Índice◄►Hino 36 (Griffith)

---

[13] *Kṣatraṃ*, daí *kṣatriya*, um homem da ordem principesca ou militar.
[14] *Viśas*, daí *vaiśya*, um homem da ordem ou classe mercantil.
[15] Porque ele era o progenitor do Ṛṣi do hino.
[16] ['Envelhecido de um dia para o outro'. – Jamison].
[17] Isto é, as oblações oferecidas lá.
[18] Libações oferecidas com a exclamação sacrifical Svāhā! Ave! ou Salve!

656 - Hino 36. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus é Indra; o Ṛṣi como antes; os primeiros seis versos estão na métrica Śakvarī, o sétimo na Mahāpaṅkti.

Varga 18. **1**. Tu és o protetor do derramador da libação, do espalhador da erva sagrada cortada; bebe com alegria, Śatakratu, o Soma para o teu júbilo, – aquela porção que (os deuses) te atribuíram, Indra, senhor dos virtuosos, que és vitorioso sobre todos os exércitos (hostis), o conquistador de muitos,[1] o subjugador das águas, o líder dos Maruts.[2]

2. Protege o adorador, Maghavan, protege a ti mesmo;[3] bebe com alegria, Śatakratu, o Soma para o teu júbilo, – aquela porção que (os deuses) te atribuíram, Indra, senhor dos virtuosos, que és vitorioso sobre todos os exércitos (hostis), o conquistador de muitos, o subjugador das águas, o líder dos Maruts.

3. Tu, Maghavan, proteges os deuses com alimento (sacrifical), e a ti mesmo pelo teu poder; bebe com alegria, Śatakratu, o Soma para o teu júbilo, – aquela porção que (os deuses) te atribuíram, Indra, senhor dos virtuosos, que és vitorioso sobre todos os exércitos (hostis), o conquistador de muitos, o subjugador das águas, o líder dos Maruts.

4. Tu és o gerador do céu, o gerador da terra; bebe com alegria, Śatakratu, o Soma para o teu júbilo, – aquela porção que (os deuses) te atribuíram, Indra, senhor dos virtuosos, que és vitorioso sobre todos os exércitos (hostis), o conquistador de muitos, o subjugador das águas, o líder dos Maruts.

5. Tu és o gerador de cavalos, o gerador de gado; bebe com alegria, Śatakratu, o Soma para o teu júbilo, – aquela porção que (os deuses) te atribuíram, Indra, senhor dos virtuosos, que és vitorioso sobre todos os exércitos (hostis), o conquistador de muitos, o subjugador das águas, o líder dos Maruts.

6. Manejador do raio, reverencia o louvor dos Atris; bebe com alegria, Śatakratu, o Soma para o teu júbilo, – aquela porção que (os deuses) te atribuíram, Indra, senhor dos virtuosos, que és vitorioso sobre todos os exércitos (hostis), o conquistador de muitos, o subjugador das águas, o líder dos Maruts.

7. Ouve (os louvores) de Śyāvāśva que oferece as libações, como tu ouviste (aqueles) de Atri envolvido em ritos sagrados; só tu, Indra, defendeste Trasadasyu na batalha, animando as suas preces.

Índice◄►Hino 37 (Wilson)

---

[1] *Uru jrayas.* Sāyaṇa explica *jrayas* aqui como *vega*, mas em 8.6.27 ele alternativamente explicou *urujrayas* como, 'o vasto permeador'. Nós poderíamos traduzir a passagem assim: 'o vitorioso sobre todas as hostes hostis e sobre o vasto espaço'.

[2] [Até o verso 6 só o primeiro pāda de cada verso varia].

[3] [Veja a nota 7].

656 - Hino 36. Indra (Griffith)

1. Tu ajudas aquele cuja grama é cortada, que verte o suco, ó Śatakratu, bebe Soma para te alegrar. A parte que eles fixaram para ti,[4] tu, Indra, Vitorioso sobre todas as hostes e o espaço, cercado[5] pelos Maruts, Senhor dos Heróis, conquistador das torrentes.[6]
2. Maghavan, ajuda o teu adorador, deixa-o te ajudar.[7] O Śatakratu, bebe Soma para te alegrar. A parte que eles fixaram para ti, etc.
3. Tu ajudas os Deuses com alimento,[8] e esse[9] com poder te ajuda,
O Śatakratu, bebe Soma para te alegrar.
4. Criador do céu, criador da terra, ó Śatakratu, bebe Soma para te alegrar.
5. Pai do gado, o pai de todos os corcéis és tu. Ó Śatakratu, bebe Soma para te alegrar.
6. Lançador da pedra, glorifica o hino de louvor dos Atris. Ó Śatakratu, bebe Soma para te alegrar.
7. Ouve Śyāvāśva enquanto ele derrama para ti, como antigamente tu ouvias Atri quando ele fazia seus ritos sagrados. Indra, só tu prestaste ajuda a Trasadasyu[10] na luta feroz com heróis, fortalecendo as preces dele.[11]

Índice◄►Hino 37 (Griffith)

---

657 - Hino 37. Indra (Wilson)

(Sūkta VII)

Deus e Ṛṣi [Śyāvāśva Ātreya] como antes; a métrica do primeiro verso é Atijagatī; do resto Mahāpaṅkti.

Varga 19. **1**. Tu proteges, Indra, senhor dos ritos, com todas as proteções em combates com inimigos, este sacrifício daquele que te oferece as libações;[1] matador de Vṛtra, irrepreensível portador do raio, bebe do Soma na solenidade do meio-dia.[2]
2. Feroz Indra, vencedor de exércitos hostis, senhor dos ritos, (tu proteges) com todas as tuas proteções; matador de Vṛtra, irrepreensível portador do raio, bebe do Soma na solenidade do meio-dia.
3. Tu brilhas como o único soberano deste mundo, Indra, senhor dos ritos, com todas as tuas proteções; matador de Vṛtra, irrepreensível portador do raio, bebe do Soma na solenidade do meio-dia.
4. Só tu, Indra, senhor dos ritos, separas os mundos combinados (céu e terra) com todas as tuas proteções; matador de Vṛtra, irrepreensível portador do raio, bebe do Soma na solenidade do meio-dia.

---

[4] Que todos os Deuses designaram. Esse meio-verso é o refrão das estrofes 1-6.
[5] Ou, 'e amplo espaço, cercado'.
[6] As águas do céu, a chuva.
[7] Segundo Sāyaṇa, 'protege a ti mesmo (por beber o Soma)'. "A relação mútua entre o Deus e seu adorador é expressa, e a tradução 'ajuda a ti mesmo' é ridícula". – Ludwig.
[8] Alimento sacrifical.
[9] Alimento, especialmente na forma de Soma.
[10] Um favorito especial de Indra e dos Aśvins, célebre por suas vitórias e generosidade.
[11] ['*brahmāṇi vardhayan*'].

[1] Sāyaṇa explica *Brahma* por *Brāhmaṇān*, e toma a frase inteira como 'Ó Indra, protege estes brâmanes com todas as tuas proteções em combates com inimigos, (protege) aqueles que te oferecem a libação'.
[2] [Como no hino anterior, até o verso 6 só o primeiro pāda de cada verso varia].

5. Tu, Senhor dos ritos, és soberano sobre a nossa prosperidade e ganhos, com todas as tuas proteções; matador de Vṛtra, irrepreensível portador do raio, bebe do Soma na solenidade do meio-dia.
6. Tu favoreces a força (do mundo); tu proteges com todas as tuas proteções, mas não precisas de nenhum defensor;[3] Indra, senhor dos ritos; matador de Vṛtra, irrepreensível portador do raio, bebe do Soma na solenidade do meio-dia.
7. Ouve os louvores de Śyāvāśva que te louva, como tu ouviste os de Atri engajado em ritos piedosos; só tu protegeste Trasadasyu em batalha, aumentando o seu vigor.[4]

Índice◄►Hino 38 (Wilson)

---

657 - Hino 37. Indra (Griffith)

1. Esta prece,[5] e aqueles que derramaram o suco, em guerras com Vṛtra tu ajudas, Indra, Senhor da Força, com todos os teus auxílios. Ó matador de Vṛtra,[6] da libação derramada ao meio-dia, bebe do suco Soma, ó Trovejante irrepreensível.
2. Tu poderoso Conquistador de armamentos hostis, ó Indra, Senhor da Força, com todo o teu auxílio salvador.
3. Único governante, tu és o Soberano deste mundo de vida, ó Indra, Senhor da Força, com todo o teu auxílio salvador.
4. Só tu separas esses dois mundos consistentes,[7] ó Indra, Senhor da força, com todo o teu auxílio salvador.
5. Tu és o Senhor Supremo do repouso e energia,[8] Indra, Senhor da Força, com todo o teu auxílio salvador.
6. Tu consegues poder[9] para um, e um tu não ajudaste, Indra, Senhor da Força, com todo o teu auxílio salvador.
7. Ouve Śyāvāśva enquanto ele canta para ti, como antigamente tu ouvias Atri quando ele realizava os seus ritos sagrados. Indra, só tu prestaste auxílio a Trasadasyu na luta feroz com heróis, reforçando os seus poderes.[10]

Índice◄►Hino 38 (Griffith)

---

[3] Assim Sāyaṇa considera *na tvam āvitha*. Isso significa 'tu não protegeste'?
[4] ['*kṣatrāṇi vardhayan*'].
[5] ["Embora este hino do duplo conjunto de 8.36-37 seja o domínio das *kṣatrāni,* 'forças senhoriais', ele começa com a *bráhman* [prece], que terminou o último hino e forneceu a sua palavra-chave, também ecoando aquele verso de outras maneiras (*āvitha*, *sunvatáḥ*)". – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[6] Esse meio-verso é repetido como um refrão nas cinco estrofes seguintes.
[7] Não há substantivo no texto, e *lokau* (mundos) é acrescentado por Sāyaṇa.
[8] Ou paz e guerra. 'Prosperidade e ganhos'. – Wilson.
[9] O governo exercido por príncipes.
[10] Repetido do hino anterior com a alteração de duas palavras: *rebhataḥ*, cantando, em vez de *sunvataḥ*, derramando (libações), e *kṣatrāṇi*, poderes (principescos) em vez de *brahmāṇi*, preces, 'como se', observa o Dr. Muir, 'a primeira (*brahmāṇi)* contivesse uma referência às funções do sacerdote, e a última às do príncipe'. – *O. S. Texts*, I. 263.

658 - Hino 38. Indra e Agni (Wilson)

(Sūkta VIII)

Os deuses são Agni e Indra; o Ṛṣi [Śyāvāśva Ātreya] como antes; a métrica é Gāyatrī.

Varga 20. **1**. Indra e Agni, vocês são os ministrantes puros, (encorajadores) em oferendas e ritos sagrados, ouçam (o louvor) deste (seu adorador).
2. Destruidores (de inimigos), que viajam em uma carruagem, matadores de Vṛtra, invencíveis, ouçam, Indra e Agni, (o louvor) deste (seu adorador).
3. Os líderes de ritos têm derramado pelas pedras esta (bebida) doce estimulante para vocês, ouçam, Indra e Agni, (o louvor) deste (seu adorador).[1]

4. Associados em louvor, aceitem o sacrifício; líderes de ritos, Indra e Agni, venham aqui para o Soma derramado para esta solenidade.
5. Aceitem estes sacrifícios pelos quais vocês levam as oblações;[2] líderes de ritos, Indra e Agni, venham aqui.
6. Aceitem este meu louvor sincero, que segue o caminho da Gāyatrī; líderes de ritos, Indra e Agni, venham aqui.

Varga 21. **7**. Ricos com os despojos da vitória, venham, Indra e Agni, para beber o Soma, com as divindades ativas de manhã.
8. Ouçam a invocação, Indra e Agni, de Śyāvāśva que derrama o suco vertido, (e) dos Atris, para beber o Soma.
9. Eu invoco vocês dois, Indra e Agni, como os sábios os invocavam, por sua proteção, (e) para beber o Soma.

10. Eu peço a proteção de Indra e Agni, associados com Sarasvatī,[3] a quem este hino Gāyatrī é dirigido.

Índice◄►Hino 39 (Wilson)

---

658 - Hino 38. Indra-Agni (Griffith)

1. Vocês Dois são Sacerdotes do sacrifício, vencedores em guerra e obras sagradas;
Indra e Agni, notem bem isso.[4]
2. Ó generosos[5] viajantes do carro, ó invictos matadores de Vṛtra;
Indra e Agni, notem bem isso.
3. Os homens com pedras de espremer espremeram este hidromel de vocês que dá deleite, Indra e Agni, notem bem isso.

4. Aceitem o nosso sacrifício por bem-estar, compartilhadores de louvor! o Soma derramado; Indra e Agni, Heróis, venham.
5. Fiquem satisfeitos com essas libações que os atraem para os nossos presentes sagrados; Indra e Agni, Heróis, venham.

---

[1] [Esse tṛca se encontra no] *Sāma-Veda,* 2.4.2.3-5 (2.4.1.10.1-3).
[2] [‘O pāda b é um pouco estranho, porque afirma que tanto Indra quanto Agni carregam oblações. Nesse caso específico podemos atribuir a frase transitiva a uma característica dos hinos de Indra e Agni [...] que a ambos os deuses são creditadas ações ou qualidades adequadas a apenas um deles, e Agni é, naturalmente, o transportador de oblações por excelência’. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[3] Sāyaṇa explica *sarasvatīvatoḥ* como ‘possuidores de louvor’.
[4] ‘Ouçam (o louvor) deste (seu adorador). – Wilson.
[5] *Tośāsā*, segundo Sāyaṇa, ‘destruidores (de inimigos)’. – Wilson.

6. Aceitem este meu louvor cujo modelo é a Gāyatrī;[6]
Indra e Agni, Heróis, venham.

7. Venham com os Deuses que saem cedo,[7] vocês que são senhores de riqueza genuína;
Indra-Agni, para a dose de Soma!
8. Ouçam o chamado dos Atris, ouçam Śyāvāśva quando ele despeja o suco;
Indra-Agni para a dose de Soma!
9. Assim eu os chamei para nos ajudar como sábios os chamavam antigamente;
Indra-Agni para a dose de Soma!

10. A graça de Indra e Agni eu peço, associados de Sarasvatī[8]
Para quem este salmo de louvor é cantado.

Índice◄►Hino 39 (Griffith)

---

659 - Hino 39. Agni (Wilson)

(Sūkta IX)

Agni é o deus; o Ṛṣi é Nābhāka, da linhagem de Kaṇva; a métrica é Mahāpaṅkti.

Varga 22. **1**. Eu glorifico o adorável Agni, (eu convido) Agni com louvor para o sacrifício, que Agni ilumine os deuses com as oblações em nosso sacrifício; o sábio Agni percorre ambos (os mundos, cumprindo a sua função) como mensageiro dos deuses; que todos os nossos adversários pereçam.
2. (Propiciado), Agni, pelo nosso novo louvor, frustra as tentativas hostis desses contra os nossos corpos, consome os inimigos daqueles que são generosos (em ritos sagrados); que todos os nossos tolos atacantes partam daqui, que todos os nossos adversários pereçam.
3. Eu despejo em tua boca, Agni, louvores enquanto outros (a enchem) com manteiga deliciosa; que tu em meio aos deuses (os) reconheça, pois tu és antigo, o que dá felicidade, o mensageiro de Vivasvat; que todos os nossos inimigos pereçam.
4. Agni concede qualquer alimento que seja solicitado; invocado com oferendas, ele confere aos adoradores felicidade resultante da tranquilidade e do desfrute (dos objetos dos sentidos); ele é requerido para toda invocação dos deuses; que todos os nossos adversários pereçam.
5. Agni é conhecido por seus atos muito poderosos e múltiplos; ele é o invocador dos eternos; cercado pelas vítimas, ele prossegue contra o inimigo; que todos os nossos adversários pereçam.
Varga 23. **6**. Agni conhece os nascimentos dos deuses; Agni conhece os segredos da humanidade; Agni é o dador de riquezas; Agni, devidamente adorado com uma nova (oblação), abre as portas (da opulência); que todos os nossos adversários pereçam.
7. Agni tem sua morada entre os deuses, ele (vive) entre as pessoas piedosas; ele nutre com prazer muitos atos piedosos, como a terra a todos (os seres); um deus adorável entre os deuses; que todos os nossos adversários pereçam.

---

[6] Composto na métrica Gāyatrī.
[7] 'Mas Tu estavas de pé ao romper do dia'. – George Herbert.
[8] Segundo Sāyaṇa, 'a quem o louvor pertence'.

8. Vamos nos aproximar daquele Agni que é atendido por sete sacerdotes;[1] que se refugia em todos os rios, que tem uma residência tripla, o matador do Dasyu para Mandhātṛ,[2] que é o principal em sacrifícios; que todos os nossos adversários pereçam.
9. Agni, o sábio, habita as três regiões elementares;[3] que ele, inteligente e ricamente decorado, o mensageiro (dos deuses), aqui realize culto aos três vezes onze deuses, e realize todos os nossos desejos; que todos os nossos inimigos pereçam.
10. Só tu, antigo Agni, entre os homens e os deuses, és para nós o senhor da riqueza; as águas correntes confinadas dentro das suas próprias margens fluem em torno de ti; que todos os nossos inimigos pereçam.

Índice◄►Hino 40 (Wilson)

---

659 - Hino 39. Agni (Griffith)

1. O glorioso Agni eu tenho louvado, e adorado com o alimento sagrado. Que Agni enfeite os Deuses para nós.[4] Entre os dois lugares de reunião[5] ele segue em sua missão diplomática, o Sábio. Que todos os outros[6] desapareçam.
2. Agni, queima a palavra dentro dos corpos deles através do nosso mais novo discurso, todos os ódios dos ímpios, todas as maldades do homem perverso. Que os destruidores vão para longe. Que todos os outros desapareçam.
3. Agni, eu te ofereço hinos, como óleo sagrado dentro da tua boca. Reconhece-os entre os Deuses, pois tu és o mais excelente, o bem-aventurado mensageiro do adorador. Que todos os outros desapareçam.
4. Agni concede todo o poder vital assim como cada homem suplica. Ele leva aos Vasus presentes fortalecedores, e concede deleite, em repouso e atividade, para cada chamado dos Deuses. Que todos os outros desapareçam.
5. Agni se tornou famoso por atos vitoriosos extraordinários. Ele é o Sacerdote de todas as tribos, escolhido com recompensas sacrificais.[7] Ele incita os Deuses a receberem. Que todos os outros desapareçam.
6. Agni sabe tudo o que brota dos Deuses,[8] ele conhece o mistério dos homens.[9] Dador de riqueza é Agni, ele abre ambas as portas[10] para nós quando adorado com o nosso mais novo presente. Que todos os outros desapareçam.
7. Agni reside com Deuses e homens que oferecem sacrifícios. Ele nutre com grande deleite muita sabedoria, como todas as coisas que há, Deus entre os Deuses adoráveis. Que todos os outros desapareçam.

---

[1] *Yo agniḥ saptamānuṣaḥ* é deixada sem explicação pelo comentador. A tradução é conjectural. (O professor Müller, *Hist. Sansk. Lit.* p. 493, a toma como 'que age como sete sacerdotes').
[2] Sāyaṇa entende Mandhātṛ como sendo o mesmo que Māndhātṛ o filho de Yuvanāśva.
[3] *Tridhātūni* pode significar apenas 'tripla', como em 5.47.4, mas compare com 1.154.4.
[4] 'Ilumine os deuses com as oblações em nosso sacrifício'. – Wilson.
[5] Céu e terra.
[6] *Anyake same*, significando, segundo Sāyaṇa, todos os nossos inimigos.
[7] *Dakṣiṇābhiḥ;* suas *dakṣiṇās* ou honorários como Sacerdote são as oblações que ele recebe como um Deus.
[8] O passado e o presente, enquanto que *o mistério dos homens* é o futuro. – Ludwig.
[9] [Jamison considera que aqui há um jogo de palavras, e traduz: 'Agni conhece as raças dos deuses, Agni (aquelas) dos mortais: (este é o seu) nome secreto (= Jātavedas)'. Observando que: 'Agni 'conhece as raças' (*jātā́ … veda*) dos deuses e homens. Essas duas palavras nessa ordem produzem o seu epíteto comum Jātavedas. Eu tomo *apīcyàm,* 'escondido, secreto' no final de b como uma parte separada, aludindo a esse trocadilho: '(este é o seu nome) secreto'].
[10] Da riqueza, ou, talvez, do céu também.

8. Agni, que vive em todos os rios, Senhor da Raça Sétupla de homens,[11] a ele que vive em três lares nós procuramos, o melhor matador de Dasyus para Mandhātar,[12] o primeiro em sacrifício. Que todos os outros desapareçam.
9. Agni o Sábio habita três lugares de reunião,[13] triplamente formado. Enfeitado como nosso enviado que o Sábio traga aqui e concilie os Três Vezes Onze Deuses. Que todos os outros desapareçam.
10. Nosso Agni, tu és o primeiro entre os Deuses, e o primeiro entre os homens vivos. Só tu governas a riqueza. Ao redor de ti, como represas naturais, circunfluentes as águas correm.[14] Que todos os outros desapareçam.

Índice◄►Hino 40 (Griffith)

---

660 - Hino 40. Indra e Agni (Wilson)

(Sūkta X)

Os deuses são Indra e Agni; o Ṛṣi é Nābhāka; a métrica do segundo verso é Śakvarī; do décimo segundo Triṣṭubh; do resto Mahāpaṅkti.

Varga 24. **1**. Vitoriosos Indra e Agni, deem-nos riquezas pelas quais possamos destruir nossos inimigos poderosos em combates como o fogo atiçado pelo vento consome as florestas; que todos os nossos inimigos pereçam.
2. Nós não invocamos vocês dois?[1] Nós adoramos especialmente Indra, que é o líder mais forte dos homens; ele vem ocasionalmente com seus cavalos para nos conceder alimentos;[2] ele vem compartilhar do sacrifício; que todos os nossos inimigos pereçam.
3. Eles dois, Indra e Agni, estão presentes em meio a batalhas; que vocês dois, líderes de ritos, que são realmente sábios, quando solicitados (pelos sábios), aceitem a oferenda (daquele) que procura a sua amizade; que todos os nossos inimigos pereçam.
4. Adorem, como Nabhāka,[3] Indra e Agni com sacrifício e louvor, de quem é este universo, sobre cujo colo este céu e a vasta terra depositam seu tesouro; que todos os nossos inimigos pereçam.
5. Dirijam como Nabhāka os seus louvores a Indra e Agni, que cobrem (com seu brilho) o oceano de sete bases cujos portões estão ocultos,[4] e de quem Indra por seu poder é o senhor; que todos os nossos inimigos pereçam.
6. Corta (o inimigo), Indra, como um velho (podador) o (ramo) saliente de uma trepadeira; humilha a força do Dāsa; que nós dividamos o seu tesouro acumulado (despojado) por Indra; que todos os nossos inimigos pereçam.
Varga 25. **7**. Visto que essas pessoas honram Indra e Agni com presentes e com louvores, assim que nós, desafiando hostes, derrotemos (os nossos inimigos) com nossos

---

[11] Talvez significando o Deus de todos os homens, como Vaiśvānara; ou a referência pode ser aos sete sacerdotes: 'Que é atendido por sete sacerdotes'. – Wilson. 'Que age como sete sacerdotes'. – Müller.
[12] Dito ser o mesmo que Mandhātar, o filho de Yuvanāśva, e Ṛṣi de 10.134.
[13] Céu, firmamento e terra.
[14] Compare com 'A ele, puro, resplandecente, o Filho das Águas, as águas puras cercaram por todos os lados'. (2.35.3).

---

[1] Ou melhor, 'Nós não invocamos vocês dois'.
[2] 'Para o recebimento de alimentos'. – Sāyaṇa.
[3] O Ṛṣi do hino é Nābhāka, talvez um patronímico; o texto tem aqui Nabhāka.
[4] Não há explicação disso.

guerreiros; vamos louvar aqueles que procuram louvor;[5] que todos os nossos inimigos pereçam.
8. Oferecendo oblações, (os adoradores) se aproximam para o culto de Indra e Agni, que têm uma cor branca e se erguem de baixo com raios brilhantes para o céu; eles realmente libertaram as águas do cativeiro; que todos os nossos inimigos pereçam.
9. Indra, manejador do raio, instigador (de atos), que os inúmeros méritos, as muitas excelências de ti, que és o concessor de afluência e de progênie masculina, aperfeiçoem os nossos intelectos;[6] que todos os nossos inimigos pereçam.
10. Animem com louvores aquele brilhante adorável Indra, o distribuidor (de riquezas), que por sua força quebra os ovos de Śuṣṇa;[7] que ele conquiste as águas celestes; que todos os nossos inimigos pereçam.
11. Animem aquele Indra a quem sacrifício é devido, – sincero, beneficente, adorável; a ele que frequenta sacrifícios, que quebra os ovos de Śuṣṇa; tu conquistaste as águas celestes; que todos os nossos inimigos pereçam.
12. Assim um novo hino foi dirigido a Indra e Agni, como foi feito por meu pai, por Mandhātṛ, por Aṅgiras; cuidem de nós com uma residência triplamente defendida;[8] que nós sejamos os senhores das riquezas.

Índice◄►Hino 41 (Wilson)

660 - Hino 40. Indra-Agni (Griffith)

1. Indra e Agni, certamente vocês como conquistadores nos darão riqueza, pela qual em luta nós poderemos derrotar aquele que é forte e firmemente fixo, como Agni queima a floresta com o vento. Que todos os outros desapareçam.[9]
2. Nós não colocamos armadilhas para enlaçá-los; Indra nós louvamos e adoramos, Herói dos heróis o mais poderoso. Uma vez[10] que ele venha a nós com seu Corcel, venha a nós para ganhar força para nós, e para completar o sacrifício. Que todos os outros desapareçam.
3. Pois, famosos Indra-Agni, vocês residem em meio a lutas. Sábios em sabedoria, vocês estão unidos àquele que os procura como amigos. Heróis, concedam-lhe o seu desejo. Que todos os outros desapareçam.
4. Como Nabhāka,[11] com canção sagrada o louvor de Indra e de Agni eu canto, deles a quem todo este mundo pertence, este céu e esta terra imensa que carregam ricos tesouros em seu colo. Que todos os outros desapareçam.

---

[5] O original em vez disso lê: 'Vamos prevalecer sobre aqueles que desejam conquistar'.
[6] O significado desse verso, mesmo com a ajuda do escoliasta, está longe de ser inteligível. (Sāyaṇa parece entendê-lo assim: 'Indra, manejador do raio, instigador (de atos), de ti, o alegrador, o brilhante, o herói, o dador de riqueza, numerosas (ou 'antigas', compare com 4.23.3) são as comparações, numerosos (ou 'antigos') são os louvores, que exercitam a nossa mente'. Em seu comentário sobre 4.23.3 ele toma *upamātayaḥ* como *dānāni).*
[7] *Śuṣṇasya āṇḍāni,* 'prole nascida do ovo'; *aṇḍajātāni apatyāni,* de acordo com o escoliasta.
[8] 'Com uma casa de três juntas', andares?
[9] Esse refrão ocorre em todas as estrofes do hino exceto a última.
[10] *Kadācit:* expressivo de impaciência. – Ludwig.
[11] Nabhāka pode ter sido o pai de Nābhāka o ṛṣi do hino.

5. Para Indra e para Agni enviem as suas preces, como era o costume de Nabhāka – que abriram[12] com brecha lateral o mar com suas sete fundações[13] – Indra todo-poderoso em sua força. Que todos os outros desapareçam.
6. Corta em pedaços, como antigamente, como emaranhados de uma planta rasteira, destrói o poder do Dāsa. Que nós com a ajuda de Indra dividamos o tesouro que ele juntou. Que todos os outros desapareçam.
7. Quando com esta mesma canção[14] esses homens chamam Indra-Agni de diversas maneiras, que nós com os nossos próprios heróis acabemos com aqueles que nos provocam para a luta, e derrotemos aqueles que lutam conosco. Que todos os outros desapareçam.
8. Os Dois refulgentes com seus raios[15] sobem e descem do céu. Por ordem de Indra e de Agni, fluindo para longe, correm os rios que eles libertaram de sua contenção. Que todos os outros desapareçam.
9. Ó Indra, muitos são os teus auxílios, muitas maneiras tuas de nos guiar, Senhor dos Cavalos Baios, Filho de Hinva.[16] Para um Bom Herói[17] vão as nossas preces, que em breve terão realização. Que todos os outros desapareçam.
10. O inspirem com seus hinos sagrados, o Herói brilhante e glorioso, aquele que com poder destrói até a prole de Śuṣṇa e ganha para nós as correntes celestes. Que todos os outros desapareçam.
11. O inspirem, adorado com bons ritos, o Herói glorioso realmente corajoso. Ele despedaçou a prole de Śuṣṇa que imóvel não esperava o golpe, e ganhou para nós os rios celestes. Que todos os outros desapareçam.
12. Assim nós cantamos de novo para Indra-Agni como cantaram os nossos antepassados, Aṅgirases e Mandhātar. Guardem-nos com proteção tripla e nos preservem; que nós sejamos donos de uma abundância de riquezas.

Índice◄►Hino 41 (Griffith)

---

661 - Hino 41. Varuṇa (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus é Varuṇa; o Ṛṣi Nābhāka; a métrica Mahāpaṅkti.

Varga 26. **1**. Oferece louvor àquele opulento Varuṇa e aos Maruts mais sábios[1]; (Varuṇa), que protege os homens por seus atos,[2] como (o vaqueiro guarda) o gado; que todos os nossos inimigos pereçam.
2. (Louva), com um louvor semelhante, com os louvores dos (meus) progenitores, com os louvores de Nābhāka, aquele Varuṇa que se ergue na vizinhança dos rios, e no meio (deles) tem sete irmãs; que todos os nossos inimigos pereçam.

---

[12] 'Que cobrem (com seu brilho)'. – Wilson. O comentador não explica a passagem.
[13] ['Do que isso se trata não está totalmente claro. Geldner sugere Vala, enquanto Lüders [...] pensa no oceano celeste (como sempre)'. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[14] Um hino como o nosso, para a vitória em batalha.
[15] Aparentemente o Sol e a Lua. Segundo Sāyaṇa, Indra e Agni são aludidos.
[16] Hinva (o condutor, impulsor, instigador de ações), um pai inventado para Indra pelo poeta.
[17] Para Indra. 'O significado desse verso, mesmo com a ajuda do escoliasta, está longe de ser inteligível'. – Wilson.

[1] ['Do que tu', Griffith acrescenta].
[2] *Karmaṇā* no comentário parece ser uma leitura errada de *karmāṇi*, 'que protege os atos religiosos dos homens'.

3. Ele abraça as noites; de aspecto agradável, e de movimento rápido, ele cerca o universo por seus atos; todos os que estão desejosos (de seu favor) diligentemente lhe oferecem culto nos três ritos diurnos; que todos os nossos inimigos pereçam.
4. Ele, que visível acima da terra sustenta os pontos do horizonte, é o medidor[3] (do universo); aquela é a antiga residência de Varuṇa, à qual nós temos acesso; ele é o nosso senhor, como o defensor do gado; que todos os nossos inimigos pereçam.
5. Ele que é o sustentador dos mundos, que sabe os nomes ocultos e secretos dos raios (solares), ele é o sábio que nutre os atos dos sábios, assim como o céu nutre inúmeras formas; que todos os nossos inimigos pereçam.
Varga 27. **6**. Em quem todos os atos piedosos estão concentrados, como o cubo no (centro da) roda, adorem rapidamente a ele que reside nos três mundos; como os homens reúnem o gado em seus pastos, assim que (os nossos inimigos) reúnam seus cavalos (para nos atacar); que todos os nossos inimigos pereçam.
7. Ele que, passando em meio àquelas (regiões do firmamento), dá refúgio a todas as raças delas, e todas as divindades precedem o carro de Varuṇa quando manifestando as suas glórias para realizar o seu culto; que todos os nossos inimigos pereçam.[4]
8. Ele é o oceano oculto; rápido, ele sobe (o céu) como (o sol) o firmamento; quando ele coloca o sacrifício naquelas (regiões do firmamento), ele destrói com seu esplendor brilhante os artifícios (dos Asuras); ele sobe ao céu; que todos os nossos inimigos pereçam.
9. De quem, presente nos três mundos, os raios brilhantes permeiam os três reinos além, a eterna residência de Varuṇa,[5] ele é o senhor dos sete (rios); que todos os nossos inimigos pereçam.
10. Ele que em suas funções sucessivas emite os seus raios brilhantes ou os torna escuros,[6] primeiro fez sua residência (no firmamento), e, como o sol não-nascido o céu, sustenta com o pilar (do firmamento) o céu e a terra; que todos os nossos inimigos pereçam.

Índice◄►Hino 42 (Wilson)

---

661 - Hino 41. Varuṇa (Griffith)

1. Para fazer esse Varuṇa surgir[7] canta uma canção para o bando de Maruts mais sábio[8] do que tu – esse Varuṇa que guarda bem os pensamentos[9] dos homens como rebanhos de vacas. Que todos os outros desapareçam.[10]

---

[3] Sāyaṇa explica *mātā* por *nirmātā*, 'o criador'. [Veja anota 16].
[4] O comentário aqui é incompleto, e a passagem muito obscura; a tradução não merece nenhuma confiança. ('Que passando por essas regiões (do espaço) repousa em todas as suas tribos, em torno de todas as casas – todos os deuses estão envolvidos em culto diante da habitação de Varuṇa; que todos os nossos inimigos pereçam).
[5] Sāyaṇa compara com 2.27.8, e parece explicar 'de quem, o governante, os raios brilhantes permeiam as três terras e os três céus acima – sua morada é inamovível'.
[6] Conforme preside o dia e a noite.
[7] Sāyaṇa explica *prabhūtaye* como 'àquele opulento Varuṇa'. – Wilson.
[8] Mais habilidoso em canto.
[9] Os pensamentos e devoções sagradas.
[10] Esse refrão se repete no fim de cada estrofe.

2. A ele eu louvo totalmente[11] com a canção e os hinos que nossos pais cantavam, e com os louvores de Nābhāka[12] – a ele que reside na fonte dos rios, cercado por suas Sete Irmãs.[13]
3. As noites ele cercou, e estabeleceu as manhãs com arte mágica; ele é visível sobre tudo. A suas Amadas,[14] seguindo a sua Lei, tornaram prósperas as Três Auroras[15] para ele.
4. Ele, visível sobre toda a terra, estabeleceu os quadrantes do céu; ele mediu a região leste, que é o aprisco[16] de Varuṇa; como um pastor forte é o Deus.
5. Ele que sustenta os mundos de vida, ele que conhece bem os nomes ocultos misteriosos dos raios da manhã, ele nutre muita sabedoria, Sábio, como o céu produz cada forma variada.[17]
6. Em quem toda a sabedoria se concentra, como o cubo está colocado dentro da roda. Apressem-se para honrar Trita,[18] como as vacas correm para se reunir no curral, assim como eles reúnem os corcéis para atrelar.
7. Ele envolve essas regiões como um manto; ele contempla as tribos dos Deuses e todas as obras dos homens mortais. Diante do lar de Varuṇa todos os Deuses seguem seu decreto.[19]
8. Ele é um Oceano bem distante, mas através do céu para ele sobe o culto que esses reinos possuem.[20] Com seu pé brilhante ele derrotou a magia deles,[21] e subiu para o céu.
9. Soberano, cujos raios brilhantes penetrantes, permeando todas as três terras, encheram os três reinos superiores do céu. Firme[22] é o lugar de Varuṇa; sobre os Sete[23] ele governa como Rei.
10. Que, conforme o seu decreto, cobriu as Escuras[24] com um manto de luz; que mediu a antiga sede, que sustentou com pilares ambos os mundos separados como o Não-Nascido[25] sustentou o céu.[26] Que todos os outros desapareçam.

Índice◄►Hino 42 (Griffith)

---

[11] [‘Continuamente’. – Muir].
[12] Isto é, os meus próprios.
[13] Os cinco rios do Panjāb, o Indo, e talvez o Kubhā. Veja 1.32, nota.
[14] Aparentemente as noites, que dão lugar às manhãs.
[15] Segundo Sāyaṇa, manhã, meio-dia e noite.
[16] Ou, talvez, o percurso, significando o lugar do qual ele parte. [Müller traduz: ‘Ele, Varuṇa (Uranos), é o criador do antigo lugar’. – *Chips*, II. 22].
[17] [‘Ele que é o sustentador dos mundos (Varuṇa), que conhece as naturezas secretas e misteriosas das vacas, ele, um sábio (ou poeta), manifesta obras sábias (ou poéticas), como o céu manifesta muitas formas’. – Muir, *O. S. Texts,* III. 266].
[18] Varuṇa, aqui aparentemente identificado com esse Deus antigo que representa a vastidão do céu. De acordo com Sāyaṇa ‘(Varuṇa) reside nos três mundos’.
[19] Essa estrofe é muito obscura, e a minha tradução é conjectural. O comentário é imperfeito, e von Roth e Ludwig pensam que a precisão de uma única palavra no texto é questionável. Segundo a leve alteração sugerida pelo escoliasta moderno ‘sob a liderança’ poderia estar em lugar de ‘diante do lar’.
[20] A primeira linha dessa estrofe também é difícil. Wilson segue Sāyaṇa [veja a versão dele acima]. A interpretação de Ludwig, que eu sigo, requere que *tiraḥ* seja lido em vez de *turaḥ* (veloz).
[21] As artes mágicas dos demônios da escuridão.
[22] Igualmente Hesíodo chama Urano=Varuṇa de a base firme dos Deuses. Veja Müller, *Chips from a German Workshop*, IV, xx (nova edição).
[23] *Rios*, subentendidos.
[24] As noites, que Varuṇa transforma em dias. Mas veja *Chips*, IV. xxii.
[25] O Ser Divino primevo, eterno, incriado. Segundo Sāyaṇa, o Sol.
[26] [Esse trecho Muir traduz: ‘Ele formou a primeira habitação, ele que com uma escora *(skambha)* manteve separados os dois mundos, como o não-nascido’. – *O. S. Texts,* V. 378].

662 - Hino 42. Varuṇa (Wilson)

(Sūkta XII)

O deus do primeiro terceto é Varuṇa; a métrica é Triṣṭubh; os deuses do segundo terceto são os Aśvins, e a métrica Anuṣṭubh; o Ṛṣi é Arcanānas ou Nābhāka.

Varga 28. **1**. O possuidor de todas as riquezas, o poderoso Varuṇa, fixou o céu; ele mediu a extensão da terra; ele preside como monarca supremo todos os mundos; todas essas são as funções de Varuṇa.
2. Glorifiquem então o poderoso Varuṇa; reverenciem o sábio guardião da ambrosia; que ele nos conceda uma habitação três vezes protetora;[1] que o céu e a terra nos preservem permanecendo em sua proximidade.
3. Divino Varuṇa, anima os atos sagrados[2] de mim que me engajo neste teu culto; que nós subamos no navio seguro pelo qual possamos cruzar todas as dificuldades.

4. As pedras sagradas, Aśvins, as adoradoras piedosas, Nāsatyas, caíram sobre as suas funções sagradas, (para induzi-los) a beber o Soma; que todos os nossos inimigos pereçam.
5. Da mesma maneira que o piedoso Atri, Aśvins, os invocava com hinos, assim (eu os invoco), Nāsatyas, para beber o Soma; que todos os nossos inimigos pereçam.
6. Da mesma forma que o sábio os invocou em busca de proteção, assim eu os invoco, Nāsatyas, para beber o Soma; que todos os nossos inimigos pereçam.

Índice◄►Hino 43 (Wilson)

---

662 - Hino 42. Varuṇa (Griffith)

1. Senhor de toda a riqueza, o Asura[3] sustentou os céus, e mediu as largas extensões da vasta terra. Ele, o Rei Supremo, se aproximou de todas as criaturas vivas.[4] Todas essas são operações sagradas de Varuṇa.
2. Então adorem humildemente Varuṇa o Poderoso; reverenciem o sábio Guardião do Mundo Imortal.[5] Que ele nos conceda proteção triplamente barrada. Ó Céu e Terra, em seu colo nos preservem.
3. Afia esta canção daquele que se esforça ao máximo; afia, Deus Varuṇa, sua força e discernimento; que possamos subir ao navio[6] que nos transporta com segurança, pelo qual possamos passar sobre todas as desgraças.

4. Aśvins, com canções as pedras cantoras fizeram vocês se apressarem para cá,
Nāsatyas, para a dose de Soma. Que todos os outros desapareçam.
5. Como o sábio Atri com seus hinos, ó Aśvins, os chamava ansiosamente,
Nāsatyas, para a dose de Soma. Que todos os outros desapareçam.
6. Assim eu os chamei em nosso auxílio, exatamente como os sábios os chamavam antigamente, Nāsatyas, para a dose de Soma. Que todos os outros desapareçam.

---

[1] *Trivarūtha* é explicada por Sāyaṇa em 6.46.9 como 'que protege do frio, calor e chuva', aqui como *tristhānam*.
[2] *Kratuṃ dakṣaṃ*. Sāyaṇa, 'aguça o conhecimento e o poder'.
[3] O Deus Altíssimo, Varuṇa. 'O espírito sábio'. – M. Müller. ['O Espírito onisciente'. – Muir].
[4] ['Ele ocupou todos os mundos, o monarca'. – Muir, *O. S. Texts,* IV. 109].
[5] *Amṛtasya:* segundo Sāyaṇa, do *amṛta* ou ambrosia. ['Guardião da Imortalidade'. – Muir].
[6] Uma expressão metafórica para hino e sacrifício. Compare com 1.46.7; 1.140.12; 9.89.2; 10.44.6, 63.10, 101.2, 105.9.

663 - Hino 43. Agni (Wilson)

(Anuvāka 6. Sūkta I)

O deus é Agni; Virūpa, da linhagem de Aṅgiras, é o Ṛṣi; a métrica é Gāyatrī.

Varga 29. **1**. Estes repetidores de louvações recitam os louvores do sábio Agni criativo, o sacrificador ininterrupto.[1]
2. Agni, Jātavedas, para ti, o generoso ofertante[2] (de oblação), o que tudo vê, eu repito louvor fervoroso.
3. As tuas chamas ferozes, Agni, consomem a floresta, como animais selvagens[3] destroem (as plantas) com os dentes.
4. Os fogos consumidores, de estandarte de fumaça, levados pelo vento, se espalham diversamente no firmamento.
5. Estes fogos acesos separadamente são contemplados como os indícios da aurora.
Varga 30. **6**. Preto é o pó erguido pelos pés de Jātavedas quando ele se move, quando Agni se espalha[4] sobre a terra.
7. Fazendo das plantas seu alimento, Agni devorando-as nunca é saciado, mas cai novamente sobre os jovens (arbustos).
8. Curvando (as árvores) com suas línguas (de chama), e brilhando com esplendor, Agni resplandece nas florestas.
9. O teu lugar, Agni, é nas águas; tu te agarras às plantas e, tornando-te o seu embrião, nasces novamente.
10. O teu brilho, Agni, bruxuleante na boca da concha, refulge quando oferecido da (oblação de) manteiga.
Varga 31. **11**. Vamos adorar com hinos Agni, o realizador (de desejos), o comedor do boi, o comedor da medula, em cujas costas a libação é derramada.
12. Nós te solicitamos, Agni, invocador dos deuses, realizador de ritos sagrados,[5] com oblações e com combustível.
13. Santo Agni, a quem oblações são oferecidas, nós te adoramos da mesma maneira (que tu eras adorado) por Bhṛgu, por Manus, por Aṅgiras.
14. Tu, Agni, és aceso por Agni; um sábio por um sábio, um santo por um santo,[6] um amigo por um amigo.
15. Que tu, Agni, dês ao doador piedoso (da oblação) riquezas infinitas e alimentos com prole masculina.

---

[1] *Astṛta-yajvan* é, mais literalmente, 'o sacrificador invencível'.
[2] Sāyaṇa mais frequentemente explica *pratihary* como 'aceitar, desejar'.
[3] *Ārokāḥ* é uma palavra obscura. Sāyaṇa a explica como *ārocamānāḥ paśavaḥ*, mas o comentário do *Śatapatha Brāhmaṇa* 3.1.2.18 a explica como *madhye chidrāṇi*. Ela pode significar aqui '(as tuas chamas ferozes) olhando, por assim dizer, através das árvores'? Compare com Böhtlingk e Roth, *sub voce*.
[4] Sāyaṇa traduz *agnir yad rodhati kṣami*, 'quando Agni empilha (as árvores secas) no solo'. Böhtlingk e Roth tomam *rodhati* como proveniente de *ruh*, ou seja, 'tudo o que cresce sobre a terra'; assim conectando estas últimas palavras do v. 6 com o v. 7.
[5] Sāyaṇa considera *vareṇyakrato* 'ó tu que possui conhecimento desejável'.
[6] *San* e *satā* são explicadas por Sāyaṇa como, respectivamente *vidyamānaḥ* e *vidyamānena;* e ele se refere a uma passagem no *Aitareya Brāhmaṇa*, 1.16, que descreve como o fogo produzido pelo atrito das duas *araṇis* (gravetos de fogo) é lançado no fogo Āhavanīya, na cerimônia Ātithyeṣṭi. 'No verso *tvaṃ hy agne*, (Pois tu, ó Agni) etc., o *vipra* (um sábio) significa um Agni, o outro *vipra* o outro Agni; um *san* (ser, existente), um, o outro *san* (em *satā)* o outro Agni'. (tradução de Haug).

Varga 32. **16**. Agni, (nosso) irmão, que és provocado pela força,[7] que tens cavalos vermelhos, e és (o realizador) de ritos puros, sê propiciado por este meu louvor.
17. Os meus louvores correm para ti, Agni, como as vacas entram em seus estábulos (para dar leite) aos bezerros sequiosos.
18. A ti,[8] Agni, que és o chefe dos Aṅgirasas, todas as pessoas recorrem[9] individualmente para a realização de seus desejos.
19. Os sábios, os inteligentes, os sagazes propiciam Agni com sacrifícios para a obtenção de alimento.
20. Preparando o sacrifício em suas mansões, (os adoradores) te adoram, Agni, o poderoso, o portador (do sacrifício), o invocador dos deuses.
Varga 33. **21**. Tu és o Senhor, tu vês todas as pessoas do mesmo modo em muitos lugares;[10] nós, portanto, te invocamos em batalhas.
22. Adorem aquele Agni, que resplandece quando alimentado com oferendas de manteiga, que ouve esta nossa invocação.
23. Nós te invocamos, Agni, que és Jātavedas, que ouves (os nossos louvores), que exterminas os nossos inimigos.
24. Eu louvo este Agni, o soberano dos homens, o extraordinário, o superintendente de atos santos; que ele me ouça.
25. Nós revigoramos como um cavalo aquele (Agni) cujo poder está presente em toda parte; que é nobre, forte[11] e benevolente.
Varga 34. **26**. Matando os malignos, (afastando) os nossos inimigos, em todos os lugares consumindo os Rākṣasas, que tu, Agni, resplandeças com (esplendor) brilhante.
27. Chefe dos Aṅgirasas, a quem os homens acendem como fez Manus; Agni, ouve as minhas palavras.
28. Nós te adoramos com louvores, Agni, que nasces no céu ou nas águas, provocado pela força.[12]
29. Todas essas pessoas, os habitantes (da terra), oferecem separadamente a ti alimento (sacrifical) para a tua alimentação e divertimento.[13]
30. Agni, através de ti, que nós, hábeis em sacrifícios e vendo homens todos os nossos dias,[14] superemos (todas) as dificuldades.
Varga 35. **31**. Nós invocamos com (hinos) alegres e agradáveis o alegrador Agni, amado por muitos, que permanece no sacrifício com brilho purificador.
32. Brilhante, Agni, como o sol nascente, mostrando a tua força pelos teus raios, tu destróis a escuridão.
33. Nós pedimos de ti, forte Agni, aquela riqueza desejável que há na tua dádiva e que não decai.

Índice◄►Hino 44 (Wilson)

---

[7] [Veja a nota 21].
[8] *Yajur-Veda Branco,* 12.116.
[9] *Yemire* parece ser usada aqui como em 1.135.1 e 3.59.8. No último lugar Sāyaṇa a explica como 'oferecem oblações'. Böhtlingk e Roth a traduzem em todos os três lugares: oferecem, obedecem, permanecem fiéis.
[10] Esse verso também ocorre em 8.11.8. Sāyaṇa aqui lê *prabhu* em vez de *prabhuḥ*, mas contra o nosso manuscrito.
[11] Sāyaṇa toma *maryaṃ na vājinaṃ* como 'como um homem forte'. Böhtlingk e Roth traduzem *marya* como 'garanhão'.
[12] Ou seja, como o sol no céu, como um relâmpago nas águas (isto é, no firmamento), e como gerado na terra por fricção.
[13] A tradução do Prof. Wilson do Oitavo Maṇḍala termina aqui; pelo restante o editor é o único responsável.
[14] Böhtlingk e Roth explicam *nṛcakṣasaḥ* como 'vivendo entre os homens'. [Veja a versão de Griffith].

663 - Hino 43. Agni (Griffith)

1. Estas minhas canções saem como louvores de Agni, o Sábio ordenador,
Cuja adorador nunca é derrotado.
2. Sábio Agni Jātavedas, eu gero um cântico de louvor para ti.
Que o recebes prontamente.[15]
3. As tuas chamas afiadas, ó Agni, como os raios de luz que brilham de uma parte a outra,
Devoram as florestas com seus dentes.
4. De cor dourada, de bandeira de fumaça, incitado pelo vento, no alto para o céu
Erguem-se, conduzidas ligeiramente, as chamas de fogo.
5. Estas chamas de fogo acesas rapidamente ficam visíveis por toda parte,
Assim como os lampejos das Auroras.
6. Conforme Jātavedas corre adiante, a poeira é preta sob os seus pés,
Quando Agni se espalha sobre a terra.
7. Fazendo das plantas sua nutrição, Agni devora e não se cansa,
Buscando os arbustos tenros novamente.
8. Dobrando-se com todas as suas línguas, ele tremula com seu brilho ardente;
Esplêndido é Agni na floresta.
9. Agni, o teu lar é nas águas; para dentro das plantas tu forças caminho,
E como Filho delas nasces de novo.[16]
10. Adorada com oferendas brilha a tua chama, ó Agni, por causa do óleo sagrado,
Com beijos na boca da concha.
11. Vamos servir a Agni com nossos hinos, Ordenador, alimentado com boi e vaca,[17]
Que carrega o Soma em suas costas.[18]
12. De fato, a ti, ó Agni, nós procuramos com homenagem e com combustível, Sacerdote
Cuja sabedoria é a mais excelente.
13. Ó adorado com oblações, puro Agni, nós te chamamos como antigamente
Fizeram Bhṛgu, Manus, Aṅgiras.[19]
14. Pois tu, ó Agni, pelo fogo, o Sábio pelo Sábio, o Bom pelo Bom,
O Amigo pelo Amigo, és aceso.[20]
15. Então, riquezas aos milhares, alimento com abundância de heróis dá ao sábio,
Ó Agni, ao adorador.
16. Ó Agni, Irmão, feito pela força,[21] Senhor dos cavalos vermelhos e domínio brilhante,
Tem prazer neste[22] meu louvor.
17. Os meus louvores, Agni, vão para ti, como as vacas procuram o estábulo para encontrar o bezerro mugidor que anseia por leite.
18. Agni, o melhor Aṅgiras, para ti todas as pessoas que têm casas agradáveis,
Independentemente, se voltaram conforme o seu desejo.[23]
19. Os sábios habilidosos em música sagrada e os pensadores com seus pensamentos têm incitado Agni a compartilhar do banquete sagrado.
20. Então, Agni, para ti, o Sacerdote, Invocador, forte em incursões, rezam
Aqueles que prolongam o sacrifício.

---

[15] ['Com benevolência'. – Muir].
[16] [*Śatapatha Brāhmaṇa,* 6.8.2.4; *Yajur-Veda Branco,* 12.37].
[17] 'O comedor do boi, o comedor da medula'. – Wilson.
[18] *Somapṛṣṭhāya;* 'em cujas costas a libação é derramada'. – Wilson.
[19] ['Como Bhṛgu, como Manush, como Aṅgiras, nós invocamos a ti que és convocado para brilhar'. – Muir].
[20] [Veja a nota 6]. *San* e *satā* também podem significar 'bom'.
[21] Produzido pela agitação violenta do graveto de fogo.
[22] [Ou 'desfruta deste' etc.].
[23] [*Śatapatha Brāhmaṇa,* 7.3.2.8].

21. Em muitos lugares, o mesmo em aparência és tu, um Príncipe sobre todas as tribos,
Nas batalhas nós invocamos o teu auxílio.
22. Reza para Agni, reza para ele que resplandece servido com óleo sagrado;
Que ele dê ouvidos a este nosso apelo.
23. Nós te chamamos como tal, como alguém que ouve, como Jātavedas, alguém,
Agni! que elimina os nossos inimigos.
24. Eu rezo para Agni, o Rei dos Homens, o Maravilhoso, o Presidente
Das Leis Sagradas; que ele dê ouvidos.
25. A ele como um noivo, a ele que agita todas as pessoas, como um cavalo nobre,
Como um corcel veloz, nós instigamos.
26. Matando as coisas fatais, queimando os inimigos, Rākṣasas, por todos os lados,
Brilha, Agni, com tua chama afiada.
27. Tu a quem as pessoas acendem assim como Manus fazia, melhor[24] Aṅgiras!
Ó Agni, nota este meu discurso.
28. Ó Agni, feito pela força! tu nasças nos céus[25] ou nasças nas águas,[26]
Como tal nós te invocamos com canções.
29. Sim, todas as pessoas, todos os povos que têm boas residências, cada um à parte,
Envia alimento para que tu comas do mesmo.
30. Ó Agni, então que nós, devotados, olhados pelos homens,[27] do começo ao fim dos nossos dias, passemos ligeiramente sobre todo infortúnio.
31. Nós veneramos com corações alegres o alegre Agni, querido por todos,
Ardente, com chama purificadora.
32. Então tu, ó Agni rico em luz, radiante como Sūrya com teus raios,
Destróis ousadamente a escuridão.
33. Nós oramos a ti por esta tua dádiva, Vitorioso! a dádiva que não falha,
Ó Agni, a riqueza mais seleta de ti.

Índice◄►Hino 44 (Griffith)

---

664 - Hino 44. Agni (Wilson)

(Sūkta II)[1]

O deus é Agni; Virūpa da família de Aṅgiras é o Ṛṣi; a métrica é Gāyatrī.

Varga 36. **1**. Honrem Agni com combustível, o despertem, o convidado, com (libações de) manteiga; ofereçam as oblações nele.[2]
2. Agni, aceita o meu louvor, sê revigorado por esta prece; sê favorável aos nossos hinos.
3. Eu coloco Agni na frente como o mensageiro, eu o adoro como o portador de oblações; que ele faça os deuses se sentarem aqui.
4. Brilhante Agni, quando tu és aceso as tuas grandes chamas começam a resplandecer.

---

[24] ['Muito semelhante a'. – Muir, *O. S. Texts,* I. 168].
[25] Como o Sol.
[26] Nas águas do firmamento como o relâmpago.
[27] Objetos da admiração deles. 'Vendo homens'. – Wilson. 'Vivendo (entre homens)'. – *Léxico de São Petersburgo*.

[1] [Segundo o *Ṛgvidhāna,* 2.32.3b-4a, o homem que com este sūkta 'oferece, a cada estrofe, ghee no fogo, [...] obtém sucesso inigualável e vive cem anos'. – Tradução de Gonda, 1951].
[2] Os versos 1, 4, 5, 6, 12, 13, 14, 16, 17, 18 deste hino são encontrados no *Sāma-Veda;* os versos 1, 16, na *Vājasaneyi Saṃhitā [Yajur-Veda Branco].*

5. Que as minhas conchas, cheias de manteiga, se aproximem de ti, ó propício;[3] Agni, recebe as nossas oblações.
Varga 37. **6**. Eu adoro Agni, o estimulante invocador (dos deuses), o sacerdote,[4] o que resplandece com esplendor variado, e é rico em brilho; que ele dê ouvidos.
7. (Eu adoro) o amado Agni, o antigo invocador adorável (dos deuses), o sábio,[5] o frequentador de sacrifícios.
8. Agni, o melhor dos Aṅgirasas, que tu, aceitando continuamente estas nossas oblações, conduzas o sacrifício nas devidas estações.
9. Dador de bens, de chama brilhante, que tu, o conhecedor, quando aceso, tragas aqui a hoste dos deuses.
10. Nós procuramos o sábio invocador (dos deuses), o benéfico, o de estandarte de fumaça, o resplandecente, a bandeira dos sacrifícios.
Varga 38. **11**. Divino Agni, produzido pela força, que tu nos protejas do agressor, dilacera os nossos inimigos.
12. O sábio Agni, embelezando seu corpo com o hino antigo, tem crescido em força através do louvador inteligente.
13. Eu invoco Agni de brilho purificador, o filho do alimento (sacrifical),[6] neste sacrifício inviolável.
14. Ó Agni, adorável para os teus amigos,[7] senta-te com os deuses em nossa grama sagrada com o teu brilho resplandecente.
15. Para todo mortal que adora o divino Agni em sua casa, (para a obtenção) de prosperidade,[8] ele dá riquezas.
Varga 39. **16**. Agni, a cabeça (dos deuses), o cume do céu – ele o senhor da terra – alegra a semente[9] das águas.
17. Agni, as tuas chamas puras, brilhantes, resplandecentes emitem o teu esplendor.
18. Agni, senhor do céu, tu presides sobre (tudo) o que é para ser desejado ou dado; que eu seja o teu encomiasta por felicidade.
19. A ti, Agni, os sábios (louvam), a ti eles regozijam com ritos (pios); que os nossos louvores te revigorem.
20. Nós sempre escolhemos a amizade de Agni, o incólume, o forte, o mensageiro, o louvador (dos deuses).
Varga 40. **21**. O puro Agni brilha quando adorado – o ofertante mais puro, o sacerdote puro, o sábio[10] puro.
22. Que os meus ritos e os meus louvores sempre te revigorem; Agni, pensa em nossa amizade.
23. Agni, se eu fosse tu e tu fosses eu,[11] os teus desejos aqui se tornariam realidade.
24. Agni, tu és rico em esplendor, o senhor da riqueza, e o concessor de habitações; que nós também permaneçamos em tuas graças.

---

[3] Sāyaṇa toma *haryata* aqui como *kāmayamāna;* ele mais usualmente a explica como 'amável', 'amado'.
[4] Sāyaṇa aqui explica *ṛtvijaṃ* como 'aquele que deve ser adorado na época devida'; em 5.22.2 ele a explicou como 'aquele que oferece no tempo devido'.
[5] *Kavikratum* é aqui explicado como 'aquele por quem ritos são realizados', [e ocorre também em] 3.2.4, e 3.14.7, (compare também com 1.1.5). Provavelmente significa 'possuidor de poder sábio'.
[6] Veja 3.27.12, nota.
[7] Em 8.19.25 Sāyaṇa explicou *mitramahas* como 'o que brilha beneficamente'.
[8] *Tanvaḥ, dhanasya prāptyartham* (compare com o *Nighaṇṭu*, 2.10), conforme Sāyaṇa; mas isso parece muito duvidoso; preferivelmente 'em sua própria casa'.
[9] *Retāṃsi*, as produções móveis e imóveis das águas criativas.
[10] Eu sigo o Prof. Wilson ao interpretar *kavi* como 'sábio', mas Sāyaṇa aqui, como geralmente, a interpreta como *krāntakarman*.
[11] Isto é, se eu fosse rico como tu e tu fosses pobre como eu.

25. Agni, os meus altos louvores vão para ti, observador de ritos piedosos, como rios para o mar.
Varga 41. **26**. Eu glorifico com hinos o sempre jovem Agni, o senhor dos homens, o sábio, o todo-devorador,[12] o realizador de muitos atos.
27. Vamos procurar com nossos hinos Agni, o condutor de sacrifícios, o poderoso, o de mandíbulas afiadas.
28. Que esta (minha família) também seja tua adoradora, adorável Agni; purificador, dá-lhe felicidade.
29. Tu realmente és sábio, instalado na oblação, alerta como o vidente (para o bem-estar dos seres vivos); Agni, tu brilhas sempre no céu.
30. Sábio Agni, o que dá residências, prolonga as nossas vidas, antes que pecados ou atacantes (nos destruam).

Índice◄►Hino 45 (Wilson)

---

664 - Hino 44. Agni (Griffith)

1. Prestem serviço para Agni com seu combustível, despertem o seu convidado com óleo;
Nele apresentem suas oferendas.
2. Agni, que tu aceites o meu louvor, sê magnificado por esta minha canção;
Recebe com agrado as minhas palavras faladas docemente.
3. Agni, enviado, eu coloco na frente; ao portador de oblação eu me dirijo;
Aqui que ele coloque as divindades.
4. Agni, as chamas elevadas de ti aceso subiram no alto,
As tuas chamas brilhantes, ó Refulgente.
5. Amado! que as minhas conchas cheias de óleo sagrado se aproximem de ti;
Agni, aceita as nossas oferendas.
6. Eu adoro Agni – que ele ouça! – o Alegre, o Invocador, Sacerdote,
De esplendor variado, rico em luz.
7. Antigo Invocador, digno de louvor, amado Agni, sábio e forte,
O visitante de ritos solenes.
8. Agni, o melhor Aṅgiras, aceita logo estas oferendas, e guia
O sacrifício oportuno.
9. Deus excelente, de chamas brilhantes, aceso traze para cá,
Sabendo o caminho, a Hoste Celeste.
10. Ele, Sábio e Arauto, desprovido de fraude, bandeira de sacrifícios, a ele
De estandarte de fumaça, rico em luz, nós procuramos.
11. Ó Agni, sê nosso guardião, tu, Deus, contra aqueles que nos ferem;
Destrói nossos inimigos, Filho da Força.
12. Tornando o seu corpo belo, Agni o Sábio tem crescido por meio do
Cantor e seu hino antigo.[13]
13. Eu invoco o Filho da Força, Agni de chama purificadora,
Neste sacrifício bem ordenado.
14. Então, Agni, rico em muitos amigos,[14] com esplendor ardente, senta-te

---

[12] *Viśvādam*, o devorador de toda a oblação (Sāyaṇa).
[13] ['O sábio Agni, iluminando o seu próprio corpo ao [som do] hino sábio e antigo, se avolumou'. – Muir, *O. S. Texts,* III. 230].
[14] 'Tu que tens esplendor de Mitra'. – Ludwig.

Com os Deuses sobre a grama sagrada.
15. O homem mortal que serve ao Deus Agni dentro da sua própria morada,
Para ele, ele faz a riqueza brilhar.[15]
16. Agni é o topo e o alto do céu, o Mestre da Terra ele é;
Ele vivifica a semente das águas.[16]
17. Para cima, ó Agni, ergue as tuas chamas, puro e resplandecente, luzindo alto,
Os teus esplendores, belos fulgores.[17]
18. Pois, ó Agni, como o Senhor da Luz tu governas as dádivas mais seletas; que eu,
Teu cantor, encontre defesa em ti.
19. Ó Agni, aqueles que entendem te incitam à ação com seus pensamentos;
Então que as nossas canções aumentem o teu poder.
20. Nós sempre reivindicamos a amizade de Agni, o mensageiro que canta,
De natureza divina, desprovido de maldade.
21. Agni que tem o domínio mais sagrado, o Cantor santo, Sábio santo,
Brilha divino quando nós o adoramos.
22. Sim, que as minhas meditações, que as minhas canções te exaltem sempre;
Pensa, Agni, em nossa ligação amigável,
23. Se eu fosse tu e tu fosses eu, ó Agni, cada prece tua
Teria a sua devida realização aqui.[18]
24. Pois Excelente e Senhor da Riqueza tu és, ó Agni, rico em luz;
Que nós desfrutemos da tua graça favorecedora.
25. Agni, para ti cujas leis permanecem firmes as nossas canções ressonantes de louvor correm adiante como os rios correm para o mar.
26. Agni, o jovem Senhor dos Homens, que agita muito e come tudo,[19]
O Sábio, eu glorifico com hinos.
27. Para Agni vamos correr com louvores, o Guia de ritos sacrificais,
Armado com dentes afiados, o Poderoso.
28. E que este homem,[20] bom Agni, esteja contigo, o cantor do teu louvor;
Sê benevolente, Santo, para com ele.
29. Pois tu és compartilhador de nosso banquete, Douto, sempre vigilante como um Sábio;
Agni, tu brilhas no céu.[21]
30. Ó Agni, Sábio, antes que nossos inimigos, antes que os infortúnios caiam sobre nós,
Senhor Excelente, prolonga as nossas vidas.

Índice◄►Hino 45 (Griffith)

---

[15] 'Para ele ele resplandece opulência'. 'Para ele ele dá riquezas'. – Wilson.
[16] Como o relâmpago, ele fertiliza as águas do ar.
[17] [*Śatapatha Brāhmaṇa*, 1.4.1.12].
[18] ['As tuas aspirações seriam realizadas'. – Muir].
[19] Consome a oblação inteira. – Sāyaṇa. Mas o significado provavelmente é geral.
[20] O Ṛṣi ou o próprio cantor.
[21] Ou, para o céu.

665 - Hino 45. Indra (Wilson)

(Sūkta III)[1]

Os deuses do primeiro verso são Indra e Agni; o deus do resto do hino é Indra; Triśoka da linhagem de Kaṇva é o Ṛṣi; a métrica é Gāyatrī.

Varga 42. **1**. Aqueles (sábios) que acendem Agni, aqueles de quem o sempre jovem Indra é o amigo, continuamente espalham a grama sagrada.[2]
2. Amplo é o combustível, muitos são os hinos, largo é o corte sagrado[3] daqueles cujo amigo é o sempre jovem Indra.
3. Embora antes incapaz de combater,[4] o herói por sua força agora subjuga alguém cercado por aliados, (se ajudado por aqueles) de quem o sempre jovem Indra é amigo.

4. O matador de Vṛtra, logo que nasceu, pegou sua flecha, e perguntou à sua mãe, 'Quem são os terríveis, que são os famosos?'[5]
5. A tua mãe forte respondeu a ti, 'Aquele que deseja a tua inimizade luta como o elefante[6] na montanha'.
Varga 43. **6**. Maghavan, que tu ouças (o nosso louvor); quem quer que peças a ti, tu levas para ele o seu pedido; o que tu determinas é garantido.

7. Quando Indra, o guerreiro, vai para a batalha, desejoso de cavalos imponentes, ele é o principal dos senhores de carruagens.
8. Trovejante, atinge todos os teus inimigos para que eles possam se dispersar – sê para nós um benfeitor muito opulento.
9. Que Indra, a quem nenhum inimigo pode prejudicar, nos envie uma bela carruagem para a aquisição (de nossos desejos).

10. Forte Indra, que possamos escapar dos teus inimigos; que possamos vir a ti abundantemente pelos teus presentes, rico em gado.
Varga 44. **11**. (Que possamos vir), trovejante, nos aproximando de ti lentamente – que sejamos ricos em cavalos, possuidores de tesouro abundante, prontos a oferecer, e não prejudicados (pela calamidade).
12. (O sacrificador) dá aos teus louvadores dia-a-dia centenas e milhares de dádivas excelentes e auspiciosas.

13. Nós te conhecemos, Indra, como o conquistador de riquezas, o quebrador de obstáculos firmes, o abridor,[7] e (o que protege do mal) como uma casa.

---

[1] [Sobre esse hino o *Ṛgvidhāna*, 2.32.4b-5a diz: 'Tendo aqui obtido a amizade daquele que maneja o raio com o *sūkta* composto de quarenta e duas estrofes [...] alguém derruba muitos rivais com (a ajuda d)o grande Indra'. – Tradução de Gonda, 1951].
[2] *Sāma-Veda,* 1.2.1.4.9; as estrofes 1-3 ocorrem no *Sāma-Veda,* 2.5.2.21.1-3. Veja também o *Yajur-Veda (Vāj. Saṃ.),* 7.32; 33.24.
[3] *Svaru*, que Sāyaṇa deixa sem explicação, é a primeira raspagem ou lascagem sacrifício; veja *Indische Studien,* ix. p. 222. Para o seu uso no sacrifício, consulte a *Kātyāyana Saṃhitā,* 6.4.12; 6.9.12.
[4] *Ayuddhaḥ* pode significar 'sem oposição', mas Sāyaṇa a explica [...] como no texto, embora ele a explique de forma diferente em 1.32.6.
[5] *Sāma-Veda*, 1.3.1.3.3. ['Quem são aqueles que são famosos como guerreiros ferozes?'. – Muir].
[6] *Apsaḥ* em outro lugar é explicada por Sāyaṇa como 'encantos pessoais', 'dentes', etc. (1.124.7), ou 'beleza' (5.80.6); aqui ele a explica como 'um belo (elefante)'. Ele a considera como = *dantin?* Grassmann a explica como significando o seio, ou melhor, a parte do vestido que o cobre; e, portanto, ele a toma aqui como significando a nuvem que cobre a terra e as montanhas (isto é, Vṛtra).
[7] Sāyaṇa explica *ādāriṇaṃ* como *ādartāram* (comp. 8.24.4), e parece conectá-lo com *dṛḷhā ārujam*. Ele é explicado no *Dicionário de São Petersburgo* como 'atraente, charmoso', e por Grassmann como 'o que abre, o que disponibiliza'.

14. Sábio (Indra), vencedor de inimigos, quando nós pedimos a ti o negociante,[8] que as gotas de Soma animem a ti o exaltado.
15. Concedam-nos as posses daquele homem rico que, por sua avareza, te insulta a respeito da tua concessão de riqueza.

Varga 45. **16**. Estes amigos, derramando o Soma, olham para ti, Indra, como homens com sua forragem pronta (olham) para o seu gado.[9]
17. Nós te invocamos aqui de longe para nos proteger, que nunca és surdo, e cujos ouvidos estão sempre abertos para ouvir.
18. Se tu ouves esta nossa prece, então mostra o teu poder invencível e sê o nosso parente mais próximo.

19. Sempre que, indo a ti em nossa aflição, nós oferecermos os nossos louvores, nos escuta, Indra, como um doador de gado.
20. Senhor do poder, nós nos apoiamos em ti como idosos em uma bengala; nós ansiamos por ti no sacrifício.
Varga 46. **21**. Cantem o louvor a Indra, que é rico em bem-estar e generoso, a quem ninguém pode deter em batalha.

22. Quando o Soma é vertido eu derramo a libação para ti, derramador (de bênçãos), para que tu bebas; sacia-te, desfruta da dose estimulante.[10]
23. Que nenhum tolo, procurando proteção, nem zombadores te perturbem; não favoreças os inimigos dos brâmanes.[11]
24. Que (os adoradores) te alegrem aqui com o Soma misturado com leite, para a obtenção de grande riqueza; bebe-o como o búfalo um lago.

25. Proclamem em nossas assembleias aquelas riquezas perpétuas e sempre novas que o matador de Vṛtra envia de longe.
Varga 47. **26**. Indra bebeu a oferenda de Soma de Kadru, (ele atingiu os inimigos) do de mil armas; lá o seu poder resplandeceu.[12]
27. Conhecendo bem essas obras (sacrificais) de Turvaśa e Yadu,[13] ele derrotou Ahnavāyya em batalha.

28. Eu louvo o nosso comum (Indra), o libertador de suas famílias, o matador (de seus inimigos, o concessor) de riquezas em gado.[14]
29. (Eu louvo) em hinos o poderoso Indra, o aumentador das águas, para a obtenção de riqueza, quando o Soma é derramado com (canção);
30. Que partiu para Triśoka a larga nuvem como útero, (e fez) um caminho para as vacas[15] saírem.

---

[8] *Paṇi* parece usado aqui como em 1.33.3, onde é dito, 'Poderoso Indra, concedendo-nos riqueza abundante, não te aproveites de nós, como um mercador', ou seja, não exijas de nós o preço exato das tuas dádivas. Aqui Indra é representado como as vendendo pelas libações de Soma oferecidas. [Veja a nota 33].
[9] *Sāma-Veda*, 1.2.1.5.2.
[10] *Sāma-Veda*, 1.2.2.2.7; 2.1.2.7.1.
[11] *Brahma-dviṣaḥ*. Benfey (*Sāma* V. Lex.) traduz, 'um dos piedosos'. Esse e o próximo verso ocorre no *Sāma-Veda*, 2.1.2.7.2-3.
[12] *Sāma-Veda*, 1.2.1.4.7. Sāyaṇa toma *kadruvaḥ* como 'pertencente a um *ṛṣi* chamado Kadru, mas ele deve ser o genitivo ou ablativo de Kadrū, a famosa mãe dos *nāgas*. Benfey toma o isolado *sahasrabāhve* como um dativo vêdico sem *guṇa* no sentido de 'batalha'.
[13] Esses nomes são associados em 1.36.18, 54.6, 174.9 e em outros lugares. Nada se sabe sobre Ahnavāyya [que significa 'o que não deve ser negado ou posto de lado'. – Monier-Williams]. Talvez a frase possa significar, 'ele prevaleceu indiscutivelmente em batalha'.
[14] *Sāma-Veda*, 1.3.1.2.1.
[15] *Go* aqui significa 'água, chuva'.

Varga 48. **31**. O que quer que tu empreendas em teu entusiasmo, o que quer que tu pretendas em tua mente ou esteja pensando em dar – ó Indra, não o faças, mas nos abençoa.[16]
32. Indra, os menores atos de alguém como tu são famosos na terra;[17] que o teu cuidado me visite.
33. Tuas sejam aquelas declarações de louvor, teus aqueles hinos, através dos quais, Indra, tu nos abençoas.

34. Não nos mates por um pecado, nem por dois, nem por três; herói, não nos mates por muitos.
35. Eu tenho medo de alguém como tu, terrível, o castigador de inimigos, o destruidor, que suporta ataques hostis.
Varga 49. **36**. Opulento (Indra), que eu nunca tenha que te falar da miséria do meu amigo ou meu filho;[18] que a tua mente seja favorável a mim.

37. 'Quem, mortais', disse (Indra), 'não provocado, algum vez, como um amigo, matou seu amigo? Quem foge de mim?'[19]
38. Derramador (de benefícios), quando o Soma pronto foi derramado, tu devoraste muito, sem restrições, avançando como um jogador.[20]
39. Eu[21] atraio para cá os teus dois corcéis, atrelados a uma bela carruagem e jungidos por hinos, visto que tu dás riqueza aos brâmanes.

40. Despedaça todos os exércitos hostis, frustra os seus ataques destrutivos, e nos concede a riqueza desejável deles.[22]
41. Dá-nos, Indra, aquela riqueza desejável que está depositada em fortalezas, em redutos, e em locais que podem resistir a um ataque.[23]
42. Concede-nos, Indra, aquela riqueza desejável que todos os homens reconhecem como dada abundantemente por ti.[24]

['Satisfeito com (o hino) de quarenta e duas estrofes (8.45), o Destruidor de Fortalezas (Indra), após atravessar a montanha com seu raio, deu a Triśoka as vacas que tinham sido levadas pelos Asuras. O próprio vidente afirma isso na (estrofe), 'Que partiu' (*yaḥ kṛntad:* 8.45.30)'. – *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, p. 231].

[16] Sāyaṇa entende isso como 'não o faças, pois tu fizeste isso por nós – apenas nos faze felizes'. Será que o adorador tinha um sentimento de castigo merecido? Ou ele monopolizava a todos?

[17] Essa parece ser a interpretação de Sāyaṇa; mas o Dr. Muir dá uma versão mais natural (*O. S. Texts,* V. p. 111), 'pouco tem sido ouvido como feito na terra por alguém como tu'.

[18] A interpretação de Sāyaṇa desse verso é muito obscura, pois ele explica *śūnam* por *vṛddham;* mas o verso é esclarecido pelo seu comentário sobre 2.27.17, onde ele explica *śūnam* como *śūnyam*, *dāṛdryam*, 'que eu nunca tenha que falar sobre a pobreza de um parente para um patrono opulento, gentil e generoso'; ['O sentimento é assim ilustrado pelo comentador: que eu não tenha a necessidade de mendigar de diferentes príncipes, dizendo: meus filhos, ou outros parentes, estão com fome'. – Nota em 2.27.17].

[19] Isso é dito por Indra em resposta aos versos 34 e 35. [Veja o segundo parágrafo da nota abaixo].

[20] Sāyaṇa explica *asinvan* como *na badhnan*, em 7.39.6 ele a explicou como *aprati badhnan*, 'que não obstrui os desejos dos mortais'. O *Dicionário de São Petersburgo* a traduz como 'insaciável'.

[Jamison e Brereton interpretam esses dois versos (37-38) como um diálogo insultuoso entre Indra e os Maruts: 'em 37 Indra reprova os Maruts (não nomeados, mas identificados por um dos seus epítetos) por não honrarem a sua parceria por até mesmo pensarem em abandoná-lo, enquanto eles respondem em 38, sugerindo que ele deveria ter pensado nisso antes, quando ele estava monopolizando o soma. O contexto tácito é o conhecido episódio quando todos os deuses exceto os Maruts abandonam Indra antes da batalha com Vṛtra (veja, por exemplo, 8.96.7), e os Maruts depois demandam de Indra uma participação no sacrifício soma, porque eles ficaram ao lado dele (veja especialmente o hino diálogo 1.165)'. – *The Rigveda, The Earliest Religious Poetry of India].*

[21] ['Infelizmente, este último verso do tṛca não parece ter nenhuma conexão com o precedente diálogo Indra-Marut. O 'Eu' presumivelmente não é um Marut, mas o poeta ou outro oficiante ritual'. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].

[22] *Sāma-Veda*, 1.2.1.4.10; 2.4.1.9.1.

[23] *Ibid*. 1.3.1.2.4; 2.4.1.9.3. Sāyaṇa explica *parśāne* como *vimarśanakṣame*, compare com Müller, com leitura diferente. p. 32. Benfey a considera como 'um poço' (conforme o escólio do *Sāma-Veda*) e cita uma nota de Stevenson, 'quando os ingleses tomaram Poona [ou Pune], dez lakhs [ou seja, 10 x 100000] de rúpias pertencentes ao Peshwa [Primeiro-Ministro] foram encontradas estabelecidas ao lado de um poço'. Böhtlingk e Roth a tomam como 'abismo, golfo'.

[24] *Sāma-Veda*, 2.4.1.9.2, com leitura diferente.

665 - Hino 45. Indra (Griffith)

1. Para cá! aqueles que acendem a chama e cortam prontamente a grama sagrada.
Cujo Amigo é Indra o sempre jovem.
2. Superior é o seu combustível, notável o seu louvor, larga é a sua lasca[25] da estaca,
Cujo Amigo é Indra o sempre jovem.
3. Inigualável em luta o herói lidera seu exército com os chefes guerreiros.
Cujo Amigo é Indra o sempre jovem.

4. O recém-nascido matador de Vṛtra questionou sua mãe,[26] quando ele agarrou seu dardo:[27] Quem são os ferozes? Quem são os famosos?[28]
5. Śavasī[29] respondeu: Aquele que busca a tua inimizade lutará como
Um elefante majestoso[30] em uma colina.
6. E ouve,[31] ó Maghavan: para aquele que anseia por ti tu concedes tudo;
O que quer que tu faças firme é firme.

7. Quando o guerreiro Indra vai para a guerra, levado pelos cavalos nobres,
O melhor de todos os condutores de carros ele é.
8. Repele, ó Armado de Trovão, em todas as direções todos os ataques contra nós,
E sê o nosso próprio Deus mais glorioso.
9. Que Indra coloque o nosso carro na frente, no lugar principal para ganhar o despojo,
Ele a quem os maus não prejudicam.

10. Da tua inimizade que possamos escapar e, Śakra, por tua bondade, rico
Em vacas, que possamos nos aproximar de ti;
11. Aproximando-nos[32] suavemente, Armado de Trovão! ricos por centenas, ricos em cavalos, inigualáveis, preparados com nossas dádivas,
12. Pois a tua excelência exaltada dá aos teus fiéis a cada dia
Centenas de milhares das tuas bênçãos.

13. Indra, nós te conhecemos como o derrubador até de fortalezas resistentes, ganhador de despojos, como aquele que conquista riqueza para nós.
14. Embora tu sejas o maior, Sábio e Corajoso! que as gotas te animem quando nós nos aproximarmos de ti, como de um negociante.[33]

---

[25] A primeira raspagem, lascagem, ou tira de madeira, cortada do *yūpa* ou poste sacrifical, e usada no sacrifício.
[26] Assim que nasceu Indra mostrou sua disposição bélica, e perguntou quais adversários dignos ele teria.
[27] [Jamison e Brereton traduzem: 'pegou o arco-Bunda', e Jamison observa: 'O arco *bunda* é a arma que Indra usa para matar o javali Emuṣa*, em um mito raramente contado. (Veja especialmente 8.77.1-2)'. – *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016). * 'As mais importantes (e, essencialmente, únicas) passagens rigvêdicas sobre esse mito além de 8.77 são 1.61.7, 8.45.4-5, 8.69.14-15 e 8.96.2'. – *The Rigveda, The Earliest Religious Poetry of India.* Veja também o Apêndice 4].
[28] ['Quem são aqueles que são famosos como guerreiros ferozes?'. – Muir].
[29] Ou a Dama Forte, sua mãe Aditi.
[30] Eu sigo Sāyaṇa que explica *apsaḥ* como *darśanīyo gajaḥ*, um elefante belo, embora em outros lugares a palavra pareça significar beleza (1.124.7), e fronte (5.80.6). A alusão é ao tamanho e à força de Vṛtra, o futuro antagonista de Indra.
[31] [O nosso louvor].
[32] [Jamison considera que são as gotas de Soma que estão se aproximando trazendo riquezas, cavalos, etc. e observa que 'Não há referente expresso neste verso, e Grassmann indica que ele é 'nós' do vs. 10. No entanto, Geldner supre 'gotas de soma', especialmente baseado em 8.49.4 e no fato de que *vivákṣana* é sempre usado a respeito do soma'. – *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[33] Como para alguém que sabe o valor o valor do nosso culto e oblações e nos dará algo em retorno.

15. Traze para nós o tesouro do homem opulento que, contrário a dar,
Te menosprezou pelo ganho de riqueza.

16. Indra, estes nossos amigos, providos de Soma, esperam e olham para ti,
Como homens com forragem para o rebanho.
17. E a ti que não és surdo, cujos ouvidos estão prontos para ouvir, para nos ajudar
Nós chamamos a nós de longe.
18. Quando tu ouvires, torna o nosso apelo um que tu nunca esquecerás,
E sê o nosso Amigo muito próximo.

19. Quando mesmo agora, quando estamos em apuros, nós pensamos em ti,
Ó Indra, dá-nos presentes de vacas.
20. Ó Senhor da Força, nós nos apoiamos em ti como idosos se apoiam em uma bengala;
Nós almejamos que tu residas conosco.
21. Para Indra cantem uma canção de louvor, o Herói de coragem imensa, para ele
A quem ninguém desafia para a guerra.

22. Herói, o Soma sendo derramado, eu despejo o suco para que tu bebas;
Sacia-te e termina o teu banquete.
23. Que nem os tolos, nem aqueles que zombam te enganem quando eles procurarem a tua ajuda; não ames os inimigos da prece.[34]
24. Aqui que eles com dose leitosa abundante te animem para grande generosidade;
Bebe como o touro selvagem[35] bebe do lago.

25. Proclamem em nossas assembleias quais atos, novos e antigos, longínquos,
O matador de Vṛtra realizou.
26. Na batalha de mil armas Indra bebeu o suco Soma de Kadrū;[36]
Lá ele mostrou sua força valorosa.
27. Verdadeira força inegável[37] ele encontrou em Yadu e Turvaśa,
E conquistou através do sacrifício.

28. A ele eu tenho magnificado, o nosso Senhor em comum, o Guardião do seu povo,
Revelador de grande riqueza em vacas;
29. Ṛbhukṣan,[38] irreprimível, que fortaleceu o filho de Tugra[39] em louvores,
Indra ao lado do suco que flui;
30. Que para Triśoka partiu a colina[40] que formava um grande receptáculo,
Para que as vacas[41] pudessem sair.

31. Qualquer que seja o teu plano ou propósito, o que quer que, em êxtase, tu queiras fazer, não o faças,[42] Indra, mas sê bondoso.
32. Mas pouco foi ouvido feito sobre a terra por alguém semelhante a ti;

---

[34] Segundo Sāyaṇa aqueles que odeiam os brâmanes.
[35] O gauro.
[36] Kadrū aqui é aparentemente o nome de um Ṛṣi ou de um dos sacerdotes oficiantes. O *Léxico de São Petersburgo* supõe que ele significa 'de um *kadru* ou vaso de Soma'.
[37] *Ahnavāyyam*, segundo Sāyaṇa, é o nome do inimigo de Turvaśa e Yadu: 'ele derrotou Ahnavāyya em batalha'. – Wilson.
[38] Indra, o Senhor dos Ṛbhus.
[39] Bhujyu. Segundo Sāyaṇa, *tugryāvṛdham* significa 'aumentador de água'.
[40] A imensa nuvem de água.
[41] As correntes de água.
[42] [Veja a nota 16. 'O poeta expressa um notável grau de apreensão sobre o exercício dos poderes de Indra e teme que eles possam se voltar contra ele e seus companheiros. Embora uma certa quantidade de tal sentimento (como no início do vs. 10) não seja raro em hinos para Indra, a sequência de versos 31-35, que começa com um apelo para Indra *não* fazer o que ele tem em mente e procura realizar, uma forte reversão do pedido costumeiro, descreve homens com medo de serem alvos de Indra – ou talvez mesmo apenas de testemunhar a sua terrível hiperpotência (veja os versos 32, 35) – e implorando por sua misericórdia'. – Jamison-Brereton].

Que o teu coração, Indra, se volte para nós.[43]
33. Teu então será esse grande renome, teus serão esses louvores sublimes,
Quando, Indra, tu fores bom para nós.[44]

34. Nem por um delito, nem por dois, ó Herói, nos mates, nem por três,
Nem por muitas ofensas.
35. Eu temo alguém poderoso como tu, o aniquilador de inimigos,
Poderoso, que repele todos os ataques.[45]
36. Ó Deus opulento, que eu nunca viva para ver meu amigo ou meu filho em necessidade;
Que o teu coração se volte para cá.

37.[46] Qual amigo, ó povo, não provocado, alguma vez disse a um amigo,
Ele se volta e nos deixa em aflição?
38. Herói, insaciável desfruta deste suco Soma tão perto de ti,
Assim como um caçador se lançando.
39. Para cá eu atraio aqueles teus Baios atrelados pelo nosso hino, com o carro esplêndido, para que possas dar aos sacerdotes.

40. Expulsa todos os nossos inimigos, derrota os inimigos que pressionam ao redor,
E traze a riqueza pela qual ansiamos;
41. Ó Indra, a que está escondida em lugar firme resistente íngreme;
Traze-nos a riqueza pela qual ansiamos;
42. Grandes riquezas que o mundo dos homens reconhecerá como enviadas por ti;
Traze-nos a riqueza pela qual ansiamos.

Índice◄►Hino 46 (Griffith)

---

[43] 'Nos versos seguintes (32-36) o poeta parece expressar despontamento pela manifestação inadequada do poder de Indra, enquanto ao mesmo tempo suplica por sua graça e piedade'. – *O. S. Texts,* V. 111.
[44] ['Que aqueles teus louvores e fama sejam confirmados por tu te compadeceres de nós'. – *Id.*].
[45] ['Eu temo alguém tão terrível, tão esmagador, tão destruidor, tão supressor de resistência como tu'. – *Id.*].
[46] Esta estrofe é a resposta de Indra às reclamações do povo. O significado parece ser: nenhum amigo sem um bom motivo chama seu amigo de traidor. O que então eu fiz, ou deixei de fazer, para que tu digas que eu te abandonei? Veja o comentário de Ludwig sobre o muito difícil *jah kāḥā* ou *jahākaḥ*. [Veja também a interpretação de Jamison-Brereton dos versos 37-38 na nota 20 § 2].

666 - Hino 46. Indra (Wilson)[1]

(Quarto Adhyāya. Continuação do Anuvāka 6. Sūkta IV)[2]

Indra é o deus dos primeiros vinte versos, do vigésimo nono, trigésimo, trigésimo primeiro e trigésimo terceiro[3]; a divindade do vigésimo primeiro e dos três seguintes é a generosidade de Pṛthuśravas o filho de Kanīta; a dos versos restantes é Vāyu[4]; a métrica varia[5]; o Ṛṣi é Vaśa, o filho de Aśva.

Varga 1. **1**. Ó rico Indra, o líder (de ritos), nós pertencemos a alguém semelhante a ti,[6] governante dos cavalos.[7]
2. A ti, trovejante, nós realmente conhecemos como o dador de alimentos, a ti nós conhecemos como o dador de riquezas.
3. Ó Śatakratu, que manuseias cem proteções, cuja grandeza os adoradores louvam com seus hinos.

4. Afortunado em sacrifício é aquele mortal a quem os Maruts sinceros, a quem Aryaman e Mitra, protegem.[8]
5. Aquele que é guiado por Āditya sempre cresce, possuindo abundância de vacas e cavalos e filhos vigorosos; ele cresce em riqueza almejada por muitos.

Varga 2. **6**. Nós pedimos uma dádiva deste Indra, o que exibe poder, o destemido; nós pedimos riqueza do senhor.
7. Nele permanecem unidas todas as proteções seguras;[9] senhor de vasta riqueza, que os seus corcéis deslizantes o levem para o suco Soma espremido para a sua alegria.

8. Aquela tua alegria, Indra, que é preeminente, que destrói totalmente os teus inimigos, que ganha a riqueza dos homens,[10] e é invencível em batalhas;
9. Que é invencível em disputas – ó tu desejado por todos – bem digna de louvor e a que livra (dos inimigos); vem às nossas oblações, ó mais poderoso, dador de habitações; que nós obtenhamos um estábulo cheio de vacas.

10. Senhor da riqueza, visita-nos como antigamente, para nos dar vacas, cavalos e carruagens.[11]
Varga 3. **11**. Realmente, herói, eu não encontro nenhum limite para a tua riqueza; ó Maghavan, o tonante, concede (as tuas dádivas) rapidamente a nós, e abençoa as nossas oferendas com alimento (abundante).

12. O gracioso Indra, cujos amigos o exaltam, conhece, louvado por muitos, todos os nascimentos; a ele, o poderoso, todos os homens[12] invocam sempre, segurando as conchas (para a oblação).

---

[1] ['O hino é difícil e obscuro em partes, onde apenas traduções conjeturais podem ser dadas'. – Griffith].

[2] ['O *Ṛgvidhāna*, 2.33.1 diz: 'Por proferir o sūkta de Vaśa [este hino] e aquele (que começa com) 'grandioso' [o hino seguinte, 8.47] uma pessoa ganha grande prosperidade'. – Tradução de Gonda, 1951].

[3] [Jamison observa que os versos 29-33 também constituem uma *dānastuti*, e a *Bṛhaddevatā* observa que 'no dístico 'Bem guiado, de fato' (*sunītho ghā:* 8.46.4-5), Mitra-Aryaman (e) os Maruts são louvados'. – Tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, p. 231].

[4] O escólio sobre o verso 33 observa que Vāyu pode ser considerado o deus dos versos 21-24, já que mesmo quando o presente é o assunto direto, ele deve ser considerado como o resultado da graça de Vāyu.

[5] [Veja o detalhamento das métricas no Índice dos Sūktas do Oitavo Maṇḍala. Esse hino é considerado como o mais metricamente variado do Ṛgveda, contendo dezessete variedades de métrica].

[6] Sāyaṇa acrescenta, 'visto que nenhum outro é como tu, nós somos teus'.

[7] *Sāma-Veda,* 1.2.2.5.9.

[8] *Ibid*. 1.3.1.2.3.

[9] Sāyaṇa diz que isso também pode se referir às tropas de Maruts que acompanham Indra.

[10] Sāyaṇa explica *nṛbhiḥ* por *śatrubhyaḥ*, 'dos teus inimigos'.

[11] *Sāma-Veda*, 1.2.2.5.2.

[12] Sāyaṇa considera *viśve mānuṣā* como 'todos os sacerdotes, *adhvaryus*, etc., associados aos homens'.

13. Que Maghavan, o rico, o matador de Vṛtra, fique diante de nós como nosso defensor nas batalhas.

14. Na hora da alegria do Soma, cantem, de acordo com os seus hinos,[13] em alta voz, ao seu herói sábio Indra, o que humilha os inimigos, o forte, o sempre digno de ser louvado.[14]
15. (Indra), invocado por muitos, dá-me prosperidade rapidamente; dá riquezas, dá fartura de alimentos em batalha.
Varga 4. **16**. (Nós te louvamos), o senhor de todas as riquezas, o subjugador desse obstrutor que promove (ataques) – rapidamente dá-nos (riqueza) abundante.

17. Eu desejo a vinda de ti, o poderoso; nós damos louvor com oblações e hinos ao derramador que se apressa prontamente (para o sacrifício); associado aos Maruts, tu és adorado por todos os homens;[15] eu te glorifico com adoração e louvor.
18. (Nós oferecemos) a oblação aos (Maruts) que ressoam alto, que correm junto com as ondeantes fileiras de nuvens; que obtenhamos no sacrifício a felicidade que esses rugidores profundos concedem.

19. (Nós adoramos) aquele que aniquila os malevolentes; poderosíssimo Indra, traze para nós riqueza adequada, ó inspirador,[16] (traze a riqueza) mais excelente, ó inspirador.
20. Ó generoso, o mais generoso, poderoso, maravilhoso, o melhor dador de conhecimento e supremamente verdadeiro, por tua destreza, soberano universal, (traze para nós) em conflitos vasta riqueza que subjugue aqueles que nos atacam e cause alegria.[17]

Varga 5. **21**. "Que se aproxime aquele que, embora não um deus, receberia este presente vivo inteiro[18] – visto que Vaśa, o filho de Aśva, o recebe no início desta (manhã) das mãos de Pṛthuśravas, o filho de Kanīta".[19]
22. "Eu recebi sessenta mil cavalos, e dezenas de milhares, vinte centenas de camelos, mil éguas marrons, e dez vezes dez mil vacas com três manchas vermelhas.[20]
23. "Dez cavalos marrons levam adiante a roda (da minha carruagem), de vigor maduro, de poder completo,[21] e pisoteando obstáculos.
24. "Estes são os presentes do opulento Pṛthuśravas, o filho de Kanīta; ele, dando uma carruagem de ouro, demonstrou ser muitíssimo generoso e sábio, ele ganhou a fama mais abundante".

25. Vem a nós, Vāyu, para dar grande riqueza e força gloriosa; nós temos oferecido (libações) a ti, o que dá (riqueza) abundante, nós temos oferecido imediatamente a ti, o dador de grandes (presentes).
Varga 6. **26**. Aquele[22] que é conduzido em cavalos e se cerca de três vezes sete vezes setenta vacas – ele vem a ti com estas libações de Soma e sacerdotes de Soma, para oferecer a ti, bebedor de Soma, bebedor de Soma puro brilhante.

---

[13] [Veja a nota 31].
[14] *Sāma-Veda*, 1.3.2.3.3.
[15] [Ou melhor:] 'tu favoreces todos os homens e os Maruts' (compare com 6.49.4), ou 'aos Maruts que são conhecidos por todos os homens'.
[16] *Codayanmate* é explicada por Sāyaṇa como 'tu cuja mente envia riqueza para o seu adorador'. Em 5.8.6 ela é aplicada ao olho, e lá ele a explica, 'que tem a mente como sua instigadora'.
[17] Dois dos epítetos neste verso, *bhujyum* e *pūrvyam*, são aplicados em 8.22.2 à carruagem dos Aśvins, e *pūrvya* é lá explicado por Sāyaṇa como 'a que segue à frente (na batalha)', e *bhujyu* como 'a preservadora de todos'.
[18] Supõe-se que esse verso é falado por Aśva ou seus amigos.
[19] *Kānīta* também é explicado por Sāyaṇa como 'o filho de uma donzela'.
[20] Sāyaṇa diz, 'tendo a cabeça, costas e os lados brancos (ou brilhantes)'; ele também omite um *daśa* em sua explicação. – Essa e as duas estrofes seguintes são faladas por Vaśa.
[21] Ou melhor: 'de caudas elegantes'.
[22] Pṛthuśravas.

27. Aquele que por sua própria vontade teve a bondade de me dar este presente honroso – ele, o realizador de boas obras, (determinou-se) a uma ação preeminentemente boa, em meio a Araṭva, Akṣa, Nahuṣa e Sukṛtvan.[23]
28. Aquele que é autorresplandecente em seu corpo glorioso,[24] que é brilhante, ó Vāyu, como ghee, me deu este alimento, trazido por cavalos, trazido por camelos,[25] trazido por cães.

29. Eu agora recebi (um presente) caro para o rei beneficente, sessenta mil touros vigorosos como cavalos.
30. Como as vacas para o rebanho, assim se dirigem os bois, assim os bois se dirigem para mim.
31. Visto que, quando o rebanho estava vagando (para o bosque), ele chamou cem camelos (para dá-los a mim), e dois mil de entre os rebanhos brancos (de vacas),
32. Eu, o sábio, aceito os cem[26] do escravo[27] Balbūtha, o vaqueiro; nós aqui somos teus, Vāyu – aqueles que têm Indra e os deuses como protetores se regozijam (pelo teu favor).
33. Esta donzela alta, enfeitada com ouro, é trazida para mim, Vaśa, o filho de Aśva.

Índice◄►Hino 47 (Wilson)

---

666 - Hino 46. Indra (Griffith)[28]

1. Nós, Indra, Senhor de vasta riqueza, nosso Guia, dependemos de alguém como tu,
Ó Condutor dos Corcéis Baios.
2. Pois, Lançador do Raio, nós te conhecemos como o verdadeiro, o que dá o nosso alimento, nós te conhecemos como o que dá a nossa riqueza.
3. Ó tu cuja majestade os bardos celebram com suas canções, ó Senhor
Dos cem poderes e cem auxílios.

4. Tem boa orientação o homem mortal a quem Aryaman, a hoste Marut,
E Mitra, desprovidos de fraude, protegem.
5. Vacas, corcéis e força heroica ele ganha, e prospera, ajudado pelos Ādityas,
Sempre na riqueza que todos desejam.

6. Nós rezamos para Indra por sua dádiva, para ele o Destemido e o Forte,
Nós oramos para ele o Senhor da Riqueza.
7. Pois realmente combinados nele estão todos os destemidos poderes de auxílio.[29] A ele, rico em opulência, que os Corcéis velozes tragam até nós, seus Baios, para o suco Soma para o seu festejo;

8. De fato, aquele festejo muito excelente, Indra, que mata muitos inimigos,
Com Heróis ganha a luz do céu, e é invencível em guerra;

---

[23] Esses são ou os ministros de Pṛthuśravas ou outros reis. [Veja a nota 39].
[24] Sāyaṇa dá uma alternativa: 'aquele que é senhor sobre (os reis) Ucathya e Vapus'.
[25] O escólio diz que *rajas* significa um camelo ou um burro.
[26] Sāyaṇa diz que 'cem' significa aqui um número indefinido.
[27] ['Ele é chamado de Dāsa, mas Roth estava disposto a alterar o texto de modo a dizer que o cantor recebeu cem Dāsas de Balbūtha'. – *Vedic Index of Names and Subjects].*
[28] O hino parece ser composto de dois ou mais hinos originalmente separados (veja Pischel, *Vedische Studien,* I. 7-9). Há dezessete variedades de métrica (veja o Índice dos Sūktas). O hino é difícil e obscuro em partes, onde apenas traduções conjeturais podem ser dadas.
[29] Ou *auxiliadores* destemidos; os Maruts podem estar subentendidos.

9. Que merece a fama, Todo-Generoso! e, invicto, tem a vitória em atos de força. Então vem para as nossas libações, ó Mais Forte! Excelente! Que possamos obter um estábulo de vacas.

10. Respondendo ao nosso desejo por vacas, por cavalos e carros, como antigamente,
Sê bondoso, Maior dos Maiores!
11. Pois, Herói, em nenhum lugar eu posso encontrar os limites da tua generosidade. Favorece-nos continuamente, ó Maghavan armado de raio; com força tu tens recompensado os hinos.

12. Ilustre, glorificador de seu amigo, ele conhece todas as gerações, ele a quem muitos louvam. Todas as raças da humanidade com as conchas erguidas invocam o auxílio daquele Indra Poderoso.
13. Seja ele o nosso Campeão e Protetor em grandes façanhas, rico em toda opulência, o matador de Vṛtra, Maghavan.[30]

14. Nos êxtases selvagens do suco cantem para o seu Herói com louvor alto, para ele o Sábio, para Indra, glorioso em seu nome, o Poderoso, assim como o hino permite.[31]
15. Tu dás riqueza para mim mesmo, tu dás tesouro, Excelente! e o cavalo forte,
Ó Invocado por muitos, em atos de força, de fato, agora mesmo.
16. A ele, o Governante Soberano de todas as coisas preciosas, que até tem poder sobre esta bela forma dele, como agora ela toma forma,[32] e depois,

17. Nós louvamos, para que o Poderoso possa correr até vocês, Derramador de Bênçãos, Viajante, preparado para partir. Tu favoreces os Maruts conhecidos por todos, pela canção e sacrifício. Com música e louvor eu canto para ti.
18. Nós no sacrifício realizamos a vontade deles[33] cuja voz se ergue alta, a adoração daqueles Trovejantes que sobre os cumes dessas montanhas voam em bandos.

19. Ó Indra, O Mais Poderoso, traze-nos a que aniquila os homens de mente má, riqueza adequada às nossas necessidades, ó Incitador do Pensamento, a melhor riqueza, ó tu que animas o pensamento.
20. Ó Ganhador,[34] vencedor nobre, forte, extraordinário, o mais esplêndido, excelente, Único Senhor da Vitória, traze riqueza todo-conquistadora, concessora de alegria, a principal em atos de força.

21. Agora que se aproxime o homem ímpio que recebeu recompensa tão grande quanto Vaśa Aśvya,[35] quando esta luz da manhã raiou, recebeu de Pṛthuśravas,[36] do filho de Kanīta.
22. Sessenta mil cavalos e dez mil vacas, e vinte centenas de camelos eu obtive; dez centenas de marrons, e outras dez vermelhas em três pontos: ao todo, dez mil vacas.[37]
23. Dez marrons que fazem a minha riqueza aumentar, corcéis velozes cujas caudas são longas e belas, viram com giro rápido a roda da minha carruagem;

---

[30] Essa estrofe pode ter sido a conclusão de um dos hinos originais.
[31] Isto é, em devida concordância com a métrica.
[32] Sāyaṇa explica a última parte da primeira linha e a parte seguinte da segunda como, 'que derrota este obstrutor (o inimigo) quando ele trava guerra'. Eu sigo a interpretação de Ludwig que se refere a 3.53.8, 'Maghavan usa todas as formas à vontade, efetuando mudanças mágicas em seu corpo', e 6.47.18, 'Indra se move multiforme por suas ilusões'.
[33] O desejo dos Maruts.
[34] De riqueza para ser dada aos teus adoradores. 'Ó generoso, o mais generoso'. – Wilson.
[35] O Ṛṣi do hino. Veja 1.112.10.
[36] Veja 1.116.21.
[37] O sentido exato não é muito claro. A última linha é interpretada de forma diferente na tradução de Wilson: 'mil éguas marrons, e dez vezes dez mil vacas com três manchas vermelhas'.

24. Os presentes que Pṛthuśravas deu, o munificente filho de Kanīta. Ele deu uma carruagem feita de ouro; o príncipe foi extremamente generoso, e ganhou para si a mais alta fama.

25. Vem para este nosso grande rito, Vāyu! para nos dar luz vigorosa. Nós temos servido a ti para que tu possas dar muito para nós, sim, possas dar grande riqueza rapidamente.
26. Que[38] com três vezes sete vezes setenta cavalos vem até nós, investido com os raios da manhã, por estas nossas doses de Soma e aqueles que espremem, para dar, bebedor de puro suco Soma brilhante.

27. Que inclinou este glorioso, ele próprio generoso, a me dar presentes, trazido em carruagem firme[39] com o próspero Nahuṣa, sábio, para um homem ainda mais devoto.
28. Senhor único em beleza digno de louvor, ó Vāyu, despejando gordura,[40] acelerado por cavalos, por camelos e por cães,[41] se espalha o teu séquito: isso mesmo ele é.

29. Assim, como um prêmio estimado pelo forte, os sessenta mil eu ganhei,
Touros que se assemelham a cavalos vigorosos.
30. Para mim vêm bois como um rebanho, sim, a mim os bois vêm.
31. E no rebanho que pastava ele fez cem camelos balirem para mim,
E vinte centenas em meio aos brancos.[42]
32. Cem o sábio recebeu, dos presentes do Dāsa Balbūtha[43] e de Tarukṣa. Estes são o teu povo, Vāyu, que se regozijam com Indra como seu guarda, se regozijam com os Deuses como guardas.
33. E agora, para Vaśa Aśvya aqui esta mulher majestosa[44] é trazida,
Enfeitada com ornamentos de ouro.

Índice◄►Hino 47 (Griffith)

---

[38] Aparentemente Vāyu, mas, segundo Sāyaṇa, Pṛthuśravas.
[39] Literalmente, em um carro feito da madeira da árvore Araṭu (Colosanthes Indica). Mas Sāyaṇa faz dois nomes próprios das palavras, 'com Araṭva e Akṣa'.
[40] [Fertilidade, abundância].
[41] Os cavalos, camelos e cães são aparentemente as formas fantásticas das nuvens que voam diante de Vāyu ou o vento.
[42] Rebanhos de vacas.
[43] Provavelmente um nativo aliado de Pṛthuśravas. Veja Weber, *Episches im Vedischen Ritual,* p. 30.
[44] Provavelmente a esposa do rei conquistado. – Ludwig.

667 - Hino 47. Ādityas (Wilson)

(Sūkta V)

Os Ādityas são os deuses[1], nos últimos cinco versos eles estão associados a Uṣas[2]; a métrica é Mahāpaṅkti; o Ṛṣi é Trita Āptya [veja as notas 9, 18 e a introdução da versão de Haug abaixo).

Varga 7. **1**. Mitra e Varuṇa, vocês são grandiosos, e grande é a sua proteção ao ofertante; nenhum mal, Ādityas, prejudica aquele a quem vocês protegem do agressor; os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.
2. Divinos Ādityas, vocês conhecem a prevenção de males; como as aves (esticam) suas asas sobre os (seus) filhotes, nos concedam felicidade; os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.
3. Concedam-nos aquela sua felicidade, como as aves (estendem) suas asas; ó possuidores de todas as riquezas, nós pedimos todas as riquezas adequadas para a nossa habitação; os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.
4. Para quem quer que estes sábios Ādityas concedam uma residência e os meios de vida, (para ele) eles dominam a riqueza de cada homem;[3] os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.
5. Que os nossos pecados nos evitem como os aurigas [evitam os] lugares inacessíveis; que permaneçamos na felicidade de Indra e na proteção dos Ādityas; os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.
Varga 8. **6**. Apenas por meios dolorosos[4] um homem vivente[5] obtém a riqueza que vocês dão; mas aquele a quem vocês, divinos Ādityas, visitam, ganha grandes (riquezas); os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.
7. A ele a ira feroz não toca, nem a (calamidade) pesada, a quem, Ādityas, vocês deram grande felicidade; os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.
8. Deuses, que nós permaneçamos em vocês como guerreiros em suas armaduras; que vocês nos defendam do grande mal, que vocês nos defendam do pequeno; os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.
9. Que Aditi nos defenda, que Aditi nos conceda felicidade, a mãe do rico Mitra, Aryaman e Varuṇa; os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.

---

[1] [‘Aditi é louvada com a nona (estrofe)’. – *Bṛhaddevatā]*.

[2] [O *Ṛgvidhāna*, 2.33.2a, diz que ‘Por proferir, de manhã cedo, as (estrofes) finais [14-18] que destroem (a influência dos) sonhos ruins, uma pessoa se livra do mal’. E em nota: ‘O *Āśvalāyana-Gṛhya-Sūtra,* 3.6.5* e Sāyaṇa 8.47.14, para esse objetivo, prescrevem o uso desses versos**, enquanto se adora o sol’. – Tradução de Gonda, 1951].

[*”Se ele viu um sonho ruim, ele deve adorar o sol com os dois versos, ‘hoje, deus Savitṛ’ (*Ṛg-Veda* 5.82.4-5), e com os cinco versos, ‘Que os sonhos ruins que há entre as vacas’ (Ṛg -Veda 8.47.14 e seguintes)”. – Tradução de Oldenberg].

[**Lembrando que todos os hinos se encontram em áudio, em escrita *devanāgarī* e transliterados no Site Of Sri Aurobindo & The Mother. Veja a escrita e ouça o canto desse hino especificamente aqui].

[3] A escólio acrescenta, ‘que não oferece sacrifícios’. [Veja a versão de Haug].

[4] Isto é, por penitência, práticas religiosas, etc.

[5] Sāyaṇa explica *anā* como ‘dotado de vida’, mas parece melhor tomá-la como a partícula ‘certamente’. Nós poderíamos traduzir a linha: ‘realmente os homens sucumbem pela perda da riqueza dada por vocês’? Na segunda linha Sāyaṇa une *āśa vaḥ* em uma palavra, *āśavaḥ*, ‘que se move rapidamente’.

10. Concedam-nos, deuses, aquela felicidade que é um refúgio, auspiciosa, e livre de doenças, que é tripla[6] e adequada para um abrigo (seguro); os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.

Varga 9. **11**. Ādityas, olhem para nós como aqueles que olham da margem;[7] como (os homens guiam) seus cavalos para um ghāṭ seguro, assim nos conduzam ao longo de um bom caminho; os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.

12. Que não haja prosperidade aqui para o nosso (inimigo) poderoso, nem para aquele que ameaça ou nos assalta;[8] mas que haja prosperidade para o nosso gado, as nossas vacas leiteiras, e a nossa prole masculina desejosa de alimento; os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.

13. Deuses, todo mal que esteja manifesto, todo o que esteja escondido, (que ele não seja encontrado) em Trita Āptya, o mantenham longe de nós;[9] os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.

14. Filha do céu, (Uṣas), qualquer sonho de mau presságio que ameace o nosso gado ou a nós mesmos, o mantém, ó brilhante, longe de Trita Āptya;[10] os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.

15. Filha do céu, todo sonho de mau presságio que ameace Trita Āptya,[11] nós o transferimos para o produtor de ornamentos de ouro ou para o fabricante de guirlandas; os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.

Varga 10. **16**, Uṣas, leva (para outro lugar) o sonho de mau agouro[12] para Trita e Dvita,[13] que comem e fazem (em sonhos) aquilo (que é comido e feito de errado quando acordado) e que obtêm aquela porção (inauspiciosa); os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.

17.[14] Como (no sacrifício) nós colocamos respectivamente juntas as peças adequadas e os cascos, e como nós pagamos uma dívida, assim nós transferimos todo o sonho de mau agouro que repousa sobre Āptya;[15] os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.

18. Que sejamos vitoriosos hoje, e obtenhamos (felicidade); que fiquemos livres do mal; Uṣas, que vá embora esse sonho ruim do qual nós estávamos com medo; os seus auxílios são desprovidos de males, os seus auxílios são auxílios verdadeiros.

---

[6] Essa frase *tridhātu* é explicada pela nota de Sāyaṇa sobre *varūthya* em 6.67.2 e *trivarūtha* em 8.18.21 como o que protege do frio, calor e vento ou umidade.

[7] Sāyaṇa explica a imagem: 'Como um homem que está na margem olha para a água abaixo ou para alguém nela'.

[8] Ou melhor, 'nem para nos ameaçar nem nos assaltar'.

[9] Sāyaṇa necessariamente interpreta a linha dessa forma, porque ele afirma que Trita Āptya é o Ṛṣi do hino. O Prof. Roth sem dúvida dá o significado verdadeiro quando diz que Trita Āptya era um deus que vivia muito distante, e consequentemente buscava-se transferir o mal para ele; compare com *Atharva* 19.56.4. Ele traduziria: 'o mantenham longe de nós em Trita Āptya'. Veja *O. S. Texts* do Dr. Muir, vol. V. 336.

[10] Aqui o dativo *tritāya āptyāya* pode sugerir a interpretação mais apropriada, 'o mantém longe para Trita Āptya'. Os *Gṛhya-Sūtras* de Āśvalāyana prescrevem que os versos 14-15 sejam recitados depois de um sonho desagradável, [veja a nota 2 § 2].

[11] É singular que aqui Sāyaṇa dê uma interpretação alternativa, concordando com a explicação do Prof. Roth das estrofes 13 e 14, 'Qualquer sonho ruim que ameace o fazedor de ornamentos de ouro ou o fabricante de guirlandas, aquele mal, permanecendo em Trita Āptya (ou filho das águas), nós Tritas o lançamos para longe de nós mesmos'. Isso parece querer dizer, 'nós o lançamos em Trita Āptya'.

[12] Ou seja, que o consumo de mel, etc., visto em um sonho, produza felicidade como no estado de vigília.

[13] Aqui Sāyaṇa tem apenas uma interpretação adequada. Para Dvita compare com o *Śatapatha Brāhmaṇa,* 1.2.3.1.

[14] A explicação de Sāyaṇa é, 'como no sacrifício eles colocam junto a *kalā*, isto é, o coração, etc., como próprios para serem cortados em pedaços, e o *śapha*, ou seja, o casco, ossos, etc., como impróprios'. Ele também propõe outra explicação, em que a *kalā* é o *śapha* 'casco'. Mas as palavras *śapha* e *kalā* ocorrem juntas na *Taittirīya Saṃhitā [Yajur-Veda Preto]*, 6.1.10, onde o processo de compra de Soma é descrito; e Sāyaṇa lá considera *śapha* como a oitava parte de uma vaca, e *kalā* como uma porção muito pequena.

[15] Ou 'nós transferimos todo o sonho de mau presságio para Āptya'.

667 - Hino 47. Ādityas (Griffith)

1. Grande ajuda vocês dão ao adorador, Varuṇa, Mitra, Poderosos! Nenhuma tristeza chega até aquele a quem vocês, Ādityas, protegem do mal. Seus são auxílios incomparáveis, e bom o socorro que eles fornecem.[16]
2. Ó Deuses, Ādityas, vocês sabem bem o modo de manter todos os problemas longe.
Como as aves estendem suas asas protetoras, estendam sua proteção sobre nós.
3. Como as aves esticam suas asas protetoras que a sua proteção nos cubra.
Nós queremos dizer todo abrigo e defesa, vocês que têm todas as coisas como suas.
4. Para quem quer que eles, Os Mais Sábios, tenham dado uma casa e meios de vida,
Sobre todas as riquezas desse homem eles, os Ādityas, têm controle.
5. Como os motoristas de carro evitam as estradas ruins, que as tristezas nos ignorem.
Que nós estejamos sob a guarda de Indra, na graça favorecedora dos Ādityas.
6. Porque realmente os homens caem e enfraquecem com a perda da riqueza que vocês deram. Muito tem ganhado de vocês, ó Deuses, aquele de quem vocês, Ādityas, se aproximam.
7. Sobre ele nenhuma ira feroz cairá, nem o sofrimento severo o visitará,
Para quem, Ādityas, vocês forneceram seu abrigo que se estende longe.
8. Confiando em vocês, ó Deuses, nós somos como homens que lutam em cotas de malha.
Vocês nos protegem de toda grande ofensa, vocês nos protegem de toda falha mais leve.
9. Que Aditi nos defenda, que Aditi nos guarde e nos proteja,
A Mãe do opulento Mitra e de Aryaman e Varuṇa.
10. O abrigo, Deuses, que é seguro, auspicioso, livre de doenças,
A proteção segura, triplamente forte, essa mesma que vocês estendam a nós.
11. Olhem para baixo para nós, Ādityas, como um guia explorando a partir da margem.[17]
Guiem-nos para caminhos agradáveis como os homens guiam cavalos para um vau acessível.
12. Que seja difícil para o amigo dos demônios nos encontrar ou chegar perto de nós.
Mas para a vaca leiteira que seja favorável, e para o homem que se esforça pela fama.
13. Cada má ação manifesta, e aquela que está escondida, ó Deuses,
Todas essas afastem de nós para Trita Āptya bem longe.[18]
14. Filha do Céu,[19] o sonho que pressagia mal para nós ou para as nossas vacas,
Afasta, ó Senhora da Luz, para Trita Āptya bem longe.
15. Mesmo se, ó Filha do Céu, ele fizer uma guirlanda ou uma corrente de ouro,[20]

---

[16] [Essa última frase é] o refrão que ocorre em cada verso do hino.
[17] [‘Como espiões observando da margem’. – Macdonell, *A History of Sanskrit Literature,* 1900, p. 105].
[18] Trita Āptya é um deus que vive na parte mais remota dos céus para quem era costumeiro entregar e desejar que fosse embora qualquer calamidade ou aborrecimento pressagiado. Como Sāyaṇa considera Trita Āptya o Ṛṣi do hino, ele é obrigado a forçar uma interpretação diferente da primeira metade da segunda linha: ‘(que ele não seja encontrado) em Trita Āptya, o mantenham longe de nós’.
[‘Nada mais nos fragmentos de mitologia que sabemos sobre Trita Āptya explica por que ele deve ser o bode expiatório receptor dos nossos pesadelos, muito menos por que ele os transformaria em ornamentos corporais (15) ou os usaria como alimento e trabalho (16). O agente que remove o sonho ruim para Trita é a Aurora (14-16, 18), cuja participação é mais fácil de entender, como sabe qualquer um que tenha sentido o alívio de acordar de manhã para descobrir que os pesadelos recém-experienciados não eram reais’. – Jamison-Brereton, *The Rigveda, The Earliest Religious Poetry of India].*
[19] Uṣas ou Aurora.
[20] [‘Ele fará dele [ou seja, do sonho ruim] seu ornamento para o pescoço ou sua guirlanda’. – Jamison-Brereton].

Todo o sonho ruim, qualquer que seja, para Trita Āptya nós entregamos.[21]
16. Para ele[22] cujo alimento e trabalho é esse, que vem para tomar a sua parte nisso,[23]
Para Trita, e para Dvita,[24] Aurora! leva o sonho ruim para longe.
17. Como nós recolhemos o máximo da dívida, até a oitava e décima sexta parte,
Assim para Āptya nós transferimos junto todo o sonho ruim.
18. Agora nós conquistamos e obtivemos, e estamos livres das nossas ofensas. Afasta com teu brilho o sonho ruim, ó Aurora, do qual nós temos medo. Seus são auxílios incomparáveis e bom o socorro que eles fornecem.

Índice◄►Hino 48 (Griffith)

---

667 - Hino 47. Ādityas (Haug)

Este hino notável consiste, como todo leitor atento descobrirá facilmente, em duas partes: um hino para os Ādityas (1-12) e uma prece para a Aurora (13-18), a Deusa do Amanhecer, para afastar o mal da insônia. É só na última parte, que originalmente era totalmente separada da primeira, que encontramos o nome de Trita, para quem se deseja que vá todo o mal, pois ele tem o poder de curar todas as doenças.

1. Aquele que faz oferendas (a vocês), ó Varuṇa, Mitra! desfruta da grande assistência de vocês grandiosos. A quem os Ādityas protegem da ruína, aquele homem nenhum mal alcançará. Os seus auxílios são impecáveis; bons auxílios são os seus auxílios.
2. Eu quero saber, ó Deuses eternos! como as doenças podem ser curadas. Deem-nos abrigo assim como as aves cobrem (seus filhotes) com suas asas. Os seus auxílios são impecáveis; bons auxílios são os seus auxílios.
3. Deem, ó Deuses eternos! a nós proteção assim como as aves cobrem (seus filhotes) com suas asas. Todos os meios de nos proteger (do mal) nós pedimos a vocês, que são abençoados com todos os tesouros. Os seus auxílios etc.
4. Não só a casa e o alimento daquele para quem os Deuses providentes concederam essas dádivas (são deles), mas esses Deuses imortais são os donos da propriedade de todo homem. Os seus auxílios etc.
5. Que eles nos protejam dos males, assim como um auriga evita caminhos irregulares. Que nós estejamos sob a proteção de Indra, e desfrutemos do auxílio dos Ādityas (Deuses imortais). Os seus auxílios etc.
6. O homem que sofre de asma respira por meio do que vocês lhe deram (através do seu remédio). Aquele a quem o seu remédio foi aplicado vocês deixam ileso. Os seus auxílios etc.
7. Nenhuma doença aguda, (tal como febre), nem uma que entorpece, (tal como asma), cairá sobre aquele a quem vocês, Deuses imortais, concederam a sua vasta proteção. Os seus auxílios etc.
8. Nós estamos em vocês, ó Deuses, (isto é, protegidos por vocês), assim como os lutadores estão em suas armaduras (cobertos por elas). Libertem-nos dos grandes infortúnios e dos pequenos! Os seus auxílios etc.

---

[21] "O sentido então seria: 'mesmo que partes dele sejam agradáveis, nós descartamos o sonho ruim inteiro'". – Macdonell, Journal R. A. S., Julho, 1893, 461.
[22] Para Trita cujo trabalho é receber essas entregas.
[23] ['Que possui essa porção'. – Macdonell].
[24] Um ser similar, às vezes associado com Trita. Veja 5.18.2 [e o *Śatapatha Brāhmaṇa,* 1.2.3.1].

9. Que Aditi possa nos livrar (da angústia)! Que Aditi possa nos dar abrigo, ela, a mãe de Mitra, do rico Aryaman, e Varuṇa. Os seus auxílios etc.
10. Deem-nos, ó Deuses! abrigo que forneça proteção, nos faça felizes, e nos deixe livres de doenças. Concedam-nos uma residência que tenha essas três qualidades! Os seus auxílios etc.
11. Ó Ādityas! Vocês olham para nós (das alturas do céu) como vigias (olham para baixo) a partir de uma colina. Vocês nos fazem cruzar o perigo (em segurança) assim como cavaleiros conduzem seus cavalos (sobre um rio). Os seus auxílios etc.
12. Nem deve (o nosso inimigo) aqui desfrutar de felicidade, nem aquele que nos ataca e vem sobre nós; mas que o (nosso) gado e vaca e os (nossos) homens que aspiram por fama (permaneçam em felicidade). Os seus auxílios etc.
13. Qualquer mal, seja notório ou seja oculto, removam-no todo, ó Deuses! de nós (despachando-o) para muito longe para Trita, o filho de Āpta. Os seus auxílios etc.
14. Quando a nossa vaca ou nós mesmos formos perturbados pela insônia, a leva embora, ó filha do céu (Aurora), que brilhas em todo lugar, para Trita, o filho de Āpta. Os seus auxílios etc.
15. Quando o ourives ou o fabricante de guirlandas estiverem perturbados pela insônia, tudo isso, ó filha do céu, nós depositamos em Trita Āptya. Os seus auxílios etc.
16. Daquele que obteve a sua devida parte de alimento e trabalho, envia, Uṣas (Aurora)! a insônia para Trita e Dvita.
17. Assim como nós jogamos fora (como inúteis para o consumo) as entranhas (de um animal morto), e os cascos, assim como nós liquidamos uma dívida: assim nós acabamos com toda a insônia (enviando-a) para o filho de Āpta.
18. Hoje nós conquistamos e oferecemos nossos presentes e nos tornamos livres de culpa. A insônia da qual nós (até agora) estávamos com medo afasta pelos teus raios brilhantes, ó Aurora!

Índice◄►Hino 84 (Haug)

---

668 - Hino 48. Soma (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus é Soma; o Ṛṣi é Pragātha, filho de Kaṇva; a métrica é Triṣṭubh, com exceção do verso 5, que é Jagatī.

Varga 11. **1**. Que eu, o sábio e devoto, desfrute do delicioso alimento Soma abundantemente honrado, que todos os deuses e mortais, proclamando doce, procuram obter.
2. Tu entras no interior[1] e, intacto, tu desvias a ira dos deuses; Soma, desfrutando da amizade de Indra, que tu nos leves à riqueza como um (cavalo) veloz [leva] sua carga.
3. Nós bebemos o Soma, que nos tornemos[2] imortais; nós alcançamos a luz (do céu), nós conhecemos os deuses;[3] e agora o que o inimigo fará a nós, ou o que, ó imortal, o ofensor fará ao mortal?

[1] Sāyaṇa acrescenta, 'o coração ou a câmara de sacrifício'.
[2] [Ou, 'nós nos tornamos'].
[3] Sāyaṇa em seu comentário sobre este verso (*Taittirīya Saṃhitā*, 3.2.5.m), diz que 'o tempo passado é usado no sentido de desejo'.

4.[4] Soma, bebido por nós, sê alegria para os nossos corações, como um pai é indulgente para com um filho ou um amigo para com um amigo; ó Soma, digno de vasto louvor, que tu, sábio, prolongues os nossos anos para que possamos viver.
5. Que estes rios [ou gotas] de Soma protetores e concessores de glória unam as minhas juntas como vacas[5] [=tiras de couro] reúnem uma carruagem caindo aos pedaços; que eles nos guardem de um culto unido frouxamente;[6] que eles me livrem da doença.
Varga 12. **6**. Soma, acende-me como o fogo aceso por atrito, ilumina (os nossos olhos) e nos torna ricos; eu te louvo agora por alegria; vem agora, cheio de riqueza, para nos nutrir.
7. Que possamos compartilhar de ti, despejado, com uma mente desejosa como (homens desfrutam da) riqueza paterna; Rei Soma, prolonga as nossas vidas, como o sol os dias que estabelecem[7] o mundo.
8. Rei Soma, nos abençoa para o nosso bem-estar; nós adoradores somos teus, que tu reconheças isso; o inimigo segue forte e feroz, ó Soma; não nos entregues a ele como ele quer.
9. Ó Soma, tu és o guardião dos nossos corpos, tu resides em cada membro como observador dos homens;[8] embora nós prejudiquemos os teus ritos, ainda assim, divino, nos abençoa, tu que és dotado do alimento mais excelente e bons amigos.
10. Que eu obtenha um amigo saudável que, quando bebido, não me prejudique, senhor dos cavalos baios; eu peço de Indra uma longa permanência[9] para este Soma que foi colocado dentro de nós.
Varga 13. **11**. Que essas doenças inamovíveis partam; que essas (dores) fortes, que nos fizeram tremer, temam; o Soma poderoso subiu dentro de nós – nós obtivemos aquela (dose) pela qual os homens prolongam a vida.
12. Aquele Soma que, bebido em nossos corações, entrou, imortal, em nós, mortais – a ele, pais, vamos prestar culto com oblações; que permaneçamos em sua beatitude e favor.
13. Soma, tu em conjunto com os pais estendeste sucessivamente o céu e a terra – a ti vamos prestar culto com oblações, que possamos ser senhores da riqueza.
14. Deuses Guardiões, falem favoravelmente a nós; não deixem que sonhos nem o censurador nos subjugue; que nós sempre sejamos queridos para Soma; possuidores de filhos corajosos, que possamos proferir o nosso hino.
15. Tu, Soma, nos dás alimentos de todos os lados; tu és o concessor de céu; entra em nós, observador dos homens; ó Soma, regozijante com teus poderes protetores,[10] nos protege por trás e pela frente.

Índice◄►Hino 49 (Cowell)

---

[4] [Sobre as estrofes 4 e 5 o *Ṛgvidhāna* 2.33.2b-3a fala: '(Se) alguém, bem preparado e puro, come alimento com as duas (estrofes) 'sê auspicioso para nós', e toca o (próprio) coração com a mão, ele terá vida longa, (e será) livre de doenças e feliz'. – Tradução de Gonda, 1951].
[5] *Gāvaḥ* pode igualmente aplicar-se aos rios de Soma, como o Soma é misturado com o leite, e pode ser assim considerado o produto das vacas.
[6] Quando o Soma é bebido a cerimônia se consolida.
[7] Sāyaṇa deriva *vāsara* de *vas*, 'habitar' ou 'cobrir' (compare com 8.6.30), mas ela sem dúvida vem de *vas*, 'brilhar', isto é, os dias brilhantes. ['Como o sol prolonga os dias de primavera'. – Macdonell].
[8] Sāyaṇa qualifica *nṛcakṣās* como 'o observador dos realizadores de ritos'.
[9] Essa estrofe ocorre na *Taittirīya Saṃhitā,* 2.2.12.n. O escoliasta acrescenta: não há nada de contraditório no louvor de Indra ocorrendo em um hino especialmente dirigido ao Soma, visto que Indra é o senhor do Soma.
[10] Sāyaṇa, como muitas vezes em outros lugares (compare com 1.84.20), entende por *ūtayaḥ* os Maruts.

668 - Hino 48. Soma (Griffith)

1. Sabiamente eu tenho desfrutado da iguaria saborosa, de pensamento religioso,[11] a melhor para encontrar o tesouro,[12] o alimento para o qual todas as divindades e os mortais, chamando-o de hidromel,[13] se reúnem.
2. Tu serás Aditi já que tu entraste no interior,[14] apaziguador da ira celeste. Indu,[15] desfrutando da amizade de Indra, leva-nos, como um corcel veloz o carro, para a riqueza.
3. Nós bebemos Soma[16] e nos tornamos imortais; nós alcançamos a luz, nós encontramos os Deuses. Agora o que pode malícia de inimigo fazer para nos prejudicar? O que, ó Imortal, a fraude do homem mortal?
4. Absorvido no coração, sê doce,[17] ó Indu, como um pai amável com seu filho, ó Soma, como um amigo sábio com um amigo; que tu, vasto governante, ó Soma, prolongues os nossos dias de vida.
5. Essas gotas gloriosas que me dão liberdade eu bebi. Firmemente elas unem as minhas articulações como correias seguram um carro. Que elas protejam o meu pé de escorregar no caminho;[18] sim, que as gotas que eu bebo me protejam das doenças.
6. Faze-me brilhar como o fogo produzido por fricção; dá-nos uma visão mais clara e nos torna melhores. Pois na festa eu penso em ti, ó Soma, eu devo, como um homem rico, obter conforto?[19]
7. Que desfrutemos com um espírito animado o suco tu dás, como riquezas ancestrais. Ó Soma, Rei, prolonga a nossa existência como Sūrya faz os dias brilhantes[20] durarem mais.
8. Rei Soma, nos favorece e nos faze prosperar; nós somos teus devotos; fica atento a isso. Espírito e poder são novos em nós,[21] ó Indu, não nos entregues à vontade do nosso inimigo.
9. Pois tu te estabeleceste em cada junta, ó Soma, alvo dos olhos dos homens[22] e guardião dos nossos corpos. Quando nós pecarmos contra os teus estatutos sagrados, como um Amigo bondoso, Deus, o melhor de todos, sê benevolente.
10. Que eu esteja com o Amigo cujo coração é afável, que, Senhor dos Baios! quando bebido nunca me fará mal - este Soma agora depositado dentro de mim. Por isso, eu rezo para Indra por vida mais longa.
11. As nossas enfermidades perderam sua força e desapareceram: elas temeram, e pereceram na escuridão.[23] Soma se ergueu em nós, extremamente poderoso, e nós chegamos onde os homens prolongam a existência.
12. Pais, aquele Indu que os nossos corações beberam, Imortal em si mesmo,[24] entrou nos mortais. Então vamos servir a este Soma com oblação, e repousar com segurança em sua graça e favor.

---

[11] ['Que incita bons pensamentos'. – Macdonell, que traduziu esse hino em *A Vedic Reader* e *Hymns from the Rigveda]*.
[12] ['A que melhor bane a preocupação'. – Macdonell].
[13] *Madhu*, ou doçura.
[14] Dentro do meu coração.
[15] Soma.
[16] Veja Muir, *O. S. Texts,* III. 264-265.
[17] ['Faze bem ao nosso coração quando bebido'. – Macdonell].
[18] 'Que eles nos guardem de um culto unido frouxamente'. – Wilson. ['Me protejam de quebrar uma perna' ou 'de fraturar um membro'. – Macdonell].
[19] ['Como fogo aceso por fricção me inflama; nos ilumina; nos torna mais ricos. Pois então, em tua intoxicação, ó Soma, eu me considero rico. Entra (em nós) para a prosperidade'. – Macdonell].
[20] ['Os dias *de primavera'*. -Id.].
[21] ['Poder e ira se erguem contra nós, ó Indu'. – Macdonell].
[22] Ou, observador dos homens.
[23] ['As forças da escuridão ficaram com medo'. – Macdonell].
[24] Veja a nota em 1.18.4.

13. Associado aos Pais tu, ó Soma,[25] te espalhaste amplamente pelo céu e a terra. Então com oblação vamos servir a ti, Indu, e assim vamos nos tornar senhores das riquezas,
14. Deem-nos a sua bênção,[26] ó Deuses, preservadores. Que o sono ou a conversa inútil nunca nos controlem. Mas que nós sempre, como amigos do Soma, falemos ao sínodo com filhos corajosos ao nosso redor.
15. Por todos os lados, Soma, tu és aquele que nos dá vida: alvo de todos os olhos, descobridor de luz, entra em nós. Indu, de comum acordo com as tuas proteções nos protege por trás e pela frente.

Índice◄►Hino 49 (Griffith)

Os Hinos Vālakhilya

O manuscrito do *Ṛg-Veda* insere aqui os onze hinos aparentemente espúrios chamados Vālakhilya, contendo os Vargas 14 ao 31. Eles não são computados na divisão por Maṇḍalas e Anuvākas (assim diz Sāyaṇa: 'Há seis sūktas no sexto Anuvāka'), mas eles estão incluídos naquela por Aṣṭakas e Adhyāyas, e no *Sarvānukrama*. O professor Aufrecht os omitiu em sua edição do *Ṛg-Veda,* e os apresentou no Apêndice; e Sāyaṇa não toma conhecimento deles em seu comentário. Eu os omiti em minha tradução, assim como o professor Wilson omitiu os vários Khilas [como os Hinos Suparṇa (veja a nota 1 do Hino 59)] nos Maṇḍalas anteriores; mas é importante ter em mente que eles nunca são incluídos nas coleções de Pariśiṣṭas e Khilas [suplementos, apêndices] (veja tradução do professor Müller, vol. I. p. xxxiv). Eu proponho tentar uma tradução desses hinos no apêndice.

– Cowell.

Remover os onze hinos 49-59 no oitavo *Maṇḍala* do seu devido lugar ou contá-los como hinos Vālakhilya[1] parece, embora sem dúvida perfeitamente inofensivo, nada menos do que um sacrilégio crítico. Por que Sāyaṇa não explica esses hinos eu confesso que não sei;[2] mas, qualquer que tenha sido a razão, não foi porque eles não existiam na época dele, ou porque ele os achava espúrios. Eles são contados regularmente no *Sarvānukrama* de Kātyāyana, embora aqui o mesmo acidente tenha ocorrido. Um comentador, Ṣaḍguruśiṣya, o mais comumente utilizado, não os explica, mas outro comentador, Jagannātha, os explica exatamente como eles ocorrem no *Sarvānukrama*, deixando de fora apenas o hino 58, [assim como a *Anukramaṇī* também deixa esse hino de fora]. Que esses hinos tinham algo peculiar aos olhos dos estudiosos nativos é bastante claro. Eles podem por um tempo ter formado uma coleção separada, eles podem ter sido

[25] Aqui o Deus da Lua, que está intimamente ligado aos Pitṛs ou Antepassados. Veja *Hymns of the Atharva-veda,* 18.4.72.
[26] ['Falem por nós'. – Macdonell].

[1] A primeira interpretação do nome Vālakhilya é encontrada no *Taittirīya Āraṇyaka*, 1.23. Dizem-nos que Prajāpati criou o mundo, e no processo de criação a seguinte interlúdio ocorre:

> Ele queimou de emoção. Tendo queimado de emoção, ele sacudiu seu corpo. Do que era a sua carne surgiram os Ṛṣis chamados Aruṇas, Ketus e Vātaraśanas. Suas unhas se tornaram os Vaikhānasas, seus cabelos os Bālakhilyas.

O autor dessa alegoria, portanto, tomou *bāla* ou *vāla* em *vālakhilya*, não no sentido de filho, mas o identificou com *bāla*, cabelo.
[2] Uma omissão semelhante foi apontada pelo professor Roth: 3.53.21-24, que contêm imprecações contra Vasiṣṭha, são deixados de fora pelo escritor de um manuscrito Pada, e por um copista do comentário de Sāyaṇa, provavelmente porque ambos pertenciam à família de Vasiṣṭha.

considerados de origem mais moderna.[3] Eu irei ainda mais longe do que aqueles que removem esses hinos do lugar que eles ocupam há mais de dois mil anos. Eu admito que eles perturbam a regularidade tanto da divisão de *Maṇḍalas* quanto de *Aṣṭakas*, e eu mesmo salientei que eles não são computados nas antigas *Anukramaṇīs* atribuídas a Śaunaka, *(History of Ancient Sanskrit Literature*, p. 222.), mas, por outro lado, versos tirados desses hinos ocorrem em todos os outros Vedas;[4] eles são mencionados pelo nome nos *Brāhmaṇas* (*Ait. Br*. 5.15; 6.24), nos *Āraṇyakas* (*Ait. Ār.* 5.10, p. 445), e nos *Sūtras* (*Āśv. Śrauta Sūtra*s, 8.2.3), enquanto que eles nunca estão incluídos nos manuscritos de Pariśiṣṭas ou Khilas ou hinos apócrifos, nem mencionados por Kātyāyana como meros Khilas em seu *Sarvānukrama*. Oito[5] deles são mencionados na *Bṛhaddevatā*, sem nenhuma alusão ao seu caráter apócrifo:

> 'Os próximos oito hinos pertencem a Ṛṣis de intelecto aguçado;[6] eles são dirigidos a Indra, mas o 26º Pragātha (8.54.3-4, quais versos formam o 26º dístico, se contados a partir de 8.49.1) é dirigido a muitos deuses. O último verso (desses oito hinos), 8.56.5, que começa com as palavras *aceti agniḥ*, é dirigido a Agni, e o último pé celebra Sūrya. Tudo o que Praskaṇva e Pṛṣadhra deram (ou, se lermos *pṛṣadhrāya*, tudo o que Praskaṇva deu para Pṛṣadhra), tudo isso é celebrado nos dois hinos que começam com *bhūrīt*. Depois do hino dirigido a Agni (8.60), seguem-se seis hinos dirigidos a Indra, começando com *ubhayam'*.

Mas o ponto mais importante de todos é este: que esses hinos, que existem tanto nos textos Pada e Saṃhitā, são citados pelo *Prātiśākhya* não só para fins gerais, mas por passagens específicas que ocorrem neles, e em nenhum outro lugar.

– Müller, *Vedic Hymns,* Parte 1, Sacred Books of the East 32, xlvi-xlvii.

Os hinos Vālakhilya são apócrifos ou, na descrição feliz de Geldner, 'meio-apócrifos'. Alguns khilāni ou apócrifos foram transmitidos na tradição rigvêdica, mas apenas esses onze (ou, em algumas outras edições relatadas, um pouco menos) foram inseridos e transmitidos dentro da própria Ṛgveda Saṃhitā, bem como nas colecções khilāni. Os números de Grassmann, 1018-1028, refletem o status desses hinos como adições à Saṃhitā original.

– Jamison-Brereton.

---

[3] Sāyaṇa (10.88.18) cita esses hinos como *Vālakhilya-saṃhitā*. No *Mahābhārata*, 12.59 [pág. 130 da tradução em português], os Vālakhilyas são chamados de ministros do rei Vainya [o filho de Vena], cujo astrólogo era Garga, e seu sacerdote familiar Śukra; veja Kern, *Bṛhat-saṃhitā,* trad. p. 11.

[4] Esse é um critério de alguma importância, e poderia ter sido mencionado, por exemplo, pelo professor Bollensen em seu artigo interessante sobre os hinos Dvipadā-Virāj atribuídos a Parāśara (1.65-70), que nem um único verso deles ocorre em qualquer um dos outros Vedas.

[5] Sāyaṇa em seu comentário (10.27.15) fala de oito, enquanto no *Ait. Ār.* 5.10 os seis primeiros são citados (contendo cinquenta e seis versos, com.), como sendo usados em conjunto para certos fins sacrificais.

[Macdonell, em sua tradução da *Bṛhaddevatā*, Parte 2, 1904, p. 232, observa em nota que: "É de notar que a *Bṛhaddevatā* não faz nenhuma menção dos últimos hinos Vālakhilya (8.57-59). Isso está de acordo com a coleção Kashmir Khila, que (adhyāya III.1-14) contém apenas os oito primeiros (8.49-56), introduzidos com as palavras: *bālakhilyāḥ pare'ṣṭau* (ii.19): 'no seguinte (adhyāya) os oito hinos Vālakhilya (são dados)'. O décimo primeiro hino Vālakhilya (8.59) já foi citado acima (III.119) como um dos onze Hinos Suparṇa [dez dos quais, para os Aśvins, estariam entre os hinos 73 e 74 do Livro 1 do Ṛgveda]. Apenas dois dos manuscritos da *Sarvānukramaṇī* usados por mim citam os hinos Vālakhilya, e 8.58 é omitido mesmo nesses dois manuscritos"].

[6] Para que Śaunaka não seja suspeito de ter aplicado esse epíteto, *tigmatejas*, ['de brilho ardente' na tradução de Macdonell] aos Vālakhilyas a fim de preencher o verso, eu posso salientar que o mesmo epíteto é aplicado aos Vālakhilyas na *Maitrāyaṇi-upaniṣad,* 2.3.

1018 - Vālakhilya 1. Hino 49. Indra (Cowell)

Para Indra; o ṛṣi é Praskaṇva Kāṇva; a métrica é Bṛhatī alternando com Satobṛhatī (Bārhata Pragāthas).[1]

Varga 14. **1**. Eu louvarei para vocês o generoso Indra como é adequado, o abundante em riqueza, Maghavan, que ama ajudar com tesouro multiplicado por mil aqueles que o louvam.
2. Ele corre adiante corajosamente como uma arma de cem gumes, ele atinge os inimigos de seu adorador; as dádivas dele que alimenta a muitos crescem como os rios de uma montanha.

3. Os alegradores sucos Soma espremidos, ó Indra, amante de hinos, te enchem em busca da [tua] generosidade, herói, trovejante, como as águas fluem para o seu lago habitual.
4. Bebe a incomparável, útil, bebida que aumenta, a mais doce de Soma, para que em tua exultação tu possas derramar tesouros para nós, assim como a pedra de moinho derrama farinha.

5. Vem depressa ao nosso louvor,[2] – instigado pelos espremedores de Soma como um cavalo – que as vacas leiteiras tornam doce para ti, ó Indra, de poder independente; há presentes (para ti) entre os Kaṇvas.
Varga 15. **6**. Nós nos aproximamos de ti com homenagem como um herói poderoso, o preeminente, de riqueza imperecível; ó Indra, trovejante, as nossas preces fluem como uma fonte copiosa despeja suas torrentes.

7. Se tu estás agora presente em um sacrifício, ou se estás fora na terra, vem de lá com os teus corcéis velozes para o nosso sacrifício, ó tu de intenção elevada; vem, forte, com os fortes (cavalos).
8. Ágeis e rápidos são os teus cavalos, dominantes como os ventos; com os quais tu cercas a raça de Manus, com os quais todo o céu se torna visível.[3]

9. Indra, nós almejamos tal generosidade tua, rica em vacas; (ajuda-nos,) Maghavan, como tu ajudaste Medhyātithi com riqueza, como ajudaste Nīpātithi;[4]
10. Como tu, Maghavan, deste vacas e ouro em profusão para Kaṇva e Trasadasyu, para Paktha e Daśavraja; como tu os deste a Gośarya e Ṛjiśvan.

Índice◄►Hino 50 (Cowell)

---

[1] Como Sāyaṇa não dá nenhum comentário aqui, o *Dicionário de São Petersburgo*, o Léxico e a tradução de Grassmann, e a tradução de Ludwig e notas foram consultadas para esta tradução.
[2] Grassmann propõe ler *somam*.
[3] Ou talvez 'com os quais tu cercas a todos, um verdadeiro sol para ver' (compare com 9.61.18).
[4] [Veja a nota 11].

1018 - Vālakhilya 1. Hino 49. Indra (Griffith)[5]

1. Para vocês eu cantarei o louvor de Indra que dá bons presentes, como bem sabemos; o louvor de Maghavan que, rico em tesouros, ajuda seus cantores com riqueza multiplicada por mil.
2. Como com cem hostes,[6] ele avança com ousadia, e para o ofertante mata os seus inimigos. Como de uma montanha fluem as correntes de águas assim fluem as dádivas dele que alimenta a muitos.

3. As gotas derramadas, as doses alegradoras, ó Indra, Amante de Música, como as águas procuram o lago onde elas estão acostumadas a repousar, te enchem, em busca de generosidade, Trovejante.
4. A dose incomparável que fortalece e dá eloquência,[7] a mais doce da bebida hidromel, bebe, para que em tua alegria tu possas espalhar as tuas dádivas sobre nós, abundantemente, assim como poeira.[8]

5. Vem rapidamente ao nosso louvor, instigado pelos espremedores de Soma como um cavalo – louvor, Divino Indra, que as vacas leiteiras tornam doce para ti; com os filhos de Kaṇva há presentes para ti.
6. Com homenagem nós temos te procurado como um Herói, forte, preeminente, com riqueza infalível. Ó Trovejante, como uma fonte copiosa derrama seu fluxo, assim, Indra, fluem as nossas canções para ti.

7. Se agora tu estás em sacrifício, ou se tu estás sobre a terra, vem de lá, ó de pensamento elevado! para o nosso sacrifício com os Velozes, vem, poderoso com os Poderosos.[9]
8. Os Corcéis ativos, de pés velozes e fulvos que são teus são rápidos para a vitória, como o Vento, com os quais tu segues em volta para visitar a semente de Manus, com os quais todo o céu é visível.

9. Indra, de ti tão grandioso nós almejamos prosperidade em fartura de vacas,
Como, Maghavan, tu favoreceste Medhyātithi,[10] e, na luta, Nīpātithi.[11]
10. Como, Maghavan, para Kaṇva, Trasadasyu e Paktha[12] e Daśavraja;[13]
Como, Indra, para Gośarya e Ṛjiśvan, tu concedeste riqueza em vacas e ouro.

Índice◄►Hino 50 (Griffith)

---

[5] [Griffith traduz da edição de Müller, e coloca esses hinos em um Apêndice; ele continua a numeração sem incluí-los, então em sua tradução o Hino 49 corresponde ao 60 e assim por diante].
[6] 'Como uma arma de cem gumes'. – Cowell.
[7] *Vivakṣaṇam:* de *vac;* 'crescente', de *vakṣ* = *ukṣ*. – von Roth, e Cowell.
[8] O significado do texto é obscuro. O *Léxico de São Petersburgo* considera *dhṛṣad* = *dṛṣad*, a mó inferior: 'assim como a pedra de moinho derrama farinha'. – Cowell.
[9] Os Velozes e os Poderosos são os cavalos de Indra.
[10] Um Ṛṣi cujo nome ocorre frequentemente.
[11] Mencionado só aqui e no Hino Vālakhilya 3. [Autor de quinze estrofes do Hino 34 desse Maṇḍala. 'Um Sāman, ou Cântico, dele é mencionado no *Pañcaviṃśa Brāhmaṇa*'. – *Vedic Index of Names and Subjects*].
[12] Um favorito dos Aśvins. Veja 8.22.10.
[13] Daśavraja e Gośarya: veja 8.8.20.

1019 - Vālakhilya 2. Hino 50. Indra (Cowell)

Para Indra; o ṛṣi é Puṣṭigu da linhagem de Kaṇva; a métrica é Bṛhatī alternando com Satobṛhatī (Bārhata Pragāthas).

Varga 16. **1**. Eu louvarei o muito afamado, o generoso Śakra, em busca de sua proteção, que dá riqueza desejável aos milhares para o espremedor de Soma e para o ofertante de hinos.
2. Invencíveis são suas armas de cem gumes, as poderosas setas de Indra; ele derrama bênçãos sobre os seus adoradores generosos como uma montanha rica em nascentes, quando o Soma derramado o alegra.

3. Quando as gotas derramadas de Soma alegram o amado, a minha oblação é oferecida abundantemente como as águas, ó benevolente Indra – ela é como as vacas leiteiras para o adorador.
4. As preces que consagram o Soma fluem para o incomparável que os chama pela graça dele[1] – as gotas de Soma que te invocam, ó benevolente, te colocaram no meio dos hinos.

5. Ele avança correndo como um cavalo para o Soma oferecido em nosso festival, que os hinos tornam doce para ti, ó tu que amas iguarias doces – tu aprovas a convocação para a bebida que satisfaz.[2]
Varga 17. **6**. Louvem o herói poderoso, de amplo alcance, saqueador de despojos, que tem controle sobre vasto tesouro; tu, ó trovejante, sempre derramas riquezas para o adorador como uma fonte abundante.

7. Se tu estás longe ou na terra ou no céu, Indra, deus de intenção elevada, atrela os teus corcéis – vem aqui, majestoso, com os majestosos.
8. Os teus corcéis inofensivos que puxam a tua carruagem, que superam a força do vento – com os quais tu silencias o inimigo do homem,[3] e com os quais tu dás a volta no céu.

9. Que nós mais uma vez te conheçamos como tal, ó herói bondoso, como quando tu ajudaste Etaśa na batalha decisiva, ou Vaśa contra Daśavraja.
10. Como tu estavas disposto a doar, ó Maghavan, para Kaṇva no banquete sacrifical, ou para Dīrghanītha[4] o amigo da casa – como tu estavas disposto a doar, ó lançador, para Gośarya – assim dá-me um rebanho de vacas, brilhante como ouro.

Índice◄►Hino 51 (Cowell)

1019 - Vālakhilya 2. Hino 50. Indra (Griffith)

1. Śakra eu louvo, para ganhar seu auxílio, muito famoso, extremamente generoso, que dá, aos milhares por assim dizer, riquezas preciosas para aquele que derrama o suco e o adora.
2. Setas de cem pontas, invencíveis, são as armas desse poderoso Indra na guerra. Ele derrama sobre os adoradores generosos, como uma colina com nascentes, quando os sucos derramados o alegram.

3. Quando as gotas de Soma correntes alegraram com seu sabor o Amigo, como água, Senhor bondoso! as minhas libações foram feitas, como vacas leiteiras para o adorador.

---

[1] Essa linha é muito obscura. [Veja a versão de Griffith].
[2] *Paura* pode ser um nome próprio (veja Vāl. 6.1 [= 8.54.1]), 'Tu aprovas a convocação para (a casa de) Paura'.
[3] Ou, 'de Manus'.
[4] [Veja a nota 10 § 2].

4. Para ele o inigualável, que os está chamando para lhes dar auxílio, fluem adiante as gotas de hidromel agradável. As gotas de Soma que te chamam, ó Senhor misericordioso, te trouxeram para o nosso hino de louvor.

5. Ele se apressa correndo como um corcel para o Soma que adorna o nosso rito, quais hinos tornam doce para ti, o que ama alimento agradável. O chamado para Paura[5] tu amas.
6. Louvado seja o forte, o Herói ávido, ganhador do despojo, que governa supremo sobre riqueza imensa. Como uma fonte plena, ó Trovejante, do teu estoque tu derramas sempre sobre o adorador.

7. Agora se tu estás muito longe, ou no céu, ou na terra, ó Indra, de pensamento poderoso, atrelando os teus Baios, vem, Imponente com os Imponentes.[6]
8. Os Baios que puxam a tua carruagem, Corcéis que não ferem ninguém, superam a força impetuosa do vento – com quem tu silencias o inimigo do homem, com quem tu viajas em volta do céu.

9. Ó Herói benevolente, que possamos aprender de novo a te conhecer como tu és;
Como na luta decisiva tu ajudaste Etaśa,[7] ou Vaśa[8] contra Daśavraja,[9]
10. Como, Maghavan, para Kaṇva no banquete sagrado, para Dīrghanītha[10] o teu amigo da casa, como para Gośarya tu, Lançador da Pedra, deste riqueza, dá-me um estábulo de vacas douradas-brilhantes.[11]

Índice◄►Hino 51 (Griffith)

1020 - Vālakhilya 3. Hino 51. Indra (Cowell)

Para Indra; o ṛṣi é Śruṣṭigu Kāṇva; a métrica é Bṛhatī alternando com Satobṛhatī (Bārhata Pragāthas).

Varga 18. **1**. Como tu bebeste, ó Indra, o Soma despejado ao lado de Manu, o descendente de Saṃvaraṇa – de Nīpātithi e Medhyātithi, de Puṣṭigu e Śruṣṭigu, Maghavan, (assim que tu o bebas aqui).
2. O descendente de Pṛṣadvāṇa acolheu o idoso Praskaṇva que jazia rejeitado (por seus parentes); ajudado por ti o vidente Dasyave-Vṛka desejou obter milhares de vacas.

3. Canta aquele Indra com o mais novo hino que não tem falta de louvores, que é sábio e o inspirador dos videntes, que é por assim dizer ansioso para desfrutar.
4. Aquele para quem eles cantaram o hino de sete cabeças[1] com suas três partes na região mais alta – ele fez todos esses mundos tremerem, e, assim, gerou seu poder.

---

[5] O convite para a casa de Paura. Segundo von Roth *paurá* significa o que enche, o que satisfaz; 'tu aprovas a convocação para a bebida que satisfaz'. – Cowell. Veja 5.74.4.
[6] Essa estrofe é quase uma repetição da estrofe 7 do hino anterior.
[7] Veja 1.61.15.
[8] Mencionado como um favorito dos Aśvins em 10.40.7.
[9] Dito na estrofe 10 do Hino 1 [49] ter sido ajudado por Indra.
[10] Ludwig considera essa palavra como um adjetivo qualificando *medhe adhvare*, 'no banquete sacrifical de longa duração'.
[Jamison observa: "*dámūnas*, 'líder doméstico, dono da casa' nunca é de outra maneira usado a respeito de mortais, mas quase sempre caracteriza Agni. Já que *dīrghánīti* é perfeitamente compreensível em seu sentido literal, eu considero que esse pāda se refere a Agni". – *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[11] Segundo Ludwig, 'um estábulo agraciado com cavalos baios' seria uma tradução melhor.

---

[1] Isto é, cantado por sete cantores divinos no céu.

5. Nós invocamos aquele Indra que nos dá riqueza, pois conhecemos o seu mais recente favor; que nós obtenhamos um estábulo rico em vacas.
Varga 19. **6**. Aquele a quem tu ajudas, ó bondoso, a dar, obtém abundância de riqueza; trazendo o Soma nós te invocamos, Indra, Maghavan, tu que amas hinos.

7. Tu nunca és mesquinho, Indra, e não dás ao adorador, mas os teus dons divinos, ó Maghavan, são derramados mais e mais.
8. Ele que dominou Krivi por sua força e silenciou Śuṣṇa com suas armas – quando ele espalhou o céu além e o sustentou, então nasceu o primeiro morador da terra.

9. Aquela riqueza, que todo Ária aqui cobiça e todo Dāsa avarento, é enviada diretamente a ti, o piedoso Ruśama Pavīru.
10. Os videntes zelosos cantaram um hino, doce com Soma e derramando ghī; prosperidade e força varonil têm se espalhado entre nós, e assim também as gotas de Soma espremido.

Índice◄►Hino 52 (Cowell)

1020 - Vālakhilya 3. Hino 51. Indra (Griffith)

1. Como com Manu Sāṃvaraṇi,[2] Indra, tu bebeste suco Soma, e, Maghavan, com Nīpātithi, Medhyātithi, com Puṣṭigu e Śruṣṭigu –[3]
2. O filho de Pṛṣadvāṇa foi anfitrião de Praskaṇva, que estava decrépito e abandonado.[4] Auxiliado por ti o Ṛṣi Dasyave-vṛka[5] se esforçou para obter milhares de vacas.

3. Chama aqui com a tua mais nova canção Indra que não carece de hinos de louvor, aquele que observa e conhece, inspirador do sábio, aquele que parece ansioso para desfrutar.
4. Ele para quem eles cantaram o hino de sete cabeças,[6] de três partes, no lugar mais alto;[7] ele enviou seu trovão sobre todas essas coisas vivas, e assim exibiu poder heroico.

5. Nós invocamos aquele Indra que nos concede coisas preciosas. Agora conhecemos a sua dádiva mais recente; que nós ganhemos um estábulo que esteja cheio de vacas.

---

[2] Filho do Ṛṣi Vêdico Saṃvaraṇa. Veja 5.33.10.
["*Sāṃvaraṇi* é encontrado no Ṛgveda em uma passagem, onde ele naturalmente parece ser um patronímico ('descendente de Saṃvaraṇa') de Manu. De acordo com Bloomfield é uma corrupção de Sāvarṇi, uma referência ao nascimento de Manu da *savarṇā*, mulher 'semelhante', que foi substituída por Saraṇyū segundo a lenda (veja Manu). Isso é possível, mas não incontestável. Scheftelowitz pensa que a leitura do manuscrito da Caxemira do *Ṛgveda*, que tem *sāṃvaraṇam*, 'encontrado no solo sacrifical', como um epíteto de Soma, é preferível. Mas isso parece bastante improvável. Devemos ou reconhecer um homem real chamado Manu Sāṃvaraṇi, ou tomar Manu como um nome, Sāṃvaraṇi como outro, ou admitir que Manu Sāṃvaraṇi é simplesmente Manu com um patronímico derivado de uma lenda desconhecida'. – *Vedic Index of Names and Subjects*].
[3] Ao fim da estrofe, 'assim bebe conosco', é para estar subentendido.
[4] Rejeitado e banido por seus parentes.
[5] Literalmente, 'o Lobo para o Dasyu', isto é, Destruidor de inimigos ou bárbaros.
['Geldner e Oldenberg sugerem que Dasyave Vṛka é a mesma pessoa que Pārṣadvāṇa [Pṛṣadvāṇa] e o patrono sacrifical de Praskaṇva. (Dasyave Vṛka é celebrado em *dānastutis* em 8.55.1 e 56.1). Isso parece razoável, mas improvável. Nesse caso Praskaṇva é provavelmente o ṛṣi do pāda c'. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[6] Cantado por sete cantores celestes.
["Geldner sugere plausivelmente que o canto é 'de sete cabeças' (*saptáśīrṣānam*), porque ele sai da boca de sete sacerdotes. 'Triplo' poderia se referir às três espremeduras do sacrifício soma ou talvez aos três fogos, mas nenhuma dessas interpretações se impõe. – Jamison].
[7] [Jamison traduz 'na pegada mais elevada', e comenta: 'A pegada mais elevada é geralmente a de Viṣṇu, e Viṣṇu dá os seus três passos no hino imediatamente seguinte, 8.52.3'. – Jamison].

6. Aquele a quem tu ajudas, Senhor Bondoso, a dar novamente, obtém grande riqueza para nutri-lo. Nós com o nosso Soma pronto, Amante de Música! chamamos, Indra Maghavan, a ti.

7. Tu nunca és infrutífero, Indra, tu nunca abandonas o adorador, mas agora, ó Maghavan, a tua recompensa como um Deus é derramada cada vez mais.[8]
8. Aquele que derrotou Krivi com seu poder, e silenciou Śuṣṇa com raios mortais – quando ele sustentou o céu lá e o expandiu, então primeiro o filho da terra[9] nasceu.

9. Bom Deus da riqueza é aquele a quem todos os Árias, Dāsas aqui pertencem. Diretamente para ti, o piedoso Ruśama Pavīru,[10] aquela riqueza é trazida para perto.
10. Em pressa zelosa os cantores cantaram uma canção que destila óleo e rica em doces. Riquezas e força heroica têm se espalhado entre nós, conosco há gotas correntes de Soma.

Índice◄►Hino 52 (Griffith)

1021 - Vālakhilya 4. Hino 52. Indra (Cowell)

Para Indra; o ṛṣi é Āyu Kāṇva; a métrica é Bṛhatī alternando com Satobṛhatī (Bārhata Pragāthas).

Varga 20. **1**. Como tu, Śakra, bebeste o Soma despejado de Manu Vivasvat, como tu aceitaste o hino de Trita, assim que tu te alegres com Āyu.
2. Tu desfrutaste, Indra, a bebida vertida com Pṛṣadhra, Medhya e Mātariśvan, assim como tu bebeste o Soma com Daśaśipra, Daśoṇya, Syūmaraśmi e Ṛjūnas.

3. (Foi Indra), que se apropriou dos hinos para si, que bebeu bravamente o Soma – por quem Viṣṇu deu os três passos largos de acordo com as leis de Mitra.
4. Ó Śatakratu, tu que és generoso com aquele em cujos louvores e oblações tu te deleitas – nós, desejando riqueza, te invocamos, como os ordenhadores chamam uma vaca que tem leite abundante.

5. Aquele que nos dá é nosso pai, o poderoso, o forte, ele que age como o soberano – que ele, o forte rico Maghavan, nos dê vacas e cavalos, mesmo sem nós pedirmos por eles.
Varga 21. **6**. Aquele a quem tu dás um presente para que ele possa dar[1] obtém abundância de riqueza; nós, desejando riqueza, invocamos com nossos louvores Indra Śatakratu, o senhor da riqueza.

7. Tu nunca és desatento, tu guardas ambas as raças, (deuses e homens); ó quarto Āditya,[2] a ti pertence a invocação de Indra, a ambrosia subiu para o céu.
8. (Assim como tu ouves) o adorador a quem tu favoreces, ó Indra, Maghavan, generoso, tu que amas hinos – assim, benevolente, ouve os nossos hinos e a nossa invocação de louvor, como os de Kaṇva.

9. O hino antigo foi cantado, vocês proferiram a prece para Indra; eles gritaram muitos versos-bṛhatī do rito, eles derramaram muitos hinos do adorador.

---

[8] [*Yajur-Veda Branco,* 8.2; *Śatapatha Brāhmaṇa,* 4.3.5.10].
[9] O homem.
[10] Os Ruśamas são mencionados em 5.30.13-15. O nome de Pavīru não ocorre novamente.

---

[1] Veja o verso 6 do hino anterior.
[2] Isto é, com Varuṇa, Mitra e Aryaman.

10. Indra empilhou vastas quantidades de riqueza, os dois mundos e o sol; a bebida Soma pura brilhante, misturada com leite, animou Indra.

Índice◄►Hino 53 (Cowell)

1021 - Vālakhilya 4. Hino 52. Indra (Griffith)

1. Como, Śakra, tu com Manu chamado Vivasvān[3] bebeste suco Soma, como, Indra, tu amaste o hino ao lado de Trita, assim que tu te alegres com Āyu[4] agora.
2. Como tu com Mātariśvan,[5] Medhya,[6] Pṛṣadhra,[7] te alegraste, Indra, com suco espremido, bebeste Soma com Ṛjūnas, Syūmaraśmi,[8] ao lado de Daśoṇya, de Daśaśipra.

3. Foi ele que tornou seus os louvores e corajosamente bebeu o suco Soma, ele para quem Viṣṇu veio caminhando seus três passos largos, como as leis de Mitra ordenavam.
4. Em cujo louvor tu te alegraste, Indra, no grande feito, ó Śatakratu, Poderoso! Buscando renome nós te chamamos como os ordenhadores chamam a vaca que produz leite em abundância.

5. É nosso Pai aquele que nos dá, Grandioso, Poderoso, que governa como ele quer.[9] Não procurado, que ele, o Forte, Rico, Senhor de vasta riqueza, nos dê cavalos e vacas.
6. Aquele a quem tu, Bom Senhor, dás para que ele possa dar aumenta riqueza que nutre. Ávidos por riquezas nós invocamos Indra, o Senhor da Riqueza, Śatakratu, com os nossos louvores.

7. Tu nunca és negligente; tu proteges ambas as raças[10] com os teus cuidados.
A invocação de Indra, quarto Āditya![11] é tua. Amṛta[12] está estabelecido nos céus.[13]
8. [14]O oferecedor a quem tu, Indra, Amante de Música, generoso Maghavan, favoreces – como o chamado de Kaṇva também, ó Senhor misericordioso, ouve as nossas canções e louvor.

9. A canção dos tempos antigos foi cantada: para Indra vocês disseram a prece. Eles cantaram muitos [versos-]Bṛhatī[15] de sacrifício, despejaram muitos pensamentos do adorador.
10. Indra amontoou imensos estoques de riquezas, e ambos os mundos, sim, e o Sol. Puras, resplandecentes, misturadas com leite, as doses de Soma alegraram Indra.

Índice◄►Hino 53 (Griffith)

---

[3] Vivasvān ou Vivasvat era o pai do Manu que é geralmente chamado de Vaivasvata.
[4] O Ṛṣi do hino, ou o sacrificador.
[5] O Ṛṣi do hino 6 dos Vālakhilyas (8.54).
[6] O Ṛṣi dos hinos 5, 9 e 10 (8.53, 57 e 58).
[7] O Ṛṣi do hino 8 (8.56).
[8] Mencionado, como um favorito dos Aśvins, em 1.112.16. Os nomes de Ṛjūnas, Daśoṇya e Daśaśipra não ocorrem novamente no Ṛgveda.
[9] 'Ele que age como o soberano'. – Cowell.
[10] Deuses e homens.
[11] Varuṇa, Mitra e Aryaman sendo os outros três.
[12] 'Ambrosia'. – Cowell.
[13] ['Em nenhum momento tu és desatento, mas cuidas de ambas as gerações; o banquete de Soma é a tua força, ó quarto Āditya; a ambrosia está pronta para ti nos céus!'. – *Śatapatha Brāhmaṇa,* 4.3.5.12].
[14] 'Como tu ouves' deve ser acrescentado aqui.
[15] Versos na métrica Bṛhatī.

1022 - Vālakhilya 5. Hino 53. Indra (Cowell)

Para Indra; o Ṛṣi é Medhya Kāṇva; a métrica é Bṛhatī alternando com Satobṛhatī (Bārhata Pragāthas).

Varga 22. **1**. Nós viemos a ti, Maghavan Indra, o maior dos Maghavans, o mais forte dos touros, o mais poderoso quebrador de fortalezas, o provedor de vacas, o senhor da riqueza.
2. Tu que, crescendo em poder dia a dia, destruíste Āyu, Kutsa e Atithigva – nós te invocamos, Śatakratu, com os teus cavalos baios, despertando-te pelas nossas oferendas.

3. Que as pedras derramem o suco de mel para todos nós – as gotas de Soma que foram espremidas por homens distantes ou próximos.
4. Atinge todos os nossos inimigos e os afugenta, que todos nós obtenhamos a riqueza deles; mesmo entre os Śīṣṭas estão as tuas estimulantes plantas Soma, onde tu te sacias com o Soma.

Varga 23. **5**. Indra, chega bem perto com as tuas proteções firmemente sábias; vem, ó mais saudável, com o teu auxílio mais saudável, vem, bom parente, com os teus bons parentes.
6. Torna rico em filhos aquele chefe de todos os homens que é vitorioso em batalha e um protetor forte; torna muito prósperos com teus poderes os teus cantores que purificam suas mentes continuamente.

7. Que nós sejamos em batalha como aquele que é o mais seguro de ganhar tua proteção; nós te adoramos com invocações e preces quando obtemos o nosso desejo.
8. Com a tua ajuda, ó senhor dos corcéis baios, eu sempre entro em oração e em batalha, buscando despojos; és tu sobre quem eu insisto, quando eu vou, ansiando por cavalos e vacas, à frente dos saqueadores.[1]

Índice◄►Hino 54 (Cowell)

1022 - Vālakhilya 5. Hino 53. Indra (Griffith)

1. Como o mais elevado[2] dos Maghavans, preeminente entre os Touros,[3] o melhor derrubador de fortalezas, ganhador de vacas, Senhor da Riqueza, nós te procuramos, Indra Maghavan.
2. Tu que subjugaste Āyu, Kutsa, Atithigva,[4] crescendo diariamente em teu poder, como tal, despertando o teu poder, nós te invocamos agora, a ti Śatakratu, Senhor dos Baios.

3. As pedras de espremer derramarão para nós a essência do hidromel de todos, gotas que foram espremidas longe entre o povo, e aquelas que foram espremidas perto de nós.
4. Repele todas as inimizades e as mantém longe; que todos ganhem tesouros para si próprios. Mesmo entre os Śīṣṭas[5] estão os talos[6] que te fazem feliz, onde tu com Soma te sacias.

---

[1] O *Dicionário de São Petersburgo* leria *matīnām* em vez de *mathīnām,* 'no início das minhas preces'.
[2] Ou, o mais próximo.
[3] Heróis fortes.
[4] Veja 1.53.10.
[5] Aparentemente uma tribo de pouca importância.
[6] Da planta Soma.

5. Chega, Indra, bem perto de nós com auxílios de resolução firmemente baseada; vem, auspiciosíssimo, com a tua ajuda mais auspiciosa, bom Parente, com bons parentes, vem!
6. Abençoa com progênie o comandante de homens, o senhor dos heróis, vencedor na luta. Ajuda com teus poderes os homens que cantam louvores a ti e mantêm seus espíritos sempre puros e luminosos.

7. Que sejamos em batalha como o que estão certos de obter a tua graça; com oferendas sagradas e invocações dos Deuses nós pretendemos ganhar o saque.
8. Teu, Senhor dos Baios, eu sou. A prece almeja o despojo. Continuamente com teu auxílio eu busco a luta. Então, à frente dos atacantes,[7] eu, almejando corcéis e vacas, me uno apenas a ti.

Índice◄►Hino 54 (Griffith)

1023 - Vālakhilya 6. Hino 54. Indra (Cowell)

A maior parte do hino é dirigida a Indra, exceto o terceiro e quarto ślokas para os Viśvedevas; o Ṛṣi é Mātariśvan Kāṇva; a métrica é Bṛhatī alternando com Satobṛhatī (Bārhata Pragāthas).

Varga 24. **1**. Os cantores com seus hinos cantam, Indra, este teu poder; cantando em voz alta, eles te trouxeram iguarias sagradas gotejando ghī; os ofertantes[1] se aproximaram com suas preces.
2. Eles se aproximaram de Indra com ritos sagrados por sua proteção – aqueles em cujas libações tu te regozijas; como te alegraste com Saṃvarta e Kṛśa, assim agora, Indra, que tu te alegres conosco.

3. Ó deuses, venham todos de comum acordo até nós; que os Vasus e Rudras venham nos proteger, que os Maruts ouçam o nosso apelo.
4. Que Pūṣan, Viṣṇu, Sarasvatī e os sete rios favoreçam o meu chamado; que as águas, o vento, as montanhas, a árvore, a terra ouça o meu chamado.

Varga 25. **5**. Com o teu próprio dom especial, ó Indra, melhor dos Maghavans, sê o nosso companheiro de bênçãos para o [nosso] bem, o nosso benfeitor generoso, matador de Vṛtra.
6. Senhor da batalha, senhor de homens, poderoso em ação, que tu nos guies no conflito; muito famosos são aqueles que obtêm seus desejos por meio de banquetes sacrificais, por invocações, e por acolherem os deuses.

7. As nossas preces permanecem no verdadeiro – em Indra está a vida dos homens; aproxima-te de nós, Maghavan, para a nossa proteção; ordenha a bebida corrente.
8. Ó Indra, nós te adoramos com hinos; ó Śatakratu, tu és nosso; derrama sobre Praskaṇva grande fartura, sólida, inesgotável, exuberante.

Índice◄►Hino 55 (Cowell)

---

[7] À frente do grupo que está indo capturar o gado de seus inimigos. Von Roth pensa que *matīnām* deve ser lido em vez de *mathīnām*, e Grassmann traduz conformemente: 'no início das minhas preces'.

[1] Ou, 'os Pauras'. Veja acima o hino [Vāl.] 2.5 [8.50.5].

1023 - Vālakhilya 6. Hino 54. Indra (Griffith)

1. Indra, os poetas com seus hinos exaltam essa força heroica tua; eles reforçaram, com música alta, o teu poder que destila óleo. Com hinos os Pauras[2] vieram a ti.
2. Por devoção eles se aproximaram de Indra em busca do seu auxílio, eles cujas libações te dão alegria. Como tu, com Kṛśa[3] e Saṃvarta,[4] te regozijaste, assim, Indra, alegra-te conosco.

3. Concordantes em sua intenção, todos vocês Deuses, aproximem-se de nós. Vasus e Rudras se aproximem para nos dar ajuda, e Maruts ouçam o nosso chamado.
4. Que Pūṣan, Viṣṇu e Sarasvatī favoreçam, e os Sete Rios, este meu chamado; que as Águas, o Vento, as Montanhas, e o Senhor da Floresta,[5] e a Terra deem ouvidos ao meu clamor.

5. Indra, com a tua própria dádiva generosa, o mais generoso dos Poderosos, sê nosso Benfeitor[6] de bênçãos, matador de Vṛtra, sê nosso companheiro de banquete para o nosso bem-estar.
6. Líder de heróis, Senhor da batalha, guia-nos para o combate, ó Sapientíssimo. Grande fama é daqueles que vencem por invocações, banquetes e acolhimento dos Deuses.

7. As nossas esperanças se apoiam no Fiel: em Indra se encontra a vida dos povos. Ó Maghavan, te aproxima para que possas nos prestar auxílio; faze com que alimento farto flua para nós.
8. A ti nós adoramos, Indra, com nossos cânticos de louvor; ó Śatakratu, sê nosso. Derrama sobre Praskaṇva recompensa vasta e firme, exuberante, que nunca faltará.

Índice◄►Hino 55 (Griffith)

1024 - Vālakhilya 7. Hino 55. Dānastuti* de Praskaṇva (Cowell)

Um hino em louvor aos presentes de Praskaṇva,[1] [especialmente nos versos 2 e 3]; o Ṛṣi é Kṛśa Kāṇva; a métrica é Gāyatrī, exceto nos versos 3 e 5, nos quais ela é Anuṣṭubh.

Varga 26. **1**. É realmente grande o poder de Indra; eu o vi; a tua dádiva se aproxima, ó Dasyave-Vṛka.[2]
2. Cem bois brancos brilham como estrelas nos céus – por seu tamanho eles quase sustentaram os céus.

---

[2] 'Os ofertantes'. – Cowell. Veja Vālakhilya, 2.5.
[3] O Ṛṣi do hino Vāl. 7 [8.55].
[4] Não mencionado em outro lugar. [Há um Saṃvarta Āṅgirasa autor do Hino 172 do Livro 10].
[5] Vanaspati: a alta árvore madeireira, frequentemente significando o poste sacrifical.
[6] Ou Bhaga, o Deus de distribui riqueza.
*['Louvor à generosidade'. Veja a lista das dānastutis do Ṛgveda no Apêndice 1].

[1] ['Embora a *Anukramaṇī* identifique este hino como uma dānastuti *de* Praskaṇva por Kṛśa Kāṇva, como Geldner indica, é mais provável que ele seja uma dānastuti *por* Praskaṇva (mencionado no último verso do hino anterior, 8.54.8) para Dasyave Vṛka, mencionado no primeiro verso desse hino'. – Jamison-Brereton].
[2] Isto é, 'ó inimigo do Dasyu'. [Veja Vāl. 3.2 (8.51.2), nota 5].

3. Cem bambus, cem cães, cem peles curtidas, cem feixes de grama balbaja[3], e quatrocentas éguas vermelhas são minhas.
4. Que vocês tenham os deuses propícios a vocês, descendentes de Kaṇva, vivendo de juventude em juventude; saiam vigorosamente como corcéis.
5. Que eles louvem o conjunto atrelado de sete, grande é a força daquele que ainda não está maduro; as éguas marrom-escuras correram pelos caminhos para que nenhum olho pudesse segui-las.

Índice◄►Hino 56 (Cowell)

1024 - Vālakhilya 7. Hino 55. O Presente de Praskaṇva (Griffith)

1. Grande, realmente, é o poder de Indra. Eu tenho visto, e aqui vem a
Tua recompensa, Daysave-vṛka![4]
2. Cem bois de cor branca estão brilhando como as estrelas no céu,
Tão altos que eles parecem sustentar o firmamento.
3. Cem bambus, cem cães, cem peles de animais bem curtidas,
Cem tufos de Balbaja,[5] quatrocentas éguas vermelhas são minhas.
4. Abençoados pelos Deuses, Kāṇvāyanas![6] sejam vocês que se expandiram de vida em vida; como cavalos vocês têm avançado.
5. Então os homens exaltaram o grupo de sete:[7] ainda não plenamente desenvolvido, sua fama é grande. As éguas escuras[8] correram pelos caminhos, para que nenhum olho pudesse segui-las.

Índice◄►Hino 56 (Griffith)

---

[3] [Eleusine Indica: 'É mencionada no *Atharvaveda*, e as Saṁhitās do *Yajurveda* dizem que ela é produzida a partir dos excrementos do gado. Na *Kāthaka Saṁhitā* afirma-se que ela é utilizada para a liteira sacrifical *(Barhis)* e como combustível. Cestos ou outros produtos feitos dessa grama são citados em uma Dānastuti ('Louvor aos Presentes') no *Ṛgveda'*. – *Vedic Index of Names and Subjects*].
[4] 'Grande é o poder de Indra, e as dádivas que eu tenho recebido de ti, ó destruidor de Dasyus, podem ser comparadas apenas à generosidade dele'. Daysave-vṛka, aqui, é o nome, não do Ṛṣi, mas de um herói que em aliança com os Kaṇvas tinha sido vitorioso em seu ataque sobre os bárbaros hostis. Veja Ludwig, Vol. III, p. 164.
[5] Uma espécie de grama grossa (Eleusine Indica), usada em cerimônias religiosas e para outros propósitos quando trançada.
[6] Descendentes de Kaṇva.
[7] 'Grupo de sete atrelado'. – Grassmann. 'Conjunto atrelado de sete'. – Cowell. Mas o sentido exato aqui de *sāptasya* é incerto. Von Roth acha que provavelmente ele é um nome próprio. Ludwig o toma no sentido de um laço de amizade ou aliança.
[8] Não há substantivo, e 'éguas' é adicionado conjeturalmente. Segundo Ludwig, as hostes escuras dos Dasyus conquistadas por Daysave-vṛka são aludidas, e toda a estrofe seria mais corretamente traduzida: 'Então eles não mais pensaram na grande fama do laço coletivo. As tribos escuras correram ao longo dos caminhos de modo que nenhum olho podia alcançá-las'. Veja o Comentário de Ludwig, Vol. V. p. 552.

1025 - Vālakhilya 8. Hino 56. Dānastuti de Praskaṇva (Cowell)

Um segundo hino em louvor aos presentes de Praskaṇva [1-4][1]; o último śloka é dirigido a Agni e Sūrya; o Ṛṣi é Pṛṣadhra Kāṇva; a métrica da última estrofe é Paṅkti, do resto Gāyatrī.

Varga 27. **1**. O teu presente inexaurível apareceu, ó Dasyave-vṛka, sua plenitude é em extensão como o céu.
2. Dasyave-vṛka, o filho de Pūtakratā, me deu dez mil do seu próprio estoque;
3. Cem burros, cem ovelhas lanudas, cem escravos, além de guirlandas.
4. Lá também foi levada por Pūtakratā uma égua[2] bem enfeitada, que não é um dos cavalos comuns da tropa.
5. O brilhante Agni apareceu, o portador da oblação, com sua carruagem; Agni cintilou brilhantemente com sua chama resplandecente como Sūra – ele cintilou no céu como Sūrya.

Índice◄►Hino 57 (Cowell)

1025 - Vālakhilya 8. Hino 56. O Presente de Praskaṇva (Griffith)

1. A tua recompensa, Dasyave-vṛka, inesgotável se mostrou;
A sua plenitude é tão ampla quanto o céu.
2. Dez mil Daysave-vṛka, o filho de Pūtakratā,[3]
Da sua própria riqueza concedeu a mim.
3. Cem burros ele deu, cem cabeças de ovelhas lanosas,
Cem escravos,[4] e guirlandas além disso.
4. Lá também foi levada uma égua, escolhida[5] por causa de Pūtakratā,[6]
Não dos cavalos da manada.
5. Observador Agni apareceu, portador de oblação com seu carro. Agni com sua chama resplandecente brilhou no alto como brilha o Sol, brilhou como Sūrya nos céus.

Índice◄►Hino 57 (Griffith)

---

[1] [Veja a nota 1 do hino anterior].
[2] [Jamison não usa a palavra 'égua' em sua tradução, e observa na introdução ao hino que aqui se 'descreve a apresentação de uma fêmea adornada cuja identidade é contestada, porque as leituras do Ṛgveda e das coleções Khila diferem. Alguns estudiosos consideram que ela é a esposa de Pūtakratu, assim, a mãe ou madrasta do patrono, mas a filha da esposa de Pūtakratu (seguindo a leitura do Ṛgveda com algum ajuste menor), a irmã ou meia-irmã do patrono, poderia fazer mais sentido'. – Jamison-Brereton, *The Ṛgveda, The Earliest Religious Poetry of India,* e observa que "Oldenberg e Geldner optam pela leitura [da coleção] Kashmir Khila, nom. sg. *pūtákratāyī*, mas não faz sentido que Dasyava Vṛka dê sua mãe. Porém faz mais sentido usar a leitura da Saṃhitā *pūtákratāyai* (em vez de *pūtákratāyyai)*, dat. (em lugar do gen.), '(a fêmea) de Pūtakratāyī', ou seja, filha dela e irmã de Dasyava Vṛka, que seria um presente em casamento mais provável". – *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[3] Ou, mais provavelmente, chamado de *pautakrata* conforme seu pai Pūtakratu. – Ludwig.
[4] *Dāsāṃ*, bárbaros conquistados.
[5] Ou, adornada. [Veja a nota 2].
[6] A esposa de Pūtakratu.

1026 - Vālakhilya 9. Hino 57. Aśvins (Cowell)

Para os Aśvins; o Ṛṣi é Medhya Kāṇva; a métrica Triṣṭubh.

Varga 28. **1**. Vocês vieram rapidamente, ó dois deuses, com seu carro, dotados de poder antigo, ó santos Aśvins; verdadeiros, com seus poderes, bebam esta terceira libação.
2. Os trinta e três deuses verdadeiros viram vocês antes do veraz,[1] Aśvins, cintilando com fogo, bebam o Soma, desfrutando a nossa oferenda, a nossa libação.
3. Esta obra de vocês, Aśvins, é digna de admiração: o touro dos céus, do firmamento e da terra,[2] sim, e seus milhares de bênçãos[3] em batalha – por todos esses venham aqui para beber.
4. Ó sagrados, esta sua porção foi colocada para vocês; ó verazes, venham para estes seus louvores; bebam entre nós o doce Soma; socorram seu adorador com seus poderes.

Índice◄►Hino 58 (Cowell)

1026 - Vālakhilya 9. Hino 57. Aśvins (Griffith)

1. Dotados, ó Deuses, de sua sabedoria primeva, venham depressa com sua carruagem, ó Santos. Venham com seus poderes imensos, ó Nāsatyas;[4] venham aqui, bebam esta, a terceira libação.
2. Os Deuses verdadeiros, os Trinta e Três,[5] viram vocês se aproximarem antes do Sempre Verdadeiro.[6] Aceitando esta nossa adoração e libação, ó Aśvins brilhantes com fogo, bebam o Soma.
3. Aśvins, aquela sua obra merece a nossa admiração: o Touro[7] do céu e da terra e da região do ar; sim, e seus milhares de promessas[8] em batalha – se aproximem de todos esses e bebam ao nosso lado.
4. Aqui está a sua porção colocada para vocês, Santos; venham para essas nossas canções, ó Nāsatyas. Bebam entre nós o Soma cheio de doçura, e com seus poderes ajudem o homem que adora.

Índice◄►Hino 58 (Griffith)

---

[1] Isto é, antes do Sol; as auroras são comparadas a 'mulheres ativas verdadeiras' no *Ṛgveda*, 1.79.1.
[2] Ou seja, o Sol, que se pode dizer que eles revelam, porque eles vêm com o primeiro alvorecer.
[3] [Veja a nota 8].
[4] 'Verdadeiros'. – Cowell.
[5] Ou, os Três Vezes Onze. Veja 1.34.11.
[6] O Sol, cuja aproximação é anunciada pelos Aśvins.
[7] O Sol, a quem, como seus arautos e reveladores, se pode dizer que eles criaram. [Jamison comenta: 'Eu não sei quem o touro *(vṛṣabháḥ)* é; Oldenberg sugere Indra, Geldner Agni'. – *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[8] 'Uma perífrase característica para os Maghavans, ou nobres ricos'. – Ludwig.

1027 - Vālakhilya 10. Hino 58. Viśvedevas (Cowell)[1]

Para os Viśve Devāḥ; o primeiro śloka é dirigido aos sacerdotes; o Ṛṣi é Medhya Kāṇva; a métrica é Triṣṭubh.

Varga 29. **1**. Aquele a quem os sacerdotes sábios trazem, quando eles organizam a oferenda de muitas maneiras – que foi empregado como um brâmane erudito – qual é o conhecimento do ofertante sobre ele?
2. Agni é um, embora aceso de várias formas; um é o Sol, preeminente sobre todos; uma aurora ilumina isso tudo; um é aquilo que se tornou isso tudo.
3. A carruagem brilhante, difundindo esplendor, rodando ligeiramente sobre suas três rodas, oferecendo um assento cômodo, e cheia de muitas dádivas – em cujo atrelamento a Aurora nasceu, rica em tesouros maravilhosos – eu invoco aquela sua carruagem (ó Aśvins) – venham aqui para beber.

Índice◄►Hino 59 (Cowell)

1027 - Vālakhilya 10. Hino 58. Viśvedevas (Griffith)

1. Aquele a quem os sacerdotes, organizando o sacrifício de diversas maneiras, de comum acordo, trazem aqui, que foi nomeado como um brâmane erudito – qual é o conhecimento do sacrificador sobre ele?[2]
2. Embora aceso em muitos lugares, Agni é Um; Sūrya é Um embora ele brilhe elevado acima de todos. Embora iluminando isso Tudo, Uṣas é Uma. Aquilo que é Um se desenvolveu em Tudo.
3. A carruagem brilhante e radiante, carregada de tesouros, de três rodas, de assento confortável, e que roda ligeira, que Aquela de Riqueza Extraordinária[3] nasceu para atrelar[4] – esse seu carro eu chamo. Bebam o que resta.

Índice◄►Hino 59 (Griffith)

---

[1] [Esse hino não é mencionado na *Anukramaṇī*, (veja acima a introdução aos Hinos Vālakhilya), e parece ser formado por fragmentos. Jamison observa que o verso 3 parece fazer parte do hino anterior, e que "Proferes argumenta (2007: 56) que o verso 1 inquire sobre o pacto ou acordo entre o sacrificador e os sacerdotes que é ritualmente dramatizado no sistema Śrauta mais recente no ritual de Tānūnaptra*, no qual uma aliança formal é criada entre esses participantes, e ele sugere que este verso é um precursor de cerimônia posterior. O verso 2, por outro lado, tem sido considerado, desde Sāyaṇa, como a resposta para o enigma proposto em 10.88.18ab: 'Quantos fogos e quantos sóis? Quantas auroras, e quantas águas?' E o tom deste verso está em harmonia com a característica especulação filosófica daqueles hinos do Décimo Maṇḍala. – Jamison-Brereton, *The Rigveda, The Earliest Religious Poetry of India*].
[* 'Uma cerimônia na qual Tanūnapāt é invocado e a oblação tocada pelo sacrificador e os sacerdotes como uma forma de adjuração'. – Monier-Williams].
[2] O hino parece consistir de fragmentos não conectados, e o sentido da estrofe não é claro. [Veja a nota anterior].
[3] Uṣas ou Aurora.
[4] Ou, como o professor Cowell traduz: 'em cujo atrelamento a Aurora nasceu'. A carruagem dos Aśvins antecede a da Aurora.

1028 - Vālakhilya 11. Hino 59. Indra e Varuṇa (Cowell)[1]

Para Indra e Varuṇa; o Ṛṣi é Suparṇa Kāṇva; a métrica é Jagatī.

Varga 30. **1**. Estas suas porções oferecidas fluem, Indra e Varuṇa, para honrá-los nas oblações; em cada sacrifício vocês se apressam para as oblações, quando vocês ajudam o ofertante que espreme Soma.
2. As plantas e as águas foram eficazes, elas obtiveram seu poder, ó Indra e Varuṇa; vocês que foram além do caminho do firmamento – nenhum homem ímpio é digno de ser chamado de seu inimigo.[2]
3. Verdadeiro, Indra e Varuṇa, é aquele ditado de Kṛśa: 'As sete vozes sagradas[3] destilam um rio de mel!' Por causa delas ajudem o adorador, ó senhores do esplendor, que os reverencia devotadamente em seus pensamentos.
4. As sete irmãs-correntes de Soma, na casa da oferenda, derramam ghī e despejam suas gotas profusamente – com esses seus rios gotejadores de ghī, Indra e Varuṇa, abasteçam e ajudem o ofertante.
Varga 31. **5**. Para a nossa grande felicidade nós declaramos para estes dois brilhantes o verdadeiro poder de Indra; ó Indra e Varuṇa, senhores do esplendor, ajudem-nos, os ofertantes de ghī, com a companhia dos três vezes sete.[4]
6. Ó Indra e Varuṇa, eu vi o que vocês davam antigamente aos videntes – sabedoria, o poder da música, e fama – e os lugares que os sábios prepararam para si mesmos, quando eles espalhavam a teia do sacrifício com austeridades sagradas.
7. Ó Indra e Varuṇa, deem aos ofertantes contentamento sem inconstância, e abundância de riqueza; deem-nos filhos, alimento, prosperidade; prolonguem as nossas vidas para vida longa.

Índice◄►Hino 60 (Wilson)

---

[1] ['O décimo primeiro hino Vālakhilya (8.59) já foi citado acima (III.119) como um dos onze Hinos Suparṇa'. – *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, nota.
["Parece que o texto dos Hinos Suparṇa listados após 1.73*, cuja maior parte infelizmente até agora é irrastreável, pertence às mais respeitáveis entre as adições em causa. Esses [hinos] eram em número de onze. Os primeiros dez, dirigidos ao[s] Aśvin[s], que têm as palavras iniciais *śaśvad dhi vām*, até agora, até onde eu sei, não vieram à luz em lugar nenhum. Nós temos o décimo primeiro, ele é o Hino 8.59 que aparece na Vulgata no fim dos Vālakhilyam, cujo ṛṣi, de fato, é declarado ser Suparṇa Kāṇva**. Quando aqueles dez hinos aparecem no *Kauṣītaki-Brāhmaṇa* [18.4] como parte constituinte do Āśvinaśastra isso confere – assim como o caráter do décimo primeiro hino diante de nós – ao fragmento Suparṇa uma dignidade que o leva para perto da fronteira do Ṛgveda.
*Bṛhaddevatā, 3.119. *Ṛgvidhāna*, 1.20.3.
** Assim, então, os dez hinos-Aśvin também serão *sauparṇāni* visto que Suparṇa é considerado o ṛṣi dos hinos; uma conexão com o mito do *Suparṇādhyāya* é pouco provável". – Oldenberg, *Prolegomena,* 1888].
[2] [Veja a nota 7].
[3] Compare com 9.103.3: 'O Soma flui através da lã de ovelha em volta do vaso que goteja mel – as sete vozes dos bardos sagrados gritam para ele'.
[4] Essa frase obscura ocorre em um hino a Indra (1.133.6), 'Ó irresistível, tu não destróis os homens com os guerreiros, com os três vezes sete guerreiros'. [Veja a nota 9].

1028 - Vālakhilya 11. Hino 59. Indra-Varuṇa (Griffith)

1. Nas oferendas derramadas para vocês, ó Indra-Varuṇa,[5] estas suas porções fluem para glorificar seu estado. Vocês correm para as libações em cada sacrifício quando vocês ajudam o devoto que despeja o suco.
2. As águas e as plantas,[6] ó Indra-Varuṇa, tiveram força eficaz, e obtiveram poder; vocês que foram além do caminho do meio do ar – nenhum ímpio é digno de ser chamado de seu inimigo.[7]
3. Verdadeira é a fala de Kṛśa, Indra e Varuṇa: As sete vozes sagradas[8] derramam uma onda de hidromel. Por causa delas, senhores do esplendor! ajudem o homem piedoso que, não confundido, os mantém sempre em seus pensamentos.
4. Pingando óleo, doces com Soma, derramando seu fluxo, estão as Sete Irmãs no lugar de sacrifício. Essas, gotejando óleo, são suas, ó Indra-Varuṇa; com elas enriqueçam com dádivas e ajudem o adorador.
5. Para a nossa grande felicidade nós atribuímos a esses Dois Brilhantes veracidade, grande força e majestade. Ó Senhores do Esplendor, ajudem-nos através dos Três Vezes Sete,[9] já que nós despejamos óleo sagrado, ó Indra-Varuṇa.
6. O que vocês nos tempos antigos, Indra e Varuṇa, davam aos Ṛṣis – revelação,[10] pensamento e poder de canto, e os lugares[11] que os sábios fizeram, tecendo sacrifício – esses através do brilho ardente do meu espírito[12] eu vi.
7. Ó Indra-Varuṇa, concedam aos adoradores contentamento livre de orgulho, e riqueza para nutri-los. Deem-nos alimento, prosperidade e progênie, e prolonguem os nossos dias para que possamos ver vida longa.

Índice◄►Hino 60 (Griffith)

FIM DOS HINOS VĀLAKHILYA

---

[5] ['Indra e Varuṇa não formam um par natural, e não é surpreendente que muito poucos hinos sejam dedicados aos dois somente (1.17; 4.41-42; 6.68; 7.82-85, e um tṛca em 3.62 (1-3))'. – Jamison-Brereton].
[6] Usadas em sacrifício; as plantas Soma e as águas empregadas no preparo do suco para libação.
[7] O significado da estrofe parece ser: embora vocês estejam longe no distante firmamento as nossas libações tiveram o poder de atraí-los. Considerem a nós somente: o homem ímpio é indigno da sua consideração até como um inimigo.
[8] As vozes dos sete sacerdotes ou bardos sagrados.
[9] Talvez os Maruts, três vezes sete sendo usado indefinidamente para um grande número composto de tropas de sete. Veja 1.133.6.
[10] *Śrutam:* aquilo que foi ouvido (desde o início); conhecimento sagrado. 'Fama'. – Cowell.
[11] Talvez, como Ludwig sugere, lares no mundo futuro, que os Ṛṣis prepararam para si próprios por realizarem sacrifícios aqui na terra.
[12] *Tapasā;* segundo Grassmann e Cowell, esse *tapas* significa 'as austeridades sagradas' dos Ṛṣis, e não o fervor sagrado do vidente do hino. Eu segui Ludwig.

669 - Hino 60. Agni (Wilson)[1]

(Anuvāka 7. Continuação do Adhyāya 4. Sūkta I)

O deus é Agni; o Ṛṣi é Bharga o filho de Pragātha; a métrica é [Bārhata] Pragātha.

Varga 32. **1**. Agni, vem aqui com os fogos, nós te escolhemos como nosso sacerdote invocador; que a oferenda apresentada te consagre, o principal sacrificador,[2] para te sentar sobre a grama sagrada.
2. Aṅgiras, filho da força, as conchas vão te encontrar no sacrifício; nós louvamos o antigo Agni em nossas oferendas, o neto do alimento, de cabelo de manteiga.[3]

3. Agni, tu, sábio, és o criador (das consequências); ó purificador, tu és o sacerdote invocador, digno de culto; brilhante, tu estás a ser louvado em nossos sacrifícios pelos sacerdotes com hinos, tu mesmo o ministrante principal digno de ser alegrado.
4. Mais jovem, eterno, traze os deuses ansiosos para mim sincero, para comerem (a oblação); dador de residências, aproxima-te do alimento bem colocado; alegra-te, sendo posto em teu lugar com louvores.

5. Libertador Agni, tu, o verdadeiro e o vidente, estás amplamente difundido; ó fulgurante aceso, os louvadores sábios servem a ti.[4]
Varga 33. **6**. Resplandecentíssimo (Agni), brilha e (nos) ilumina; dá felicidade ao teu povo, ao teu adorador, pois tu és grande; que os meus sacerdotes[5] permaneçam na bem-aventurança dos deuses, subjugando seus inimigos, possuindo fogos brilhantes.

7. Como, Agni, tu consomes madeira velha na terra, assim, nutridor de amigos, que tu queimes o nosso ofensor, todo mal-intencionado que deseja (o nosso mal).
8. Não nos sujeites a um inimigo mortal forte, nem ao malévolo; ó mais jovem, guarda-nos com tuas proteções inatacáveis, libertadoras, auspiciosas.

9. Agni, nos protege por uma (ṛc), ou nos protege por uma segunda; senhor da força, nos protege por três canções; nos protege, doador de habitações, por quatro.[6]
10. Protege-nos de todo rākṣasa ímpio,[7] serve-nos de escudo em batalhas; nós nos aproximamos de ti, o nosso vizinho mais próximo, nosso parente, por sacrifício e por crescimento.[8]

Varga 34. **11**. Purificador Agni, concede riqueza excelente que aumenta alimento; e (traze para) nós, ó distribuidor de bens, por orientação auspiciosa, (um tesouro) desejado por muitos e que traga a sua própria fama,[9]
12. Pelo qual possamos escapar e destruir em batalhas os nossos inimigos impetuosos que apontam armas; ó tu que pela sabedoria estabeleceste os nossos ritos, abençoa-nos com alimento, torna prósperas as nossas oferendas obtentoras de riquezas.

13. Agni lança seus chifres, afiando-os como um touro;[10] suas mandíbulas afiadas são irresistíveis; ele tem dentes poderosos, este filho da força.

---

[1] [‘A próxima coleção de hinos (8.60-66) é atribuída a Pragātha e aos vários dos seus filhos’. – Jamison-Brereton].
[2] *Sāma-Veda,* 2.7.2.7.1.
[3] Da mesma forma que Agni é chamado de *ghṛtapṛṣṭha*, ‘de costas de manteiga’, em 5.4.3.
[4] *Sāma-Veda*, 1.1.1.4.8.
[5] Cantores de hinos ou filhos, segundo Sāyaṇa.
[6] Este verso ocorre no *Sāma-Veda*, 1.1.1.4.2; 2.7.2.4.1; e no *Yajur-Veda Branco,* 27.43. No último, Mahīdhara explica os quatro como Ṛc, Yajur, Sāma e Nigada.
[7] Literalmente, ‘que não dá presentes (sacrificais)’.
[8] *Sāma-Veda*, 2.7.2.4.2.
[9] *Ibid*. 1.1.1.4.9.
[10] Compare com Virgílio, *Geórgicas*, III, 232.

14. Uma vez que tu te espalhas para todos os lados, os teus dentes, touro Agni, são irresistíveis; ó ofertante, faze a nossa oblação oferecida corretamente; dá-nos muitas (dádivas) preciosas.

15. Tu dormes dentro das tuas mães[11] nas madeiras, os mortais te acendem; incansável tu levas as oferendas do sacrificador, então tu brilhas entre os deuses.[12]
Vaga 35. **16**. Os sete sacerdotes te louvam, Agni, dador de coisas boas e infalível; tu partes a nuvem com o teu esplendor feroz; vai em frente, tendo derrotado os nossos inimigos.[13]

17. Agora que nós cortamos a grama sagrada, vamos invocar por vocês[14] Agni, Agni o irresistível; tendo colocado as oblações, invoquemos Agni, que permanece em muitos (locais), o ofertante de sacrifícios para os homens.[15]
18. (O sacrificador) te adora por meio de louvores, Agni, com os (sacerdotes) experientes no rito celebrado com belos hinos Sāman; traze para nós pela tua própria vontade para nos proteger alimentos de vários tipos que possam estar sempre ao nosso alcance.

19. Divino Agni, digno de louvor,[16] tu és o guardião dos homens, o consumidor de rākṣasas; tu és grande, tu o nunca ausente guardião da casa (do devoto), o protetor do céu, sempre presente na residência.[17]
20. Ó tu de riqueza brilhante, não deixes que os rākṣasas entrem em nós, nem o tormento dos maus espíritos; Agni, afasta mais do que uma gavyūti[18] de nós a pobreza, a fome e os demônios fortes.

Índice◄►Hino 61 (Wilson)

---

669 - Hino 60. Agni (Griffith)

1. Agni, vem aqui com teus fogos; nós te escolhemos como Sacerdote Invocador. Que a concha estendida cheia de óleo te consagre, melhor Sacerdote, para sentar-te na grama sagrada.
2. Pois para ti, ó Aṅgiras, ó Filho da Força, as conchas se movem em sacrifício. Agni, o Filho da Força, cujas madeixas gotejam óleo,[19] nós buscamos, o principal em ritos sacrificais.

3. Agni, tu és Ordenador, Sábio, Arauto, Deus brilhante! e venerável, o melhor ofertante, alegre, digno de ser louvado em ritos sagrados, Senhor puro! por cantores com seus hinos.
4. O Mais Jovem e Eterno, traze os Deuses desejosos a mim, o sincero, para a festividade. Vem, Vasu, ao banquete que está bem preparado; regozija-te, bondoso, com as nossas canções.

---

[11] Isso se refere às duas *araṇis* ou pedaços de madeira a partir dos quais o fogo sacrifical é produzido por atrito. Veja 3.29.2.
[12] *Sāma-Veda*, 1.1.1.5.2.
[13] Sāyaṇa dá outra interpretação: 'vai até os deuses com a oblação, tendo nos deixado para trás'.
[14] Dirigido aos sacrificadores ou aos deuses.
[15] Quando Agni está satisfeito, os seres vivos obtêm seus desejos pela chuva que ele causa. Compare com *Manu*, 3.76: ['Uma oblação devidamente lançada ao fogo alcança o sol, do sol vem a chuva, da chuva os alimentos, daí as criaturas vivas (derivam a sua subsistência)'. – Tradução de George Bühler, Sacred Books of the East, Volume 25].
[16] *Jaritṛ* normalmente significa 'o cantor de louvores', aqui, como aplicado a Agni, é explicado por Sāyaṇa como *stutya*.
[17] *Sāma-Veda*, 1.1.1.4.5.
[18] Essa é uma medida = dois *krośas*. Sāyaṇa acrescenta que isso implica uma distância ilimitada.
[19] 'De cabelo de manteiga'. – Wilson.

5. Tu és amplamente Famoso, Agni, Preservador, justo, e um Sábio. Os cantores sagrados, ó Deus refulgente aceso! organizadores,[20] te chamam para vir.
6. Brilha, muitíssimo resplandecente! resplandece, envia felicidade para o povo, e para o teu devoto: Tu és Grandioso. Então que os meus príncipes,[21] com bons fogos, subjugando inimigos, repousem sob os cuidados dos Deuses.

7. Ó Agni, como tu queimas até o chão mesmo o mato alto, assim, brilhante como Mitra é, queima aquele que nos prejudica, aquele que trama o mal contra o teu amigo.
8. Não nos entregues como vítima para o inimigo mortal, nem para o perverso amigo dos demônios. Com defesas vencedoras, auspiciosas, inatacáveis, nos protege, ó Deus Mais Jovem.

9. Protege-nos, Agni, através do primeiro, protege-nos através do segundo hino, protege-nos através de três hinos, ó Senhor da força e poder, através de quatro hinos,[22] Vasu, guarda-nos.
10. Preserva-nos de todo demônio que não traz nenhum presente para os Deuses, preserva-nos em atos de força; pois nós possuímos em ti o Amigo mais próximo de todos, para o serviço dos Deuses e bem-estar.

11. Ó santo Agni, dá-nos riqueza famosa com homens e vida fortalecedora. Concede-nos, ó Auxiliador, aquela que muitos almejam, mais gloriosa ainda com retidão;
12. Com a qual[23] possamos vencer os nossos rivais em guerra, derrotando os projetos do inimigo. Então cresce por nosso alimento, ó Excelente em força. Estimula os nossos pensamentos que descobrem riquezas.

13. Agni é como um touro que afia e brande seus chifres. Bem afiadas são suas mandíbulas que não podem ser resistidas: o Filho da Força tem dentes poderosos.
14. Irreprimíveis, ó Touro, ó Agni, são os teus dentes quando tu estás te espalhando por toda parte. Torna as nossas oblações devidamente oferecidas, ó Sacerdote, e dá-nos fartura de coisas preciosas.

15. Tu jazes na madeira;[24] de ambas as tuas Mães os mortais te acendem. Incansavelmente tu levas os presentes do ofertante, então resplandeces entre os Deuses.
16. E assim os sete sacerdotes,[25] ó Agni, te adoram, Doador Generoso, Eterno. Tu atravessas a rocha[26] com calor e brilho ardente. Agni, eleva-te acima dos homens.

17. Por vocês,[27] nós cuja grama está cortada vamos chamar Agni, Agni, o Deus inquieto.[28] Nós cujo alimento é oferecido vamos chamar para todas as tribos Agni o Sacerdote Invocador dos homens.
18. Agni, com salmo nobre que conta o seu desejo ele vive[29] pensando em ti que o guardas. Rapidamente nos traze força de muitos tipos variados para ser a mais próxima para nos socorrer.

19. Agni, Cantor de Louvor! Senhor dos homens, Deus! Queimador de rākṣasas, tu és Poderoso, o sempre presente Senhor do Lar, Amigo do Lar e Guardião do Céu.

---

[20] Do ritual de sacrifício.
[21] Patronos ricos. Segundo Sāyaṇa, os próprios filhos do ṛṣi e outros podem ser aludidos.
[22] Os números provavelmente se referem aos quatro quadrantes do céu. – Ludwig. [Veja a nota 6].
[23] Referindo-se à riqueza que Agni é solicitado a dar.
[24] Nos pedaços de madeira usados na produção de Agni.
[25] Sacerdotes Hotar menores, como o Maitrāvaruṇa e outros.
[26] *Adriṃ*, explicada por Sāyaṇa como *megham*, a nuvem.
[27] [‘Dirigido aos sacrificadores ou aos deuses’. – Wilson].
[28] Ou, ‘o irresistível’. – Wilson.
[29] Isto é, o piedoso instituidor de sacrifício.

20. Que nenhum demônio apareça entre nós, ó tu rico em luz, nenhum feitiço daqueles que lidam com feitiços.[30] Para pastagens distantes afasta a fome tênue; para longe, ó Agni, afugenta os amigos dos demônios.

Índice◄►Hino 61 (Griffith)

---

670 - Hino 61. Indra (Wilson)

(Sūkta II)

O Ṛṣi [Bharga Pragātha] e a métrica [Bārhata Pragātha] são os mesmos; o deus é Indra.

Varga 36. **1**. Que Indra ouça ambos os nossos hinos;[1] que o mais poderoso Maghavan venha a nós, (satisfeito) com a nossa oferenda devotada, para beber o Soma.[2]
2. A ele, autorresplandecente, o céu e a terra formaram como o derramador, a ele (eles formaram) por força; portanto tu te estabeleces como o primeiro dos teus pares; a tua mente ama o Soma.[3]

3. Indra, possuidor de muita riqueza, verte o Soma despejado dentro de ti; possuidor de corcéis (brilhantes), nós te conhecemos, o vencedor em batalhas, o invencível, o conquistador.
4. Indra, Maghavan de veracidade contínua, sempre vem a acontecer como tu em teu conhecimento desejas; pela tua proteção, ó de queixo belo, que nós obtenhamos alimento, rapidamente, trovejante, subjugando os nossos inimigos.

5. Indra, senhor dos ritos, dá-nos (nosso desejo), com todos os teus poderes auxiliadores[4]; herói, nós te adoramos como felicidade, o glorioso, o obtentor de riquezas.[5]
Varga 37. **6**. Tu és o aumentador de cavalos, o multiplicador de vacas; tu, deus, com teu corpo dourado és uma verdadeira fonte; ninguém pode danificar os presentes reservados para mim em ti; traze-me tudo o que eu peço.[6]

7. Tu és (generoso), vem; que tu obtenhas riqueza para distribuir para o adorador;[7] derrama a tua recompensa, Maghavan, sobre mim desejoso de vacas, a derrama, Indra, sobre mim desejoso de cavalos.
8. Tu concedes muitas centenas e milhares de rebanhos como um presente (para o ofertante). Proferindo longos encômios, nós, louvando Indra com hinos, o destruidor de cidades, o trazemos diante de nós por nossa proteção.[8]

9. Indra, seja o não habilidoso ou o habilidoso que celebre o teu louvor, cada um se regozija em seu desejo por ti, ó Śatakratu, cuja ira pressiona sempre para frente, que enfrentas o inimigo, proclamando "Sou eu."[9]

---

[30] *Yāturyātumāvatām:* 'tormento dos maus espíritos'. – Wilson.

[1] Isto é, louvores recitados *(śastra)* ou cantados *(stotra).*
[2] *Sāma-Veda*, 1.3.2.5.8; 2.5.1.14.1. *(Satrācyā dhiyā* significaria, mais propriamente: 'vem a nós com toda a tua mente', compare com 8.2.37).
[3] *Sāma-Veda*, 2.5.1.14.2.
[4] Isto é, os Maruts.
[5] *Sāma-Veda*, 1.3.2.2.1; 2.7.3.3.1.
[6] *Sāma-Veda*, 2.7.3.2.2.
[7] *Sāma-Veda*, 1.3.1.5.8; 2.7.3.4.1
[8] *Sāma-Veda*, 2.7.3.4.2.
[9] ["Cujo lema é 'Eu vou vencer'". – Jamison].

10. Se o matador de braços fortes de inimigos, o destruidor de cidades, vai ouvir a minha invocação, nós, desejando riquezas, vamos com nossos louvores chamar Indra Śatakratu, o senhor da riqueza.

Varga 38. **11**. Nós que o adoramos não somos maus,[10] nem pobres demais para oferecer presentes, nem desprovidos de fogos sagrados – uma vez que reunidos, quando o Soma é despejado, nós fazemos de Indra, o derramador, nosso amigo.

12. Nós unimos (ao nosso rito) o poderoso Indra, o subjugador de inimigos em batalhas, o incólume, ele a quem louvor é devido como uma dívida; ele, o melhor dos aurigas, conhece (entre os cavalos) o corredor forte, e (entre os homens), ele, o generoso, (conhece) o ofertante a quem ele deve alcançar.[11]

13. Indra, dá-nos segurança contra aquele de quem nós temos medo; Maghavan, sê forte para nós com tuas proteções; destrói nossos inimigos, destrói aqueles que nos prejudicam.[12]

14. Senhor da riqueza, tu és (o concessor) de grande riqueza e uma habitação para o teu adorador; como tal, nós te invocamos, trazendo o Soma, ó Maghavan, Indra, que estás a ser honrado com hinos.[13]

15. Indra, o onisciente, o matador de Vṛtra, o protetor, deve ser escolhido por nós; que ele proteja o nosso (filho), o último (filho), o nosso (filho) do meio, que ele nos proteja por trás e pela frente.

Varga 39. **16**. Indra, protege-nos do oeste,[14] do sul, do norte, do leste, protege-nos por todos os lados; mantém longe de nós o alarme sobrenatural, mantém longe as armas dos demônios.

17. Salva-nos, Indra, a cada hoje, a cada amanhã, e cada dia sucessivo; senhor dos bons, protege a nós, teus louvadores, todos os dias, de dia e de noite.

18. Maghavan é o quebrador, o herói, grande em riqueza, e o condutor à vitória[15] (sobre os nossos inimigos). Śatakratu, ambos os teus braços, que seguram o raio, são os derramadores (de bênçãos).[16]

Índice◄►Hino 62 (Wilson)

---

670 - Hino 61. Indra (Griffith)

1. Ambas as bênçãos[17] – que Indra, voltado para cá, ouça esta nossa prece, e, mais poderoso Maghavan, com o pensamento inclinado para nós te aproxima para beber o suco Soma.

---

[10] Sāyaṇa toma *manāmahe* como um verbo transitivo, veja 5.6.1; é mais provável que ele signifique 'parecer', 'nós não parecemos maus', etc.

[11] A explicação de Sāyaṇa desse verso é obscura.

[12] *Sāma-Veda*, 1.3.2.4.2; 2.5.2.15.1 (com *ūtaye* em vez de *ūtibhiḥ)*. ['Os versos 13-18 são aludidos no *Ṛgvidhāna*, 2.33.4].

[13] *Sāma-Veda*, 2.5.2.15.2 (com *vidhartā* em vez de *vidhataḥ*).

[14] Sāyaṇa em 6.19.9 explicou os quatro termos no texto como referentes aos quatro quadrantes; aqui o seu comentário os faz se referirem às seis direções no espaço, 'protege-nos do oeste, do leste, por baixo (o que inclui a direção superior), do norte (isso inclui o sul)'.

[15] A interpretação de Sāyaṇa de *sammiślo vīryāya* pode, talvez, significar, 'que nos leva ao conflito bem-sucedido com nossos inimigos', compare com o comentário dele sobre o *Sāma-Veda,* 1.3.2.5.7. O texto provavelmente significa 'misturado, ou associado, conosco para mostrar sua força'.

[16] Esse verso e o anterior ocorrem no *Sāma-Veda*, 2.6.3.7.1-2.

[17] Pede-se que Indra ouça a prece e beba o Soma.

2. Pois a ele, Forte, Soberano independente, o Céu e a Terra moldaram por poder e força. Tu te colocas como o primeiro entre os teus pares em lugar, porque a tua alma anseia por suco Soma.

3. Sacia-te plenamente, ó senhor da riqueza, ó Indra, com o suco que despejamos. Nós te conhecemos, Senhor dos Cavalos Baios! vencedor na luta, que vence até os invencíveis.
4. Realmente imutável, ó Maghavan Indra, que seja como tu em sabedoria desejas. Que nós, ó de bela face, ganhemos despojo com a tua ajuda, ó Trovejante, procurando-o rapidamente.

5. Indra, com todos os teus auxílios salvadores dá-nos apoio, Senhor do Poder. Pois atrás de ti nós seguimos assim como felicidade gloriosa, a ti, Herói, descobridor de riqueza.
6. Aumentador de nossos cavalos e multiplicador de vacas, uma fonte dourada, ó Deus, és tu, pois ninguém pode prejudicar os presentes colocados em ti. Traze-me tudo o que eu pedir.

7. Pois tu – vem ao adorador! – encontrarás grande riqueza para nos tornar ricos. Sacia-te plenamente, ó Maghavan, para o ganho de vacas, plenamente, Indra, para o ganho de cavalos.
8. Tu como o teu presente concedes muitas centenas rebanhos, sim, muitos milhares tu dás. Com os hinos dos cantores nós temos trazido o Quebrador de Fortalezas para perto, cantando para Indra por sua graça.

9. Se o simples ou o sábio, Indra, tem oferecido louvor a ti, ele, Śatakratu! por seu amor tem alegrado a ti, ambicioso! sempre pressionando!
10. Se ele, o de braço forte, o derrubador de fortes, o grande Destruidor, ouve o meu chamado, nós, buscando riquezas gritamos para Indra, Senhor da Riqueza, para Śatakratu com nossos louvores.

11. Nós não somos então computados como pecadores, nem como homens mesquinhos ou tolos, quando com o suco Soma que derramamos nós fazemos de Indra, o Poderoso, nosso Amigo.[18]
12. A ele nós atrelamos na luta, o poderoso Conquistador, reclamante do débito, que não pode ser enganado. O melhor auriga, o Vitorioso nota cada falha,[19] ele conhece o forte[20] de quem ele se aproximará.

13.[21] Indra, dá-nos segurança contra aquele de quem nós temos medo. Ajuda-nos, ó Maghavan, que o teu auxílio nos dê isto: afasta antagonistas e inimigos.
14. Pois tu, ó Senhor de recompensa generosa, reforças a ampla casa daquele que te adora. Então Indra, Maghavan, ó Amante de Música, nós com Soma espremido te chamamos.

15. Indra é o matador de Vṛtra, guardião, o nosso melhor defensor contra o inimigo. Que ele proteja o nosso último e o do meio,[22] e mantenha vigilância atrás de nós e à frente.

---

[18] [‘O ponto do verso parece ser que nós não queremos obter uma má reputação por sermos egoístas por nos apoderarmos de Indra para ser nosso companheiro exclusivo’. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[19] O significado de *bhṛmaṃ* é incerto: segundo Ludwig é: ‘seu sustentador ou alimentador’, isto é, o ofertante que lhe oferece alimento sacrifical. Sāyaṇa o toma com *vājinaṃ*, ‘o corredor forte’.
[20] O adorador rico e poderoso.
[21] [‘Os versos 13-18 são aludidos no *Ṛgvidhāna*, 2.33.4].
[22] *Putram*, filho, estando subentendido, segundo Sāyaṇa. A expressão provavelmente significa ‘todos nós’.

16. Defende-nos por trás, por baixo, por cima, pela frente, por todos os lados, Indra, protege-nos bem. Mantém longe de nós o terror enviado do céu[23]: mantém longe as armas ímpias.

17. Protege-nos, Indra, a cada hoje, a cada amanhã, e a cada dia seguinte. Os nossos cantores, por todos os dias, Senhor dos bravos, tu manterás em segurança de dia e de noite.

18. Um guerreiro aniquilador, sumamente rico é Maghavan, dotado de toda força heroica. Os teus braços, ó Śatakratu, são extremamente fortes, braços que seguram o raio.

Índice◄►Hino 62 (Griffith)

---

671 - Hino 62. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

O deus é Indra; o Ṛṣi é Pragātha da família de Kaṇva; a métrica Paṅkti, exceto no sétimo, oitavo e nono versos, onde é Bṛhatī.

Varga 40. **1**. Apresentem a oferenda de louvor para Indra, visto que ele a aprecia; (os sacerdotes) aumentam o vasto alimento de Indra o amante de Soma com seus hinos recitados; as dádivas de Indra são dignas de louvor.

2. Sem um companheiro e diferente dos outros deuses,[1] ele sozinho, inconquistável, supera os homens dos tempos antigos, ele supera em poder todos os seres; as dádivas de Indra são dignas de louvor.

3. Ele, o pronto doador, deseja conceder bênçãos (a nós) com seu corcel não incitado[2]; a tua grandeza, Indra, quando tu estás prestes a exibir os teus poderes, deve ser proclamada; as dádivas de Indra são dignas de louvor.

4. Indra, vem para cá; vamos realizar para ti os nossos ritos sagrados que aumentam o teu vigor; por quais (ritos), mais poderoso, tu desejas abençoar aquele que deseja alimento; as dádivas de Indra são dignas de louvor.

5. Tu tornaste a tua mente, Indra, mais resoluta que o resoluto,[3] já que tu (desejas conceder os desejos) daquele que te adora com os sucos Soma intoxicantes e te adorna com adorações; as dádivas de Indra são dignas de louvor.

Varga 41. **6**. Indra, que é bem merecedor do hino, olha (com benevolência) para nós como um homem (sedento olha para) os poços; e estando bem satisfeito ele faz do enérgico ofertante de Soma seu amigo;[4] as dádivas de Indra são dignas de louvor.

7. Indra, pelo exemplo do teu poder e conhecimento os deuses alcançam o mesmo; ó louvado por muitos, tu és o pastor[5] do universo; as dádivas de Indra são dignas de louvor.

---

[23] 'O alarme sobrenatural'. – Wilson.

[1] Sāyaṇa explica *nṛbhiḥ* por *devaiḥ*. Outra interpretação toma 'ele' como o ṛṣi do hino, caso em que *nṛbhiḥ* terá o seu sentido comum, 'homens', não 'deuses'.

[2] ['Com um corcel de espécie indigna'. – Griffith. Compare com 6.45.2].

[3] ['Pois tu, ó Indra, tornas ainda mais ousado o espírito do ousado'. – Griffith].

[4] Sāyaṇa toma *yujam* como *ātmānam*, mas a linha significa mais propriamente: 'Ele faz do habilidoso amigo do ofertante de Soma seu amigo'. Outra interpretação é que ele torna o Soma amigo do adorador.

[5] Sāyaṇa toma *gopati* como 'senhor das águas' ou 'dos hinos', mas em 8.69.4 ele parece adotar o sentido comum.

8. Indra,[6] eu louvo aquele teu poder que está bem próximo do adorador,[7] (eu te louvo) para que tu mates Vṛtra, ó senhor dos ritos, pela tua força; as dádivas de Indra são dignas de louvor.
9. Como uma mulher que não demonstra parcialidade[8] ganha seus amantes para ela, assim Indra confere períodos de tempo à humanidade; foi Indra que realizou aquela façanha dadora de conhecimento, portanto, ele é renomado; as dádivas de Indra são dignas de louvor.

10. Maghavan, rico em gado, (aqueles que permanecem) na tua felicidade aumentaram grandemente[9] o teu poder quando nasceu, (eles aumentaram grandemente) a ti, Indra, e o teu conhecimento; as dádivas de Indra são dignas de louvor.
11. Que eu e tu, matador de Vṛtra, fiquemos estreitamente unidos até que a riqueza seja obtida; herói, que manejas o raio, até o avaro admite (que a nossa união dá riqueza); as dádivas de Indra são dignas de louvor.
12. Louvemos aquele Indra com verdade, não com inverdade, grande é a destruição daquele que não oferece; mas, para aquele que oferece copiosas oblações de Soma, as dádivas de Indra são dignas de louvor.[10]

Índice◄►Hino 63 (Wilson)

671 - Hino 62. Indra (Griffith)

1. Ofereçam-lhe como louvor aquele no qual Indra se deleita. Os portadores de Soma magnificam a grande energia de Indra com hinos. Bons são os presentes que Indra dá.[11]
2. Único entre os chefes[12], sem companheiros, impetuoso, e inigualável, ele tornou-se grande acima de muitos povos[13], de fato, sobre todas as coisas nascidas, em força.[14]
3. Senhor de recompensa rápida, ele vencerá até com um corcel de espécie indigna[15]. Isso, Indra, deve ser dito de ti que realizarás atos heroicos.

4. Vem a nós aqui: vamos prestar devoções[16] que aumentam a tua força, pelas quais, mais potente! tu abençoarás o homem aqui que se esforça pela fama.
5. Pois tu, ó Indra, tornas ainda mais ousado o espírito do ousado[17]
Que com Soma forte serve a ti, continuamente pronto com suas preces reverentes.
6. Digno de música, ele olha para baixo[18] como um homem olha para poços.
Satisfeito com a habilidade do portador de Soma ele faz dele o seu companheiro e amigo.

7. Em força e sabedoria todos os Deuses, Indra, se renderam a ti.

[6] *Sāma-Veda,* 1.5.1.1.1 (com *upamām*).
[7] Ou, 'por causa da oferenda'.
[8] Sāyaṇa toma *samanā* como *samānamanaskā yoṣit*, e explica *yugā* como 'anos, semestres, estações, meses', etc.; mas a explicação falha totalmente.
[9] Pelas suas oferendas de Soma e hinos.
[10] Sāyaṇa simplesmente diz, 'para aquele que oferece abundantes oblações de Soma grande é a graça conferida por Indra'. Eu ousei conectá-la com a última frase, já que Sāyaṇa não explica esse refrão recorrente. Uma explicação mais natural seria, 'para aquele que oferece o Soma grandes são as bênçãos'.
[11] Esse refrão é repetido em todos os versos.
[12] *Nṛbhiḥ:* homens, significando Deuses, segundo Sāyaṇa.
[13] Ou, tribos.
[14] ['Sem um companheiro, inigualável por homens, (Indra) sozinho, inconquistável, ultrapassou em poder muitas tribos, e todas as criaturas'. – Muir, *O. S. Texts*, IV. 104].
[15] [Compare com 6.45.2].
[16] ['Vamos fazer preces'. – Muir].
[17] [Compare com 1.54.3].
[18] Bondosamente para nós como um homem sedento olha avidamente para um poço.

Sê o Guardião de todos, ó tu a quem muitos louvam.
8. Louvado, Indra, é esse teu poder, o melhor para o serviço dos Deuses,
Que tu com poder matas Vṛtra,[19] ó Senhor da Força.
9. Ele faz as raças da humanidade como sínodos do Belo.[20]
Indra conhece este seu ato manifesto, e é renomado.

10. O teu poder, ó Indra, em seu nascimento, também a ti, e a tua energia mental,
Sob os teus cuidados, Maghavan rico em vacas! eles[21] têm aumentado extremamente.
11. Ó matador de Vṛtra, tu e eu vamos nos reunir para ganhar despojos.
Até a malignidade[22] concordará, ó Herói Armado de Raio, conosco.
12. Vamos exaltar este Indra como verdadeiro e nunca como falso. Terrível é a morte[23] daquele que não derrama presentes; grande luz tem aquele que os oferece. Bons são os presentes que Indra dá.[24]

Índice◄►Hino 63 (Griffith)

---

672 - Hino 63. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

Indra é o deus, exceto no último verso, que é dirigido aos Devas; o Ṛṣi [Pragātha Kāṇva] como antes; a métrica do primeiro, quarto, quinto e sétimo versos é Anuṣṭubh; do segundo, terceiro, sexto, oitavo, nono, décimo e décimo primeiro é Gāyatrī, e do décimo segundo Triṣṭubh.

Varga 42. **1**. Ele, (Indra), o principal dos que devem ser honrados, desejoso de nossas oferendas, se aproxima; ele, as portas de cuja graça, os ritos sagrados, Manu, o pai (universal), alcançou entre os deuses.[1]
2. Que as pedras que espremem o Soma nunca abandonem Indra, o criador do céu, nem os louvores e hinos que devem ser proferidos.
3. Ele, o sábio Indra, descobriu as vacas[2] para os Aṅgirasas; eu glorifico aquele seu poder.

4. Como nos tempos antigos, agora também Indra é o abençoador do adorador e o portador daquele que o louva; que ele venha entre nós auspicioso na oblação de Soma para nos proteger.
5. Imediatamente, Indra, quando eles oferecem a Agni o senhor de Svāhā[3], os cantores sucessivamente louvam as tuas obras, para a obtenção de riqueza.
6. Naquele Indra, a quem os cantores conhecem como o que não prejudica[4], todos os poderes passados e futuros residem.

---

[19] [‘O uso do tempo presente sugere que a destruição de Vṛtra continua nos dias de hoje e é talvez separada do ato original realizado para o benefício dos deuses na época mitológica’. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[20] Como assembleias que se reúnem para honrá-lo, mas o significado é obscuro.
[21] Os teus adoradores.
[22] Ou, o homem maligno. ‘O avaro’. – Wilson.
[23] Ou, grande é sua destruição.
[24] [“‘Que louvemos Indra verdadeiramente e não falsamente; grande destruição cai sobre aquele que não derrama libações para Indra*, enquanto aquele que as oferece é abençoado com luz abundante’.
* Esse sentimento parece ser repetido de 1.101.4”. – Muir, *O. S. Texts*, V. 124].

---

[1] *Sāma-Veda,* 1.4.2.2.4. [Veja a tradução de Aufrecht na nota 8*].
[2] Quando levadas pelos Paṇis, veja 1.6.5; 1.11.5.
[3] Ou seja, quando eles fazem a oblação para ti no fogo.
[4] [‘Desprovido de fraude’. – Griffith. ‘Como a própria cerimônia’. – Jamison].

Varga 43. **7**. Quando louvores são dirigidos a Indra pelos homens das cinco classes, ele destrói os inimigos deles por seu poder; ele, o Senhor, é a morada da homenagem[5] do adorador.
8. Este louvor é teu, pois tu realizaste essas façanhas; tu guardaste a estrada das rodas da nossa carruagem (com o rito sacrifical).
9. Quando o sustento diversificado, dado por Indra, o derramador, é obtido, todos os homens saem com largos passos para a vida (preciosa); eles o recebem como o gado a cevada.

10. Apresentando o nosso louvor, e desejando proteção, que nós com vocês (ó sacerdotes) sejamos senhores do alimento, para oferecer sacrifício a (Indra), acompanhado pelos Maruts.
11. Herói, pelos nossos hinos nós oferecemos louvor a ti, que apareces na hora do sacrifício, e usas esplendor auspicioso; contigo como nosso aliado que nós conquistemos (os nossos inimigos).
12. Ó Rudras, as nuvens derramadoras, e (Indra) que se regozija conosco no desafio da batalha que traz a destruição de Vṛtra, e que vem em seu poder ao declamador e cantor de seus louvores – que esses deuses, com Indra à sua frente, nos protejam.[6]

Índice◄►Hino 64 (Wilson)

---

672 - Hino 63. Indra (Griffith)

1. Com os poderes dos Poderosos ele, Antigo, Amado,[7] foi equipado,
Através de quem o Pai Manu fez preces eficazes com os Deuses.[8]
2. A ele, o Criador do céu, que as pedras molhadas com o Soma nunca abandonem,
Nem os hinos e a prece que devem ser ditos.
3. Indra que sabia muito bem revelou as vacas para os Aṅgirases.
Esse seu grande feito deve ser exaltado.

4. Indra, promotor da canção, Fortalecedor do sábio como antigamente,
Virá para nos abençoar e socorrer no oferecimento deste louvor.
5. Agora, seguindo a intenção do seu desejo os cantores piedosos com o grito
De Salve! cantaram hinos altos para ti, Indra, para ganharem um estábulo de vacas.
6. Com Indra repousam todos os atos de força, ações feitas e ainda a serem realizadas,
A quem os cantores conhecem como desprovido de fraude.

7. Quando as Cinco Tribos com todos os seus homens para Indra enviaram a sua voz,

---

[5] [Veja a nota 9 § 2].
[6] Sāyaṇa dá uma explicação alternativa para a primeira parte desse verso: "Que os derramadores semelhantes a montanhas (ou 'enchedores', 'gratificantes') Maruts, os filhos de Rudra, aliados no desafio da batalha que traz a destruição de Vṛtra". Esse verso também ocorre no *Yajur-Veda Branco,* 33.50, mas o comentário de Mahīdhara difere muito do de Sāyaṇa. 'Que os deuses que derramam riqueza sobre nós, os Rudras, e aqueles que determinaram festivais *(parvatāḥ),* que são unânimes no desafio da batalha para a destruição de Vṛtra – que esses deuses com Indra em sua chefia protejam a nós e aquele que recita ou murmura os louvores, ou, tendo acumulado riqueza, oferece oblações'. O *Dicionário de São Petersburgo* traduz última frase em concordância muito estreita com a interpretação de Sāyaṇa como seguida no texto.
[7] O Antigo, Amado, parece ser Soma e não Indra. [Agni, segundo Jamison].
[8] Esse verso difícil é interpretado de maneiras diferentes por comentadores indianos e por estudiosos europeus. Eu sigo parcialmente a tradução de Aufrecht* como dada pelo Dr. Muir, e parcialmente o Comentário de Ludwig. Veja *O. S. Texts,* I. p. 163-164 e *Rigveda* de Ludwig, V. p. 167-168. [* 'Aquele amigo antigo foi equipado com os poderes dos poderosos (deuses). O Pai Manu preparou hinos para ele, como portais de acesso aos deuses'].

E quando o sacerdote espalhou muita grama, esta é própria morada do Amigo.[9]
8. Este louvor é realmente teu; tu realizaste essas façanhas valorosas,
E aceleraste a roda[10] em seu caminho.
9. No transbordamento deste Boi,[11] corajosamente ele[12] caminhou para a vida, e tomou Soma como o gado ingere o seu grão.

10. Recebendo este e desejando auxílio, nós, que com vocês somos filhos de Dakṣa[13],
De bom grado exaltamos o Senhor dos Maruts.
11. De fato, Herói, com os cantores nós cantamos ao Grupo que chega devidamente[14].
Aliados contigo que nós prevaleçamos.
12. Conosco estão os Rudras derramadores, nuvens concordantes no chamado para a batalha, na morte de Vṛtra, o forte[15] atribuído a ele que canta e louva. Que os Deuses com Indra em sua chefia nos protejam.

Índice◄►Hino 64 (Griffith)

---

673 - Hino 64. Indra (Wilson)

(Sūkta V)[1]

O Ṛṣi é o mesmo [Pragātha Kāṇva]; o deus é Indra; a métrica é Gāyatrī.

Varga 44. **1**. Que os nossos louvores te animem; trovejante, faze alimento para nós, destrói os inimigos dos Brahmans.[2]
2. Esmaga com teu pé os Paṇis, que não oferecem oblações; tu és poderoso; não há ninguém semelhante a ti.
3. Tu, Indra, és o senhor do Soma derramado e do não derramado,[3] tu és o rei de todos os homens.[4]

4. Vem aqui, vem do céu para a nossa residência, gritando por causa dos homens;[5] tu enches o céu e a terra.[6]
5. Que tu rompas, pelos teus adoradores, a nuvem retorcida[7] com suas centenas e milhares de chuvas.

---

[9] De Indra. A segunda linha é muito obscura. Veja Bergaigne, I. vi., e *Vedic Hymns,* I, p. 226. Eu adoto a interpretação de Ludwig.
[Jamison traduz a segunda linha assim: "Através do poder da inspiração deles, através do poder da extensão dele ele abateu os estrangeiros. Ele é morada de paz". – *The Rigveda, The Earliest Religious Poetry of India,* e observa que "Faz sentido que Indra seja identificado como 'morada de paz', porque ele matou os estrangeiros e, assim, trouxe a paz para os Cinco Povos". – *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[10] O Sol.
[11] Soma, isto é, quando abundantes libações de Soma foram oferecidas.
[12] Indra.
[13] Da mesma origem que vocês. 'Senhores do alimento', segundo Sāyaṇa.
[14] Os Maruts, liderados por Indra.
[15] Talvez o raio com o qual Indra ajuda o adorador.

---

[1] [Veja o *Ṛgvidhāna*, 2.34.1].
[2] *Sāma-Veda,* 1.3.1.1.1; 2.6.1.3.1. [Veja a versão de Griffith, e a de Muir na nota 12].
[3] [Veja a nota 13].
[4] Os versos 2 e 3 ocorrem no *Sāma-Veda*, 2.6.1.3.2-3.
[5] Outra interpretação é: 'Vem aqui, e (tendo aceitado a oblação) prossegue com alegria, louvando o sacrificador'.
[6] Sāyaṇa acrescenta, 'com esplendor ou com chuva'.
[7] *Parvata* e *giri* ambas significam 'nuvem', bem como 'montanha', mas como a primeira é um *yogarūḍha pada* (isto é, um termo composto cujas partes, quando ele é analisado, têm o mesmo significado que o todo), ela é aqui tomada em seu sentido analisado como *parvavat*, 'que tem nós', 'retorcida'.

6. Nós te invocamos quando o Soma é vertido de dia, nós te invocamos de noite; realiza o nosso desejo.

Varga 45. **7**. Onde está aquele derramador[8] sempre jovem, de pescoço forte e que não se curva a ninguém? Qual cantor de hinos te adora?[9]
8. Para a oferenda de quem o derramador desce satisfeito? Quem pode louvar Indra?
9. Em que caráter, matador de Vṛtra, as oferendas sacrificais te honram, ou os bravos louvores no hino? Quem está mais próximo (na hora da batalha)?

10. Para ti é este Soma despejado entre os homens por mim de raça mortal; aproxima-te, apressa-te, bebe.
11. Este é o teu amado Soma muito alegrador que cresce no lago Śaryaṇāvat[10] perto do rio Suṣomā na região de Ārjīkīya.[11]
12. Vem hoje, Indra, acelera, bebe este Soma agradável para a nossa grande riqueza e para a tua própria exultação subjugadora de inimigos.

Índice◄►Hino 65 (Wilson)

---

673 - Hino 64. Indra (Griffith)

1. Que os nossos hinos te deem grande deleite. Mostra a tua recompensa, Trovejante.
Expulsa os inimigos da prece.[12]
2. Esmaga com teu pé os sovinas avarentos que não trazem presentes. Tu és poderoso.
Não há ninguém para se igualar a ti.
3. Tu és o Senhor do Soma espremido, o Soma não espremido[13] também é teu.
Tu és o Soberano do povo.

4. Vem, avança, residindo no céu e ouvindo as orações do homem;
Tu enches o céu e a terra.
5. Mesmo aquela colina[14] com cumes rochosos, com centenas, milhares contidos dentro,
Tu pelos teus adoradores rompes completamente.
6. Nós te invocamos noite[15] e dia para saborear o suco Soma que flui;
Que tu realizes o desejo do nosso coração.

7. Onde está aquele Touro sempre jovem, de pescoço forte e até agora nunca subjugado?
Qual Brahman ministra para ele?
8. Para a libação de quem o Boi se dirige com prazer?
Quem se deleita em Indra agora?
9. A quem, matador de Vṛtra, as tuas dádivas e poderes heroicos têm acompanhado?
Quem é o teu mais querido no louvor?

10. Para ti entre os homens, entre os Pūrus[16] este Soma é despejado.

---

[8] Conforme Sāyaṇa, mas *vṛṣabha* geralmente significa 'um touro'. Para *tuvigrīva*, veja 1.187.5.
[9] *Sāma-Veda*, 1.2.1.5.8.
[10] Compare com 8.7.29. Sāyaṇa coloca esse lago atrás de Kurukṣetra.
[11] Sāyaṇa acrescenta que o Soma cresce em uma região muito distante (isto é, uma no Sul da Índia). De acordo com Yāska, *Nirukta*, 9.26, Ārjīkīya é um nome do [rio] Vipāś; veja *Lit. and Hist. of the Veda* do professor Roth, p. 137-140.
[12] ['Que os nossos hinos te alegrem; dá-nos a riqueza, ó Tonante. Mata os inimigos da devoção'. – Muir, *O. S. Texts,* I. 261].
[13] Em seu estado natural nos caules da planta. Ou, como Ludwig sugere, o Soma que Indra bebe no céu pode ser aludido. Veja 7.26.1.
[14] A nuvem com seus incontáveis tesouros de chuva.
[15] Logo antes do amanhecer.
[16] Entre os homens ou entre os reis chamados Pūrus. – Sāyaṇa.

Corre para cá: bebe dele.
11. Este, que cresce perto de Suṣomā[17] e de Śaryaṇāvān,[18] querido para ti,
Em Ārjīkīya,[19] te alegra no mais alto grau.
12. Apressa-te para cá, e bebe este por munificência hoje,
Delicioso para o teu gole ansioso.

Índice◄►Hino 65 (Griffith)

674 - Hino 65. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus,[1] o Ṛṣi [Pragātha Kāṇva], e a métrica [Gāyatrī] os mesmos.

Varga 46. **1**. Se tu és invocado por nós, os líderes de ritos, do leste, do oeste, do norte, ou do sul, vem depressa com os teus cavalos velozes.[2]
2. Se tu te regozijas na fonte de ambrosia do céu, ou em algum outro sacrifício condutor para o céu (na terra), ou no firmamento semelhante ao oceano de águas;[3]
3. Indra, pelos meus louvores eu te invoco, grande e forte, para beber o Soma, como um touro para comer (a sua forragem).

4. Que os teus corcéis, Indra, te conduzindo em tua carruagem, tragam aqui a tua força, (que eles tragam para cá o) teu esplendor, ó divino.
5. Indra, tu és invocado, tu és louvado, o grandioso, o forte, o portador de soberania; vem aqui e bebe a nossa libação.
6. Portando o Soma derramado e o alimento sacrifical nós te invocamos, Indra, para te sentar em nossa grama sagrada.
Varga 47. **7**. Porque tu és comum a muitos adoradores[4], portanto, Indra, nós te invocamos.[5]
8. Os sacerdotes ordenharam para ti com suas pedras este néctar de Soma; bebe, Indra, bem satisfeito.
9. Que tu, o senhor, ignores todos os outros adoradores e venhas rapidamente até nós, e nos concedas alimento abundante.[6]

10.[7] Que (Indra) o rei[8] me dê vacas enfeitadas com ouro; ó deuses, não deixem Maghavan ser prejudicado.

---

[17] Aparentemente um rio que não pode ser identificado agora.
[18] Dito ser um lago no distrito de Kurukṣetra.
[19] Provavelmente uma região ou distrito. Para conjecturas a respeito de Suṣomā e Ārjīkīya veja Zimmer, *Altindisches Leben*, p. 12 e 13. Compare com 8.7.29.

---

[1] [“Bhāguri diz que a estrofe ‘O doador para mim’ (*dātā me:* 8.65.10) (contém) menção incidental (*nipāta*) aos Deuses; Yāska, no entanto, considera esse terceto (8.65.10-12) como dirigido aos Todo-Deuses”. – *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, 232-233].
['O último tṛca (v. 10-12) é claramente definido como uma dānastuti'. – Jamison].
[2] A primeira parte desse verso ocorre no *Sāma-Veda,* 1.3.2.4.7; 2.5.1.13.1.
[3] *Andhas* propriamente significa ‘alimento’; de acordo com Sāyaṇa ele aqui implica a água como a causa do alimento. *Yadvā samudre andhasas* pode significar, ‘ou no tonel de Soma’.
[4] [‘Você é o suporte comum a todos’. – Jamison. Sobre esse trecho Muir observa que ‘todos os homens compartilham dos benefícios dele’. – *O. S. Texts*, V. 105].
[5] Ou seja, nós te invocamos antes dos outros.
[6] *Śravas* também pode significar ‘glória’.
[7] [Veja a nota 1].
[8] [‘Sāyaṇa representa Indra como o patrono generoso aqui, e faz o adorador rezar aos deuses para que Indra não pereça, uma interpretação errada, com certeza’. – Muir, *O. S. Texts,* V. 152, nota. Veja também a nota 16].

11. Após mil vacas eu obtenho ouro[9] abundante, encantador, amplo e puro.
12. Mergulhado como eu estou em tristeza, os meus filhos,[10] pela graça dos deuses, obtêm alimento, e são abençoados com fartura em mil vacas.

Índice◄►Hino 66 (Wilson)

674 - Hino 65. Indra (Griffith)

1. Embora, Indra, tu sejas chamado por homens do leste e do oeste, do norte e do sul,
Vem aqui rapidamente com corcéis velozes;
2. Se na efluência do céu,[11] rica em sua luz, tu te alegras,
Ou no mar[12] em suco Soma,
3. Com canções eu te chamo, Grande e Vasto, como uma vaca[13] para nos beneficiar,
Indra, para beber a dose de Soma.

4. Para cá, ó Indra, que os teus Baios se dirijam e tragam o teu carro,
A tua glória, Deus! e majestade.
5. Tu, Indra, deves ser cantado e louvado como grande, forte, nobre em tuas obras.
Vem aqui beber o nosso suco Soma.
6. Nós que derramamos o Soma e preparamos o banquete estamos te chamando
Para sentar-te nesta nossa grama sagrada.

7. Como, Indra, tu és sempre o Senhor comum de todos igualmente,[14]
Como tal nós te invocamos agora.
8. Os homens com pedras ordenharam para ti este néctar de suco Soma;
Indra, fica satisfeito com ele, e bebe.
9. Negligencia todos os homens piedosos[15] com habilidade em música sacra: vem para cá com velocidade, e dá-nos grande renome.

10. Deuses, que o poderoso repouse ileso, o rei[16] que me dá vacas malhadas,
Vacas enfeitadas com ornamentos dourados.
11. Além de mil vacas malhadas eu recebi um presente de ouro,
Puro, brilhante, e muito grande.
12. Os netos de Durgaha,[17] me dando mil vacas, magnânimos,
Ganharam fama entre os Deuses.

Índice◄►Hino 66 (Griffith)

[9] O escoliasta parece explicar isso como se as vacas viessem por assim dizer carregadas com ouro de Indra.
[10] Sāyaṇa entende o verso: 'desprovido de um protetor como eu estou e mergulhado em tristeza, (os meus dependentes) pelo favor dos deuses', etc.
[11] Ou o lugar no céu do qual o *amṛta* [néctar] flui.
[12] De ar, o firmamento.
[13] Como o mais útil de todos os animais.
[14] [Veja a nota 4].
[15] Todos os outros adoradores.
[16] Que instituiu o sacrifício. Segundo Sāyaṇa, Indra é aludido, mas isso é impossível.
[17] Sāyaṇa explica *durgahasya* como 'de mim mergulhado em infortúnio', e *napātaḥ* como 'desprotegido'. 'Desprotegido como eu estou, e mergulhado em tristeza, (os meus dependentes) pela graça dos Deuses obtêm alimento, e são abençoados com fartura em mil bovinos'.

675 - Hino 66. Indra (Wilson)

(Sūkta VII)

O Ṛṣi é Kali o filho de Pragātha; o deus é Indra; a métrica é [Bārhata] Pragātha [Bṛhatī alternando com Satobṛhatī], exceto no último verso, onde é Anuṣṭubh.

Varga 48. **1**. Reunindo-se, (adorem) para a sua proteção Indra cheio de força e o revelador de riquezas; (o adorem), cantando o Bṛhat Sāman em seu sacrifício onde o Soma é derramado; eu o invoco como (os homens invocam) um caridoso dono de uma casa.[1]
2. Ele, o de queixo belo, a quem, na embriaguez do Soma, os (demônios) ferozes não resistem, nem os deuses firmes, nem (os homens) mortais – que confere riqueza gloriosa àquele que o louva reverentemente, lhe oferece o Soma e canta hinos;

3. Ele, Śakra, que é o purificador (de seus adoradores) e bem habilidoso com cavalos, que é extraordinário e de corpo dourado[2] – ele, Indra, o matador de Vṛtra, agita o esconderijo dos numerosos rebanhos de vacas.
4. Ele que realmente derrama para o ofertante a riqueza enterrada acumulada por muitos,[3] ele, Indra, o trovejante, de belo queixo, levado em corcéis baios age como ele quer, (quando propiciado) com sacrifício.[4]

5. Herói, louvado por muitos, o que desde os tempos antigos tu desejavas dos teus devotos, isso, Indra, nós nos apressamos para trazer para ti – oblação e louvor recitado.
Varga 49. **6**. Portador do raio, invocado por muitos, radiante, bebedor de Soma, está presente em nossas libações para a tua alegria; pois tu és um profuso doador de riqueza desejável para aquele que profere os teus louvores e verte o Soma.

7. Hoje e ontem nós temos aqui refrescado a ele, o trovejante; tragam para ele hoje a nossa libação despejada em busca de (sucesso em) batalha; que ele agora corra para cá ao ouvir o nosso louvor.[5]
8.[6] O ladrão obstrutor, o destruidor de inimigos viajantes,[7] é obediente a ele em seus caminhos;[8] apressa-te, Indra, (atraído) pelo nosso rito grandioso, recebendo bem este nosso hino.

9. Qual ato de poder há, que não tenha sido realizado por Indra? Quem nunca ouviu falar do seu famoso (heroísmo)? Ele, o matador de Vṛtra, (é renomado) desde o seu nascimento.
10. Quando as suas forças poderosas alguma vez foram lânguidas? Quando alguma coisa não foi destruída diante do matador de Vṛtra? Indra por sua energia subjuga todos os usurários mercenários que veem apenas os dias deste mundo.[9]

---

[1] *Sāma-Veda*, 1.3.1.5.5; 2.1.1.14.1.
[2] [Veja a versão de Griffith e as notas 12 e 13].
[3] O texto Saṁhitā lê *puru-sambhṛtam* como um composto; Sāyaṇa em seu comentário divide as duas palavras, 'a riqueza enterrada, abundante e acumulada'. Ele considera a riqueza como os estoques acumulados de antigos sacrifícios. ['Como ouro, pedras preciosas, etc.'. – Griffith].
[4] Sāyaṇa diz que o sacrifício é aqui o *upādhi* ou condição preliminar necessária.
[5] *Sāma-Veda*, 1.3.2.3.10; 2.8.2.13.1; mas lendo *savane* em vez de *samanā*.
[6] *Sāma-Veda*, 2.8.2.13.2.
[7] Essa é a interpretação de Sāyaṇa de *vṛkaḥ cid asya vāraṇa urāmathiḥ** (ligando assim a última palavra com a raiz etimológica *ur*, 'ir'); mas Yāska (*Nirukta*, v. 21) toma as palavras literalmente, 'o lobo obstrutor, que destrói as ovelhas', o que é muito mais preferível. [*'O lobo é chamado de 'urāmathi' (8.66.8), literalmente, o que sacode as ovelhas, ou o que ergue as ovelhas'. – Müller, *Chips,* II. 173. Veja a nota 15. Também compare com 8.34.3].
[8] Ou, 'em seus conselhos'.
[9] Compare com *Nirukta*, 6.26. O texto também pode ser interpretado 'usurários e vendedores ambulantes'. *Ahar-dhṛṣṭāḥ*, literalmente 'ver o dia' é explicado como ver apenas a luz deste mundo e viver na escuridão profunda após a morte. O escólio menciona *Manu*, 8.102, para uma censura aos agiotas e comerciantes.

Varga 50. **11**. Indra, o matador de Vṛtra, invocado por muitos, nós, os teus muitos adoradores, oferecemos novos hinos a ti, trovejante, como teus salários.[10]
12. Indra, fazedor de muitos grandes feitos, (outros adoradores) invocam as múltiplas esperanças e proteções que residem em ti, mas, rejeitando as oblações do inimigo, vem até nós, concessor de residências; ó mais poderoso, ouve o meu apelo.

13. Indra, nós somos teus, portanto nós, teus adoradores, dependemos de ti; a não ser tu, Maghavan, invocado por muitos, não há nenhum dador de felicidade.
14. Livra-nos dessa pobreza, fome e calúnia; dá-nos (nosso desejo) pela tua proteção e trabalho extraordinário; ó mais poderoso, tu sabes o caminho certo.

15. Que o seu suco Soma despejado seja apenas (para Indra); ó filhos de Kali, não temam; aquele (espírito) maligno se afasta, por sua própria vontade ele parte.

Índice◄►Hino 67 (Wilson)

675 - Hino 66. Indra (Griffith)

1. Cantando alto no rito sagrado onde Soma flui que nós sacerdotes invoquemos[11] com pressa, para que ele possa ajudar, como o Nutridor do bardo, Indra que encontra riquezas para vocês.
2. A quem com belo elmo, no êxtase do suco, os assassinos firmes irresistíveis não impedem; o que dá riqueza gloriosa para aquele que canta o seu louvor, honrando-o com esforços e derramamentos;

3. Śakra, que como uma almofaça para cavalos[12] ou um aguilhão de ouro,[13] Indra, o matador de Vṛtra, incita avidamente a abertura do estábulo das vacas;
4. Que para o adorador espalha ampla riqueza, embora enterrada,[14] empilhada em montes; que Indra, Senhor dos Cavalos Baios, Trovejante de elmo claro, aja a seu gosto, como ele deseja.

5. Herói a quem muitos louvam, o que tu tens almejado, deste antigamente, dos homens, tudo isso nós oferecemos a ti, ó Indra, agora: sacrifício, louvor, discurso eficaz.
6. Para o Soma, Invocado por Muitos, Armado de Raio! para a tua farra, Celestial, Bebedor de Soma, vem. Tu para o homem que ora e derrama o suco tu és o melhor concessor de prosperidade encantadora.

7. Aqui, realmente, ontem nós deixamos o Portador do Trovão beber até a saciedade. Assim, do mesmo modo que lhe ofereçamos o suco hoje. Agora alinhem-se pelo Glorioso.

[10] Sāyaṇa observa que o uso de salários como ilustração não é inapropriado, já que ambos, os hinos e os salários, são dados por uma regra definida (*niyamena*).
[11] A construção é difícil. Eu sigo Ludwig, e tomo *huve*, um infinitivo, como equivalente à primeira pessoa do plural.
['Os nominativos pres. plur. part. *gāyantaḥ* em c e 1º singular *huvé* em d são gramaticalmente incompatíveis, mas conceitualmente harmoniosos: essa é a situação habitual em que o poeta fala tanto para si quanto para o grupo de oficiantes que ele representa'. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[12] O purificador de seus adoradores e bem habilidoso com cavalos, segundo Sāyaṇa. ['Por que chamar Indra de almofaça seria lisonjeiro para o deus não é claro'. – Jamison].
[13] Maravilhoso e de corpo dourado, segundo Sāyaṇa. O significado de *kījaḥ*, bem como de *mṛkṣaḥ*, é incerto, mas ambos parecem significar instrumentos ligados a cavalos.
[14] Como ouro, pedras preciosas, etc.

8. Até o lobo,[15] o animal selvagem que dilacera as ovelhas, segue o caminho dos seus decretos. Então aceitando com benevolência, Indra, este nosso louvor, com pensamento extraordinário avança até nós.

9. Qual valoroso ato de força agora resta que Indra não tenha feito? Quem não ouviu seu glorioso título e sua fama, o matador de Vṛtra desde o seu nascimento?
10. Quão grande é o seu poder irresistível! quão invencível o poder incomparável do matador de Vṛtra! Indra supera todos os usurários que veem o dia,[16] supera todos os comerciantes em força.

11. Ó Indra, matador de Vṛtra, nós, teus adoradores muito constantes, trazemos preces nunca ouvidas antes para ti, ó Invocado por Muitos, ó Armado de Trovão, para serem tua recompensa.[17]
12. Ó tu de atos poderosos, os auxílios que há em ti fazem surgir muitas esperanças ansiosas. Ignorando as libações, Vasu, até dos bons, ouve o meu chamado, Deus Mais Forte, e vem.

13. Em verdade, Indra, nós somos teus, nós adoradores dependemos de ti. Pois não há ninguém, mas somente tu para nos mostrar graça, ó Maghavan, tu muito invocado.
14. Dessa nossa miséria[18] e da fome nos liberta, dessa maldição terrível nos livra. Socorre-nos com o teu auxílio e com o teu pensamento maravilhoso. Mais Poderoso, Descobridor do Caminho.[19]

15. Agora que o seu suco Soma seja derramado; não temam, ó filhos de Kali.[20]
Essa tristeza sombria vai embora; de fato, por si só ela desaparece.

Índice◄►Hino 67 (Griffith)

---

[15] Segundo Sāyaṇa, o ladrão. O motivo de mencionar qualquer um dos dois nesse lugar não é claro.
['Geldner considera o lobo de ab como um símile, comparado com o não expresso Indra. Eu considero essa uma declaração geral sobre a natureza: os lobos seguem os seus próprios padrões, por mais que pareçam estar agindo aleatoriamente. Indra, embora seja aparentemente incontrolável, atende aos nossos padrões de rituais e virá quando chamado. Assim, embora o comportamento do lobo seja um ponto de comparação para o comportamento de Indra, esse não é um símile no sentido estrito. Uma comparação semelhante, mas um verdadeiro símile, é encontrado em 8.33.8'. – Jamison].
[16] Que vivem. Segundo Sāyaṇa, que olham para o Sol em sua vida atual, mas que cairão na escuridão após a morte.
[17] ['Trazemos para ti, como teu salário, hinos que nunca existiram antes'. – Muir, *O. S. Texts,* III. 230].
[18] O hino foi 'visto' e empregado em uma época de escassez e fome.
[19] Para a prosperidade.
[20] Kali é o ṛṣi ou vidente do hino.

676 - Hino 67. Ādityas (Wilson)

(Sūkta VIII)[1]

O Ṛṣi é Matsya o filho de Sammada,[2] ou Mānya o filho de Mitra e Varuṇa, ou alguns peixes (matsyāḥ) capturados em uma rede[3]. Os deuses são os Ādityas[4]; a métrica é Gāyatrī.

Varga 51. **1**. Nós solicitamos a proteção daqueles kṣatriyas, os Ādityas, que abençoam (seus devotos) abundantemente para a realização de seus desejos.
2. Que os Ādityas, Mitra, Varuṇa e Aryaman, nos levem para além da nossa aflição, como eles bem sabem.
3. Àqueles Ādityas pertence riqueza extraordinária, digna de todo louvor, (armazenada) para o ofertante de oblações e sacrificador.

4. Vocês são grandes, Varuṇa, Mitra e Aryaman, e grande é a sua proteção; nós pedimos as suas proteções.
5. Ādityas, corram até nós antes da nossa morte, enquanto nós ainda estamos vivos; onde estão vocês, ouvintes de preces?
Varga 52. **6**. Qualquer que seja a riqueza, qualquer que seja a residência que seja sua (para dar) para o fatigado ofertante de libações – com essas deem-nos uma resposta amável.

7. Grande, deuses, é (a culpa) do pecador, mas para os sem pecado há felicidade; Ādityas, vocês são desprovidos de pecado.
8. Não deixem o laço nos arramar; que Indra, o renomado, o subjugador de todos, nos liberte para um ato glorioso.
9. Ó deuses, prontos para proteger, não nos atormentem com a rede destrutiva de nossos inimigos perversos.[5]

10. Eu me dirijo a ti, que dás deleite abundante, grande deusa Aditi, para a realização do meu desejo.
Varga 53. **11**. Tu proteges por todos os lados; não deixes (a rede) do destruidor ferir nossos filhos, nesta água rasa cheia de prole poderosa.[6]
12. Deusa de travessia ampla, de longo alcance, aplica o teu poder para vir até nós, inocentes, para que os nossos filhos possam viver.

13. Vocês que são chefes de homens, não prejudicadores, e de glória autossustentável, que, benevolentes, protegem os nossos ritos,
14. Ādityas, livrem-nos das garras dos destruidores como um ladrão amarrado; Aditi, (liberta-nos).
15. Ādityas, que esta rede, que o plano malévolo se desvie de nós inócuo.

Varga 54. **16**. Generosos Ādityas, por suas proteções nós temos tido prazeres continuamente desde os tempos antigos.

---

[1] ["(Uma pessoa que está) confinada ou trancada deve, reprimindo a sua fala e bem controlada, murmurar o sūkta 'agora aqueles', cujos deuses são os Ādityas; então ela ficará imediatamente livre de sua prisão". – *Ṛgvidhāna*, 2.34.1b-2a, tradução de Gonda, 1951].
[2] [Matsya Sāmmada, o rei dos que vivem na água, segundo o *Śatapatha Brāhmaṇa*, 13.4.3.12].
[3] ["Pescadores, tendo por acaso visto peixes na água do Sarasvatī, lançaram uma rede, os capturaram, e os jogaram sobre a terra seca fora da água. E eles, assustados com a queda de seus corpos, louvaram os filhos de Aditi. E eles (os Ādityas), então os libertaram e conversaram bondosamente com eles (os pescadores), (dizendo) 'Ó pescadores, não temam a fome', e 'vocês obterão o céu'". – *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, p. 233. 'A *Anukramaṇī* e Sāyaṇa em 8.67 aludem a histórias semelhantes'. – *Ṛgvidhāna*].
[4] [Aditi é louvada no tṛca 10-12].
[5] Sāyaṇa dá outra interpretação desse verso, 'Não nos deixem (ser atormentados) pela rede destrutiva de nossos inimigos, livrem-nos dela'.
[6] Sāyaṇa toma *ugraputre* como um locativo concordando com 'água'; o *Dicionário de São Petersburgo* como vocativo concordando com Aditi, 'Ó mãe de filhos poderosos'.

17. Deuses sábios, mantenham longe de nós, para que possamos viver, os muitos praticantes de pecado que vêm contra nós.
18. Ādityas e Aditi, que aquilo que nos liberta,[7] como um prisioneiro de seus grilhões, seja sempre o objeto do nosso louvor e adoração.

19. Para nós não há força suficiente para romper esta (rede); ó Ādityas, que vocês nos concedam sua graça.
20. Não deixem que esta arma de Vivasvat,[8] esta rede feita com as mãos, Ādityas, nos destrua antes da velhice.
21. Ādityas, destruam totalmente os nossos inimigos, destruam a maldade, destruam a rede puxada firmemente, destruam o mal em todos os lugares.

Índice ◄ ► Hino 68 (Wilson)

676 - Hino 67. Ādityas (Griffith)

1. Agora oremos para esses kṣatriyas,[9] para os Ādityas por seu auxílio,
Esses que são benevolentes para ajudar.
2. Que Mitra nos leve sobre a angústia, e Varuṇa e Aryaman,
De fato, os Ādityas, como eles sabem.
3. Pois maravilhoso e digno de louvor é o auxílio salvador desses Ādityas
Para aquele que oferece e prepara.

4. O poderoso auxílio de vocês, os Grandes, Varuṇa, Mitra, Aryaman,
Nós reivindicamos para ser a nossa defesa infalível.
5. Guardem-nos, Ādityas, ainda vivos, antes que a arma mortal atinja;
Vocês não são aqueles que ouvem o nosso chamado?
6. Aquela defesa protetora vocês têm para aquele que se esforça em derramar presentes,
Benevolentemente nos abençoem com ela.

7. Ādityas, Deuses, da tristeza existe libertação, para os impecáveis, riqueza,
Ó vocês em quem nenhuma falha é vista.
8. Não deixem esse grilhão nos prender firmemente: que ele nos liberte para o sucesso;
Pois Indra é forte e renomado.
9. Ó Deuses que de bom grado nos prestariam sua ajuda, não nos destruam como vocês destroem seus inimigos que se desencaminham.

10. E a ti também, ó Grande Aditi, a ti também, Deusa, eu me dirijo,
A ti muito bondosa para ajudar.
11. Salva-nos nas profundezas e no raso do inimigo, tu Mãe de Filhos Fortes[10]
Que ninguém de nossa semente seja prejudicado.
12. Vasta! de amplo domínio! permite que nós, não prejudicados pela inveja, possamos nos expandir; concede que os nossos descendentes vivam.

13. Aqueles que, os Príncipes do Povo, em glória inata, nunca enganados,
Cumprem seus estatutos, desprovidos de fraude –
14. Como tais, da boca dos lobos vorazes, ó Ādityas, salvem-nos,

[7] De acordo com Sāyaṇa, isso pode ser a rede ou a sua graça. No primeiro caso, supõe-se que a própria rede pela graça dos deuses se torna por assim dizer o instrumento de libertação.
[8] Isto é, Yama, propriamente o filho de Vivasvat.
[9] Príncipes nobres.
[10] Os Ādityas.

Como um ladrão amarrado, ó Aditi.
15. Ādityas, que esta seta, de fato, que esta malignidade se afaste
De nós e que jamais nos atinja mortalmente.

16. Pois, Generosos Ādityas, nós temos sempre apreciado a sua ajuda,
Tanto agora quanto nos dias de antigamente.
17. Para cada um, ó Mais Sábios, que se desvia mesmo do pecado[11] para vocês,
Vocês Deuses permitem que ele viva.
18. Que esta nova misericórdia nos beneficie, a qual, ó Ādityas, liberta como alguém
Preso de suas amarras, ó Aditi.

19. Ó Ādityas, este seu poder não deve ser desprezado por nós;
Então sejam benevolentemente dispostos.
20. Não deixem a arma de Vivasvān[12] nem a flecha, Ādityas, feita com habilidade,
Nos destruir antes que a velhice esteja próxima.
21. Por todos os lados dissipem todo pecado, Ādityas, toda hostilidade,
Indigência e ataque combinado.[13]

Índice◄►Hino 68 (Griffith)

---

677 - Hino 68. Indra (Wilson)

(Adhyāya 5. Continuação do Anuvāka 7. Sūkta IX)

O Ṛṣi é Priyamedha da família de Aṅgiras; o deus dos primeiros treze versos é Indra, e dos seis últimos o presente de Ṛkṣa e Āśvamedha [dānastuti];[1] a métrica do primeiro, quarto, sétimo e décimo versos é Anuṣṭubh, do restante Gāyatrī.

Varga 1. **1**. O mais poderoso Indra, protetor dos bons, nós te trazemos aqui, rico em realizações e subjugador de inimigos, como um carro para nossa proteção e bem-estar.[2]
2.[3] Grande em poder, rico em obras, poderoso, adorável,[4] tu preencheste (todas as coisas) com a tua majestade universal.
3.[5] Tu poderoso, cujas mãos em tua força seguram o raio dourado que permeia tudo.

4. Eu invoco (Indra), o senhor daquele poder que subjuga todos os inimigos e não se curva a ninguém – (eu invoco a ele), seguido por seus ataques como seus soldados e (cercado) pela proteção de seus carros (ó Maruts).[6]

---

[11] Que vem até vocês em busca de perdão.
[12] O raio mortal do Sol, ou talvez, metaforicamente, do sacrificador.
[13] 'A rede puxada firmemente'. – Wilson.

[1] [A *Bṛhaddevatā* afirma que o verso 14 louva as estações. Mas Macdonell observa em nota que 'A *Sarvānukramaṇī* não diz nada sobre os Ṛtus em 8.68.14, mas inclui essa estrofe na dānastuti (14-19)'. Veja também a nota 10].
[2] *Sāma-Veda,* 1.4.2.2.3; 2.9.1.3.1 (com uma leve variação).
[3] *Sāma-Veda*, 2.9.1.3.2.
[4] *Mate* é deixado inexplicado por Sāyaṇa, a menos que 'adorável' seja a sua interpretação; ele o explica como *stotavya* em 8.18.7. O *Dicionário de São Petersburgo* lê *viśvayāmati* como um epíteto de Indra, 'que tem seus pensamentos em todos os lugares'.
[5] *Sāma-Veda,* 2.9.1.3.3.
[6] *Sāma-Veda*, 1.4.2.3.5. A construção da última parte é obscura. Sāyaṇa dá outra interpretação, que toma *vaḥ* como aplicado aos sacrificadores em vez de aos Maruts, 'Eu invoco a ele para vir com suas proteções nos ataques de seus soldados e carros'. Isso concorda em parte com Benfey.

5. (Eu invoco a ele) para vir em nosso auxílio, cuja força sempre aumenta mais e mais – a quem os homens apelam em busca de ajuda de várias maneiras em batalhas.

Varga 2. **6**. (Eu invoco) Indra, o ilimitado, digno de louvor, o poderoso, possuidor de riqueza excelente, o senhor dos tesouros (para seus devotos).

7. Para ele, para ele, Indra, eu dirijo o meu louvor, para que ele possa beber o Soma para o meu grande benefício – para ele, o que traz sucesso, que governa os louvores dos ofertantes na abertura do sacrifício.[7]

8. Tu poderoso, cuja amizade nenhum mortal atinge, cujo poder ninguém alcança,

9. Protegidos por ti, trovejante, contigo como nosso aliado, que nós ganhemos grande riqueza em batalhas, para que possamos nos banhar na água e ver o sol.[8]

10. Nós nos dirigimos a ti com presentes sacrificais, (nós nos dirigimos a) ti com canções, ó Indra o mais digno de canções, visto que tu protegeste a mim, o ofertante de muitos louvores,[9] em batalhas.

Varga 3. **11**. Tu, o trovejante, cuja amizade é doce, doce também é a tua generosidade, e o teu sacrifício deve ser executado acima de tudo.

12. Dá ampla (riqueza) para nós mesmos, dá ampla (riqueza) para os nossos filhos, dá ampla (riqueza) para a nossa habitação – concede-nos (o nosso desejo) para que possamos viver.

13. Nós pedimos uma (estrada) espaçosa para os nossos servos, uma (estrada) espaçosa para o nosso gado, uma estrada espaçosa para o nosso carro, e (um) sacrifício (abundante).

14. Seis príncipes vêm a mim em pares, trazendo presentes agradáveis, na euforia do Soma.

15. Eu recebo dois cavalos de curso reto de Indrota, dois baios do filho de Ṛkṣa, dois cavalos ruões do filho de Aśvamedha.[10]

Varga 4. **16**. (Eu recebo) dois cavalos com carruagens excelentes do filho de Atithigva, dois com rédeas excelentes do filho de Ṛkṣa, dois com ornamentos excelentes do filho de Aśvamedha.

17. Eu recebi junto[11] (com os meus outros presentes) seis cavalos com suas éguas do piedoso Indrota, o filho de Atithigva.

18. Entre esses corcéis que andam corretamente está incluída uma égua ruã adulta, com excelentes rédeas e chicote.[12]

19. Ó príncipes, doadores de alimentos, até mesmo o amante de calúnia não lançou nenhuma crítica sobre vocês.

Índice◄►Hino 69 (Wilson)

---

[7] *Pūrvyām* pode ser tomado em seu sentido usual, 'antigo'.

[8] Estas palavras *apsu sūrye* são explicadas por Sāyaṇa, 'para que possamos realizar o nosso banho habitual na água, e, quando o sol nascer, possamos iniciar as nossas tarefas habituais'.

[9] *Purumāyyam*, literalmente, 'possuidor de muita sabedoria'. O *Dicionário de São Petersburgo* o considera como um nome próprio.

[10] Esses príncipes com seus respectivos pais são os seis do v. 14. Os filhos de Ṛkṣa e Aśvamedha tinham originalmente iniciado o sacrifício, mas Indrota e seu pai Atithigva chegaram para vê-lo e acrescentaram os seus presentes. Só os filhos são mencionados: o filho é o segundo eu do pai.

[11] *Sacā*, isto é, junto com os presentes de Ārkṣa e Āśvamedha. O escólio observa que a utilização da palavra implica que o presente de Indrota é incidental e não parte do sacrifício original.

[12] Sāyaṇa toma *kaśāvatī* como 'orgulhosa', 'vivaz'.

677 - Hino 68. Indra (Griffith)

1. Assim como um carro para prestar auxílio eu te puxo para cá para a nossa felicidade,
Forte em teus feitos, que detém assaltos, Senhor, o Indra mais poderoso, dos bravos!
2. Grande em teu poder e sabedoria, Forte, com pensamento que compreende tudo
Tu encheste completamente[13] de majestade.
3. Tu muito poderoso, cujas mãos em virtude da tua grandeza seguram,
O raio dourado que abre seu caminho.

4. O seu Senhor do Poder que nunca se curvou, que governa toda a humanidade, eu chamo, para que ele, como ele está acostumado, possa ajudar as carruagens e os homens.
5. A quem, sempre auxiliador, em lutas que ganham a luz, em ambas as hostes
Os homens chamam para socorrer e ajudar.
6. Indra, o Forte, o Imensurável, Digno de Louvor, O Mais Generoso,
Único Governante da riqueza.

7. A ele, por sua ampla recompensa, a ele, Indra, eu incito a beber,
Que, como o seu louvor era cantado antigamente, o Dançarino,[14] é o Senhor dos homens.
8. Ó Poderoso, cuja amizade nenhum dos mortais jamais obteve,
Ninguém atingirá a tua força.
9. Auxiliados por ti, aliados a ti, em lutas por água e pelo sol,
Armado de Raio! que nós ganhemos grandes despojos.

10. Então nós procuramos a ti com sacrifício e canções, principal Amante de Música,
Como, em nossas batalhas, Indra, tu deste auxílio a Purumāyya.[15]
11. Ó Trovejante, tu cuja amizade e cuja orientação ambos são doces,
O teu sacrifício deve ser preparado.
12. A nós, a nós mesmos, dá amplo espaço, dá amplo espaço para a nossa casa,
Dá amplo espaço para vivermos.

13. Nós consideramos o banquete dos Deuses um caminho espaçoso para os homens,
E para o gado e o carro.[16]

14. Seis homens, sim, dois a dois, alegres com suco Soma, se aproximarão de mim
Com oferendas agradáveis ao paladar.
15. Dois cavalos marrons, presente de Indrota, dois baios do filho de Ṛkṣa eram meus, do filho de Aśvamedha dois vermelhos.[17]
16. De Atithigva bons corcéis de carro, de Ārkṣa[18] corcéis obedientes à rédea,
Belos de Āśvamedha.[19]
17. Indrota, o filho de Atithigva, me deu seis cavalos emparelhados com éguas
E Pūtakratu[19] deu também.
18. Notada acima de tudo, em meio aos marrons, é a égua vermelha Vṛṣaṇvatī,[20]
Obediente à rédea e ao chicote.
19. Ó vinculados a mim[21] por atos de força, nem mesmo o homem que ama criticar

---

[13] O universo.
[14] Na dança da guerra.
[15] Segundo Sāyaṇa, 'a mim (o ṛṣi) o possuidor de muita sabedoria'.
[16] O sacrifício para os Deuses obtém liberdade e segurança para nós e tudo o que pertence a nós.
[17] [Veja a nota 10].
[18] O filho de Ṛkṣa.
[19] O filho de Aśvamedha.
[20] Segundo von Roth, 'talvez, que pode ser encontrada entre garanhões'.
[21] Essa estrofe é dirigida aos príncipes que instituíram o sacrifício e deram as recompensas que foram mencionadas.

Encontrou uma única falha em vocês.

Índice◄►Hino 69 (Griffith)

---

678 - Hino 69. Indra (Wilson)

(Sūkta X)

O Ṛṣi é o mesmo [Priyamedha Āṅgirasa]; o deus é Indra, exceto no décimo primeiro e décimo segundo versos: na primeira metade do décimo primeiro [os deuses são] os Viśvedevas,[1] na segunda metade e no décimo segundo é Varuṇa. A métrica do segundo verso é Uṣṇih,[2] do quarto, quinto e sexto Gāyatrī, do décimo primeiro e décimo sexto Paṅkti, do décimo sétimo e décimo oitavo Bṛhatī, do resto Anuṣṭubh.[3]

Varga 5. **1**.[4] Apresentem o seu alimento sacrifical com uma tripla canção de louvor para Indu,[5] alegrador de heróis; ele os abençoará em seus ritos religiosos para a realização do seu sacrifício.
2.[6] (Invoquem) para si próprios o autor das auroras,[7] (eu invoco) para vocês o rugidor dos rios, (eu invoco) para vocês o senhor das invioláveis;[8] (ó sacrificador), tu desejas vacas.
3. Estas vacas brancas,[9] que dão leite como poços,[10] misturam o Soma para ele nas três oblações, erguendo-se (em consequência) do brilhante lar do sol,[11] o lugar de nascimento dos deuses.[12]
4. Adora com teu louvor, como ele mesmo sabe[13] – aquele senhor das vacas, Indra, o filho da verdade,[14] o protetor dos bons.[15]
5.[16] Que os brilhantes (cavalos) baios o coloquem sobre a grama cortada, onde vamos cantar o seu louvor.
Varga 6. **6**. As vacas ordenharam a dose inebriante para Indra, o trovejante, quando ele a encontra perto dele.
7. Quando Indra e eu subirmos para o nosso lar, o mundo do sol, então, tendo bebido o doce (Soma), vamos estar unidos na vigésima primeira esfera do amigo (universal).[17]

---

[1] ['(11ab) é em louvor de Indra, Agni e os Todo(-deuses)'. – *Bṛhaddevatā*].
[2] ['O verso 2 é erroneamente identificado como uṣṇih pela *Anukramaṇī*'. – Jamison-Brereton, *The Rigveda, The Earliest Religious Poetry of India*].
[3] ['Em nossa opinião, o hino se divide em duas metades (1-9, 10-18), que são exatamente paralelas. Cada uma consiste em dois tṛcas (1-6, 10-15), seguidos por um único verso celebrando a parceria entre Indra e o poeta (7, 16), e terminando com dois versos referentes à oferenda ritual dos Priyamedhas para Indra (8-9, 17-18)'. – *Id.*].
[4] *Sāma-Veda,* 1.4.2.3.1 [com variações].
[5] O escólio explica esse como Indra, 'aquele que governa (*ind*) ou asperge (*und*) com a chuva'. *Triṣṭubham* mais propriamente aqui significa uma canção de louvor em geral. [Veja a nota 30].
[6] *Sāma-Veda*, 2.7.1.9.1.
[7] Indra é chamado de autor das auroras ao ser identificado com o Sol, como um dos doze Ādityas.
[8] *Aghnyānāṃ*, isto é, vacas. [Indra sendo o senhor delas, segundo o verso 4].
[9] Ou 'malhadas', *pṛśni* sendo às vezes explicada como *śukla* e às vezes como *nānāvarṇa*.
[10] [*Sūdadohas:* segundo o *Śatapatha Brāhmaṇa*, 8.3.1.10 (tradução de Eggeling, nota) esse é o nome desse verso].
[11] Sāyaṇa acrescenta: 'É bem sabido que as vacas alcançam o céu por serem úteis para o sacrifício'.
[12] Esse verso ocorre no *Yajur-Veda Branco*, 12.55, e é lá explicado deste modo por Mahīdhara: 'Estas várias (águas) caídas do céu, líquidas e ricas em alimentos, se misturam ao Soma para este sacrifício no lugar de nascimento dos deuses (isto é, o ano, ou seja, ano a ano), nas três oblações brilhantes'.
[13] ['Assim como ele é conhecido'. – Griffith].
[14] Ou, 'filho do sacrifício'.
[15] *Sāma-Veda*, 1.2.2.3.4; 2.7.1.1.1.
[16] Este verso e o seguinte ocorrem no *Sāma-Veda*, 2.7.1.1.2-3.
[17] O sol é o amigo de todos os seres, e sua esfera é a vigésima primeira de acordo com o *Aitareya Brāhmaṇa*, 1.30: 'doze são os meses, cinco as estações, três os mundos, o sol lá é o vigésimo primeiro'. Veja o *Śatapatha Brāhmaṇa,* 1.3.5.11; *Chāndogya Upaniṣad*, 2.10.5. [Compare com a nota 36 § 3].

8.[18] Cultuem Indra, adorem a ele principalmente, adorem-no, ó vocês da família de Priyamedha; que os seus filhos também o adorem; adorem-no como uma cidade forte.
9. O tambor[19] profere o seu som, a proteção de couro ressoa, a corda fulva do arco salta para frente e para trás; que o hino seja elevado para Indra.
10. Quando os rios brilhantes fertilizantes[20] fluem com águas diminuídas[21] então peguem o Soma transbordante para Indra beber.[22]
Varga 7. **11**. Indra bebeu (o Soma), Agni bebeu, os Viśvedevas se alegraram; que Varuṇa fixe sua residência aqui; as águas[23] o louvaram como as vacas (mugem) ao encontrar seus bezerros.
12. Tu és um Deus glorioso, Varuṇa, através de cujo palato os sete rios continuam se derramando como um (rio) de bom fluxo em um abismo.[24]
13. Aquele que direciona para o adorador os seus corcéis empinantes bem atrelados – ele, (Indra), o veloz portador de bênçãos, (produz) chuva – ele que, sendo comparável só a si próprio,[25] fica livre (de todos os seus inimigos).
14. Śakra realmente domina, Indra domina todos os seus inimigos, ele, digno de amor, permanecendo além, parte a nuvem atingida[26] por sua voz de trovão.
15. (Indra), como um jovem rapaz, subiu em sua esplêndida carruagem; ele prepara[27] para seu pai e mãe a grande nuvem como cervos de muitas funções.
16. (Indra) de belo queixo, chefe de família, sobe em tua carruagem dourada; então que nos reunamos sobre aquele (carro) brilhante impecável de mil pés que se move auspiciosamente.

---

[18] *Sāma-Veda*, 1.4.2.3.3.
[19] Sāyaṇa diz apenas '*gargara*, um tipo de instrumento musical'. [Veja a nota 37].
[20] A palavra *enyaḥ* também pode significar 'vacas', isto é, 'quando as vacas leiteiras brancas vêm com leite escasso'.
[21] Isto é, por causa de uma ausência de chuva.
[22] A grande dificuldade aqui consiste em duas palavras *anapasphuraḥ* e *apasphuraṃ*. Sāyaṇa parece preferir uma interpretação (embora ele também dê essa do texto) que faz com que ambas as palavras signifiquem igualmente *pravṛddha*, 'quando os rios brilhantes fertilizantes (ou as vacas leiteiras brancas) correm cheios de água (ou com úberes distendidos), então peguem, etc.'. Em 6.48.11 ele explica *dhenum sṛjadhvam anapasphurām* como 'libertem a vaca desobstruída', e em 4.42.10, *tāṃ dhenum dhattam anapasphurantīm* como 'concede-nos aquela vaca (riquezas) não prejudicada'. Mas Mahīdhara em seu comentário sobre esse último verso no *Yajur-Veda Branco,* 7.10, explica *anapasphurantīm* como 'que não vai para outro', ou seja, 'que não foge', o que dará um bom sentido em todas as passagens (compare com o Dicionário do Prof. Goldstücker). Da mesma forma, o *Dicionário de São Petersburgo* traduz *anapasphuraḥ* como 'que não luta contra ser ordenhada', e *apasphuram* como 'que irrompe', isto é, 'quando as vacas leiteiras brancas vêm sem partirem para longe', então peguem o Soma que jorra para Indra beber'.
[23] Outra interpretação de *āpaḥ* é 'hinos', de uma derivação forçada, *āpana-śīlāḥ*.
[24] As últimas palavras *sūrmyaṃ suṣirām iva* são deixadas sem explicação no comentário; eu segui a interpretação de Yāska, *Nirukta*, v. 27. Sāyaṇa dá uma explicação metafórica corrente delas em sua Introd. vol. I. p. 38, onde elas são citadas como aplicadas pelos gramáticos para impor a necessidade de estudar gramática, entendendo-se que os sete rios significam os sete afixos declináveis (compare com o *Māhābhāṣya* de Ballantyne, p. 34, onde outra explicação é oferecida, 'através de cujo palato os sete rios continuam fluindo como (o fogo penetra e purifica) uma bela imagem de ferro furada'). Sāyaṇa, no entanto, aqui toma os sete rios como o Ganges, etc., e o palato de Varuṇa como o oceano.
[25] Sāyaṇa obscuramente interpreta *upamā* como *upamāna-bhūta*. O *Dicionário de São Petersburgo* o toma como um advérbio, 'em estreita proximidade'.
[26] As palavras *odanam pacyamānam* geralmente significam 'arroz quando cozido', mas Sāyaṇa toma *odana* como 'uma nuvem' sob a autoridade de Yāska (*Naighaṇṭuka,* i.10), e *pacyamāna* como *tāḍyamāna*, mas veja o verso seguinte.
[Segundo Jamison-Brereton, "A segunda metade do verso 14 alude ao mito de Emuṣa (também tratado em 8.77, etc.), no qual, ao que parece, Indra como um menino matou um javali chamado Emuṣa, atirando através de uma montanha, e trouxe (ou Viṣṇu levou para ele) um mingau de arroz e alguns búfalos (que eram protegidos pelo javali?) da montanha. O verso seguinte (15) provavelmente também diz respeito a esse mito, ou pode se referir a outro dos atos da infância de Indra". – *The Rigveda, The Earliest Religious Poetry of India.* Veja também o Apêndice 4].
[27] Aqui Sāyaṇa parece tomar *pak* em sua significação costumeira, 'cozinhar, amadurecer'; ele a explica como, 'Indra prepara a nuvem para chover'. *Mṛga*, 'como cervos', ele explica como 'que vagueiam para lá e para cá como um cervo', ou 'a serem procuradas por todos'. Talvez possamos traduzir a linha como uma metáfora rude dos tempos primitivos: 'ele assa (com seu raio) o poderoso búfalo selvagem (a nuvem) para seu pai e mãe'.

17. (Os sacerdotes), oferecendo louvor, adoram dessa maneira aquele autorresplandecente (Indra); eles obtêm sua riqueza bem acumulada, quando (seus cavalos[28]) o trazem em seu caminho para a oferenda.
18. Os Priyamedhas chegaram à antiga morada desses deuses, tendo espalhado a grama sagrada e colocado suas oblações à maneira de uma oferenda preeminente.[29]

Índice◄►Hino 70 (Wilson)

---

678 - Hino 69. Indra (Griffith)

1. Eu lhes envio o cântico de louvor[30] para Indu,[31] o alegrador de heróis.
Com hino e fartura ele os convida para completar o sacrifício.
2. Tu desejas para as tuas vacas um touro, para aquelas que anseiam por sua aproximação, para aquelas que se afastam dele, senhor das tuas vacas a quem ninguém pode matar.[32]
3. As vacas malhadas que fornecem leite preparam a sua dose de suco Soma;
Clãs[33] no local de nascimento dos deuses, nos três reinos luminosos do céu.
4. Louva, assim como ele é conhecido, com música, Indra o guardião das vacas,
O Filho da Verdade, o Senhor dos Bravos.
5. Para cá os seus Cavalos Baios foram enviados, Corcéis vermelhos estão sobre a grama sagrada, onde nós em conjunto cantamos nossas canções.
6. Para Indra armado de trovão as vacas produziram leite misturado com hidromel,
Quando ele as encontrou no cofre.[34]
7. Quando eu e Indra subirmos até o local e lar do Brilhante,[35] nós, tendo bebido do hidromel, chegaremos ao lugar daquele cujos Amigos são três vezes sete.[36]

---

28 Ou, 'seus louvores'.
29 *Pūrvām anu prayatiṃ;* Sāyaṇa explica *pūrva* por *mukhya*, 'principal', e *anu* por *lakṣīkṛtya*. Mas isso pode significar, 'à maneira das antigas oferendas', compare com 1.126.5.
30 *Triṣṭubham:* usada em um sentido geral para qualquer hino de louvor. ["O pāda a é essencialmente idêntico a 8.7.1a. O 'refresco Triṣṭubh' é, obviamente, o hino de louvor; curiosamente nem esta passagem nem 8.7 está na métrica Triṣṭubh". – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
31 Soma, segundo Sāyaṇa, Indra é aludido.
32 A estrofe é difícil, eu adoto a explicação de Pischel de *nadaṃ* e *odatīnāṃ*.
33 *Viśaḥ:* talvez as vacas sejam aludidas. Eggeling traduz: 'Em seu nascimento as mosqueadas que ordenham como poço misturam (a dose de) Soma, os clãs dos Deuses nas três esferas dos céus'. (*Sacred Books of the East,* Vol. 41, p. 307). Pischel observa: 'A conexão das três primeiras estrofes é provavelmente esta: o Soma deve ser celebrado por vocês em sua canção de louvor para que ele possa recompensá-los generosamente. O que tu desejas para ti mesmo é um touro para as vacas, para que elas possam se propagar e fornecer leite a Indra para ser misturado com este suco Soma, enquanto elas servem à raça dos Deuses em todos os três reinos do céu'. – *Vedische Studien*, I. p. 197.
34 'Na cavidade do recipiente de Soma'. – von Roth; 'no horizonte'. – Ludwig; 'bem perto'. – Sāyaṇa.
35 O lugar do Sol.
36 Indra que é o amigo dos Maruts. Eu sigo Ludwig ao unir o *triḥ sapta sakhyuḥ* do texto em uma palavra composta. A explicação de Sāyaṇa é diferente: 'vamos estar unidos na vigésima primeira esfera do amigo (universal)'. Veja a nota na tradução de Wilson [a nota 17 acima].
['Quando nós dois, Indra e eu, formos para a região do sol, nossa casa, que nós, bebendo néctar, procuremos três vezes sete no reino do amigo'. – Muir, *O. S. Texts*, V. 286].
['O último trecho segundo Jamison-Brereton: 'tendo bebido o mel três vezes, que nós dois nos tornemos camaradas no sétimo passo do companheiro'. Compare com o *Mahābhārata*, 3.259 e 295 (páginas 484 e 549 respectivamente da tradução em português): 'É declarado por homens virtuosos de boa linhagem que amizade com pessoas virtuosas é contraída por somente andar sete passos com elas', e com o *Śāṅkhāyana Gṛhya Sūtra* 1.14.6: "Para a seiva com um passo, para o suco com dois passos, para o aumento de riqueza com três passos, para o conforto com quatro passos,

8. Cantem, cantem suas canções de louvor, ó Priyamedhas, cantem suas canções;
Realmente, que as crianças cantem seus louvores, como um castelo forte o louvem.
9. Agora que a viola da gamba[37] soe alto, o alaúde envie a sua voz com força,
Que seja aguda a música da corda. Para Indra o hino é erguido.
10. Quando correrem para cá as vacas malhadas, não hesitantes, fáceis de serem ordenhadas, peguem rapidamente, quando ele irromper, o suco Soma para a bebida de Indra.
11. Indra bebeu, Agni bebeu, todos os Deuses beberam até a saciedade.[38] Aqui Varuṇa terá seu lar, para quem as águas cantam alto como a vaca-mãe para seus bezerros.
12. Tu, Varuṇa, a quem pertencem Sete Rios, és um Deus glorioso.
As águas fluem para a tua garganta[39] como se fosse um cano de boca larga.
13. Aquele que fez os corcéis velozes saltarem, bem atrelados, para o adorador,
Ele, o Guia rápido, é aquela forma bela que soltou os cavalos perto.
14. Indra, o muito poderoso, tem por seus inimigos um desprezo total.
Ele, muito longe, e ainda uma criança, partiu a nuvem atingida por sua voz.[40]
15. Ele, ainda um menino muito pequeno, subiu em seu carro recém-moldado.
Ele para sua Mãe e seu Pai[41] cozinhou o poderoso búfalo selvagem.[42]
16. Senhor do lar, de elmo claro, sobe em teu carro feito de ouro. Vamos acompanhar o Celeste,[43] o de mil pés,[44] de cor vermelha, incomparável, que abençoa aonde quer que vá.
17. Com reverência eles vêm aqui a ele como a um Senhor Soberano, para que eles possam trazê-lo para perto para o bom sucesso deste homem,[45] para tornar próspero e dar seus presentes.
18. Os Priyamedhas observaram a oferenda dos homens de antigamente, do antigo costume, quando eles espalharam a grama sagrada, e estenderam seu alimento sacrifical.

Índice◄►Hino 70 (Griffith)

---

para o gado com cinco passos, para as estações com seis passos. Amigo seja com sete passos". – Tradução de Oldenberg. Veja também ṚV 10.8.4].
[37] *Gargaraḥ:* 'um tipo de instrumento musical', diz Sāyaṇa. *Godhā*, originalmente a proteção de couro usada por arqueiros no braço esquerdo, e *piṅgā* (dito significar corda de arco) são também, aparentemente, nomes de instrumentos musicais.
[38] [Sobre esse trecho Muir (*O. S. T.*, V. 89) cita o *Aitareya Brāhmaṇa*, 6.11, tradução de Haug: 'Os deuses ficaram bêbados, por assim dizer, na libação do meio-dia, e então estão, consequentemente, na terceira libação em um estado de total embriaguez'].
[39] É dito que a garganta ou palato de Varuṇa significa o oceano, para o qual os sete rios fluem.
[40] [Veja a nota 26 § 2].
[41] Céu e Terra.
[42] A nuvem escura de chuva que Indra perfura com seu relâmpago, ou talvez o demônio Vala seja aludido. [Veja as notas 27 e 26 § 2].
[43] O Sol, que é a carruagem de Indra.
[44] Brilhante com incontáveis raios de luz.
[45] Que institui o sacrifício.

679 - Hino 70. Indra (Wilson)

(Anuvāka 8. Continuação do Adhyāya 5. Sūkta I)

O Ṛṣi é Puruhanman da família de Aṅgiras; o deus é Indra; a métrica dos primeiros seis versos é Bārhata Pragātha [Bṛhatī alternando com Satobṛhatī], dos próximos seis Bṛhatī, do décimo terceiro Uṣṇih, do décimo quarto Anuṣṭubh, do décimo quinto Purauṣṇih.

Varga 8. **1**. Eu louvo aquele Indra que é o senhor dos homens, que procede irresistível em suas carruagens, o que rompe todos os exércitos, o preeminente, o matador de Vṛtra.[1]

2.[2] Puruhanman, honra esse Indra para a tua proteção, pois em teu apoiador há um poder duplo;[3] ele segura nas mãos (para atingir seus inimigos) o raio glorioso grande como o sol no céu.

3. Ninguém pode tocar por seus atos aquele que fez de Indra seu amigo por meio de sacrifícios – (Indra) que sempre dá força renovada, que deve ser louvado por todos, grandioso, invencível, de poder sempre ousado.[4]

4.[5] (Eu louvo) aquele que é irresistível, o poderoso, o conquistador em hostes hostis; a quem, quando ele nasceu, as fortes vacas corredoras[6] receberam e os céus e as terras[7] louvaram.

5.[8] Indra, se houvesse cem céus para comparar contigo, ou houvesse cem terras, trovejante, nem mesmo mil sóis te revelariam,[9] de fato, nenhuma coisa criada seria te encheria, nem o céu nem a terra.[10]

Varga 9. **6**.[11] Derramador mais poderoso (de bênçãos), tu encheste todas (as nossas tropas) com teu grande poder abundante; Maghavan, trovejador, guarda-nos com tuas múltiplas proteções, (quando nós marcharmos) contra o estábulo bem-abastecido de nossos inimigos.

7.[12] Ó Indra de vida longa, o mortal que não tem a ti como o seu deus não obtém nenhum alimento, (aquele que não louva) esse Indra levado por corcéis, que atrela ao seu carro os dois matizados, que atrela os dois cavalos baios.

8. Grandes (sacerdotes), adorem esse Indra, que é propiciado por presentes,[13] que deve ser invocado no raso e nas profundezas, e que deve ser invocado em batalhas.

9. Herói, dador de habitações, nos eleva para desfrutarmos de alimento abundante; nos eleva, Maghavan, à riqueza abundante; nos eleva, Indra, à fama abundante.

10. Indra, que te deleitas com oferendas, tu nos satisfazes abundantemente com (as posses daquele) que te despreza; ó possuidor de vasta riqueza, nos protege entre as tuas coxas; tu derrubas o Dāsa com teus golpes.

---

[1] *Sāma-Veda*, 1.3.2.4.1; 2.3.1.15.1.
[2] *Sāma-Veda*, 2.3.1.15.2 [com variações].
[3] Atingir teus inimigos e favorecer teus amigos.
[4] *Sāma-Veda*, 1.3.2.1.1; 2.4.2.8.1, com uma leve variação.
[5] *Sāma-Veda*, 2.4.2.8.2, [com variação].
[6] Benfey conjectura que essas vacas são os Maruts, os filhos de Pṛśni; Sāyaṇa permite outra interpretação, 'a humanidade que oferece oblações de manteiga clarificada, etc.'.
[7] O plural é utilizado porque, de acordo com um texto, 'os mundos são triplos'.
[8] ["Controlada e pura, uma pessoa deve proferir regularmente o *pragātha* 'se céus' (8.70.5-6), essa (pessoa) ganha renome inigualável e realiza todos os seus desejos". – *Ṛgvidhāna*, tradução de Gonda, 1951].
Sāma-Veda, 1.3.2.4.6; 2.2.2.11.1.
[9] Sāyaṇa compara com a *Kaṭha Upaniṣad*, v. 15, 'lá (em Brahman) o sol não brilha'.
[10] Sāyaṇa compara com a *Chāndogya Up.* 3.14, 'a alma dentro do meu coração é maior que a terra, maior que o firmamento, maior que o céu, maior que todos esses mundos'.
[11] *Sāma-Veda*, 2.2.2.11.2.
[12] *Sāma-Veda*, 1.3.2.3.6.
[13] *Dānāya sakṣaṇim*, literalmente, 'que segue por um presente'.

Varga 10. **11**. Que o teu amigo, Parvata,[14] derrube do céu aquele que segue outros ritos, o inimigo dos homens,[15] aquele que não oferece sacrifícios e que não adora os deuses; que Parvata arremesse o Dasyu para o batedor severo (a morte).
12. Potentíssimo Indra, em tua predileção por nós, toma essas vacas em tuas mãos, como grãos fritos, para dar a nós; de fato, as pega duas vezes em tua benevolência para conosco.

13. Sacerdotes associados, deem uma boa atenção ao sacrifício, pois como podemos realizar (dignamente) o louvor de (Indra) o destruidor, que é o recompensador de inimigos,[16] o que envia recompensas, o invicto?
14. Indra, o objeto comum de nossa adoração, tu és louvado por muitos Ṛṣis sacrificantes; por isso és tu, destruidor de inimigos, que assim dás bezerros em sucessão aos teus adoradores.[17]
15. Que Maghavan, pegando-as pelas orelhas, leve as vacas com seus bezerros para longe de nossos três (inimigos destrutivos), como o dono leva uma cabra para beber.

Índice◄►Hino 71 (Wilson)

---

679 - Hino 70. Indra (Griffith)

1. Ele que, como o Senhor Soberano dos homens, se move desimpedido com seus carros, o matador de Vṛtra, vencedor de exércitos de combate, preeminente, é louvado com canção.
2. Honra esse Indra, Puruhanman![18] por sua ajuda, em cuja mão sustentadora[19] antigamente o esplêndido raio de trovão foi depositado, como o grande Sol foi colocado no céu.

3. Ninguém por atos atinge a ele que trabalha e fortalece cada vez mais; não, nem por sacrifício, a Indra louvado por todos, irresistível, ousado, corajoso em força,
4. O potente Conquistador, invencível na guerra, a ele em cujo nascimento as Poderosas, as Vacas[20] que se espalham longe, enviaram suas vozes altas, céus e terras enviaram suas vozes altas.

5. Ó Indra, se cem céus e se cem terras fossem tuas – não, nem mil Sóis poderiam se igualar ao teu nascimento, nem ambos os mundos, ó Trovejante.[21]
6. Tu, herói, realizaste os teus atos heroicos com poder, de fato, todos com força, ó Mais Forte. Maghavan, nos ajuda em direção a um estábulo cheio de vacas, ó Trovejante, com auxílios extraordinários.

---

[14] Em 1.122.3 Sāyaṇa identifica Parvata com Parjanya; em 7.37.8 ele o chama de um deus, amigo de Indra; aqui ele o descreve como um ṛṣi, o amigo de Indra.
[15] Sāyaṇa explica: 'o inimigo dos homens que sacrificam para Indra'.
[16] *Bhojaḥ*, o Prof. Wilson traduziu em 8.3.24 como 'o despojador de inimigos'.
[17] *Ekam-ekam*, 'um por um', ou seja, de acordo com Sāyaṇa, 'muitos'. Ele acrescenta que 'bezerros' aqui inclui 'vacas'.
[18] O ṛṣi do hino se dirige a si próprio.
[19] Ou *vidhartari* pode (com Ludwig) ser tomado como um nominativo com *vajraḥ*, o raio de trovão como um mantenedor (da Ordem).
[20] Os céus e as terras.
[21] ['Mil sóis não poderiam se igualar a ti, Tonante, nem nada nascido, nem ambos os mundos'. – Muir].

7. Não deixes um mortal ímpio ganhar este alimento, ó tu cuja vida é longa! Mas aquele que atrela os cavalos de cores brilhantes, os Etaśas,[22] justamente Indra o atrelador dos Baios,[23]
8. Incitem o Conquistador a dar, o seu Indra digno de ser louvado, a ser invocado em águas rasas e nas profundezas, a ser invocado em atos de força.
9. Ó Vasu, ó Herói, eleva-nos à ampla opulência. Eleva-nos ao ganho de riqueza imensa, ó Maghavan, Indra, ao renome sublime.

10. Indra, tu nos justificas e pisoteias os teus caluniadores.[24] Protege-te, Herói valente, em tuas partes vitais;[25] derruba o Dāsa com teus golpes.
11. O homem que não traz nenhum sacrifício, desumano, ímpio, infiel – a ele que o seu amigo[26] a montanha lance para uma morte rápida, que a montanha derrube o Dasyu.
12. Ó mais poderoso Indra, amando-nos, recolhe, como grãos, dentro da tua mão, dessas vacas deles,[27] para dar de presente, de fato, reúne duplamente por nos amares.

13. Ó meus companheiros, desejem poder. Como podemos aperfeiçoar o louvor de Śara,[28]
O patrono generoso principesco, incólume?
14. Por muitos sábios cuja grama é cortada tu és constantemente louvado,
De modo que tu, ó Śara, tens dado aqui um e aqui outro[29] bezerro.
15. O nobre, o filho de Śūradeva[30] trouxe um bezerro, guiado pela orelha, para nós três. Como um chefe traz uma cabra para ordenhar.

Índice◄►Hino 71 (Griffith)

---

680 - Hino 71. Agni (Wilson)

(Sūkta II)[1]

O deus é Agni; os Ṛṣis são Sudīti e Purumīḷha [Āṅgirasa], ou qualquer um deles pode ser o Ṛṣi; a métrica dos primeiros nove versos é Gāyatrī [em tṛcas], dos seis restantes [Bārhata] Pragātha [Bṛhatī alternando com Satobṛhatī].

Varga 11. **1**. Agni, que tu nos protejas, por meio de grande riqueza, de cada avaro e inimigo mortal.[2]
2. Ó tu que nasceste amado, nenhuma ira humana pode te prejudicar – só tu és o senhor da noite.[3]
3. Filho da força, auspicioso em brilho, associado com todos os deuses, dá-nos riqueza todo-desejável.

---

22 Os cavalos do Sol.
23 ['O segundo hemistíquio não está ligado ao primeiro; suas duas cláusulas relativas se vinculam ao verso seguinte'. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
24 ['Tu, Indra, amas os nossos ritos religiosos; tu pisoteias aqueles que te insultam'. – Muir, *O. S. T.* III. 373].
25 Literalmente, 'entre as tuas coxas'.
26 No qual ele espera encontrar amparo; segundo Sāyaṇa, Parvata (montanha) é um ṛṣi, o amigo de Indra.
27 A propriedade dos nativos hostis.
28 Śara deve ser o instituidor do sacrifício. Segundo Sāyaṇa, ele é Indra, 'o destruidor'.
29 *Ekam-ekam:* significando muitos.
30 Śara. Sāyaṇa explica *śauradevyaḥ* como vacas ganhas em batalhas. [Veja a versão de Wilson].

---

1 [*Ṛgvidhāna*, 2.34.3b-4a da tradução de Gonda, 1951].
2 *Sāma-Veda*, 1.1.1.1.6.
3 Sāyaṇa explica: que nós te protegeremos dos homens de dia, e tu te protegerás à noite dos espíritos malignos, porque o fogo então arde mais brilhante.

4. Aquele mortal sacrificador a quem tu, Agni, proteges, o avarento não pode separar da riqueza.
5. Sábio (Agni), aquele a quem em sua realização de sacrifício tu incitas a obter prosperidade pela tua proteção caminha (como senhor) entre multidões de gado.[4]
Varga 12. **6**. Tu, Agni, dás ao ofertante riqueza que abrange muitos descendentes homens; leva-nos à afluência.

7. Defende-nos, Jātavedas; não nos entregues ao malévolo, ao homem cujos pensamentos são maus.
8. Agni, não deixes que os ímpios tirem a riqueza que tu, o divino, tens dado, porque tu és o senhor dos tesouros.
9. Filho da força, o amigo, o concessor de residências, tu distribuis tesouro abundante para os teus adoradores.

10. Que as nossas vozes se aproximem do belo (Agni), dele que tem chamas devoradoras; que os nossos sacrifícios com nossas oblações se aproximem dele, para nossa proteção, que é rico em opulência e rico em louvor;[5]
Varga 13. **11**. (Que elas se aproximem de) Agni, Jātavedas, o filho da força, para a concessão de todas as coisas boas desejáveis; que é duplamente imortal como (queimando perpetuamente) entre os mortais, e como o sacerdote ministrante supremamente estimulante entre os sacrificadores.[6]

12. Eu louvo Agni, (ó sacrificador), para a inauguração da sua oferenda divina, (eu o louvo) quando o sacrifício está ocorrendo, (eu louvo) Agni o primeiro dos deuses, em nossos ritos, (eu louvo) Agni quando o inimigo se aproxima, (eu louvo) Agni para a obtenção de terra.[7]
13. Que Agni em sua amizade nos dê alimento,[8] pois ele é o senhor de todas as coisas desejáveis; nós pedimos abundância para os nossos filhos e netos a Agni, que é o doador de habitações e o protetor de nossos corpos.

14. Louva com teus hinos para nossa proteção Agni, cujos esplendores se encontram difundidos; louva Agni por riqueza, ó Purumīḷha, pois outros ofertantes estão louvando aquele muito famoso em seu próprio nome; pede a Agni uma casa para (mim) Sudīti.[9]
15. Nós louvamos Agni para que ele possa manter longe os nossos inimigos; nós louvamos Agni para que ele possa nos dar alegria e segurança; ele pode muito bem ser adorado como o que dá residências para os Ṛṣis, ele que é por assim dizer o protetor de todos os homens.

Índice◄►Hino 72 (Wilson)

---

[4] Compare com 1.86.3.
[5] *Sāma-Veda*, 2.7.2.8.1.
[6] *Sāma-Veda*, 2.7.2.8.2. Sāyaṇa dá outra interpretação, 'Que é duplamente imortal (entre os deuses) e entre os homens'.
[7] Isto é, como resultado do sacrifício.
[8] Ou, 'que Agni dê alimento para mim seu amigo'.
[9] *Sāma-Veda*, 1.1.1.5.5. Supõe-se que esse verso é dirigido por Sudīti para Purumīḷha.

680 - Hino 71. Agni (Griffith)

1. Ó Agni, com tua riqueza imensa nos protege de toda malignidade,
Sim, de todo o ódio do homem mortal.
2. Pois sobre ti, ó Amigo desde o nascimento, a ira do homem não tem controle;
Mais ainda, tu és o Guardião da terra.[10]
3. Como tal, com todos os Deuses, ó Filho da Força, auspicioso em tua chama,
Dá-nos a riqueza que traz todas as coisas boas.

4. As malignidades não afastam da riqueza o homem mortal a quem, Agni, tu
Proteges enquanto ele oferece presentes.
5. Sábio Agni, aquele a quem tu incitas, no culto dos Deuses, à riqueza,
Com a tua assistência ganha vacas.[11]
6. Riquezas com muitos heróis tu tens para o homem que oferece presentes:
Guia-nos para a maior felicidade.

7. Salva-nos, ó Jātavedas, não nos abandones àquele que peca,
Ao homem de coração mau.
8. Ó Agni, que nenhum homem ímpio impeça a tua generosidade como um Deus;
Sobre todos os tesouros tu és o Senhor.
9. Então, Filho da Força, tu nos ajudas em direção ao que é grande e excelente.
Esses, Vasu! Amigo! que cantam o teu louvor.

10. Que as nossas canções se aproximem dele belo e brilhante, de chama perfurante; as nossas oferendas, com nossa homenagem, do Senhor da Riqueza, dele a quem muitos louvam, para obter auxílio;
11. De Agni Jātavedas, o Filho da Força, para que ele possa nos dar dádivas preciosas, Imortal, desde antigamente Sacerdote entre os homens mortais, o mais encantador na casa.

12. Agni, feito seu por sacrifício, Agni, enquanto os ritos sagrados avançam; Agni, o primeiro em canções, primeiro com o cavalo guerreiro;[12] Agni para ganhar a terra para nós.
13. Que Agni que é o Senhor da Riqueza nos conceda alimentos por amizade. Nós sempre procuramos Agni em busca de sementes e progênie, o Vasu que protege as nossas vidas.

14. Solicitem com seus cânticos, para ajudar, Agni o Deus de chama perfurante, por riquezas famosas Agni, Purumīḷha e vocês homens! Agni para iluminar bem a nossa residência.[13]
15. Agni nós louvamos para que ele possa manter longe os nossos inimigos, Agni para nos dar saúde e força. Que ele como Guardião seja invocado em todas as tribos, o acendedor de marcas brilhantes.[14]

Índice◄►Hino 72 (Griffith)

---

[10] *Kṣapāvān:* 'Senhor da noite'. – Sāyaṇa.
[11] Literalmente: 'é alguém que anda entre vacas'. [Compare com 1.86.3].
[12] *Arvati:* o fogo feroz e rápido que limpa a selva para o avanço dos colonizadores arianos.
[13] Eu sigo a explicação de Ludwig. Sāyaṇa toma *sudītaye* como um nome próprio: 'uma casa para (mim) Sudīti'. – Wilson.
[14] *Vastur-ṛṣūṇām;* segundo Sāyaṇa: 'o que dá residências para os Ṛṣis'.

681 - Hino 72. Agni ou Louvor às Oblações[1] (Wilson)

(Sūkta III)

O deus é Agni ou o louvor às oblações; o Ṛṣi é Haryata, filho de Pragātha; a métrica é Gāyatrī.

Varga 14. **1**. (Sacerdotes), ofereçam a oblação, pois (Agni) chegou; o Adhvaryu novamente oferece (o sacrifício), muito hábil em seu oferecimento.
2. O Hotṛ senta-se ao lado da chama quente (de Agni),[2] regozijando-se em sua amizade com o ofertante.
3. Por causa do ofertante, eles procuram por sua habilidade colocar Rudra na vanguarda; eles o apanham, enquanto ele dorme,[3] com suas línguas.[4]
4. (Agni), o que dá alimento, queima o vasto arco (do céu); ele sobe na água; ele atinge a nuvem com sua língua.[5]
5. Perambulando como um bezerro e resplandecendo brilhantemente, ele aqui[6] não encontra empecilho; ele procura um cantor para louvá-lo.
Varga 15. **6**. Logo que o grande arnês firme de seus cavalos é visto (no céu), os tirantes de sua carruagem,
7. Sete ordenham uma (vaca), os dois dirigem os cinco, na margem retumbante do rio.[7]
8. Invocado pelos dez[8] (dedos) do adorador, Indra[9] fez a nuvem cair do céu por meio do seu raio triplo.[10]
9. A (chama) nova impetuosa de três cores[11] dá a volta rapidamente no sacrifício; os sacerdotes a aspergem com manteiga.
10.[12] Eles despejam com reverência o caldeirão inesgotável,[13] conforme ele vai girando circular acima e com uma abertura inferior.
Varga 16. **11**.[14] Os sacerdotes reverentes se aproximando despejam a manteiga supérflua na grande (colher)[15], quando eles baixam o caldeirão.[16]

---

[1] ["A *Anukramaṇī* dá duas opções: Agni ou 'louvor às oblações' (*stutiḥ haviṣāṃ*)". – Jamison-Brereton. A *Bṛhaddevatā* observa que '(71 e 72) são dois (hinos) dirigidos a Agni; ou o último hino (72) é (em) louvor às oblações, e às vacas leiteiras e às plantas'. – Tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, p. 234].
[2] Sāyaṇa toma *aṃśu* como aqui equivalente a Agni; o *Dicionário de São Petersburgo* traduz 'os talos da planta Soma'.
[3] [*Sasam:* 'Esta palavra é dada no *Nighaṇṭus*, 2.7, como significando alimento. Sāyaṇa julga que ela significa 'adormecido', e traduz a última frase 'os homens através do louvor surgido de sua língua pegam Agni com seus dedos'. – Muir, *O. S. Texts,* IV. 316, nota].
[4] Ou seja, 'com seus hinos', a causa sendo utilizada em lugar do efeito. [Veja a versão de Griffith].
[Muir traduz: 'Eles rogam ao deus (Agni), que é terrível (Rudra) além de todo pensamento, (a entrar) entre o povo. Com sua língua eles ingerem alimentos (ou o pegam dormindo)'].
[5] Sāyaṇa dá outra interpretação da última parte do verso como referindo-se a um incêndio florestal, 'ele sobe na floresta, ele fere a rocha com sua língua'.
[6] *Iha* 'aqui' pode significar ou 'neste mundo', *asmin loke*, ou 'no céu', *antarikṣe;* no último caso Agni significará o relâmpago, e o louvador (*ambya*) será o trovão.
[7] *Ekām*, 'uma (vaca)', é explicada como o *gharma*, ou recipiente de barro assim chamado, que é usado para ferver leite, etc., na cerimônia Pravargya. Os 'sete' são os sete sacerdotes oficiantes ou assistentes, dois quais é dito que dois, o *pratiprasthātṛ* e o *adhvaryu*, dirigem os outros cinco, ou seja, o *yajamāna* ou instituidor, o *brāhmaṇa* (ou *brahman*), o *hotṛ*, o *āgnīdhra*, e o *prastotṛ*. A 'margem retumbante' refere-se às exclamações utilizadas no sacrifício realizado pelo ṛṣi do hino.
[8] Os dedos são chamados de 'as dez irmãs' em 3.29.13.
[9] Sāyaṇa diz que Indra também pode aqui significar Agni ou Āditya.
[10] 'Que gira de três maneiras', segundo Sāyaṇa. *Khedayā* ocorre novamente em 8.77.3, e é lá explicado como *rajjvā*.
[11] Vermelha, branca e preta.
[12] *Sāma-Veda,* 2.7.3.16.3.
[13] Ou seja, o *gharma* ou *mahavīra*, cujos conteúdos são lançados no fogo Āhavanīya. O *Dicionário de São Petersburgo* toma *avata* (que propriamente significa 'uma cisterna') como uma metáfora para uma nuvem (veja sob *parijman*).
[14] *Sāma-Veda*, 2.7.3.16.2.
[15] Isto é, a colher *upayamanī* da qual o sacrificador bebe o leite.
[16] Sobre o tamborete.

12.[17] Aproximem-se, ó vacas, do caldeirão; (os dois tipos de leite) no sacrifício são abundantes e dão resultados;[18] ambas as alças (do recipiente) são de ouro.
13.[19] Derramem na (corrente) ordenhada a mistura,[20] que alcança, (quando ela ferve), o céu e a terra;[21] coloquem o touro no licor.[22]
14.[23] Elas conhecem a sua própria morada;[24] como bezerros com suas mães, assim elas se reúnem respectivamente com seus parentes.
15.[25] (Os sacerdotes) ministram no céu o (leite) sustentador para (Agni) que devora com suas mandíbulas; eles ministram todos os alimentos[26] para Indra e Agni.
Varga 17. **16**. O vento por meio dos sete raios do sol ordenha o alimento e bebida nutritivos da de sete passos.[27]
17. Mitra e Varuṇa, eu tomo[28] o Soma quando o sol nasce; ele é o remédio para os doentes.
18. Agni – permanecendo no lugar,[29] que eu, o ofertante ansioso, escolho como o local para oferecer as oblações – enche o céu por toda parte com seu brilho.

Índice◄►Hino 73 (Wilson)

---

681 - Hino 72. Agni (Griffith)[30]

1. Preparem oblação: que ele[31] venha; e que o ministro[32] sirva novamente,
Que conhece a ordem do mesmo.[33]
2. Regozijante em sua amizade, que o sacerdote se sente além do homem,
Ao lado do broto[34] de potência ativa.

---

[17] *Yajur-Veda Branco,* 33.19. *Sāma-Veda*. 1.2.1.3.3; 2.7.3.16.1 [com variações].
[18] O leite de uma vaca e de uma cabra é derramado no *gharma* ou *mahavīra*. *Rapsudā* é uma palavra muito difícil. Sāyaṇa faz várias tentativas de explicá-la; assim, ela pode ser 'que dão frutos para aquele que está prestes a começar', ou 'a serem oferecidos àqueles que desejam recebê-lo (ou seja, os Aśvins)', ou (já que o *rap* é 'louvar'), 'a serem corretamente oferecidos ou ordenhados com hinos'. Mahīdhara dá uma explicação totalmente diferente, que é aprovada por Benfey: 'Ó vacas, aproximem-se da trincheira do altar, pois o céu e a terra dão beleza ao sacrifício; ambos os seus ouvidos são dourados'.
[19] *Sāma-Veda*, 2.6.3.16.1. *Yajur-Veda Branco*, 33.21.
[20] Esse é o leite de cabra que é derramado no leite de vaca no Gharma.
[21] Ou os Aśvins. Compare com o *Nirukta*, xii.1.
[22] O 'touro', *vṛṣabha*, é explicado como Agni, e o licor (*rasā* = *rase*) é o leite de cabra. Sāyaṇa acrescenta: 'A cabra é dedicada a Agni, portanto, o contato de seu leite com o fogo é apropriado'.
[23] *Sāma-Veda*, 2.6.3.16.2.
[24] Isto é, as vacas vêm para o Gharma para serem ordenhadas, como para o seu estábulo.
[25] *Sāma-Veda*, 2.6.3.16.3.
[26] Ou *svar* pode ser considerada, assim como *divi:* 'no firmamento'.
[27] Esse é o significado literal de *saptapadīm*, mas Sāyaṇa o explica como 'o tom médio de pé deslizante', que é personificado na vaca que é ordenhada no *gharma*. (O trovão é frequentemente chamado de *mādhyamikā vāc*, e nós temos em 1.164.28-29 uma comparação semelhante da vaca mugidora, enquanto é ordenhada, com a nuvem quando ela troveja enquanto chove). A vaca, (*soma-krayaṇī)* que é dada como o preço do soma, tem que dar sete passos, e é considerada como *vāc* personificada, veja a *Taittirīya Saṃhitā,* 4.1.7.8. O *Dicionário de São Petersburgo* toma *saptapadīm* como um epíteto de *iṣam ūrjaṃ*, 'o suficiente para todas as necessidades'.
[28] Sāyaṇa explica *ādade* as *svīkarotī*, 'ele toma', a menos que leiamos *svīkaromi.*
[29] Ou seja, a *uttara-vedi* ou altar fora do recinto.
[30] A linguagem do hino é intencionalmente obscura, e muito da minha tradução (na qual eu geralmente sigo Ludwig), deve ser considerada como conjetural.
[31] Agni.
[32] Ou o Adhvaryu.
[33] [Isto é, do oferecimento].
[34] Agni, segundo Sāyaṇa, os talos da planta Soma, segundo von Roth.

3. A ele, cintilante brilhante além de todo pensamento, eles procuram[35] entre a raça do homem; com ele por meio da língua eles aproveitam o alimento.
4. Ele inflamou o plano duplo;[36] o que dá vida, ele escalou a floresta,[37]
E com sua língua golpeou a rocha.
5. Vagueando aqui o Bezerro radiante[38] não encontra ninguém para acorrentá-lo, e procura a Mãe[39] para declarar o seu louvor.
6. E agora aquela parelha grande e poderosa, a parelha de cavalos que são dele,
E os tirantes de seu carro, são vistos.
7. Os sete[40] ordenham uma única[41] vaca; os dois[42] colocam outros cinco para trabalhar,
Na margem altamente retumbante[43] do rio.
8. Rogado pelos dez de Vivasvān,[44] Indra[45] lançou o jarro de água[46]
Com martelo[47] triplo do céu.
9. Três vezes a chama recém-acesa anda ao redor do sacrifício:
Os sacerdotes a ungem com o hidromel.
10. Com reverência eles drenam a fonte[48] que circunda com sua roda[49] acima,
Inesgotável, com a boca para baixo.
11. As pedras de espremer foram colocadas para trabalhar; o hidromel é vertido no tanque,
No derramamento da fonte.
12. Ó vacas, protejam a fonte; os Dois Poderosos[50] abençoam o sacrifício.
As duas alças são feitas de ouro.
13. Despejem sobre o suco o ornamento[51] que chega ao céu e à terra;
Forneçam o líquido ao Touro.[52]
14. Essas[53] conhecem o seu próprio lugar de residência; como bezerros ao lado das vacas-mães elas se reúnem com seus parentes.
15. Devorando[54] em suas mandíbulas vorazes, elas criam alimento sustentador no céu,
Para Indra, Agni luz e prece.
16. O Piedoso[55] ordenhou alimento rico, o sustento distribuído em sete porções,[56]
Junto com os sete raios do Sol.
17. Eu tomei algum Soma quando o Sol nasceu, ó Mitra, Varuṇa.

---

[35] Isto é, os Deuses.
[36] As extensões do céu e da terra.
[37] Um incêndio florestal é aludido.
[38] Agni na forma de relâmpago.
[39] A nuvem, que o louvará com um salmo-trovão.
[40] Sacerdotes oficiantes, ou assistentes. Veja 2.1.2.
[41] O texto tem só *ekām* (uma). Sāyaṇa adiciona 'vaca', que ele explica como o *gharma*, vaso ou caldeirão usado para aquecer leite, etc. na cerimônia Pravargya.
[42] O Adhvaryu e o Pratiprasthātar, seu Assistente, dirigem os outros cinco [veja a nota 7] na realização da cerimônia.
[43] Com relação às exclamações sacrificais, proferidas pelos sacerdotes oficiantes.
[44] Segundo Sāyaṇa, os dez dedos do adorador. Dez sacerdotes provavelmente são aludidos.
[45] Agni ou Āditya podem ser aludidos. – Sāyaṇa.
[46] A nuvem de chuva.
[47] Provavelmente o relâmpago em ziguezague. Sāyaṇa o explica por *raśminā.* Com seu raio.
[48] *Avatam:* o *gharma* ou *mahāvīra,* cujo conteúdo é despejado no fogo.
[49] Aparentemente, a borda circular sobre a qual ele geralmente fica e que é agora invertida para que todo o líquido possa fluir para fora. Segundo Hillebrandt (*Vedische Mythologie*, I. 325) *a fonte* é a Lua.
[50] Céu e Terra. Mas como o significado de *rapsudā* é desconhecido, a frase só pode ser traduzida conjeturalmente. [Veja a versão de Wilson].
[51] O leite que é misturado com o Soma.
[52] Para Agni.
[53] As vacas conhecem e vão para o lugar onde elas devem ser ordenhadas para propósitos sacrificais assim como elas conhecem o seu próprio estábulo.
[54] Talvez as chamas, mas a estrofe é obscura.
[55] Agni.
[56] Uma para cada sacerdote.

Esse é o remédio do homem doente.
18. De onde as oblações devem ser colocadas, que é o lar do Bem-Amado,[57]
Ele com sua língua circunda o céu.

Índice ◄► Hino 73 (Griffith)

---

682 - Hino 73. Aśvins (Wilson)

(Sūkta IV)

Os deuses são os Aśvins; o Ṛṣi é Gopavana da família de Atri, ou Saptavadhri;[1] a métrica é Gāyatrī.

Varga 18. **1**. Ergam-se, Aśvins, em meu nome, porque eu me preparo para o sacrifício; atrelem o seu carro; que a sua proteção permaneça perto de mim.[2]
2. Venham, Aśvins, em sua carruagem que se move mais rápido que um piscar de olhos; que a sua proteção permaneça perto de mim.
3. Aśvins, vocês cobriram o (fogo) quente com a (água) fria para Atri;[3] que a sua proteção permaneça perto de mim.

4. Onde vocês estão? Para onde vocês foram? Para onde vocês voaram como falcões? Que a sua proteção permaneça perto de mim.
5. Se hoje, em algum momento, em algum lugar, vocês apenas ouvirem a minha invocação – que a sua proteção permaneça perto de mim.
Varga 19. **6**. Os Aśvins devem ser invocados fervorosamente na emergência; eu estabeleço a mais estreita amizade com eles; que a sua proteção permaneça perto de mim.

7. Aśvins, vocês fizeram uma casa protetora para Atri;[4] que a sua proteção permaneça perto de mim.
8. Vocês privaram o fogo de sua fúria para Atri, quando ele os louvou aceitavelmente; que a sua proteção permaneça perto de mim.
9. Por louvá-los Saptavadhri dirigiu a ponta da chama de fogo (para o seu cesto);[5] que a sua proteção permaneça perto de mim.

10. Venham, senhores de riqueza abundante, ouçam esta minha invocação; que a sua proteção permaneça perto de mim.
Varga 20. **11**. Porque esta (invocação repetida) é dirigida a vocês como se vocês fossem decrépitos como homens idosos?[6] Que a sua proteção permaneça perto de mim.

---

[57] 'O lugar, que eu, o ofertante ansioso, escolho'. – Wilson. *Haryata*, o Bem-Amado, talvez seja o Soma.

[1] ['Saptavadhri é o nome de um protegido dos Aśvins, que parecem, a partir de várias passagens do Ṛgveda, tê-lo resgatado de uma árvore na qual ele tinha sido amarrado. Ele é citado Atharvaveda. De acordo com Geldner, ele é idêntico a Atri'. – *Vedic Index of Names and Subjects*. Saptavadhri também é autor do Hino 78 do Livro 5].
[2] [Esse é o refrão do hino; *anti ṣad bhūtu vām avaḥ].*
[3] Compare com 1.116.8.
[4] Sāyaṇa acrescenta: 'Quando estava sendo queimado na cela do fogo sagrado'.
[5] Compare com 5.78.5 [nota de Wilson: 'Cronistas antigos, diz Sāyaṇa, contam esta história: os filhos dos irmãos de Saptavadhri, estando determinados, (o motivo não é mencionado), a impedi-lo de ter relações sexuais com sua esposa, o prendiam todas as noites em um cesto grande, que eles trancavam e selavam, deixando-o sair de manhã; nesse dilema o Ṛṣi rezou para os Aśvins, que foram socorrê-lo, e lhe permitiram sair da sua gaiola durante a noite, ele retornando a ela ao amanhecer'].
[6] Sāyaṇa explica, 'como vemos no mundo que um homem velho não vem, embora chamado muitas vezes, assim também é com vocês'.

12. Aśvins, o seu relacionamento é comum e vocês têm um parente comum;[7] que a sua proteção permaneça perto de mim.

13. A sua carruagem, Aśvins, se move rapidamente através dos mundos, através do céu e da terra; que a sua proteção permaneça perto de mim.
14. Venham a nós com milhares de rebanhos de gado e cavalos; que a sua proteção permaneça perto de mim.
15. Não nos ignorem[8] com os seus milhares de rebanhos de gado e cavalos; que a sua proteção permaneça perto de mim.

16. A Aurora matizada de púrpura apareceu, a mestra do sacrifício[9] espalha sua luz; que a sua proteção permaneça perto de mim.
17. Aśvins, o (sol) esplendidamente brilhante (parte a escuridão) como o lenhador com seu machado uma árvore; que a sua proteção permaneça perto de mim.
18. [10]Ó bravo Saptavadhri, afligido pelo (cesto) emaranhado e retentor,[11] irrompe através dele como através de uma cidade; que a sua proteção permaneça perto de mim.

Índice◄►Hino 74 (Wilson)

---

682 - Hino 73. Aśvins (Griffith)

1. Despertem para aquele que cumpre a lei,[12] atrelem seus corcéis, Aśvins, ao seu carro;
Que o seu auxílio protetor fique perto.
2. Venham, Aśvins, com o seu carro mais rápido do que um piscar de olhos;
Que o seu auxílio protetor fique perto.
3. Aśvins, vocês cobriram com frio o poço de fogo por causa de Atri;[13]
Que o seu auxílio protetor fique perto.

4. Onde vocês estão? Para onde vocês foram? Para onde, como falcões, vocês voaram?
Que o seu auxílio protetor fique perto.
5. Se vocês em algum momento deste dia estiverem ouvindo este meu chamado,
Que o seu auxílio protetor fique perto.
6. Dos Aśvins, os primeiros a ouvir a nossa prece, por parentesco mais próximo eu me aproximo; que o seu auxílio protetor fique perto.

7. Por Atri vocês, ó Aśvins, fizeram uma morada para protegê-lo bem.
Que o seu auxílio protetor fique perto.
8. Vocês repeliram o calor fervente para Atri quando ele falou docemente;
Que o seu auxílio protetor fique perto.
9. Antigamente Saptavadhri[14] por sua oração obteve a borda cortante do fogo;
Que o seu auxílio protetor fique perto.

10. Venham, ó Senhores da Riqueza, e ouçam este meu chamado;

---

[7] O comentário de Sāyaṇa aqui é obscuro, mas ele explica que o texto quer dizer que os dois Aśvins eram ambos nascidos da esposa do sol (ou seja, Vivasvat), que havia assumido a forma de uma égua. (Compare com 7.72.2). Ele parece explicar o parente comum como significando a concha sacrifical ou o próprio ṛṣi (compare com 8.27.10).
[8] Eu adotei essa explicação do comentário de Sāyaṇa sobre 1.4.3: 'não rejeitem (ou negligenciem)', etc.
[9] Ṛtāvarī às vezes é explicada como *yajñavatī*, às vezes como *satyavatī*, 'verdadeira'.
[10] Supõe-se que isso é dirigido por Saptavadhri para si mesmo, ou por Gopavana para Saptavadhri.
[11] Conforme Sāyaṇa, mas *kṛṣṇayā bādhito viśā* provavelmente significa 'afligido pelo povo negro'.
[12] Que ordena sacrifícios. O ṛṣi quer dizer ele mesmo.
[13] Veja 1.116.8.
[14] Veja 5.78.6. A sua libertação parece ter sido efetuada pelo uso do fogo. Mas veja Myriantheus, *Die Açvins*, 88, 90.

Que o seu auxílio protetor fique perto.
11. O que é este louvor dito de vocês como Anciões do modo antigo?[15]
Que o seu auxílio protetor fique perto.
12. Uma fraternidade comum[16] é sua, Aśvins, a sua família é a mesma;
Que o seu auxílio protetor fique perto.

13. Esta é a sua carruagem, Aśvins, que acelera através das regiões, da terra e do céu;
Que o seu auxílio protetor fique perto.
14. Aproximem-se de nós com milhares de cavalos e de vacas;
Que o seu auxílio protetor fique perto.
15. Não nos negligenciem, lembrem-se de nós com milhares de vacas e cavalos;
Que o seu auxílio protetor fique perto.

16. A Aurora tingida de púrpura surgiu, e fiel à Lei fez a luz;
Que o seu auxílio protetor fique perto.
17. Ele olhou para os Aśvins como um homem armado de machado para uma árvore;[17]
Que o seu auxílio protetor fique perto.
18. Cercado pela faixa preta, a rompe, corajoso, como uma fortaleza.[18]
Que o seu auxílio protetor fique perto.

Índice◄►Hino 74 (Griffith)

---

683 - Hino 74. Agni (Wilson)

(Sūkta V)

O Ṛṣi é Gopavana; o deus dos primeiros doze versos é Agni, dos últimos três a doação do rei Śrutarvan[1] (que ofereceu um aśvamedha na margem do Paruṣṇī); a métrica do primeiro, quarto, sétimo, décimo e do último tṛca é Anuṣṭubh, do segundo, terceiro, quinto, sexto, oitavo, nono, décimo primeiro e décimo segundo Gāyatrī.[2]

Varga 21. **1**.[3] (Sacerdotes) que desejam alimentos (cultuam) Agni, que é o hóspede de toda a humanidade, amado por muitos; eu dirijo a ele em seu nome uma homenagem familiar com hinos, para a obtenção de felicidade;
2.[4] (Esse Agni) a quem manteiga clarificada é oferecida, a quem os homens, trazendo oblações, adoram com louvores como um amigo;[5]

---

[15] [Veja a versão de Wilson].
[16] Como filhos gêmeos da consorte de Vivasvān, o Sol.
[17] O significado é obscuro. [Veja a versão de Wilson]. 'Ele (o demônio) olhou para os Aśvins'. – Grassmann.
[18] Sāyaṇa diz que a primeira linha é dirigida a Saptavadhri. Ela parece expressar autoencorajamento diante de um ataque sobre um inimigo Dāsa. Mas veja Myriantheus, *Die Açvins*, p. 90. [Muir traduz: "'Impetuoso, a quebra como se fosse uma muralha, sendo atormentado pela raça negra'. Não está claro quem é aqui apostrofado; ou quais inimigos de cor escura são referidos". – *O. S. Texts,* II. 376. Compare com 7.5.3].

---

[1] [O filho de Ṛkṣa, que aparece em 8.68.16. Para outros 'louvores à generosidade' veja a lista das dānastutis do Ṛgveda. A *Bṛhaddevatā* observa: 'Com as duas estrofes 'Eu' (*ahaṃ*, 8.74.13-14), o vidente louva a si próprio. Tendo louvado a si mesmo, ele elogia a doação de Śrutarvan e o grande rio Paruṣṇī em conexão com o que ele recebeu'. – Tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, 234-235].
[2] [Em tṛcas, observando que cada um deles é composto por um verso em Anuṣṭubh seguindo de dois em Gāyatrī, com exceção do último].
[3] *Sāma-Veda,* 1.1.2.4.7; 2.7.2.12.1.
[4] *Sāma-Veda,* 2.7.2.12.2.
[5] *Mitran na* também é explicado 'como o sol'.

3.[6] Jātavedas, o louvor mais sincero de seu adorador, que envia para o céu as oferendas apresentadas no sacrifício.

4.[7] Nós viemos a esse mais excelente Agni, o mais poderoso destruidor dos perversos, o benfeitor dos homens, em cujo exército (de raios) Śrutarvan, o poderoso filho de Ṛkṣa, torna-se grande.
5. (Nós viemos) ao imortal Jātavedas, que mostra a luz através da escuridão, bem digno de louvor, e que recebe oferendas de ghī;
Varga 22. **6**. Esse Agni a quem esses adoradores reunidos honram com oblações, oferecendo a ele com conchas erguidas.

7. Este novo hino foi feito por nós para ti,[8] ó alegre, bem-nascido Agni, glorioso em ações, inconfundível,[9] belo, o hóspede (do homem);
8. Agni, que ele seja apreciado por ti, o mais aprazível e o mais agradável – bem louvado por ele, que tu cresças.
9. Que este (hino), a rica fonte de riquezas, empilhe abundância sobre a nossa abundância (com estoques ganhos de nossos inimigos) em batalha.

10. (Adorem), ó homens, o brilhante (Agni), que anda como um cavalo e enche os nossos carros (de despojos), que protege os bons como Indra, e por cujo poder vocês saqueiam os estoques (de seus inimigos) e toda a sua (riqueza) extraordinária.[10]
Varga 23. **11**.[11] Agni, Aṅgiras, de quem Gopavana por seu louvor fez o especial doador de alimentos[12] – ó purificador, ouve a prece dele.
12. Ó tu a quem os fiéis reunidos louvam para a obtenção de alimentos, assiste a eles, para a destruição de seus inimigos.[13]

13. Chamado diante de Śrutarvan, o filho de Ṛkṣa, o que humilha o orgulho de seus inimigos, (eu afago) com minha mão as cabeças dos quatro cavalos (que ele me deu), como (homens afagam) a longa lã de carneiros.
14. Quatro cavalos velozes daquele rei muitíssimo poderoso, atrelados a um carro esplêndido, me levam adiante para confiscar a riqueza (de meus inimigos), como os navios levaram para casa o filho de Tugra.[14]
15. Realmente eu me dirijo a ti, ó grande rio Paruṣṇī; ó águas, não há nenhum mortal que dê cavalos mais generosamente do que esse (monarca) muitíssimo poderoso.

Índice◄►Hino 75 (Wilson)

---

[6] *Sāma-Veda,* 2.7.2.12.3.
[7] *Sāma-Veda,* 1.1.2.4.9, mas com *aganma* em lugar de *āganma* e lendo a segunda linha como 'que com sua hoste de raios é aceso em Śrutarvan, o filho de Ṛkṣa'.
[8] Sāyaṇa explica *adhāyy asmadā* como 'nasceu (ou foi concebido) em nós para ti'.
[9] ['Infalível'. – Muir].
[10] Literalmente, 'digna de ser louvada'.
[11] *Sāma-Veda,* 1.1.1.3.9, [com variações].
[12] ['A quem Gopavana alegrou com canção'. – Griffith].
[13] Ou (como no v. 9) 'em batalha'.
[14] Para a lenda de Bhujyu, veja 1.116.3-5. *Vayaḥ*, 'aves', parece ser uma metáfora poética para 'navios'.

683 - Hino 74. Agni (Griffith)

1. Exercendo toda a nossa força com pensamentos de poder nós glorificamos em discurso Agni o seu querido Amigo familiar, o Hóspede predileto em cada lar.[15]
2. A quem, servido com óleo sacrifical como Mitra,[16] os homens, oferecendo presentes, Glorificam com seus cânticos de louvor;
3. Jātavedas louvado por muitos, aquele que carrega oblações para o céu,
Preparado a serviço dos Deuses.

4. Ao mais nobre Agni, Amigo do homem, o melhor matador de Vṛtra, nós viemos,
A ele em cuja presença o filho de Ṛkṣa, poderoso Śrutarvan, se torna grande;
5. Ao Imortal Jātavedas, digno de louvor, adorado com óleo sagrado,
Visível através da escuridão da noite;
6. O próprio Agni a quem estes homens sacerdotais cultuam com presentes sacrificais,
Oferecendo-os com conchas erguidas.

7. Ó Agni, este nosso mais novo hino foi dirigido de nós para ti,
Ó Hóspede alegre, bem-nascido, o mais sábio, fazedor de milagres, nunca enganado.
8. Agni, que ele seja estimado por ti, o mais agradável, e extremamente doce;
Cresce mais forte, louvado com ele.
9. Esplêndido com esplendores que ele seja, e na batalha com o inimigo
Acrescente glória mais elevada à tua fama.

10. Corcel, vaca,[17] um senhor de heróis, brilhante como Indra, que encherá o carro.
Cujo grande renome vocês celebrem, e as pessoas elogiem cada ato glorioso.
11. Tu a quem Gopavana alegrou com canção, ó Agni Aṅgiras,
Ouve este meu chamado, ó Santo.
12. Tu a quem o povo sacerdotal implora para ajudar na obtenção de despojos,
Assim sê tu na luta com inimigos.

13. Eu, chamado àquele que cambaleia de alegria, Śrutarvan, filho de Ṛkṣa, afagarei as cabeças de quatro corcéis presenteados, como a lã longa de carneiros felpudos.
14. Quatro corcéis com um carro esplêndido, os cavalos de Śaviṣṭha,[18] de pés velozes, me levarão para o banquete sagrado, como os cavalos voadores levaram o filho de Tugra.[19]
15. A própria verdade eu declaro a ti, Paruṣṇī,[20] corrente poderosa;
Águas! Não há nenhum homem que dê mais cavalos do que Śaviṣṭha dá.

Índice◄►Hino 75 (Griffith)

---

[15] Eu sigo Ludwig em sua interpretação dessa estrofe, cuja construção é difícil.
[16] Ou, como um amigo; ou como o Sol. – Sāyaṇa.
[17] Não há verbo para governar esses acusativos. Talvez, que ele, isto é, o hino, dê, possa estar subentendido. Sāyaṇa explica *gāṃ*, vaca, por *gantāram*, o que anda. [Veja a versão de Wilson].
[18] ['O mais poderoso ou heroico', referindo-se ao rei].
[19] [Veja a nota 14].
[20] Agora o Rāvī, o rio em cuja margem Śrutarvan ofereceu seu sacrifício.

684 - Hino 75. Agni (Wilson)

(Sūkta VI)

O Ṛṣi é Virūpa[1] da família de Aṅgiras; o deus é Agni; a métrica é Gāyatrī.

Varga 24. **1**.[2] Agni, como um auriga atrela os teus corcéis invocadores dos deuses; senta-te primeiro, o invocador.
2. Divino (Agni), anuncia-nos aos deuses como profundamente hábeis;[3] assegura para nós todas as coisas desejáveis;
3. Visto que és sincero e digno de sacrifício, o mais jovem, filho da força e honrado em todos os lugares com oferendas.

4. Este Agni é o senhor do alimento multiplicado por cem e por mil; ele é o chefe, o vidente, (o senhor) da riqueza.[4]
5. Ó Aṅgiras, com as divindades associadas na invocação, atrai esta oferenda para perto de ti como os Ṛbhus (curvam) a circunferência de uma roda.[5]
Varga 25. **6**. Virūpa, com voz constante[6] dirige o teu louvor a este derramador (de bênçãos) bem satisfeito.

7. Qual inimigo forte vamos derrotar, para ganhar vacas, com a ajuda do exército[7] deste Agni de brilho imensurável?
8. Que ele não (abandone) a nós, os vassalos dos deuses, como as vacas produtoras de leite (não abandonam), as vacas não abandonam um (bezerro) pequeno.
9. Não deixes que o ataque de algum adversário mal-intencionado nos prejudique como a onda (subjuga) um navio.

10.[8] Divino Agni, os homens proferem teus louvores para a obtenção de força; pela força destrói o inimigo.
Varga 26. **11**.[9] Agni, envia-nos abundância de riquezas para satisfazer nossos desejos; dador de espaço livre, dá-nos espaço abundante.
12.[10] Não nos deixes neste conflito como um carregador [larga] sua carga; ganha para nós a riqueza saqueada de nossos inimigos.

13. Agni, que as tuas pragas persigam algum outro para aterrorizá-lo; aumenta a nossa força vigorosa em batalha.
14. Agni protege especialmente (em batalha), aquele adorador ou sacrificador zeloso cujas oferendas ele tem observado.[11]
15.[12] Livra-nos totalmente do exército hostil, protege aqueles entre os quais eu sou (senhor).

16. Nós conhecemos a tua proteção, Agni, como de um pai nos tempos antigos, por isso queremos (de novo) de ti aquela felicidade.

---

[1] ['Os Virūpas são conectados com Aṅgiras em 10.62.5, e um Virūpa é mencionado em 1.45.3 e 8.64.6'. – Muir, *O. S. Texts*, I. 341, nota].
[2] *Yajur-Veda Branco,* 13.37.
[3] Sāyaṇa explica *viduṣṭaras* como *vidvattamān;* mas ele é realmente um epíteto de Agni, 'tu o mais sábio'.
[4] *Yajur-Veda Branco*, 15.21. Mahīdhara toma *mūrdhā* com *rayīṇām*, 'Tu que és a principal (ou melhor) das riquezas'.
[5] Compare com 7.32.20.
[6] Sāyaṇa naturalmente toma *nityayā vācā* como aludindo à natureza eterna dos hinos.
[7] Sāyaṇa explica o 'exército' como os raios.
[8] *Sāma-Veda,* 1.1.1.2.1; 2.8.1.12.1.
[9] *Sāma-Veda,* 2.8.1.12.2.
[10] *Sāma-Veda,* 2.8.1.12.3, [com variação].
[11] ['Cujo trabalho sagrado ele aceita'. – Griffith].
Vṛdhā avati mais propriamente significa 'Agni o protege com bênçãos'.
[12] *Yajur-Veda Branco,* 11.71.

684 - Hino 75. Agni (Griffith)

1. Atrela, Agni, como um auriga, os teus cavalos que melhor convidam os Deuses;[13]
Como Antigo Arauto[14] senta-te.
2. E, Deus, como o mais habilidoso de todos, chama aqui os Deuses para nós;
Dá a todos os nossos desejos realização infalível.
3. Pois tu, O Mais Jovem, Filho da Força, tu a quem o sacrifício é prestado,
És sagrado, fiel à Lei.

4. Este Agni, senhor da riqueza e despojo multiplicados por cem, por mil, é o chefe
E a principal das riquezas e um Sábio.
5. Como artesãos curvam a pina da roda, assim curva-te ao nosso chamado geral; aproxima-te, Aṅgiras, do sacrifício.
6. Agora, ó Virūpa,[15] desperta para ele, o Deus Forte, que brilha no início da manhã,[16]
Bom louvor com voz que não cessa.

7. Com míssil deste Agni, o que olha longe, vamos derrotar
O ladrão[17] em combate pelas vacas.
8. Não deixes que as Companhias de Deuses nos falhem, como Auroras que flutuam para longe,[18] como vacas que abandonam o avarento.[19]
9. Não deixes a tirania pecaminosa de algum inimigo ferozmente detestador
Nos atingir, como as ondas atingem um navio.

10. Ó Agni, Deus, as pessoas cantam louvor reverente para ti em busca de força;
Com terrores atormenta o inimigo.
11. Tu não irás, Agni, nos prestar auxílio na conquista de gado, na obtenção de riqueza?
Criador de espaço, cria espaço para nós.
12. Nesta grande batalha não nos deixes de lado como alguém que carrega um fardo;
Arrebata a riqueza e a obtém inteira.

13. Ó Agni, que essa praga persiga e assuste outro e não a nós;
Torna a nossa força impetuosa mais forte.
14. O homem reverente ou incansável cujo trabalho sagrado ele aceita,
A ele Agni favorece com sucesso.
15. Abandonando a hoste do inimigo passa para cá para esta companhia;
Auxilia os homens com quem eu estou.[20]

16. Já que nós conhecemos a tua ajuda benigna, como a de um Pai, há muito tempo,
Então agora nós rezamos a ti por bem-aventurança.

---

[13] [‘Embora à primeira vista possa parecer estranho que os cavalos de Agni melhor convoquem os deuses, os cavalos são presumivelmente as colunas de fumaça, e como elas sobem ao céu, eles informam aos deuses sobre o sacrifício’. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[14] Ou Invocador Principal.
[15] O ṛṣi do hino que se dirige a si próprio.
[16] Ou, que se eleva para o céu. [Como Muir traduz: ‘Emite louvores a este aspirante [ou que se eleva] ao céu e prolífico Agni, ó Virūpa, com uma voz (ou hino) incessante’. – *O. S. Texts*, II. 69].
[17] O hino é uma prece por auxílio em uma expedição para a recuperação de gado roubado.
[18] ‘Como vacas que se banham no rio’, segundo a explicação dada no *Léxico de São Petersburgo*.
[19] ‘As vacas não abandonam um (bezerro) pequeno’. – Wilson.
[20] [‘Da região distante vem aqui para a próxima; que tu protejas aquela na qual eu estou!’. – *Śatapatha Brāhmaṇa*, 6.6.3.1, tradução de Eggeling, 1894].

Índice◄►Hino 76 (Griffith)

685 - Hino 76. Indra (Wilson)

(Sūkta VII)

O Ṛṣi é Kurusuti da família de Kaṇva; o deus é Indra; a métrica Gāyatrī.

Varga 27. **1**. Eu invoco agora para a destruição de meus inimigos o sábio Indra acompanhado pelos Maruts, que governa tudo pelo seu poder.
2. Indra, acompanhado pelos Maruts, partiu a cabeça de Vṛtra com seu raio de cem juntas.
3. Indra, crescendo em força, acompanhado pelos Maruts, dilacerou Vṛtra, soltando as águas do firmamento.

4. Este é o Indra por quem, auxiliado pelos Maruts, aquele céu[1] foi conquistado, para beber o Soma.
5. Nós invocamos com nossos louvores o poderoso Indra, acompanhado dos Maruts, o vigoroso aceitante do resíduo da oblação.[2]
6. Com um hino antigo nós invocamos Indra com os Maruts, para beber este Soma.

Varga 28. **7**. Indra, Śatakratu, derramador (de bênçãos), bebe o Soma neste oferecimento, acompanhado dos Maruts, ó invocado por muitos.
8. Trovejante Indra, para ti com os Maruts são estas libações de Soma derramadas – elas são oferecidas a ti na fé[3] com hinos recitados.
9. Bebe, Indra, com os teus amigos os Maruts, este Soma despejado nos dias sagrados recorrentes,[4] e afia o teu raio com vigor (renovado).

10.[5] Erguendo-te em tua força, Indra, tu agitaste as tuas mandíbulas quando bebeste o Soma espremido entre as duas placas.[6]
11.[7] Que o céu e a terra te sigam, Indra, quando tu golpeias, quando tu derrubas o Dasyu.
12. Eu faço este hino sacrifical, que chega aos oito pontos (do céu) e se ergue até um nono (o sol no zênite), embora ele seja menor que (as dimensões de) Indra.[8]

Índice◄►Hino 77 (Wilson)

[1] Sāyaṇa dá como interpretações alternativas de *svaḥ* 'todas as ações sacrificais', e 'todo este mundo'.
[2] *Ṛjīṣiṇam*, o resíduo do soma (*ṛjīṣa*) sendo oferecido na *tṛtīya* ou oblação noturna.
[3] Sāyaṇa explica *manasā* como *bhaktyā*.
[4] Compare com 1.86.4. *Diviṣṭiṣu* também pode significar 'nessas solenidades que são meios de obter o céu', veja 8.4.19.
[5] *Sāma-Veda*, 2.3.2.9.1. *Yajur-Veda Branco*, 8.39.
[6] ['Erguendo-te pelo teu poder tu moveste as tuas mandíbulas, ó Indra, bebendo o suco tirado da taça!' – *Śatapatha Brāhmaṇa*, 4.5.4.10, tradução de Eggeling, 1885].
[7] *Sāma-Veda*, 2.3.2.9.2, com variações. Sāyaṇa toma *anu akṛpetām* como *anukalpayetām*. Grassmann o deriva de *krap*, 'o céu e a terra ansiaram por ti, visto que tu golpeias, etc.'.
[8] *Sāma-Veda,* 2.3.2.9.3, com variações. Benfey toma *aṣṭāpadīm navasraktim* como referindo-se à métrica do hino. Assim também Grassmann. [Veja a nota 14].

685 - Hino 76. Indra (Griffith)

1. Para não me abandonar, eu invoco este Indra cercado por Maruts,
O Senhor da força mágica que governa com poder.
2. Este Indra com seus Amigos Marut partiu em pedaços a cabeça de Vṛtra
Com o raio de cem nós.
3. Indra, com Amigos Marut, fortalecido, dilacerou Vṛtra, e
Libertou as águas do mar.[9]

4. Este é o Indra que, cercado por Maruts, ganhou a luz do céu
Para que ele pudesse beber o suco Soma.
5. Poderoso, impetuoso, cercado por Maruts, a ele que ruge alto,
Indra nós invocamos com canções.
6. Indra cercado por Maruts nós invocamos segundo o plano antigo,
Para que ele possa beber o suco Soma.

7. Ó generoso Indra, cercado por Maruts, muito louvado Śatakratu, bebe
O Soma neste sacrifício.
8. A ti, ó Indra, cercado por Maruts, estes sucos Soma, Trovejante!
São oferecidos de coração com louvores.
9. Bebe, Indra, com teus Amigos Marut, o Soma espremido nos ritos da manhã,
Afiando o teu raio com força.

10. Erguendo-te em teu poder, tu sacodes as tuas mandíbulas, Indra, tendo bebido
O Soma que o pilão espremeu.
11. Indra, ambos os mundos se queixaram a ti[10] quando proferindo o teu rugido temível,[11]
Quando tu mataste os Dasyus.
12. A partir de Indra[12] eu medi uma canção de oito pés com nove partes,[13]
Delicada, fiel à Lei.[14]

Índice◄►Hino 77 (Griffith)

---

[9] Do firmamento ou oceano de ar.
[10] Aterrorizados.
[11] O significado de *krakṣamāṇam*, traduzido assim conjeturalmente, é incerto.
[12] Originando-se nele como seu objeto ou inspirador. [Jamison observa que a frase poderia ser 'Eu meço o discurso (começando a partir) de Indra'. - *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[13] Intimamente ligada ao sacrifício.
[14] O hino é composto de tercetos, cada um dos quais contém nove pādas, partes ou meias-linhas, de oito pés ou sílabas cada. Isto é, a métrica é octossilábica (8x3) e o terceto contém três estrofes nessa métrica, ou nove pādas octossilábicos.
["Eu componho por causa de Indra um hino de oito pés e nove linhas, rico em verdade sagrada". – Muir, *O. S. Texts,* III. 230].

686 - Hino 77. Indra (Wilson)[1]

(Sūkta VIII)

O Ṛṣi [Kurusuti Kāṇva] e o deus são os mesmos; a métrica dos primeiros nove versos é Gāyatrī, a do décimo verso é Bṛhatī e a do décimo primeiro é Satobṛhatī. [Três tṛcas e um bārhata pragātha].

Varga 29. **1**. Logo que ele nasceu Śatakratu questionou sua mãe: Quem são os poderosos, quem são os famosos?[2]
2. Sua forte mãe[3] respondeu: Aurṇavābha[4] e Ahīśuva,[5] sejam esses, meu filho, os inimigos a quem tu derrotarás.[6]
3. O matador de Vṛtra os arrastou como raios (são amarrados firmemente) com uma corda[7] no cubo de uma roda de carruagem; ele cresceu em vigor, o matador de inimigos.

4. Em um gole Indra bebeu de uma só vez trinta lagos cheios de Soma.[8]
5. Nos reinos (do céu), onde o pé não encontra nenhum lugar de apoio, Indra despedaçou a nuvem[9] para trazer crescimento para os brâmanes.[10]
Varga 30. **6**. Indra atingiu (a chuva) das nuvens com sua seta bem esticada, ele garantiu arroz cozido (para os homens).

7. Aquela única flecha tua, Indra, que tu tornas tua aliada, tem cem pontas, mil penas.
8. Imediatamente aumentado (pelas nossas oferendas), que tu, poderoso e firme, por meio dessa (arma) tragas (riqueza) para sustentar a nós teus louvadores, nossos filhos, e nossas esposas.

---

[1] [‘Este hino trata principalmente do obscuro mito de Emuṣa, um ato de infância de Indra. Tanto quanto pode ser averiguado, na versão rigvêdica (há versões vêdicas posteriores em prosa, por exemplo, a *Taittirīya Saṃhitā,* 6.2.4.2-3), o recém-nascido Indra, depois de um breve diálogo com sua mãe, pega um arco chamado Bunda e mata um javali chamado Emuṣa, permitindo-lhe capturar (ou Viṣṇu capturar para ele) uma quantidade específica de mingau de arroz, bem como alguns búfalos, que ele cozinha para seu pai e mãe. As passagens rigvêdicas mais importantes (e essencialmente as únicas) sobre esse mito além de 8.77 são 1.61.7, 8.45.4-5, 8.69.14-15 e 8.96.2’. – Jamison-Brereton. Veja também o Apêndice 4].

[“Outro mito dos *Brāhmaṇas* tem sua origem em duas passagens do Ṛgveda (1.61.7 e 8.77.10). Seu teor é que Viṣṇu, tendo bebido Soma e sendo incitado por Indra, levou 100 búfalos e uma bebida de leite pertencente ao javali (= Vṛtra), enquanto Indra, atirando através da montanha (nuvem), matou o javali (*emuṣam*) feroz. Esse mito se encontra na *Taittirīya Saṃhitā,* (6.2.4.2-3) desenvolvido do seguinte modo. Um javali, o saqueador de riquezas, guardava os bens dos Asuras no outro lado de sete colinas. Indra, arrancando um feixe de erva Kuśa e trespassando essas colinas, matou o javali. Viṣṇu, o sacrifício, levou o javali como um sacrifício para os deuses. Assim os deuses obtiveram os bens dos Asuras. Na passagem correspondente da *Kāṭhaka Saṃhitā* (IS. XI. p. 161) o javali é chamado de Emūṣa. A mesma história com leves variações é contada no *Caraka Brāhmaṇa* (citado por Sāyaṇa em 8.77.10). Esse javali aparece em caráter cosmogônico no *Śatapatha Brāhmaṇa* (14.1.2.11), onde, sob o nome de Emūṣa, afirma-se que ele ergueu a terra das águas. Na *Taittirīya Saṃhitā* (7.1.5.1) esse javali cosmogônico, quando ergueu a terra das águas primordiais, é descrito como uma forma de Prajāpati. Essa modificação do mito é ainda mais expandida no *Taittirīya Brāhmaṇa* (1.1.3.5). Na mitologia pós-vêdica do Rāmāyaṇa e dos Purāṇas o javali que ergue a terra tornou-se um dos Avatares de Viṣṇu”. – Macdonell, *Vedic Mythology*, 1897, p. 41].

[2] Compare com 8.45.4.

[3] [Śavasī].

[4] [‘Um descendente de Ūrṇavābhi (uma aranha)’. – Monier-Williams. Veja 2.11.18 e 8.32.26].

[5] Compare com 8.32.2,26 [e 10.144.3. ‘Aquele inchado como uma serpente’. – Jamison-Brereton].

[6] [‘Que eles sejam (teus) para derrotar, filho’. – Jamison-Brereton].

[7] Compare com a nota 10 em 8.72.8.

[8] Yāska comenta sobre esse verso no *Nirukta* v.11. Ele dá a explicação no texto como a dos cerimonialistas, que aplica o verso aos trinta vasos *uktha* apresentados na oferenda do meio-dia; os *nairuktāḥ* tomam o verso como uma referência aos quinze dias e noites nos quais a luz reunida da lua é gradualmente absorvida. Yāska evidentemente é incerto quanto ao significado da palavra *kāṇukā*, que ele explica de várias maneiras, seja como um plural neutro concordando com *sarāṃsi*, ou como um nominativo singular concordando com Indra.

[9] O gandharva, *Gandharvam*.

[10] *Brahmabhyaḥ*.

9. Esses gigantescos esforços de longo alcance[11] foram empregados por ti; tu os fixaste firmemente em teu pensamento.

10. O Sol de ampla travessia [= Viṣṇu de passos largos], enviado por ti, traz (para o mundo) todas essas (águas que tu criaste); ele traz centenas de bovinos e arroz cozido no leite; é Indra que mata o javali [Emuṣa[12]] que rouba água.[13]
11. É de tiro longo o teu arco bem-feito auspicioso, infalível é a tua flecha dourada; os teus dois braços guerreiros estão prontos equipados, derrubadores destrutivos, perfuradores destrutivos.[14]

Índice◄►Hino 78 (Wilson)

---

686 - Hino 77. Indra (Griffith)

1. Śatakratu mal era nascido quando à sua mãe ele perguntou,
Quem são os poderosos? Quem são os famosos?[15]
2. Então Śavasī [16] declarou-lhe Aurṇavābha,[17] Ahīśuva:
Filho, esses[18] sejam os que tu deves derrotar.
3. O matador de Vṛtra atingiu todos eles como raios são martelados em cubos;
O matador de Dasyus cresceu em força.

4. Então Indra em um único gole bebeu o conteúdo de trinta baldes,[19]
Que estavam cheios de suco Soma.

---

[11] *Cyautnāni* é geralmente explicado como 'poderes', 'energias'; aqui Sāyaṇa considera que ele se refere a 'as montanhas' como as sustentadoras ou esteios da terra. Compare com 7.99.3.
[12] ['O nome Emuṣa ocorre somente aqui no Ṛgveda'. – Jamison-Brereton].
[13] O escoliasta oferece duas interpretações desse verso. A primeira, a da escola gramatical (*nairukta*), é dada no texto. O sol (aqui chamado de Viṣṇu), como o portador da chuva, é dito trazer o gado e os alimentos que a chuva produz; o 'Javali' *varāha* é uma das personificações da nuvem quando atingida pelo raio de Indra (compare com *Nirukta* v. 4). A escola mitológica (*aitihāsika*) toma o verso mais literalmente, e sua explicação é dada no *Caraka Brāhmaṇa**. A lenda é, no entanto, contada mais distintamente na *Taittirīya Saṃhitā*, 6.2.4. Lá é relatado que 'o sacrifício personificado se escondeu dos deuses, e assumindo a forma de Viṣṇu entrou na terra. Os deuses, esticando as mãos, procuraram em agarrá-lo; mas, para onde quer que ele se virasse, Indra, ultrapassando-o, ficava na frente dele. Ele disse-lhe: 'Quem é este que, me ultrapassando, está sempre à minha frente?' Ele respondeu: 'Eu mato em lugares inacessíveis, mas quem és tu?' 'Eu posso trazer de lugares inacessíveis'. Em seguida ele lhe disse: 'Tu dizes que podes matar em lugares inacessíveis – se é assim, o javali *vāmamoṣa* (*vāmamuṣa* no *Caraka Brāh.*) guarda para os asuras, atrás das sete montanhas, a riqueza que os deuses devem obter; prova o teu título matando aquele javali'. Indra, agarrando um tufo de grama darbha, perfurou aquelas montanhas e o matou. Então ele disse ao sacrifício, 'Tu disseste que podes trazer de lugares inacessíveis; tira-o de lá'. Ele levou para fora todos os instrumentos de sacrifício (segundo o comentário o altar, jarros de soma, taças, etc.), e deu-os aos deuses'. A lenda do *Caraka* difere apenas ao fazer o javali se esconder atrás de vinte e uma cidades de pedra. As sete montanhas, de acordo com o escólio, são as quatro *dīkṣās* ou ritos de iniciação e as três *upasads;* o javali *vāmamoṣa* ('ladrão de coisas preciosas') é a cerimônia personificada de espremer o suco soma. Toda a lenda parece ter surgido a partir da presente passagem e daquela em 1.61.7.
[* 'Provavelmente um Brāhmaṇa de uma Śākhā perdida do Yajur-Veda Preto. Veja Max Müller, Ancient Sanskrit Literature, p. 369'. – Macdonell, JRAS, 1895, p. 180, no artigo *A Base Mitológica no Ṛgveda das Encarnações de Anão e Javali de Viṣṇu.* Veja a tradução parcial no Apêndice 4].
[14] Esse verso difícil é explicado no *Nirukta* de Yāska, vi.33; mas a sua explicação de *ṛdūpe cid ṛdūvṛdhā* é muito duvidosa e confusa, veja o comentário do Prof. Roth. O *Dicionário de São Petersburgo* explica as palavras 'como duas abelhas deliciando-se na doçura', considerando *ṛdu* como significando *mṛdu*, ou seja, o *madhu* ou suco-soma.
[15] Compare com 8.45.4.
[16] Ou, a Poderosa, a mãe de Indra.
[17] Ou filho de Ūrṇavābhi. [Veja a nota 4].
[18] E outros demônios, porque *te*, esses, é plural.
[19] Ou vasos; literalmente, lagos. O significado da palavra *kāṇukā* nessa estrofe é incerto. Ela parece ser um adjetivo qualificando *sarāṃsi*, baldes ou lagos. Veja a nota na tradução de Wilson [nota 8].

5. Indra nos reinos sem bases do espaço trespassou o Gandharva[20], para que ele
Pudesse fazer aumentar a força dos brâmanes.
6. Para baixo das montanhas Indra atirou para cá a sua flecha bem dirigida;
Ele ganhou a bebida pronta de arroz.[21]

7. Apenas uma[22] é aquela tua flecha, de mil penas, cem pontas,
A qual, Indra, tu tornaste tua amiga.
8. Forte como os Ṛbhus em teu nascimento, imediatamente, para aqueles que te louvam,
Homens e mulheres, traze alimento para comer.
9. Por ti essas façanhas foram realizadas, os feitos mais poderosos, abundantemente;
Firme em teu coração tu as fixaste.

10. Todas estas coisas[23] Viṣṇu trouxe, o Senhor de passo largo a quem tu enviaste –
Cem búfalos, uma bebida fermentada de arroz e leite, e Indra matou[24] o javali voraz.[25]
11. O mais mortal é o teu arco, bem-sucedido, bem moldado; boa é a tua seta, adornada com ouro. Guerreiros e bem equipados são os teus braços, que aumentam a doçura para aquele que bebe o doce.[26]

Índice◄►Hino 78 (Griffith)

---

687 - Hino 78. Indra (Wilson)

(Sūkta IX)

O Ṛṣi [Kurusuti Kāṇva] e o deus são os mesmos; a métrica é Gāyatrī, exceto no último verso, onde é Bṛhatī.

Varga 31. **1**. (Aceitando) a nossa oferenda de iguarias sacrificais, ó herói Indra, nos traze milhares e centenas de vacas.
2. Traze-nos condimentos, vacas, cavalos e óleo, (traze-nos) com eles (vasos) de ouro preciosos.[1]
3. Ó resoluto, nos traze muitos ornamentos para as orelhas; doador de habitações, tu és renomado.

4. Não há outro fomentador além de ti, nenhum divisor de despojos, nenhum concessor de dádivas; ó herói, não há (líder) do sacrificador além de ti.
5. Indra não pode ser abatido, ele não pode ser subjugado – ele ouve, ele vê tudo.

---

[20] Um ser celeste que vive na região do ar e protege o Soma celeste, isto é, a chuva. Veja 1.22.14 e 1.163.2. Segundo Sāyaṇa, o Gandharva é a própria nuvem de chuva, que Indra despedaçou, e assim libertou a água fertilizante.
[Muir traduz: 'Indra partiu o Gandharva nas névoas sem fundo'. – *O. S. Texts*, I. 250].
[21] A estrofe é explicada similarmente por Sāyaṇa. Indra atingiu a chuva das nuvens e obteve alimento para os homens.
[22] Só Indra é o manejador do raio.
[23] Os búfalos ou nuvens escuras, e o arroz e leite ou chuva fertilizante.
[24] O verbo é suprido por Sāyaṇa.
[25] [Emuṣa]. Vṛtra. Compare com 1.61.7, onde o ato é narrado de modo semelhante. Veja Prof. A. A. Macdonell, *Journal R. A. Society*, 1895, p. 186. [Apêndice 4].
[26] Essa é a interpretação de Ludwig de duas palavras muito difíceis que significam segundo a tradução de Wilson 'derrubadores destrutivos, perfuradores destrutivos'; segundo o *Léxico de São Petersburgo*, 'como duas abelhas deliciando-se na doçura', e, de acordo com Grassmann 'a doçura ama os teus dois lábios'.

[1] Sāyaṇa explica *manā* por *mananīyāni*, o *Dicionário de São Petersburgo* o toma como 'um recipiente' ou 'peso', isto é, 'com um peso de ouro'.

Varga 32. **6**. Incólume ele abate a ira dos mortais; antes que alguém possa censurá-lo, ele o destrói.

7. O estômago do bebedor de Soma, o ávido matador de Vṛtra, é enchido pela oferenda do sacrificador.
8. Em ti, bebedor de Soma,[2] há tesouros acumulados, e todas as coisas preciosas e dádivas sem mácula.
9. Para ti o meu desejo corre, procurando cevada,[3] vacas e ouro – para ti ele corre procurando cavalos.

10. Eu pego a minha foice também na mão, Indra, com uma oração a ti; a enche, Maghavan, com um punhado de cevada já cortada ou empilhada.[4]

Índice◄►Hino 79 (Wilson)

---

687 - Hino 78. Indra (Griffith)

1. Traze-nos mil,[5] Indra, como a nossa recompensa pelo suco Soma;
Centenas de vacas, ó Herói, traze.
2. Traze gado, traze-nos ornamentos, traze-nos embelezamento e corcéis,
Dá-nos, além disso, dois anéis de ouro.[6]
3. E, Ousado, traze em grande quantidade ricas joias para adornar as orelhas,
Pois tu, Bom Senhor, és muito famoso.

4. Não há nenhum outro para o sacerdote, Herói! exceto tu para dar-lhe presentes,
Para ganhar muitos despojos e torná-lo próspero.
5. Indra nunca pode ser abatido, Śakra nunca pode ser subjugado:
Ele ouve e vê tudo.
6. Ele percebe a ira do homem, ele que nunca pode ser enganado:
Antes que a crítica venha ele a percebe.

7. Ele tem seu estômago cheio de força, o matador de Vṛtra, Conquistador,
O Bebedor de Soma, que ordena todos.
8. Em ti todos os tesouros estão reunidos, Soma![7] todas as coisas abençoadas em ti,
Incólumes, fáceis de dar.
9. Para ti corre a minha esperança que almeja a doação de grãos, e vacas e ouro,
De fato, desejando cavalos, corre para ti.

10. Indra, por esperança em ti somente eu pego esta foice. Enche a minha mão, Maghavan, com tudo o que ela possa segurar de cevada cortada ou recolhida.[8]

Índice◄►Hino 79 (Griffith)

---

[2] Isto é, Soma, aqui aplicado a Indra, como possuidor dele (*somavan*), ou como identificado com ele depois de bebê-lo.
[3] *Yava* propriamente significa cevada, mas pode ser usada aqui em geral. O *Dicionário de São Petersburgo* observa *sub voce* que, no *Atharvaveda*, e ainda mais nos *Brāhmaṇas*, *yava* e *vrīhi* (arroz) são os principais tipos de grãos, enquanto que o arroz não é mencionado pelo nome no Ṛgveda.
[4] Parece como se o campo fosse estéril e o poeta pedisse para Indra uma colheita que ele não semeou.
[5] *Vacas*, subentendido.
[6] O significado de *manā* é aqui um tanto duvidoso. Veja Max Müller, *India, What can it teach us?* p. 125, 126.
[7] Dito aqui significar o próprio Indra.
[8] [Veja a nota 4].

688 - Hino 79. Soma (Wilson)

(Sūkta X)

O Ṛṣi é Kṛtnu da linhagem de Bhṛgu; o deus é Soma; a métrica é Gāyatrī, exceto no último verso, onde é Anuṣṭubh.

Varga 33. **1**. Este Soma criador de tudo, obstruído por ninguém, o conquistador de tudo, o produtor de fruto,[1] o vidente, o sábio, (está a ser louvado) com um hino.
2. Ele cobre o que está nu, ele cura tudo o que está doente, o cego vê, o coxo anda.
3. Soma, tu nos ofereces um amplo abrigo contra as inimizades devastadoras forjadas pelos nossos inimigos.[2]
4. Ó Ṛjīṣin,[3] por tua sabedoria e poder afasta a inimizade de nosso opressor do céu e da terra.
5. Os peticionários buscam riquezas, eles cuidam da recompensa do generoso; (por ti) os homens derramam o desejo do sedento.
Varga 34. **6**. (Soma) o incita adiante quando o sacrificador obtém (por meio de oferendas) a sua antiga riqueza perdida, ele prolonga a sua vida sem fim.[4]
7. Muito bondoso e concessor de alegria, desprovido de orgulho em teus atos e infalível, reside, Soma, auspiciosamente em nossos corações.
8. Ó Soma, não nos faças tremer, não nos assustes, ó rei; não castigues os nossos corações com teu esplendor.
9. Quando em minha casa eu vigio contra os inimigos dos deuses, então, ó rei, afasta aqueles que nos odeiam – ó derramador de bênçãos, afasta aqueles que querem nos prejudicar.

Índice◄►Hino 80 (Wilson)

688 - Hino 79. Soma (Griffith)

1. Este aqui é o Soma, irreprimível, ativo, todo-conquistador, que irrompe,[5]
Ṛṣi e Sábio por sapiência,[6]
2. Tudo o que está despido ele cobre, tudo o que está doente ele remedeia;
O cego vê, o aleijado anda.
3. Tu, Soma, dás ampla defesa contra o ódio dos homens estrangeiros,
Ódios que nos assolam e nos enfraquecem.
4. Tu por tua percepção e tua habilidade, Impetuoso,[7] do céu e da terra
Afastas a inimizade do pecador.

---

[1] *Viśvajit* e *Udbhid* são também os nomes de duas cerimônias de Soma especiais, e o Soma pode ser abordado sob esses nomes como o principal meio de sua realização.
[2] *Yajur-Veda Branco*, 5.35. Sāyaṇa parece tomar *yantāsi* como *bhavasi;* Mahīdhara o explica 'tu o repressor (*yantā)* de inimizades, etc., tu és um amplo abrigo'.
[3] Isto é, tu que possuis os restos do Soma, oferecidos na terceira *savana*, compare com a *Taittirīya Saṃhitā,* 6.1.6.3-4.
[4] Não há comentário para esse último trecho.
[5] Segundo Sāyaṇa, que faz surgir (o fruto) [ou resultado].
[6] ['Este Soma inquieto – você tenta agarrá-lo, mas ele se solta e domina tudo'. – Deepak Sarma, *Hinduism: A Reader*, 2008].
[7] *Ṛjīṣin;* segundo Sāyaṇa, 'possuidor dos restos ou resíduos do suco Soma oferecidos na terceira *savana'.*

5. Quando para a sua tarefa eles[8] vêm com zelo, que eles obtenham a graça do Doador,[9]
E satisfaçam os desejos dele[10] que tem sede.[11]
6. Então que ele possa encontrar o que foi perdido antigamente, então que ele ajude o homem piedoso e prolongue a sua vida restante.
7. Bondoso, exibindo amor terno, invicto, amável em teus pensamentos,
Sê doce, ó Soma, para o nosso coração.
8. Ó Soma, não nos aterrorizes, não nos atinjas com alarme, ó rei;
Não firas o nosso coração com a chama ofuscante.
9. Quando em minha casa eu vir os perversos inimigos[12] dos Deuses,
Rei, afasta o seu ódio para longe, ó Generoso, dissipa os nossos inimigos.[13]

Índice◄►Hino 80 (Griffith)

---

689 - Hino 80. Indra (Wilson)

(Sūkta XI)

O Ṛṣi é Ekadyū, o filho de Nodhas[1]; o deus dos primeiros nove versos é Indra, do último os Devas; a métrica é Gāyatrī, exceto no último verso, onde é Triṣṭubh.

Varga 35. **1**. Além de ti, Śatakratu, eu não conheço outro concessor de felicidade; Indra, que tu nos faças felizes.
2. Ó tu, o invulnerável, que antigamente sempre nos protegeste para a batalha, que tu, Indra, nos faças felizes.
3. Guia do adorador, tu és o guardião do ofertante; ajuda-nos poderosamente.
4. Indra, protege a nossa carruagem; ainda que agora deixada para trás, a coloca na frente, ó trovejante.
5. Levanta-te, porque tu estás sentado imóvel? faze do nosso carro o primeiro; a nossa oferenda buscadora de alimentos[2] está perto de ti.
Varga 36. **6**. Protege o nosso carro buscador de alimentos; tudo é fácil para ti; nos torna totalmente vitoriosos.
7. Indra, sê firme (em batalha), tu és (forte como) uma cidade;[3] para ti, o repulsor (de inimigos),[4] vem este sacrifício auspicioso, oferecido no devido tempo.
8. Não deixes o opróbrio chegar até nós; a meta está muito longe; lá está a riqueza armazenada; que os nossos inimigos sejam excluídos.

---

8 Os sacerdotes.
9 Do generoso Indra.
10 De Indra, que anseia por libações de Soma.
11 ['Que aqueles que procuram encontrem o que procuram: que eles recebam o tesouro dado pelo generoso e impeçam os gananciosos de obterem o que eles querem'. – Deepak Sarma].
12 Ou, as inimizades; ou seja, quando eu vir que os Deuses estão insatisfeitos comigo.
13 ['Dê auxílio, quando você vir os planos malignos dos deuses em nossa própria casa. Rei generoso, mantenha longe os ódios, mantenha longe as falhas'. – Deepak Sarma].

1 [Veja a nota 14].
2 A frase pode, talvez, significar: 'a corrida é gloriosa e rápida'.
3 Ou, de acordo com outra interpretação, 'sê firmemente estabelecido (em nosso sacrifício), tu és o realizador de desejos'.
4 *Niṣkṛtam* é aqui tomado ativamente, ou seja, *niṣkartāram*. Ele também pode ser tomado passivamente, 'este sacrifício auspicioso vem para o teu (lugar) designado'.

9. Quando tu assumes o teu quarto nome sacrifical,[5] nós ansiamos por ele; então tu imediatamente nos carregas como um protetor.
10. Ó deuses imortais e todas vocês deusas, Ekadyū os honrou (com seu louvor) e os alegrou (com suas oferendas de Soma); tornem a sua riqueza abundante; e que (Indra), que premia os atos piedosos com prosperidade, venha rapidamente de manhã.

Índice◄►Hino 81 (Wilson)

689 - Hino 80. Indra (Griffith)

1. Ó Śatakratu! Realmente eu não fiz de nenhum outro o meu Consolador.
Indra, compadece-te de nós.
2. Tu que antigamente sempre nos ajudaste a ganhar os despojos,
Como tal, Indra, nos favorece.
3. E agora? Como motivador[6] dos pobres tu ajudas aquele que derrama o suco.
Tu não irás, Indra, nos fortalecer?
4. Ó Indra, favorece a nossa carruagem, de fato, Tonante, mesmo que ela fique para trás;
Dá a este meu carro o lugar principal.[7]
5. Ei tu aí![8] porque estás sentado à vontade? Faze a minha carruagem ser a primeira,
E traze a fama da vitória para perto.
6. Ajuda o nosso carro que procura o prêmio. O que pode ser mais fácil para ti?
Então nos torna vitoriosos.
7. Indra, sê firme: tu és uma fortaleza.[9] Para o teu lugar determinado[10] vai
O hino auspicioso no devido tempo.
8. Não deixes que a nossa sina seja a desgraça. Larga é a rota, o prêmio está definido,
As barreiras estão bem abertas.
9. Isto nós desejamos: que tu assumas o teu quarto nome, o teu nome sacrifical.[11]
Então és tu considerado o nosso Senhor.
10. Ekadyū[12] exaltou vocês, Imortais; ele alegrou Deusas e Deuses. Concedam-lhe recompensas dignas de elogios. Que ele, enriquecido com a prece,[13] venha logo e cedo.[14]

Índice◄►Hino 81 (Griffith)

[5] Os quatro nomes são explicados como: o nome *nakṣatra* ou de constelação, (isto é, *Arjuna*, como conectado com a constelação Arjunyau ou Phalgunyau? Veja o *Śatapatha Brāhmaṇa* 2.1.2.11, onde ele é, no entanto, chamado de nome oculto), o nome oculto, o nome revelado, e o nome sacrifical *somayājin*.
[6] [*Auxiliador*. – Muir].
[7] O hino é uma prece por sucesso em uma vindoura corrida de carruagens.
[8] ['Os comandos abruptos e apartes quase insolentes dirigidos ao grande deus continuam o tom estabelecido nos versos anteriores'. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[9] ['Uma muralha de proteção'. – Muir].
[10] 'Para ti, o repulsor (de inimigos)'. – Wilson.
[11] Os outros três, segundo Sāyaṇa, são o nome de constelação, o nome secreto, e o nome revelado.
[12] O vidente do hino. Os Deuses em geral são as divindades dessa estrofe.
[13] Indra, exaltado pelo nosso hino.
[14] [Essa última frase encerra os hinos 58 e 60-64 do Livro 1, cujo autor é Nodhas Gautama].

690 - Hino 81. Indra (Wilson)

(Anuvāka 9. Continuação do Adhyāya 5. Sūkta I)[1]

O Ṛṣi é Kusīdin o filho de Kaṇva; o deus é Indra; a métrica Gāyatrī.

Varga 37. **1**.[2] Indra, senhor de mão forte, pega para nós com a tua mão direita (riquezas) maravilhosas incitadoras de louvor, dignas de serem pegas.
2.[3] Nós te conhecemos como o realizador de muitos grandes atos, o concessor de muitas dádivas, o senhor de muita riqueza, vasto em tamanho, e cheio de proteção (para os teus adoradores).
3. Herói, quando tu desejas dar, nem deuses nem homens podem te deter, como (eles não podem deter) um touro terrível.

4. Corram para cá, vamos glorificar Indra o senhor da riqueza, o autorresplandecente, que ninguém nos atormente por sua riqueza.
5. Que (Indra) cante o prelúdio, que ele cante o acompanhamento,[4] que ele ouça o nosso hino enquanto é cantado; que ele, dotado de riqueza, nos aceite favoravelmente.
Varga 37. **6**. Traze-nos (presentes) com a tua mão direita, e com a esquerda os concede a nós; não nos excluas, Indra, da riqueza.

7. Vem e nos traze, intrépido, com a tua (mente) resoluta, a riqueza daquele que é preeminentemente um avarento entre os homens.
8. Ó Indra, dá-nos abundantemente aquela riqueza que é tua, e que é para ser obtida pelos sábios (adoradores).
9. Que as tuas riquezas que regozijam a todos cheguem a nós rapidamente; cheios de desejos, os homens imediatamente oferecem seus louvores.

Índice◄►Hino 82 (Wilson)

---

690 - Hino 81. Indra (Griffith)

1. Indra, deus de braço forte, coleta para nós com a tua mão direita
Despojos variados e nutritivos.
2. Nós te conhecemos, poderoso em teus atos, de generosidade imensa, riqueza imensa,
Imenso em extensão, pronto a ajudar.
3. Herói, quando tu desejas dar nem Deuses nem os homens mortais podem
Conter-te, como um touro temível.

4. Venham, vamos glorificar Indra, o Senhor Supremo da riqueza, Rei autogovernante;
Em recompensa que ele não nos prejudique.
5. Que o prelúdio soe[5] e o seguinte cante de modo que ele ouça o Sāman cantado,
E com sua generosidade nos responda.

---

[1] [O *Ṛgvidhāna* 2.34.4b-5a observa que com esse Sūkta 'deve-se pedir continuamente riquezas ao destruidor de castelos; para o (homem que faz isso) segurando combustível nas mãos, o matador de Vṛtra dá riquezas'. – Tradução de Gonda, 1951].
[2] *Sāma-Veda* 1.2.2.3.3; 2.1.2.6.1.
[3] Esse e o seguinte ocorrem no *Sāma-Veda* 2.1.2.6.2-3.
[4] Ou seja, que ele aja como o *prastotṛ* [um assistente do sacerdote Udgātṛ que canta o *prastāva* ou prelúdio do canto Sāman] e o *upagātṛ* [o que acompanha a música do sacerdote Udgātṛi, um cantor]*;* para as funções desses assistentes em um Sāman veja as notas do Prof. Haug, *Aitareya Brāhmaṇa* 3.23 e 7.1.
[5] *Pra stoṣad upagāsiṣac:* que o *prastotar* e o *udgatar*, dois dos sacerdotes oficiantes no canto de um Sāman, cumpram as suas funções: o primeiro cantando o prelúdio e o último o acompanhamento.

6. Ó Indra, com a tua mão direita traze, e com a tua esquerda nos gratifica.
Que não percamos a nossa quota de riquezas.

7. Aproxima-te, ó Ousado, corajosamente traze as riquezas do avarento
Que dá menos de todo o povo.
8. Indra, o espólio que tens com os cantores sagrados para receber,
Esse mesmo espólio ganha conosco.[6]
9. Indra, o teu despojo que vem rapidamente, a recompensa que alegra a todos,
Soa rápida em conjunto com as nossas esperanças.[7]

Índice◄►Hino 82 (Griffith)

---

691 - Hino 82. Indra (Wilson)

(Adhyāya 6. Continuação do Anuvāka 9. Sūkta II)

O Ṛṣi [Kusīdin Kāṇva], o deus, e a métrica [Gāyatrī] são os mesmos que no hino anterior.

Varga 1. **1**. Apressa-te, matador de Vṛtra, de longe ou de perto, para as estimulantes (libações de Soma) no sacrifício.
2. Vem aqui, o forte Soma inebriante é derramado; bebe, pois tu és corajosamente devotado a ele.
3. Regozija-te com este alimento – que ele imediatamente ajude a (saciar) a tua ira repressora de inimigos, que ele produza felicidade, Indra, em teu coração.

4. Ó tu que não tens inimigos, vem cá; tu és chamado do céu resplandecente para os hinos neste nosso rito próximo neste mundo iluminado (pelos fogos sagrados).[1]
5. Indra, este Soma, derramado para ti pelas pedras e misturado com leite, é oferecido auspiciosamente (no fogo) para a tua alegria.
Varga 2. **6**. Indra, ouve com predileção o meu chamado; está presente no consumo desta nossa libação misturada com leite, e fica satisfeito.

7. O Soma que foi derramado em taças e em tigelas[2] para ti, bebe, Indra – tu és o soberano.[3]
8. O Soma que é visto nos vasos[4] como a lua (refletida) nas águas, bebe, – tu és o soberano.
9. O Soma que o falcão[5] levou para ti com seus pés, tendo-o conquistado, até então inviolável, dos (guardiões dos mundos) superiores, bebe, – tu és o soberano.

Índice◄►Hino 83 (Wilson)

---

[6] Faze de nós os teus aliados.
[7] Respostas à nossa expectativa. Talvez, como Ludwig pensa, a palavra 'soa' se refira ao rebanho de gado que provavelmente constituía o despojo que é mencionado.

[1] Seria mais óbvio tomar *upame rocane divaḥ*, com o *Dicionário de São Petersburgo*, como 'no mais alto esplendor do céu'. Sāyaṇa, no entanto, toma *divaḥ* como 'do mundo do céu iluminado por seu próprio esplendor', isto é, pelas divindades que residem lá.
[2] As libações de Soma são derramadas a partir de dois tipos de recipientes, os *camasas*, isto é, copos, e os *grahas*, ou pires (aqui chamados *camū),* compare com Haug, *Aitareya Brāhmaṇa* trad. p. 118.
[3] *Sāma-Veda*, 1.2.2.2.8.
[4] Isto é, que é assim visto nos oito *grahas*. Sāyaṇa dá outra interpretação de *apsu* 'nas águas' como *antarikṣe* 'no céu', *nirmalatayā*, o Soma sendo comparado à lua pela sua pureza. [Veja também a nota 6].
[5] Isso é uma alusão à lenda contada na *Taittirīya Saṃhitā,* 6.1.4 (veja também o *Aitareya Brāhmaṇa* 3.25-27), que conta como a Gāyatrī como um falcão trouxe o Soma do céu. As porções que ela pegou com os pés se tornaram a libação da manhã e do meio-dia, aquela que ela agarrou com o bico se tornou a libação da noite.

691 - Hino 82. Indra (Griffith)

1. Corre em direção a nós de longe, ou, matador de Vṛtra, de perto,
Para receber a oferenda de hidromel.
2. Fortes são as doses de Soma; aproxima-te: os sucos vão te encher de alegria;
Bebe audazmente assim como tu estás acostumado.
3. Alegra-te, Indra, com o alimento fortalecedor; que ele satisfaça o teu desejo e propósito,
E seja agradável para o teu coração.

4. Vem a nós tu que não tens inimigos; nós te chamamos para os hinos de louvor,
No reino de luz mais sublime do céu.
5. Este Soma aqui espremido com pedras e preparado com leite para o teu brinde,
Indra, é oferecido a ti.
6. Benevolentemente, Indra, ouve o meu chamado. Vem e obtém a dose, e sacia-te
Com sucos misturados com leite.

7. O Soma, Indra, que é derramado em cálices e tinas para ti,
Bebe, pois tu és o Senhor dele.
8. O Soma visto dentro das tinas, como no lago a Lua[6] é vista,
Bebe, pois tu és o Senhor dele.
9. Aquele que o falcão[7] trouxe em suas garras, inviolado, através do ar para ti,
Bebe, pois tu és o Senhor dele.

Índice◄►Hino 83 (Griffith)

692 - Hino 83. Viśvedevas (Wilson)

(Sūkta III)

O Ṛṣi [Kusīdin Kāṇva] e a métrica [Gāyatrī] são os mesmos que no hino anterior; os deuses são os Viśve Devāḥ.

Varga 3. **1**.[1] Nós pedimos aquela proteção poderosa das divindades derramadoras de desejos em nosso próprio nome, para o nosso próprio auxílio.
2. Que esses (deuses), Varuṇa, Mitra e Aryaman, sejam sempre os nossos aliados e sapientíssimos auxiliadores.
3. Aurigas do sacrifício, que vocês nos conduzam através das muitas (forças) espalhadas (de nossos inimigos)[2] como em navios através das águas.

4. Seja nossa a riqueza, Aryaman – riqueza digna de ser louvada, Varuṇa; essa é a riqueza que nós pedimos.

---

[6] Uma alusão ao duplo significado de Soma, a planta e seu suco, e a Lua. ['O Soma cintilando nas taças é comparado à lua brilhando sobre as águas'. – Muir, *O. S. Texts* V. 271, nota].
[7] Veja 1.80.2 e 1.93.6.

---

[1] *Sāma-Veda,* 1.2.1.5.4.
[2] O comentário de Sāyaṇa não é muito claro, mas eu o considerei como em 2.27.7. [Com algumas alterações a interpretação dele seria], 'levem os nossos (sacrifícios) à conclusão através das muitas (forças) espalhadas (de nossos inimigos)'.

5. Poderosos em sabedoria, repulsores de inimigos, vocês são os senhores da riqueza; que não seja minha a riqueza, Ādityas,[3] que pertence ao pecado.
Varga 4. **6**. Deuses generosos, se nós vivemos em casa ou vamos para a estrada,[4] nós os invocamos só para serem nutridos pelas nossas oblações.[5]

7.[6] Venham a nós, Indra, Viṣṇu, Maruts e Ādityas, do meio desses seus irmãos.[7]
8. (Deuses) generosos, nós imediatamente proclamaremos em voz alta aquela fraternidade de vocês no ventre de sua mãe, (primeiro) em união comum, então como nascidos de maneira diversa.[8]
9. (Deuses) generosos com Indra como seu chefe, estejam presentes aqui com seu brilho; eu os louvo repetidamente.

Índice◄►Hino 84 (Wilson)

---

692 - Hino 83. Viśvedevas (Griffith)

1. Nós escolhemos para nós mesmos aquela grande proteção dos Deuses Poderosos
Para que ela possa nos ajudar e nos socorrer.
2. Que eles sejam sempre os nossos aliados, Varuṇa, Mitra, Aryaman,
Deuses que enxergam longe que nos fazem prosperar.
3. Ó promotores da Lei Sagrada, nos transportem seguros sobre muitos problemas,
Como sobre as inundações de água em barcos.

4. Que haja riqueza preciosa para nós, Aryaman, Varuṇa, riqueza preciosa digna de louvor,
Riqueza preciosa nós escolhemos para nós mesmos.
5. Pois vocês são Soberanos da riqueza preciosa, Ādityas, não da riqueza do pecador,
Ó Deuses sapientes que matam o inimigo.
6. Nós em nossas casas, ó Generosos, e enquanto viajamos na estrada,
Invocamos vocês, Deuses, para nos tornarem prósperos.

7. Deem atenção a nós, Indra, Viṣṇu, aqui, ó Aśvins e a hoste Marut,
A nós que somos amigos e parentes de vocês.
8. Ó Generosos, desde os tempos antigos nós aqui mostramos nossa fraternidade,
Nosso parentesco no ventre da mãe.[9]
9. Então venham com Indra como seu chefe, no início do dia, ó Deuses Generosos,
De fato, eu me dirijo a vocês agora para isso.

Índice◄►Hino 84 (Griffith)

---

[3] Eu penso que *na* é omitido no comentário antes de *prāpnotu*.
[4] A escólio explica: 'quer permaneçamos em casa para realizar o Agnihotra, etc., ou saiamos nas estradas para coletar combustível, etc.'.
[5] Ou 'para nos enriquecer com riquezas'.
[6] *Yajur-Veda Branco*, 33.47.
[7] Ou seja, Mitra, etc.
[8] Isso alude a uma lenda contada parcialmente na *Taittirīya Saṃhitā* 6.5.6. Lá Aditi é representada como oferecendo determinada oferenda aos deuses, e como concebendo quatro dos Ādityas ao comer o resto que eles deram a ela. Pensando em conceber uma prole ainda mais nobre, ela em seguida come toda a segunda oferenda ela mesma, mas só concebe um ovo estéril. Ela, então, oferece a terceira oferta aos Ādityas e concebe Vivasvat. Mas essa lenda não diz nada do nascimento de Pūṣan e Aryaman como aludido pelo escoliasta.
[9] Como filhos comuns de Aditi, a mãe em geral de todos os seres vivos.

693 - Hino 84. Agni (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus é Agni; o Ṛṣi é Uśanas[1] o filho de Kavi; a métrica é Gāyatrī.

Varga 5. **1**.[2] Eu louvo Agni o seu hóspede mais amado, querido como um amigo, que traz riquezas como uma carruagem;
2.[3] A quem os deuses colocaram como um vidente sábio em uma função dupla entre os mortais.[4]
3.[5] Sempre jovem (Agni), protege os teus ofertantes, ouve os nossos louvores, e que tu mesmo protejas a nossa prole.

4. Divino Agni, Aṅgiras, filho do alimento,[6] com qual voz (eu devo proferir) o meu louvor a ti, o mais excelente escarnecedor de inimigos?[7]
5. Filho da força, quais (oferendas) do adorador nós devemos apresentar-te com mente devotada, e quando eu devo proferir para ti este louvor?
Varga 6. **6**. Faze com que todos os nossos louvores nos tragam excelentes habitações e abundância de riqueza em alimentos.

7.[8] As muitas oferendas de quem tu alegras, Agni – tu que és o senhor da casa,[9] e cujos louvores trazem profusão de vacas?
8. Eles o mantêm brilhante em suas casas, (Agni,) famoso por feitos gloriosos, o poderoso que pressiona adiante em batalhas.
9. Aquele que vive em casa com todas as proteções eficientes, a quem ninguém pode prejudicar, mas que prejudica (seus inimigos) – ele, Agni, (o teu adorador,) se torna forte com filhos heroicos.

Índice◄►Hino 85 (Wilson)

---

693 - Hino 84. Agni (Griffith)

1. Agni, o seu hóspede mais querido, eu louvo, a ele que é afetuoso como um amigo,
Que nos traz riquezas como um carro.
2. Que como um sábio que vê longe os Deuses, desde os tempos antigos,
Estabeleceram entre os homens mortais.[10]
3. Que tu, Deus mais jovem, protejas os homens que oferecem, ouças as suas canções,

---

[1] [Veja abaixo a nota na versão de Haug].
[2] *Sāma-Veda*, 1.1.1.1.5; 2.5.1.18.1.
[3] *Sāma-Veda*, 2.5.1.18.2, [com variações].
[4] As duas funções de Agni são os fogos Gārhapatya e Āhavanīya, ou isso pode se referir aos seus ofícios ligados ao sacrifício no céu e na terra.
[5] *Sāma-Veda*, 2.5.1.18.3. *Yajur-Veda Branco*, 13.52.
[6] Sāyaṇa aqui como em outros lugares dá a tradução alternativa 'neto da oferenda sacrifical'.
[7] [Veja a versão de Haug].
Esse e os dois seguintes ocorrem no *Sāma-Veda*, 2.7.2.6.1-3. Para uma explicação diferente de *varāya manyave* veja 8.82.3.
[8] *Sāma-Veda*, 1.1.1.3.14, [com variações].
[9] Sāyaṇa toma *dampate* como *jāyāpatisvarūpa*, visto que Agni permanece no fogo *gārhapatya*, mas compare com 8.69.16. O último trecho pode significar 'cujos louvores são ouvidos no rito que traz profusão de vacas'.
[10] ['De acordo com Geldner (provavelmente corretamente), esse verso se refere à fuga de Agni e posterior descoberta e reinstalação pelos deuses'. – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].

E por ti mesmo preserves a sua semente.[11]

4. Qual é o louvor com o qual, ó Deus, Aṅgiras, Agni, Filho da Força,
Nós, conforme o teu próprio desejo e pensamento,
5. Podemos servir a ti, ó Filho do Poder, e com qual plano de sacrifício?
Qual prece eu devo fazer a ti agora?
6. Nosso Deus, faze todos nós vivermos em residências felizes, e
Recompensa as nossas canções com despojos e riquezas.

7. Senhor da casa, qual abundância satisfaz as canções que tu inspiras agora,
Tu cujo hino ajuda a ganhar as vacas?
8. A ele Sábio e Forte eles glorificam, o principal Campeão na luta,
E poderoso em sua morada.
9. Agni, permanece em repouso e paz aquele[12] que golpeia e ninguém golpeia em resposta; com filhos heróis ele prospera bem.

Índice◄►Hino 85 (Griffith)

693 - Hino 84. Agni (Haug)

Atribuído a Kāvya Uśanas[13], a quem o Zend Avesta conhece pelo nome de Kavi Us, e o Shahnamah [Shahnameh, o Livro dos Reis] pelo de Kai Kavus.

1. Eu louvo o seu convidado mais amado, Agni (o fogo) que é como uma carruagem carregada de bens, (como alguém louva) um amigo querido.
2. (Eu louvo a ele) a quem os deuses atribuíram uma dupla residência (no céu e na terra), a quem eles colocaram entre os mortais como um sábio previdente.
3. Protege, ó mais jovem! Os homens que te honram com presentes. Ouve as preces deles, e protege os seus corpos e os seus filhos.
4. Com qual voz nós devemos te louvar, ó fogo brilhante! tu que és o filho da força, a ti, como o espírito excelente, ó Deus?
5. Por qual sacrifício, ó filho do poder, eu posso proferir este louvor através da minha mente?
6. Que tu nos forneças bons alojamentos, e (reveles para nós) canções para obter alimento e riqueza.

---

[11] Ou, e protejas a nossa prole e a nós mesmos.
[*Vājasaneyi Saṃhitā (Yajur-Veda Branco),* 13.52. O *Śatapatha Brāhmaṇa* 7.5.2.39 traduz e explica o verso: "'Protege, ó mais jovem, os homens do adorador generoso', o adorador generoso é o sacrificador, e os homens são o povo, - 'ouve as canções!', isto é, ouve o hino de louvor! - 'protege os parentes e o próprio', os parentes (família) significa prole: então, 'protege a ambos, a prole (do sacrificador) e a ele mesmo'". – Tradução de Eggeling].
[12] O adorador fiel.
[13] Os brâmanes o reivindicam como um membro da sua própria casta, embora eles afirmem que ele era o professor dos Asuras (ou adoradores de Ahura Mazda – Ormuzd). Eles agora o identificam com o planeta Vênus e o chamam em geral de Śukra Ācārya. Segundo uma lenda contada no primeiro Parva do Mahābhārata [cap. 76. p. 169 da tradução em português], ele compreendia a arte de despertar corpos mortos. Com os Parses ele também desfruta de grande fama até hoje em dia. Os Desturs [sacerdotes] quando celebram um casamento desejam que o casal se torne 'tão brilhante quando Kai Kavus, tão piedoso quando Zarathustra Spitama (Zoroastro)', etc. Em todo o Zend Avesta não encontramos em lugar nenhum um único verso atribuído a esse personagem antigo, que viveu muito tempo antes de Zoroastro. O mais interessante é encontrar alguns fragmentos desse antigo poeta e sábio registrado nos Vedas. O hino que é atribuído a ele não revela de modo algum uma origem moderna. A linguagem é muito antiga, e não há muita base para duvidar de que nós temos nesta pequena canção uma composição genuína do reputado professor dos Asuras (isto é, ancestrais dos parses), os inimigos dos devas indianos.

7. Os diversos pensamentos de quem tu agora favoreces, ó pai da casa (Agni), para que ele possa obter tuas canções para adquirir vacas (riqueza)?
8-9. *[Não traduzidos porque 'ao que tudo indica eles são apenas acrescentados ao hino'].*

Índice◄►Hino 85 (Griffith)

694 - Hino 85. Aśvins (Wilson)

(Sūkta V)

Os deuses são os Aśvins; o Ṛṣi é Kṛṣṇa da família de Aṅgiras; a métrica é Gāyatrī.

Varga 7. **1**. Nāsatyas, Aśvins, venham à minha invocação, para que vocês possam beber o Soma alegrador.
2. Aśvins, ouçam este meu hino, esta minha invocação, para que vocês possam beber o Soma alegrador.
3. Kṛṣṇa invoca vocês, Aśvins ricos em sacrifícios, para que vocês possam beber o Soma alegrador.

4. Líderes (de todos), ouçam a invocação de Kṛṣṇa, o louvador, que os glorifica, para que vocês possam beber o Soma alegrador.
5. Líderes, deem ao sábio que os louva uma habitação inatacável, para que vocês possam beber o Soma alegrador.
Varga 8. **6**. Aśvins, venham à casa do ofertante que os louva dessa maneira, para que vocês possam beber o Soma alegrador.

7. Vocês que possuem riqueza que se derrama, atrelem o burro à sua carruagem firmemente construída, para que vocês possam beber o Soma alegrador.[1]
8. Aśvins, venham aqui com seu carro triangular de três assentos[2], para que vocês possam beber o Soma alegrador.
9. Nāsatyas, Aśvins, corram rapidamente para os meus louvores, para que vocês possam beber o Soma alegrador.

Índice◄►Hino 86 (Wilson)

694 - Hino 85. Aśvins (Griffith)

1. Para esta minha invocação, ó Aśvins, ó Nāsatyas, venham,
Para beber o saboroso suco Soma.
2. Este meu louvor, ó Dois Aśvins, e este meu convite ouçam,
Para beber o saboroso suco Soma.
3. Aqui Kṛṣṇa está invocando vocês, ó Aśvins, senhores de vasta riqueza,
Para beber o saboroso suco Soma.

4. Ouçam, Heróis, o chamado do cantor, o chamado de Kṛṣṇa que os louva,
Para beber o saboroso suco Soma.

---

[1] O *Yajur-Veda Branco,* 11.13, tem parte desse verso, mas muito dele é bem diferente. Sāyaṇa toma o verso como dirigido aos Aśvins, Mahīdhara como dirigido ao sacerdote *adhvaryu* e ao sacrificador, ou ao sacrificador e sua esposa.
[2] Para *trivandhureṇa* compare com 1.34.9; 1.47.2; 8.22.5, etc. Sāyaṇa oscila continuamente em sua interpretação; aqui ele o toma como 'compactado de três peças'. Ele também dá, como uma segunda interpretação de *trivṛtā,* 'defendida por três conjuntos de placas'.

5. Chefes, para o sábio que canta o seu louvor concedam uma casa inviolável,
Para beber[3] o saboroso suco Soma.
6. Venham para a residência do adorador, Aśvins, que aqui os está louvando,
Para beber o saboroso suco Soma.

7. Atrelem ao carro firmemente unido o burro[4] que os puxa, senhores da riqueza.
Para beber o saboroso suco Soma.
8. Venham, Aśvins, em seu carro de forma tripla com assento triplo,[5]
Para beber o saboroso suco Soma.
9. Ó Aśvins, ó Nāsatyas, agora aceitem com graça favorecedora as minhas canções,
Para beber o saboroso suco Soma.

Índice◄►Hino 86 (Griffith)

695 - Hino 86. Aśvins (Wilson)

(Sūkta VI)

Os deuses são os mesmos; o Ṛṣi é Viśvaka o filho de Kṛṣṇa, ou o próprio Kṛṣṇa; a métrica é Jagatī.

Varga 9. **1**. Dasras, médicos, fontes de felicidade, vocês dois foram (os objetos) do louvor de Dakṣa;[1] Viśvaka agora os invoca por causa de seu filho;[2] não rompam as nossas amizades,[3] mas soltem (suas rédeas e galopem para cá).
2. Como Vimanas uma vez os louvou, e vocês lhe deram entendimento para a obtenção de riqueza excelente, Viśvaka agora os invoca por causa de seu filho; não rompam as nossas amizades, mas soltem (suas rédeas e galopem para cá).
3. Alegradores de muitos, vocês deram a Viṣṇāpū[4] essa prosperidade para a obtenção de riqueza excelente; Viśvaka agora os invoca por causa de seu filho; não rompam as nossas amizades, mas soltem (suas rédeas e galopem para cá).

4. Nós invocamos aquele herói[5] para nos proteger, (o desfrutador) de riqueza, o possuidor de Soma,[6] que agora vive longe e cujo hino é o mais agradável (para os deuses) como o de seu pai; não rompam as nossas amizades, mas soltem (suas rédeas e galopem para cá).

---

[3] Para que vocês possam beber.
[4] Veja 1.34.9; 1.116.2; 1.162.21.
[5] Veja 1.34.2,9.

---

[1] Isso parece aludir às mil *ṛcas* proferidas por Dakṣa ou Prajāpati, ou seja, o Āśvina Śastra, que foi ganho pelos Aśvins em uma corrida, veja 1.116.2 (Comentário) e o *Aitareya Brāhmaṇa*, 4.7. [Veja também o *Śatapatha Brāhmaṇa* 11.5.5.9-10].
[2] ["Os dois homens citados, Viśvaka e Viṣṇāpū, são encontrados juntos três vezes em outros lugares, sempre no contexto Aśvin. Em passagens Kakṣīvant quase idênticas (1.116.23, 1.117.7) os Aśvins 'deram' (*dadathuḥ*) Viṣṇāpū para Kṛṣṇiya Viśvaka (Viṣṇāpū comparado a 'um animal perdido do rebanho' em 1.116.23); em 10.65.12 eles 'soltam' Viṣṇāpū para Viśvaka". – Jamison-Brereton].
[3] Isto é, como adorador e o objeto de culto.
[4] Esse é o nome do filho ou neto do Ṛṣi.
[5] O Ṛṣi aqui ora pela presença de seu filho ausente Viṣṇāpū. O escoliasta só acrescenta na explicação que 'é para o filho proteger o pai'.
[6] *Ṛjīṣin* é geralmente um epíteto de Indra e é sempre explicado por Sāyaṇa como aqui, 'possuidor do Soma passado' *ṛjīṣa* (veja 3.32.1; 3.36.10, etc.); mas há uma palavra *ṛjīṣa* em 1.32.6, aplicada a Indra, que Sāyaṇa explica como 'repulsor de inimigos', e *ṛjīṣin* deve ter algum significado desse tipo aqui. ['Possuidor da bebida prateada', segundo Jamison-Brereton].

5. O deus-sol pela verdade extingue os seus raios (à noite); ele espalha amplamente (de manhã) o chifre da verdade; a verdade realmente vence o poder do assaltante ávido; portanto,[7] não cortem as nossas amizades, mas soltem (suas rédeas e galopem para cá).

Índice◄►Hino 87 (Wilson)

---

695 - Hino 86. Aśvins (Griffith)

1. Vocês dois são extraordinariamente fortes, bem qualificados nas artes que curam, ambos portadores de alegria, vocês dois ganharam o louvor de Dakṣa.[8] Viśvaka os invoca como tais para salvarem a vida dele.[9] Não rompam a nossa amizade, venham e me libertem.[10]
2. Como os louvará agora aquele que está perturbado em mente?[11] Vocês dois dão sabedoria para o ganho do que é bom. Viśvaka os invoca como tais para salvarem a vida dele. Não rompam a nossa amizade, venham e me libertem.
3. Vocês Dois, possuidores de grande riqueza, já tornaram Viṣṇāpū[12] próspero desse modo para o ganho do que é bom. Viśvaka os invoca como tais para salvarem a vida dele. Não rompam a nossa amizade, venham e me libertem.

4. E aquele Herói Impetuoso,[13] ganhador dos despojos, embora ele esteja longe, nós chamamos para nos socorrer, cuja graça benevolente, como a de um pai, é a mais doce. Não rompam a nossa amizade, venham e me libertem.
5. Sobre a Lei Sagrada labuta Savitar o Deus; o chifre da Lei Sagrada ele espalha amplamente. A Lei Sagrada subjuga até os homens de guerra poderosos. Não rompam a nossa amizade, venham e me libertem.

Índice◄►Hino 87 (Griffith)

---

[7] Sāyaṇa considera a estrofe como um louvor à verdade. Ele parece explicar o verso como implicando que, como o sol não se desvia da sua rota designada, e como a verdade ou a adesão ao correto vence os inimigos terrenos, assim os Aśvins devem cumprir os deveres de antiga amizade e ouvir a oração do ṛṣi.
[8] Na ocasião mencionada em 1.116.2, ou quando os Aśvins ganharam Sūryā como sua noiva, 1.116.17.
[9] Segundo Sāyaṇa, 'por causa de seu filho'.
[10] 'Soltem (suas rédeas e galopem para cá)'. – Wilson. 'Desatrelem seus cavalos'. – Grassmann.
[11] Referindo-se ou ao próprio Viśvaka, ou ao homem por quem ele invoca o auxílio dos Aśvins. Segundo Sāyaṇa, Vimanas (de mente perturbada) aqui é o nome de um Ṛṣi.
["O perigo de impor uma explicação narrativa pós-fato sobre um hino rigvêdico é mostrado pela tradução de Geldner de *vímanāḥ* aqui como 'angustiado, aflito'. Embora uma leitura negativa desse composto seja possível ('sem mente, com a mente perdida'), a única outra ocorrência da palavra no Ṛgveda (10.82.2) é como um atributo positivo de Viśvakarman, 'de mente vasta'. Não há nenhuma razão para que esse sentido não possa ser encontrado aqui também; o pāda seguinte afirma que os Aśvins lhe deram discernimento (*dhíyam*), e a questão em nosso pāda - como louvar os Aśvins - não precisa ser 'como alguém com uma mente perturbada pode conseguir louvá-los?', mas sim 'qual das muitas formas possíveis alguém com uma mente vasta pode escolher para louvá-los?' As perguntas em 8.84.4-7, um hino que faz parte do nosso embora a *Anukramaṇī* os atribua a diferentes poetas, são semelhantes". – Stephanie W. Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[12] O filho ou neto do Ṛṣi.
[13] Indra. ['Embora Geldner identifique o *vīrá* 'herói' como Viṣṇāpu, *ṛjīṣín* 'possuidor da bebida prateada' é usado quase exclusivamente a respeito de Indra (e nunca de humanos), e nós estamos mais propensos a recorrer a esse deus do que a mortal vagamente definido'. – Jamison].
'Esses dois versos', diz Grassmann, 'são tirados de outro hino. O verso 5 é dirigido a Savitar, e o verso 4, como parece, a Indra. O refrão, que é totalmente inadequado aqui, foi acrescentado para conectar os versos com o hino anterior'.

696 - Hino 87. Aśvins (Wilson)

(Sūkta VII)

Os deuses são os Aśvins; o Ṛṣi é Dyumnīka o filho de Vasiṣṭha ou Priyamedha da família de Aṅgiras, ou Kṛṣṇa; a métrica é [Bārhata] Pragātha [Bṛhatī alternando com Satobṛhatī].

Varga 10. **1**. Aśvins, o seu louvor é cheio de abundância[1] como um poço (com água) na época das chuvas; corram para cá; é especialmente prezado pelo Soma[2] quando ele é despejado na (oferenda) brilhante; bebam, líderes (de ritos), como dois gauros (bebem) em uma lagoa.[3]
2. Bebam, Aśvins, o (Soma) alegrador quando ele cai[4] (nos vasos), - sentem-se, líderes, na grama sacrifical; regozijando-se na casa do adorador,[5] bebam a bebida sagrada com a oblação.[6]

3. Os adoradores[7] os têm invocado com todas as suas proteções;[8] venham no início das manhãs para a residência daquele que cortou a grama sagrada, para a oferenda amada (por todos os deuses).
4. Aśvins, bebam o Soma alegrador, sentem-se em seu esplendor na grama sacrifical; tornando-se fortes (através da libação), venham do céu para os nossos louvores, como dois gauros para uma lagoa.

5. Venham, Aśvins, com seus corcéis brilhantes; Dasras, que viajam em carros de ouro, senhores da boa sorte, defensores da verdade, beber o Soma.
6. Nós, seus louvadores sábios, os invocamos para desfrutarem das iguarias sacrificais; venham rapidamente, Dasras, ao som do nosso louvor, Aśvins, graciosos em seus movimentos, cheios de grandes feitos.

Índice◄►Hino 88 (Wilson)

---

696 - Hino 87. Aśvins (Griffith)

1. Esplêndido, ó Aśvins, é o seu louvor. Venham, como fontes, para derramar a torrente. Do suco doce despejado – ele é prezado, Chefes, no céu – bebam como dois touros selvagens em uma lagoa.
2. Bebam a libação[9] rica em doces, ó Dois Aśvins; sentem-se, Heróis, na grama sagrada. Que vocês com coração alegre na morada do homem preservem a vida dele por meio de riquezas.

---

[1] Isto é, que traz abundância para o adorador. (Em 8.89.2 *dyumnī* é explicado como 'glorioso'). Outra interpretação toma *dyumnī* como *dyumnīko*, 'Aśvins, Dyumnīka é seu louvador'.
[2] ['Ele [o suco] é prezado no céu'. – Griffith. 'Este (derramamento) de mel espremido é querido pelo céu'. – Jamison-Brereton].
[3] Compare com 8.4.3.
[4] *Gharma* pode igualmente ser tomado como a panela de barro chamada *mahāvīra*, e significar o leite fervido nela. 'Bebam, Aśvins, o (Soma) alegrador e o leite'.
[5] Literalmente 'na casa do homem', *manuṣo duroṇe*, ou seja, o sacrifício que é como um lar para as divindades, veja 5.76.4.
[6] Ou essa parte da frase pode significar 'protejam as nossas vidas junto com a nossa riqueza'.
[7] *Priyamedhāḥ*, literalmente 'aqueles cujos sacrifícios são aceitáveis'. O comentador também sugere que isso pode se referir ao Ṛṣi Priyamedha (8.68, 69), o plural sendo usado como honorífico.
[8] Ou *viśvābhir ūtibhiḥ* pode significar 'com preces por todas as bênçãos desejáveis'.
[9] *Gharmam:* o leite aquecido ou outra bebida, ou o recipiente no qual ele é aquecido.

3. Os Priyamedhas[10] os convidam para vir com todos os auxílios que são seus. Venham à casa daquele cuja grama sagrada é cortada, ao prezado sacrifício nos ritos da manhã.
4. Bebam o Soma rico em hidromel, ó Dois Aśvins; sentem-se alegremente na grama sagrada. Então, tornem-se poderosos, para o nosso louvor venham do céu como touros selvagens para uma lagoa.

5. Venham a nós, ó Aśvins, agora com corcéis de muitas cores variadas, ó senhores do esplendor, maravilhosos, conduzidos em caminhos de ouro, beber Soma, vocês que fortalecem a Lei.
6. Pois nós, os cantores sacerdotais, desejosos de cantar o seu louvor, os invocamos para o ganho de força. Então, extraordinários, belos, e famosos por grandes feitos, venham a nós, pelo nosso hino, Aśvins, quando vocês ouvirem.

Índice◄►Hino 88 (Griffith)

---

697 - Hino 88. Indra (Wilson)

(Sūkta VIII)

O deus é Indra; o Ṛṣi é Nodhas da família de Gotama; a métrica é [Bārhata] Pragātha.

Varga 11. **1**.[1] Nós oferecemos louvor com nossos hinos, como as vacas (mugem) para seus bezerros nos estábulos,[2] àquele seu belo Indra, (ó sacerdotes), o vencedor de inimigos, que se regozija com a bebida excelente.
2.[3] Nós convidamos o radiante (Indra) generoso, rodeado por potências como uma montanha (por nuvens), o sustentador de muitos,[4] – (nós convidamos a ele) rapidamente em busca de alimento renomado,[5] rico em gado, e multiplicado por cem e por mil.

3. As vastas montanhas firmes não podem te parar, Indra – qualquer riqueza que tu queiras dar a um adorador como eu, ninguém pode te impedir nesse ponto.
4. Por tuas proezas e poder tu és um guerreiro; tu dominas todos os seres por tuas obras e bravura; este hino que os Gotamas fizeram[6] faz com que tu te voltes para cá para protegê-los.

5.[7] Indra, pelo teu poder tu te estendes além dos limites do céu, a região da terra não pode te conter; digna-te a nos trazer alimentos.
6. Nada pode impedir a tua generosidade, Maghavan, quando tu dás riqueza para o teu devoto; generosíssimo remetente (de riquezas), ouve o nosso louvor para a obtenção de alimentos.

Índice◄►Hino 89 (Wilson)

---

[10] Priyamedha e sua família.

---

[1] *Yajur-Veda Branco,* 26.11. *Sāma-Veda*, 1.3.1.5.4; 2.1.1.13.1
[2] Sāyaṇa toma *svasareṣu* nesse sentido, mas ele cita Yāska (*Nir.* v. 4) para mostrar que a palavra também pode significar 'dias'. (Compare com a nota do Prof. Roth em sua edição, p. 56.) Sāyaṇa o considera como 'dias' na primeira parte da frase, 'nós te louvamos nos dias', e 'estábulos' na segunda.
[3] *Sāma-Veda*, 2.1.1.13.2.
[4] Ou 'a ser alimentado pelas oferendas de muitos'.
[5] A explicação de Sāyaṇa de *kṣumantaṃ* não é clara, mas ele parece tomá-lo como 'que provoca louvores por meio dos filhos que produzirá'. Sāyaṇa acrescenta que outra interpretação do verso toma todos os adjetivos como concordando com *vājaṃ*.
[6] Esse parece ser o significado óbvio das palavras *ā tvāyam arka ūtaye vavartati yaṃ gotamā ajījanan*. Mas Sāyaṇa, defendendo a eternidade do Veda, explica a linha, 'este hino (ou este louvador) te traz aqui para a proteção deles, a quem eles manifestaram (em seu sacrifício)'.
[7] *Sāma-Veda*, 1.4.1.2.10, [com variações], mas concordando no último trecho com 1.81.5.

697 - Hino 88. Indra (Griffith)

1. Como as vacas[8] mugem para os seus bezerros em estábulos, assim com as nossas canções nós glorificamos este Indra, o seu Deus maravilhoso que impede ataques, que se alegra com o suco delicioso.
2. Celestial, Doador generoso, cingido com poder, rico, como a montanha, em coisas preciosas, a ele o veloz nós procuramos por recompensa cheia de alimentos rica em vacas, trazida cem e mil vezes.

3. Indra, as colinas fortes e altas são impotentes para barrar o teu caminho. Ninguém impede aquele ato teu quando tu queres dar riqueza para alguém como eu que canta o teu louvor.
4. Um guerreiro tu, por força, sabedoria e ação extraordinárias em poder superas tudo o que há. Para cá que este nosso hino te atraia em nosso auxílio, o hino que os Gotamas fizeram.

5. Pois em teu poder tu te estendes além dos limites do céu. A região terrena, Indra, não te compreende. Conforme a tua Divindade tu cresceste.
6. Quando, Maghavan, tu honras o adorador, não há ninguém para pôr fim à tua profusão. Ó Dador mais generoso, que tu inspires a nossa canção de louvor, para que possamos ganhar os despojos.

Índice◄►Hino 89 (Griffith)

698 - Hino 89. Indra (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus é o mesmo; os Ṛṣis são Nṛmedha e Purumedha da família de Aṅgiras; a métrica dos quatro primeiros versos é [Bārhata] Pragātha, do quinto e sexto Anuṣṭubh, e do sétimo Bṛhatī.

Varga 12. **1**.[1] Sacerdotes, cantem para Indra o Bṛhat Sāman[2] mais destrutivo de pecados, pelo qual os defensores da verdade produziram o luminar divino que a todos desperta para o Deus.[3]
2.[4] Indra, o destruidor daqueles que não oferecem louvor, expulsou os malévolos[5] e se tornou glorioso; ó Indra de esplendor poderoso, senhor das tropas de Maruts, os deuses te pressionam[6] pela tua amizade.

---

[8] Que são ordenhadas para propósitos sacrificais, cujos bezerros são trancados durante a cerimônia.

---

[1] *Yajur-Veda Branco,* 20.30. *Sāma-Veda,* 1.3.2.2.6.
[2] Este é um certo Sāman [veja a nota 19], mas aqui significa um hino poderoso.
[3] Isto é, os Viśve Devāḥ produziram o sol para Indra por meio do Bṛhat Sāman. Mahīdhara o toma no sentido de que eles produziram o próprio brilho desperto de Indra desse modo.
[4] *Yajur-Veda Branco,* 33.95.
[5] Sāyaṇa toma *abhiśastīḥ* como 'injúrias' ou 'injuriadores', ou seja, inimigos. Mahīdhara, como de costume, o toma como 'calúnias'.
[6] Sāyaṇa explica *yemire* por *tvām niyacchanti*, mas Mahīdhara mais corretamente preserva o significado intermediário (compare com 5.32.10), 'Os deuses se dedicam ansiosamente para ganhar a tua amizade'. Veja a explicação do próprio Sāyaṇa em 8.98.3.

3.[7] Sacerdotes, profiram o hino para o seu grande Indra; que Śatakratu, o matador de Vṛtra, atinja Vṛtra com seu raio de cem gumes.
4. (Indra) de alma destemida, há fartura de alimento contigo – ousadamente o traze para nós; que as nossas mães[8] (as águas) se espalhem impetuosamente sobre a terra; atinge Vṛtra, e conquista tudo.

5.[9] Maghavan, que não tens ninguém na tua frente, quando tu nasceste para matar Vṛtra, então tu estendeste amplamente a terra, então tu sustentaste os céus.
6. Em seguida, o sacrifício foi produzido para ti, então também o hino alegre; então tu superaste a todos, tudo o que nasceu ou que virá a nascer.
7. Nas (vacas) imaturas tu produzes o (leite) maduro[10], tu fizeste o sol surgir no céu.[11] (Sacerdotes), incitem (Indra) com seus louvores como os homens aquecem o Gharma com hinos-Sāman;[12] (cantem) o Bṛhat Sāman aceitável para ele que deve ser honrado por canção.

Índice◄►Hino 90 (Wilson)

---

698 - Hino 89. Indra (Griffith)

1. Para Indra cantem o hino sublime, Maruts![13] que melhor mata os Vṛtras.
Pelo qual os Santos criaram para o Deus a luz divina[14] que sempre desperta.
2. Indra que suprime a maldição soprou as maldições para longe, e então em esplendor veio até nós. Indra, refulgente com a tua hoste Marut! os Deuses se esforçaram avidamente para ganhar o teu amor.

3. Cantem ao seu sublime Indra, cantem, Maruts, um hino sagrado de louvor.
Que Śatakratu, o matador de Vṛtra, mate o inimigo com o raio de cem nós.[15]
4. Visa e traze corajosamente adiante, ó tu cujo coração é ousado; assim grande glória será tua. Em rápida torrente que as águas mães se espalhem. Mata Vṛtra, ganha a luz do céu.

5. Quando tu, inigualável Maghavan, nasceste para matar os Vṛtras,
Tu expandiste a vasta terra e sustentaste os céus.
6. Então o sacrifício foi produzido para ti, o louvor, e a canção de alegria,
Tu em teu poder superas tudo, tudo o que existe agora e ainda existirá.

---

[7] *Yajur-Veda Branco*, 33.96. *Sāma-Veda*, 1.3.2.2.5.
[8] As águas são chamadas de mães por causa da passagem da *Taittirīya Upaniṣad* 2.1, 'das águas vem a terra, da terra as plantas, das plantas o alimento, do alimento o sêmen, do sêmen o homem'.
[9] Este e os dois seguintes se encontram no *Sāma-Veda,* 2.6.2.19.1-3.
[10] Compare com 1.62.9.
[11] Sāyaṇa aqui repete a lenda dos Paṇis e as vacas roubadas dos Aṅgirasas. Os Ṛṣis pediram a ajuda de Indra, que, vendo que a fortaleza dos Asuras estava envolta em escuridão densa colocou o sol no céu para dissipá-la.
[12] Para a cerimônia de aquecimento da panela Mahavīra ou Gharma, usada na cerimônia Pravargya, veja o *Aitareya Brāhmaṇa* do Prof. Haug, vol. II. p. 42. Os hinos Sāman repetidos durante o aquecimento são dados no *Aitareya Brāhmaṇa,* 1.21.
[13] Aqui significando os cantores do hino de louvor. 'Sacerdotes'. – Wilson.
[14] O Sol, que os Viśvedevas criaram ou geraram para Indra.
[15] ['Cantem, ó Marutas! Um hino sagrado para o seu poderoso (Rei) Indra, para que ele, o matador de inimigos, que compreende centenas de habilidades, possa matar os inimigos com sua arma que tem cem nós'. – Haug, *A Contribution towards a Right Understanding of the Rigveda*].

7. Vacas cruas[16] tu encheste com leite maduro. Tu fazes Sūrya subir ao céu.[17] Aqueçam-no como o leite é aquecido[18] com hinos Sāma puros, grande alegria para aquele que ama a canção.[19]

Índice◄►Hino 90 (Griffith)

---

699 - Hino 90. Indra (Wilson)

(Sūkta X)

O deus e os Ṛṣis são os mesmos [Nṛmedha Āṅgirasa e Purumedha Āṅgirasa]; a métrica é [Bārhata] Pragātha.

Varga 13. **1**.[1] Que Indra, que deve ser invocado em todas as batalhas, considere os nossos hinos e as nossas libações – ele, o matador de Vṛtra, que esmaga os (inimigos) mais poderosos,[2] que é digno de seu louvor.
2.[3] Tu és o principal dador de riqueza, tu és verdadeiro e tornas governantes os teus adoradores; nós solicitamos (bênçãos) dignas de ti, senhor de vastas riquezas, poderoso filho da força.[4]

3. Indra, que és o objeto de hinos, louvores não exagerados[5] são oferecidos por nós; senhor dos corcéis baios, aceita esses hinos apropriados[6] que nós planejamos para ti.
4. Tu és verdadeiro, Maghavan; tu mesmo não humilhado, tu humilhas muitos inimigos; trovejante mais poderoso, faze a prosperidade encontrar o teu adorador.

5.[7] Tu, Indra, senhor da força, és o glorioso possuidor do Soma oferecido; sozinho com (teu raio), aquele protetor de homens, tu atinges os inimigos para que ninguém mais possa se opor ou se afastar.

---

[16] Veja 1.62.9; 1.180.3; 2.40.2; 4.3.9; 6.72.4; 6.17.6; 6.44.24; 8.32.25.
[17] Sāyaṇa conta uma lenda que quando os Paṇis tinham levado as vacas dos Aṅgirases e as colocado em uma montanha envolta em escuridão, Indra, por causa das preces dos Ṛṣis, colocou o sol no céu para que ele pudesse ver e recuperar o gado deles.
[18] Essa linha é difícil. '(Sacerdotes), incitem (Indra) com seus louvores como os homens aquecem o Gharma com hinos-Sāman'. – Wilson. *Gharma* significa ou o leite quente ou outra bebida oferecida na cerimônia Pravargya, ou o recipiente no qual ela é aquecida.
[19] Ou talvez o significado seja: o Bṛhat Sāman (um dos hinos Sāma mais importantes, o primeiro e o segundo versos do *Ṛgveda* 6.46), é estimado por aquele que ama a canção.
[1] *Sāma-Veda*, 1.3.2.3.7; 2.7.1.2.1, mas com Indra e seus adjetivos no acusativo em vez do nominativo, e *bhūṣata* em vez de *bhūṣatu*, ou seja, '(sacerdotes) honrem Indra, etc.'.
[2] *Paramajyāḥ* também ocorre em 8.1.30. A primeira explicação de Sāyaṇa é inadmissível, 'aquele cuja corda de arco (*jyā)* é a mais excelente (*paramā)'* (veja a tradução de Wilson), mas ele acrescenta outra, feita no texto, ligando-o corretamente à raiz *jyā*, para a qual ele dá o sentido de *hiṃsā*.
[3] *Sāma-Veda*, 2.7.1.2.2.
[4] Sāyaṇa obscuramente explica esta frase, 'filho da força, porque produzido como a causa da força para destruir inimigos' (veja 8.92.14). Essa força, ou a vitória através da força, é a causa final de sua produção ou manifestação pelo rito, e a causa final sendo então tomada como o eficiente, 'força' pode assim ser chamada de pai.
[5] *Anatidbhutā* é uma palavra obscura.
[6] *Yojana* também é explicado por Sāyaṇa como *stotra* em 1.88.5.
[7] *Sāma-Veda*, 1.3.2.1.6; 2.6.2.12.1.

6.[8] Vivo,[9] que possuis conhecimento supremo, nós realmente te pedimos por riqueza como se ela fosse uma herança; a tua morada (no céu), Indra, é vasta como a tua glória;[10] que as tuas bênçãos nos encham.

Índice◄►Hino 91 (Wilson)

699 - Hino 90. Indra (Griffith)

1. Que Indra, que em toda luta deve ser invocado, fique perto de nós. Que o mais poderoso matador de Vṛtra, digno de louvor, venha para as libações e os hinos.
2. Tu és o melhor de todos no envio de presentes abundantes, verdadeiro és tu, nobre em teu ato. Nós reivindicamos aliança com o muito Glorioso, sim, com o poderoso filho da força.

3. Preces insuperáveis são oferecidas a ti o Amante de Música. Indra, Senhor dos Corcéis Baios, aceita esses hinos adequados,[11] hinos que temos pensado para ti.[12]
4. Pois tu, ó Maghavan, és verdadeiro, nunca subjugado e destróis muitos Vṛtras. Como tal, ó Senhor mais poderoso, Portador do Trovão, envia prosperidade para cá para o adorador.

5. Ó Indra, tu és muito renomado, impetuoso, ó Senhor da Força. Sozinho tu matas com o guardião da humanidade[13] inimigos irresistíveis nunca conquistados.
6. Como tal, nós te procuramos agora, ó Asura, a ti o mais sábio, desejando a tua recompensa como a nossa parte. A tua defesa protetora é como uma capa poderosa. Então que as tuas glórias cheguem a nós.

Índice◄►Hino 91 (Griffith)

[8] *Sāma-Veda*, 2.6.2.12.2.
[9] *Asura* é explicado como *balavan prāṇavan*.
[10] Essa é a interpretação de Sāyaṇa, seguindo Yāska, *Nir*. v.22. Mais provavelmente isso significa que 'a tua proteção é como um vasto manto' ou 'pele', veja a nota do Prof. Roth em sua edição.
[11] *Yojanā*. Veja a tradução e a nota de Wilson. ['Alegra-te com essas parelhas'. – Jamison-Brereton. Jamison comenta: 'A tropa comum de hinos como cavalos, unidos para levar Indra para o sacrifício'. - *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[12] ['Preces inigualáveis são feitas para ti Indra, que amas hinos. Recebe favoravelmente, senhor dos cavalos marrons, aquelas que temos pensado para ti, para atrelar os teus cavalos'. – Muir, *O. S. Texts*, III. 234].
[13] O raio de Indra com o qual ele mata os demônios da seca.

700 - Hino 91. Indra (Wilson)

(Sūkta XI)

O deus é o mesmo; o Ṛṣi é Apālā a filha de Atri; a métrica é Anuṣṭubh, com a exceção dos dois primeiros versos, que são Paṅkti.

Varga 14. **1**. [1]Uma jovem que ia para a água encontrou [a planta] Soma no caminho; quando ela a levou para casa, ela disse: Eu te espremerei para Indra, eu te espremerei para Śakra.[2]
2. [3]Tu que vais de casa em casa, um herói brilhante em teu esplendor, bebe este Soma espremido pelos meus dentes, junto com grãos fritos de cevada, o karambha,[4] bolos e hinos.
3. Nós queremos te conhecer, mas aqui nós não te conhecemos. Ó Soma, flui para Indra, primeiro lentamente e então rapidamente.
4. Que (Indra) repetidamente nos torne poderosas, que ele faça abundantemente por nós, que ele repetidamente nos torne muito ricas; frequentemente odiadas por nosso marido e forçadas a deixá-lo, que possamos nos unir a Indra.
5. Estes três lugares – que tu faças todos eles crescerem – a cabeça (careca) de meu pai, o seu campo (estéril), e o meu corpo.
6. Este campo que é de nosso (pai), e este meu corpo e a cabeça de meu pai – que tu faças todos eles produzirem uma colheita.[5]
7. Três vezes, Śatakratu, tu purificaste Apālā, no buraco da carruagem, no buraco da carroça, e no buraco do jugo,[6] e tu a fizeste com uma pele resplandecente como o sol.

Índice◄►Hino 92 (Wilson)

---

[1] Sāyaṇa cita uma lenda do *Śāṭyāyana Brāhmaṇa* para ilustrar este hino. Apālā, a filha de Atri, afligida por uma doença de pele, foi repudiada pelo marido; ela voltou ao eremitério de seu pai, e lá praticou penitência. Um dia, ela saiu para tomar banho, com a intenção de fazer uma oferenda de Soma para Indra, e quando estava voltando ela encontrou algumas plantas Soma na estrada. Ela as colheu e as comeu enquanto andava. Indra, ao ouvir o som de suas mandíbulas, pensou que era o som das pedras de Soma, e apareceu para ela, perguntando se havia pedras de Soma espremendo lá. Ela explicou a razão do som, e Indra se virou. Ela chamou atrás dele, 'Por que tu te viras? Tu vais de casa em casa para beber o Soma, agora, então, bebe o Soma espremido pelos meus dentes e come grãos de cevada fritos'. Ela, então, acrescentou, sem prestar-lhe respeitos, 'Eu não sei se tu és Indra, mas se tu vieres à minha casa eu te prestarei a devida honra'. No entanto, sentindo-se segura de que era realmente Indra, ela dirigiu a segunda metade do terceiro verso ao Soma em sua boca. Indra então, se apaixonando por ela, bebeu o Soma como ela desejava. Ela, então, triunfalmente exclamou (v. 4): 'Eu fui repudiada por meu marido e ainda assim Indra vem a mim'. Indra então concedeu-lhe uma benção e ela escolheu assim: 'a cabeça do meu pai é careca, seu campo é estéril, e o meu corpo é desprovido de pelos, faze essas coisas crescerem'. Indra concedeu as três bênçãos. [Veja na nota 7 a história como contada na *Bṛhaddevatā*. Este hino é citado no *Ṛgvidhāna*, 2.34.5b-35.1a, da tradução de Gonda].
[2] Este verso é dito por Apālā, quando Indra chega e a questiona.
[3] Apālā diz isso quando Indra se vira para partir.
[4] Uma mistura de farinha de cevada frita e manteiga ou coalhada.
[5] Literalmente, 'os tornes todos peludos' *romaśāni*.
[6] [Veja a nota 7*]. Sāyaṇa diz que Indra a arrastou através do buraco largo da carruagem dele, do buraco mais estreito da carroça, e do buraco pequeno do jugo, e ela rejeitou três peles. A primeira pele tornou-se um porco-espinho, a segunda um jacaré, a terceira um camaleão. Eu suponho, com o Prof. Aufrecht, que o buraco ou espaço da carruagem e da carroça representam a abertura entre as quatro rodas; o buraco do jugo me parece significar a abertura através da qual a cabeça do animal passava.
['Para erradicar a sua doença de pele Indra a purifica três vezes - primeiro o seu corpo humano, em seguida o ar vital e, finalmente, a sua alma. Após este ritual Apālā se transforma em uma bela mulher'. – Abhilash Rajendran].

700 - Hino 91. Indra (Griffith)[7]

1. Para o rio veio uma donzela,[8] e encontrou [a planta] Soma pelo caminho. Levando-a para sua casa, ela disse: Para Indra eu te espremerei, para Śakra eu te espremerei.
2. Tu vagando acolá, pequeno homem,[9] contemplando cada casa por vez, bebe tu este Soma espremido com os dentes, acompanhado de grãos e coalhada, com bolo de farinha e canto de louvor.
3. Nós desejamos aprender a te conhecer bem, nós ainda não podemos alcançar a ti.
Contudo devagar e em gotas graduais, ó Indu,[10] flui para Indra.
4. Ele[11] não nos ajudará e trabalhará por nós? Ele não nos tornará mais ricas?
Nós não devemos, hostis ao nosso senhor,[12] nos unir a Indra agora?
5. Ó Indra, faze brotar novamente três lugares, estes que eu declaro:
A cabeça de meu pai, seu campo cultivado, e esta parte abaixo da minha cintura.
6. Faze todos esses desenvolverem safras de cabelo, lá o nosso campo cultivado,
O meu corpo e a cabeça de meu pai.
7. Purificando Apālā, Indra! três vezes, tu lhe deste pele como o sol[13],
Puxada, Śatakratu! através do buraco do carro, do vagão e do jugo.

Índice◄►Hino 92 (Griffith)

---

[7] ["Era uma vez uma moça Apālā [desprotegida], filha de Atri, que sofria de uma doença de pele. Indra se apaixonou por ela, tendo-a visto no eremitério solitário de seu pai. Assim sendo, por meio de penitência ela tomou conhecimento de todas as intenções de Indra. Pegando um jarro ela foi buscar água. Vendo Soma na borda da água, ela o louvou com uma estrofe na floresta. Este assunto é narrado na (estrofe) 'Uma donzela para a água' (*kanyā vāḥ*, 8.91.1). Ela espremeu Soma em sua boca, e tendo-o espremido ela invocou Indra com a (estrofe), 'Tu que vais' (*asau ya eṣi*, 8.91.2), e Indra bebeu de sua boca, depois ele comeu bolos e farinha da casa dela. E ela o louvou com estrofes, mas com um terceto (8.91.4-6) ela se dirigiu a ele (dizendo), 'Faze-me, ó Śakra, ter cabelo abundante, (e) ter membros perfeitos, (e) ter pele clara'. Ouvindo esse discurso dela, o Destruidor de Fortalezas ficou satisfeito com ele. Indra, passando-a através da abertura da carruagem (entre o corpo) do carro e o jugo*, a puxou para fora três vezes. Então ela veio a ter pele clara. A sua primeira pele que foi rejeitada tornou-se um porco-espinho, mas a próxima tornou-se um jacaré, e a última um camaleão. Yāska e Bhāguri chamam esse hino de história (*itihāsa*).
*Sem o conhecimento da construção de carros no período em que esta passagem foi escrita o significado exato deve ser incerto, mas o texto indica que os dois genitivos expressam as duas partes entre as quais havia uma abertura". – *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, 236-237].
[8] Apālā.
[9] *Vīrakaḥ*, segundo Sayana, herói. Indra é aludido, talvez como Sūrya ou o Deus-Sol.
[10] Soma.
[11] Indra.
[12] Apālā, é dito, sofria de uma doença cutânea e consequentemente foi repudiada por seu marido.
[13] Brilhante e clara. [Veja a nota 6].

701 - Hino 92. Indra (Wilson)

(Sūkta XII)

O deus é o mesmo; o Ṛṣi é Śrutakakṣa ou Sukakṣa da família de Aṅgiras; a métrica é Gāyatrī, exceto no primeiro verso, onde é Anuṣṭubh.

Varga 15. **1**.[1] Cantem, sacerdotes, àquele Indra, que bebe a sua bebida oferecida - Śatakratu o subjugador de inimigos, o mais generoso dos homens.[2]
2.[3] Proclamem aquele deus como Indra, que é invocado por muitos, que é louvado por muitos, que é digno de canções e renomado como eterno.
3.[4] Que Indra que faz todos se alegrarem[5] seja o que dá alimento abundante para nós; que ele, o poderoso, nos tragas (riquezas) até os nossos joelhos.[6]

4.[7] Indra, o de queixo belo, bebeu da bebida Soma gotejante cozida com cevada, (a oferenda) de Sudakṣa[8] assíduo em sacrifício.
5. Louvem alto aquele Indra para que ele possa beber o Soma - é isso que lhe dá força.
Varga 16. **6**. O deus, tendo bebido suas alegrias,[9] pela força do divino (Soma) conquistou todos os mundos.

7.[10] Traze aqui para nos proteger Indra o conquistador de muitos, que permeia todos os seus louvores;[11]
8.[12] O guerreiro, a quem ninguém se opõe e a quem ninguém pode ferir, o bebedor de Soma, o líder cujas ações não podem ser impedidas.
9.[13] Ó tu digno do nosso louvor, tu que sabes todas as coisas, dá-nos riquezas repetidamente, protege-nos pela riqueza dos nossos inimigos.

10.[14] Vem a nós, Indra, de lá[15] com alimentos de uma força multiplicada por cem, de uma força multiplicada por mil.
Varga 17. **11**. Śakra, deixa-nos ir, provados em atos, aos atos; trovejante, quebrador de montanhas, deixa-nos vencer em batalhas por meio dos teus cavalos.[16]
12. Nós te revigoramos, Śatakratu, com os nossos louvores, como (o pastor) o gado com (diferentes tipos de) pasto.

13. Todas as naturezas mortais, Śatakratu, são movidas pelo desejo; nós sentimos desejos, tonante.
14. Ó filho da força, os homens, expressando seus desejos, permanecem felizes em ti; ninguém, Indra, te supera.

---

[1] *Sāma-Veda,* 1.2.2.2.1; 2.1.2.1.1.
[2] [‘O mais generoso de todos os que vivem’. – Griffith].
[3] *Sāma-Veda,* 2.1.2.1.2.
[4] *Sāma-Veda,* 2.1.2.1.3, com *mahonām* em vez de *mahānām*.
[5] *Nṛtuḥ=nartayitā*, ‘aquele que faz todos dançarem’, veja 2.22.4. Sāyaṇa dá outra explicação como ‘portador (*netā)* de vacas para teus devotos’. O *Dicionário de São Petersburgo* o interpreta como ‘ágil, flexível’.
[6] [Compare com 1.37.10].
[7] *Sāma-Veda,* 1.2.2.1.1.
[8] Esse é explicado como o nome de um Ṛṣi. Benfey considera *sudakṣasya prahoṣiṇaḥ* como epítetos do Soma, ‘o vigoroso, alegrador’.
[9] [‘Suas gotas alegradoras’. – Griffith].
[10] *Sāma-Veda,* 1.2.2.3.6; 2.8.1.10.1.
[11] Esse verso é dirigido pelo sacrificador para o sacerdote louvador.
[12] *Sāma-Veda,* 2.8.1.10.2.
[13] *Sāma-Veda,* 2.8.1.10.3.
[14] *Sāma-Veda,* 1.3.1.3.2.
[15] Isto é, do céu ou da residência dos nossos inimigos.
[16] Sāyaṇa diz ‘por corcéis dados por ti’.

15. Derramador (de bênçãos), protege-nos pela tua ação, que é a mais generosa embora terrível, que aterroriza os inimigos, porém nutre a muitos.[17]

Varga 18. **16**.[18] Regozija-nos, Indra, Śatakratu, como tu te regozijas naquela alegria mais gloriosa do Soma;
17. Aquele teu Soma, Indra, que é o mais amplamente famoso, o mais destrutivo de teus inimigos, e o mais renovador da tua força.
18. Trovejante, derrotador de inimigos, verdadeiro bebedor de Soma, nós conhecemos (a riqueza) que é dada por ti para todos os teus devotos.

19.[19] Que as nossas vozes louvem por todos os lados o (Soma) derramado para o entusiasmado Indra; que os sacerdotes honrem o (Soma) honrado por todos.
20.[20] Nós invocamos, agora que o Soma é vertido, aquele Indra em quem todas as graças estão em seu auge, e no qual os sete sacerdotes associados se regozijam.
Varga 19. **21**.[21] Os deuses estenderam o sacrifício revelador do céu nos dias Trikadruka,[22] que os nossos louvores o tornem próspero.

22.[23] Que as gotas de Soma entrem em ti como os rios no mar; ninguém, Indra, te supera.
23.[24] Indra, derramador (de bênçãos), desperto, tu obtiveste pelo teu poder o consumo do Soma que entra em teu estômago.
24.[25] Indra, matador de Vṛtra, que o Soma seja suficiente para o teu estômago, que as gotas sejam suficientes para os teus (diversos) corpos.

25.[26] Śrutakakṣa canta o suficiente para um cavalo, o suficiente para uma vaca, o suficiente para uma casa de Indra.[27]
26. Quando as nossas libações de Soma são derramadas, tu és abundantemente capaz[28] (de bebê-las) – que elas sejam suficientes para ti, o generoso.
Varga 20. **27**. Que os nossos louvores cheguem a ti, trovejante, mesmo de longe; que nós obtenhamos a tua (riqueza) em abundância.

28.[29] Tu realmente amas atingir o poderoso,[30] tu és um herói e firme (em batalha), a tua mente deve ser propiciada (por louvor).
29.[31] Senhor de grande riqueza, a tua recompensa é possuída por todos os teus adoradores; portanto, Indra, sê meu aliado também.
30.[32] Não sejas como um Brahman preguiçoso, senhor do alimento; regozija-te por beber o Soma despejado misturado com leite.

---

[17] Conforme Sāyaṇa, eu, no entanto, preferiria traduzir o verso, 'Derramador, protege-nos pelo teu cuidado, pela tua boa providência, que é abundante e ainda assim terrível e aterrorizante de inimigos'.
[18] *Sāma-Veda,* 1.2.1.3.2.
[19] *Sāma-Veda,* 1.2.2.2.4; 2.1.2.4.1.
[20] *Sāma-Veda,* 2.1.2.4.2.
[21] *Sāma-Veda,* 1.1.2.3.4. O verso já ocorreu em 8.13.18, e Sāyaṇa lá tomou *yajñam* como Indra.
[22] Esses são os três primeiros dias do Abhiplava, uma cerimônia religiosa que dura seis dias e é parte do sacrifício Gavāmayana. Os três primeiros dias são respectivamente chamados de *jyotis*, *go* e *āyus*, os três últimos *go*, *āyus* e *jyotis*.
[23] *Sāma-Veda,* 1.3.1.1.4; 2.8.2.2.1.
[24] *Sāma-Veda,* 2.8.2.2.2.
[25] *Sāma-Veda,* 2.8.2.2.3.
[26] *Sāma-Veda,* 1.2.1.3.4, [com variações].
[27] Não está claro se esses presentes são aqueles passados ou futuros. Sāyaṇa permite as duas interpretações. Ele explica *indrasya dhāmne* como 'para uma casa dada por Indra'. Benfey o toma como o céu de Indra.
[28] Sayana toma *bhūṣasi* como *bhavasi*, ou como = *prāpaya*, 'traze para nós riqueza abundante'.
[29] *Sāma-Veda,* 1.3.1.4.10; 2.2.1.18.1.
[30] ['Tu és o Amigo do herói'. – Griffith].
[31] *Sāma-Veda,* 2.2.1.18.2.
[32] *Sāma-Veda,* 2.2.1.18.3. Brahman é explicado aqui por Sāyaṇa como um brâmane, mas veja o *Aitareya Brāhmaṇa* de Haug, pref. p. 20, e a sua trad. p. 376.

31.[33] Indra, que os (demônios) rondantes ameaçadores não nos obstruam à noite; que nós os derrotemos contigo como nosso auxiliador.
32. Contigo, Indra, como nosso auxiliador, vamos responder aos nossos inimigos; tu és nosso, nós somos teus.
33. Indra, que os teus amigos, os cantores, te adorem, dedicados ao teu serviço e recitando o teu louvor repetidamente.

Índice◄►Hino 93 (Wilson)

---

701 - Hino 92. Indra (Griffith)

1. Convidem Indra com uma canção para beber a sua dose de suco Soma,
Śatakratu que a tudo conquista, o mais generoso de todos os que vivem.
2. Louvado por muitos, invocado por muitos, líder de música, famoso desde antigamente,
Seu nome é Indra, divulguem-no.
3. Indra o Dançarino[34] sê para nós o concessor de força abundante;
Que ele, o poderoso, a traga para perto.[35]

4. Indra cujas mandíbulas são fortes bebeu a dose do adorador Sudakṣa,[36]
O suco Soma com cevada misturada.
5. Chamem Indra em voz alta com seus cânticos de louvor para beber o suco Soma.
Pois isso é o que aumenta a força dele.
6. Quando ele bebeu suas gotas alegradoras o Deus com vigor de um Deus
Ultrapassou em muito todas as coisas que há.[37]

7.[38] Tu aceleras para nos socorrer esse seu Deus sempre vencedor,
A ele que é atraído para todas as nossas canções.
8. O guerreiro irreprimível, o bebedor de Soma nunca derrotado,
O Comandante de poder irresistível.
9. Ó Indra, envia-nos riquezas, tu Onisciente, digno do nosso louvor:
Ajuda-nos na luta decisiva.

10. Mesmo de lá,[39] Indra, vem a nós com o alimento que dá cem poderes,
Com o alimento que dá mil poderes.
11. Nós procuramos a sabedoria do sábio.[40] Śakra, Dador de Vacas,[41] Armado de Trovão!
Que nós com corcéis vençamos na luta.
12. Nós te fazemos, Śatakratu, encontrar alegria nas canções que cantamos,
Como o gado[42] nas pastagens.

13. Pois, Śatakratu, Armado de Trovão, tudo o que nós desejamos - como os homens estão acostumados - tudo o que nós esperávamos, nós alcançamos.

---

[33] *Sāma-Veda,* 1.2.1.4.4, com *yamata* em lugar de *yaman*.
[34] Ativo em batalha, dançarino da dança da guerra.
[35] *Abhijñu:* ou, até os nossos joelhos. [Compare com 1.37.10].
[36] Oferecida por um Ṛṣi desse nome.
[37] [‘Bebendo, um deus, das doses estimulantes deste deus (Soma), ele, por sua energia, superou todos os seres (ou mundos)’. – Muir, *O. S. Texts,* V. 116].
[38] Segundo Sāyaṇa esta estrofe é dirigida pelo *yajamāna* ou sacrificador para o Stotar ou sacerdote louvador, e ele dá um sentido imperativo ao indicativo, tu aceleras: ‘Traze aqui’. – Wilson.
[39] De onde tu estás; do céu.
[40] Indra.
[41] *Godare*, talvez, ‘o que escancara o estábulo das vacas’; ‘quebrador de montanhas’. – Wilson.
[42] Como o pastor revigora o seu gado. – Sāyaṇa.

14. Vieram a ti, Filho da Força, aqueles que nutrem desejos em seus corações,
Ó Indra, ninguém te sobrepuja.
15. Então, Herói, guarda-nos com o teu cuidado, com a tua providência mais liberal,
Veloz, e terrível para os inimigos.

16. Ó Indra Śatakratu, agora te alegra com aquela tua euforia
Que é a mais esplêndida de todas;
17. Justamente, Indra, aquela euforia que melhor mata os Vṛtras, a mais amplamente famosa, a melhor dadora de teu poder e força.
18. Pois aquela que é a tua dádiva[43] nós conhecemos, verdadeiro bebedor de Soma, Armado de Trovão, Poderoso, em meio a todos os povos.[44]

19. Para Indra, o Amante de Euforia, que sejam estrondosas as nossas canções sobre o suco; que os poetas cantem o cântico de louvor.
20. Nós convocamos Indra para a dose, em quem todas as glórias repousam, em quem
As sete comunidades[45] se alegram.
21. Nos Trikadrukas[46] os Deuses estendem o sacrifício que incita a mente:
Que as nossas músicas o auxiliem e o tornem próspero.

22. Que as gotas entrem em ti como os rios correm para o mar;
Ó Indra, nada te supera.
23. Tu, Herói alerta, por tua força te alimentaste de suco Soma,
O qual, Indra, está dentro de ti agora.
24. Ó Indra, matador de Vṛtra, que o Soma esteja pronto para o teu estômago,
Que as gotas estejam prontas para as tuas formas.[47]

25. Agora Śrutakakṣa[48] canta a sua canção para que o gado e o cavalo possam vir,
Para que o próprio Indra possa vir.
26. Aqui, Indra, tu estás pronto pelos nossos sucos Soma derramados para ti,
Śakra, perto para que tu possas dar.
27. Mesmo de longe as nossas músicas chegam a ti, ó Lançador da Pedra;
Que nós possamos chegar muito perto de ti.

28. Pois assim tu és Amigo do herói, um Herói, também, és tu, e forte;
Desse modo que nós ganhemos o teu coração.
29. Assim a oferenda, Senhor riquíssimo, foi prestada por todos os adoradores;
Então reside, Indra, comigo.
30. Não sejas como um sacerdote[49] indolente, ó Senhor dos despojos e da riqueza; regozija-te com Soma espremido misturado com leite.

31. Ó Indra, não deixes que os planos maléficos nos cerquem à luz dos raios de sol;[50]
Isso que nós ganhemos contigo como Amigo.
32. Contigo para ajudar-nos, Indra, vamos responder a todos os nossos inimigos:
Pois tu és nosso e nós somos teus.
33. Indra, os poetas e os teus amigos, fiéis a ti, devem cantar alto os
Teus louvores enquanto eles te seguem.

---

[43] A riqueza que tu dás.
[44] Entre todos os adoradores que te oferecem Soma.
[45] *Sapta saṃsadaḥ,* provavelmente = todos os povos, na estrofe 18; 'os sete sacerdotes associados'. – Wilson.
[46] Veja 8.13.18, nota 22.
[47] Os teus vários corpos ou esplendores. – Sāyaṇa.
[48] O Ṛṣi do hino.
[49] *Brahmā:* Brahman ou sacerdote louvador.
['Esse verso mostra claramente que os sacerdotes formavam um grupo profissional'. – Muir, *O. S. Texts,* I. 250].
[50] Visto que Indra está em estreito relacionamento com o Sol.

702 - Hino 93. Indra (Wilson)

(Sūkta XIII)

O deus é Indra, mas no último verso ele é associado com os Ṛbhus; o Ṛṣi é Sukakṣa; a métrica é Gāyatrī.

Varga 21. **1**.[1] Tu surges, ó sol, sobre (o sacrifício de Indra) o derramador (de bênçãos), o generoso doador, famoso por sua riqueza, o benfeitor dos homens;
2.[2] Que partiu as noventa e nove cidades[3] pela força de seu braço, e, matador de Vṛtra, atingiu Ahi.[4]
3. Que Indra, o nosso amigo auspicioso, ordenhe para nós, como uma (vaca) que derrama ricamente, fartura de cavalos, vacas e cevada.

4.[5] Tudo, ó Sol, matador de Vṛtra, sobre o qual tu surgiste hoje, tudo está, Indra, sob o teu poder.
5. Quando, crescente em tua força, senhor dos bons,[6] tu pensas "Eu não morrerei", esse teu pensamento é realmente verdadeiro.
Varga 22. **6**. Tu vais imediatamente, Indra, a todas aquelas libações de Soma que são derramadas longe ou derramadas perto.

7.[7] Nós revigoramos aquele (grande) Indra para matar o poderoso Vṛtra; que ele seja um generoso derramador (de riquezas).
8.[8] Indra foi criado[9] para doar, ele, o mais poderoso, foi colocado sobre o Soma que alegra; ele o glorioso, o senhor do louvor, é digno do Soma.
9. O poderoso (Indra), inatingível por seus inimigos, se apressa para conferir riqueza aos seus adoradores – afiado pelos louvores deles como uma arma, cheio de força e invencível.

10. Indra, digno do nosso louvor, que tu, louvado por nós, tornes o nosso caminho plano mesmo em meio a dificuldades, (nos ouve), Maghavan, se tu nos amas;
Varga 23. **11**. Tu cujo comando e império legítimo nem deus nem herói irresistível podem prejudicar.
12. De fato, deus de bela mandíbula, as duas deusas, céu e terra, adoram o teu irresistível poder consumidor.

13. És tu que manténs este leite brilhante nas vacas pretas, vermelhas e pintadas.
14. Quando todos os deuses fugiram em várias direções do esplendor do demônio Ahi, e quando o medo do cervo[10] tomou conta deles,
15. Então o meu Indra foi o repulsor; então o castigador de Vṛtra empregou seu poder, ele que não tem inimigos existentes, o invencível.

---

[1] *Sāma-Veda,* 1.2.1.4.1; 2.6.3.4.1. O próprio Indra é um dos doze Ādityas.
[2] Este e o seguinte se encontram no *Sāma-Veda*, 2.6.3.4.2-3.
[3] Compare com 2.19.6.
[4] Isto é, a nuvem.
[5] *Yajur-Veda Branco,* 33.35. *Sāma-Veda*, 1.2.1.4.2. [Citado no *Ṛgvidhāna* 2.35.1b-2a, tradução de Gonda, 1951].
[6] De acordo com Sāyaṇa, 'senhor das *nakṣatras'* [mansões lunares: asterismos ou constelações através das quais a Lua passa. – Monier-Williams].
[7] *Sāma-Veda*, 1.2.1.3.5; 2.5.1.10.1.
[8] Este e o seguinte se encontram no *Sāma-Veda*, 2.5.1.10.2-3, [com variações].
[9] Sāyaṇa acrescenta 'por Prajāpati na hora da criação'.
[10] Veja 1.80.7; 5.32.3; 5.34.2.

Varga 24. **16**. (Sacerdotes), eu trago para vocês homens, por grande riqueza, aquele ilustre e poderoso que destruiu Vṛtra totalmente.[11]
17.[12] Ó tu portador de muitos nomes e louvado por muitos, quando tu estiveres presente em nossas várias libações de Soma, que nós sejamos dotados de uma mente desejosa de vacas.[13]
18.[14] Que o matador de Vṛtra, a quem muitas libações são oferecidas, conheça os nossos desejos – que Śakra ouça os nossos louvores.

19.[15] Derramador (de bênçãos), com qual chegada tua tu nos alegras, com qual chegada tua tu trazes (riqueza) para os teus adoradores?
20. Nas libações acompanhadas de hinos de quem o derramador, o senhor dos Niyuts,[16] o matador de Vṛtra se alegra para beber o Soma?
Varga 25. **21**. Regozijando-te (em nossas oblações), nos traze riqueza multiplicada por mil; lembra-te de que és o doador para o teu devoto.

22. Estas libações de Soma com suas esposas vão (para Indra) almejando serem bebidas; o Soma passado, agradável ao paladar, vai para as águas.[17]
23.[18] Os sacerdotes sacrificadores, revigorando (Indra) por suas oferendas no sacrifício, por seu poder o dispensaram para o Avabhṛtha.
24. Que aqueles dois corcéis de crinas douradas juntos exultantes o tragam para a nossa oferenda saudável.[19]

25.[20] Resplandecente (Agni), estas libações de Soma são despejadas para ti, e a grama sagrada está espalhada; traze Indra aqui para os teus adoradores.
Varga 26. **26**. Que ele dê força e o seu céu brilhante e coisas preciosas para ti seu adorador, e para os seus sacerdotes louvadores; adorem Indra.
27. Eu preparo, Śatakratu, o teu forte (Soma) e todos os teus louvores; sê benevolente, Indra, para com os teus louvadores.

28.[21] Traze-nos o que é muito auspicioso, Śatakratu, (traze-nos) alimento e força, se tu tens predileção por nós, Indra.
29. Traze-nos todas as bênçãos, Śatakratu, se tu tens predileção por nós, Indra.
30. Portando a libação despejada, nós te invocamos, mais poderoso matador de Vṛtra, se tu tens predileção por nós, Indra.

Varga 27. **31**.[22] Vem com os teus cavalos para a nossa libação vertida, senhor do Soma – vem com teus cavalos para a nossa libação derramada.

---

[11] *Sāma-Veda*, 1.3.1.2.5, com *āśiṣe* em vez de *śuṣe;* eu preferia tomar *carṣaṇīnām* como regido pelos epítetos de Indra, 'famoso e poderoso entre os homens'.
[12] *Sāma-Veda*, 1.2.2.5.4.
[13] Sāyaṇa explica que isso significa 'que nós obtenhamos vacas'. *Gavyayā* deve significar 'com um desejo por leite'. Poder-se-ia traduzir: 'Vem com esta intenção, com este desejo por leite, quando tu estiveres presente em nossas oferendas de Soma'?
[14] *Sāma-Veda*, 1.2.1.5.6, lendo *bodhanmanāḥ*.
[15] *Yajur-Yeda Branco*, 36.7. *Sāma-Veda*, 2.7.3.7.1.
[16] Os Niyuts são os cavalos de Vāyu, que é dito que ele emprestou para Indra em uma ocasião em batalha.
[17] Esse é um verso muito obscuro; Sāyaṇa segue a explicação dada por Yāska, *Nir*. v. 18. É dito que o epíteto *patnīvantaḥ,* 'com suas esposas ou protetoras' se refere aos dois tipos de água, Vasatīvarī e Ekadhanā, usados nas oferendas de Soma. (Veja o *Aitareya Brāhmaṇa,* 2.20). Na hora do Avabhṛtha, ou cerimônias finais de purificação, o *ṛjīṣa* ou Soma passado é jogado nas águas.
[18] *Sāma-Veda*, 1.2.2.1.7, com *vṛdhantaḥ*.
[19] See 8.32.29.
[20] *Sāma-Veda*, 1.3.1.2.10, mas com algumas variações.
[21] *Sāma-Veda*, 1.2.2.3.9.
[22] *Sāma-Veda*, 1.2.2.1.6; 2.9.1.10.1.

32.[23] Indra, Śatakratu, o mais poderoso matador de Vṛtra, tu cujo poder é conhecido de um modo duplo,[24] vem com teus cavalos para a nossa libação derramada.
33.[25] Matador de Vṛtra, tu és o bebedor destes sucos Soma, vem com teus cavalos para a nossa libação derramada.

34.[26] Que Indra traga para nós o generoso Ṛbhu Ṛbhukṣaṇa[27] para compartilhar das nossas iguarias sacrificais; que ele, o poderoso, traga o poderoso (Vāja).

Índice◄►Hino 94 (Wilson)

---

702 - Hino 93. Indra (Griffith)

1. Sūrya, tu sobes para encontrar o Herói famoso por sua riqueza,
Que lança o raio e trabalha para o homem;
2. A ele que com a força de ambos os seus braços derrubou noventa e nove castelos,[28]
Matou Vṛtra e atingiu Ahi mortalmente.
3. Este Indra é nosso Amigo bondoso. Ele nos envia em uma larga corrente cheia
Riquezas em cavalos, vacas e grãos.

4. Tudo, matador de Vṛtra! sobre o qual tu te ergueste hoje, Sūrya,
Aquilo tudo, Indra, tudo está sob o teu poder.
5. Quando, Poderoso, Senhor dos bravos, tu pensas assim: Eu não morrerei,
Esse teu pensamento é verdadeiro de fato.[29]
6. Tu, Indra, vais a todas as libações de Soma derramadas para ti,
Tanto longe quanto perto.

7. Nós tornamos este Indra muito forte para matar o poderoso Vṛtra;
Um Herói vigoroso ele será.
8. Indra foi feito[30] para dar, colocado, o mais poderoso, sobre a dose alegre,
Brilhante, digno do Soma, famoso em canções.
9. Por canção, por assim dizer, o raio poderoso que ninguém pode desviar foi preparado,
Grandioso, invencível ele se tornou.

10. Indra, Amante de Música, louvado, faze mesmo nos ermos bons caminhos para nós,
Sempre que, Maghavan, tu quiseres.
11. Tu cujo mandamento e ordem de domínio soberano ninguém ignora,
Nem homem audacioso nem deus.[31]
12. E essas duas Deusas, Terra, Céu, Senhor de elmo belo![32] reverenciam
O teu poder ao qual ninguém pode resistir.

---

[23] *Sāma-Veda*, 2.9.1.10.2.
[24] Ou seja, tu és conhecido em tua forma terrível como o matador de Vṛtra, etc., e em tua forma misericordiosa como o protetor do mundo. Compare com 8.70.2. O *Dicionário de São Petersburgo* explica a palavra como 'em especial'.
[25] *Sāma-Veda*, 2.9.1.10.3.
[26] *Sāma-Veda*, 1.3.1.1.6.
[27] Ṛbhukṣaṇa era o mais velho e Vāja o mais novo dos três irmãos. Os Ṛbhus têm uma parte da libação da noite entre Prajāpati e Savitṛ, veja o *Aitareya Brāhmaṇa*, 3.30. Esse verso é dirigido aos Ṛbhus na libação da noite no nono dia da cerimônia Dvādaśāha ['que dura doze dias'] (*ib.* v. 21).
[28] Os castelos de nuvens do demônio Śambara.
[29] [Compare com 10.86.11].
[30] Foi criado por Prajāpati. – Sāyaṇa.
[31] ['A cujo comando, e império, ninguém, seja deus ou mortal audacioso, pode resistir'. – Muir, *O. S. Texts*, IV. 105].
[32] Ou, 'deus de bela mandíbula'. – Wilson.

13. Tu nas vacas pretas[33] e nas vermelhas e nas vacas de pele manchada
Depositaste este leite branco.
14. Quando em seu terror todos os Deuses recuaram diante da força furiosa do Dragão,[34]
O medo do monstro[35] caiu sobre eles.
15. Então ele foi meu Defensor, então, Invencível, cujo inimigo não existe,
O matador de Vṛtra mostrou sua força.

16. A ele o seu melhor matador de Vṛtra, a ele o famoso Campeão[36] da humanidade
Eu incito para grande generosidade,
17. Para vir,[37] Louvado por muitos! Citado por muitos! com este mesmo pensamento que anseia por leite, sempre que o suco Soma é derramado.
18. Muito honrado por libações, que o matador de Vṛtra desperte para nós:
Que Śakra ouça as nossas preces.

19. Ó Herói, com qual auxílio tu nos deleitas, com qual socorro trazes
Riquezas a quem te adora?
20. Com a libação de quem se alegra o Forte, o Herói com sua parelha que subjuga
O inimigo, para beber o suco Soma?
21. Regozijante em teu espírito traze opulência multiplicada por mil para nós;
Enriquece os teus devotos com presentes.

22. Estes sucos com suas esposas[38] fluem para apreciação[39] amorosamente;
Para as águas corre o inquieto.[40]
23. Os presentes fortalecedores oferecidos enviaram Indra para longe em sacrifício,
Com poder, para o banho purificador.[41]
24. Esses dois que compartilham do banquete dele, os Corcéis Baios de crinas douradas,
Trá-lo-ão para o banquete que já está posto para ele.

25. Para ti, ó Senhor da Luz, são derramadas estas gotas de Soma, e a grama está espalhada; [Agni,] traze Indra para os seus adoradores.
26. Que Indra te dê habilidade e as luzes do céu, riquezas para o seu devoto
E os sacerdotes que o louvam: louvem-no.
27. O Śatakratu, força extraordinária e todos os nossos louvores eu trago a ti;
Sê bondoso para com os teus adoradores.

28. Traze para nós todas as coisas excelentes, ó Śatakratu, alimento e força,
Pois, Indra, tu és bom para nós.
29. Ó Śatakratu, traze para nós todas as bênçãos, toda felicidade,
Pois, Indra, tu és bom para nós.
30. Portando o suco Soma nós chamamos a ti, o melhor matador de Vṛtra;
Pois, Indra, tu és bom para nós.

---

[33] Veja 1.62.9.
[34] O ataque feroz do demônio Ahi.
[35] Ou do animal selvagem, Ahi.
[36] Eu uno *pra* a *śardhaṃ*, como sugerido no *Léxico de São Petersburgo*.
[37] Isto é, para que tu, Indra, possas vir. Essa mudança abrupta de pessoa não é incomum no Veda.
[38] É dito que as esposas dos sucos Soma são as duas águas chamadas *vasatīvaryah* e *ekadhanāḥ,* usadas nas cerimônias de Soma. [Veja a nota 17].
[39] Para serem bebidos por Indra.
[40] Ou, com Grassmann, 'O amante das águas acelera'. O sentido exato de *nicumpuṇaḥ* é incerto, Yāska derivando-o de *cham*, comer, e Mahīdhara de *chup*, rastejar ou se mover lentamente. O significado da frase é, segundo o comentador, que, na hora da cerimônia purificatória final que é para expiar os erros e omissões no sacrifício principal, o Soma passado é jogado nas águas. Veja a nota de Cowell [17] na tradução de Wilson.
[41] O *avabhṛtha,* aqui, aparentemente, o banho ou recipiente no qual as plantas Soma eram enxaguadas e limpas.

31. Vem, Senhor de alegrias arrebatadoras, à nossa libação com os teus Cavalos Baios,
Vem para a nossa libação com teus Corcéis.
32. Conhecido antigamente como o melhor matador de Vṛtra, como Indra Śatakratu, vem
Com Corcéis Baios para o suco que nós derramamos.
33. Ó matador de Vṛtra, tu és aquele que bebe essas gotas de Soma; vem
Com Corcéis Baios para o suco que nós derramamos.

34. Que Indra dê, para nos ajudar, a riqueza acessível[42] que governa os Hábeis;[43]
Sim, que o Forte[44] dê riqueza potente.

Índice◄►Hino 94 (Griffith)

---

703 - Hino 94. Maruts (Wilson)

(Anuvāka 10. Continuação do Adhyāya 6. Sūkta I)

Os deuses são os Maruts; o Ṛṣi é Vindu [Bindu] ou Pūtadakṣa da família de Aṅgiras; a métrica é Gāyatrī.

Varga 28. **1**.[1] A vaca[2] (Pṛśni), a mãe desejosa de alimento dos ricos Maruts, bebe (o Soma); ela é digna de toda honra, que atrela (as éguas) às carruagens deles,
2. Ela, em cuja presença todos os deuses cumprem as suas funções, e o sol e a lua se movem em paz para iluminar o mundo.
3. Por isso todos os nossos sacerdotes em seu culto sempre cantam aos Maruts para que eles possam beber o Soma.[3]

4. Este Soma é derramado (por nós); os Maruts autorresplandecentes bebem dele, e os Aśvins.[4]
5.[5] Mitra, Aryaman e Varuṇa bebem (o Soma), purificado pelo tecido coador, que permanece em três lugares[6] e concede posteridade.[7]
6.[8] Indra também está ansioso pela manhã para beber este (Soma) derramado misturado com leite, como um sacerdote (para louvar os deuses).

Varga 29. **7**. Quando os sábios reluzem como águas através (do céu)? quando os Maruts, puros em vigor, destruidores de inimigos, vêm à nossa oferenda?
8. Eu terei hoje a sua proteção, deuses poderosos, belamente brilhantes em si mesmos (embora sem adornos)?

---

42 *Ṛbhuṃ*.
43 *Ṛbhukṣaṇam*.
44 *Vājī*. Essas palavras são usadas como jogos com os nomes dos Ṛbhus, ou, como Grassmann diz, o verso pode ter sido tirado de um hino dirigido aos Ṛbhus. [Veja a versão de Wilson e a nota (27) de Cowell].

---

1 *Sāma-Veda*, 1.2.2.1.5.
2 Veja 1.23.10; 2.34.2, etc.
3 Sāyaṇa explica esse verso, 'todos os nossos sacerdotes em seu culto sempre cantam aquele (poder dos Maruts) para que eles possam beber o Soma; os Maruts (devem ser invocados por nós)'.
4 *Sāma-Veda*, 1.2.2.3.10; 2.9.1.1.8. A construção indicaria mais corretamente que *svarājaḥ* é um epíteto de *asya* (*somasya*), não de *marutaḥ*.
5 *Sāma-Veda*, 2.9.1.8.2.
6 'O suco Soma, quando ele é extraído, é vertido no Ādhavanīya, uma espécie de tina. Daí ele é derramado em um tecido, para coar. Esse tecido é chamado de Pavitra ou Daśāpavitra. Abaixo do pano há outra tina chamada Pūtabhṛt'. Haug. Esses são os 'três lugares' do texto. [Veja também o *Śatapatha Brāhmaṇa* 4.1.1.3, nota].
7 *Jāvataḥ* é uma palavra difícil. Sāyaṇa a explica como 'que tem relação com pessoas louváveis', eu adotei a interpretação do *Dicionário de São Petersburgo*.
8 *Sāma-Veda*, 2.9.1.8.3.

9. (Nós invocamos) para beber o nosso Soma aqueles Maruts que estendem todas as coisas da terra e os luminares do céu.

10. Ó Maruts, eu os invoco, resplandecentes, de vigor puro, para beber este Soma.
11. Eu invoco para beber este Soma aqueles Maruts que estabeleceram o céu e a terra.
12. Eu invoco aquele grupo de Maruts, que permanece nas nuvens, os derramadores, para beber este Soma.

Índice◄►Hino 95 (Wilson)

---

703 - Hino 94. Maruts (Griffith)

1. A Vaca,[9] a famosa Mãe dos ricos Maruts, derrama seu leite:
Ambos os cavalos dos carros estão atrelados –
2. Ela em cujo seio[10] todos os Deuses, e o Sol e a Lua para que os homens vejam,
Mantêm suas Leis eternas.
3. Isso tudo os piedosos cantam para nós, e os poetas sagrados sempre;
Os Maruts[11] para a dose de Soma.

4. Aqui está o Soma pronto espremido: deste os Maruts bebem, deste
Autoluminosos os Aśvins bebem.
5. Deste, além disso, purificado, colocado em três lugares,[12] prolífico,[13]
Varuṇa, Mitra, Aryaman bebem.
6. E Indra, como o Sacerdote Arauto,[14] desejoso de suco leitoso,
No início da manhã bebe dele.

7. Quando os Príncipes raiaram e brilharam através das águas como através tropas de inimigos? Quando se apressam aqueles cujo poder é puro?
8. Que favor eu posso reivindicar neste dia de vocês, grandes Deuses, vocês que são maravilhosamente esplêndidos em si mesmos?
9. Eu chamo, para beber o Soma, esses Maruts que expandem todos os reinos da terra
E as regiões luminosas do céu.

10. Vocês, igualmente assim, puros em seu poder, vocês, ó Maruts, eu invoco
Do céu para beber este suco Soma.
11. Os Maruts, os que têm sustentado e apoiado os céus e a terra separados,
Eu chamo para beber este suco Soma.
12. Aquele grupo vigoroso de Maruts que reside nas montanhas, eu
Invoco para beber este suco Soma.

Índice◄►Hino 95 (Griffith)

---

[9] Pṛśni.
[10] 'Em cuja presença'. – Wilson.
[11] Estão a ser invocados, subentendido.
[12] Primeiro em uma tina, então em um tecido coador, então em uma terceira tina ou recipiente chamado Pūtabhṛt.
[13] Isto é, que concede progênie para o adorador.
[14] Agni.

703 - Hino 94. Aos Maruts (Os Deuses da Tempestade) (Müller)

MAṆḌALA 8, HINO 94.
AṢṬAKA 6, ADHYĀYA 6, VARGA 28-29.

1. A vaca, que deseja glória, a mãe dos generosos Maruts, envia o seu leite; os dois cavalos foram atrelados às carruagens –
2. Ela, em cujo colo[15] todos os deuses cumprem os seus deveres, o sol e a lua (também), para que possam ser vistos;
3. Por isso todos os nossos amigos, os cantores, convidam os Maruts sempre, para beber (o nosso) Soma.

4. Este Soma aqui foi preparado, os Maruts bebem dele, os Aśvins também bebem do Senhor (Soma).[16]
5. Mitra, Aryaman e Varuṇa bebem do Soma, que é continuamente clarificado, que reside em três moradas,[17] que obtém prole.
6. Que Indra também se regozije para a sua satisfação neste suco espremido, misturado com leite, como um Hotṛ[18] no sacrifício da manhã.

7. Os senhores brilhantes irromperam? Dotados de força pura eles correm, como a água, através de seus inimigos.
8. Eu devo agora escolher o favor de vocês, os grandes deuses, que por si mesmos resplandecem maravilhosamente,
9. Os Maruts, que, quando vão beber Soma, expandem toda a terra e as luzes do céu.

10. Eu chamo agora os que são dotados de força pura, vocês, ó Maruts, do céu, para que vocês possam beber o Soma aqui;
11. Eu chamo agora aqueles Maruts que mantêm o céu e a terra separados, para que eles possam beber o Soma aqui;
12. Eu chamo agora aquela companhia valorosa de Maruts, que residem nas montanhas, para que eles possam beber o Soma aqui.

Índice◄

---

704 - Hino 95. Indra (Wilson)

(Sūkta II)

O deus é Indra; o Ṛṣi é Tiraścī da família de Aṅgiras; a métrica é Anuṣṭubh.

Varga 30. **1**.[1] Ó Indra digno de louvor, quando o Soma é derramado, as nossas músicas correm para ti como um auriga (para a sua meta); elas mugem para ti como vacas em direção aos seus bezerros.
2. Indra digno de louvor, que as brilhantes libações de Soma cheguem a ti; bebe a tua porção da bebida; Indra, em todos os lugares ela é adequada para ti.

---

[15] Eu preferiria tomar *upásthe* no sentido de proximidade, que, como no caso de *vṛkṣopasthe*, pode ser traduzido por sombra, ou proteção.
[16] *Svarāj* parece significar Soma como Senhor, não como brilhante.
[17] As três moradas ou são o sacrifício da manhã, do meio-dia, e da noite, ou os três recipientes de Soma, o Droṇakalaśa, Ādhavanīya e Pūtabhṛt.
[18] Eu não vejo por que *hotā-iva* não deva significar 'como o sacerdote', pois o sacerdote também se regozija com a libação; veja *Arthasaṁgraha*, ed. Thibaut, 10 e 20. Ludwig prefere tomar *hotā* por Agni, o fogo.

---

[1] *Sāma-Veda,* 1.4.2.1.8.

3. Bebe até a saciedade, Indra, o Soma vertido trazido pelo falcão,[2] tu és o Senhor de todas as hostes divinas, tu és o autorresplandecente.

4.[3] Ouve, Indra, a prece de Tiraścī que te adora, e o satisfaze com riqueza que traga prole corajosa e gado, – pois tu és poderoso.
5.[4] Para aquele que fez para ti este novo hino dador de alegria, que tu, Indra, (estendas) a tua antiga providência verdadeira à qual todos os corações são conhecidos.
Varga 31. **6**. Louvemos aquele Indra a quem os nossos cânticos e hinos têm magnificado; nós adoramos a ele, desejosos de honrar os seus muitos atos de poder.

7.[5] Venham, louvemos o purificado Indra com um Sāman puro e com hinos puros recitados; que o puro (Soma) misturado com leite alegre a ele que se torna forte.[6]
8.[7] Vem a nós, Indra, purificado; purificado com as tuas hostes protetoras puras;[8] purificado estabelece riqueza em nós; purificado e agora digno do Soma, regozija-te.
9. Purificado, Indra, dá-nos riqueza; purificado dá coisas preciosas ao teu adorador; purificado tu golpeias os teus inimigos; purificado tu desejas nos dar alimentos.

Índice◄►Hino 96 (Wilson)

---

704 - Hino 95. Indra (Griffith)

1. Amante de Música! como um auriga[9] as músicas vêm para ti quando o Soma flui.
Ó Indra, elas têm te chamado como mães-vacas [chamam] seus bezerros.
2. Os sucos brilhantes têm te apressado para cá, Indra, Amante de Música.
Bebe, Indra, desta seiva que flui: em cada casa ela é colocada para ti.
3. Bebe Soma para te inspirar, o suco, Indra, que o Falcão trouxe;[10]
Pois tu és Rei e o Senhor Soberano de todas as famílias dos homens.

4. Ó Indra, ouve o chamado de Tiraścī, o chamado dele que serve a ti.
Satisfaze a ele com fartura de vacas e descendentes valentes: Grande és tu.
5. Pois ele, ó Indra, produziu para ti a mais nova canção alegradora,
Um hino que brota de pensamento cuidadoso, antigo,[11] e cheio de verdade sagrada.
6. Nós louvaremos aquele Indra a quem canções e hinos de louvor têm magnificado.
Esforçando-nos para ganhar, nós celebramos os seus muitos atos de força heroica.

7. Venham agora e vamos glorificar o puro Indra com hinos Sāma puros.[12]
Que a pura dose leitosa deleite a ele fortalecido por canções puras de louvor.
8. Ó Indra, vem puro a nós, com assistência pura, tu mesmo puro.
Puro, envia riquezas a nós, e, digno do Soma, puro, alegra-te.

---

[2] Veja 1.80.2.
[3] *Sāma-Veda*, 1.4.2.1.5; 2.2.2.19.1.
[4] Este e o seguinte ocorrem no *Sāma-Veda*, 2.2.2.19.2-3, [com variações. Veja a versão de Griffith e a nota 11].
[5] *Sāma-Veda*, 1.4.2.1.9; 2.6.2.9.1 [com variação].
[6] Sāyaṇa ilustra este verso e os seguintes por uma lenda do *Śāṭyāyana Brāhmaṇa*, Indra, após matar Vṛtra, sendo poluído pela culpa de bramanicídio, pediu aos Ṛṣis para purificá-lo por meio dos seus hinos Sāman. Eles consequentemente disseram esses versos e ele ficou purificado; eles, então, lhe ofereceram o Soma, etc.
[7] Este e o seguinte se encontram no *Sāma-Veda*, 2.6.2.9.2-3.
[8] Os Maruts.
[9] Isto é, diretamente e rapidamente para o seu objetivo.
[10] Veja 1.80.2 e 1.93.6.
[11] *Mais nova ... antigo:* recente em forma e expressão, mas antigo em substância. Veja Muir, *O. S. Texts,* III. 238-9.
[12] Segundo Sāyaṇa: 'Indra, purificado com hinos Sāman puros', por causa da poluição na qual ele tinha incorrido por matar o brâmane Vṛtra. Veja a tradução de Wilson, [nota 6].

9. Ó Indra, puro, nos concede riqueza, e, puro, enriquece o adorador.
Puro, tu matas os Vṛtras, e te esforças, puro, para ganhar os despojos.

Índice◄►Hino 96 (Griffith)

---

705 - Hino 96. Indra (Wilson)

(Sūkta III)

O deus do hino é Indra, exceto que na última parte do décimo quarto verso os Maruts e no décimo quinto Indra e Bṛhaspati são abordados; o Ṛṣi é Dyutāna, filho dos Maruts, ou Tiraścī [Āṅgirasa]; a métrica é Triṣṭubh, exceto no quarto verso, onde é Virāj.

Varga 32. **1**. Para ele as auroras prolongaram o seu surgimento; para Indra as noites proferiram vozes auspiciosas à noite;[1] para ele as águas, as mães, os sete rios, ficaram paradas, oferecendo uma passagem fácil para os homens atravessarem.
2. Por ele o atirador, sem ajuda, foram perfurados os três vezes sete platôs[2] das montanhas amontoados; nem deus nem mortal poderia fazer o que ele, o derramador, em sua força plenamente desenvolvida, fez.
3. O raio de ferro de Indra é agarrado firmemente na mão dele; enorme força reside em seus braços; quando ele sai (para lutar) há amplo emprego para sua cabeça e sua boca,[3] e (os seus seguidores) correm para perto dele para ouvir seus comandos.

4. Eu te considero o mais digno entre aqueles dignos de sacrifício; eu te considero o derrubador das (montanhas) imperecíveis[4]; eu te considero, Indra, o estandarte[5] dos guerreiros; eu te considero o derramador (de bênçãos) para os homens.
5. Quando, Indra, tu pegas em teus braços o teu raio humilhador de orgulho para atingir Ahi, quando as nuvens-montanhas rugem alto e as vacas[6] berram sonoramente, então os Brahmans[7] oferecem seu culto a Indra.
Varga 33. **6**.[8] Louvemos aquele Indra que produziu todas essas coisas, a ele todos os seres são subsequentes; que nós mantenhamos a amizade com Indra por meio dos nossos hinos,[9] vamos trazer o derramador (de bênçãos) para perto de nós por nossos louvores.

---

[1] A explicação de Sāyaṇa é, 'Todos os homens leem o Veda, etc., na segunda metade da noite, portanto, as vozes da noite eram auspiciosas; eles estudavam o Veda sob a direção de Indra'.
[2] Para a lenda veja 8.77.10, nota.
[3] Ou seja, a cabeça é empregada para ajustar o elmo, etc., e os olhos para ver o inimigo, e a boca emite as suas várias ordens.
[4] Sāyaṇa acrescenta outra interpretação: 'dos heróis que não são derrotados'.
[5] Outra interpretação, mas menos provável, é 'o manifestador de ti mesmo para os teus adoradores'.
[6] As vacas são as águas represadas dentro das nuvens.
[7] Sāyaṇa explica *brahmāṇaḥ* como 'os brâmanes', ou como 'as montanhas, etc.'.
[8] [Segundo Jamison-Brereton: "Os versos 6-9 são melhor interpretados como o discurso direto dos Maruts para Indra, oferecendo-lhe seu louvor, enquanto procuram uma aliança com ele. Eles o fazem lembrar (vs. 7) que eles ficaram e continuam a ficar ao lado dele quando os outros deuses o abandonaram na batalha com Vṛtra, e eles apresentam a sua reivindicação de compartilhar do sacrifício com ele (vs. 8), uma reivindicação também dramatizada vividamente no hino-diálogo 1.165. Eles terminam seu discurso (vs. 9) com a garantia de que juntos, os Maruts e Indra, farão uma equipe imbatível". – *The Rigveda, The Earliest Religious Poetry of India*].
[9] Sāyaṇa toma *mitram* por *maitrīm;* mas ele oferece uma outra interpretação: "Vamos dizer pelos nossos hinos 'Que possamos ser amigos de Indra'".

7.[10] Todos os deuses que eram teus amigos te abandonaram, fugindo do resfôlego de Vṛtra; Indra, que haja amizade para ti com os Martus;[11] então tu conquistas todos esses exércitos hostis.
8. Esses sessenta e três Martus[12] eram dignos de sacrifício, nutrindo o teu vigor como vacas reunidas; nós viemos a ti, que tu nos concedas a nossa parte; então nós produziremos força em ti por meio dessa oferenda.
9. Ao teu arco afiado, à hoste de Maruts, e ao teu raio quem, Indra, alguma vez resistiu? Os asuras estão desarmados e foram abandonados pelos deuses, os afasta pelo teu disco, ó Ṛjīṣin.[13]

10. Envia um hino excelente ao grande (Indra), o forte, poderoso, e o mais afortunado, (para que ele possa tornar próspero o) meu gado; profere muitos louvores para Indra que é trazido pelo louvor,[14] que ele rapidamente dê muita riqueza a mim.
Varga 34. **11**. Envia o teu louvor ao poderoso Indra que é trazido pelos hinos, como (um marinheiro envia um viajante) em um navio através dos rios; traze para mim pelos teus ritos aquela riqueza que pertence àquele renomado e benéfico; que ele rapidamente dê muita riqueza.
12. Realiza esses teus ritos para que Indra possa aceitá-los; louva a ele a quem o louvor pertence, adora a ele com o teu serviço; ó sacerdote, adorna-te, não te aflijas (pela pobreza); que Indra ouça o teu louvor, que ele dê muita riqueza rapidamente.

13.[15] O veloz Kṛṣṇa com dez mil (demônios) ficou na Aṃśumatī; por seu poder Indra o pegou bufando (na água); ele, benevolente para com o homem, atingiu os seus (bandos) malignos.[16]
14. "Eu vi o (demônio) veloz escondido em um lugar inacessível, nas profundezas do rio Aṃśumatī, (eu vi) Kṛṣṇa lá como (o sol) em uma nuvem; eu apelo a vocês, derramadores; o vençam em batalha".[17]
15. Então o veloz resplandecente assumiu o seu próprio corpo ao lado da Aṃśumatī, e Indra com Bṛhaspati como seu aliado atingiu as hostes ímpias[18] à medida que se aproximavam.

---

[10] *Sāma-Veda,* 1.4.1.4.2.
[11] Compare com o *Aitareya Brāhmaṇa* 3.20. Só os Maruts não o deixaram.
[12] *Triḥ ṣaṣṭiḥ* significaria propriamente 'três vezes sessenta', mas Sāyaṇa o toma expressamente como sessenta e três, e explica por acrescentar que havia nove companhias de Maruts, cada uma composta de sete. O *Yajur-Veda Branco,* 17.81-86 (compare com 39.7), dá seis companhias de sete cada, e Sāyaṇa, em seu comentário sobre a *Taittirīya Saṃhitā* 1.5.11, onde ele cita 2.2.5, (*saptagaṇā vai marutaḥ)* similarmente dá o mesmo número (42), mas com nomes aparentemente diferentes; ele acrescenta, no entanto, 'o outro *gaṇa* deve ser procurado em outra *śākhā*. Aqui ele cita cinco *gaṇas* da Saṃhitā, 4.6.5; um sexto, diz ele, é encontrado em um *Khila* ou parte suplementar, e os três *gaṇas* restantes para compor o total de 63 ele tira da *Taittirīya Āraṇyaka*, 4.24.25.
[13] Compare com 8.86.4.
[14] Veja 1.30.5; 1.61.4.
[15] *Sāma-Veda,* 1.4.1.4.1, com [variação no último trecho].
[16] Sāyaṇa ilustra este e os versos seguintes por uma lenda que Indra, auxiliado por Bṛhaspati e os Maruts, matou o Asura Kṛṣṇa, que com 10.000 outros asuras tinha ocupado o rio Aṃśumatī, que é dito ser o Yamunā. Ele adiciona uma lenda diferente da *Bṛhaddevatā*, [traduzida no Apêndice 3], que, no entanto, não sendo declarada por um ṛṣi, não deve ser recebida implicitamente. Esse outro relato é no sentido que o Soma, com medo de Vṛtra, refugiou-se com os Kurus ao lado do rio Aṃśumatī. Indra o seguiu com Bṛhaspati e os Maruts, e pediu que ele voltasse. Ele, no entanto, recusou e tentou resistir, mas acabou por ser vencido e levado de volta para os deuses, que o beberam e, em consequência, venceram os demônios. *Drapsa* é uma palavra comum para Soma, 'a gota', e dificilmente pode significar 'veloz' como Sāyaṇa a julga. Benfey atribui a linha à nuvem, tomando Aṃśumatī como a luz solar.
[17] Este é o discurso de Indra aos Maruts. Eu suponho que o símile significa que, embora o demônio pense que está escondido, ele é visto tão claramente por Indra como o sol é visto atrás de uma nuvem.
[18] Sāyaṇa explica *adevīḥ* como 'não brilhantes, escuras', ou 'não louváveis' ('illaudati' de Virgílio).

Varga 35. **16**.[19] Logo que nasceste, Indra, tu foste um inimigo para aqueles sete que não tinham inimigos;[20] tu recuperaste os céus e a terra quando escondidos (na escuridão); tu deste alegria aos mundos poderosos.
17. Trovejante, tu, o resoluto, derrotaste aquele poder incomparável com teu raio; tu destruíste Śuṣṇa com tuas armas, tu recuperaste as vacas, Indra, pela tua sabedoria.
18. Tu, derramador, foste o poderoso destruidor dos obstáculos de teus adoradores; tu libertaste os rios obstruídos, tu ganhaste as águas que os Dāsas tinham dominado.

19. Ele que nobre em suas façanhas se regozija com as libações de Soma, ele cuja ira não pode ser repelida e que é rico como os dias,[21] ele que sozinho realiza os ritos para seu adorador – ele, o matador de Vṛtra, os homens dizem, é um páreo para todos os outros.
20. Indra é o matador de Vṛtra, o nutridor de homens; invoquemos a ele, digno de invocação, com um hino excelente; ele é Maghavan, nosso protetor, nosso incentivador, ele é o concessor de alimento que traz fama.
21. Assim que nasceu, ele, Indra, o matador de Vṛtra, o chefe dos Ṛbhus, foi digno de ser invocado; ele, realizando muitos atos sagrados para os homens, é digno de ser invocado por seus amigos como o suco Soma bebido.

Índice◄►Hino 97 (Wilson)

---

705 - Hino 96. Indra (Griffith)

1. Para ele todas as Manhãs tornaram seus cursos mais longos, e as Noites com vozes agradáveis falaram para Indra. Para ele as Águas ficaram paradas, as Sete Mães, Rios fáceis para os heróis[22] atravessarem.
2. O Lançador[23] penetrou, embora em apuros,[24] três vezes sete cumes de montanhas firmemente pressionados. Nem deus poderoso nem homem mortal pode realizar o que o Herói forte operou em vigor pleno.
3. A força mais poderosa está no raio de ferro de Indra quando seguro com firmeza em ambos os braços de Indra. Sua cabeça e boca têm poderes que excedem todos os outros, e todo o seu povo se apressa para ouvir.[25]

4. Eu te considero como o mais Santo dos Santos,[26] o derrubador do que nunca foi abalado.[27] Eu te considero como a Bandeira dos heróis, eu te considero como o Chefe de todos os homens que vivem.

---

[19] *Sāma-Veda*, 1.4.1.4.4.
[20] Ou seja, Kṛṣṇa, Vṛtra, Namuci, Śambara, etc. Outra interpretação é 'tu foste um inimigo para aqueles que não tinham inimigos, em nome dos sete sábios' (os Aṅgirasas), isto é, para recuperar suas vacas.
[21] Sāyaṇa acrescenta 'a riqueza é produzida nos dias, não nas noites'.
[22] Talvez Turvaśa e Yadu. – Ludwig.
[23] Do raio, Indra.
[24] Porque ele não tinha ninguém para ajudá-lo. O que são os 'três vezes sete cumes de montanhas firmemente pressionados' é incerto. Veja a tradução de Wilson, nota. Ludwig acha que a batalha do Sol com os demônios do inverno pode ser aludida.
[25] Às ordens que brotam de sua boca.
[26] ['O mais adorável dos adoráveis'. – Muir, *O. S. Texts,* V. 101].
[27] [Muir observa que 'Os Maruts são ditos terem o mesmo poder (1.64.3)'. – *Id.*].

5. Quando, Indra, em teus braços tu pegaste o teu raio que corre furiosamente[28] para matar o dragão,[29] as montanhas rugiram, o gado berrou alto, os Brahmans com seus hinos se aproximaram de Indra.
6.[30] Louvemos aquele que fez esses mundos e criaturas, todas as coisas que depois dele vieram à existência.[31] Que possamos ganhar Mitra com as nossas canções, e Indra, e sirvamos ao nosso Senhor com adoração.

7. Fugindo aterrorizados do bufo de Vṛtra, todos os Deuses que eram teus amigos te abandonaram. Então, Indra, que a tua amizade seja com os Maruts;[32] em todas essas batalhas tu serás o vencedor.
8. Três vezes sessenta[33] Maruts, tornando[-te] forte, foram contigo, como pilhas de luz radiante,[34] dignos de culto. Nós viemos a ti: concede-nos uma porção apropriada. Vamos adorar o teu poder com esta oferenda.
9. Uma arma afiada é o exército dos Maruts. Quem, Indra, ousa resistir ao teu raio de trovão? Desarmados estão os Asuras, os ímpios: os dispersa com a tua roda,[35] Herói Impetuoso.

10. Para ele, o Forte e Poderoso, o mais auspicioso, envia o belo hino por causa de gado. Coloca sobre o corpo dele muitas canções para Indra invocado com canção, pois ele não as considerará?
11. Para ele, o Poderoso, que aceita louvor, envia o teu pensamento como por um barco sobre os rios; incita com teu hino o corpo do Famoso e Mais Amado, pois ele não o considerará?
12. Serve a ele com os teus presentes que Indra recebe: louva com louvor belo, o convida com tua homenagem. Aproxima-te, ó cantor, e te abstém de protestar.[36] Faze com que a tua voz seja ouvida, pois ele não a considerará?

13. A Gota preta[37] afundou no seio da Aṃśumatī,[38] avançando com dez mil[39] em redor dela. Indra com poder ansiou por ela quando ela ofegou;[40] o de coração de herói deixou de lado suas armas.[41]
14.[42] Eu vi a gota movendo-se ao longe, na margem inclinada do rio Aṃśumatī, como uma nuvem negra que afundou na água. Heróis, eu os envio. Vão, lutem na batalha.

---

[28] Essa é a tradução de Max Müller de *madacyutam*, que também pode ser traduzido como 'despachado em tua alegria arrebatadora'.
[29] Ahi.
[30] [Segundo Jamison-Brereton, esse verso e os três seguintes são a fala dos Maruts para Indra. Veja a nota 8].
[31] ['Vamos louvar esse Indra que produziu esses (mundos): todos os seres são inferiores (ou posteriores) a ele ...'. – *Id.*].
["Embora 'posteriores a ele' seja possível, isso parece pleonástico, visto que, se Indra os gerou, eles *teriam* que ser posteriores a ele. A ideia é que eles existem aqui na terra, abaixo dele, e também que ele os gerou como subordinados. Compare com 'estas comunidades aqui abaixo' (9.96.7) e 'esses grilhões aqui abaixo' (9.97.17), que parecem ambos espaciais, não temporais, também". – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[32] Porque só eles ficaram ao lado dele no conflito.
[33] Ou sessenta e três, segundo Sāyaṇa, nove grupos de sete cada. Veja a nota de Cowell na tradução de Wilson.
[34] 'Como vacas reunidas'. – Wilson. 'Como estrelas da manhã'. – Grassmann. Eu segui Ludwig.
[35] Ou disco, um disco de borda afiada usado como uma arma de guerra.
[36] 'Adorna-te, não te aflijas (pela pobreza)'. – Wilson.
[37] A Lua escurecida.
[38] Um rio místico de ar onde a Lua mergulha para recuperar sua luz desaparecida.
[39] Provavelmente, demônios da escuridão; os números não têm um substantivo.
[40] Enquanto lutava contra seus atacantes.
[41] Depois de matar os demônios e restaurar a Lua escurecida.
[42] Indra se dirige aos Maruts.
[Sāyaṇa explica as estrofes 13-15 de modo diferente, segundo uma lenda [traduzida no Apêndice 3] que provavelmente foi sugerida por essa passagem. Ele considera que *drapsaḥ kṛṣṇaḥ*, gota preta, significa 'o veloz Kṛṣṇaḥ', um Asura ou demônio que com dez mil de sua espécie tinha ocupado as margens do rio Aṃśumatī, que, ele diz, é o

15. E então a gota no seio da Aṃśumatī, esplêndida com luz, assumiu o seu próprio corpo; E Indra, com Bṛhaspati para ajudá-lo, venceu as tribos ímpias que vieram contra ele.

16. Então, em teu nascimento, tu foste o inimigo, Indra, dos sete[43] que nunca tinham encontrado um rival. O Par oculto, o Céu e a Terra, tu achaste, e deste alegria aos mundos poderosos.
17. Então, Armado de Trovão! tu com teu raio de trovão atingiste corajosamente aquele poder que ninguém poderia igualar; com armas abateste o poder de Śuṣṇa, e, Indra, encontraste pela tua força o gado.
18. Então tu foste, Comandante de todos os mortais vivos, o muito poderoso matador dos Vṛtras. Então tu fizeste fluir os rios obstruídos, e ganhaste as águas que estavam escravizadas pelos Dāsas.

19. O mais sábio é ele, que se regozija em libações, esplêndido como o dia, irresistível em sua ira. Só ele faz grandes obras, o único Herói, ele o único matador de Vṛtra, com ninguém ao seu lado.
20. Indra é o matador de Vṛtra, sustentador do homem: ele deve ser chamado; com belo louvor vamos chamá-lo. Maghavan é nosso Auxiliador, nosso protetor, dador de despojos e riqueza para nos tornar famosos.
21. Esse Indra, matador de Vṛtra, esse Ṛbhukṣan,[44] mesmo em seu nascimento, era digno de invocação. Fazedor de muitas obras para o benefício do homem, como o Soma bebido, como amigos nós devemos invocá-lo.

Índice◄►Hino 97 (Griffith)

---

706 - Hino 97. Indra (Wilson)

(Sūkta IV)

O deus é Indra; o Ṛṣi é Rebha da família de Kaśyapa; a métrica dos primeiros nove versos é Bṛhatī, do décimo e décimo terceiro Atijagatī, do décimo primeiro e décimo segundo Upariṣṭādbṛhatī, do décimo quarto Triṣṭubh, do décimo quinto Jagatī.

Varga 36. **1**.[1] Indra, senhor do céu, com as coisas boas que tens levado dos Asuras que tu tornes próspero, Maghavan, o teu louvador e aqueles que espalharam para ti a grama cortada.
2. Aqueles cavalos, aquelas vacas, aquela riqueza imperecível que tu confiscaste (dos teus inimigos), as concede ao sacrificador que oferece o Soma e é generoso para com os sacerdotes, não ao avaro.
3. Que aquele, Indra, que dorme descuidado dos deuses e que não oferece nenhum sacrifício, que ele perca a sua riqueza preciosa pelos seus próprios maus costumes,[2] e então que tu o alojes em algum lugar escondido.[3]

Yamunā ou Jumna, e foi lá derrotado por Indra, Bṛhaspati e os Maruts. Veja nota de Cowell na tradução de Wilson [nota 16].
[43] Kṛṣṇa, Vṛtra, Namuci, Śambara e outros. – Sāyaṇa.
[44] Ou, Senhor dos Ṛbhus.

[1] *Sāma-Veda*, 1.3.2.2.2.
[2] Sāyaṇa acrescenta: 'por jogos de azar, etc.'.
[3] ['Esconde dele a riqueza que nutre'. – Griffith].

4.[4] Se, Śakra, tu estás na região longínqua, ou se, matador de Vṛtra, tu estás na inferior,[5] o sacrificador almeja te trazer, Indra, de lá por seus hinos como por corcéis que vão para o céu;
5. Ou se tu estás no brilho do céu, ou se em alguma região no meio do mar, ou se, mais poderoso matador de Vṛtra, em alguma residência na terra, ou se no firmamento, vem até nós.
Varga 37. **6**. Indra, bebedor de Soma, senhor da força, agora que as nossas libações foram derramadas, que tu nos alegres com alimento saudável[6] e ampla riqueza.

7.[7] Não nos deixes, Indra, mas compartilha da nossa alegria; tu és nossa proteção, tu és nosso parente; Indra, não nos deixes.
8. Senta-te conosco, Indra, na oblação para beber o Soma; Maghavan, realiza uma proteção poderosa para o teu adorador, (sentado) conosco na oblação.
9. Trovejante, nem deuses nem mortais se igualam a ti por seus atos; tu superas a todos os seres por tua força, os deuses não se igualam a ti.

10.[8] O (sacerdotes) reunidos despertaram Indra, o líder, o vencedor em todas as batalhas; eles o criaram (por seus hinos) para brilhar, a ele o mais poderoso em seus atos, o subjugador de inimigos por despojos, o terrível, o mais poderoso, o corajoso, o furioso.
Varga 38. **11**.[9] Os Rebhas em conjunto têm louvado Indra para que ele possa beber o Soma; quando (eles louvam) o senhor do céu que ele se torne forte (pelas oblações), então ele, observador de ritos piedosos, é unido à sua força e aos seus guardas protetores.[10]
12.[11] À primeira vista (os Rebhas) se curvam a ele que é a circunferência da roda, os sacerdotes (adoram) com seu louvor (Indra) o carneiro;[12] radiantes e não prejudicadores, que vocês também, cheios de seriedade, cantem ao ouvido dele com seus hinos.

13.[13] Repetidamente eu invoco o forte Indra, Maghavan, o único que realmente possui poder, o irresistível; que ele se aproxime pelas nossas canções, o mais generoso e digno de sacrifício; que ele, o trovejante, torne todas as coisas prósperas para a nossa prosperidade.
14. Indra, Śakra o mais poderoso, tu sabes como destruir aquelas cidades (de Śambara) pela tua força; por tua causa todos os mundos tremem, tonante, o céu e a terra (tremem) de medo.
15. Indra, herói, que assumes muitas formas, que essa tua veracidade me proteja; leva-nos, trovejante, sobre os nossos muitos pecados como sobre as águas; quando, radiante Indra, tu nos darás alguma riqueza, desejável para todos, variada em seus tipos?

Índice◄►Hino 98 (Wilson)

---

[4] *Sāma-Veda*, 1.3.2.3.2.
[5] Se estás no céu ou no firmamento.
[6] *Sūnṛtāvatā*, 'verdadeiro, correto', é também explicado como 'acompanhado por palavras verdadeiras'; Sāyaṇa acrescenta que realmente significa 'acompanhado por filhos'. Melhor seria 'nos alegra com presentes generosos'.
[7] *Sāma-Veda*, 1.3.2.2.8, com *sadhamādye*. Veja também 8.3.1.
[8] *Sāma-Veda*, 1.4.2.4.1; 2.3.1.14.1, com várias variações na segunda linha. [Veja a nota 18].
[9] *Sāma-Veda*, 2.3.1.14.3, [com variações].
[10] Isto é, pelos louvores dos adoradores ele adquire força, e os Maruts são seus guardas.
[11] *Sāma-Veda,* 2.3.1.14.2, com *abhisvare*. [Veja a versão de Griffith].
[12] Aludindo à lenda sobre Indra levar Medhātithi na forma de um carneiro. Veja 1.51.1; 8.2.40.
[13] *Sāma-Veda*, 1.5.2.3.4, com algumas variações.

706 - Hino 97. Indra (Griffith)

1. Ó Indra, Senhor da Luz, com aquelas alegrias[14] que tu trazes dos Asuras,[15] torna próspero, ó Maghavan, aquele que louva esse feito, e aqueles cuja grama é cortada para ti.
2. A parte inesgotável de cavalos e vacas que, Indra, tu seguraste firmemente, concede ao devoto que espreme Soma e dá recompensa,[16] não ao mesquinho.
3. O homem sem ritos, ímpio, que dorme, ó Indra, seu sono ininterrupto, que ele por seguir os seus próprios planos morra. Esconde dele a riqueza que nutre.

4. Se, ó Śakra, tu estás longe, ou, matador de Vṛtra, bem perto, de lá, por canções que chegam ao céu aquele que espremeu o suco te convida com os teus Corcéis de crina longa.
5. Se tu estás na esfera brilhante do céu, ou na bacia do mar; se, principal matador de Vṛtra, em algum lugar na terra ou no firmamento, aproxima-te.
6. Ó bebedor de Soma, Senhor da Força, ao lado do nosso suco Soma que flui, alegra-nos com a tua recompensa rica em deleite, ó Indra, com riqueza abundante.

7. Ó Indra, não te desvies de nós, sê o companheiro do nosso banquete. Pois tu és nossa proteção, sim, tu és nosso parente, ó Indra, não te desvies de nós.
8. Senta-te conosco, ó Indra, senta-te ao lado do suco para beber o hidromel. Mostra grande predileção pelo cantor, Maghavan; Indra, conosco, ao lado do suco.
9. Ó Lançador da Pedra,[17] nem Deuses nem mortais alcançaram a ti. Tu em teu poder superas tudo o que foi feito; os deuses não alcançaram a ti.

10. De comum acordo eles[18] fizeram e formaram para a realeza Indra, o Herói que vence em todos os confrontos, o mais eminente por poder, o destruidor no conflito, feroz e extremamente forte, decidido e cheio de vigor.
11. Os bardos se uniram em canção para Indra para que ele possa beber o suco Soma, o Senhor da Luz, para que ele cujas leis permanecem firmes possa ajudar com poder e com o auxílio que ele dá.
12. Os santos sábios formam um círculo, olhando e cantando para o Carneiro.[19] Incitadores,[20] cheios de vigor, que não se deixam enganar, estão com os cantores, perto para ouvir.

13. Em voz alta eu chamo aquele Indra, Maghavan o Poderoso, que sempre possui poder, sempre irresistível. Santo, o mais generoso, que ele possa nos levar às riquezas, e, Armado de Trovão, torne todos os nossos caminhos agradáveis para nós.
14. Tu bem sabes, ó Śakra, o mais potente, com a tua força, Indra, destruir esses castelos. Diante de ti, Armado de Trovão! todos os seres tremem: os céus e a terra diante de ti tremem de terror.
15. Que a tua verdade, Indra, Herói Extraordinário! seja minha guarda; leva-me sobre muitas aflições, Trovejante! como sobre as águas. Quando, Indra, tu nos honrarás com opulência, todo-nutritiva e muito desejável, ó rei?

---

[14] Riquezas. – Sāyaṇa.
[15] Dos rākṣasas poderosos. – Sāyaṇa.
[16] Recompensa generosamente os sacerdotes.
[17] [‘Lançador de rochas’. – Muir].
[18] [‘Embora pertençam a tṛcas diferentes, 10ab responde ao verso 9. Além disso, no v. 9 diz-se que os deuses (bem como os mortais) não alcançaram Indra, enquanto em 10ab os deuses parecem ser o sujeito implícito dos verbos *tatakṣuḥ* e *jajanuḥ,* ‘moldaram e geraram’ - em outras palavras, paradoxalmente, apesar de não o alcançarem eles são creditados com a criação dele’. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[19] Indra, veja 1.51.1 e 8.2.40.
[20] Aparentemente, os próprios Deuses.

707 - Hino 98. Indra (Wilson)

(Adhyāya 7. Continuação do Anuvāka 10. Sūkta V)

O deus é Indra; o Ṛṣi é Nṛmedha da família de Aṅgiras; a métrica é Uṣṇih, mas no sétimo, décimo e décimo primeiro versos é Kakubh, e no nono e décimo segundo Purauṣṇih.

Varga 1. **1**.[1] Cantem um Sāman para Indra, um Bṛhat para o sábio poderoso, para o realizador de ritos religiosos, o onisciente que anseia por louvor.
2.[2] Tu és o conquistador, Indra; tu acendeste o sol; tu és o Criador de tudo, o senhor de todos os deuses, o poderoso.
3.[3] Tu permeaste a luz do firmamento,[4] iluminando o céu pelo teu esplendor; os deuses, Indra, submissamente solicitaram a tua amizade.

4.[5] Vem a nós, Indra, amado, triunfante, e a quem nada pode esconder - senhor do céu, vasto por todos os lados, como uma montanha.
5.[6] Verdadeiro bebedor de Soma, tu superas o céu e a terra; ó Indra, tu és o fomentador daquele que prepara a libação, tu és o Senhor do céu.
6. Tu, Indra, és o atacante de muitas cidades hostis, o matador do Dasyu, o favorecedor do homem,[7] o Senhor do céu.

Varga 2. **7**.[8] Indra digno de hinos, nós enviamos os nossos louvores fervorosos[9] a ti como homens que vão para água (aspergem seus amigos) com mãos cheias.[10]
8.[11] Como o lago (cresce) com os rios, assim os nossos louvores, ó herói, ó trovejante, te aumentam visto que tu cresces cada vez mais[12] dia após dia.
9.[13] (Os sacerdotes) por seu hino atrelam à veloz carruagem imensa de jugo largo do deus os dois cavalos portadores de Indra atrelados a uma palavra.

10.[14] Indra, onividente Maghavan, traze-nos força e riqueza; (nós pedimos a ti) o campeão vencedor de exércitos.[15]
11.[16] Tu tens sido o nosso pai, doador de habitações, tu que és nossa mãe, ó Śatakratu; nós oramos por aquela felicidade que é tua.

---

[1] *Sāma-Veda*, 1.4.2.5.8; 2.3.2.22.1, [com variação].
[2] *Sāma-Veda*, 2.3.2.22.2. Para *viśvadeva* compare com 5.82.7.
[3] *Sāma-Veda*, 2.3.2.22.3.
[4] Eu aqui tomei *rocanaṃ divaḥ* no seu significado usual. Sāyaṇa explica a linha 'tu permeaste e iluminaste pela tua luz o céu que manifesta o sol (como sendo seu receptáculo)'.
[5] *Sāma-Veda*, 1.5.1.1.3; 2.5.1.19.1.
[6] Este e o seguinte (com variação) ocorrem no *Sāma-Veda*, 2.5.1.19.2.
[7] Sāyaṇa explica *manoḥ* como 'o homem que oferece sacrifício'.
[8] *Sāma-Veda*, 1.5.1.2.8; 2.1.1.23.1, com algumas variações.
[9] Ou 'desejos', 'preces', veja 1.81.8.
[10] O comentador acrescenta 'em diversão'. Sāyaṇa, em seu comentário sobre a frase correspondente no *Sāma-Veda* explica: 'como os homens que vão para a água, ou seja, um rio, ou as águas, ou seja, o mar, desejam um ganho multiplicado por oito'.
[11] *Sāma-Veda*, 2.1.1.23.2.
[12] Sāyaṇa considera *brahmāṇi vāvṛdhvāṃsaṃ* como 'que cresces com os nossos louvores ainda mais do que o lago'.
[13] *Sāma-Veda*, 2.1.1.23.3, acrescentando *svar-vidā.*
[14] *Sāma-Veda*, 1.5.1.2.7; 2.4.2.13.1.
[15] Conforme Sāyaṇa. A verdadeira construção é, sem dúvida, 'traze-nos um campeão vencedor de exércitos', ou seja, um filho.
[16] Este e o seguinte (com variação) ocorrem no *Sāma-Veda*, 2.4.2.13.2-3.

12. Poderoso Śatakratu, invocado por muitos, eu louvo a ti que desejas oferendas; que tu nós dês riquezas.

Índice◄►Hino 99 (Wilson)

---

707 - Hino 98. Indra (Griffith)

1. Para Indra cantem um hino Sāma, uma música sublime para o Sábio Sublime,
Para ele que guarda a Lei, inspirado, e desejoso de louvor.
2. Tu, Indra, és o Conquistador; tu dás esplendor ao Sol.
Criador de todas as coisas, tu és poderoso e Todo-Deus.[17]
3. Radiante com luz tu foste para o céu, o reino luminoso do céu.
As Divindades, Indra, se esforçaram para te ganhar como seu Amigo.

4. Vem a nós, ó Indra, amado, continuamente vencedor, indisfarçável,[18]
Vasto como uma montanha que se estende por todos os lados, Senhor do Céu.
5. O verdadeiro bebedor de Soma, tu és mais poderoso do que ambos os mundos.
Tu fortaleces aquele que derrama libação, Senhor do Céu.
6. Pois tu és aquele, Indra, que ataca todos os castelos do inimigo,[19]
Matador de Dasyus, Apoiador do homem, Senhor do Céu.

7. Agora nós, Indra, Amigo da Canção, enviamos os nossos grandes desejos para ti,
Vindo como águas[20] que seguem águas.
8. Como os rios aumentam o oceano, assim, Herói, as nossas preces aumentam a tua força, embora por ti mesmo, ó Trovejante, crescente a cada dia.
9. Com canção sagrada ele ligam ao amplo carro de jugo largo os Cavalos Baios do Deus rápido, condutores de Indra, atrelados pela palavra.[21]

10. Ó Indra, traze grande força para nós, traze coragem, Śatakratu, tu o mais ativo, traze
Um herói[22] conquistador na guerra.
11. Pois, benevolente Śatakratu, tu tens sido sempre uma Mãe e um Pai para nós,
Então agora por felicidade nós rezamos a ti.
12. A ti, Forte, muito invocado, que mostras a tua força, ó Śatakratu, eu falo;
Então concede-nos força heroica.

Índice◄►Hino 99 (Griffith)

---

[17] *Viśva-devaḥ;* 'o senhor de todos os deuses'. – Wilson.
['Tu, Indra, és o mais poderoso; tu acendeste o sol; tu és grandioso, o arquiteto de todas as coisas, e o senhor de tudo'. – Muir, *O. S. Texts,* IV. 106].
[18] Como o Deus-Sol.
[19] ['Tu, Indra, és o destruidor de todas as cidades'. – Muir, *O. S. Texts,* I. 175].
[20] Em multidões. Mas a meia-linha é muito obscura. [Veja a versão de Wilson].
[21] ['Esse verso pode se referir à 'libação que une os baios fulvos', que serve como motivo para os hinos 1.61-63 e 82 para Indra. No entanto, essa libação é comumente o ato final em um ritual, mas não é final aqui'. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[22] Um filho heroico.

708 - Hino 99. Indra (Wilson)

(Sūkta VI)

O deus e o Ṛṣi [Nṛmedha Āṅgirasa] são os mesmos; a métrica é [Bārhata] Pragātha [Bṛhatī alternando com Satobṛhatī].

Varga 3. **1**.[1] Trovejante, os teus adoradores, preparados com suas oblações, hoje e ontem te fizeram beber (o Soma); ouve, Indra, aqui a nós que te oferecemos louvor, e vem à nossa residência.
2.[2] Senhor dos corcéis, de queixo belo, alegra-te (na libação); nós oramos a ti, os teus devotos vêm a ti; Indra, digno de louvor, que o teu alimento seja um exemplo e excelente.

3.[3] Como os (raios) reunidos vão para o sol, assim (os Maruts vão) para Indra, e por seu poder dividem todos os seus tesouros entre aqueles que nasceram ou nascerão; que nós meditemos sobre a nossa parte.[4]
4.[5] Louvem a ele o concessor de riqueza, cujos presentes nunca são maus; as dádivas de Indra são venturosas; ele dirige a sua mente para o presente e não frustra o desejo de seu adorador.

5.[6] Indra, tu conquistas em batalhas todas as hostes opositoras; ó opositor que derrubas aqueles que se opõem, tu és o castigador dos perversos, o portador (do mal para os teus inimigos), e o destruidor de tudo.
6.[7] O céu e a terra seguem a tua energia destrutiva como mães [seguem] o filho; visto que tu derrotas Vṛtra, todos os exércitos hostis, Indra, desmaiam[8] pela tua ira.

7.[9] (Adoradores), chamem aqui para proteção aquele que nunca envelhece, o que repele (os inimigos), ele mesmo nunca repelido, o conquistador veloz, o condutor, o melhor dos aurigas, não ferido por ninguém, o aumentador de água.
8. Nós pedimos por nossa proteção a Indra, o consagrador de outros,[10] mas ele mesmo não consagrado por ninguém, produzido pela força,[11] dono de uma proteção centuplicada, que possui conhecimento centuplicado, um deus comum a muitos, que esconde tesouros em seu depósito e envia riquezas (para os seus devotos).

Índice ◄ ► Hino 100 (Wilson)

---

[1] *Sāma-Veda,* 1.4.1.1.10; 2.2.1.14.1, [com variação].
[2] *Sāma-Veda*, 2.2.1.14.2.
[3] *Sāma-Veda*, 1.3.2.3.5; 2.5.2.14.1, [com variações]. *Yajur-Veda Branco*, 33.41.
[4] Esse é um verso obscuro e a interpretação de Yāska (*Nir.* vi. 8) lança apenas pouca luz. Sāyaṇa dá outra explicação, '(Ó adoradores), como os (raios) reunidos vão para o sol, assim que vocês também desfrutem de toda a riqueza de Indra, e que nós possuamos como uma herança os tesouros que por seu poder (ele distribui) para aquele que nasceu ou nascerá'. A explicação de Mahīdhara parece muito mais simples e melhor, 'os (raios) reunidos que vão para o sol distribuem todos os tesouros de Indra (para os seres vivos, como chuva, grãos, etc.); que nós também por nosso poder deixemos esses tesouros como uma herança para aquele que nasceu ou vai nascer'.
[5] *Sāma-Veda*, 2.5.2.14.2, [com variação].
[6] *Sāma-Veda*, 1.4.1.2.9; 2.8.1.8.1, [com variação]. *Yajur-Veda Branco*, 33.66. Mahīdhara toma *tūrya* como um imperativo, não como um vocativo.
[7] *Sāma-Veda*, 2.8.1.8.2. *Yajur-Veda Branco*, 33.67.
[8] Os textos do *Ṛgveda*, *Sāma-Veda* e *Yajur-Veda Branco* leem *śnathayanta*, que propriamente significa 'matar', mas aqui deve ter um significado passivo. Sāyaṇa e Mahīdhara leem *śrathayanta*, que eles explicam como 'eles ficam cansados, aflitos'. *Śrathayanta* provavelmente é a leitura correta.
[9] *Sāma-Veda*, 1.3.2.5.1.
[10] Mahīdhara (*Yajur-V.* 12.110) explica *iṣkartāram* como *yajñaniṣpādakam*, mas Sāyaṇa o toma como *śatrūṇaṃ* (?) *saṃskartāram*. Como um dos significados de *saṃskāra* é a investidura com o cordão sagrado, e *vrātya* é o nome para alguém em cuja juventude as observâncias habituais foram omitidas e que não recebeu a sua investidura com o fio sagrado, o epíteto *aniṣkṛtaṃ* talvez ilustre a aplicação do termo *vrātya* ao Ser Supremo na *Praśna Upaniṣad*, 2.11. Grassmann explica *iṣkartāram aniṣkṛtaṃ* como 'diretor, tu mesmo não dirigido'.
[11] Veja 8.90.2.

708 - Hino 99. Indra (Griffith)

1. Ó Trovejante, os adoradores zelosos te deram de beber nessa hora ontem. Então, Indra, ouve aqui aqueles que trazem o louvor; te aproxima da nossa residência.
2. Senhor dos Cavalos Baios, de elmo belo, regozija-te: isso nós almejamos. Aqui, os distribuidores[12] servem a ti. As tuas glórias mais elevadas reivindicam os nossos louvores ao lado do suco, ó Indra, Amante de Música.

3. Voltando-se, por assim dizer, para encontrar o Sol, desfrutam de Indra todas as coisas boas. Quando aquele que vai nascer nasce com poder nós olhamos para tesouros como nossa herança.[13]
4. Louvem a ele que nos envia riqueza, cujas recompensas não prejudicam ninguém; bons são os presentes que Indra concede. Ele não se enfurece com aquele que satisfaz seu desejo: ele dirige a sua mente para dar bênçãos.

5. Tu nas batalhas, Indra, és o subjugador de todos os bandos hostis. Pai és tu, todo-conquistador, que anulas a maldição, ó vencedor dos vencedores.
6. O Céu e a Terra se agarraram firmemente à tua força vitoriosa, como ao seu bezerro[14] duas mães-vacas. Quando tu atacas Vṛtra todos os bandos hostis recuam e desmaiam, Indra, por causa da tua ira.

7. Tragam em seu auxílio o Eterno, que atira e em quem ninguém pode atirar, Incitador, rápido, vitorioso, o melhor dos aurigas, o Fortalecedor invicto de Tugrya;[15]
8. Arranjador de coisas não arranjáveis,[16] o próprio Śatakratu, fonte de poder, Indra, o Amigo de todos, por auxílio nós invocamos, o Guardião do tesouro, o que envia riquezas.

Índice◄►Hino 100 (Griffith)

---

[12] Os sacerdotes que comandam os ritos religiosos.
[13] Essa estrofe é difícil e obscura. Veja a nota de Cowell na tradução de Wilson [a nota 4 acima].
[14] Ou a tradução pode ser: 'como pai e mãe ao seu filho'.
[15] Tugrya é Bhujyu, o filho de Tugra.
[16] 'O consagrador de outros, mas ele mesmo não consagrado por ninguém'. – Wilson.
['Aquele que corrige, mas que não precisa de correção'. – Jamison-Brereton].

709 - Hino 100. Indra e Vāc (Wilson)

(Sūkta VII)[1]

O deus é Indra, exceto no décimo e décimo primeiro versos, onde é Vāc; o Ṛṣi é Nema da família de Bhṛgu, exceto nos versos 4 e 5, nos quais é dito ser Indra; a métrica é Triṣṭubh exceto no sexto verso, onde é Jagatī, e no sétimo, oitavo e nono, onde é Anuṣṭubh.

Varga 4. **1**. Eu[2] aqui sigo à frente de ti[3] com meu filho, os Viśvedevas seguem atrás de mim; se, Indra, tu guardas riqueza para mim, então aplica a tua força ao meu lado.[4]
2. Eu ofereço a libação da bebida estimulante primeiro para ti, que o Soma agradável derramado seja colocado dentro de ti; sê um amigo à minha direita, então nós dois vamos derrotar os nossos muitos inimigos.
3. Ofereçam com fervor, meus companheiros amantes de guerra, louvor verdadeiro a Indra, se ele realmente existe; Nema diz "Realmente não há Indra", quem alguma vez o viu? A quem havemos de louvar?
4. (Indra fala:) "Aqui estou eu, adorador, vê-me aqui; eu domino todos os seres pela minha força; os ofertantes de sacrifício me glorificam por seus louvores; eu, o quebrador, despedaço os mundos.
5. "Quando os amantes de sacrifício subiram até mim sentado sozinho no dorso[5] do meu bem-amado (firmamento), então a minha mente em verdade proclamou ao meu coração, 'Os meus amigos com seus filhos estão chamando por mim'".
6.[6] Realmente todos aqueles teus atos, Maghavan, devem ser proclamados, que tu tens realizado por aquele que oferece libações nos sacrifícios; aquela riqueza de Parāvat,[7] coletada por muitos,[8] tu abriste para Śarabha, o parente do Ṛṣi.
Varga 5. **7**. Corram agora adiante respectivamente; não está aqui aquele que interrompia o seu caminho – Indra não deixou cair o seu raio nos próprios órgãos vitais daquele inimigo?[9]
8. Suparṇa, correndo rápido como o pensamento, passou através da cidade de ferro; então tendo ido para o céu ele trouxe o Soma para o trovejante.[10]

---

[1] ["Com o terceto 'Aqui eu' (1-3) Nema, filho de Bhṛgu, louvou Indra sem vê-lo. E Indra (então) com um dístico (4, 5) (diz): 'Aqui estou eu, contempla-me, vidente'. Pois Nema, estando sozinho ao louvar (Indra), também tinha dito, 'Não há Indra'. Indra, ao ouvir isso, elogiou a si mesmo com duas estrofes (4, 5), quando ele se mostrou. O vidente ao vê-lo ficou muito alegre, e no dístico 'Tudo isso de ti' (6, 7) louva tanto o presente de Indra quanto os seus vários feitos. Mas (a estrofe) 'Rápido como o pensamento' (8) é dirigida à Ave (suparṇa), enquanto que 'No oceano' (9) é (em) louvor ao Raio. No dístico 'Quando Vāc' (10, 11) ele (o vidente) louva a divina Vāc onipenetrante. Tendo atormentado esses três mundos Vṛtra permaneceu (inatacável) em razão de sua fúria. Indra não podia matá-lo. Indo até Viṣṇu ele lhe disse, 'Eu quero matar Vṛtra, anda adiante hoje e fica ao meu lado. Que Dyaus abra espaço para o meu raio estendido'. Dizendo 'Sim', Viṣṇu fez isso, e Dyaus lhe deu uma abertura. Tudo isso é proclamado na estrofe 'Amigo Viṣṇu' (12)". – *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, 240-242].

[2] [O orador aqui é Agni, segundo Griffith; Vāyu, segundo Jamison-Brereton, concordando com Oldenberg; Viṣṇu, (por causa do último verso), segundo Geldner. O segundo verso é a resposta de Indra].

[3] Sāyaṇa acrescenta 'para conquistar os meus inimigos'.

[4] Ou seja, se tu desejas me dar a riqueza dos meus inimigos, vem e me ajuda a derrotá-los.

[5] *Haryatasya pṛṣṭhe* é explicado pelo escoliasta como *kāntasya antarikṣasya pṛṣṭhe*.

[6] ['O hino original parece terminar com essa estrofe'. – Griffith].

[7] Sāyaṇa só acrescenta 'um certo inimigo assim chamado'. *Pārāvata* provavelmente significa 'trazida de longe'.

[8] Sāyaṇa toma *puru-sambhṛtaṃ* adverbialmente, (mas talvez apenas como uma interpretação alternativa, veja outra leitura:) 'Aquela riqueza de Parāvat tu abriste para Śarabha, de modo que ela agora é coletada por muitos'. Ele só acrescenta que Śarabha era um Ṛṣi.

[9] ['Dirigido às águas do céu depois da batalha de Indra com Vṛtra'. – Griffith]. Eu ousei dar uma versão independente desse verso, já que eu não entendo muito bem o comentário de Sāyaṇa. Ele, aparentemente, lê *ni* em vez do *na* da segunda linha, e parece explicar o verso: 'aquele inimigo que estava correndo adiante e que não ficava distante e não os impedia – Indra lançou seu raio nas entranhas daquele inimigo'.

[10] Isso alude à lenda da Gāyatrī como uma ave indo buscar o Soma do céu. Sāyaṇa explica *āyasīm,* 'ferro', como *hiraṇmayīm,* 'de ouro', em alusão, sem dúvida, à outra lenda que representa as cidades dos demônios como feitas de ferro na terra, prata no firmamento, e ouro no céu (*Aitareya Brāhmaṇa,* 1.23).

9. O raio está no meio do mar, coberto pelas águas; (os inimigos) que voam na frente da batalha trazem oferendas de submissão a ele.
10.[11] Quando Vāc, a rainha, a que alegra os deuses, senta-se (no sacrifício) proferindo coisas ininteligíveis, ela ordenha água e alimento para os quatro quadrantes (da terra); para onde foi agora a sua melhor parte?[12]
11.[13] Os deuses produziram a deusa Vāc; a ela os animais de todas as espécies[14] proferem; que ela, Vāc, a vaca que alegra a todos, que produz alimento e bebida, venha a nós, dignamente louvada.
12. Ó Viṣṇu meu amigo, anda adiante com passos largos vigorosamente; ó céu, dá espaço para conter o raio;[15] vamos derrotar Vṛtra, vamos abrir os rios; que eles fluam, livres, sob o comando de Indra.

Índice◄►Hino 101 (Wilson)

---

709 - Hino 100. Indra e Vāc (Griffith)

1.[16] Eu me movo diante de ti aqui presente em pessoa, e todos os Deuses seguem atrás de mim. Quando, Indra, tu me garantires a minha porção, comigo tu realizarás atos heroicos.
2.[17] O alimento de hidromel em primeiro lugar eu te dou, o teu Soma será espremido, a tua parte designada. Tu à minha direita serás meu amigo e companheiro; então nós dois mataremos muitos inimigos.
3.[18] Esforçando-se por força produzam um louvor para Indra, um hino verdadeiro se ele existe de verdade. Um e outro[19] dizem: Indra não existe. Quem o viu? Quem então nós devemos honrar?
4.[20] Eis-me aqui, olha para mim aqui, ó cantor. Tudo o que existe eu supero em grandeza. Os mandamentos da Lei Sagrada me tornam forte. Rasgando com força eu despedaço os mundos.
5. Quando os amantes da Lei[21] subiram e se aproximaram de mim quando eu estava sentado solitário sobre o cume do amado céu, então o meu espírito falou para o coração dentro de mim: os meus amigos com seus filhos me chamam.

---

[11] [“Quem, atendo-se às suas práticas, reverencia Gaurī [Vāc, ‘a voz da região do meio do ar’] com as duas estrofes [10 e 11] ‘Quando a Fala’, da boca dessa (pessoa) não sai nenhuma fala inculta”. – *Ṛgvidhāna* 2.35.2b-3a, tradução de Gonda, 1951].
[12] Sāyaṇa cita o *Nirukta*, xi.28, e explica Vāc aqui como o trovão (veja 8.69.14); pela ‘melhor parte’, ele entende a chuva, ‘que cai na terra ou é absorvida pelos raios do sol’. O sacrifício traz a chuva prenunciada pelo trovão, e em seguida é perguntado: ‘para onde foi o trovão agora que ele já passou?’
[13] Sāyaṇa adiciona para explicar este verso, ‘o trovão, entrando em todos os seres, se torna o que fala a verdade moral’.
[14] Sāyaṇa acrescenta ‘a sua pronúncia seja articulada ou inarticulada’.
[15] Sāyaṇa aqui cita a seguinte passagem da *Bṛhaddevatā:* “Vṛtra envolveu os três mundos e ficou lá em sua energia feroz; Indra não poderia vencê-lo, e ele foi até Viṣṇu e disse: ‘Eu vou derrotar Vṛtra, anda adiante e fica ao meu lado, e que os céus deem espaço para o meu raio erguido’. Viṣṇu concordou e fez isso, e os céus deram um espaço aberto. Tudo isso é contado neste verso”. [Veja a tradução de Macdonell na nota 1].
[16] Esta estrofe é falada por Agni. [Vāyu, segundo Jamison-Brereton, concordando com Oldenberg; Viṣṇu, (por causa do último verso), segundo Geldner].
[17] Indra responde.
[18] Dirigido aos sacerdotes.
[19] *Nema*, mas segundo Sāyaṇa Nema é o nome do Ṛṣi. ‘Nema diz: realmente não há Indra’. – Wilson.
[20] Indra fala esta e a estrofe seguinte.
[21] Os sacerdotes que em sacrifício ascendem até Indra. Segundo Hillebrandt (*V. Mythologie*, I.354), os Maruts; *śiśumantaḥ*, significando não ‘com seus filhos’, mas ‘com o Menino (Soma)’.

6.[22] Todos esses teus atos devem ser declarados em banquetes de Soma, feitos, Indra, Senhor Generoso, para aquele que derrama o suco, quando tu abriste a riqueza empilhada por muitos, trazida de longe para Śarabha,[23] o parente do Ṛṣi.
7.[24] Agora sigam os seus respectivos caminhos, não está aqui aquele que as retinha. Pois Indra não cravou fundo o seu raio na parte vital de Vṛtra?
8. Avançando com a velocidade do pensamento dentro da fortaleza de ferro[25] ele[26] pressionou: o Falcão foi para o céu e trouxe o Soma para o Trovejante.
9. No fundo do Oceano[27] jaz o raio cercado pelas águas, e em fluxo contínuo as torrentes trazem seu tributo a ele.
10.[28] Quando, proferindo palavras que ninguém compreendeu, Vāc,[29] a Rainha dos Deuses, a Alegradora, estava sentada,[30] as quatro regiões do céu extraíram bebida e vigor; agora, onde a sua porção mais nobre[31] desapareceu?
11. Os Deuses geraram Vāc a Deusa, e os animais de todas as formas a pronunciaram.[32] Que ela, a Alegradora, que produz alimento e vigor, a Vaca Leiteira Vāc se aproxime de nós louvada dignamente.
12.[33] Anda com passo mais largo, meu camarada Viṣṇu; abre espaço, Dyaus, para o salto do raio. Vamos matar Vṛtra, vamos libertar os rios, que eles fluam soltos por ordem de Indra.

Índice◄►Hino 101 (Griffith)

---

[22] O sacerdote se dirige a Indra.
[23] Um Ṛṣi desse nome. – Sāyaṇa. O hino original parece terminar com essa estrofe.
[24] Dirigido às águas do céu depois da batalha de Indra com Vṛtra.
[25] O forte ou nuvem na qual o Soma ou a chuva ambrosíaca estava aprisionada. Veja 4.27.2.
[26] O falcão.
[27] Como produzido naturalmente no oceano de ar.
[28] Essa estrofe e a seguinte não têm conexão evidente com a que precede.
[29] Ou Vāk, som, voz, ou a Fala personificada. As suas palavras ininteligíveis são o trovão.
[30] No sacrifício oferecido a ela.
[31] Segundo Sāyaṇa, a chuva que segue o trovão. Ou o próprio trovão pode ser aludido. Veja a nota de Cowell na tradução de Wilson [nota 12]. [‘Para onde partiu o seu elemento mais elevado?’. – Muir. *O. S. Texts,* III. 253].
[32] Os homens que falam de modo articulado e os animais inferiores todos derivam suas vozes dela.
[33] Esta estrofe, que está fora de lugar aqui, é falada por Indra quando ele está prestes a atacar Vṛtra. Veja 4.18.11. [Veja também a *Taittirīya Saṃhitā,* 2.4.12.2].

710 - Hino 101. Vários Deuses (Wilson)

(Sūkta VIII)

Os deuses dos primeiros quatro versos e parte do quinto [5abc] são Mitra e Varuṇa, do resto do quinto [5d] e do sexto os Ādityas, do sétimo e oitavo os Aśvins, do nono e décimo Vāyu, do décimo primeiro e décimo segundo Sūrya, do décimo terceiro Uṣas ou Sūryaprabhā [a luz do sol e da lua], do décimo quarto Pavamāna (Vāyu) [ou Soma*], do décimo quinto e décimo sexto a Vaca. O Ṛṣi é Jamadagni da família de Bhṛgu; a métrica do primeiro, segundo, quinto, sexto, sétimo, oitavo, nono, décimo, décimo primeiro e décimo segundo versos é [Bārhata] Pragātha, do terceiro Gāyatrī, do quarto Satobṛhatī, do décimo terceiro Bṛhatī, do décimo quarto ao décimo sexto Triṣṭubh.

Varga 6. **1**. Realmente consagra a oblação para o sacrifício aquele homem que traz rapidamente Mitra e Varuṇa ao ofertante para a realização de seus desejos.[1]
2. Aqueles dois líderes de ritos, grandes em poder, de grande visão, resplandecentes, e que ouvem de longe, realizam suas obras, como dois braços,[2] pela ajuda dos raios do sol.

3. Mitra e Varuṇa, aquele que se apressa para aparecer diante de vocês se torna o mensageiro dos deuses; ele usa um elmo de ferro,[3] ele exulta em sua riqueza.
4. Aquele que não gosta de questionamento, nem de chamado repetido nem de diálogo – defendam-nos hoje dele e de seu conflito, nos defendam dos braços dele.

5.[4] Ó tu rico em oferendas, canta para Mitra, canta para Aryaman um hino reverente produzido na câmara de sacrifício; canta um discurso propiciador para Varuṇa; canta um hino de louvor aos reis.[5]
Varga 7. **6**. Foram esses que enviaram o Vasu vermelho[6] que dá vitória,[7] o único filho dos três (mundos); eles, os invencíveis, imortais, contemplam do alto as casas dos homens.

7. Ó Nāsatyas associados, venham ambos para os meus louvores gloriosos erguidos e os meus ritos, venham compartilhar das minhas oferendas.
8. Deuses ricos em alimentos, quando nós pedimos a sua recompensa, aquela (riqueza), que os demônios não podem impedir, então, auxiliando[8] o nosso louvor dirigido para o leste, venham, líderes de ritos, adorados por Jamadagni.

9.[9] Vem, Vāyu, para o nosso sacrifício que chega ao céu com seus belos hinos de louvor; este Soma brilhante foi reservado para ti, derramado sobre o meio do tecido que coa.
10. O sacerdote ministrante[10] vem pelos caminhos mais retos, ele traz as oblações para o teu gozo; então, senhor dos corcéis Niyut, bebe de ambos os tipos: o Soma puro e aquele misturado com leite.

---

* ['"Autopurificador', *pávamānaḥ,* não pode se referir a nada além do Soma". – Jamison. Veja a nota 30 § 3].
[1] *Yajur-Veda Branco,* 33.87. Mahīdhara difere de Sāyaṇa em sua explicação, e a apresenta assim: 'Realmente aquele homem que adora Mitra e Varuṇa para a realização de seus desejos e a entrega de oblações torna-se por isso perfeitamente tranquilo e capaz de realizar o sacrifício'.
[2] Sāyaṇa adiciona, como uma explicação, 'isto é, eles obtêm o sacrifício como os braços realizam um objetivo'.
[3] Sāyaṇa diz 'de ouro', como muitas vezes em outros lugares.
[4] *Sāma-Veda,* 1.3.2.2.3, [com variação].
[5] Ou seja, Mitra, Aryaman e Varuṇa.
[6] Sāyaṇa por sua explicação *vāsakam* parece aqui tomar *Vasu* por *Vasum*, ou seja, o Sol, como um dos Vasus, porque ele acrescenta: 'eles o enviam para a dissipação da escuridão dos três mundos'. Mas seria mais natural tomá-lo em seu sentido comum 'riqueza', isto é ouro. 'Foram esses que enviaram o ouro vermelho que dá vitória', ou 'a recompensa da vitória'.
[7] Em outros lugares Sāyaṇa explica *jenya* quando conectado com *vasu* como *jetavya*, 'o que é para ser conquistado ou obtido', veja 2.5.1, 7.74.3; aqui, ele o toma ativamente como *jayasādhanam*.
[8] Talvez 'inspirando', veja 4.6.1.
[9] *Yajur-Veda Branco*, 33.85.
[10] Ou seja, do *havirdhāna*, um veículo para o Soma.

Varga 8. **11**.[11] Realmente tu és grande, ó Sol; em verdade, Āditya, tu és grande; a grandeza de ti, o grandioso, é louvada; verdadeiramente tu és grande, ó deus.
12.[12] Realmente, ó Sol, tu és grande em fama; ó deus, tu és de fato imenso entre os deuses em poder; tu és o matador de asuras[13] e o preceptor (dos deuses); a tua glória é amplamente difundida e inarruinável.

13. Ela[14] que foi criada bela e brilhante, curvando-se e recebendo todos os louvores, tem sido vista dentro (do mundo), como uma vaca malhada, avançando para as dez regiões (espalhadas) como braços.
14.[15] Três tipos de criaturas foram para a destruição; os outros chegaram diante de Agni; o poderoso[16] (o Sol) ficou dentro dos mundos; (Vāyu), o purificador, entrou nos quadrantes do céu.

15. (Ela que é) a mãe dos Rudras, a filha dos Vasus, a irmã dos Ādityas, o lar da ambrosia – eu tenho falado aos homens de compreensão – não matem a *ela*, a vaca impecável imaculada.
16. A vaca divina, que ela mesma pronuncia a fala e dá voz aos outros,[17] que vem acompanhada por todos os tipos de expressão vocal, que me ajuda para o meu culto aos deuses – é apenas o tolo que a abandona.

Índice ◄► Hino 102 (Wilson)

---

710 - Hino 101. Vários (Griffith)

1. De fato, tem trabalhado para o serviço dos Deuses especialmente aquele homem mortal que traz rapidamente para perto Mitra e Varuṇa para compartilhar de seus presentes sacrificais.
2. Supremos em poder soberano, de visão ampla, Comandantes e Reis, os mais prontos a ouvir de longe, ambos, maravilhosamente, colocaram-se em movimento como com os braços,[18] em companhia dos raios de Sūrya.

3. O mensageiro rápido[19] que corre à sua frente, Mitra-Varuṇa, de cabeça de ferro, veloz para a dose,
4. Aquele a quem nenhum homem pode questionar, ninguém pode chamar de volta, que não fica parado para colóquio – do confronto hostil com ele mantenham-nos a salvo neste dia; nos mantenham em segurança com seus braços.

---

[11] *Sāma-Veda*, 1.3.2.4.4; 2.9.1.9.1 [com variações]. *Yajur-Veda Branco*, 33.39.
[12] *Sāma-Veda*, 2.9.1.9.2. *Yajur-Veda Branco*, 33.40.
[13] Sāyaṇa explica *asuryaḥ* por *asurāṇām hantā;* Mahīdhara o considera como 'benéfico para os seres vivos'. O verdadeiro significado sem dúvida é aquele dado no *Dicionário de São Petersburgo:* 'imaterial, espiritual, divino'.
[14] Uṣas, a aurora, ou a luz do Sol. [A oferenda de manteiga, segundo Jamison-Brereton. Veja as notas 26 § 2 e 27 § 2].
[15] Este verso muito obscuro é explicado no *Śatapatha Brāhmaṇa*, 2.5.1, que apresenta uma lenda segundo a qual Prajāpati desejou criar, e depois de meditação intensa produziu em sucessão três tipos de criaturas - aves, cobras pequenas e serpentes; mas todas elas morreram. Em seguida, ele refletiu sobre a causa do fracasso e, percebendo que era a falta de nutrição, ele fez leite ser produzido em seus próprios seios. Depois disso ele criou um quarto tipo que foi assim alimentado e viveu. Os 'outros' são aqueles que desse modo sobreviveram. [Veja a nota 30 § 3].
[16] 'O Poderoso' é explicado como o Sol. Sāyaṇa, no entanto, adiciona que outros (como, por exemplo, o *Śatapatha Brāhmaṇa*) o consideram como Prajāpati.
[17] Sāyaṇa acrescenta que os homens ficam em silêncio quando eles estão com fome, mas começam a falar quando eles ingeriram alimentos.
[18] ['Como se com a força de seus braços eles dirigem sua carruagem'. – Jamison-Brereton].
[19] O relâmpago, como uma das formas de Agni.

5. Para Aryaman e Mitra canta uma música reverente, ó piedoso, um hino agradável que protegerá para Varuṇa: canta um louvor aos Reis.
6. O verdadeiro, o Tesouro Vermelho[20] eles têm enviado, um único Filho nascido dos Três.[21] Eles, os imortais, iniludíveis, examinam as famílias dos homens mortais.

7. As minhas canções se erguem, e os atos mais esplêndidos estão para ser realizados. Venham, ó Nāsatyas, concordantes, para conhecer e desfrutar de meus presentes.
8. Senhores de grande riqueza, quando nós invocamos a sua graça que nenhum demônio impede, vocês dois, promovendo o nosso louvor oferecido em direção ao leste, vêm, Chefes a quem Jamadagni louva!

9. Vem, Vāyu, atraído por hinos belos, para o nosso sacrifício que chega ao céu. Derramada no meio do coador, e cozida, esta bebida brilhante é oferecida a ti.
10. Ele vem pelos caminhos mais retos, como Sacerdote ministrante, para provar os presentes sacrificais. Então, Senhor das parelhas atreladas! bebe da dose dupla, Soma brilhante misturado com o leite.

11.[22] Em verdade, Sūrya, tu és grande; realmente, Āditya, tu és grande. Como tu és grande de fato a tua grandeza é admirada, sim, em verdade, tu, Deus, és grande.
12. De fato, Sūrya, tu és grande em fama, tu sempre, ó Deus, és grande. Tu por tua grandeza és o Sumo Sacerdote dos Deuses, divino, luz inconquistável[23] amplamente difundida.[24]

13.[25] Ela acolá,[26] curvando-se humildemente, vestida em tons de vermelho e rica em raios, é vista, avançando por assim dizer com vários matizes, entre os dez braços envolventes.[27]
14.[28] Passadas e perdidas são três gerações mortais:[29] a quarta e última entrou no Sol. Ele em meio aos mundos tomou o seu lugar elevado. Para as plantas verdes[30] foi o Purificador.

---

[20] O Sol.
[21] Céu, atmosfera e terra.
['A identidade das três mães de Agni não é clara. Geldner sugere Iḍā, Sarasvatī e Bharatī dos hinos Āprī. Agni é chamado *trimātár* ['Filho de três Mães' – Griffith] em 3.56.5, mas as três não são identificadas lá também'. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[22] ['Depois de ver o sol deve-se adorá-lo com as duas estrofes 'em verdade, grande'; mesmo que a pessoa fale (tenha falado) palavras insinceras ela não será manchada pela mentira'. – *Ṛgvidhāna,* 2.35.3b-4a, tradução de Gonda, 1951].
['Sobre os versos 11-16 veja Laurie L. Patton, *Bringing the Gods to Mind* (2005), 148-150].
[23] ['Iniludível' segundo Jamison-Brereton. E Jamison observa: 'Presumivelmente, a luz do sol é 'iniludível' (*adābhyàm*) porque o sol é testemunha de tudo'. – *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[24] ['O luminar onipenetrante, irresistível'. – Muir].
[25] ['Quando a Lua está cheia deve-se adorá-la com a estrofe 'Essa que'; então a pessoa se tornará 'de aspecto de lua' (como a Lua ou adorável à visão), não piscante (vigilante), vigorosa, em posse de visão (inteligência)'. – *Ṛgvidhāna,* 2.35.4b-5a].
[26] Uṣas ou Aurora.
["O referente do singular feminino neste verso não é totalmente claro. Geldner interpreta como a colher de oferenda ou a oferenda de manteiga, Oldenberg como a vaca. Eu acho que a segunda alternativa de Geldner é correta. O *pāda* b: 'a sua forma é criada por uma / pela (vaca) vermelha', porque a manteiga é um produto do leite". – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[27] As dez regiões do mundo.
["Quanto aos dez braços, Oldenberg e Geldner ambos sugerem que esses são os braços dos cinco Adhvaryus. No entanto, parece possível para mim que estejamos lidando com ênfase em partes do corpo, e os dez 'braços' sejam os dez dedos (de um único sacerdote), citados regularmente em contextos rituais'. – *Id.*].
[28] ['Por proferir a estrofe 'Descendentes realmente' depois de se banhar uma pessoa não reentra em um útero (não nasce novamente)'. – *Ṛgvidhāna,* 2.35.5b].
[29] Segundo a lenda Prajāpati produziu em sucessão três tipos de criaturas que todas morreram. A quarta geração viveu e desfrutou do calor e da luz do sol. Veja a nota de Cowell na tradução de Wilson [a nota 15 acima], ou o *Śatapatha Brāhmaṇa,* 2.5.1.1-4.
[30] Sāyaṇa explica *haritaḥ* como os quadrantes do céu, e *pavamānaḥ* (o Purificador) como Vāyu ou o vento. Grassmann toma *pavamānaḥ* como o Soma, e *haritaḥ* como os cavalos do sol. Eu segui a interpretação de Ludwig, mas eu acho a estrofe quase ininteligível.

15. A Mãe dos Rudras, Filha dos Vasus, centro de néctar,[31] a Irmã dos Ādityas – para o povo que compreende eu proclamarei – não firam Aditi, a Vaca,[32] a impecável.
16.[33] Os homens de mente fraca[34] me adotaram como uma vaca que veio para cá da parte dos Deuses, uma Deusa que, hábil em eloquência, ergue a sua voz, que permanece bem perto com todas as devoções.

Índice◄►Hino 102 (Griffith)

---

711 - Hino 102. Agni (Wilson)

(Sūkta IX)

O deus é Agni; a métrica é Gāyatrī; o Ṛṣi é Prayoga da família de Bhṛgu ou Agni Bārhaspatya ou Pāvaka, ou um ou ambos dos dois Agnis, os filhos de Sahas, chamados Gṛhapati e Yaviṣṭha.

Varga 9. **1**. Divino Agni, o sempre jovem, o sábio, o protetor do lar, és tu que dás alimento abundante para o adorador.
2. Resplandecente, que tu, o conhecedor de tudo, tragas os deuses para cá com este nosso hino de louvor reverente.
3. Ó sempre jovem, contigo como nosso aliado, o que envia riqueza, nós derrotamos (os nossos inimigos) para a obtenção de alimentos.

4.[1] Como Aurva Bhṛgu[2] e como Apnavāna[3] eu invoco o puro Agni, que reside no meio do oceano.[4]
5. Eu invoco Agni que reside no meio do mar, o sábio, que brame como o vento, poderoso, com uma voz como a de Parjanya.

[Gonda traduz: 'Três descendentes, realmente, passaram, outros se estabeleceram em volta do sol (luz, fogo); o firme permaneceu dentro dos mundos, o que flui claramente entrou nos castanhos-amarelados (os cavalos do sol)'].

["Esse verso difícil e enigmático, que é encontrado em forma levemente diferente no *Atharva-Veda* no místico hino Skambha 10.8.3, é repetido em outros textos vêdicos, e recebe uma explicação no *Śatapatha Brāhmaṇa*, 2.5.1.4-5. A interpretação do verso neste contexto aqui tem sido influenciada pelos seus desdobramentos posteriores, especialmente a interpretação do *Śatapatha Brāhmaṇa*, em minha opinião enganosamente. O *Śatapatha Brāhmaṇa* o leva a se referir à passagem de gerações ou raças, [...] eu acho que o verso deve ser tomado dentro de seu contexto rigvêdico, que é ritualístico; ele está emparelhado em seu pragātha com o verso 13, uma descrição da oferenda de manteiga [veja a nota 26 § 2]. Embora nos primeiros três pādas a formulação seja obscura, o pāda final parece sugerir a solução do mistério, no qual a sua primeira palavra 'autopurificador', *pávamānaḥ,* não pode se referir a nada além do Soma". – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].

[31] Ou, de amṛta, ou imortalidade, ou o mundo dos Deuses Imortais.

[32] A vaca terrena, como o símbolo de Aditi ou Natureza Universal, não deve ser ofendida. A estrofe é falada pelo sacerdote que recebeu a vaca como sua recompensa.

[33] [Essa estrofe e a anterior são citadas no *Ṛgvidhāna,* 2.35.7 da tradução de Gonda].

[Muir traduz: 'Que nenhum mortal de pouca inteligência prejudique a vaca, a divina Vāc, que é hábil em louvor, que profere alto a sua voz, que chega com todos os hinos, e que veio dos deuses'. – *O. S. Texts,* III. 256].

[34] 'Os homens têm o intelecto muito fraco para me compreender em minha forma verdadeira e em minha real natureza: eles só podem entender o meu valor na forma de uma vaca'. – Veja Ludwig, *R. V.* IV.245-246.

A estrofe final é falada por Aditi como uma vaca.

---

[1] *Sāma-Veda,* 1.1.1.2.8.

[2] Para a lenda de Aurva, o descendente de Bhṛgu (ele é às vezes chamado de filho, às vezes neto, e às vezes apenas o descendente), veja *Original Sanskrit Texts* de Muir, I. 447, 476. Ele tornou-se o fogo submarino. Benfey toma um *Aurvabhṛgu* como um composto *dvandva*, 'como Aurva e Bhṛgu'.

[3] Nós temos Apnavāna mencionado como um dos Bhṛgus em 4.7.1.

[4] 'Coberto ou oculto pelo mar'.

Varga 10. **6**. Eu invoco Agni que reside no meio do mar, como a energia de Savitṛ, como os prazeres concedidos por Bhaga.[5]

7.[6] (Atraiam) para perto Agni o forte, o mais poderoso, o que se expande (com suas chamas), o neto das invencíveis.
8.[7] (Aproximem) para que ele possa lidar conosco como um carpinteiro lida com a madeira que ele tem que cortar; que nós nos tornemos famosos pela habilidade dele.
9. Entre os deuses Agni tem a ver com todos os sucessos (dos homens); que ele venha a nós com fartura de alimentos.

10. Louvem em nosso rito Agni, o mais glorioso de todos os sacerdotes ministrantes, o mais importante nos sacrifícios.
Varga 11. **11**. (Louvem a ele) o que reside no sacrifício, de brilho purificador, que brilha, o principal dos deuses e onisciente, nas casas (dos sacrificadores).
12. Ó sacerdote, glorifica a ele, que é bem-vindo e forte como um cavalo, e que como um amigo conquista todos os nossos inimigos.

13.[8] Os louvores-irmãs do adorador se erguem para ti, proclamando as tuas glórias; eles estão te acendendo na presença de Vāyu.
14.[9] As águas encontram o seu lugar nele,[10] para quem a grama de junta tripla é espalhada sem limite e não amarrada[11] (no sacrifício).
15. Auspicioso é o lugar do deus que derrama todos os desejos com suas proteções invioláveis; auspiciosa é sua aparência como a do Sol.

Varga 12. **16**. Divino Agni, brilhante com esplendor, através das nossas oblações de ghee, leva (o nosso sacrifício) para os deuses e o oferece.
17. Os deuses, como mães, produziram a ti Aṅgiras, o vidente, o imortal, o portador da oblação.
18. Os deuses te colocaram em teu lugar,[12] ó sábio Agni, o vidente, o mensageiro, o mais excelente, o portador da oblação.

19. Nenhuma vaca é minha, e nenhum machado está à mão para partir a madeira, mas ainda assim eu trago esses dois para ti.
20.[13] Mais jovem (Agni), quando nós oferecermos quaisquer tipos de madeira a ti, que tu os aceites todos.[14]
21.[15] Toda madeira que a formiga corroeu, toda aquela que a formiga infestou – que toda ela seja recebida por ti como ghee.

---

[5] 'Como a graça de Bhaga'. – *Dicionário de São Petersburgo*.
[6] *Sāma-Veda*, 1.1.1.3.1; 2.3.1.20.1.
[7] Este e o seguinte ocorrem no *Sāma-Veda*, 2.3.1.20.2-3.
[8] *Sāma-Veda*, 1.1.1.2.3; 2.7.2.14.1.
[9] Este e o seguinte ocorrem no *Sāma-Veda*, 2.7.2.14.2-3.
[10] As águas repousam em Agni, que permanece como um relâmpago no firmamento.
[11] Sāyaṇa não explica *tridhātu*, mas no *Sāma-Veda* ele o explica como *triparvan*. Ele acrescenta que a grama sagrada não é amarrada em feixes no sacrifício.

['De acordo com os Śrauta Sūtras, a grama darbha, isto é, a *barhis*, é reunida em três ou mais feixes (veja, por exemplo, *Manava Śrauta Sūtra,* I.1.1.42, *Āpastamba Śrauta Sūtra*, I.4.10, *Baudhāyana Śrauta Sūtra*, I.2) em preparação para o sacrifício; daí os pādas a e b parecem descrever uma situação em que as preliminares para o sacrifício não foram realizadas'. – Jamison, *rigvedacommentary.alc.ucla.edu* (consultado em 2016)].
[12] Para *ni ṣedire* veja 4.7.5.
[13] Este é parcialmente encontrado no *Yajur-Veda Branco*, 11.73.
[14] Sāyaṇa aqui cita uma passagem da *Taittirīya Saṃhitā [Yajur-Veda Preto]* 5.1.10, no sentido de que, nos tempos antigos, eles só ofereciam para Agni madeira cortada com o machado, até que o Ṛṣi Prayoga por este verso o levou a aceitar a madeira derrubada pelo vento ou por outros acidentes.
[15] *Yajur-Veda Branco*, 11.74. [Formigas vermelhas e brancas respectivamente, segundo o *Śatapatha Brāhmaṇa* 6.6.3.6].

22.[16] Que um homem, quando ele acende Agni, execute a cerimônia com uma mente (devotada); ele o acende com os sacerdotes.

Índice◄►Hino 103 (Wilson)

---

711 - Hino 102. Agni (Griffith)

1. Senhor da casa, Sábio, sempre jovem, grande poder de vida, ó Agni, Deus,
Tu dás ao teu adorador.
2. Assim, com a nossa canção que reza e serve, atento, Senhor de luz difundida,
Agni, traze os Deuses para cá.
3. Porque, Sempre Jovem, contigo, o melhor Favorecedor, como nosso aliado,
Nós vencemos, para ganhar os despojos.

4. Como Aurva Bhṛgu[17] costumava, como Apnavāna[18] costumava, eu chamo o puro
Agni que se cobre com o mar.
5. Eu chamo o sábio que soa como o vento, o poder que ruge como Parjanya,
Agni que se veste com o mar.
6. Como o poder produtivo de Savitar, como aquele que envia felicidade, eu chamo
Agni que se veste com o mar.[19]

7. Aqui, por parentesco poderoso, eu chamo Agni, o que os torna prósperos,
O mais constante em nossos ritos solenes;
8. Para que, através do poder desse Famoso, ele possa ficar ao nosso lado assim como Tvaṣṭar vem para as formas que devem ser moldadas.
9. Este Agni é o Senhor supremo sobre todas as glórias em meio aos Deuses;
Que ele se aproxime de nós com força.

10. Aqui louvem a ele o mais famoso de todos os sacerdotes ministrantes,
Agni, o Principal em sacrifício;
11. Perfurante, com chama purificadora, aceso em nossas casas, o mais alto,
O mais rápido para ouvir de longe.
12. Sábio,[20] louva o Poderoso que ganha os despojos da vitória como um corcel,
E, como Mitra, une o povo.

13. Dirigindo-se continuamente ao seu objetivo em ti, os hinos-irmãs do portador da oblação chegaram a ti diante do vento.[21]
14. As águas encontram o seu lugar nele, para quem a grama sagrada tripla
É espalhada não amarrada, ilimitada.[22]
15. O posto do Deus Generoso tem, através da ajuda daquele a quem ninguém prejudicar,
Um aspecto agradável como o Sol.[23]

---

[16] *Sāma-Veda*, 1.1.1.2.9, com *indhe* em vez de *īdhe*.
[17] Ou, talvez, Aurva e Bhṛgu. É dito que o antigo ṛṣi Aurva era o neto de Bhṛgu.
[18] Outro ṛṣi antigo, mencionado em conexão com os Bhṛgus e o culto mais antigo de Agni em 4.7.1.
[19] ['Eu invoco o Agni vestido de mar, como (eu invoco) o poder vivificante de Savitṛ e a generosidade de Bhaga'. – Muir, *O. S. T.* V. 168].
[20] O sacerdote é abordado.
[21] Ou, à frente do vento, com o qual a chama é atiçada.
[22] 'As águas repousam em Agni, que permanece como um relâmpago no firmamento'. Nota na tradução de Wilson que eu segui de perto nessa estrofe. [Veja a nota 11].
[23] Ou, uma vírgula sendo colocada em lugar do ponto final no fim da estrofe anterior, e *padaṃ* (posto) tomado como em aposição a *padam* (lugar) em 14: 'O posto do poderoso; ele tem, através do auxílio daquele a quem ninguém prejudica, um aspecto agradável como o Sol'.

16. Brilhando com esplendor, Agni, Deus, através de doações piedosas de óleo sagrado, Traze os Deuses e os adora.
17. Os Deuses como mães te geraram, o Sábio Imortal, ó Aṅgiras,
O que leva para o céu os nossos presentes.
18. Sábio Agni, os Deuses te estabeleceram, o Vidente, o mensageiro mais nobre,
Como o portador de nossos presentes sagrados.

19. Nenhuma vaca eu tenho para chamar de minha, nenhum machado à mão com o qual trabalhar, no entanto, o que está aqui eu trago a ti.[24]
20. Ó Agni, qualquer que seja o combustível que nós coloquemos para ti,
Fica satisfeito com ele, Deus Mais Jovem.
21. Aquele que as formigas brancas corroeram, aquele sobre o qual a formiga anda,[25]
Que tudo isso seja óleo para ti.

22. Quando ele acende Agni, o homem deve escutar a canção com o coração[26];
Eu com os sacerdotes o acendi.

Índice◄►Hino 103 (Griffith)

---

712 - Hino 103. Agni (Wilson)

(Sūkta X)

O deus é Agni, que está associado aos Maruts no último verso; o Ṛṣi é Sobhari da família de Kaṇva; a métrica dos quatro primeiros versos e do sexto é Bṛhatī, do quinto Virāḍrūpā, do sétimo, nono, décimo primeiro e décimo terceiro Satobṛhatī, do oitavo e décimo segundo Kakubh, do décimo Hrasīyasī [variedade de Gāyatrī], do décimo quarto Anuṣṭubh.

Varga 13. **1**.[1] Ele, em quem eles oferecem os sacrifícios, apareceu – ele que conhece todos os caminhos; os nossos louvores se erguem para Agni, nascido auspiciosamente, o auxiliador do Ārya.[2]
2.[3] Agni, quando invocado por Divodāsa, correu ao longo da mãe Terra como com poder em direção aos deuses; ele tomou o seu lugar no alto do céu.[4]
3.[5] Visto que os homens tremem diante daqueles que realizam os sacrifícios sagrados, portanto que vocês adorem devotamente no rito solene Agni o concessor de milhares de vacas.

4.[6] Agni, concessor de habitações, aquele mortal a quem tu desejas levar à riqueza, e que dá oferendas a ti, possui por si mesmo um filho forte, um recitador de hinos e um senhor de grande riqueza.[7]

---

[24] Como Prayoga, o ṛṣi do hino, não tem vacas nem machado para cortar madeira, nessa estrofe e na seguinte pede-se que Agni dispense as costumeiras oferendas de leite, e que aceite aquela madeira que o adorador conseguir catar.
[25] [Formigas vermelhas e brancas respectivamente, segundo o *Śatapatha Brāhmaṇa* 6.6.3.6].
[26] Um espírito devotado irá compensar a falta de leite e de combustível preparado adequadamente.

---

[1] *Sāma-Veda*, 1.1.1.5.3; 2.7.1.11.1, com *nakṣantu* em lugar de *nakṣanta*.
[2] *Ārya* aqui parece significar o membro da raça ariana como oposto ao não-ariano. Sāyaṇa o explica como *uttamavarṇa*, um homem da casta mais alta.
[3] *Sāma-Veda*, 1.1.1.5.7; 2.7.1.11.3, [com variações].
[4] Esse é um verso obscuro, e Sāyaṇa não o explica claramente.
[5] *Sāma-Veda*, 2.7.1.11.2.
[6] *Sāma-Veda*, 1.1.2.1.4, com *yaḥ* em vez de *yaṃ*.
[7] Literalmente 'nutridor de milhares'.

5. Senhor de vasta riqueza, ele (o teu adorador) saqueia com seu corcel até o alimento guardado em fortalezas, ele possui riqueza imperecível; em ti divino nós sempre possuímos todos os tesouros desejáveis.

Varga 14. **6**.[8] Para ele, o invocador dos deuses, que sempre regozijante distribui toda a riqueza para os homens – para Agni vão os nossos louvores como as principais taças do Soma que alegra.

7.[9] Os adoradores generosos com seus hinos te honram atrelado ao carro como um cavalo;[10] generoso senhor dos homens, concede riqueza a nós ricos em filhos e netos.[11]

8.[12] Cantores de hinos, cantem alto para o poderoso Agni, o mais generoso, observador da verdade e radiante com brilho.

9.[13] O rico e glorioso (Agni), quando invocado e aceso, derrama sobre os seus devotos abundância de alimentos com filhos; que a sua graça sempre renovada venha a nós continuamente com todos os tipos de sustento.

10. Louva, cantor de hinos, o convidado, Agni, o mais amado dos amados, o condutor de carruagens.

Varga 15. **11**. (Louva a ele) o conhecedor, digno do sacrifício, que nos traz tesouros que vêm (das profundezas) e que são renomados – cujas (chamas), quando ele se apressa para travar a batalha por meio de nosso rito sagrado,[14] são difíceis de serem atravessadas como ondas descendo um declive.

12.[15] Que ninguém impeça Agni de vir a nós, nosso convidado, o dador de residências, louvado por muitos – (Agni), que é o excelente invocador dos deuses, que oferece um sacrifício excelente.

13. Agni, concessor de habitações, não deixes que sofram algum mal aqueles que se aproximam de ti de alguma maneira com hinos de louvor; o adorador que oferece sua libação e executa o rito devidamente te louva para que possas ser o portador do sacrifício.

14. Agni, que tens os Maruts como teus amigos, vem com os Rudras beber o Soma; vem para os louvores de Sobhari; deleita-te em nosso rito solene.

Índice◄

---

712 - Hino 103. Agni (Griffith)

1. Aquele Favorecedor nobilíssimo pareceu, para quem os homens trazem as suas obras sagradas. Os nossos cânticos de louvor se ergueram alto para Agni, que nasceu para dar força ao Ārya.

2. Agni se dirigiu de Divodāsa[16], por assim dizer em majestade, para os Deuses. Avante ele acelerou ao longo da mãe terra, e tomou sua posição no alto do céu.

---

[8] *Sāma-Veda*, 1.1.1.1.10; 2.7.3.5.1.
[9] *Sāma-Veda*, 2.7.3.5.2.
[10] Isso faz alusão à ideia comum de que os carros dos deuses são atrelados pelos louvores de seus adoradores.
[11] Conforme Sāyaṇa; mas o texto Pada toma *ubhe* e *toke* como dual, veja nota de Benfey.
[12] *Sāma-Veda*, 1.2.1.2.1; 2.2.2.17.1.
[13] *Sāma-Veda*, 2.2.2.17.2, com *bhavīyasī* em lugar de *navīyasī*.
[14] Supõe-se que a oferenda dá ao deus força para a batalha.
[15] *Sāma-Veda*, 1.2.1.2.4 [com variações].
[16] A quem Divodāsa adorou especialmente e reivindicou como seu Deus tutelar. A estrofe é obscura, e a minha tradução, fundada na interpretação de von Roth de *pra vi vāvṛte*, que foi aceita por Cowell, deve ser considerada conjectural.

3. A ele diante de quem as pessoas recuam quando ele realiza seus atos gloriosos, a ele que ganha milhares na adoração dos Deuses, a ele mesmo, esse Agni, sirvam com canções.

4. O homem mortal a quem tu queres levar à opulência, ó Vasu, aquele que te traz presentes, ele, Agni, ganha para si um herói[17] que canta louvores, sim, um que alimenta mil homens.
5. Ele com o corcel ganha despojos até mesmo na fortaleza cercada, e ganha fama imperecível. Em ti, ó Senhor da riqueza, continuamente nós colocamos todas as oferendas preciosas para os Deuses.

6. Para ele que distribui todas as riquezas, que é o Sacerdote alegre dos homens, para ele, como os primeiros vasos cheios de suco saboroso, para Agni vão os cânticos de louvor.
7. Devotos, ricamente dotados, o enfeitam com suas canções, como o cavalo que puxa o carro. Sobre ambos, Forte Senhor dos homens! sobre filho e neto derrama as bênçãos que os nossos nobres dão.[18]

8. Cantem para ele, o Santo, o mais generoso, sublime com seu brilho refulgente,
Para Agni, ó Upastutas.[19]
9. Adorado com presentes, aceso, esplêndido, Maghavan ganhará para si fama heroica. E a sua benevolência mais recentemente mostrada não virá até nós com força abundante?

10. Sacerdote, espremedor do suco![20] louva agora o Convidado mais querido de todos os nossos amigos, Agni, o condutor de carros.
11. Que, descobridor de tesouros expostos e escondidos, os traz para cá, Santo; cujas ondas,[21] como em uma catarata, são difíceis de passar, quando ele, através da música,[22] deseja obter força.

12. Que o nobre Convidado, Agni, não fique furioso conosco; por muitos homens o seu louvor é cantado, Bom Arauto, hábil em sacrifício.
13. Ó Vasu, Agni, que não sejam prejudicados aqueles que vêm de alguma forma com louvores para ti. Mesmo os humildes, hábeis em ritos, com presentes oferecidos, te procuram para a tarefa de enviado.[23]

14. Amigo dos Maruts, Agni, vem com Rudras para a dose de Soma,
Para a bela canção de louvor de Sobhari, e sê feliz na luz.

Índice◄

["*Daivodāso agniḥ* Sāyaṇa explica como 'Agni invocado por Divodāsa, enquanto que o professor Roth entende que significa 'Agni que permanece em ligação com Divodāsa'. Em 6.16.19 Agni é chamado de 'o bom senhor de Divodāsa'". – Muir, *O. S. Texts*, I.348, nota].
[17] Um filho corajoso.
[18] A segunda linha é obscura. 'Generoso senhor dos homens, concede riqueza a nós ricos em filhos e netos'. – Wilson.
[19] Cantores assim chamados por causa do ṛṣi Upastuta. Veja 1.36.10.
[20] 'Cantor de hinos'. – Wilson.
[21] Torrentes de chamas revoltas correndo adiante como águas caindo de um precipício. [Veja a versão de Wilson].
[22] Inspirado e fortalecido pelos nossos hinos.
[23] Para levar suas oblações para os Deuses.

Apêndice 1 - Lista das Dānastutis no Ṛgveda

Com os cantores, seus patronos, e os versos[1]

Kakṣīvat Dairghatamasa	Svanaya	1.125.1-7
Garga Bhāradvāja	Prastoka Sārñjaya	6.47.22-25
Vasiṣṭha Maitrāvaruṇi	Sudās Paijavana	7.18.22-25
Pragātha Kāṇva	Āsaṅga	8.1.30-33
Medhātithi Kāṇva e Priyamedha Āṅgirasa	Vibhinda	8.2.30-33
Medhyātithi Kāṇva	Pākasthāman Kaurāyaṇa	8.3.21-24
Devātithi Kāṇva	Kuruṅga	8.4.19-21
Bṛhmātithi Kāṇva	Kaśu Caidya	8.5.37b-39
Vatsa Kāṇva	Tirindira Pārśavya	8.6.46-48
Sobhari Kāṇva	Trasadasyu	8.19.36-37
Sobhari Kāṇva	Citra	8.21.17-18
Viśvamanas Vaiyaśva	Varu Sauṣāman	8.24.28-30
Vaśa Aśvya	Pṛthuśravas Kānita	8.46.21-24
Kṛśa Kāṇva	Praskaṇva	8.55.2-3
Pṛṣudhra Kāṇva	Praskaṇva	8.56.1-4
Priyamedha Āṅgirasa	Ṛkṣa e Aśvamedha	8.68.14-19
Gopavana Ātreya	Śrutarvan Ārkṣya	8.74.13-15
Kavaṣa Ailūṣa	Kuruśrvaṇa	10.33.4-5
Nābhanediṣṭha Mānava	Sāvarṇi	10.62.8-11

---

[1] Fonte: *The Ṛṣi index of the Vedic Anukramaṇī system and the Pravara lists: Toward a Prehistory of the Brahmans*, Thennilapuram P. Mahadevan. Electronic Journal of Vedic Studies, Volume 18 (2011), Número 2.

Apêndice 2 - Prefácio do Quinto Volume da tradução do Ṛgveda por Wilson

Eu publiquei, em 1866, o quarto volume da tradução do Ṛg-Veda do falecido professor Wilson, que declarava seguir principalmente a interpretação do comentador hindu Sāyaṇa. A impressão do quinto volume foi iniciada logo depois, mas foi interrompida pela descoberta de que o manuscrito original da tradução terminava abruptamente no meio do Hino 44 do Oitavo Maṇḍala, e que embora houvesse uma tradução mais ou menos completa do Décimo Maṇḍala apenas notas incompletas restavam daquele do Nono. Eu posteriormente terminei a tradução do Oitavo Maṇḍala de forma independente, e ele foi publicado, mas os meus compromissos naquele tempo, em relação às minhas funções como professor de sânscrito na Universidade de Cambridge, tornaram impossível para mim continuar o trabalho; mais especialmente porque o manuscrito original da tradução do Nono Maṇḍala estava em um estado muito imperfeito, e precisava de uma grande quantidade de revisão cuidadosa, antes que pudesse ser enviado para a máquina de impressão. Um longo intervalo se passou durante o qual a tradução ficou pendente, mas os Srs. Trübner & Co. estavam sempre ansiosos para tê-lo concluído, e o Sr. Nicholas Trübner manteve até o fim o seu interesse mais fervoroso na obra. Por fim, meu amigo e antigo aluno de Cambridge, o Sr. W. F. Webster, comprometeu-se a continuar e terminar a tarefa interrompida. Ele continuou a edição do quinto volume, que é agora publicado após a sua longa suspensão. Ele corrigiu cuidadosamente a tradução do professor Wilson do Nono Maṇḍala com o qual este volume termina; o sexto e último volume, que compreende a tradução do Décimo Maṇḍala, está em impressão. Eu ousei adicionar uma tradução dos Hinos Vālakhilya, que formam o Apêndice I deste volume; eles não estavam contidos no manuscrito da tradução do professor Wilson, nem Sāyaṇa dá qualquer comentário sobre eles.

O objetivo desta tradução, como eu já disse, é representar a interpretação tradicional do Ṛg-Veda como dada por Sāyaṇa, e, consequentemente, somente pouca atenção é dada às opiniões dos estudiosos modernos. Esta obra não tem a pretensão de apresentar uma tradução completa do Ṛg-Veda, mas só uma imagem fiel dessa fase específica da sua interpretação que os hindus medievais, como representados por Sāyaṇa, preservaram. Este ponto de vista é por si só interessante e de um valor histórico; mas um estudo muito mais amplo e mais aprofundado é necessário para entender o verdadeiro significado desses hinos antigos. O comentário de Sāyaṇa sempre manterá um valor próprio – até os seus erros são muitas vezes interessantes – mas as ssuas explicações não devem nem por um momento barrar o progresso do conhecimento. Nós podemos ser gratos a ele por qualquer auxílio verdadeiro, mas não esqueçamos da dívida que temos com os estudiosos modernos, especialmente com os da Alemanha. O grande *St. Petersburg Dictionary* [Dicionário de São Petersburgo] (cujos volumes sexto e sétimo apareceram desde que o quarto volume desta tradução foi publicada) é de fato um monumento de erudição triunfante, e inaugurou uma nova era na interpretação do Ṛg-Veda.

E. B. Wilson.

Cambridge, 17 de março de 1888.

Apêndice 3 - A história da fuga de Soma dos deuses

Soma, oprimido pelo medo de Vṛtra, fugiu dos deuses, e ele se dirigiu a um rio chamado Aṃśumatī no (país dos) Kurus. Aproximou-se dele, com Bṛhaspati somente, o matador de Vṛtra, estando prestes a lutar,[1] acompanhado pelos Maruts muito alegres, armados com várias armas. Soma, ao vê-los se aproximando, ficou em formação de combate com suas tropas, pensando que Vṛtra estava se aproximando com uma hoste hostil, pretendendo matar (a ele). Para ele, arrumado e pronto com seu arco, Bṛhaspati falou: 'Este é o Senhor dos Maruts, Soma; volta para os deuses, ó Senhor'. Ao ouvir as palavras do preceptor dos deuses, que foram inúteis porque ele acreditava que era Vṛtra, ele respondeu 'Não'. (Então) o poderoso Śakra, pegando-o pela força, foi até os deuses no céu. Os celestiais (então) beberam dele na devida forma. E tendo(-o) bebido eles mataram em batalha nove vezes noventa demônios.

Tudo isso é narrado no terceto 8.96.13-15. (O vidente louva) Indra, e os Maruts, e também Bṛhaspati, pois esses são os deuses do terceto; Śaunaka diz que só Indra (é o deus). Mas no Aitareya (Brāhmaṇa, 6.36.12) é dito que (o terceto) é dirigido a Indra-Bṛhaspati. ◄

---

[1] O acusativo *yotsyamānam* não pode estar certo, pois isso implicaria que Soma já estava prestes a lutar, e que ele estava acompanhado dos Maruts, enquanto *dṛṣṭvā tān ayataḥ* então se tornaria ininteligível. A situação parece ser esta: Indra, acompanhado só por Bṛhaspati entre os deuses a quem Soma tinha deixado, se aproxima do último, enquanto em uma expedição guerreira em associação com seus aliados os Maruts. Soma, ao ver a hoste de Indra, a toma pelo exército de Vṛtra e assume a defensiva. Bṛhaspati então se adianta e explica que é Indra com seus Maruts.

– *Bṛhaddevatā*, tradução de Macdonell, Parte 2, 1904, 238-240.

Apêndice 4 - A Encarnação de Varāha ou Javali de Viṣṇu

A. A. Macdonell

A Base Mitológica no Ṛgveda das Encarnações de Anão e Javali de Viṣṇu
Mythological Studies in the Rigveda: The Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland [JRAS] (1895), p. 165-189.

Começando como antes com o período pós-vêdico, vamos considerar primeiro os relatos purânicos desse mito.

O Bhāgavata Purāṇa, enumerando vinte e duas encarnações de Viṣṇu, diz, 1.3.7: 'Com a intenção de criar o universo, o senhor do sacrifício, desejando erguer a terra, que tinha fundado para as regiões inferiores, assumiu a forma de um javali'.

O Viṣṇu Purāṇa (1.4.1 e seg.) conta o mesmo mito no seguinte sentido: 'O divino Brahmā, chamado Nārāyaṇa, o senhor das criaturas (Prajāpati), descobrindo por inferência que a terra se encontrava dentro das águas, assumiu outra forma. Como ele tinha antigamente tomado a forma de um peixe, uma tartaruga, etc., assim agora assumindo a forma de um javali (*vārāhaṃ vapuḥ*), ele entrou na água, então jogando a terra para cima com sua presa, ele a ergueu, e ela repousou sobre a água por causa da sua grande expansão. Antes que ele erguesse a terra, Pṛthivī reconheceu nele Viṣṇu, uma forma do supremo Brahmā'.

O Rāmāyaṇa na edição de Bengala (2.119.3-4), descrevendo a origem do mundo, diz: 'Tudo era água somente, através da qual o mundo foi formado. Daí surgiu Brahmā, o autoexistente, o imperecível Viṣṇu. Ele, tornando-se um javali, ergueu essa terra, e criou o mundo inteiro'. A edição de Bombaim [Mumbai] na passagem correspondente lê: 'daí surgiu Brahmā, o autoexistente, com os deuses', desse modo não fazendo menção a Viṣṇu.[1]

No Liṅga Purāṇa, que é uma obra Śaiva, e que não tem, portanto, interesse em glorificar Viṣṇu, é simplesmente Brahmā que é descrito como se tornando um javali (1.4.59 e seg.): 'À noite quando todas as coisas móveis e imóveis tinham sido destruídas no oceano universal, Brahmā dormiu sobre as águas, e é chamado Nārāyaṇa. No fim da noite, despertando e vendo o universo vazio, Brahmā resolveu criar. Tendo assumido a forma de um javali, esse (deus) eterno, pegando a terra, que estava inundada pelas águas, a colocou como ela estava antes'.

Voltando-nos para o período vêdico posterior, nós constatamos que a Taittirīya Āraṇyaka (10.1.8) fala sobre a terra ter sido erguida por um javali preto de cem braços. O javali não é aqui afirmado ser uma forma assumida por alguma divindade, mas o atributo *śatabāhu* parece indicar um caráter divino ou miraculoso.

No Taittirīya Brāhmaṇa (1.1.3.5 e seg.),[2] é Prajāpati que é descrito como tendo, na forma de um javali, erguido a terra. "Este (universo) antigamente era água, fluído. Com aquela água Prajāpati praticou árdua devoção, dizendo, 'Como este (universo) deve ser (desenvolvido)?' Ele viu uma folha de lótus parada. Ele pensou, 'Há algo sobre o qual esta (folha de lótus) repousa'. Ele, como um javali, tendo assumido (essa) forma, mergulhou abaixo em direção a ela. Ele encontrou a terra abaixo. Quebrando (um pedaço dela), ele se ergueu à superfície. Ele então a estendeu sobre a folha de lótus. Visto que ele a estendeu, essa é a extensão da estendida" (a terra).

A passagem da Taittirīya Saṃhitā (7.1.5.1), que a citação precedente explica, narra o mito mais concisamente. 'Este universo antigamente era água, fluído. Sobre ele Prajāpati, tornando-se o vento, se moveu. Ele viu esta (terra). Tornando-se um javali, ele

[1] Veja Muir, IV. 33-4.
[2] Veja Muir I. 53.

a ergueu. Tornando-se Viśvakarman, ele secou (a água dela). Ela se estendeu. Ela se tornou a estendida (*pṛthivī*).

O Śatapatha Brāhmaṇa (14.1.2.11) afirma que um javali ergueu a terra, mas não diz nada sobre ele ser uma forma de Prajāpati. 'Antigamente essa terra era só grande assim, do tamanho de um palmo. Um javali chamado Emūṣa (*emūṣa iti*) a ergueu.[3] O senhor dela (da terra) Prajāpati então', etc.

Esse mesmo javali é mencionado na Taittirīya Saṃhitā, bem como na passagem correspondente da Kāṭhaka [Saṃhitā], mas nesses dois textos ele não aparece no caráter cosmogônico nos quais nós o encontramos até agora. Na Kāṭhaka [S.] o seu nome é expressamente declarado ser Emūṣa, enquanto que na Taittirīya Saṃhitā ele é descrito como o que rouba o que é valioso (*vāma-moṣāḥ*).

O mito é narrado na Taittirīya Saṃhitā (6.2.4.2-3) como segue: "O sacrifício, assumindo a forma de Viṣṇu, desapareceu de entre os deuses. Ele entrou na terra. Por ele os deuses, unindo as mãos, procuraram. Indra passou sobre ele. Ele (Viṣṇu) disse: 'Quem é esse que passou por cima de mim?' (Indra respondeu: 'Eu sou um matador em um castelo', então (ele perguntou), 'Quem és tu?' (Viṣṇu respondeu), 'Eu sou o que leva de um castelo'. Ele (Viṣṇu) disse (mais), 'Tu disseste, um matador em um castelo; esse javali, o saqueador de riquezas (*vāma-moṣāḥ*), mantém os bens dos asuras no outro lado das sete colinas. Mata-o se tu és um matador em um castelo'. Ele (Indra), pegando um maço de grama kuśa e trespassando as sete colinas, o matou. Ele (Indra então) disse, 'Tu te chamaste de aquele que leva de um castelo; leva-o'. Ele (Viṣṇu) o sacrifício, o levou como um sacrifício para eles [os deuses]. Visto que eles obtiveram esses bens dos asuras, essa é uma razão para o altar ser chamado de *vedi*".[4]

A mesma história, com leves variações, é citada por Sāyaṇa, do Caraka Brāhmaṇa,[5] em seu comentário sobre o Ṛgveda 8.77.10: 'Viṣṇu é o sacrifício. Ele se escondeu dos deuses. Os outros deuses não o encontraram, mas Indra sabia (o seu paradeiro). Ele disse a Indra, 'Quem és tu?' Para ele Indra respondeu, 'Eu sou o destruidor de castelos e asuras, mas quem és tu?' Ele disse, 'Eu sou aquele que leva de um castelo, mas se tu és o destruidor de castelos e asuras, então esse javali, um saqueador de bens (*vāma-muṣa*), reside do outro lado de vinte e uma fortalezas de pedra.[6] Nele reside a riqueza valiosa (*vasu vāmam*) dos asuras. Mata-o'. Indra, tendo atravessado aquelas fortalezas (*puraḥ*) dele, perfurou seu coração. E o que havia lá Viṣṇu levou embora".[7]

Os pontos importantes do mito contado nas últimas três citações são os seguintes:

(1) Indra como o matador e Viṣṇu como o carregador estão estreitamente associados.
(2) Um javali chamado Emūṣa, o saqueador de riqueza (*vāma-moṣá, vāma-muṣa*), protege essa riqueza do outro lado de sete colinas.
(3) Indra perfura as colinas e mata o javali.
(4) Viṣṇu leva os bens dos asuras como um sacrifício para os deuses.

Vamos nos dirigir agora a duas passagens mutualmente ilustrativas no Ṛgveda, que provarão ser intimamente ligadas ao mito precedente.

A sétima estrofe de 1.61, um hino para Indra, segue da seguinte maneira:

---

[3] Veja o *Śatapatha Brāhmaṇa*, 3.9.4.20.
[4] Veja Muir, IV. 39-40.
[5] Provavelmente um Brāhmaṇa de uma Śākhā perdida do *Yajur-Veda Preto.* Veja Max Müller, *History of Ancient Sanskrit Literature*, p. 369.
[6] Weber, em sua edição da *Taittirīya Saṃhitā, (Indische Studien*, xi. 161) cita a passagem correspondente da *Kāṭhaka [Saṃhitā]* no que diz respeito ao javali. A versão lá é: 'esse javali, chamado Emūṣa, permanece com todos os bens valiosos dos asuras no outro lado de vinte e uma fortalezas de pedra'.
[7] Veja Muir, IV. 92-3.

(1) *asyed u mātuḥ savaneṣu sadyo mahaḥ pitum papivāñ cāru annā |*
muṣāyad viṣṇuḥ pacataṃ sahīyān vidhyad varāhaṃ tiro adrim astā ||

‘Logo que nas libações da mãe deste (de Indra) o grande Viṣṇu tinha bebido a dose, ele roubou alimento agradável (e) uma mistura cozida, enquanto o mais poderoso (Indra) perfurava o javali, atirando através da montanha’.

A segunda passagem é a décima estrofe de 8.77, também um hino a Indra:

(2) *viśvet tā viṣṇur ābharad urukramas tveṣitaḥ |*
śatam mahiṣān kṣīrapākam odanaṃ varāham indra emuṣam ||

‘Todas estas coisas Viṣṇu o de passo largo, incitado por ti (Indra), trouxe: cem búfalos (e) uma bebida cozida com leite, enquanto Indra (matou) o javali feroz’.

Antes de prosseguir para considerar essas duas passagens em detalhes, é importante, para propósitos de interpretação, indicar os paralelismos que elas contêm:

(1) *mahaḥ . . Viṣṇuḥ = Viṣṇur . . urukramaḥ*; (2) *Asya* (*Indrasya*) *mātuḥ saraneṣu sadyo pitum papivān* = *tvā-iṣitaḥ*; (3) *muṣāyat* = *ābharat*; (4) *cāru annā*, *pacatam* = *śatam mahiṣān*, *kṣīrapākam odanam*; (5) *sahīyān* = *Indraḥ*; (6) *varāham* = *varāham emuṣam*; (7) *tiro adrim astā*, *vidhyat* = o verbo omitido que governa *varāham emuṣam*.

Em (1) a palavra *mātuḥ* confundiu muitos intérpretes. Roth, Benfey, Sāyaṇa, Muir e Griffith assumem para essa passagem uma palavra masculina *mātṛ*, suposta variavelmente significar ‘medidor’, ‘criador’, ‘carpinteiro’, e a fazem concordar com *asya*. Ludwig até corrige a palavra para *bhrātuḥ*. Ambas essas suposições são, entretanto, bastante desnecessárias. A noção de sua mãe dar Soma para Indra ocorre em outras passagens do Ṛgveda. Desse modo em 3.48.2-3 nós lemos: ‘No dia em que tu nascente, tu por amor a ele bebeste o suco crescido na montanha da planta Soma. Antigamente, a jovem mãe que te teve te saciou com ele na casa do teu pai poderoso. Aproximando-se da mãe dele, ele desejou sustento, ele viu o Soma de sabor forte no peito dela’. Com essa pode ser comparada 7.98.3: ‘Ao nascer, tu bebeste o suco Soma para (ganhar) força; a tua mãe declarou a tua grandeza’;[8] e 3.32.9-10: ‘Logo que nasceste tu bebeste o Soma; logo que nascente, ó Indra, tu bebeste o Soma para a alegria no mais alto dos céus’. Portanto, não é surpreendente encontrar alusão feita às ‘espremeduras’ ou libações de Soma de sua mãe, que Indra bebe para fortalecê-lo para a luta com Vṛtra. A noção de Viṣṇu também ter bebido uma dose nessas libações está totalmente em conformidade com sua associação com Indra na luta com Vṛtra,[9] e no consumo de Soma.[10] Por *asya* Indra naturalmente é aludido, esse sendo um hino para Indra, todos os quinze versos do qual começam com *asmai* ou *asya*, referindo-se a Indra. Eu considero *mahaḥ*, com Grassmann, como um nominativo concordando com *viṣṇuḥ*[11] (não como um genitivo de *mah* com *asya*), tanto devido à sua posição na sentença quanto à sua correspondência com *viṣṇur urukramaḥ* em (2). As palavras *cāru annā* são consideradas por Grassmann e

---

[8] A mãe de Indra também é citada seis ou sete vezes no *Ṛgveda,* 4.18.
[9] 6.20.2 etc.
[10] 6.69.
[11] Em 5.87.1 (= *Sāma-Veda* 1.5.2.3.6) Viṣṇu é chamado de grande (*mahe viṣṇave*).

Ludwig como em aposição a *pitum*, enquanto Muir, Griffith e Sāyaṇa adicionam 'e' (o último também *bhakṣitavān*, 'tendo comido'). O paralelismo de (2) me induziu a conectá-los com o pāda seguinte, como o objeto de *muṣāyat, cāru annā* correspondendo a *śatam mahiṣān* e *pacataṃ* a *kṣīrapākam odanaṃ.* Sāyaṇa, Wilson, Benfey e Grassmann supõem um significado adjetival para Viṣṇu nessa passagem, fazendo dele um epíteto de Indra. Mas essa suposição é refutada suficientemente pela ocorrência do atributo distintivo *urukramaḥ* com *viṣṇuḥ* em (2), onde Indra também é mencionado em contraste com Viṣṇu. As suas estrofes sob consideração são as únicas que mencionam o nome de Viṣṇu nos dois hinos para Indra nos quais eles ocorrem respectivamente. Mas não há nada de excepcional nisso quando esses dois deuses são considerados tão estreitamente associados. Certamente isso seria menos excepcional do que a única menção de Viṣṇu em todo o hino aos Maruts, 1.85.[12] *Sahīyān* alude a Indra com distinção suficiente. Viṣṇu é 'grande', mas na luta com Vṛtra Indra é 'o mais poderoso', pois a morte de Vṛtra é o feito específico de Indra, enquanto Viṣṇu figura apenas como seu auxiliador.[13] Aqui, justamente como em 6.68.3, onde Indra e Varuṇa são louvados como uma divindade dual, a morte de Vṛtra é atribuída somente a Indra. Que os dois deuses nesse mito foram subentendidos, pelos escritores das passagens citadas acima da Taittirīya Saṃhitā e Taittirīya Brāhmaṇa, estarem realizando atos diferentes, fica claro a partir da distinção feita entre Indra como 'o matador em um castelo', e Viṣṇu como 'o que leva de um castelo'.[14] Além disso, a comparação de outro verso do Ṛgveda mostra que é Viṣṇu que rouba o alimento = 100 búfalos em (2). Assim em 6.17.11 nós lemos, 'Pūṣan Viṣṇu[15] cozinhou cem búfalos para ti, ó Indra, três lagos fizeram correr suco Soma alegrador matador de Vṛtra para ele' (Indra).[16]

Mas que motivos nós temos para supor que a luta com Vṛtra é aludida aqui? Há uma suposição geral que ela é citada em 1.61.7, porque tanto a estrofe anterior quanto a posterior a mencionam. A sexta estrofe fala do raio de Indra 'pelo qual ele encontrou os órgãos vitais de Vṛtra', e na oitava estrofe as esposas dos deuses cantam os louvores de Indra após a morte do dragão. Além disso, pode-se mostrar facilmente que as palavras da quarta linha em nossa sétima estrofe se referem à luta com Vṛtra. Em 10.99.6, onde Indra é descrito como matando o demônio de três cabeças, de seis olhos, o deus Trita, fortalecido pelo poder de Indra, mata o javali[17] com uma seta de ponta de ferro. E na décima primeira estrofe de 1.121, um hino para Indra, não pode haver erro sobre o javali ser Vṛtra: 'Tu, grande (deus), mataste com o raio o javali Vṛtra, que mantinha guarda sobre os rios'.[18] As palavras *tiro adrim astā*, 'disparando diretamente ou através da montanha' está totalmente em conformidade com a linguagem mitológica usada para descrever a luta com os demônios aéreos. Desse modo Indra mata o dragão que jaz na montanha,[19] ou

---

[12] Veja Max Müller, *Vedic Hymns*, SBE, vol. 32. 134.
[13] 6.20.2; 1.156.4-5; 1.22.19.
[14] Tanto Sāyaṇa quanto Ludwig, baseados na distinção feita na *Taittirīya Saṃhitā*, 6.2.4.2.3, entendem que *sahīyān* significa Indra.
[15] A colocação Pūṣan Viṣṇu ocorre também em 1.90.5; 5.46.3; 6.21.9; 7.44.1; 10.66.5. Compare com 7.35.9.
[16] Em 5.29.7 é Agni, o grande aliado de Indra, que realiza um serviço semelhante: 'Agni para o seu amigo cozinhou trezentos búfalos, e Indra para matar Vṛtra bebeu três lagos de Soma espremido; e Indra, depois de comer a carne dos trezentos búfalos e beber os três lagos, matou o dragão'. Veja também 10.27.2; 10.28.3 e 10.86.14. Indra é assim um grande comedor bem como um grande bebedor.
[17] Veja o meu artigo sobre Trita, JRAS, 1893, 430-1.
[18] Em 10.99.6, citado acima, o javali é claramente idêntico ao demônio de três cabeças. Além de aqui e em 1.61.7, 8.77.10, *varāha* ocorre quatro vezes e *varāhu* uma vez no *Ṛgveda*. Em 10.28.4 ele é usado em um sentido literal; em 9.97.7 Soma, correndo para as tinas, é comparado a um javali; os relâmpagos, provavelmente por rasgarem o solo, são chamados de javalis em 10.67.7 ('Brahmaṇas pati, com javalis brilhando de suor, obteve o tesouro' = as vacas de Paṇi), e em 1.88.5 (os javalis de rodas de ouro, de presas de ferro correndo para lá e para cá no caminho dos Maruts); e em 1.114.5 o terrível deus Rudra é chamado de 'javali vermelho do céu', talvez o relâmpago em seu aspecto destrutivo.
[19] *Parvate*, 1.32.2.

derruba Śambara da montanha,[20] enquanto em outra passagem[21] nós lemos: 'A imensa rocha inamovível que cercava as vacas, tu forçaste para fora de seu lugar, ó Indra'. Mas o significado da passagem é talvez melhor apresentado pela sexta estrofe de 8.77, que ocorre no mesmo hino que (2): 'Indra disparou das montanhas – ele ganhou a bebida madura – sua flecha bem mirada'. O significado desse verso Sāyaṇa explica assim: 'Ele atingiu as nuvens para fazer a água sair, produzindo bebida madura para os homens'. Aqui *pakvam odanaṃ* é claramente o mesmo que *kṣīrapākam odanaṃ* em (2) e *pacataṃ* em (1).

Nós ainda temos que considerar alguns pontos em (2). Essa estrofe ocorre em um hino para Indra, que em geral celebra a força das armas de Indra, e seus vastos poderes de beber Soma.[22]

'Todas essas coisas' (*viśvā it tā*) é explicado na terceira linha significar 'cem búfalos e uma bebida de leite'. É por instigação de Indra que Viṣṇu traz os cem búfalos.[23] Que eles são a propriedade de Vṛtra é indicado por *muṣāyat*[24] em (1). *Pacataṃ* é explicado por Sāyaṇa como *paripakvam asurāṇāṃ dhanam.* Isso provavelmente alude enfim ao leite 'maduro' das vacas (= nuvens) obstruídas por Vṛtra. O próprio leite é citado frequentemente como 'maduro', e como tendo sido colocado nas vacas 'cruas' por Indra.[25] *Tvā iṣitaḥ*[26] é usado porque Indra na estrofe anterior é abordado na segunda pessoa com *te*. Muir e Grassmann traduzem *I'ndraḥ* com 'Ó Indra' e subentendem *varāhám* como governado por *ābharat*. Ludwig e Griffith, suprindo *ābharat* da primeira linha, tomam o significado como 'Indra trouxe um javali'. A comparação da quarta linha em (1) mostra que Sāyaṇa está certo em suprir um verbo como *avidhyat*, 'perfurou', ou *hanti*, 'mata'. O *emuṣám* ἅπαξ λεγόμενον foi explicado com grande plausibilidade por Roth (com quem Grassmann e Ludwig concordam) como o particípio perfeito de base fraca (e seu acento) em lugar de *em-i-vāṃsam*,[27] da raiz *am*, 'ser destrutivo', com a contração da raiz, de outro modo só encontrada no caso de *a* medial (como em *ten-* de √*tan*). Essa explicação é apoiada por alguns outros acusativos, que mostram base fraca em vez de forte: *cakrúṣam* (Ṛgveda 1.137.1; Atharva-Veda 4.13.1) e *proṣúṣam* (Śatapatha Brāhmaṇa 12.5.2.8).

Sāyaṇa explica o sentido geral de (2)[28] como: 'Depois que Indra tinha matado o javali, Viṣṇu, requisitado por Indra para trazer a propriedade dele (do asura Varāha) (*vāmaṃ vasu*), a saqueou'.

Após fazermos os comentários anteriores, nós podemos agora afirmar o significado combinado de nossas duas estrofes deste modo: 'Viṣṇu, tendo bebido Soma, e incitado por Indra, levou a propriedade do javali (= o demônio da seca), isto é, gado e leite (= nuvens e chuva), enquanto o próprio Indra, disparando através da montanha (aérea), matou o javali'.

---

[20] 1.30.7; 4.30.14; 6.26.5; veja Muir, V. 97.
[21] 6.17.5.
[22] Assim no verso 3 ele é descrito como tendo bebido trinta lagos de Soma em um único gole.
[23] Compare com 1.156.4, onde Viṣṇu, acompanhado por seu amigo (isto é, Indra), abre o estábulo (das vacas).
[24] A mesma raiz é usada em 4.48.4, onde é dito que Indra, depois de derrotar Tvaṣṭṛ e de se apropriar do seu Soma, o bebeu. Isso parece indicar que Tvaṣṭṛ reteve o Soma de Indra, (que, como Bergaigne, *Religion Védique*, III. 58, mostra, era seu filho), e assim incorreu na hostilidade do último.
[25] Por exemplo, em 1.62.9.
[26] Veja Vāl. 4.3 [8.52.3] onde é dito que Viṣṇu deu os seus três passos por Indra, e 8.12.27, onde é dito que ele os deu pela energia (*ojasā)* de Indra.
[27] A explicação de Sāyaṇa é que, por uma substituição vêdica de *e* por *ā*, *emuṣam* significa *āmuṣam* = *udakasya mosakam* (*āmuṣam* presumivelmente, portanto, = *ām muṣam* em vez de *āp-muṣam*). Na passagem da *Taittirīya Saṃhitā*, citada acima, o javali é citado como um *vāma-moṣá*, e no *Taittirīya Brāhmaṇa* como *vāma-muṣa*. Esses epítetos sugerem que *emuṣam* era subentendido conter a raiz *muṣ,* 'roubar'. A *Kāṭhaka [Saṃhitā]* e o *Śatapatha Brāhmaṇa* têm, como nós vimos, a forma corrompida *emūṣa.*
[28] Essa estrofe é comentada no *Nirukta*, V. 4, onde a etimologia de *varāha* (= *megha*) é dada como *vara-āhāra*, 'o que traz bênçãos'.

Esse mito, se analisado, produz os seguintes elementos essenciais:

(1) Indra e Viṣṇu estão estreitamente associados, o primeiro como o matador, o segundo como o carregador de despojos.
(2) Um javali, com o epíteto *emuṣa*, está do outro lado da montanha com sua propriedade.
(3) Indra dispara através da montanha e mata o javali.
(4) Viṣṇu leva embora a propriedade do javali.

Os traços do mito como narrado na Taittirīya Saṃhitā e no Taittirīya Brāhmaṇa são praticamente idênticos a esses. A única modificação introduzida é que Viṣṇu, como o sacrifício, leva tudo o que pertence aos asuras, inclusive o javali, como um sacrifício aos deuses. Desse modo, Viṣṇu como o sacrifício, levando o javali como um sacrifício, aqui já se torna misticamente identificado com o javali. Em relação a isso é importante observar que essa história na Taittirīya Saṃhitā 6.2.4.2 é seguida imediatamente por aquela na qual Indra assume a forma de um chacal fêmea, para dar três passos, e desse modo ganhar a terra dos asuras.

Em uma passagem subsequente da Taittirīya Saṃhitā (7.1.5.1) o javali também aparece, como nós vimos, em um caráter cosmogônico, como uma forma, não de Viṣṇu, mas de Prajāpati (como no mito da tartaruga acima), quando o último deseja erguer a terra submersa.

Além disso, o javali que ergueu a terra é, no Śatapatha Brāhmaṇa 14.1.2.11, chamado de Emūṣa, e no Taittirīya Āraṇyaka 10.1.8 é dito que ele é preto, e que tem cem braços, embora em nenhuma dessas passagens ele seja descrito como tendo a forma de um deus.

No Rāmāyaṇa é Brahmā ou Viṣṇu que assume a forma de um javali, enquanto que nos Vaiṣṇava Purāṇas naturalmente é só Viṣṇu.

Nesse mito, portanto, nós encontramos Viṣṇu e o javali conectados desde o começo, mas eles são a princípio bastante distintos. É, no entanto, só depois que o javali destrutivo (*emuṣa*), o maligno Vṛtra, morto por Indra em associação com Viṣṇu, tinha se desenvolvido no javali cosmogônico, Emūṣa, que ele se tornou apto para posterior desenvolvimento em uma das encarnações reconhecidas do Preservador Viṣṇu.

Assim nós vemos que quando a doutrina dos avatares de Viṣṇu se tornou estabelecida no hinduísmo através da fusão com ele do popular deus Kṛṣṇa,[29] quatro concepções mitológicas derivadas do Veda estavam prontas para serem apropriadas como encarnações de Viṣṇu em seu aspecto de Preservador ou Benfeitor do mundo.

É bem possível que crenças primitivas,[30] excluídas da poesia sacerdotal mais refinada do Ṛgveda, mas sobreviventes na popular tradição ariana, ou tomadas pelos últimos dos habitantes primitivos, possam ter ajudado a vitalizar alguns dos mitos animais ligados a Viṣṇu. Dessa maneira um aspecto amplamente difundido das cosmogonias selvagens é uma crença na criação do mundo, ou na descoberta de uma terra submersa, por animais, tais como o coiote, o corvo, e a pomba.[31] Seja como for, parece claro a partir da investigação acima que a origem e desenvolvimento dos mitos do Anão e do Javali ligados a Viṣṇu devem ser encontrados dentro do âmbito da literatura do próprio Veda.

---

[29] Veja Barth, *Religions of India*, 166.
[30] [Veja o artigo: O Javali que Sacode a Lama].
[31] Veja Andrew Lang, *Myth, Ritual and Religion*, vol. i. 239-9.

Métrica

A rima não é usada no Ṛgveda. As métricas são reguladas pelo número de sílabas na estrofe, a qual consiste geralmente em três ou quatro Pādas, medidas, divisões, ou quartos de versos, com um intervalo marcado distintamente no fim do segundo Pāda, e assim formando dois hemistíquios ou semiestrofes de extensão igual e desigual. Esses Pādas muito usualmente contêm oito ou onze ou doze sílabas cada; mas ocasionalmente eles consistem em menos ou às vezes em mais do que esses números. Os Pādas de uma estrofe são em geral de extensão igual e de quantidades métricas mais ou menos correspondentes, mas às vezes dois ou três tipos de métricas são empregados em uma estrofe, e então os Pādas variam em quantidade e extensão. Em relação à quantidade, as primeiras sílabas do Pāda não estão sujeitas a leis muito estritas, mas as últimas quatro são mais regulares, sua medida sendo geralmente iâmbica[32] em Pādas de oito e doze sílabas e trocáica[33] naqueles de onze. No texto impresso o primeiro e segundo Pādas formam uma linha, e o terceiro, ou terceiro e quarto, ou terceiro, quarto e quinto, completam o dístico ou estrofe. Eu segui essa organização na minha tradução.[34]

Abaixo, em ordem alfabética, encontram-se os nomes, com descrições breves, das métricas usadas nos Hinos do Ṛgveda. O Índice dos Hinos mostrará a métrica ou métricas usadas em cada Hino.

Abhisāriṇī: uma espécie de Tṛṣṭup, na qual dois Pādas contêm doze em vez de onze sílabas.

Anuṣṭup ou *Anuṣṭubh:* consistindo em quatro Pādas de oito sílabas cada, dois Pādas formando uma linha. Essa é a forma de métrica prevalecente no Mānava-dharma-śāstra, no Mahābhārata, no Rāmāyaṇa, e nos Purāṇas.

Anuṣṭubgarbhā: uma métrica da classe Uṣṇih: o primeiro Pāda contendo cinco sílabas, e os três Pādas seguintes de oito sílabas cada.

Anuṣṭup Pipīlikamadhyā: uma espécie de Anuṣṭup tendo o segundo Pāda mais curto do que o primeiro e o terceiro (8 sílabas + 4 + 8 + 8).

Aṣṭi: consistindo em quatro Pādas de dezesseis sílabas cada, ou sessenta e quatro sílabas na estrofe.

Āstārapaṅkti: consistindo em dois Pādas de oito sílabas cada, seguidos por dois Pādas de doze sílabas cada.

Atidhṛti: quatro Pādas de dezenove sílabas cada, = 76 sílabas.

Atijagatī: quatro Pādas de treze sílabas cada.

Atinicṛti: consistindo em três Pādas contendo respectivamente sete, seis, e sete sílabas.

Atiśakvarī: quatro Pādas de quinze sílabas cada.

Atyaṣṭi: quatro Pādas de dezessete sílabas cada.

Bṛhatī: quatro Pādas (8 + 8 + 12 + 8) contendo 36 sílabas na estrofe.

Caturviṃśatikā Dvipadā: uma Dvipadā contendo 24 sílabas em vez de 20.

---

[32] [Formada de iambos: ênfase nas sílabas de número par, isto é, uma sílaba átona e uma sílaba tônica (fraco-forte; ou breve e longa).]

[33] [Formada de troqueus: ênfase nas sílabas de número ímpar, isto é, uma sílaba tônica seguida de uma sílaba átona (forte-fraca; ou longa e breve).]

[34] [Eu não mantive essa configuração na tradução dos versos para o português.]

Dhṛti: consistindo em setenta e duas sílabas em uma estrofe.

Dvipadā Virāj: uma espécie de Gāyatrī consistindo em dois Pādas somente (12 + 8 ou 10 + 10 sílabas); representada inadequadamente na tradução por duas linhas decassilábicas iâmbicas.

Ekapadā Triṣṭup: uma Tṛṣṭup consistindo em um único Pāda ou quarto de estrofe.

Ekapadā Virāj: uma Virāj consistindo em um único Pāda.

Gāyatrī: a estrofe geralmente consiste em vinte e quatro sílabas, organizadas de modo variado, mas geralmente como um grupo de três Pādas de oito sílabas cada, ou em uma linha de dezesseis sílabas e uma segunda linha de oito. Há onze variedades dessa métrica, e o número de sílabas na estrofe varia consequentemente de dezenove a trinta e três.

Jagatī: uma métrica que consiste de quarenta e oito sílabas organizadas em quatro Pādas de doze sílabas cada, dois Pādas formando uma linha ou hemistíquio que na tradução é representado por um duplo alexandrino.

Kakup ou *Kakubh:* uma métrica de três Pādas compostos de oito, doze e oito sílabas respectivamente.

Kakubh Nyaṅkuśirā: consiste em três Pādas de 9 + 12 + 4 sílabas.

Kṛti: uma métrica de quatro Pādas de vinte sílabas cada.

Madhyejyotis: uma métrica na qual um Pāda de oito sílabas fica entre dois Pādas de doze.

Mahābṛhatī: quatro Pādas de oito sílabas cada, seguidos por um de doze.

Mahāpadapaṅkti: uma métrica de duas linhas de trinta e uma sílabas, a primeira linha composta quatro Pādas de cinco sílabas cada, e a segunda sendo uma Triṣṭup das usuais onze sílabas. Veja os *Vedic Hymns*, part I. (S. Books of the East) XXXII, p. xcviii.

Mahāpaṅkti: uma métrica de quarenta e oito sílabas (8x6 ou 12x4).

Mahāsatobṛhatī: uma forma alongada de Satobṛhatī.

Naṣṭarūpī: uma variedade de Anuṣṭup.

Nyaṅkusāriṇī: uma métrica de quatro Pādas de 8 + 12 + 8 + 8 sílabas.

Pādanicṛt: uma variedade de Gāyatrī na qual uma sílaba está faltando em cada Pāda: 7x3 = 21 sílabas.

Pādapaṅkti: uma métrica que consiste de cinco Pādas de cinco sílabas cada.

Paṅkti: uma métrica de cinco Pādas octossilábicos, como Anuṣṭup com um Pāda adicional.

Paṅktyuttarā: uma métrica que termina com uma Paṅkti de 5 + 5 sílabas.

Pipīlikāmadhyā: qualquer métrica cujo Pāda central é mais curto do que o precedente e do que o seguinte.

Pragātha: uma métrica no Livro 8, composta de estrofes que combinam dois versos, isto é, um Bṛhatī ou Kakup seguido por um Satobṛhatī.

Prastārapaṅkti: uma métrica de quarenta sílabas: 12 + 12 + 8 + 8.

Pratiṣṭhā: uma métrica de quatro Pādas de quatro sílabas cada; também uma variedade da Gāyatrī consistindo em três Pādas de oito, sete e seis sílabas respectivamente.

Purastādbṛhatī: uma variedade de Bṛhatī com doze sílabas no primeiro Pāda.

Pura-uṣṇih: uma métrica de três Pādas, contendo 12 + 8 + 8 sílabas.

Śakvarī: uma métrica de quatro Pādas de quatorze sílabas cada.

Satobṛhatī: uma métrica cujos Pādas pares contêm oito sílabas cada, e os ímpares doze: 12 + 8 + 12 + 8 = 40.

Skandhogrīvī: composta de Pādas de 8 + 12 + 8 + 8 sílabas.

Tanuśirā: composta de três Pādas de 11 + 11 + 6 sílabas.

Triṣṭup ou *Triṣṭubh:* uma métrica de quatro Pādas de onze sílabas cada.

Upariṣṭādbṛhatī: composta de quatro Pādas de 12 + 8 +8 + 8 sílabas.

Upariṣṭājjyotis: Uma estrofe Triṣṭup cujo último Pāda contém só oito sílabas.

Ūrdhvabṛhatī: uma variedade de Bṛhatī.

Urobṛhatī: uma variedade de Bṛhatī: 8 + 12 + 8 + 8.

Uṣṇiggarbhā: Gāyatrī de três Pādas de seis, sete e onze sílabas respectivamente.

Uṣṇih: composta de três Pādas de 8 + 8 + 12 sílabas.

Vardhamānā: uma espécie de Gāyatrī; 6 + 7 + 8 = 21 sílabas.

Viparītā: uma métrica de quatro Pādas, semelhante à Viṣṭārapaṅkti.

Virāḍrūpā: uma métrica Triṣṭup de quatro Pādas, 11 + 11 + 11 + 7 ou 8 sílabas.

Virāj: uma métrica de quatro Pādas de dez sílabas cada.

Virāṭpūrvā: uma variedade de Triṣṭup.

Virāṭsthānā: uma variedade de Triṣṭup.

Viṣamapadā: métrica de estrofes ímpares.

Viṣṭārabṛhatī: uma forma de Bṛhatī de quatro Pādas contendo 8 + 10 + 10 + 8 = 36 sílabas.

Viṣṭārapaṅkti: uma forma de Paṅkti consistindo em quatro Pādas de 8 + 12 + 12 + 8 = 40 sílabas.

Yavamadhyā: uma métrica que tem um Pāda mais longo entre dois mais curtos.

Ralph T. H. Griffith.

Índice dos Sūktas do Oitavo Maṇḍala

Continuação do Quinto Aṣṭaka

Continuação do Sétimo Adhyāya

Anuvāka 1

Nº Geral	Sūkta	(Hino)	Divindade	Ṛṣi	No. Versos	Métrica
629	IV	9	Aśvins	Śaśakarṇa Kāṇva	21	1,4,6,14,15: Bṛhatī; 2,3,20,21: Gāyatrī; 5: Kakubh; 7-9,13,16-19: Anuṣṭubh; 10: Triṣṭubh; 11: Virāj; 12: Jagatī
630	V	10	ıı	Pragātha Kāṇva	6	1,5: Bṛhatī; 2: Madhyejyotis; 3: Anuṣṭubh; 4: Āstārapaṅkti; 6: Satobṛhatī
631	VI	11	Agni	Vatsa Kāṇva	10	Gāyatrī; 1: Pratiṣṭhā; 2: Vardhamānā; 10: Triṣṭubh
	SEXTO AṢṬAKA **Adhyāya 1**					
632	VII	12	Indra	Parvata Kāṇva	33	Uṣṇih
	Anuvāka 3					
633	I	13	ıı	Nārada Kāṇva	33	ıı
634	II	14	ıı	Goṣūktin Kāṇvāyana e Aśvasūktin Kāṇvāyana	15	Gāyatrī
635	III	15	ıı	ıı	13	Uṣṇih
636	IV	16	ıı	Irimbiṭhi Kāṇva	12	Gāyatrī
637	V	17	ıı	ıı	15	Gāyatrī; 14: Bṛhatī; 15: Satobṛhatī
638	VI	18	Ādityas (1-7,10-22); Aditi (4,6,7); Aśvins (8); Agni, Sūrya, Anila (Vāyu) (9)	ıı	22	Uṣṇih
639	VII	19	Agni (1-33); Ādityas (34,35); dānastuti de Trasadasyu (36,37)	Sobhari Kāṇva	37	1-26,28-33: Kakubh alternando com Satobṛhatī; 27: Dvipadā Virāj; 34: Uṣṇih; 35: Satobṛhatī; 36: Kakubh; 37: Paṅkti
640	VIII	20	Maruts	Sobhari Kāṇva	26	Kakubh alternando com Satobṛhatī

	Adhyāya 2					
	Anuvāka 4					
Nº Geral	***Sūkta***	***(Hino)***	***Divindade***	***Ṛṣi***	***No. Versos***	***Métrica***
641	I	**21**	Indra (1-16); dānastuti de Citra (17,18)	Sobhari Kāṇva	18	Kakubh alternando com Satobṛhatī
642	II	**22**	Aśvins	"	18	1-7 Bṛhatī alternando com Satobṛhatī; 8 Anuṣṭubh; 9-10,13-18: Kakubh alternando com Satobṛhatī; 11: Kakubh; 12: Madhyejyotis
643	III	**23**	Agni	Viśvamanas Vaiyaśva	30	Uṣṇih
644	IV	**24**	Indra (1-27); (Uṣas ou) dānastuti de Varu Sauṣāmṇa (28-30)	"	30	Uṣṇih; 30: Anuṣṭubh
645	V	**25**	Mitra e Varuṇa (1-9,13-24); Viśvedevas (10-12)	"	24	Uṣṇih; 23: Uṣṇiggarbhā
646	VI	**26**	Aśvins (1-19); Vāyu (20-25)	Viśvamanas Vaiyaśva, ou Vyaśva Āṅgirasa	25	Uṣṇih; 16-19,21,25: Gāyatrī; 20: Anuṣṭubh
647	VII	**27**	Viśvedevas	Manu Vaivasvata	22	Bṛhatī alternando com Satobṛhatī
648	VIII	**28**	"	"	5	Gāyatrī; 4: Purauṣṇih
649	IX	**29**	"	Manu Vaivasvata, ou Kaśyapa Mārīca	10	Dvipadā Virāj[1]
650	X	**30**	"	Manu Vaivasvata	4	1: Gāyatrī; 2: Purauṣṇih; 3: Bṛhatī; 4: Anuṣṭubh
	Anuvāka 5					
651	I	**31**	Louvor à oferenda e ao sacrificador (1-4); ao casal (Yajamāna e Patnī)(5-9); as bênçãos para os mesmos (10-18)	"	18	Gāyatrī; 9,14: Anuṣṭubh; 10: Pādanicṛt; 15-18: Paṅkti
	Adhyāya 3					
652	II	**32**	Indra	Medhātithi Kāṇva	30	Gāyatrī
653	III	**33**	"	Medhyātithi Kāṇva	19	Bṛhatī; 16-18: Gāyatrī;

[1] 'Conforme a *Anukramaṇī*, mas realmente Dvipadā Satobṛhatī'. – Jamison. 'Dísticos de Jagatī + Gāyatrī'. – Macdonell.

						19: Anuṣṭubh
Nº Geral	***Sūkta***	***(Hino)***	***Divindade***	***Ṛṣi***	***No. Versos***	***Métrica***
654	IV	**34**	Indra	Nīpātithi Kāṇva (1-15); os mil ṛṣis Vasurocis Āṅgirasa (16-18)	18	Anuṣṭubh; 16-18: Gāyatrī
655	V	**35**	Aśvins	Śyāvāśva Ātreya	24	Upariṣṭājjyotis; 22,24: Paṅkti; 23: Mahābṛhatī
656	VI	**36**	Indra	Śyāvāśva Ātreya	7	Śakvarī. 7: Mahāpaṅkti
657	VII	**37**	〃	〃	7	Mahāpaṅkti; 1: Atijagatī
658	VIII	**38**	Indra e Agni	〃	10	Gāyatrī
659	IX	**39**	Agni	Nābhāka Kāṇva	10	Mahāpaṅkti
660	X	**40**	Indra e Agni	〃	12	Mahāpaṅkti; 2: Śakvarī; 12: Triṣṭubh
661	XI	**41**	Varuṇa	〃	10	Mahāpaṅkti
662	XII	**42**	Varuṇa (1-3); Aśvins (4-6)	Arcanānas, ou Nābhāka Kāṇva	6	1-3: Triṣṭubh; 4-6: Anuṣṭubh
	Anuvāka 6					
663	I	**43**	Agni	Virūpa Āṅgirasa	33	Gāyatrī
664	II	**44**	〃	〃	30	〃
665	III	**45**	Agni e Indra (1); Indra (2-42)	Triśoka Kāṇva	42	〃
	Adhyāya 4					
666	IV	**46**	Indra (1-20,29-31,33); dānastuti de Pṛthuśravas Kānīta (21-24); Vāyu (25-28,32)	Vaśa Aśvya	33	1: Pādanicṛt; 2-4,6,10,23,29,33: Gāyatrī; 5: Kakubh; 7,11,19,25,27: Bṛhatī; 8: Anuṣṭubh; 9,26,28: Satobṛhatī; 12: Viparītā; 13: Caturviṃśatikā Dvipadā; 14: Pipīlikamadhyā Bṛhatī; 15: Kakubh Nyaṅkuśirā; 16: Virāj; 17: Jagatī.18: Upariṣṭādbṛhatī; 20: Viṣamapadā; 21,22,24,32: Paṅkti; 30: Dvipadā Virāj; 31: Uṣṇih
667	V	**47**	Ādityas (1-13); Ādityas e Uṣas (14-18)	Trita Āptya	18	Mahāpaṅkti
668	VI	**48**	Soma	Pragātha Kāṇva	15	Triṣṭubh. 5: Jagatī

	Os Hinos Vālakhilya					
Nº Geral	***Sūkta***	***(Hino)***	***Divindade***	***Ṛṣi***	***No. Versos***	***Métrica***
1018		**49**	Indra	Praskaṇva Kāṇva	10	Bṛhatī alternando com Satobṛhatī
1019		**50**	〃	Puṣṭigu Kāṇva	10	〃
1020		**51**	〃	Śruṣṭigu Kāṇva	10	〃
1021		**52**	〃	Āyu Kāṇva	10	〃
1022		**53**	〃	Medhya Kāṇva	8	〃
1023		**54**	Indra (1,2,5-8); Viśvedevas (3,4)	Mātariśvan Kāṇva	8	〃
1024		**55**	Dānastuti de Praskaṇva	Kṛśa Kāṇva	5	Gāyatrī; 3,5: Anuṣṭubh
1025		**56**	Dānastuti de Praskaṇva (1-4); Agni e Sūrya (5)	Pṛṣadhra Kāṇva	5	1-4: Gāyatrī; 5: Paṅkti
1026		**57**	Aśvins	Medhya Kāṇva	4	Triṣṭubh
1027		**58**[2]	Viśvedevas	Medhya Kāṇva	3	Triṣṭubh
1028		**59**	Indra e Varuṇa	Suparṇa Kāṇva	7	Jagatī
	Fim dos Hinos Vālakhilya					
	Anuvāka 7					
669	I	**60**	Agni	Bharga Pragātha	20	Bṛhatī alternando com Satobṛhatī
670	II	**61**	Indra	〃	18	〃
671	III	**62**	〃	Pragātha Kāṇva	12	Paṅkti; 7-9: Bṛhatī
672	IV	**63**	Indra (1-11); Devas (12)	〃	12	Gāyatrī; 1,4,5,7: Anuṣṭubh. 12: Triṣṭubh
673	V	**64**	Indra	〃	12	Gāyatrī
674	VI	**65**	〃	〃	12	〃
675	VII	**66**	〃	Kali Prāgātha	15	Bṛhatī alternando com Satobṛhatī. 15: Anuṣṭubh
676	VIII	**67**	Ādityas	O rei dos animais aquáticos Matsya Sāmmada, ou Mānya Maitrāvaruṇi, ou muitos peixes apanhados em uma rede	21	Gāyatrī

[2] Não mencionado na Sarvānukramaṇī.

	Adhyāya 5					
Nº Geral	***Sūkta***	***(Hino)***	***Divindade***	**Ṛṣi**	***No. Versos***	***Métrica***
677	IX	**68**	Indra (1-13); dānastuti de Ṛkṣa e Āśvamedha (14-19)[3]	Priyamedha Āṅgirasa	19	Gāyatrī; 1,4,7,10: Anuṣṭubh
678	X	**69**	Indra (1-10,13-18); Viśvedevas (11a); Varuṇa (11b,12)	"	18	Anuṣṭubh; 2: Uṣṇih;[4] 4-6: Gāyatrī; 11-16: Paṅkti; 17-18: Bṛhatī
	Anuvāka 8					
679	I	**70**	Indra	Puruhanman Āṅgirasa	15	1-6: Bṛhatī alternando com Satobṛhatī; 7-12: Bṛhatī; 13: Uṣṇih; 14: Anuṣṭubh; 15: Purauṣṇih
680	II	**71**	Agni	Sudīti Āṅgirasa e Purumīḷha Āṅgirasa, ou um dos dois	15	Gāyatrī; 10-15: Bṛhatī alternando com Satobṛhatī
681	III	**72**	Agni, ou louvor às oblações	Haryata Prāgātha	18	Gāyatrī
682	IV	**73**	Aśvins	Gopavana Ātreya, ou Saptavadhri Ātreya	18	"
683	V	**74**	Agni (1-12); dānastuti de Śrutarvan Ārkṣya (13-15)	Gopavana Ātreya	15	Gāyatrī; 1,4,7,10,13-15: Anuṣṭubh
684	VI	**75**	Agni	Virūpa Āṅgirasa	16	Gāyatrī
685	VII	**76**	Indra	Kurusuti Kāṇva	12	"
686	VIII	**77**	"	"	11	Gāyatrī; 10: Bṛhatī; 11: Satobṛhatī
687	IX	**78**	"	"	10	Gāyatrī; 10: Bṛhatī
688	X	**79**	Soma	Kṛtnu Bhārgava	9	Gāyatrī; 9: Anuṣṭubh
689	XI	**80**	Indra (1-9); Devās (10)	Ekadyū Naudhasa	10	Gāyatrī; 10: Triṣṭubh
	Anuvāka 9					
690	I	**81**	Indra	Kusīdin Kāṇva	9	Gāyatrī

[3] A *Bṛhaddevatā* afirma que o verso 14 louva as estações. Mas Macdonell observa em nota que 'A *Sarvānukramaṇī* não diz nada sobre os Ṛtus em 8.68.14, mas inclui essa estrofe na dānastuti (14-19)'.
[4] 'O verso 2 é erroneamente identificado como uṣṇih pela *Anukramaṇī'.* – Jamison-Brereton.

	Adhyāya 6					
Nº Geral	***Sūkta***	***(Hino)***	***Divindade***	***Ṛṣi***	***No. Versos***	***Métrica***
691	II	**82**	Indra	Kusīdin Kāṇva	9	Gāyatrī
692	III	**83**	Viśvedevas	"	9	"
693	IV	**84**	Agni	Uśanas Kāvya	9	"
694	V	**85**	Aśvins	Kṛṣṇa Āṅgirasa	9	"
695	VI	**86**	"	Kṛṣṇa Āṅgirasa, ou Viśvaka Kārṣṇi	5	Jagatī
696	VII	**87**	"	Dyumnīka Vāsiṣṭha, ou Priyamedha Āṅgirasa, ou Kṛṣṇa Āṅgirasa	6	Bṛhatī alternando com Satobṛhatī
697	VIII	**88**	Indra	Nodhas Gautama	6	Bṛhatī alternando com Satobṛhatī
698	IX	**89**	"	Nṛmedha Āṅgirasa e Purumedha Āṅgirasa	7	1,3,7: Bṛhatī; 2,4: Satobṛhatī; 5,6: Anuṣṭubh
699	X	**90**	"	"	6	Bṛhatī alternando com Satobṛhatī
700	XI	**91**	"	Apālā Ātreyī	7	Anuṣṭubh; 1,2: Paṅkti
701	XII	**92**	"	Śrutakakṣa Āṅgirasa ou Sukakṣa Āṅgirasa	33	Gāyatrī; 1: Anuṣṭubh
702	XIII	**93**	Indra (1-33), Indra e os Ṛbhus (34)	Sukakṣa Āṅgirasa	34	Gāyatrī
	Anuvāka 10					
703	I	**94**	Maruts	Bindu Āṅgirasa ou Pūtadakṣa Āṅgirasa	12	"
704	II	**95**	Indra	Tiraścī Āṅgirasa	9	Anuṣṭubh
705	III	**96**	Indra (1-14c); os Maruts (14d); Indra e Bṛhaspati (15)	Tiraścī Āṅgirasa ou Dyutāna Māruti	21	Triṣṭubh; 4: Virāj
706	IV	**97**	Indra	Rebha Kāśyapa	15	Bṛhatī; 10,13: Atijagatī; 11,12: Upariṣṭādbṛhatī; 14: Triṣṭubh; 15: Jagatī
	Adhyāya 7					
707	V	**98**	"	Nṛmedha Āṅgirasa	12	Uṣṇih. 7,10,11: Kakubh. 9,12: Purauṣṇih
708	VI	**99**	"	"	8	Bṛhatī alternando com Satobṛhatī
709	VII	**100**	Indra (1-9,12); Vāc (10,11)	Nema Bhārgava (1-3, 6-12), Indra (4-5)	12	Triṣṭubh. 6: Jagatī. 7-9: Anuṣṭubh
710	VIII	**101**	Mitra e Varuṇa (1-4,5abc); Ādityas (5d,6); Aśvins (7,8);	Jamadagni Bhārgava	16	1,5,7,9,11,13: Bṛhatī; 2,4,6,8,10,12: Satobṛhatī;

			Vāyu (9,10); Sūrya (11,12); Uṣas, ou um louvor ao brilho do sol e da lua (Sūryaprabhā) (13); Pavamāna (14); a vaca (15,16)			3: Gāyatrī; 14-16: Triṣṭubh
Nº Geral	***Sūkta***	***(Hino)***	***Divindade***	**Ṛṣi**	***No. Versos***	***Métrica***
711	IX	**102**	Agni	Prayoga Bhārgava, ou Agni Pāvaka Bārhaspatya, ou Agni Gṛhapati Sahasaḥ Sūnu e Agni Yaviṣṭha Sahasaḥ Sūnu juntos, ou um dos dois últimos	22	Gāyatrī
712	X	**103**	Agni (1-13), Agni e os Maruts (14)	Sobhari Kāṇva	14	1-4,6: Bṛhatī; 5: Virāḍrūpā; 7,9,11,13: Satobṛhatī; 8,12: Kakubh; 10: Gāyatrī menor; 14: Anuṣṭubh

Índice Rápido

a: por Wilson*; **b**: por Griffith; **c**: por Müller; **d**: por Haug

* Hinos 49 a 59 por Cowell.